



VIDAS DE JOVENS MILITANTES

ÁUREA MARIA GUIMARÃES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

VIDAS DE JOVENS MILITANTES

ÁUREA M. GUIMARÃES

CAMPINAS

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

VIDAS DE JOVENS MILITANTES

ÁUREA M. GUIMARÃES

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Livre Docente na Área de Educação Escolar do Departamento de Ensino e Práticas Culturais.

CAMPINAS

2011

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

G947v Guimarães, Áurea Maria, 1950-
 Vidas de jovens militantes / Áurea Maria Guimarães, SP:
 [s.n.], 2011.

Tese (livre docência) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Jovens militantes. 2. Heróis. 3. História oral. 4.
Transcrição. 5. Relações de poder. 6. Resistências. 7.
Processos de singularização I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

15-037/BFE

Informações para a Biblioteca Digital

Título em inglês Militant youngsters' lives

Área de concentração: Ensino e Práticas Culturais

Palavras-chave em inglês:

Militant youngsters

Heroes

Oral history

Transcreation

Power relations

Resistance

Singularization processes

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato

Prof. Dr. Alfredo José da Veiga-Neto

Prof. Dr. Antônio Carlos Carrera de Souza

Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy

Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo

Titulação: Livre docente

Data da defesa: 21 de junho de 2011

Programa de pós-graduação: Educação

E-mail: guima@unicamp.br

RESUMO

Vidas de Jovens Militantes

Esta pesquisa dirige o seu olhar para a vida de jovens militantes da cidade de Campinas, ampliando os estudos que, iniciados nas décadas de 1980 e 1990, revelam novas formas de participação juvenil e questionam os estereótipos que vinculam as ações juvenis tanto ao individualismo, à apatia política, ao desinteresse pelo espaço público, quanto à violência, à desordem, à drogadição. A pesquisa valeu-se da História Oral de Vida com o objetivo de compreender como diferentes modos de existência, apreendidos da realidade vivida por esses jovens militantes, podem conduzi-los tanto a reproduzir imagens de heróis a partir de modelos, de valores dominantes na literatura, na mídia, na política, quanto a criar outras possibilidades de relação com esses modelos e valores. As histórias narradas por jovens que militam em diferentes grupos ou instituições no campo da religião, da política, da educação e da arte foram primeiramente transcritas em sua íntegra; a seguir, textualizadas e, finalmente transcriadas. Todas as fases do trabalho, da elaboração do projeto, passando pela realização das entrevistas até a entrega da versão autorizada do texto pelos entrevistados, tiveram por embasamento os procedimentos teórico-metodológicos desenvolvidos por José Carlos Sebe Bom Meihy, coordenador do Núcleo de Estudos em História Oral da USP (NEHO). Uma vez transcritos os textos, procedi à interpretação dos mesmos não para explicá-los ou para procurar sentidos ocultos no interior das falas, e sim para abrir um processo de criação e de diálogo com essas vidas criadas em narrativas. Nesta aventura, meus principais interlocutores teóricos, entre outros, foram Gilles Deleuze, Felix Guattari, Michel Foucault, Luiz Fuganti, Jorge Larrosa, Peter Pal Pérbart, Alberto Lins Caldas. Esses autores evidenciaram, para mim, que a singularidade das vidas narradas está conectada à problematização que os jovens militantes fazem no interior de certas práticas, histórica e culturalmente constituídas, possibilitando a criação de novos modos de subjetivação nos quais se modifica a experiência que eles têm deles mesmos na relação com os seus heróis.

PALAVRAS-CHAVE: jovens militantes – heróis – história oral – transcrição – relações de poder – resistências - processos de singularização.

ABSTRACT

LIVES OF MILITANT YOUNGSTERS

This research takes a look at the lives of militant youngsters from the city of Campinas, expanding studies that, initiated in the 1980's and 1990's, have revealed new forms of juvenile participation and questioned the stereotypes that link youngsters' actions to individualism, political apathy, lack of interest for public space, as well as violence, disorder and drug addiction. The research made use of Oral History of Life, aiming to understand how different modes of existence learned from reality experienced by these militant youngsters can lead them to reproduce heroes' images based on models, on dominant values in literature, in the media, in politics, as well as to create other possibilities of relationship with these models and values. Firstly, stories told by young people who militate in different groups or institutions in fields of religion, politics, education and art were integrally transcribed; textualized and finally transcreated. All phases of this work, from the project's elaboration, going through the interviews until handing in the authorized version by the interviewees, were based on the theoretical-methodological procedures developed by José Carlos Sebe Bom Meihy, coordinator of the Oral History Research Center (Núcleo de Estudos em História Oral-NEHO) from the University of São Paulo (USP). Once the texts were transcreated, I proceeded to their interpretation, not to explain them or to find hidden meanings within speeches, but rather to open a process of creation and dialogue with these lives created in the narratives. In this adventure, my major theoretical interlocutors were Gilles Deleuze, Felix Guattari, Michel Foucault, Luiz Fuganti, Jorge Larrosa, Peter Pal Pérbart, Alberto Lins Caldas, among others. These authors showed to me that the singularity of those narrated lives is connected to the problematization carried out by young militants within certain practices, historically and culturally constituted, allowing the creation of new ways of subjectivation, in which the experience of youngsters about themselves in relation to their heroes is modified.

KEY WORDS: militant youngsters – heroes – oral history – transcreation – power relations – resistances – singularization processes.

SUMÁRIO

Introdução

[19]

Capítulo 1

História Oral de Vida de Jovens Militantes: uma transcrição

Aira Teixeira Corerato

[37]

A. L. W. M.

[45]

André Luis de Moraes

[49]

Alex de Souza Rossi

[59]

Carmem Peres Valgas da Silva

[63]

Cintia

[67]

Dayanne Franciane Borges Arcanjo

[69]

Fernanda Mendes Pereira

[75]

Fernando Henrique de Albuquerque Maia
[83]

Giulliane Almeida Brandão
[89]

Helder Mengardo
[95]

Henrique Ramos da Silva
[99]

Igor Raphael de Carvalho Chiarappa
[105]

Irmã Paula Rodrigues Mothé
[115]

Irmão Jerônimo Maria
[119]

Jaqueline Lima Santos
[123]

Johnny Moreira da Silva
[133]

Larissa Dolenc de Moraes
[139]

Luiz Muller Souza Faria (Biula)
[145]

Marina Ruiz Cruz
[155]

Martinho
[163]

Maurílio Atila Carvalho de Santana
[169]

Michael Silvestre
[175]

M. I. F
[179]

M. M. L
[185]

M. T. R
[191]

Nayara Mahim dos Santos Silva
[197]

Osmir Aparecido da Silva Pinheiro
[203]

Patrik Alberto Lucindo
[209]

Paulo Roberto dos Santos
[213]

P. J. S.
[219]

Silvana da Silva Antonio
[223]

Tayrine de Souza Duarte dos Santos
[229]

T. R. F.
[235]

V. A. L.
[245]

Capítulo 2 Histórias de Uma Vida

A vida de Aira
[253]

A vida de Cintia
[257]

A vida de Jaqueline
[263]

A vida de Nayara
[269]

A vida de Martinho
[275]

A vida de Biula
[281]

Capítulo 3

Vidas Entrelaçadas: mística, poder e resistências
[291]

Considerações Finais

[341]

Referências Bibliográficas

[365]

Bibliografia

[377]

Anexos

I

Relação das Instituições e dos Grupos de Jovens Militantes
de Campinas que participaram da pesquisa
[383]

II

Transcrição literal das entrevistas:

http://www.fe.unicamp.br/servicos/centro_memoria/publicacoes.htm

[405]

III

Textualização das entrevistas:

http://www.fe.unicamp.br/servicos/centro_memoria/publicacoes.htm

[407]

IV

Questões que nortearam as entrevistas

[409]

V

Modelos da carta de aprovação da entrevista transcrita

[411]

AGRADECIMENTOS

*(...) cada indivíduo é uma multiplicidade infinita,
e a Natureza inteira um multiplicidade de multiplicidades
perfeitamente individuada.*

(DELEUZE e GUATTARI, 1997c, p. 39)

A realização deste trabalho só foi possível porque muitos outros ou muitas outras singularidades conectaram-se com as composições que iam sendo tecidas durante a escrita e a leitura dos textos, a docência e os momentos de orientação, os encontros pessoais e à distância. Palavras, olhares, gestos, risos, silêncios, conflitos diversos foram esculpindo as marcas que estavam ali a me desassossegarem ou a produzir ressonâncias capazes de configurar possibilidades inusitadas de existência, pluralidade de forças em movimento no espaço social, histórico, político.

Se somos engendrados por aquilo que em nós se produz a partir das relações que vamos tecendo com o mundo que nos cerca, aproveito este momento para expressar toda a minha gratidão:

Aos colegas do Departamento de Ensino e Práticas Culturais (DEPRAC) que, apesar da excessiva carga didática, aprovaram minhas solicitações de afastamento para finalizar a tese.

À profa. Dirce Zan que tem uma capacidade “zen” extraordinária de agir em conjunto sem qualquer desejo de unificação.

Aos alunos de graduação e pós que me desafiaram e não deixaram que meu pensamento se cristalice.

Ao grupo Violar que sempre foi o meu norte dentro da universidade.

À Teresa Candolo, revisora exigente, que soube ler o texto com delicadeza e sensibilidade.

À Edwiges Lima que transcreveu todas as entrevistas com a paciência, precisão e cuidado de um monge.

Aos orientandos que me acompanharam nesse caminho - todos eles, com o seu jeito singular de ser, instigam continuamente o meu aprendizado.

À José Luiz Pastre, que além de ter sido meu orientando, foi também o revisor filosófico de minha tese. Formado em ciências sociais, dedicou-se a estudar os “filósofos da diferença”, freqüentando, desde 1990, grupos de estudos interdisciplinares coordenados por Luiz Fuganti, fundador da Escola Nômade de Filosofia.

Aos jovens entrevistados que representaram e ainda representam para mim uma fonte inesgotável de novos modos de vida.

Ao prof. Orestes Augusto de Toledo, à Lajara Janaina e às instituições que generosamente colocaram-me em conexão com alguns dos jovens militantes.

À Cleonice Pereira Pardim e à Fátima Aparecida Ferreira da Silva que me ajudaram na difícil tarefa de organizar e formatar documentos e textos.

À Nathália Raggi que elaborou a arte final do graffiti "Banca de Jornal - Av. São João - Centrão", de Marcelo Zuffo, o "org urb" que, gentilmente, autorizou a inserção de sua obra artística neste trabalho.

À generosa e paciente Andrea Souza Marzochi responsável pela edição final do texto a ser entregue para a biblioteca da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Ao Centro de Memória da Faculdade de Educação da UNICAMP por ter concedido espaço em seu site, acolhendo a história oral de vida dos jovens militantes entrevistados.

Aos meus amigos

*quando me dão a mão
sempre deixam
outra coisa*

*presença
olhar
lembrança calor*

*meus amigos
quando me dão
deixam na minha
a sua mão*

(LEMINSKI, 2002, p. 67)



INTRODUÇÃO

Este trabalho resultou de uma problematização das abordagens que associam a juventude tanto à “desordem social”, à violência ou à drogadição, quanto àquelas que reforçam os traços de individualismo, apatia política e desinteresse dos jovens pelo espaço público.

Abramo (1997, p. 25) ressalta o quanto os meios de comunicação de massa e grande parte das pesquisas acadêmicas, ao fixarem-se em temas como violência, crime, exploração sexual e drogadição envolvendo os jovens, deixaram de considerar o modo como eles “vivem e elaboram essas situações”.

Somente nos últimos quinze anos é que a literatura disponível¹ tem mostrado como grupos de jovens urbanos organizam-se para encontrar, inventar e reinventar formas de expressão, de comunicação, ações que os definem “não mais por suas incompletudes ou desvios (...) mas como sujeitos de direitos, (...) por suas especificidades e necessidades, que passam a serem reconhecidas no espaço público como demandas cidadãs legítimas” (ABRAMO, 2005, p.28).

Se as ações juvenis² têm se expandido por meio de uma participação não convencional na sociedade, a quem os jovens atribuem a possibilidade de conquistar mudanças em sua própria vida e no mundo em que vivem? Se os líderes políticos, pais ou professores não são mais referências importantes para os jovens, de onde vêm suas fontes inspiradoras?

Com a perda de credibilidade das personalidades e das instituições (MÜXEL, 1997, p. 153), que outros personagens entraram na vida dos jovens, evocando um engajamento que pouca semelhança tem com as ações militantes do passado?

Essas questões me conduziram para a temática dos heróis e a influência ou não deles na militância de grupos juvenis.

¹ Marília Pontes Sposito (2000), em seu artigo intitulado “Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação”, faz um levantamento das principais pesquisas produzidas nos anos 80 e 90 que examinam as novas formas de participação juvenil em contraste com as temáticas tradicionais que reforçavam e ainda reforçam os estereótipos e explicações simplificadoras a respeito de ações coletivas protagonizadas por jovens. Cf. SPOSITO, 2000, jan/fev/mar/abr, nº 13, p. 73- 94.

² Sobre a noção de juventude e suas ambiguidades, consultar os trabalhos de SPOSITO (1997; 1999). O conceito de juventude é tomado em suas obras em sua historicidade, o que implica compreender a condição juvenil de acordo com a diversidade de experiências que caracterizam a vida dos jovens no mundo contemporâneo.

A figura do herói ³ será aqui entendida como referência escolhida por jovens que militam em diferentes grupos ou instituições no campo da religião, da política, da educação e da arte⁴; seja reproduzindo um modelo de vida segundo os valores dominantes na literatura, na mídia, na política; seja criando outras formas de relação com esse modelo. Ao escolher figuras idealizadas para suas vidas, os jovens podem experimentar tanto uma relação de opressão, uma vez que se submetem aos modos de identificação da subjetividade dominante tal como a recebem, quanto uma relação de criação, ao se reapropriarem dos componentes dessa subjetividade produzindo o que Guattari (GUATTARI e ROLNIK, 2000, p. 45-69) considera o “atrevimento de singularizar”⁵.

Vários grupos de jovens militantes na cidade de Campinas (SP) ⁶ foram consultados com o intuito de saber quem eram as pessoas que mais admiravam, se tais pessoas poderiam ser consideradas suas heroínas e em que elas influenciavam suas vidas.

A partir das histórias de vida relatadas pelos jovens militantes entrevistados, foram selecionadas as experiências que julgamos mais significativas para a compreensão das diferentes formas que conduziram os jovens a reproduzir ou a construir imagens de heróis, segundo modelos de comportamento apreendidos na realidade vivida por eles.

Tentei perceber como essas imagens ampliavam ou reduziam possibilidades de criação capazes de subverter os modelos estereotipados e de trazer para o cotidiano dos jovens formas de experiência de si ou “técnicas de si”⁷.

³ Não é meu objetivo reconstruir aqui toda a literatura referente a heróis produzida no Ocidente. Deixarei citadas apenas algumas fontes consultadas durante a elaboração do projeto, tais como: BERMAN(1989); BROMBERT (2002); CAMPBELL (2004); Paulo Sergio DUARTE (1998); JUSTINO (1998); KOTHE (1987); MULLER (1997); VIANA (2005) e WATT (1997).

⁴ Entendo que esses campos constituem diferentes modos de produção cultural e que eles se articulam não somente uns em relação aos outros, mas também ao conjunto do campo social, implicando, como diz Guattari, correlações entre as dimensões micro e macropolíticas. Cf. GUATTARI e ROLNIK, 2000, p. 22-23. A militância nesses campos também pode ser compreendida enquanto práticas sociais atravessadas pela cultura, produzindo sentidos que circulam e operam numa arena em que ocorre a luta pela significação, na qual grupos subordinados fazem frente à imposição de significados vinculados aos grupos mais poderosos. Cf. COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003, p. 38.

⁵ O termo “singularização” expressa movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, afirmando outras maneiras de ser; por isso, movimentos sociais, minorias, desvios de toda espécie têm para Guattari uma importância política. Cf. GUATTARI e ROLNIK, 2000, p. 45.

⁶ Ver anexo I.

⁷ Foucault (1984, p.15) entende as “técnicas de si”, ou “artes de existência”, como “práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram

Acredito que a capacidade de imaginar heróis pode oferecer aos jovens certas práticas nas quais eles se constroem enquanto sujeitos, não a partir de uma verdade imposta de fora, mas em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles também ajudam a produzir. À medida que se voltam a tudo que os modela, torna-se possível para eles a subversão da imagem que fazem de si mesmos. Com essa abertura singular, tornam-se também capazes de enfrentar o perpétuo combate entre o que são e o que desejam que eles sejam, entre o trabalho de si para consigo e a comunicação com os outros.

A ‘escolha’ de uma prática de pesquisa, entre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivadas/os, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder. Por isso, não escolhemos, de um arsenal de métodos, aquele que melhor nos atende, mas somos “escolhidas/os” (e esta expressão tem, na maioria das vezes, um sabor amargo) pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos; e que também nos significou, nos subjetivou, nos(as) sujeitou.

(CORAZZA, 2007, p.121)

A pesquisa utilizou de modo combinado a história oral de vida e a história oral temática (GATTAZ, 1996; e MEIHY, 1991, 1996, 2005, 2007) para obter depoimentos orais de grupo de jovens vinculados a grupos ou instituições localizados na cidade de Campinas.

se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo”.

⁸ Nos anos de 1918 a 1920, a Escola de Sociologia de Chicago já desenvolvia as chamadas histórias de vida, mas foi depois da Segunda Grande Guerra, em 1948, que surgiram os critérios que passaram a diferenciar a história oral das demais formas consagradas de entrevista. Allan Nevins, professor da Universidade de Colúmbia, Nova York, oficializou o termo “história oral”, que passou a indicar as novas posturas diante da formulação das entrevistas. A história oral moderna passou a ser entendida como um “sistema de circulação” do qual participavam emissores (contadores das histórias, narradores de histórias cotidianas), mediadores (promotores dos encontros, tais como radialistas, administradores com seus maquinários) e receptores (público consumidor dos produtos das entrevistas). O sucesso da história oral se deve aos avanços da eletrônica, que possibilitaram o registro de experiências, principalmente de repercussão pública. Meihy credita à história oral um caráter revolucionário, uma vez que se tornou a “razão de ser de fatos locais de interesses coletivos”. No Brasil, o seu avanço ocorreu depois de 1983, passado o período da ditadura militar, uma vez que durante a ditadura a gravação de entrevistas não angariou adeptos. Em sua trajetória, Meihy também faz menção ao fato de o meio acadêmico recusar-se a incluir em suas pesquisas outros grupos capazes de produzir conhecimento. Cf. MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 102;103;105;113;114.

Quero explicitar que a decisão metodológica colocou-me num campo de batalha no qual reconheci as limitações e as possibilidades da história oral, restando muitas dúvidas e poucas certezas no caminho percorrido até aqui.

Todas as fases do trabalho, da elaboração do projeto, passando pela realização das entrevistas, até a entrega da versão autorizada do texto pelo entrevistado, tiveram por embasamento os procedimentos teórico-metodológicos desenvolvidos por Meihy, coordenador do Núcleo de Estudos em História Oral da USP (NEHO).

Segundo Meihy (1994, p.6), a história oral de vida é realizada através de entrevistas livres, sem questionário ou perguntas diretamente indutivas. As gravações são longas e devem captar o sentido da experiência vivencial do entrevistado. Nessa espécie de história oral, concede-se ao “colaborador”⁹ o papel primordial; é ele quem “tem maior liberdade para dissertar, o mais livremente possível, sobre sua experiência pessoal. Nesse caso, deve ser dado ao depoente espaço para que sua história seja encadeada segundo sua vontade e suas condições” (MEIHY, 2005, p.148). A história oral temática, “por partir de um assunto específico e previamente estabelecido (...), se compromete com o esclarecimento ou a opinião do entrevistador sobre algum evento definido. (...) Detalhes da história pessoal do narrador interessam apenas na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central. A história oral temática não só admite o uso do questionário, mas, mais que isso, ele torna-se peça fundamental para a descoberta dos detalhes procurados”¹⁰.

Diferentemente de Meihy, optei por incluir questões sobre a temática do herói, aproveitando brechas que surgiram durante a realização das entrevistas.

Assim como eu, Leite (2008, p.71-72) entende essas duas caracterizações da história oral como “idealizações”, pois para ele toda entrevista de história oral de vida é recortada por um ou mais temas específicos trazidos pelo pesquisador, seja através da

⁹ Em oposição ao informante, o narrador-colaborador estabelece com o pesquisador uma via de mão dupla, porque ele participa e colabora com a pesquisa na medida em que, ao receber o CD com a gravação integral da sua entrevista e o texto transcrito, deverá legitimar ou não esse texto, conferindo-o e incluindo modificações a serem discutidas com o pesquisador. Segundo MEIHY (2005, p.124), o termo colaborador estabelece uma “relação de compromisso” entre o entrevistador e o entrevistado.

¹⁰ *Ibidem*, p. 162-163.

“pergunta de corte”¹¹, como propõe Meihy, seja pela própria definição das etapas do projeto.

Uma vez que os temas específicos da pesquisa foram abordados dentro da história oral de vida, a diferenciação em relação à história oral temática somente se evidenciou quando alguns trechos significativos das histórias dos jovens foram recortados com o objetivo de compreendermos como se dá a reprodução ou construção imaginária dos seus heróis e qual o impacto dessa modelização na (re)construção pessoal e coletiva de suas vidas.

À medida que conhecia os jovens e estabelecia com eles um clima de confiança, prontamente eles aceitavam o convite para participar da pesquisa, além de me indicarem outros entrevistados; isso possibilitou selecioná-los segundo o “critério de rede”¹², ou seja, encontrar “colaboradores” que apresentassem experiências diferenciadas dentro de um mesmo padrão de afinidades, constituindo o que Meihy denomina uma “comunidade de destino”¹³.

De fevereiro a julho de 2007, foram entrevistados 38 jovens, de ambos os sexos (colônia de narradores¹⁴), entre 15 e 24 anos¹⁵. Foram contatadas vinte e quatro instituições e grupos (ver anexo I) aos quais se encontravam ligados de alguma maneira os jovens citados acima; 20 desses jovens pertencem ao sexo masculino e 18 ao sexo feminino, perfazendo um total de 38 entrevistas. Entretanto, três delas não foram

¹¹ Pergunta de corte é a pergunta que deve estar presente em todas as entrevistas. Cf. MEIHY, 1996, p. 53. Especificamente, em relação à minha pesquisa, a pergunta de corte foi: “Quais os heróis/heróínas - ou quais as referências - que inspiram sua militância?”

¹² Segundo GATTAZ (1996, p. 263), o “critério de rede” possibilita que os próprios depoentes indiquem outros para serem entrevistados, criando uma “comunidade de argumentos” - ou uma “comunidade de destino”, na concepção de MEIHY (1996, p. 53). A rede implica uma subdivisão da “comunidade de destino”. Supõe experiências que podem ser diferenciadas dentro de um mesmo padrão de afinidades

¹³ A “comunidade de destino” identifica a reunião de pessoas com algumas características afins (MEIHY, *op.cit.*, p. 53), como por exemplo, jovens militantes.

¹⁴ A colônia refere-se a um grupo amplo de narradores (por exemplo, grupos de jovens militantes de Campinas ou que recebam algum tipo de orientação em instituições que promovam a formação e a participação desses jovens em espaços coletivos da cidade de Campinas) que tenha uma comunidade de destino (MEIHY, *op.cit.*, p. 53).

¹⁵ Apesar da categoria social “juventudes” agrupar sujeitos com experiências bastante diferenciadas, delimitei a idade dos jovens a serem entrevistados entre 15 e 24 anos, seguindo os padrões definidos pela Organização das Nações Unidas (CORTI & SOUZA, 2004, p.11) e por outros organismos internacionais. Outras idades têm sido propostas em abordagens de cunho acadêmico, na política e na mídia. Essas oscilações convivem com imagens e expectativas contraditórias: “juventude perigosa, juventude como lugar da esperança, juventude como o paradigma do desejável e muitas outras”. Ver NOVAES e VANNUCHI, 2004, p. 11.

incluídas no projeto, duas por desistência dos jovens e uma outra pelo fato de o entrevistado ter mais de 30 anos na época da pesquisa. Portanto, o trabalho abrange 35 entrevistas.

A entrevista, segundo o método da história oral¹⁶, comporta três processos: a transcrição literal, a textualização e a transcrição (MEIHY, 2005, p. 195-203). Primeiramente, os depoimentos foram transcritos na íntegra (ver anexo II); depois textualizados (ver anexo III), ou seja, as perguntas foram suprimidas e as entrevistas, rearticuladas, de forma que se tornassem mais claras e sem os considerados “erros gramaticais” ou “equívocos linguísticos”. Na transcrição¹⁷, os textos foram recriados, invertendo-se a ordem dos parágrafos; frases e palavras foram alteradas. Incorporei às narrativas elementos não-verbais da entrevista, “teatralizando o que foi dito”, a fim de recriar a atmosfera da entrevista ao considerar, como alerta Meihy (1991, p. 30-31), que “isso não ocorreria reproduzindo-se o que foi dito palavra por palavra”.

Uma vez “transcritos”, os depoimentos foram submetidos à conferência e à legitimação¹⁸ dos colaboradores para retornarem, depois, às minhas mãos.

A “grande prova da qualidade do texto final”, segundo Meihy (2005, p.195), acontece no momento em que os colaboradores conferem e legitimam o texto, reconhecendo-se ou não na história transcrita; portanto, uma vez atingida essa etapa considere a pesquisa finalizada, mas com muitas dúvidas quanto às possibilidades ou não de realizar um trabalho de análise das entrevistas, segundo critérios acadêmicos.

¹⁶ Entendida como método, a história oral privilegia as entrevistas, considerando-as como o “epicentro da pesquisa”, por isso, os oralistas que valorizam a história oral metodologicamente centram sua atenção desde a elaboração do projeto, os critérios de realização das entrevistas e os resultados analíticos que demandariam diálogos com outros documentos. Cf. MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 72. Meihy postula a história oral como disciplina, devido à função social e prática dessa experiência intelectual que teria, para ele, uma dimensão política relevante (*Ibid.*, p.75-79).

¹⁷ MEIHY (1991, p.32) utiliza o termo “transcrição” no sentido poético dado por Haroldo de Campos para a realização de suas traduções. Campos opera uma transformação do texto traduzido em relação ao original, sem abandoná-lo, mas dele se distanciando para poder transcriar com liberdade e criar um novo original. A tradução é “luciferina” pois, ao recusar a “tirania de um Logos pré-ordenado”, transgride a relação aparentemente natural entre forma e conteúdo (CAMPOS, 2005, p.180). Segundo GATTAZ (1996, p.251), Meihy chega mais longe ao propor a entrada de um novo elemento, o “teatro de linguagem”, termo emprestado de Roland Barthes. Se na transcrição surge a necessidade de se adaptar o texto falado ao texto escrito, o teatro de linguagem possibilita incorporar “os elementos não-verbais da entrevista, tão importantes quanto as palavras ditas, mas perdidos na transcrição literal”.

¹⁸ Momento em que o texto transcrito é entregue ao colaborador para que aprove a versão dada ao seu depoimento. É a etapa de conferência e legitimação, na qual o colaborador faz as correções e alterações que desejar (MEIHY, 2005, p.184).

As advertências de Meihy (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.72), para quem a história oral utilizada enquanto método, principalmente nas universidades, pode “limitar descobertas e mudanças de rumo” diante das surpresas propiciadas por “documentos vivos”, chamaram a minha atenção.

Relendo as histórias daqueles jovens, concordei com Alberto Lins Caldas (1999, p. 102-110) quando esse autor afirma que todas as fases do projeto dessa história oral fazem parte do processo de transcrição.

A transcrição mesmo sendo literal é “contaminada” por maneiras de dizer, tons de voz, gestos, pela relação assimétrica entre entrevistados(as) e o(a) pesquisador(a) que, segundo alguns autores, pode atuar de “maneira fortemente silenciadora” (LEITE, 2008, p. 69), principalmente devido ao *status* social que essa posição carrega.

Para Caldas¹⁹, a passagem do que foi dito para o escrito tem mais a ver com o “processo dialógico da entrevista” do que com um procedimento técnico, que pode ser capaz de “mumificar” tanto a fala quanto a escrita.

Na textualização, a anulação da voz do “entrevistador” dá espaço à fala do narrador, sendo este o momento em que a entrevista é rearticulada, tornando-a mais “compreensível, literalmente agradável” (MEIHY, 1991, p. 30). Mas a voz do pesquisador se apaga ou está incluída, mergulhada no texto do entrevistado?

Para se recriar a narração viva do colaborador é preciso que uma das vozes em diálogo (a entrevista não é ato técnico mas vasto diálogo em busca do outro, de si mesmo, de nosso presente e daquele presente que não nos pertence) seja devorada hermeneuticamente pela outra, realçando-a, trazendo-lhe a força original, a força virtual de sua existência.

(CALDAS, 1999, p. 106)

Acredito, hoje, que ao fazer a “correção” gramatical e lexical do texto transcrito, elaborando uma ordenação cronológica e uma reorganização de aspectos dispersos nas histórias de vida contadas pelos jovens, acabei por interferir com minha própria lógica

¹⁹ *Op.cit.*, p. 103.

nos eventos relatados por eles. Porém, se por um lado o “*cronotopô*” da narrativa dos jovens não foi respeitado, por outro tentei captar os devires, os germes dos acontecimentos de um *cronotopo* outro, procurando evitar que as mudanças no conteúdo dos textos acarretassem o que Leite (2008, p. 76) considera uma “verdadeira limpeza de significados na fala do colaborador”.

Na passagem da textualização para a transcrição, poucas mudanças foram feitas. Limitei-me a trazer para as narrativas uma ampliação das inúmeras deixas sugeridas e valorizadas pelos entrevistados e não ousei fazer o que Caldas denomina uma “poética da interpretação”²¹, pois temia que os jovens não se reconhecessem no texto recriado.

A conferência e a legitimação das entrevistas demandaram aproximadamente um ano de trabalho. Idas e vindas foram facilitadas graças à internet, com exceção de cinco jovens que ou não dispunham de computador ou encontraram dificuldades em utilizar esse recurso. Todos os 35 jovens legitimaram os textos transcritos e assinaram a carta autorizando a divulgação dos mesmos.

Para alguns autores como Leite (2008, p. 75) e Caldas (1999, p. 108), a conferência e a autorização do texto final não constituiriam um critério de identificação do colaborador com o texto devido ao poder mínimo de intervenção dos entrevistados diante do entrevistador. Segundo Caldas²², para quem a transcrição traduz uma ação criativa, ficcional (como toda existência humana contada ou escrita), submeter os textos à chancela de uma assinatura é reduzi-lo ao aspecto legal, não ficcional.

O ficcional, no caso, precisa do real e do jurídico para existir, para se legitimar, para se tornar acadêmico, para fazer as vezes de real, de documento. Transformamos, assim, sutilmente, o ficcional e as vozes de indivíduos e comunidades inteiras em objetos.

(CALDAS, 1999, p.108)

²⁰ Para BHAKTIN, o *cronotopo* tem um papel fundamental na narrativa, uma vez que são as referências de tempo e espaço que irão estabelecer a relação entre a forma que a história assumiu e a visão de mundo daquele que a contou. Cf. BHAKTIN, 1981 *apud* Tarcisio de Arantes LEITE, 2008, p. 75-76.

²¹ “A interpretação advinda das imagens que se interpenetram em nossa imaginação, o jogo de metáforas, de sons, de cores, de vidas, tempos e lugares, mesclam-se exigindo algo diferente de uma leitura objetificante, que exija capturar a rede significativa e transformá-la em coisa, em linguagem científica. Uma de nossas primeiras preocupações é não dizer aquilo que é, inclusive não saber e não querer saber se algo pode ser o que é, mas aquilo que nos impressiona, o que nos seduz, o que nos dá prazer, é o contato, o toque e a f(r)icção com uma matéria (...) que é a mesma dos sonhos e da vida”. Cf. CALDAS, *op. cit.*, p. 121.

²² *Ibidem*, p. 107.

Apesar de concordar com as críticas, devo explicitar que esse momento da pesquisa contou com a participação ativa dos jovens, que fizeram observações significativas no material que lhes foi apresentado. Em muitos casos, a demora na devolução do texto deveu-se à interferência de outras pessoas da família que, ao lerem a história, passaram a sugerir mudanças, geralmente, vinculadas a acontecimentos, e datas não definidos com clareza, ou de modo incompleto, pelos jovens. Houve também exclusões quando alguns fatos relatados expunham aspectos da vida de outras pessoas. Aceitei todas as modificações feitas pelos entrevistados, entendendo que nessa “arena de significados”²³ não há referente que sustente ser uma descrição mais verdadeira que outra; que as perguntas do entrevistador e as respostas dos entrevistados “estão embebidas nos discursos de seu tempo, da situação vivida, das verdades instituídas para os grupos sociais dos membros dos grupos” (SILVEIRA, 2002, p.130); que “cada pessoa se encontra já imersa em estruturas narrativas que lhe pré-existem e em função das quais constrói e organiza de um modo particular sua experiência, impõe-lhe um significado” (LARROSA, 2008, p.70).

Ao final, avalio que foi possível conseguir uma “autoria negociada” (LEITE, 2008, p. 36), ainda que a “fabricação narrativa” se faça com violência, isto é, seja organizada em relações de desigualdade, de poder e de controle (LARROSA, 1996, p. 478).

Caldas (1999, p. 110) considera que os textos transcritos exigem abertura, enfrentamento, diálogo, posicionamento, reinterpretação. Resultantes de uma “poética da experiência, clamam por uma poética da leitura e por uma poética da interpretação”.

Como interpretar sem deixar-se capturar pelos “ferrolhos”²⁴ que nos habituam a percorrer caminhos previsíveis, seguros, repetitivos?

Os instrumentos para a constituição de um problema de pesquisa – com os quais montamos as estratégias e táticas dessa guerrilha de suspeição – não podem ser outros que os das teorizações que já foram produzidas. Por isso, a nosso modo e com nossos limites, temos o dever de nos

²³ Expressão utilizada por SILVEIRA (2002) no seu artigo “A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados”.

²⁴ Expressão usada por CORAZZA(2007) em seu artigo “Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos”.

apropriar – pela via do estudo – dos territórios teóricos e com eles estabelecer interlocuções, ao mesmo tempo em que vamos reelaborando as teorias. Tais movimentos implicam pôr os conceitos a funcionar, estabelecendo ligações possíveis entre eles, encaixando aqueles que têm serventia para o problema (que começa a ser configurado), e nos desfazendo daqueles que são inúteis. Às vezes, demora um pouco para que essas operações de pensamento se organizem em uma rede que faça algum sentido, em um arsenal de ferramentas que seja fértil, em uma cadeia de ligações que não seja mais tão díspar. É preciso paciência, não importa que demore, pois necessitamos nos deixar impregnar pelas associações e reflexões promovidas pela leitura de um livro ou de um/a autor/a, até que estas repercutam em nosso pensamento e prática de pesquisa, levando-nos a criar o problema, a problematizar o que não era tido como problemático, ou a reproblematicar, com outro olhar, o já problematizado. Mas o trabalho ainda não está terminado porque, depois de termos problematizado o objeto de pesquisa, ele precisa ser como que limpo de todas as teorizações que o forjaram, para que novas teorizações – que são agora de nossa responsabilidade – resultem de seu manejo. É então que saltamos das pontes.

(CORAZZA, 2007, p. 117)

Conseguiria saltar da ponte? Resolvi arriscar, experimentar, explorando outros territórios teóricos, fazendo outras interlocuções que me ajudassem a refletir sobre as sombras do texto, a colocar em movimento aquelas vidas. Vidas contadas, ouvidas, gravadas, escritas, lidas e relidas, que pulsavam e me convidavam a dar um “salto”.

A história oral desenvolvida por Meihy, ao abrir perspectivas de trabalho para além da transformação das narrativas em documentos históricos, tornou possível a criação de textos nos quais interagem a narrativa do colaborador e o “hermeneuta”. Nessa vertente, encontramos Alberto Lins Caldas e os pesquisadores do Centro de Hermenêutica do Presente, da Universidade Federal de Rondônia.

Na concepção de Caldas, a Hermenêutica do Presente “tem se apresentado, antes de tudo, como uma *leitura radical* (o redimensionamento das ações, do ser, dos saberes, das existências, dos discursos), e uma das funções dessa leitura é iniciar outra reflexão e outra ação, fora de um conhecimento e de um saber positivos (seu rastro é negativo, não é a contrapelo: é tosa, corte, dissecação”. As narrativas, ao colocarem o hermeneuta em contato com o presente, entendido “enquanto múltiplas dobras que contêm o passado”, aproximam a História Oral da Hermenêutica do Presente, uma vez que “as entrevistas se

processam em constructo permanente, que é recriada cada vez que o colaborador narra suas experiências” (CALDAS, 2000 apud BARBOSA, 2002, p. 02).

Caldas (1999, p. 123-125) diferencia o *presente* do *imediato do presente*. Este último se refere ao aqui e agora, é o imediato que se apresenta à nossa percepção, é nele que “nasce e finda a existência”; mas, em seu fluxo vital, ele é impossível de ser apreendido em sua totalidade. Mesmo que o *presente* nele apareça e se atualize, o *imediato do presente* não pode ser confundido com o *presente*. O *presente* torna-se matéria fundamental da história oral porque, ao materializar-se em texto, torna-se alcançável, possível de ser interpretado. Esse texto, entendido enquanto uma “rede viva de ficcionalidades”, não se constitui em reflexo do que aconteceu, mas em um “processo de criação/diálogo” que irá mediar “primeiro, o oralista e os nossos interlocutores e o seu presente; segundo, a ligação entre o *imediato do presente* e o presente; terceiro, a ligação entre o vivido e as grandes estruturas de reflexão e sociedade”. A história oral se caracteriza, a partir disso, por ser uma “dimensão viva do conhecimento do presente”.

Não é intenção de Caldas (1999, p. 11) oferecer um modelo de interpretação, mas abrir perspectivas para “um diálogo profundo com o presente, com o outro, com o imediato do presente em suas dimensões humanas e políticas”.

Nossa idéia de interpretação não é a de procurar por baixo, além ou dentro, mas fazer viver aquilo que significa visível e sensivelmente (...). Interpretar não é ficar no âmbito das *falas*, não é *documentar* ou *entrelaçar os assuntos*, muito menos *contar a história conjunta* ou a *história do texto* (...). Interpretar é refletir sobre as *sombras do texto*; é viver as sombras e deslocar o visível; é relacionar a dialética entre a luz e as sombras do texto, da vida, da experiência, dos signos, das falas e memórias. (...). Interpretar não é *explicar*, mas desejar o desejo de falar, o desejo de quem falou, desdobrar, tirar da pobreza do somente luz ou somente sombra. Não é tirar *o que está dentro* ou *expor o que está fora*, mas *pôr em diálogo*; encontrar o movimento e os movimentos. É *pôr em movimento*; delinear a sutileza das sombras, multiplicá-las e multiplicar as densidades; fazer brigar as diferenças e recusar as igualdades; dizer o que não está dito ou sequer pretendido. Buscar um *encontro*, fazendo dialogar a diferença pela diferença, criando um *campo de vivência* e uma superação de limites. Interpretar é dialogar não um diálogo de aceitação, mas de desdobramento, de enriquecimento de sentidos e significados. É dizer mais, é relacionar, é fazer frutificar os múltiplos sentidos simbólicos e vivenciais do vazio, do silêncio, das palavras, do corpo e das interioridades. (...). Interpretar não é simples *análise de palavras*, mas

encontro e choque de imagens, idéias, emoções, memórias, planos de existência, sonhos, desejos. Toda *análise* requer partir, fracionar, elementarizar (...). O texto é *como um sistema de virtualidades múltiplas*. A interpretação deve ter familiaridade para despertar os múltiplos significados, as múltiplas fontes que atravessam o texto enquanto momento vital, e poder para dialogar com essa vida, com esse momento, com os desdobramentos vivos da existência” (grifos do autor).
(CALDAS, 1999, p. 111-113)

Apropriei-me de algumas ferramentas oferecidas por Caldas num momento em que julguei haver finalizado a pesquisa; mas considero que as interpretações que dão continuidade aos textos transcritos, apesar de não seguirem as mesmas recomendações indicadas por Caldas no que se refere aos procedimentos que poderiam flexibilizar a elaboração do projeto e o tratamento dado aos relatos, foram uma tentativa de “conversar” com essas vidas criadas em narrativas, seguindo o ritmo dos seus movimentos, experimentando “a direção de outro fluxo, qual seja, o de narrar, dentro de outra possibilidade discursiva, tais práticas” (CORAZZA, 2007, p.105). Tomo aqui a palavra “experimentar” no sentido que Gilles Deleuze (1992, p.132) dá ao termo “experimentação”: “o atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer”.

Por vezes, consegui “trair”²⁵ o texto “original”²⁶ legitimado pelos jovens entrevistados, desconstruindo “os aparatos que nos fazem ver e ver de determinada maneira” (LARROSA, 2008, p. 83). Outras vezes, “trapaceei”, porque a interpretação, ao tomar as palavras como elementos de análise, permaneceu distante das fontes que davam vida à existência daqueles jovens. Nesses momentos, uma “poética radical da interpretação” não foi possível.

²⁵ Segundo DELEUZE e GUATTARI (1997a, p. 61-107), o “trapaceiro” é aquele que trapaceia em sua ação infinita de interpretar o que já não é mais do que uma interpretação, que assujeita-se aos valores dominantes, que consegue controlar e manter o poder; enquanto que o “traidor” é aquele que rejeita sujeitar-se, que detecta as potências do “devir” ao invés de enrijecer as ações e as idéias, sujeitando-as ao regime significativo dos signos.

²⁶ A palavra “original” que foi aqui empregada evocou em mim o belo texto de Walter Benjamin “A tarefa do tradutor”, no qual ele nos alerta para a pretensão fantasiosa de uma tradução assemelhar-se essencialmente ao original. Tanto a forma do original, que sendo histórica modifica-se na vida da obra, quanto a tradução renovam-se constantemente, metamorfoseiam-se. É mais do que evidente, diz Benjamin, que “uma tradução, por melhor que seja, jamais poderá ser capaz de significar algo para o original. Entretanto, graças à sua traduzibilidade, ela encontra-se numa relação de grande proximidade com ele. E, de fato, essa relação é tanto mais íntima quanto nada mais significa para o próprio original”. Conforme tradução de Susana Kampff LAGES (2008, p. 68), A tarefa-renúncia do tradutor, publicada no ensaio organizado por Lúcia Castello BRANCO.

A interlocução com Deleuze, Guattari e Foucault permeou todos os capítulos da tese, evidenciando para mim que a potência ²⁷ das vidas narradas não estava na projeção de um “eu”, mas numa terceira pessoa que, ao nos destituir do poder de dizer “eu”, arrasta os traços individuais num indefinido que não é uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau: um jovem, um militante, um herói, uma vida. Essa singularidade se conecta com a idéia de experiência de si na medida em que, apesar de todos os dispositivos²⁸ que fazem os jovens verem, pensarem e agirem de determinada maneira, esses jovens também problematizam suas vidas no interior de certas práticas, histórica e culturalmente constituídas, que possibilitam produzir modos de ser e criar certas formas de subjetivação nas quais se modifica a experiência²⁹ que têm deles mesmos na relação com os seus heróis, ou com outros modelos que inspiram suas militâncias.

Não é que na natureza humana estejam implicadas certas formas de experiência de si que se expressam historicamente mediante idéias distintas (cada vez mais verdadeiras ou, em todo caso, pensáveis desde os êxitos e dificuldades da verdade) e se manifestam historicamente em distintas condutas (cada vez mais livres ou possíveis desde o difícil caminho até a liberdade), mas que a própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade. É a própria experiência de si que se constitui historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. E esse ser próprio

²⁷ Segundo DELEUZE e GUATTARI (1992, p. 213), todos os seres são afetados por um conjunto de forças que vão além daqueles que as sentem e que são expressão das lutas sociais, das relações de poder que atravessam a sociedade. Essas forças que eles denominam de “perceptos” e “afectos” são uma “potência” porque, ao não se confundirem com as opiniões ou com as percepções e sentimentos que já foram capturados pelas cristalizações já existentes, possibilitam rupturas, eliminando tudo aquilo que “gruda em nossas percepções correntes e vividas” (*Ibidem*: 223), fazendo gaguejar, fender, torcer a linguagem, invertendo-se a ordem que a opinião imprime em nossos sentimentos, ou “afecções”. Cf. DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 213 e 223.

²⁸ Para FOUCAULT (1979, p. 244), o dispositivo é “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos”.

²⁹ FOUCAULT (1984, p. 10) entende o termo experiência como sendo “a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade”.

sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas.

(LARROSA, 2008, p. 42-43)

Assim, no capítulo I, apresento os textos transcritos, conferidos e legitimados dos 35 jovens que militam na cidade de Campinas. Uma frase, extraída da entrevista, antecede cada história de vida. É uma frase guia, também chamada “tom vital” que na textualização serve como eixo em torno do qual a entrevista se organiza.

No capítulo II, interpreto a história de seis vidas de jovens militantes. Por que essas vidas e não as outras? Em relação às vidas aqui narradas não se trata, como diz Deleuze (1992, p. 16-17), de buscar o que se percebe numa história, mas de nos remetermos ao “como percebemos” o que se passa e como o que ali está funciona para nós. As seis vidas escolhidas para compor o capítulo II funcionaram como dispositivos capazes de desalojar aquilo que em mim tornou-se domesticado. Experiências que me atravessaram e me fizeram ver com maior intensidade que a vida de todos os jovens militantes dá lugar a “uma vida” impessoal, mas singular na medida em que a individualidade se apaga para dar lugar “à vida singular imanente” de um jovem “que não tem mais nome, embora ele não se confunda com nenhum outro” (DELEUZE, 2003 p. 361-362). É uma vida indefinida feita de “entre-tempos” de “entre-momentos” e que no tempo vazio desse entre-meio é atravessada por acontecimentos ³¹ inéditos que atuam na multiplicidade das vozes, nutrindo a singularidade de uma potência vital.

No capítulo III, entrelacei algumas histórias de vida, percorrendo com elas o movimento entre “a gramática na qual nos interpretamos e a liberdade de inventar uma gramática em que possamos nos interpretar de outra maneira” (LARROSA, 1996, p. 479). O que somos, alerta Larrosa, não é algo que temos de descobrir, mas uma contínua criação, um perpétuo devir, uma permanente metamorfose.

³⁰O texto de Gilles DELEUZE “L’immanence: une vie...” foi publicado na Revista Philosophie, nº47, septembre, 1995, p. 3-7. Encontrei o mesmo texto, no livro preparado por David LAPOUJADE, Deux Regimes de Fous. Textes et Entretiens 1975-1995, publicado pelas Éditions de Minuit, em 2003, nas páginas 359 a 363.

³¹ O acontecimento “é uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos, e que estabelece ligações, relações entre eles, através das épocas, dos sexos, dos reinos – naturezas diferentes”. Cf. DELEUZE e PARNET, 1998, p. 83. Para FOUCAULT (1979, p. 5), o acontecimento se opõe à idéia de estrutura. Trata-se para ele de recorrer às análises em termos de genealogia das relações de forças, de desenvolver estratégias e táticas para se dar conta da “inteligibilidade intrínseca dos confrontos”. Cf. FOUCAULT, 1979, p. 5.

Nesse capítulo tentei apreender qual o impacto dos heróis na construção das práticas de militância dos jovens, ou seja, de que maneira esses modelos puderam promover tanto um assujeitamento das singularidades dos jovens às suas figuras de referência quanto um incitamento à invenção de outras formas de relações com eles mesmos e com outros sujeitos. Um “cuidado de si” que, longe de assumir a forma de um “ensimesmar-se”, produz a condição ética para a constituição de sujeitos que se opõem ao poder no sentido da dominação-submissão e afirmam a sua liberdade diante de regras que lhes são propostas, sugeridas ou impostas por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social (FOUCAULT, 2006a, p. 267;276;278;281)

Para compor a primeira parte desse capítulo, o terceiro, intitulado “OS JOVENS E SUA MÍSTICA”, busquei inspiração na obra de Bergson *As duas fontes da moral e da religião*. Os conceitos de “religião estática” e “religião dinâmica” ofereceram alguns indícios para que eu pudesse apreender como os jovens tanto podem ser capturados por um modelo disciplinar específico, vivendo uma “religião estática” e imitando um modelo que lhes servisse de exemplo, quanto podem viver uma “religião dinâmica”, que os leva a explorar novos modos de se relacionar com o mundo.

Na segunda parte do mesmo capítulo, “RELAÇÕES DE PODER E RESISTÊNCIAS”, algumas obras de Deleuze, Guattari, Caldas e Pelbart ampliaram-me as pistas sobre a influência dos heróis na militância, ora mantendo os jovens presos a um modelo encarnado por seus heróis; ora oferecendo fundamentos racionais às suas ações, assegurando-lhes uma lógica que expressasse uma prática e uma tomada de “consciência crítica” diante da realidade; ora criando condições para que a militância esteja sempre sendo revista, evocando um “modo de existência”, com suas formas particulares de relação com eles mesmos e com os outros.

Do anexo 1, consta a relação das instituições e grupos que participaram da pesquisa. O site disponibilizado pelo Centro de Memória da Faculdade de Educação da UNICAMP: http://www.fe.unicamp.br/servicos/centro_memoria/publicacoes.htm abriga os anexos 2 e 3 e atende um dos momentos principais da realização da História Oral que consiste em manter as gravações das entrevistas em arquivo acessível à consulta pública. No anexo 2, encontram-se as transcrições literais das entrevistas com os jovens narradores. No anexo 3, as textualizações. Observo que, desses dois últimos anexos, o 2 e

o 3, constam somente os textos dos narradores que autorizaram a divulgação de suas identidades. Do anexo 4, constam as questões que nortearam as entrevistas. Do anexo 5, os modelos da carta de aprovação dos textos transcritos e sua divulgação.

Que esse trabalho possa abrir outras possibilidades de leitura, desdobrando-se em múltiplas interpretações.



CAPÍTULO 1

HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE JOVENS MILITANTES:
UMA TRANSCRIÇÃO

Nunca parei para pensar sobre quem me inspira para ter força. Às vezes, acabo me inspirando na minha mãe mesmo, porque ela luta pelos seus direitos (...). Meu pai também (...). Acho que vem mais da família. Desde pequena fui aprendendo a importância de parar para se pensar.

(Aira Teixeira Corerato³², 2008)

Meus pais são de Campinas e eu também nasci aqui. Eles não ficaram juntos por muito tempo; morei uns três anos com a minha mãe e, agora, moro só com o meu pai. Resido na avenida das Amoreiras desde que nasci. Às vezes a gente mudava de casa, só que sempre voltava para lá. Meu pai trabalha com medicamentos. Minha mãe agora é dona de casa e tem uma pequena lanchonete.

Sempre fui muito reservada, brincava com poucas pessoas. Na maioria das vezes, preferia brincar sozinha, porque nunca me identifiquei com aquelas brincadeiras de menininha. Jogava vôlei na rua, pega-pega. Na escola, era a mesma coisa. Tive problemas com os meninos, porque eles brigavam com algumas amigas e eu as defendia, batendo neles. Já deu briga feia, de quase um cair pela escada.

Estudei até a sétima série em escola particular, mas, por problemas financeiros, fui estudar no Vicente Ráo, depois fui para o Vitor Meirelles, onde estou até hoje, terminando o terceiro ano do Ensino Médio. A militância veio junto com a minha descoberta da homossexualidade, no final da oitava série.

Foi procurando, pesquisando pela internet, que conheci o MO.LE.CA. (Movimento Lésbico de Campinas) e o E-jovem. Esses contatos me ajudaram a me auto-aceitar. Como

³² Narradora/Colaboradora: Aira Teixeira Corerato

17 anos

Grupo E-Jovem de Adolescentes Gays, Lésbicas e Aliados

www.e-jovem.com

E.mail: corerato@hotmail.com

Data da Entrevista: 10/05/07

Duração da Entrevista: 45 min.

Transcrição: 03/09/08.

vários jovens, também tentei me suicidar várias vezes, porque, percebemos que aquele estilo de vida escolhido por nós não é aceito, nem por nossa própria família. Então, você acaba tendo um choque muito grande, entre aquilo que você é, com aquilo que a sua família quer que você seja.

Freqüentar o E-jovem me ajudou a esclarecer várias dúvidas a respeito do que se passa com a gente. Sempre chega para nós a imagem de que homossexual é vulgar, não quer nada com nada, que acaba morrendo sozinho, sem família, sem companheiro, que é só “putaria”. Foi nesse momento, que eu criei coragem para conversar com o meu pai.

Ao mesmo tempo dessa minha descoberta, assumi uma coordenadoria no E-jovem. Trabalho há dois anos como orientadora política do E-jovem, mas também ajudo na área artística, divulgando um pouco os direitos dos homossexuais, os direitos da criança e do adolescente. Por sermos, na maioria, menores de idade, damos assessoria jurídica quando surgem problemas envolvendo adolescentes e as leis que se referem a eles, como o de uma mãe que quer processar o namorado do filho, porque ele é maior de idade e o filho tem quinze anos. Fazemos palestras sobre orientação sexual, DST-AIDS e sobre a importância da comunicação entre jovens e adultos, pais e filhos. Mostramos que o nosso objetivo não é transformar tudo em um mundo homossexual, e que o nosso trabalho não é brincadeira, não é só oba-oba. Me especializei nessas palestras. Fiz vários cursos, participando do Projeto MPower, do Reprolatina, uma empresa que trabalha com esses temas. Pelo E-Jovem as portas vão se abrindo e eu vou me capacitando.

No primeiro ano, no Vitor Meirelles, no período em que eu já estava me aceitando, conversando com meu pai, o pessoal olhava para mim não como aquela menininha que fica no meio das outras, só cochichando. Os moleques percebiam que eu falava, que tinha atitude. Cheguei a escutar algumas piadinhas, mas nunca tiveram coragem de me atingir diretamente, talvez porque desde que entrei lá, nunca desrespeitei ninguém. Por causa disso tenho o direito também de exigir respeito, tanto das meninas quanto dos meninos.

Logo que entrei no Vitor Meirelles, participei do Conselho e ajudei a construir o grêmio, que não tinha. Acredito que essa atuação fez com que as pessoas respeitassem a minha homossexualidade, mas nunca deixei de sentir um certo distanciamento.

No primeiro ano foi um pouco complicado, porque alguns professores faziam piadas nas salas de aula sobre homossexuais e eu ficava muito “entregue”, porque ainda não tinha todo aquele empoderamento para reagir. No segundo ano, foi diferente, eu já tinha esse empoderamento e quando um professor fez uma piadinha, eu encarei: “Por quê? Você tem algo contra?”. Ele: “Não, não tenho nada contra”. Eu retruquei: “Mas na tua piadinha dá prá entender, ...”. O pessoal começou a perceber que eu sabia me defender.

Para todo mundo que fazia uma piada, ou me ofendia, eu dizia: “Tem leis que me protegem. Eu não estou obrigando você a me aceitar, estou querendo que você me respeite, só isso (...)”. Agora, no terceiro ano, converso com todo mundo, vivo no meio das meninas, elas andam de mão dada comigo, sem nenhum preconceito, e a maioria é heterossexual.

As meninas homossexuais são minhas amigas, conversam comigo, mas é difícil elas se assumirem. Sempre digo a uma amiga para mostrar à mãe que continua sendo a mesma filha de antes, que vai estudar, se formar, casar, ter filhos, que não mudou nada, somente o seu objeto de desejo. Uma outra está se descobrindo agora, e, pouco a pouco, também estou ajudando os pais a aceitarem a homossexualidade da filha.

É engraçado, mas também as meninas que são heterossexuais vêm pedir conselho para mim, quando brigam com seus namorados. Existe um vínculo legal. Posso dizer que não sofro preconceito e o mais legal é que se alguém comenta alguma coisa preconceituosa sobre mim, não só as meninas me defendem, como também alguns moleques da sala. Porque eles sabem que eu não sou diferente, não sou nenhum "bicho de sete cabeças".

Para contar para meu pai, enrolei durante cinco meses. Eu tinha terminado um namoro de cinco meses com um moleque. Meu pai olhou para mim e perguntou: "Você está grávida?". Respondi: "Calma, não é isso... não é isso, lhe garanto, não estou grávida". Ele continuou perguntando: "Você é usuária de droga?". Respondi: "Não, pai. Calma! A hora que eu me sentir preparada para falar, eu te conto". Ele respeitou o meu tempo.

Eu e meu pai moramos juntos há um bom tempo. Nós saímos bastante e conversamos muito, também. Numa noite, voltando para casa, eu disse para ele: "Hoje, acho que eu estou me sentindo preparada para contar algo a você". Contei que eu estava conversando com uma amiga e aí, papo vai, papo vem, acabamos nos interessando e a gente se beijou. Ele me olhou e perguntou: "E daí?", eu respondi: "E daí, que eu gostei e eu estou vendo o que é isso". Ele falou: "Então você é lésbica?". Eu disse: "Sou!".

Por um momento, ele ficou quieto, e falou: "Tem alguma coisa que eu possa fazer para mudar isso?". Falei: "Não, não tem. É o que eu sou, não tem como mudar.". Ele: "Então, a única coisa que eu posso te dizer: seja feliz.".

A compreensão do meu pai me ajudou bastante a ser o que eu sou hoje, a seguir nessa militância. Não nego que por dentro ele tenha se preocupado, principalmente, pelo comentário que fez: "Não era o que eu queria, não era o que eu esperava, queria que você me desse netos...". Nesse momento, eu aproveitei e disse: "Eu posso dar netos a você, eu não fiquei estéril porque sou lésbica, só que em vez de um genro, vou te dar uma nora". Namorei dez meses com uma garota. Havia domingos em que almoçávamos os três juntos, naquele estilo meio família. Meu pai aceitou bem e, hoje, nós conversamos bastante sobre isso. Criamos um vínculo de amizade e confiança muito maior do que antes.

Com minha mãe, foi numa briga que ela descobriu. A gente sempre brigou muito, por isso nunca morei com ela. Ela diz que a gente não dá certo porque pensamos muito igual. Não nego, porque às vezes me pego falando coisas que ela fala. Só que a minha mãe tem aquele estilo: "Minha casa, meu castelo, quem manda aqui sou eu, o que você fala não vale nada". Eu não aceito isso. Para mim, na casa onde moram várias pessoas, precisamos escutar o que cada um tem para falar e tentar conviver da melhor forma possível.

Durante uma discussão ela me disse que eu era a ovelha negra da família, diferente de todos, e começou a me ofender. Fui agüentando, quase parti para a agressão física, então, resolvi falar: “Eu sou lésbica, sou homossexual, eu gosto mesmo de mulher, e daí?”. Ela revidou: “Sua vagabunda... preferia que você fosse puta, que tivesse engravidado, igual tua irmã, que tivesse casada com um traficante do que ser assim...”. Liguei para o meu pai e pedi que fosse me buscar. Quando ele chegou, minha mãe falou: “Você sabe o que tua filha é de verdade? Ela contou, já que vocês falam que são tão amiguinhos?...”.

Após essa discussão, ficamos quase um ano sem nos falar e isso me fez muito mal. Proibiu que eu visse meu irmão, por quem tenho um carinho enorme, não atendia meus telefonemas. Num dia fui lá e pedi para entrar. Ela deixou, mas não tocou mais no assunto. De uns tempos para cá, começamos a conversar, e ela reclamou que não participa da minha vida. Gostaria que eu contasse mais sobre a minha militância, pois esse é um trabalho que ela aceita. Quando viajo, não digo que vou participar de um encontro de jovens homossexuais, mas comento que é sobre DST-AIDS. Porém, toda vez que digo a ela para não esquecer do jeito que eu sou, acabamos discutindo. Ela já me perguntou se não dava para esconder esse jeito de ser, então, eu disse que não dava para esconder, nem para excluir a homossexualidade, porque sou isso, isso faz parte da minha vida.

Recentemente, descobri os motivos pelos quais minha mãe não me aceita. Minha avó reprimiu minha mãe, proibindo-a de sair, de conhecer o mundo, de ter uma vida livre, de poder escolher o que viver. Como faço coisas que ela gostaria de fazer e não fez, repete comigo o que minha avó fez com ela. Também acabou engravidando cedo e teve que casar com um cara que ela não gostava, por causa da família. Então, entendo porque ela é assim. Com a minha irmã foi a mesma coisa. Não podia chegar um minuto atrasada que já era motivo para ficar de castigo durante um mês.

Com relação aos pais das minhas amigas, a maioria deles não sabe a meu respeito. Na época em que eu me descobri, andava com um grupo de meninas bem patricinhas, todas bem femininas. A gente saía, viajávamos todos juntos, reunindo meu pai e os pais delas. Foi um grupo muito gostoso. Os pais que sabiam de mim, sempre me respeitaram. Havia um vínculo e eles me tratavam às vezes até como filha deles, me ajudavam pra caramba nos estudos. Dos outros pais, eu nunca ouvi qualquer recriminação, ou proibição das filhas se relacionarem comigo. Antes que chegue no ouvido deles que sou homossexual, deixo bem claro o que sou, em termos do meu caráter, dos meus objetivos, dos meus anseios quanto aos estudos, à minha vida em geral. Quando descobrem que sou homossexual, não faz tanta diferença assim, pois já me conhecem, sabem como sou.

Nunca parei para pensar sobre quem me inspira para ter força. Às vezes, acabo me inspirando na minha mãe mesmo, porque ela luta pelos seus direitos. Quando houve problemas na creche do meu irmão devido à falta de professores, ela participou de um movimento. Meu pai também ajuda muito os moradores de rua. Acho que vem mais da família. Desde pequena fui aprendendo a importância de parar para se pensar.

Não sigo uma religião. Gosto da filosofia do espiritismo porque, assim como o catolicismo, prega o respeito, a ajuda ao próximo, o dar a cara para bater. A gente aprende

a engolir muita coisa para não criar mais problemas. Mas, não sou uma pessoa religiosa, que tem “aquela” fé. Meu pai brinca que eu sou quase uma atéia, porque eu não gosto de ir à igreja. Ele até parou de insistir para eu ir junto, porque ele sabe que eu não aceito muitas coisas. Li muitos livros sobre a Igreja, e descobri que tudo não passa de manipulação. Quando expliquei isso para ele, se convenceu e acabou me respeitando.

Os jovens da minha geração são muito acomodados. Não é o mesmo jovem do tempo da ditadura, que se expunha e não agüentava ser reprimido. Não são todos, existe uma minoria que luta, como por exemplo, o grupo E-jovem, o Identidade. Mas a maioria, por ter uma vida razoável, não vê sentido em batalhar, em enfrentar as dificuldades.

Esses dias, a gente estava participando de um movimento para tirar o diretor da escola. Tentamos conversar, mas não adiantou, então, fizemos uma manifestação. No primeiro dia, foi aquele oba-oba, mas depois que o negócio começou a ficar sério, a galera sumiu, porque ninguém tem mais aquela coragem de dar a cara a tapa. O mesmo acontece quando ouvimos notícias nos jornais. Achamos natural os assaltos, os roubos. “Ah! Todo mundo rouba. Todo mundo mente”. Acabamos nos acostumando tanto que até os políticos ladrões são re-eleitos para seus cargos.

Participo do grêmio, mas só três pessoas levam o trabalho adiante. Infelizmente, o grêmio vai de mal a pior, porque estou dando prioridade à militância no E-jovem. No ano que vem, espero que o pessoal da escola entre com mais força, porque não tenho perna para ficar lutando sozinha, além disso, as atividades atrapalham muito os estudos, principalmente, neste último ano do Ensino Médio, sem falar da preparação para a faculdade, porque quero fazer Ciências Sociais ou História.

Nas horas vagas gosto de ler, principalmente, livros sobre biografia. Estou procurando “Minha Luta”, do Hitler, pois quero entender o nazismo e o seu poder de persuasão. Um livro que me marcou foi o “Faca de Dois Gumes”, do Fernando Sabino. Foi o primeiro que li, após sair daquela fase das historinhas juvenis. Apesar de não ter condições financeiras para comprar muitos livros, tento ler.

Quanto a filmes, eu gosto de suspense e não aprecio romance. Não tem um filme que me marcou, mas alguns me impressionaram, como: Cazuza, Olga, Espera de um Milagre. São histórias bonitas.

Tenho uma relação um pouco distante com a arte, mas a música sempre esteve presente em minha vida. A música é para mim uma forma de expressão; pode ser qualquer música, até o funk. Quando estou mais sossegada, num momento mais zen, ouço MPB.

Não conheço muito o Movimento Integralista, mas sei quem é Plínio Salgado. Também já ouvi falar que, em São Paulo, os “skinheds” atacaram um casal homossexual, e bateram em alguns negros. Esse tipo de violência só aconteceu comigo uma vez. Eu estava andando com a minha namorada e apareceu um cara com todos aqueles estereótipos, olhando para nós de forma ameaçadora. Fiquei com medo e nos desviamos dele.

Sobre os Emos, as pessoas acham que é uma nova forma de orientação sexual. Penso que é uma nova forma cultural, possibilitando a expressão de um homem mais sensível, não necessariamente *gay*. Conheço vários Emos que não são homossexuais e que ficam muito bravos com essa comparação. O E-jovem fez um encontro Emo lá no shopping D.Pedro, reunindo uma galera de quase trinta pessoas. Os Emos incorporaram um pouco dos punks, dos metaleiros e até das patricinhas, misturando tudo. Eles não têm militância no E-Jovem, mas vários freqüentam o espaço, assim como os roqueiros, os rappers. O E-jovem tem muita diversificação. Um dos nossos coordenadores, por exemplo, é "malaco", isto é, negro, grandão, anda de skate, gosta de rap, tem aquela ginga estereotipada do cara da favela e aí, a gente zoa. Ele não é Emo, é bissexual.

O grupo Identidade também começou assim, percebendo que existe uma diversidade dentro da outra. Assim como nós, eles compreendem que não há só um tipo de homossexual, estereotipado muitas vezes no *gay* másculo, ou no *gay* afeminado. Reunir todas essas pessoas, fazer todos esses projetos é complicado, porque são formas diferentes de cultura, várias formas de criação. No começo, tivemos problemas em nossos encontros devido a rivalidades do tipo: "Ah! Você é *gay*, mas não gosta de *gay* afeminado...". Pouco a pouco fomos mostrando que não existe uma ideologia certa e uma ideologia errada, mas ideologias diferentes. Agora, estamos criando uma certa tolerância entre eles mesmos.

O E-jovem começou com a criação de um site e existe há cinco anos. O Deco é o fundador e agora é o presidente. Pretendemos fazer com que entre os coordenadores sejam escolhidos os orientadores, entre esses, os diretores, e entre esses últimos, o presidente. Acreditamos que dessa forma possa haver renovação de pessoas nos diferentes cargos.

O E-jovem é uma OGN, não recebe verbas e todo trabalho é voluntário. Até o lanche é pago pelos coordenadores. O espaço foi cedido pelo PCdoB, das dezoito às vinte horas, nos dias em que não utilizam a sede, ou seja, aos sábados. Quando trabalhamos com costumização ou com reciclados, iniciamos as atividades às quatorze horas, seguido de discussão temática. As reuniões são planejadas mês a mês, divulgadas no site e também por panfletos distribuídos nos barzinhos freqüentados pela maioria dos adolescentes daqui.

Nas escolas é um pouco complicado, porque não é todo mundo que levanta a bandeira: "Oi! Eu sou homossexual". A gente toma muito cuidado para não "entregar" as pessoas, porque elas podem se reprimir mais ainda. Então, eu espalho para todo mundo que eu trabalho com isso, eu deixo em aberto para o pessoal chegar até mim, ou entrar no site.

Por falar em escola, é difícil ela nos chamar para conversar. Nos contatam somente quando ocorrem problemas sérios de discriminação. Foi o caso da EE Tomaz Alves, em Souza. Uma aluna de lá participava do E-jovem e articulou, com a permissão da diretora, uma reunião. Havia problemas de relacionamento entre alunos e dois professores homossexuais. Reunimos os terceiros anos, exibimos um filme e começamos a conversar.

Geralmente, trabalhamos com filmes como: “Prá que time ele joga?”, dirigido por Markus Ribeiro, da Produtora Três Laranjas, e o “Meu Cachorro *Gay*”, produzido pelo E-jovem. Trata-se de um adolescente que conta a história do seu cachorro *gay*, para falar sobre ele mesmo e de seus conflitos com a família e amigos.

Falar da gente mesmo às vezes é um pouco difícil. Geralmente, no lugar onde a gente vai conversar com os adolescentes, acaba falando mais da própria vida do que do movimento, porque eles têm curiosidade de saber como é a nossa vida. Eu sempre digo que aceitação não é fácil, porque toda hora estamos recebendo, por parte da Igreja, da família, da sociedade, informações estereotipadas, tachando o nosso modo de vida como “errado”.

Eu passei por uma conscientização até que rápida. Sou muito exigente comigo. Hoje, a minha terapia é ficar na minha, fazer o que eu gosto. Se eu ficar parada em casa, começo a ficar mal, por isso trabalho bastante.

Num país como o nosso, até a democracia é difícil de ser aceita. Estamos dando os primeiros passos...

Se eu pensar na imagem que faço de mim mesma, eu diria que estou mais parecida com a água em constante transformação, mudando muito, buscando novos caminhos.

(...) o fruto do espírito é a caridade, o gozo, a paz, a paciência, a benignidade, a bondade, a longanimidade, a mansidão, a fidelidade, a modéstia, a continência, a castidade. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo crucificaram a sua própria carne com os vícios e concupiscências. Se vivemos pelo espírito, conduzamo-nos também pelo Espírito. (...).

Epístola aos Gálatas, cap.5, versículo 22 a 25.

(A.L.W.M.³³, 2007)

Nasci em Campinas, no dia 12 de setembro de 1984.

Passei vários momentos da minha infância na casa de parentes e amigos, pois minha irmã, hoje com 25 anos, nasceu com sérios problemas de saúde e minha mãe teve que se dedicar totalmente aos seus cuidados. Devido à falta de oxigenação no cérebro, o seu desenvolvimento cognitivo foi prejudicado, porém os médicos acreditam que ela ainda possa se recuperar e tornar-se uma pessoa totalmente independente.

Minha mãe entrou para o curso de Ciências Sociais, depois optou por Letras e em seguida por Lingüística, mas não finalizou nenhum desses cursos. Para ela, foi mais importante a opção pela maternidade do que pelos estudos.

³³ A narradora/colaboradora não autorizou gravar a entrevista e nem identificar seu nome, solicitando o emprego das iniciais A.L.W.M.

22 anos

Igreja Internacional da Graça de Deus

www.apontador.com.br

Rua José Paulino 781 – Centro – Campinas

Data da Entrevista: 19/05/07

Duração da Entrevista: 45 min.

Transcrição: 02/06/07.

Meu pai é economista, super dedicado ao trabalho, à família, mas, embora não admita, é alcoólatra. Meu avô, pai dele, também tem problemas com a bebida e, no momento, está bastante debilitado, apresentando um quadro terminal.

Quando criança eu era espírita, depois entrei para o catolicismo por decisão minha, freqüentando essa igreja até os meus 16 anos.

Considero-me uma pessoa alegre, comunicativa, nunca bebi, fumei ou me droguei porém, sempre lutei contra a depressão. Por ser perfeccionista, muito exigente comigo e com os outros, não suporto fracassar. Tirar notas abaixo de nove, ser reprovada em exames, ser vítima da hipocrisia dos outros, me deixavam doente. Lembro-me o quanto foi difícil para mim aceitar a reprovação no vestibular de Medicina. Havia feito o exame, enquanto “treinera”, no segundo ano do Ensino Médio e fiquei em nonagésimo lugar, entre 110 vagas, na Escola Paulista de Medicina. No ano seguinte, estava certa de que iria passar, mas isso não aconteceu e acabei entrando numa depressão profunda. O sonho de ajudar a minha irmã e outras pessoas com problemas semelhantes ao dela se desfez.

Estava tão triste que pensei em acabar com a minha vida, mas de uma forma sutil. Eu sabia que poderia somatizar doenças com o meu próprio pensamento. Foi o que fiz e consegui. À depressão juntou-se um outro problema que atingiu a minha coluna. Passei a sofrer de escoliose e lordose. A minha coluna se transformou num verdadeiro “S”. Sentia muita dor, mas não chorava, apenas me isolava cada vez mais dos outros.

Nessa época, minha mãe e minha irmã já freqüentavam a Igreja Internacional da Graça de Deus, mas, para me ajudar, minha mãe se ofereceu para me levar até à Catedral com o objetivo de pedirmos uma graça.

Fiz o caminho a pé, com muita dificuldade, porém, não consegui chegar à Catedral. Quase em frente à Igreja Internacional da Graça de Deus, eu travei e fui carregada para dentro do salão. Quando entrei, comecei a chorar e um pastor veio conversar comigo. Isso aconteceu em 2003 e desde então nunca mais saí daqui.

A partir do segundo ano do cursinho, passei a rever os meus objetivos e fui me recuperando da depressão. Percebi que poderia ajudar minha irmã e outras pessoas de uma outra forma. Foi nesse momento que a fonoaudiologia se apresentou como uma alternativa em relação à medicina. Um fato reforçou essa opção. Minha irmã fez fono durante muitos anos, mas um dia, após uma sessão, chegou em casa dizendo que nunca mais voltaria a fazê-lo, estava cansada porque não via resultados satisfatórios para o seu caso.

O caminho foi se delineando. Na Igreja, comecei a participar do coral e a trabalhar com jovens através do teatro. Hoje, estou no terceiro ano de fono e envolvida num projeto de iniciação científica, financiado pelo CNPq e que foi apresentado em março de 2007 em Natal (Rio Grande do Norte) no Encontro Internacional de Audiologia. Por meio desse projeto, acompanho crianças de até um ano de idade, de nível sócio-econômico baixo e que ficaram na UTI com problemas que podem levar à surdez não só na infância, como no decorrer de suas vidas. Quero descobrir os fatores que podem provocar atraso no desenvolvimento global da criança. A cada 4 meses, durante um ano, promovo 3 encontros com as famílias dessas crianças com o objetivo de orientá-las de modo que

ajudem a reverter o atraso em que se encontram seja do ponto de vista cognitivo e ou físico.

Faço o Curso Bíblico de Teologia, todos os sábados, das 9 às 12 horas e almejo fazer faculdade na Academia Teológica da Graça de Deus.

Quero seguir a carreira de pesquisa acadêmica na área de fonoaudiologia e viajar pelo mundo pregando a palavra de Deus. Penso em ser missionária, pois acredito no poder da palavra que provém não de mim, mas do Espírito Santo que me conduz. Acredito que estou em missão na Unicamp e que mudarei as coisas com minhas ações. De que adianta falar coisas lindas e não mudar em nada?

Eu não existo sem um caminho espiritual, mas não sou fanática. O fanático não lê, não pensa e julga, mas quem sou eu para julgar alguém? Quando quero ajudar uma pessoa eu não a condeno, não a critico, e me lembro de Jesus que falava por meio de parábolas para ser compreendido. Eu procuro não falar diretamente sobre o que considero errado, apenas ouço e digo a minha opinião sobre o problema sem acusar, ferir ou magoar. É Jesus quem me inspira por sua mansidão e pelo que ele fez em minha vida. Eu não faço nada. Sou movida pelo Espírito Santo.

Infelizmente, os jovens de minha geração estão cegos. Acredito que alguns fatores têm contribuído para isso, como, por exemplo, a falta de estrutura familiar. A classe média, principalmente, não tem valores, princípios e os vínculos afetivos que ela cultivava estão baseados somente em interesses próprios, em um individualismo exacerbado. Também a massificação da sociedade chegou a tal ponto que o jovem não pensa mais. Tanto o capitalismo quanto o socialismo acabaram estimulando a competição que passou a minar todos os ambientes. No ocidente, temos o imperialismo norte americano, um governo que não assina o Tratado de Quioto mesmo sabendo dos perigos que rondam o meio ambiente no mundo.

Acredito no amor, especialmente em amar ao próximo. Como Jesus disse, devemos amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. O mal existe na figura de satanás. Satanás é sinônimo de Lúcifer que significa anjo de luz. Porém, este se revoltou contra Deus e levou consigo a terceira parte de anjos do céu. Vivemos em uma guerra do bem contra o mal, cabendo a nós optar pelas obras de Deus ou de satanás, pelo caminho da vida ou da morte.

Acredito que faço um trabalho político e espiritual. O homem não vive sem política e eu não existo sem trilhar um caminho espiritual. É ignorância imaginar que política é só desorganização, corrupção.

Para mim, a vida é uma arte e tudo que advém dela é perfeito. A arte é pura, imaculada e está associada à santidade porque é fruto do melhor que a pessoa deu de si. Gosto muito de assistir filmes, de ouvir músicas gospel (que adoram a Deus). Como sou muito caseira, assisto a DVDs. Os filmes que mais me marcaram foram: “A festa de Babette”, “Chocolate” e “A paixão de Cristo”. Também gosto muito de ler. Atualmente, estou lendo “Você é o melhor de Deus”, e os livros mais significativos para mim, até o momento, foram: “O mundo de Sofia”, “O pequeno príncipe”, “Bom dia, Espírito Santo” e “Como ser dirigido pelo Espírito de Deus”.

Eu sonho em ver curas, milagres, pessoas sendo feitas de novo, vidas sendo transformadas por Jesus.

Quero terminar deixando uma imagem de mim mesma. Não há montanhas, nem árvores, somente o mar, pegadas humanas na praia, um sol brilhante, mas não muito forte, uma brisa suave e mansa.

Costumo dizer que a minha experiência de vida vem das muitas pessoas que passaram pela minha vida e me apoiaram. Procuro observar bem o que acontece à minha volta para aprender com os erros e acertos das outras pessoas. A minha consciência espiritual eu devo às várias entidades com as quais eu converso. Sempre tive excelentes professores, que foram, antes de tudo, meus amigos. Também recorro à história, aos grandes pensadores para me inspirar.

(André Luis de Moraes³⁴, 2008)

Meu nome é André Luis de Moraes e tenho 21 anos. Sou natural aqui de Campinas. Nasci na antiga Santa Casa.

Por conta de eu ser prematuro, tive sérios problemas de saúde. Ainda bebê, passei por cirurgias na traquéia, cheguei a ter parada cardíaca na mesa de operação. O médico falou para a minha mãe que dificilmente eu sobreviveria. Fiquei muito tempo no hospital.

Minha mãe, que naquela época já era espírita, estava desesperada e recorreu a um médico espírita quando os outros médicos não deram mais esperança. Ele tranquilizou a minha mãe dizendo que eu tinha proteção e que um procedimento cirúrgico, chamado traqueostomia, salvaria a minha vida. Também colocou na mão dela um objeto invisível a

³⁴ Narrador/Colaborador: André Luis de Moraes

21 anos

Associação Ylê Omonibu Axé Beje-Ero (Candomblé: Nação Ketu)

Rua Irmã Dulce 292 – Vila União - Campinas

E.mail: moraesfamilha@hotmail.com

Data da Entrevista 12/05/07

Duração da Entrevista: 1 hora e 15 min.

Transcrição: 19/09/08.

olho nu, recomendando que ela permanecesse com a mão fechada até chegar no hospital. Lá, com a ajuda de uma enfermeira, abriu a incubadora e tocou em mim; imediatamente, eu, que não tinha reação alguma, comecei a fazer pequenos movimentos.

Quando o espiritismo fala em proteção, está se referindo a um espírito de luz. O meu nome vem do meu protetor espiritual, o André Luis. Ele é meu padrinho espiritual.

Apesar dos médicos terem dito que dificilmente eu conseguiria falar, aos cinco anos eu comecei a balbuciar algumas palavras. Minha família descobriu que se não respondesse aos meus gestos, eu tentaria me comunicar com a fala. Deu resultado.

Tenho cinco irmãos, um deles é adotivo. Lá em casa, moram minha mãe e minhas irmãs, Ana, a mais velha, com trinta e dois anos, e Rita, com dezesseis. Os dois irmãos homens são casados. A família é grande. Não moramos com o meu pai. Ele tem filhos de três casamentos, então, tenho muitos irmãos com os quais, aliás, me dou muito bem. Apesar de nossas mães serem de crenças diferentes, espírita, evangélica e católica, convivemos bem. Se o meu pai errou, não sou eu que tenho de cobrar dele alguma coisa. Ele ainda não tem muita responsabilidade pelos seus atos, mas é uma pessoa boa de coração.

Minha mãe sempre foi médium espírita, depois, ficou vinte anos na Umbanda e, há doze anos, por motivo de doença, se iniciou no Candomblé. A Umbanda é uma religião mais brasileira, e o Candomblé veio da África, na época da escravidão, num contexto de proibição. Quando você se inicia no Candomblé, começa uma nova vida. Então, a partir daí, a minha mãe passou por transformações muito dolorosas. Pessoas que militavam com ela na Umbanda deixaram de acompanhá-la nessa mudança, que consideravam muito radical. No Candomblé, nós acreditamos em divindades, isto é, em orixás. Algumas casas de nação Ketu trabalham com caboclo e todas têm Erê, mas o candomblé originário africano só tem orixás e os erês (entidades crianças) e os exus (orixás da comunicação, senhor dos caminhos) são cultuados como orixás, sem manifestações em sessões.

No Brasil, a nossa raiz é a da Mãe Menininha do Gantois uma pessoa historicamente influente em nosso país, sendo respeitada até mesmo na política. Mas, o que pouca gente sabe é que você só fica sabendo de sua raiz pelo pai de santo responsável por sua iniciação. Claro que para nós é um motivo de orgulho, porque a Mãe Menininha foi uma grande Iyalorixá da história do candomblé brasileiro, além de ser uma ótima pessoa, entretanto, não podemos ficar amarrados à imagem dela, pois temos de nos fazer para sermos nós mesmos, de acordo com os nossos esforços.

A nossa raiz, em relação à África, está vinculada à tribo dos Ketu, uma nação que fica no antigo país africano de Ketu, onde é hoje a República do Benin. A nação Ketu usa o Yorubá como linguagem. Em Angola, por exemplo, mucuiu significa benção, que para nós é motumbá. Cada tribo tem a sua raiz. Se formos pesquisar, iremos descobrir que tudo parte da África, onde tudo começou e chegou até a Bahia, depois veio para o Rio e, em seguida, para São Paulo.

Nós temos uma hierarquia no Candomblé. Iniciamos como abian, ou seja, aquele que só frequenta a Casa, não recebe qualquer tipo de obrigação e ainda não passou por um processo de iniciação dentro da religião; o estágio seguinte é o do yawô, período de aprendizagem no candomblé, quando se aprende tudo o que é necessário durante sete

anos de iniciação; finalizado esse período, nos tornamos ebômi. Como ebômis, somente alguns ocuparão o cargo de pais ou mães de santo, ou seja, Babalorixás ou Iyalorixás. “Baba” significa pai; “Iya”, mãe e “lorixá”, santo. Essa decisão será tomada após os sete anos de iniciação, determinada pelos orixás através dos búzios. Eles serão pais ou mães de santo na Casa em que trabalharem, porém, continuarão ebômis na Casa do pai ou da mãe de santo aos quais devem obediência, porque existe aquela idéia, também presente no Candomblé, de que para o pai e para a mãe, o filho nunca cresce.

Os ebômis têm função de ajudar o pai de santo em obrigações mais complexas, nas quais o yawô não tem ainda capacidade de exercer. A ekedi e o ogan são auxiliares sagrados nos rituais, mas não incorporam o espírito, o santo. Ekédi é mulher, ogan é homem. São pessoas com funções diferentes. Eles não têm o dom da mediunidade. Como já nascem iniciados, a mãe de santo e o pai de santo deles precisam confirmar essa iniciação, através de um processo no qual eles ficam confinados no ronkó, ou seja, num quarto de santo localizado na Casa de Candomblé e destinado aos rituais de iniciação, onde cumprem as obrigações que o santo determina, por um período de tempo.

O ogan toca atabaque e essa é uma de suas funções mais importantes. Os atabaques são constituídos de três tambores de tamanho pequeno, médio e grande, que marcam o ritmo e a cadência dos cânticos. São instrumentos de suma importância para o Candomblé porque é através do toque que os orixás irão ouvir as nossas mensagens, incorporar nos médiuns e nos ajudar. O atabaque é considerado como algo vivo. Come comida, dá obrigação e tem um orixá que toma conta dele porque ele precisa estar forte. Se a pessoa não estiver bem, alcoolizada, sem um banho de axé, o ogan da casa, o Babalorixá e a Iyalorixá não autorizam colocar a mão no atabaque, porque ali está a segurança de todas as pessoas incorporadas, qualquer erro pode ser fatal, pode-se até morrer.

Além de tocar atabaque, o ogan também tem o papel de sacrificar animais. Durante o ritual do sacrifício, o sangue é oferecido ao santo juntamente com as partes do animal, portanto ele tem um significado sagrado para o Candomblé, ele é a força que rege a vida.

As ekedis são mulheres que cuidam dos orixás e a função delas é parecida com a do ogan. Também não incorporam divindades e têm por obrigação alimentar o yawô, fazer o seu chá, o seu café; elas são as guardiãs do axé e de todos os orixás da casa por isso são chamadas de mãe. O yawô é tratado como um bebê, porque realmente, nesse estágio, ele volta a ser criança e precisa ser cuidado como alguém que está nascendo. Tanto a ekédi como a médium ebomi ou irmão mais velho podem ser sua mãe (ou pai) criadeira. A ekédi também é o braço direito da mãe de santo, organizando e acompanhando todos os eventos.

Temos também outros cargos ocupados por ogans e ekedis e que estão relacionados a outras ramificações dentro do Candomblé. Por exemplo, a yabassé é a mulher que faz a comida do santo; o pejigan é o ogan de confiança que cuida de tudo. Ele também zela pelo quarto de santo, um altar sagrado. O axogun, que tem como função sacrificar animais para os orixás, tem conhecimentos a respeito de todos os sacrifícios, rituais, rezas, cantigas e maneiras de agradar os orixás.

Toda essa hierarquia tem que ser respeitada. Eu sou filho de santo e ainda não incorporo divindades. A minha função é cantar, rezar, fazer comida de santo para oferecer, auxiliar o pai ou a mãe de santo, ajudar as entidades. Sou abian e passarei para yawô, após um período de iniciação em Salvador, com o meu pai de santo. Teoricamente, estou começando, mas já estou nesta vida há mais de dez anos. Eu não sei muito, ainda sou um bebê na religião.

Sou de Xangô, o orixá da justiça, também conhecido como Deus do raio e do trovão. O elemento dele é fogo e o metal é cobre; o seu dia é quarta-feira; a sua comida é o amalá, feita com quiabo, azeite de dendê e camarão. Se você tem problemas judiciais, estiver envolvido em situações complicadas de justiça para resolver, se você está pedindo a ajuda de Xangô, é melhor estar com a razão, porque se você for injusto, desonesto será cobrado com muito rigor. Ele não admite erros. Não é o meu pai de santo que irá me cobrar, porque desconhece o que faço no meu dia a dia. Às vezes, eu “pasto” muito, porque coisa errada a gente sempre vai fazer, somos seres humanos, mais isso tem um preço. A sua vida está indo muito bem, de repente, começa a andar tudo para trás. Essa é a hora em que devemos pedir ajuda a um guia e perdão ao nosso orixá. O orixá não castiga, ele simplesmente suspende a ajuda que nos dava e isso pode ser fatal.

É no jogo de búzios que sabemos a qual orixá pertencemos, mas minha mãe, por exemplo, tem o dom de saber isso só de olhar para a pessoa. Ela havia dito que eu era de Xangô e o meu pai de santo confirmou pelo jogo. O orixá é o seu anjo da guarda, é o que cuida, o que está com você nos momentos mais difíceis. A função dele é guiar, fornecer alguns parâmetros. Claro que se você não fizer nada, ele não ajudará em nada também.

Quando você é iniciado, você recebe o oruncó, ou seja, o nome do seu santo pelo qual seu pai ou mãe de santo chamará quando precisar. Algumas casas revelam esse nome e passam a chamar a pessoa por ele, mas para alguns axé, como no meu, por exemplo, esse nome é revelado somente na cerimônia de saída. O nome é gritado pelo orixá, mas é tão rápido que geralmente as pessoas acabam não ouvindo direito. Somente a própria pessoa e quem está presente no ritual é que ficam sabendo. O nome de santo é uma proteção para nós. Pronunciado em vão, qualquer pessoa pode ter o domínio de seu orixá.

É importante dizer que irmãos são irmãos na religião, mesmo não tendo nenhuma relação biológica. Eu nunca vou poder ter relações amorosas com irmão de santo. Isso é uma regra do Candomblé. Pai de santo nunca vai poder ter relação com filho de santo. O Candomblé não permite. Aliás, minha mãe carnal, não pode fazer nada por mim, no campo espiritual, mesmo ela sendo um Iyalorixá, uma mãe de santo. Eu tenho que procurar uma outra pessoa para cuidar de mim, pois minha mãe já tem a função de mãe e a força espiritual dela não serve para me ajudar, pois no plano espiritual ela não pode acumular as duas funções. Eu tenho pai de santo que é o mesmo que iniciou a minha mãe e os meus irmãos. O nome dele é Augusto César da Bahia, filho de santo da saudosa Mãe Menininha do Gantois. Sendo assim, ela passa a ser minha irmã de santo. Provavelmente, eu terei uma função ou cargo (ainda não determinado) na casa de minha mãe por eu ser filho dela, ou seja, normalmente, quando a mãe falece quem assume o cargo é um filho carnal ou um parente mais próximo. Kekerê quer dizer pequeno, então, o filho também pode ter o cargo de yakekerê, mãe pequena, ou babakekerê, pai pequeno; é o que acontece na casa da minha mãe onde minha irmã é Yakekerê e o meu irmão é o Babakekerê. No Candomblé,

suas funções são parecidas com as da ekédi e as do ogan; eles são os substitutos eventuais dos Babalorixás ou Iyalorixás, mas na falta de filhos ou parentes próximos qualquer pessoa do axé pode assumir essa função.

É permitido eu me apaixonar por uma das filhas de santo da minha mãe carnal, porque elas não são minhas irmãs de santo. Mesmo assim, eu tenho respeito. Muita gente quebra a regra, e aí dá razão para o povo falar mal do Candomblé. Temos que respeitar um irmão de santo como respeitamos um irmão de sangue. Agora, nada impede de você estar com filhos de santo de uma outra Casa.

Há uma ilusão muito grande sobre o Candomblé, porque as pessoas entram nessa religião para arrumar namorado, para ficar rico, e não é isso. O Candomblé uma religião como outra qualquer. Do mesmo jeito que um católico reza para conseguir uma graça, o evangélico também ora para conseguir essa mesma graça, no Candomblé acontece a mesma coisa. Existem sacrifícios, uma série de regras e hierarquias que devem ser seguidas.

Nós temos trabalhos sociais, filantrópicos. Agora, a nossa luta maior está sendo conseguir comprar um terreno. Queremos montar um salão social, paralelamente ao barracão do Candomblé onde já desenvolvemos oficinas e atividades com as crianças, para realizarmos cursos destinados às pessoas da terceira idade. A nossa missão é resgatar não somente a criança, mas o ser humano em si. Às vezes, as pessoas chegam sem vontade de viver. A nossa obrigação é tentar reanimá-las.

Minha mãe já deu palestras, organizou reuniões para os adultos. Hoje, inclusive, em homenagem ao Dia das Mães, minha mãe está reunida com as mães e os filhos dos freqüentadores da Casa para trabalhar questões de relacionamento, ou seja, como ser uma boa mãe, como ser um bom filho.

Em diferentes épocas realizamos atividades no bairro: gincana, que é realizada na rua; o Papai Noel aparece no Natal, quando arrecadamos brinquedos para distribuir nas comunidades; o Coelhinho, na Páscoa, quando pedimos doação de chocolates, para fabricar em casa. Minha mãe faz questão dela mesma fazer e distribuir para as crianças.

Ela organiza essas campanhas porque foi uma criança que não teve nada disso em sua infância. Com nove anos foi para São Paulo trabalhar em casa de família. Não somos ricos, mas temos uma realidade diferente da que ela viveu. Ela teve que interromper os estudos para sustentar os irmãos e os pais adoentados, mas lutou para que todos os filhos pudessem estudar.

Eu e minha mãe temos um desejo, o de futuramente fazer um abrigo de menores. Qualquer pessoa pode ter um orfanato, mas aqui nós queremos ensinar as crianças a sobreviver na sociedade, que parece linda, bonita, mas nós sabemos que não é bem assim. Todos nós passamos e iremos passar por muitas dificuldades. Para nós, o trabalho espiritual foge um pouco dos parâmetros habituais, porque não nos restringimos aos rituais religiosos.

O que me magoa é o preconceito. Durante um dos nossos eventos, vendemos feijoada para os moradores do bairro. Um rapaz ao verificar no convite o nome yorubá,

uma referência à mitologia do povo ao qual pertence a nação de Ketu, desistiu de fazer sua compra, porque percebeu que tinha algo a ver com o Candomblé.

São pequenas coisas que chegam a nos causar revolta. Será que para sermos reconhecidos socialmente temos que fazer tudo o que a Igreja Católica considera como certo? Batizar, crismar, casar unicamente segundo os seus sacramentos? Não sou contra os outros dogmas, apenas não concordo com a postura de algumas igrejas que não conseguem conviver com as diferenças sociais, religiosas, de orientações sexuais, de cor, de etnia.

Eu faço jornalismo e não é à toa. Gosto de criticar com embasamento, então, procuro conhecer tudo. Se a experiência for boa, eu acrescento à minha bagagem, se não for legal, eu descarto. De modo geral, as pessoas falam mal, antes de conhecer e essa atitude acaba gerando muito preconceito. É muito triste.

Tenho ótimos amigos, com os quais convivi praticamente todo meu tempo de escola. Nesse período, eles não souberam que eu era espírita. Não era vergonha de ser o que sou, mas por estudar num colégio católico achei mais prudente não colocar em risco as amizades que eu tinha. Durante um tempo, eu sofri com o preconceito racial, então, para sobreviver naquele meio, omiti sobre a minha religião, mas também nunca tocávamos nesse assunto, porque se me perguntassem eu não negaria.

Acho que tudo na vida, de certa maneira, envolve a política. Somos regidos por ela. No Candomblé faço um trabalho político. Tenho uma militância política e religiosa. Algumas coisas eu aceito, outras não. Faço críticas ao capitalismo, ao nosso presidente que não seguiu os ideais que pregava antes de ser eleito, não que eu comungasse das mesmas idéias, pois gosto de resolver as coisas no raciocínio e no diálogo, conscientizando as pessoas politicamente. Outra coisa, no Candomblé, se você não tiver uma influência política, não consegue nada, nenhum projeto em benefício da população é aprovado. Para as coisas acontecerem, para ganhar espaço na sociedade, é preciso se envolver politicamente, sem abrir mão dos seus princípios, dos seus ideais. Tem que dar a cara para bater.

Trabalho com arte desde pequeno. Sempre cantei em coral. Com sete anos, já estava num palco de teatro. Uma amiga da minha mãe escrevia textos e elaborava cenas sobre o cotidiano que eram representadas por mim e outras pessoas nos eventos do Centro. A partir daí, passei a me envolver com o movimento cultural da cidade que é muito parecido com o Candomblé por serem parte de uma tradição relegada ao esquecimento. O teatro em Campinas, por exemplo, apesar de contar com atores muito bons, só atrai público grande se tiver “ator global” no elenco

Ninguém percebe o trabalho social, a obrigação social que a cultura tem. Ela resgata o ser humano. Infelizmente, ainda temos alto índice de jovens que roubam, que matam, mas muitos conseguiram ser resgatados com a cultura. Temos jovens atuando no grafite, no *Hip Hop*, no balé, na música, no teatro, no coral. Estão ocupados, aprendendo. Quando o nosso governo, ou seja, quando a nossa sociedade perceber o que a cultura é capaz de fazer, veremos a transformação que irá ocorrer em todos os setores. Se tivermos condições, nós, jovens, criamos possibilidades de mudança.

Na nossa educação temos pouco acesso à cultura. Eu tive a sorte de ter uma mãe que trabalhava na PUCC, com direito a um colégio particular para o filho. As escolas não investem nisso, não levam um Maracatu, um Tambor de Crioula para o aluno conhecer. Eu levei a Tainã para tocar na Festa Junina que organizamos lá no bairro. Apesar da Tainã ser conhecida internacionalmente, em Campinas tem gente que nunca ouviu falar desse grupo. Até a minha própria Associação me criticou por ter feito esse convite, mas, no final, todos adoraram.

Quando olho para os jovens da minha geração, procuro ter uma visão ampla. Existem grupos revolucionários, que têm vontade de vencer, de aprender, de reverter a situação. Porém, se a gente olha por um outro foco, também vemos jovens perdidos pela droga, pela violência. Não posso ficar feliz, achando que todos estão envolvidos com projetos sociais, pois infelizmente não é realidade. Diariamente, lemos nos jornais a respeito de jovens que matam, roubam, mas será que é culpa deles? O que a vida ofereceu para esses jovens? Acredito que eles tenham outras opções, mas somente se mudarmos a realidade. Para isso, é preciso ter mais cultura, investir mais na educação do nosso país.

Temos no Brasil universidades de ponta como a Unicamp e a Usp. Em compensação, existem escolas estaduais e municipais em estado muito precário. Por que o governo não investe na educação básica? Por que prioriza outras coisas? Temem que as pessoas, uma vez informadas, comecem a exigir prestação de contas das autoridades? Acho que preferem nos deixar na ignorância. Quem tem condições de pagar um colégio particular a vida inteira, pagar um cursinho e entrar na UNICAMP, na USP?

O governo implantou em alguns lugares a Escola em Tempo Integral. De manhã, o aluno estuda e à tarde participa de atividades extra-curriculares. Seria maravilhoso se funcionasse. Como essas escolas não estão equipadas, os alunos acabam ficando oito horas dentro de uma sala de aula e o professor tem que fazer milagre para mantê-los ocupados. Sem investimentos nesta área, não solucionaremos os problemas da nossa juventude.

Tive amigos que hoje estão no mundo das drogas. Não existe um ensinamento para eles, não os estimulamos para irem à luta. Então, após várias tentativas frustradas para conseguir um emprego, desanimam e resolvem ganhar dinheiro da maneira mais fácil que é roubando de quem tem, mas os jovens se esquecem que a pessoa que tem suas coisas, trabalha, estuda, luta e não foi fácil para ela ter o que tem. Sei que existe diferença de classes sociais no Brasil, mas essa diferença não é culpa nem do rico e nem do pobre.

Quem me inspira nessa minha luta, na vida religiosa, política, em primeiro lugar, é a minha mãe. Às vezes, ela joga pesado comigo e se justifica dizendo que, antes de partir, precisa me preparar para viver nesse mundo que não é o mar de rosas que parece ser.

Costumo dizer que a minha experiência de vida vem das muitas pessoas que passaram pela minha vida e me apoiaram. Procuro observar bem o que acontece à minha volta para aprender com os erros e acertos das outras pessoas. A minha consciência espiritual eu devo às várias entidades com as quais eu converso. Sempre tive excelentes professores, que foram, antes de tudo, meus amigos. Também recorro à história, aos grandes pensadores para me inspirar.

Quando a gente estuda literatura, até para o jornalista, começa a entender o pensamento de uma sociedade, seja do século passado ou da modernidade. Leio muito Fernando Pessoa e o que acho bacana é como ele lida com os heterônimos. Acredito que o ser humano é isso. Eu sou o André que um dia está chato, noutro, está legal; que um dia está contente, noutro, está triste. Ou seja, somos várias pessoas numa só e o Fernando Pessoa mostra bem isso nas suas obras. Gosto também da Cora Coralina, uma doceira, que foi descoberta com mais idade, mas que é uma excelente escritora. Sua literatura mostra que sofreu muito nessa vida. Também, me chama a atenção escritores que morrem cedo. Para mim, escrever é ir fundo na alma humana e isso às vezes pode ser muito deprimente.

Entre os escritores que me marcaram, eu me lembro de Jorge Amado e da sua obra “Capitães de Areia”. Trata-se da história de jovens que roubam e se drogam. Apesar de ser um livro escrito há tanto tempo atrás, ele é um retrato dos dias de hoje.

Tivemos uma época no Brasil que foi muito triste. Hoje, nós podemos por a boca no trombone, antigamente, tínhamos medo de falar, existia a censura. A letra daquela música “Cálice”, do Chico Buarque de Holanda, retrata bem esse momento. Acho que nós, os jovens da minha geração, não estão sabendo ou talvez podendo aproveitar a luta que o pessoal daquela geração precisou fazer para que a gente pudesse ter essa liberdade de expressão, de comunicação, de opinião. Existem pessoas que até hoje são traumatizadas.

Li também “Sonhos não envelhecem: a História do Clube da Esquina”, do Márcio Borges. Trata dos grandes nomes da MPB e das origens do Clube da Esquina, em Minas Gerais, nos anos 70. Alguns depoimentos, como de Milton Nascimento, são comoventes.

Sobre filmes, eu gosto de todos os estilos. Um filme que me marcou foi: “Mente Brilhante”. Adoro ir ao cinema, e apesar de não ter muito tempo para isso, vou sempre que posso. Às vezes, alugo e vejo em casa. Gosto bastante de filmes antigos, como por exemplo, “Grease – Nos Tempos da Brilhantina”, um musical que fala sobre a juventude dos anos 50.

Uma vez, me disseram que a universidade iria mudar muito a minha cabeça e eu não acreditei, mas hoje eu falo que é verdade. Sou uma pessoa muito mais responsável, não que eu nunca tenha sido, graças a Deus, como eu brinco: “Eu atraso, mas não esqueço”. Tenho uma mente muito mais aberta, com mais consciência não só pela universidade, mas pela minha atuação política e pelo essencial que é a base familiar.

Estou trabalhando numa empresa que hoje é sociedade anônima e tem doze filiais pelo Brasil. Entrei como almoxarife e hoje estou na área administrativa, envolvido com uma programação que exige muita responsabilidade. Para minha cabeça está sendo bom, mas não é o que eu desejo fazer. Creio que é uma fase necessária para o meu aprendizado. A partir do momento em que eu recebo o meu dinheiro, ajudo minha mãe, sei o valor do dinheiro. Antigamente não, tudo parecia tão fácil, porque era a minha mãe que pagava tudo e eu esbanjava. Hoje, tenho consciência de que as coisas não são bem assim. Apesar do cansaço, de chegar todo o dia em casa tarde, isso me dá mais vontade de continuar.

Sou o que sou, tenho o que tenho, vou conseguir o que eu tiver que conseguir, por causa do Candomblé e de várias religiões por onde passei. Hoje, posso dizer que tenho uma formação capaz de explicar, por exemplo, a diferença entre o Candomblé e a Umbanda. Quem já entra direto no Candomblé, não vai conseguir compreender um Chico

Xavier, um Alan Kardec, um Luiz Antônio Gasparetto, uma Zíbia Gasparetto, escritora moderna que escreve muito bem sobre o espiritismo. Leio muito esses autores.

Tudo ajudou para me formar como pessoa, como ser humano. Costumo dizer que nem tudo que é do Candomblé eu aceito, mas, o que é bom para mim, eu seleciono. E na vida tem que ser assim, em tudo. O ser humano não pode aceitar tudo passivamente. Por exemplo, quando me perguntam se o Candomblé faz maldade, eu respondo que depende do pai de santo, da mãe de santo. Apesar de sabermos que o que fazemos de mal volta para a gente, eles não deveriam ter o poder de interferir na vida das pessoas negativamente. Existem algumas Casas que aceitam trabalhos para prejudicar pessoas, mas de que adianta tentar acabar com a vida de alguém, roubar o marido de outra mulher, forçar a barra, fazendo amarração amorosa, sem um sentimento verdadeiro, sem a certeza de que serei feliz? Uma coisa é você ter a pessoa ao seu lado, outra, é ter os sentimentos correspondidos e isso ninguém pode garantir.

Muitos acreditam que um filho pode segurar um casamento. O Papa diz que a união celebrada na Igreja Católica não pode ser desfeita. Particularmente, eu não concordo com essa idéia. Acabou o amor, acabou o casamento. Já discutimos sobre o aborto na escola, na faculdade. Cada um tem um jeito de pensar. Segundo os meus princípios, eu consigo compreender tanto a geração que viveu na época dos Beatles, quanto os jovens e adultos dos tempos atuais. Eu me considero muito moderno. Então, eu vivo em constante mudança. Não sou a favor do aborto, mas existem circunstâncias em que ele é necessário. Uma coisa é ser irresponsável, outra, é engravidar porque sofreu um abuso sexual, embora eu acredite que a mulher deva dar a luz e depois, se não quiser ou não puder criar, entregar a quem queira. Em Portugal, teve um plebiscito e o aborto lá é permitido. Achei legal a resposta do Lula para o Papa, que sugeriu o ensino religioso nas escolas. O nosso presidente colocou que o Estado no Brasil é laico, portanto, a Igreja não pode interferir nas instituições públicas estatais. Eu concordaria com esse tipo de ensino se ele abrangesse todas as religiões.

Outra coisa, o Papa só visitou lugares muito bem preparados para recebê-lo. Os moradores de rua da Praça da Sé, os mendigos da Basílica de Aparecida do Norte foram banidos desses locais. Por que ele não veio ver a Igreja do Jardim São Fernando, por exemplo? Eu não sei se é culpa dele, ou se quiseram mostrar somente o que há de bonito. Jesus viveu na terra, foi filho de carpinteiro, de uma mulher simples. Mas, tem líder de religião que, se bobear, come em prato de ouro, porém, não me refiro a uma religião específica, mas a várias religiões cujos líderes se comportam como o próprio Deus. Não estou criticando, talvez não seja culpa deles, talvez a sociedade imponha para que ele faça isso. Temos essa mania de maquiar a realidade. Vamos nos preocupar com a realidade do Brasil. Se a Igreja Católica está perdendo fiéis, por exemplo, por que ela não repensa suas atitudes em relação aos pobres, aos homossexuais? Muitos deles recorrem ao Candomblé, ao espiritismo, porque lá encontram amparo, recursos para poderem tocar a vida para frente.

Uma imagem que eu faço de mim mesmo é a do rio quando ele vai em busca do mar. Ainda sou um rio que corre, que vai para frente e nunca volta para trás, mas está sempre em busca do mar.

Houve um tempo no qual os jovens estavam comprometidos com os pobres, com a luta pela terra, mas hoje isso ocorre menos por causa desse anti-herói chamado capitalismo que nos impede de olhar para as questões sociais. Se o jovem não olha o social, ele acaba se voltando para si mesmo, excluindo o outro de suas relações.

(Alex de Souza Rossi³⁵, 2007)

Meu nome é Alex de Souza Rossi. Nasci em Penápolis, interior do Estado de São Paulo, há 27 anos. Desde os oito anos, pratico natação, um esporte que sempre gostei. Adoro música popular brasileira, Elis Regina, Milton Nascimento e vários outros. Os meus filmes prediletos são os latinos e os espanhóis do Pedro Almodóvar. O último filme que assisti foi “Volver”. Uma outra coisa que faço com muito prazer é estar entre amigos, em torno de uma mesa, comendo, bebendo e conversando. Meu grupo de amigos é bem heterogêneo, e alguns nem freqüentam a igreja.

Venho da Diocese de Lins, onde eu comecei participando de um grupo pioneiro de Pastoral dos Adolescentes, na Comunidade de São Benedito, em Penápolis, na qual os próprios adolescentes coordenavam as atividades. Aos 14 anos me tornei o primeiro coordenador desta nova pastoral.

Em 1997, com dezessete anos, vim para Campinas fazer Economia na UNICAMP. Posteriormente, fiz mestrado em Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente, também na UNICAMP. Paralelamente a essas atividades continuei com os trabalhos

³⁵ Narrador/Colaborador: Alex de Souza Rossi

27 anos

Assessor da Área Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Campinas

Data da Entrevista: 28/03/07

Duração da Entrevista: 45 min.

Transcrição: 09/08/07.

eclesiais, atuando nos municípios de Indaiatuba e, posteriormente, em Campinas, onde sou membro da Equipe Executiva de Pastoral, assessor da Área Pastoral Juventude e assessor de pastoral na Paróquia Divino Salvador.

A minha motivação está alicerçada na pessoa de Jesus Cristo. Eu não consigo viver o Cristo da fé, sem olhar para o Jesus histórico, o jovem Jesus de Nazaré. Eu acredito no Deus-conosco, Jesus (*Emanuel*), que se fez humano. É este Jesus que me revela o Cristo, Deus da Vida, presente no nosso dia-a-dia, fonte de minha fé.

O grande serviço evangelizador que estimulou seguir Jesus foi a participação na Pastoral da Juventude e nas Missões Populares da Diocese de Lins. Nós íamos até as paróquias, entrávamos nas casas das pessoas e reconhecíamos nelas a presença de Jesus Cristo. Nosso trabalho não era falar da Bíblia e sim escutar as pessoas, conhecer a realidade das mesmas. Dessa forma, nós íamos identificando a práxis de Jesus a partir do caminho percorrido por ele de Nazaré, em Belém, até a crucificação, em Jerusalém, dos que não tinham nada ao centro do poder.

A experiência vivida na Pastoral da Juventude, nas Coordenações Diocesanas de Lins e Campinas, me fez acreditar que Jesus está presente na realidade e que a missão e vocação cristã leiga é estar no mundo da política, da economia, da educação.

Penso que cada qual tem sua vocação. O homem foi criado como fruto do amor de Deus e esse amor me faz lembrar daquela música do Djavan chamada Pétala: “Por ser amor, o amor não cabe em si, transborda, invade e fim”. Ou seja, é um amor tão grande que não se contém em si e explode. Deus criou a mulher e o homem à sua imagem e semelhança para que toda a humanidade fosse feliz e partilhasse dessa felicidade. A vocação fundamental do ser humano é a vida plena e a felicidade, no amor. Diante disso, o homem é chamado para determinada vocação: religiosa, presbiteral ou laical. O leigo, diante do chamado amoroso de Deus, pode ser um professor, um médico, um contador, mas as pressões impostas pelo capitalismo neoliberal não nos deixam responder ao chamado da nossa vocação e optamos, muitas vezes, pela via mais lucrativa, tornando-nos infelizes e, desta forma, negando a vocação fundamental da humanidade.

Desta forma, o homem e a mulher, alicerçados na prática de Jesus Cristo, devem estar inseridos no mundo, santificando-o e santificando-se nele. É o mundo o lócus do cristão leigo e leiga. Uma Igreja que se fecha em si, no templo, não é Igreja de Jesus Cristo, pois ela deve ser instrumento de construção de uma sociedade de justiça e liberdade, sinal da Civilização do Amor – Reino definitivo.

Desde 2004, dou aulas na área de Economia Brasileira, Matemática, Estatística, Finanças Aplicadas, Estratégia Empresarial e Filosofia. Também sou pesquisador no Centro de Estudos Ambientais da UNESP de Rio Claro e a partir das pesquisas que nós desenvolvemos, ministramos os cursos de extensão. Atualmente, eu participo de um programa especial de formação pedagógica para obter licenciatura plena em filosofia.

A teologia sempre esteve presente em minha vida, mas eu também gosto muito da área econômica, filosófica, política e educacional. Acredito que é possível e pertinente conciliar as atividades eclesiais e o trabalho de educador, sobretudo porque o lugar da vocação laical é a sociedade; é ser cristão no mundo.

Quando utilizo em minhas aulas de “Ética e Responsabilidade Social” textos de Marilena Chauí, quando desenvolvo uma monografia sobre a Questão Agrária no Brasil e defendo uma dissertação de mestrado a respeito da Questão Ambiental, essas são escolhas que, para mim, têm a influência muito mais dos referenciais dos valores cristãos do que da academia. A Igreja pode nos nortear, inclusive na academia, a partir de orientações que nos fazem assumir a luta contra a pobreza, as causas da injustiça e da violência, realçando não somente a divindade de Jesus como também a sua opção pelos pobres. Não precisamos ficar falando de Igreja nos lugares que freqüentamos, pois as nossas atitudes são muito mais importantes. Há uma frase que exemplifica isto: “o que a gente faz grita tão alto que nem se escuta o que a gente fala”. É o testemunho que evangeliza.

A respeito da juventude de hoje, eu percebo que o modelo capitalista financeiro forja uma identidade calcada em valores extremamente individualistas que acabam provocando um processo de solidão, explícito por sintomas de depressão entre os jovens. Os jovens estão conectados com todo o mundo, mas sozinhos em seus quartos em frente aos seus computadores. Estamos num tempo não de modernidade, nem de pós-modernidade, mas de uma pós-humanidade, onde as pessoas vivem conectadas, mas sozinhas. Vejo uma juventude que está em busca de algo, mas que não sabe mais o que procura, porque está totalmente sem referenciais.

O anti-herói da juventude é o modelo capitalista que, para mim, não dura muito. A sociedade já passou por vários modelos econômicos e culturais, numa sucessão de progressos, crises, revoluções e, agora, sobretudo, por causa da questão ambiental, acredito que, se quisermos sobreviver, teremos de mudar o nosso estilo de vida.

Por um lado, eu penso que boa parte dessa juventude está aberta a outros modelos, que coloquem o ser humano e Deus no centro das coisas. Ao analisar a realidade dos jovens, vemos que cada vez mais buscam uma espiritualidade, buscam Deus, mas ao mesmo tempo notamos uma aversão da juventude a qualquer institucionalização da religião. É um tempo diferente.

Houve um tempo no qual os jovens estavam comprometidos com os pobres, com a luta pela terra, mas hoje isso ocorre menos por causa desse anti-herói chamado capitalismo que nos impede de olhar para as questões sociais. Se o jovem não olha o social, acaba se voltando para si mesmo, excluindo o outro de suas relações.

Por outro lado, a responsabilidade social empresarial mostra intenções de mudanças, porque o Estado não consegue mais fazer uma política econômica voltada para a população. Então as empresas investem na questão social porque sabem que se nada for feito não haverá consumidor para consumir os seus produtos no futuro. A temática do meio ambiente, por sua vez, tem demonstrado que esse modelo neoliberal está destruindo o planeta e que é preciso buscar novas formas de produção.

A Igreja Católica talvez esteja agora tão preocupada com a juventude que os bispos elaboraram um documento chamado “Evangelização da Juventude”, na tentativa de chegar até os jovens que se distanciaram. Talvez a Igreja esteja perdendo os jovens porque não sabe mais quem são eles e os jovens, por sua vez, não se reconhecem mais na Igreja.

Hoje, eu entendo que os jovens precisam sentir a realidade para depois se comprometer com ela. Ao método da Igreja Latino Americana, fundamentado no “ver, julgar, agir”, eu acrescentaria o sentir. Sentir para mim é vivência. Eu precisei participar, por exemplo, das Missões Populares da Diocese de Lins para olhar a realidade; para ver uma casa de madeira onde todo mundo morava amontoado e, então, me questionar e me sentir motivado para agir. De nada adiantaria ouvir teorias, saber da terrível situação da pobreza brasileira, se eu não visse, não sentisse tudo aquilo. O compromisso com a realidade está diretamente ligado à possibilidade de senti-la. O jovem é atraído pelos grupos nos quais ele se sente útil, responsável por algo.

Penso que uma das palavras mais importante do Vaticano II é “diálogo”. Acredito que o jovem não se sente atraído para estar na Igreja porque esta dialoga pouco com a sociedade, sobretudo com juventude e, desta forma, perde a sua autoridade moral diante dos jovens. Se a igreja não tivesse medo de perder seu poder enquanto instituição, ela poderia levar o Concílio Ecumênico Vaticano II à frente, sendo “discípula e missionária de Jesus Cristo”. Quando a Igreja estava mais próxima da sociedade, envolvida com as comunidades eclesiais de base, ela reunia em torno de si inúmeros fiéis. Hoje, porém, ela parece estar distante da realidade do povo.

Uma questão muito interessante que surgiu agora, depois que o Papa condenou Jon Sobrino³⁶, é sobre a definição de pobreza. O que é o pobre para a Igreja da América Latina? É quem passa fome, tem necessidades e, por ser a pobreza uma questão econômica e social, as comunidades devem se unir para erradicar o sofrimento que ela provoca, não de modo assistencialista, mas denunciando as injustiças que a promovem, para que o povo tenha vida em plenitude. Porém, a Congregação para a Doutrina da Fé, da Cúria Romana, a partir do evento acima citado, parece não aceitar esse conceito de pobre. Para as autoridades que coordenam e organizam o funcionamento da Igreja Católica a pobreza é compreendida em seu sentido metafórico e só existe para aqueles que negam ou não conhecem o espírito de Cristo.

Para finalizar, gostaria de dizer que existe uma imagem muito marcante para mim que expressa e direciona minha vida. É a imagem de uma mesa com pessoas em volta, comendo e bebendo. Inspiro-me na Última Ceia, momento em que Jesus sentou-se em torno de uma mesa e se tornou muito próximo das pessoas que estavam com ele, a ponto de dar sua vida por cada uma delas. “No fim, permanecem três coisas: fé, esperança e amor. A maior delas, porém, é o amor” (1Cor 13).

³⁶ Jon Sobrino, teólogo jesuíta espanhol que vive há muitos anos em El Salvador, foi condenado ao silêncio absoluto pela Congregação Vaticana para a Defesa da Fé, acusado de realçar em suas obras o Jesus histórico e a sua opção pelos pobres das vilas e cidades da Palestina, ao invés de enfatizar a divindade e a transcendência de Cristo.

*Herói é quem rala e faz alguma coisa pelo bem do próximo, sem
receber nada em troca.*

(Carmem Peres Valgas da Silva³⁷, 2007)

Nasci em Campinas, tenho 16 anos, faço o terceiro ano do Curso Técnico em Análises Clínicas no Colégio Politécnico Bento Quirino. Sou monitora de dança de rua no Instituto Vivarte e faço parte do corpo coreográfico da Fanfarra Municipal de Campinas. Comecei a dançar quando eu estava com onze anos, época em que introduziram a dança na escola da prefeitura onde eu estudava, inclusive a minha primeira professora foi a Cláudia, que hoje é coordenadora do Vivarte.

A minha primeira apresentação de dança foi no Castro Mendes, um teatro que abriu as portas para nós desde o começo, quando ainda não existia o Vivarte.

Foi passando o tempo e apareceu a oportunidade de eu conhecer outras pessoas que dançavam e que passaram a fazer parte de outros grupos, assim eu fui me aprimorando, dando aulas em várias escolas, apesar de ser a mais nova entre os monitores.

Eu não tive o dom de ser bailarina, porque não tenho a estrutura corporal que o balé exige, mas depois de um tempo eu fui descobrindo outras modalidades de dança e percebi que a dança de rua é a minha vida.

Quando eu saí da escola onde eu estudava, conheci a professora Livia Cury e juntando com as pessoas da dança que já mantinha contato, inclusive a Claudia, foi criado o InstitutoVivarte que começou a funcionar no final de 2005. Passei a participar

³⁷ Narradora/Colaboradora: Carmem Peres Valgas da Silva
16 anos
Instituto Vivarte
Rua Francisco Teodoro 1050 – Vila Industrial - Campinas
E.mail: carmem_peres_valgas@yahoo.com.br
Data da Entrevista: 09/03/07
Duração da Entrevista: 40 min.
Transcrição: 26/06/07.

ativamente quando viemos para a Vila Industrial, em julho de 2006, porque antes nós ensaiávamos em outra academia.

Juntamente com a Cláudia e alguns monitores tivemos a idéia de montar um instituto que chamasse todas as crianças das escolas públicas de Campinas. Às vezes a criança quer fazer aula de dança, mas a escola onde ela estuda não tem esse projeto, então, começamos a nos organizar e foi assim que eu iniciei no Vivarte, dando aulas de dança de rua para meninos pequenos. A Claudia também conheceu algumas mães que moram no bairro da Vila Industrial e que trouxeram seus filhos. Muitas crianças carentes que vieram fazer aula aqui e ainda vêm, apareciam até mesmo de pé descalço e nós acolhíamos porque tinham vontade de aprender. Com o passar dos meses o número de alunos foi aumentando e surgiu a idéia de fazer um festival, juntando a dança e a fanfarra.

Além de dançar, eu tenho que pensar nas coreografias, na fanfarra. É difícil você querer conciliar tudo, querer abraçar o mundo, fazer parte da igreja, da escola, estudar, fazer prova, e isso acontece na vida de todo mundo que está aqui. Tem que se doar mesmo, mas só consegue se gostar.

O que me move é a vontade de ver que estou fazendo o bem para alguém e para mim mesma, porque a emoção que sinto quando danço é uma coisa que é difícil de explicar. Eu me sinto feliz quando eu estou dançando e muitas vezes sofro para aprender uma coreografia. O que me move é essa alegria que eu tenho de dançar e de estar com essas pessoas porque o clima aqui é muito bom, a organização é muito boa. Apesar de não termos todos os recursos que precisamos, a união é muito grande, tanto da fanfarra, quanto da dança.

Posso dizer também que existe alguém que me inspira e guia a minha vida, esse alguém é Jesus Cristo. Eu me refiro Àquele Jesus que não tem medo de encarar os desafios, que não se julga superior a ninguém, que deseja estar no meio de todo mundo e ajudar no que for preciso. Eu aprendi que além de tudo, Jesus Cristo era um ser humano e como nós somos seres humanos, nós também podemos fazer milagres, o que não precisa ser uma coisa do outro mundo.

Minha mãe, que também me inspira, sempre me ajudou a participar da igreja, mas eu só fui seguir firme na fé depois dos quinze anos. No primeiro ano da escola, eu estava um pouco estressada, então, a igreja e a dança me ajudaram muito. Cheguei a participar de um movimento na igreja chamado Pastoral da Juventude e, nessa ocasião, eu descobri que às vezes nós achamos que as coisas são tão difíceis, mas na verdade não são. A partir do momento em que eu parei para pensar no que eu posso ajudar e no que eu posso ser ajudada, eu resolvi pegar firme na fé.

Também tenho o modelo familiar. Apesar dos meus pais nunca terem dançado, são pessoas que sempre me incentivaram apesar de tudo. Meu pai muitas vezes briga comigo porque não paro em casa, mas eu não gosto de ficar sem fazer nada.

Eu me espelho muito nos meus pais e em quem está no Vivarte, principalmente na Cláudia que já dançou tantos anos da vida dela e que hoje está aqui querendo ajudar os outros. Também posso dizer que a Cláudia é minha heroína porque ela já foi bailarina, se casou e podia muito bem estar em casa, vivendo a vidinha dela sem se preocupar com

nada, mas não, ela sempre nos acompanha em nossas apresentações e ajuda as crianças e os jovens que estão começando agora.

Falando em heróis, quando o Pedro Bial, que apresenta o Big Brother, disse que os personagens da casa eram heróis, eu acho que depende do sentido. São heróis porque deve ser muito difícil você estar num lugar isolado de tudo, sendo filmado a toda hora. Só que também não posso falar que são heróis porque o que está em jogo é um milhão de reais. Herói é quem rala e faz alguma coisa pelo bem do próximo, sem receber nada em troca. Eu acho que se alguém ganha para fazer o bem é legal, mas se for ganhar esse dinheiro para usar em benefício próprio, ficar aparecendo em revistas, televisão, cinema eu acho isso muito fútil.

Hoje em dia, nessa era da informação, a juventude se espelha muito no que vê na televisão, na internet. Se você vê um modelo todo tempo, se você ouve falar todo tempo dessa pessoa, você acaba se inspirando um pouco nela. Também tem muita gente que realmente se importa com o que está acontecendo no mundo, mas o fato de ela apenas se preocupar não, necessariamente, poderá ajudá-la ou a quem estiver por perto. Às vezes os jovens correm muito atrás de algumas coisas que vão fazer bem para ele no momento, mas e depois?

O próprio capitalismo é uma ideologia que está no mundo há tanto tempo, mas não deveria ser seguida. Essa filosofia do ter faz muito mal para uma pessoa, porque ela se preocupa em ter e não em ser, mas não cresce como pessoa. Às vezes, o mundo faz com que o jovem tenha esse espírito de querer estar sempre à frente, porque se ele não chegar na frente, alguém vai chegar e ele vai perder, então, às vezes a culpa não é dele, a culpa é do mundo como está hoje. Acho que é preciso tentar descobrir uma doutrina que o faça conseguir conviver com esse mundo, mas não perder aquela essência de que as pessoas são iguais a você e você não tem que tentar ser melhor que os outros, ter mais que todo mundo.

Se você está na dança, você vê que é igual a todo mundo. Numa coreografia para um concurso, você só vai ganhar uma competição se todos dançarem do mesmo jeito. Tocar também é a mesma coisa. Então, essa união de todos é legal para um jovem hoje em dia, porque ele aprende a se importar com quem está do seu lado. Independente de religião, de cor, de raça, de tamanho, de idade, a gente tem que se ajudar. É essa união que eu vejo muito aqui no Vivarte.

Sobre política, eu acho que hoje em dia estamos todos frustrados. Muitas vezes, o político é eleito e depois de alguns meses descobrimos que ele está roubando, então, o que você faz? Ou vota em branco ou nem liga. A juventude hoje não acredita mais que irá conseguir votar em alguém que mude o mundo, ou pelo menos a cidade em que ela está. Existe também muita preguiça, porque poucas pessoas lêem, analisam a proposta de campanha dos candidatos. Falta um pouco de senso crítico, de interesse em ler sobre política, sobre o que está acontecendo no Brasil, para você analisar o que é viável para cada candidato, porque se ele promete coisas que sabemos impossíveis de serem colocadas em prática, não podemos votar nele, essa pessoa está mentindo.

Acredito que esse senso crítico poderia ser criado através da informação, a partir do momento em que você lê, estuda, convive com as pessoas e troca opiniões.

As escolas podem dar esse senso crítico através da informação, de explicações básicas do que está acontecendo. Não adianta você ensinar só matemática, só biologia e não conseguir, por exemplo, relacionar com a destruição da camada de ozônio.

Eu acho que a escola poderia ajudar um pouco mais. O simples ato de dar um jornal para o aluno ler, criar esse hábito, já ajuda, porém muitas escolas não fazem isso. Hoje em dia assistir a um jornal é muito fácil, mas o que você vê muitas vezes não fica mais na sua cabeça. Mesmo que você seja obrigado a ler, que no início ache chato, depois você acaba acostumando, acaba se tornando um hábito legal. Quando você cria o hábito de ler, fica tudo muito mais fácil, até para estudar.

Eu gosto de ler livro de suspense, adoro ficção, texto científico. Também leio o Correio Popular em casa, mas, para ser sincera, eu não leio muito sobre política. Lendo algumas revistas fui percebendo que elas mostram muito mais o interesse de alguns do que aquilo que realmente nós precisamos saber. Também gosto do Monteiro Lobato, porque passa uma lição de moral para a criança começar a ter noção do que é certo e do que é errado. Existe um livro que li chamado “O Pagador de Promessas” e que conta uma história interessante. Leio e amo a Bíblia.

Adoro assistir filmes. Gosto de filmes de ação, filmes que tenham um cunho moral, que emocionam, que movem para uma coisa boa. Um filme que marcou a minha vida foi “Patch Adams, o amor é contagioso”. Como eu sou da área da saúde, eu prestei muita atenção nele. É história de um homem que estava fazendo a faculdade de medicina, mas o que ele estava aprendendo não coincidia com as suas idéias, porque os pacientes eram considerados como se fossem números e não pessoas. Foi um filme que até hoje mexe muito comigo.

Em relação à carreira que pretendo seguir, eu penso na dança, porém, como não há muito incentivo no Brasil, é difícil você conseguir emprego nessa área que seja permanente e que possibilite sustentar uma família, então, eu quero fazer biologia ou biomedicina, que eu gosto muito. Se eu pudesse, com certeza faria as duas, biologia e dança.

Voltando a falar do Vivarte, eu digo que foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida. Muita gente não tem dinheiro e quer dançar. Então, quem um dia se sentir chamado a ajudar também e achar que pode ajudar, não tanto aqui, mas em qualquer outro lugar, que ajude, porque vai ver o quanto é gratificante.

Se eu tivesse que trazer uma imagem que resuma o que eu sou hoje, eu traria uma foto que eu tenho no meu computador. Foi o dia em que ganhamos o concurso da fanfarra e todos ficaram muito emocionados. Tiramos uma fotografia com a turma toda. Essa imagem mostra que eu não sou sozinha, que as pessoas que eu amo estão ao meu lado e que podemos conviver juntos.

Eu acho que o mundo tem que mudar bastante porque está destruído. O que tem de pior no mundo são os roubos, a matança e nós temos que tirar as crianças da rua, para que elas levem uma vida melhor e tenham um futuro melhor.

(Cintia³⁸, 2007)

Eu sofri muito na minha vida. Quando eu era pequena, fui abandonada pela minha mãe e criada pela minha avó, pelo meu pai, mas não deu certo, então eu voltei para o Brasil.

Sou brasileira, filha de índio. Meu pai é paraguaio. Nasci no Brasil, fui criada no Paraguai, onde fiquei até os 10 anos. Com quase 11 anos, eu vim para o Brasil, direto para Campinas. Aqui eu passei por momentos bem difíceis, porque comecei a me envolver com drogas, via muita briga na minha casa e eu não gostava. Tentei me matar, tomando 25 comprimidos e remédios bem fortes. Fiquei hospitalizada, em coma, durante cinco meses, sem falar, sem me mexer.

Depois que eu saí do coma fui fazer atividades no Craisa³⁹, onde eu conheci a Angélica, coordenadora da TABA. No Craisa eu fazia mosaicos, pinturas, bijuterias e “olho de Deus”.

Eu tenho uma irmãzinha de seis anos, mas não a vejo muito porque ela mora em São Paulo. Também tenho muitos amigos. Aqui na TABA eles são mais novos e eu a mais velha, pois tenho 20 anos.

³⁸ A narradora/colaboradora não autorizou divulgar sua identificação, solicitando o uso do nome fictício “Cintia”.

20 anos

TABA: Espaço de Vivência e Convivência do Adolescente

Rua José Paulino 1389 – Centro - Campinas

www.espacotaba.org.br

Data da Entrevista: 04/06/07

Duração da Entrevista: 15 min.

Transcrição: 14/06/07

³⁹ Centro de Referência e Atenção Integral à Saúde do Adolescente.

Na escola eu vou bem, mas não estou freqüentando porque estou internada no Cândido Ferreira. Terminei a quinta série, no sistema modular, e eu vou à luta porque quando terminar o colegial quero ser professora de criança. Eu sempre quis ser professora, desde pequena, porque cuidava de crianças, gostava e gosto de crianças, não grito com as crianças e não aceito que ninguém judie delas.

Além de ser professora, eu sonho em ter um emprego e uma profissão legal. Penso também que os jovens da minha idade, quando eles ficarem maduros, irão arrumar emprego e estudar.

Gosto de ler histórias, principalmente sobre Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil. Também gosto de assistir filmes de terror porque têm muita ação. Meus esportes favoritos são o vôlei e a ginástica. Embora eu não saiba dançar, curto muito o rap. Meu cantor favorito é o Alexandre Pires porque ele é um “pão” e canta bem.

Existe uma pessoa que eu admiro muito, é a minha madrinha porque ela faz coisas para mim e também me dá bronca quando eu faço coisas erradas.

Quanto à religião, há muito tempo atrás eu fui na Igreja Universal, hoje eu só acredito em Deus.

Eu acho que o mundo tem que mudar bastante porque está destruído. O que tem de pior no mundo são os roubos, a matança e nós temos que tirar as crianças da rua, para que elas levem uma vida melhor e tenham um futuro melhor.

Em relação à política, eu não concordo porque tem muita briga entre políticos e para melhorar a política tem que trabalhar em grupo, resolver em grupo para depois espalhar para o mundo e ajudar as pessoas.

Agora, quando se fala em arte, eu não já não sei o que dizer, mas quando pinto, faço mosaicos, essas atividades tiram de dentro de mim todo o sentimento ruim, o que eu passei na minha vida, o que eu sofri, mas também trazem sentimentos bons e eu fico alegre. Ser carinhosa é a minha melhor qualidade e ser muito birrenta é o meu pior defeito.

Eu não sei desenhar, mas se fosse para falar de um desenho que eu faria de mim, eu desenharia uma menina melhor, educada, respeitosa, bem inteligente. Essa menina estaria vestida de azul.

*A política está sendo um anti-herói para a juventude porque é difícil
você achar um político que seja bom, que ajude, que tenha bom
senso. O que os adultos deveriam ser para os jovens? Um espelho, e
os políticos não são um exemplo para nós.*

(Dayanne Franciane Borges
Arcanjo⁴⁰, 2007)

Estou no COMEC há dois anos e o que motivou a minha vinda para cá foi a condição financeira da minha família. Fiz a prova, a entrevista e logo me interessei pelas atividades que eram desenvolvidas, principalmente pelas oficinas ligadas à educação.

Fiz o curso de informática, de *web*, de oficina de arte, depois, passei pela capacitação e agora estou trabalhando no banco Nossa Caixa. Comecei na área de informática da qual eu gosto muito, mas como estavam precisando de mim no setor de contabilidade fui para essa outra área.

Estou no terceiro ano do Ensino Médio numa escola estadual aqui de Campinas e, de três em três meses, faço cursos profissionalizantes, no momento, por exemplo, estudo contabilidade, hotelaria, turismo, na área de Informática e Métodos de Administração

⁴⁰ Narradora/Colaboradora: Dayanne Franciane Borges Arcanjo

17 anos

COMEC: Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas

Rua Abolição 92 – Ponte Preta – Campinas

www.comec.org.br

E.mail: daya_gatinha14@hotmail.com

Data da Entrevista: 19/04/07

Duração da Entrevista: 50 min.

Transcrição: 18/09/07.

ministrados num Colégio Técnico particular. O COMEC é como um braço direito, me ajudou, me acolheu, mas como sei que ele nos acompanha somente até completarmos dezoito anos, invisto todo o meu salário em cursos e estou adorando isso.

Quem me inspira, me fortalece é a minha família e o mundo de hoje. Um mundo que não deixa a gente parar, porque quem pára fica completamente para trás.

Hoje em dia está tudo difícil, competitivo demais. Sei que logo adiante vou ter de prestar vestibular, que também é concorrido. O mundo é complicado e quem tiver cabeça fraca, usar drogas, fumar, prostituir-se, não conseguirá seguir adiante.

Apesar de todos os problemas que enfrentamos, devido a separações e falta de recursos, meus pais são os grandes heróis da minha vida. Meu pai sempre correu atrás do que queria, adorava ler, estudou bastante, mas parou para ajudar a família. Tentou ser militar, mas não conseguiu. Hoje é segurança de uma empresa onde trabalha há muitos anos, mas nunca pára, está sempre se atualizando. Isso me impulsiona para que eu continue.

Minha mãe parou na oitava série e também deixou de estudar para trabalhar. Hoje, ela está afastada, com problemas de saúde, mas continua cuidando de mim, do meu irmão e das minhas três irmãs.

Além de trabalhar eu adoro assistir filmes de terror, de ação, comédias, romances, Geralmente reúno a galera da escola, do serviço e vamos todos ao cinema, ou para minha casa assistir um vídeo e comer pipoca. No final de semana, eu vou para a igreja, pois sou evangélica e frequento a Igreja de Cristo Pentecostal do Brasil, onde dou aulas na escola dominical para as crianças e aulas de canto e dança de adoração para os jovens.

Eu penso que a religião funciona como uma barreira. Não proíbe nada, apenas dá os termos dos porquês das nossas ações. Viver de drogas, no começo, pode parecer ótimo, mas uma vez viciados os resultados desse nosso ato podem ser terríveis para a nossa saúde. Tudo que você faz tem uma consequência, então eu penso muito antes de agir e procuro não errar, não viver uma vida de mentiras.

Nunca namorei. Tenho duas amigas que são mais jovens que eu e já engravidaram. Acho que isso não vai acontecer comigo, mas como estamos vulneráveis a tudo, pode ser que no meio do caminho eu acabe vacilando, embora acredite que não será tão fácil assim. Minhas irmãs e algumas amigas dizem que eu estou encalhada, porque até meninas de dez anos namoram, têm relações sexuais abertas, têm filhos. Mas, namorar para mim é não depender do sexo para conviver bem com o seu parceiro, é ter carinho e respeito um pelo outro. Quero namorar uma pessoa que caminhe comigo, que faça o mesmo jogo. Se ela ficar um pouco para trás, eu poderei ajudá-la, mas não quero que me faça ficar parada.

Tenho muito medo de magoar as pessoas, então, quando vou dar uma resposta, penso muito antes de falar. Por isso, não suporto pessoas ignorantes que tratam os outros como se fossem objetos. Minha mãe sempre usa essa frase: "Não faça com os outros o que você não quer que façam com você".

Posso dizer que é tão fácil para mim criar vínculo com as pessoas quanto para me decepcionar com elas. O que me decepciona nas pessoas é a falsidade e a ignorância. Talvez uma coisa que não me ajude é que me apego muito facilmente às pessoas.

Quando era menor, fazia balé e pensava que iria ser dançarina. Adoro dançar, mas parei porque fui morar, durante um ano, num condomínio em Hortolândia.

Gostaria de fazer engenharia e já pensei em fazer psicologia também, principalmente porque gosto de lidar com pessoas, porém, fico meio confusa e indecisa. Pretendo fazer um teste vocacional para saber a área para a qual irei me direcionar. Agora, tenho uma professora de história que já foi psicóloga. Ela está pensando em aplicar um questionário para nos ajudar a definir melhor nossas escolhas profissionais. Essa professora é muito legal, porque além de ensinar história ela procura entender os jovens, entrar no lado emocional deles. De acordo com as histórias que ouve, ela conta as histórias dos tempos e, com isso, introduz, no meio do nada, histórias de vida, discutindo com a classe porque a pessoa fez isso, o que ela deveria ter feito, o que ela não deveria ter feito.

Gosto muito da escola, principalmente por causa dos professores, da diretora e da vice-diretora. A diretora é diferente das outras porque ela anda no meio dos jovens, conversa com a gente, está presente na vida dos alunos.

O COMEC me ajuda demais, principalmente, pelo fato de eu ser tímida. Antes, eu não conversava, não perguntava, não questionava, só depois que entrei para o COMEC é que descobri essa minha capacidade de falar, de conversar e, principalmente, de ouvir as pessoas. Os educadores, terapeutas e psicólogos daqui trabalham bastante esse aspecto. Sempre nos diziam que a nossa participação nos ajudaria a conseguir um emprego mais rapidamente, então eu me esforçava ao máximo. Acho que era uma estratégia para nos envolver no trabalho realizado por eles. Eu gosto muito daqui, principalmente, pela forma como somos tratados. Aqui existe respeito e ninguém diz que o seu pensamento está errado, nós dialogamos. É por tudo isso que o COMEC é o meu refúgio.

Primeiro, fui trabalhar no Banco do Brasil, indicada e contratada como terceirizada pelo COMEC. Um vez contratados, ficamos sob supervisão o tempo todo. Atualmente, estou no Banco Nossa Caixa. Todos os jovens que trabalham nesse banco se reúnem no COMEC para conversar sobre suas dúvidas, para aprimorar o que aprendemos. A educadora responsável por nós conversa com os nossos supervisores lá da Nossa Caixa. Ela ajuda a sanar nossas falhas e a compreendermos que estamos ali para trabalhar, aprender e saber tolerar as pessoas, gostando ou não delas.

Quando olho para os jovens da minha geração, acho que eles estão super mal. Conheço muitos adolescentes que já têm uma vida de casal, só que na verdade cada um morando na sua casa. Muitas amigas estão grávidas, outros jovens são viciados, roubam. Antes, balada era um lugar legal para se divertir, mas, hoje em dia, noventa por cento das pessoas que estão ali ingerem drogas, bebem demais, só buscam sexo. Esses adolescentes não são pessoas más, porque ninguém nasceu assim, mas eles apenas não tiveram uma educação, uma chance, ou talvez até tiveram chance, mas não souberam aproveitá-la.

Eu já fui a baladas porque tive curiosidade, mas eu gosto mesmo é de Show Gospel, onde tocam músicas evangélicas do tipo eletrônica, funk, samba, pagode, de adoração. Então, procuro ficar dentro da igreja, porque me afasta dos vícios do mundo, da violência, da prostituição, das drogas, das pessoas que matam por qualquer objeto. Você até pode achar que tem a “cabeça forte”, mas nós, adolescentes, somos facilmente induzidos por

amigos com que convivemos, que até fazem parte da nossa família, da nossa vida e acabamos fazendo o que eles fazem, por amizade, e daí fica meio complicado.

Vamos dizer que o anti-herói da vida do adolescente, hoje em dia, são as drogas, porque ele acha que pode ingerir a droga só para curtir, depois passa a depender dela e cai no vício, na perdição. Tentei convencer alguns amigos para desistirem desse caminho, mas eles não sabem mais viver sem a droga. A gente não pode julgar. Sei que a pessoa escolheu aquilo, mas, se tiver força de vontade, ela tem chances de se recuperar, porque hoje em dia existem clínicas especializadas. Por mais que alguém influencie você, penso que se você correr atrás, consegue o que quer. Por exemplo, quero trabalhar, entrar para o COMEC, fazer uma faculdade, um curso, então, vou forte naquilo e sei que vou conseguir.

Quando eu ouço falar a palavra política, ainda mais hoje em dia, o que me vem à mente é a corrupção, a mentira, a falsidade. Política deveria ser o nosso herói, algo que a gente gostasse, que nos desse segurança, benefícios. Se existissem empregos, haveria mais segurança e tendo segurança as pessoas talvez não ingerissem drogas. A política está sendo um anti-herói para a juventude porque é difícil você achar um político que seja bom, que ajude, que tenha bom senso. O que os adultos deveriam ser para os jovens? Um espelho, e os políticos não são um exemplo para nós. Deveríamos ter um nível muito bom de educação, de conforto, de segurança, mas não temos nada disso. É difícil encontrar coisas boas que os políticos façam para nós, porque eles estão lá para ganhar o dinheiro deles e o resto que se lixe, mas não deveria ser assim. Todo mundo tem o direito de ganhar o seu dinheiro, mas eles só trabalham a favor deles. Eles estão ali para ganhar o povo, para fazer com que todos cresçam, mas só eles querem crescer, só eles querem ter uma vida boa, um nível superior, e a gente fica para trás. Que espécie de pessoas, de jovens eles querem formar a partir disso, sendo eles mesmos corruptos, ladrões? Que autoridade eles têm para exigir que não se roube e nem se mate, se fazem coisas piores, enganando as pessoas? Nós confiamos neles, pagamos os salários deles com nossos impostos, com nossos esforços no serviço, em tudo, e eles não dão o mínimo valor.

Eu luto, eu olho para os políticos e digo: “Eu vou ser melhor, vou fazer melhor. Eles acham que podem, mas eu também posso, fazendo coisas boas, úteis, ajudando as pessoas que estão ao meu lado”. A minha esperança, às vezes anda meio perdida, mas a minha família e o COMEC me impulsionam para que eu não perca a esperança.

A política é uma coisa que eu até gosto, são os políticos que me enojam. Acho que é por causa deles que eu não quero ser igual a eles. Se um dia ocorrer de eu me envolver em política, gostaria, porque é uma área na qual eu poderia ajudar as pessoas que estão na miséria, lá em baixo, e não aquelas que estão lá em cima e não necessitam de nada.

Um livro de auto-ajuda que marcou minha vida, mas do qual não lembro nem o título e nem o autor, contava histórias boas e ruins de pessoas que conseguiam resolver seus problemas. Peguei muitos livros aqui no COMEC, o último foi “O Corpo Fala”, porque eu gosto de observar as pessoas, principalmente, o olhar. Pelo olhar consigo perceber se é hora de parar ou de continuar a falar. Sou muito sensível aos atos e às emoções dos outros. Essa característica me ajuda a trabalhar e a me desenvolver em qualquer área.

Uma coisa que eu queria falar também, é que eu acho a vida um jogo. Quando jogamos dados, podemos conseguir um número alto, ou um número baixo para seguir

adiante. Às vezes você cai em casas erradas, tem atitudes erradas, dá respostas erradas, mas como num tabuleiro bem grande eu tenho que seguir casa por casa, até chegar no fim, que seria a morte e não o casamento, a vinda dos filhos. Essa idéia me acompanha há muito tempo e eu acho que vai me ajudar a responder o que é a vida? Para onde eu vou? O que eu faço? O que devo seguir? Se eu errei ontem, então eu sei que amanhã eu não vou fazer isso, porque eu já errei, eu não vou cair naquela casa novamente, porque eu me dei mal, então, dessa vez eu vou pular. Eu acho que os erros diminuem porque a gente aprende errando. Lógico que nós podemos errar duas vezes no mesmo lugar, mas, a gente aprende. Eu vou por esse caminho, porque eu sei que não vai ser tão escuro, tão difícil.

Se eu tivesse que trazer uma imagem que me descrevesse eu traria pontos de interrogação, porque tenho muitas dúvidas: por que eu faço isso, aquilo? por que eu quero isso? por que não pode aquilo? Com o tempo eu estou esclarecendo essas dúvidas, mas, muitas persistem. Acho que eu traria também uma imagem de uma pessoa adulta porque, apesar de ter muito que aprender ainda, eu me considero como uma adulta, pela vida que eu já vivi. Apesar dos meus pais viverem super bem agora, tivemos uma vida muito difícil quando se separaram várias vezes, pois minha mãe não trabalhava fora e chegamos a passar fome. Eu acho que, hoje em dia, se você não teve uma vida difícil, se você não conviveu com pessoas que tiveram uma vida difícil, você não cresce, não amadurece.

O que me inspira a ter garra, prazer, energia são as pessoas com as quais eu me relaciono. Graças a Deus, tive a oportunidade de estar ao lado tanto de pessoas mais velhas, mais experientes, como mais novas e com as quais eu aprendi muita coisa.

(Fernanda Mendes Pereira⁴¹, 2008)

Meu nome é Fernanda, nasci em Campinas, moro há dezenove anos no mesmo lugar e sou grafiteira. Tenho quatro irmãos. A minha irmã mais velha é bonita, toda certinha, do tipo “intelectual”. A do meio sempre foi moleca. O meu irmão, hoje com quinze anos, aprendeu sozinho a tocar violão e guitarra. Tem uma banda de rock e é uma pessoa admirável. Entre as mulheres, sou a mais nova, sou a “menininha grafiteira”. Trabalho como secretária numa empresa que oferece assistência técnica na área de informática. Terminei o Ensino Médio, faço cursinho e estudo inglês.

Apesar de ser um pouco levada, não tive uma infância tão ativa porque no bairro, onde moro até hoje, não tinha muita criança e minhas irmãs eram todas mais velhas que eu.

Quando completei doze anos, conheci o movimento *Hip Hop* e ele mudou a minha vida, porque antes eu era uma pessoa bem mais tímida, mais estudiosa, bem mais caseira.

Conheci o Movimento através de uma amiga que me apresentou a dois grafiteiros e foi assim que me aproximei do grafite. Todo mundo falava dos meus desenhos e eu ficava “me achando”, até que um desses grafiteiros comentou: “Nossa! Tem o maior jeito! Vou te levar prá ir ver eu fazer grafite, porque é maior legal uma menina...”. Nessa época, não tinha menina grafitando em Campinas.

Quando houve um evento, comemorando o aniversário da cidade, faltou um *graffiteiro* e o organizador olhou para mim e falou: “Então, ‘lança’ aí”. Nesse dia, eu

⁴¹ Narradora/Colaboradora: Fernanda Mendes Pereira

19 anos

Graffiteira – Movimento *Hip Hop* (Campinas)

e.mail: cens_fer@yahoo.com.br; nanda_menper@hotmail.com

Data da Entrevista: 12/05/07

Duração da Entrevista: 60 min.

Transcrição: 02/09/08.

conheci a Érita, uma menina que também desenhava grafites, mas nunca tinha “lançado” também. Resolvemos fazer uma “marca” lá, naquela hora e começamos a pintar juntas. Dessa forma, surgiu a minha primeira marca, “Censuradas”.

Esse codinome foi sugerido por alguns amigos, numa época em que o Facção Central teve uma música censurada porque falava da violência na cidade e da revolta do povo da periferia em relação às pessoas de mais alta renda. Esse assunto nos fez lembrar que, dentro do Movimento *Hip Hop*, as meninas também sofrem algum tipo de censura, então, pensamos nesse nome. Eu me empolguei e lancei a marca “Censuradas”.

É pela marca que você é reconhecida. Hoje, no grafiti, lanço “Nanda” porque existe uma grafiteira também chamada Fernanda e que assina “Fer”.

Nessa época, porém, eu também era um pouquinho censurada dentro da minha casa, porque meus pais não tinham nenhum conhecimento a respeito do grafite e achavam que eu estaria envolvida com pichação. Minha mãe, por exemplo, não queria que eu saísse para fazer grafite e brigava muito comigo.

Conheci vários grafiteiros: Snif, Insônia, Negros, Mesc, um grafiteiro que é “sem palavras”, o Manos, e vários outros. O Almir, principalmente, foi outro paizão. Na verdade, todos eles sempre me ajudaram, me incentivaram a crescer dentro do grafite.

Quando passei para o Ensino Médio, comecei a trabalhar e a namorar.

O meu namorado também era grafiteiro mas, tanto ele quanto eu, éramos ciumentos, então, nós não saíamos para fazer grafite e sim para participar de eventos. Acabei me afastando do grafite, porque era complicado sair de madrugada com quarenta meninos e só eu de menina.

Na verdade, nunca deixei de pintar, de desenhar e sempre tive minha pasta com os meus desenhos. Assim como um escritor escreve o que sente quando está muito triste ou muito feliz, eu desenho e grafito para expressar o que sinto.

Pensando em minha trajetória, em minha evolução dentro do desenho, ela apresenta várias fases da minha vida e, até hoje, quando olho para o que está ali impresso, lembro do que eu estava sentindo, como se fosse um retrato meu naquele momento.

Após três anos de namoro, nós nos separamos e eu pensei em parar de pintar: “Ai! Vou sair dessa vida... vou ser menina de novo...”. Mas, entrou na escola um menino que também grafitava na época, o Jerrinho, uma pessoa excepcional. “Locão de tudo”, eu me identificava muito com ele. Nessa época, mais velha, mais madura, conheci o 16T, o Flavinho, também maravilhoso. Voltei a grafitar. Além disso, com a entrada da Sara, da Cibele, da Miriam no Movimento, os grafiteiros passaram a aceitar mais a participação das meninas.

Quando eu conheci todas essas pessoas foi a melhor fase do meu relacionamento com o *Hip Hop*, porque eu descobri o verdadeiro significado daquilo para mim. Dentro do movimento, do grafiti, fiz amigos eternos, pessoas maravilhosas, que estão comigo, independente do grafiti, de qualquer coisa. O Magrão, o Binho, me ajudaram não só a ser uma grafiteira mas a ser a Fernanda, o que foi essencial para mim. Isso me ajudou muito, porque depois disso eu passei por uma fase meio difícil na vida, fiquei doente, em

depressão e o grafite sempre foi o meu "modo de escape". Até na escola eu estava muito triste, então, sentava, começava a rabiscar, e todo mundo ficava impressionado com os meus desenhos.

O principal, para mim, não é o traço no muro, mas o momento. Ir lá, pintar, colocar a sua idéia, ver toda a magia que aquilo transmite para quem realmente entende a sua arte. Ninguém compra aquele momento de amizade, de humildade, de brincadeira, de "zoar", de ver que existem pessoas com quem você pode contar. É o sol na cabeça, o comer pão com mortadela sentada na sarjeta, são momentos mágicos que nada, nem um milhão de reais para a gente pintar um muro do tamanho de Campinas, pode comprar.

Hoje, o *Hip Hop*, para mim, significa "ideologia". Desde que eu comecei a grafitar sei que o Movimento sempre pregou a igualdade e o respeito acima de tudo. Por isso eu não tenho preconceito contra pichador nem contra ninguém. Todo mundo tem que ter uma chance, tem que ser entendido. Mas, existem pessoas dentro do Movimento que pregam outra ideologia, fazendo do grafite um *hobby* ou um produto de marketing e não uma paixão, então, particularmente, com elas eu não converso.

Cada um pode usar o seu dom da maneira que desejar, mas tem muito grafiteiro que discrimina quem está começando, quem tem um traço que ele não gosta, porém, o grafite é uma arte e ninguém nos deu uma régua estabelecendo tamanho e forma para desenhar, não existe padrão, mas essas pessoas criaram um. Não tem como colocar o que você expressa numa fôrma. Esses grafiteiros começaram o "role" deles ajudados por muita gente que, hoje, eles discriminam, mas, ao ficarem isolados, passaram a tomar uma outra postura em relação às pessoas e isso fez diminuir o preconceito. Não são pessoas ruins, porém, tiveram outra entrada dentro do grafite. Só para dar um exemplo, o maior grafiteiro de Campinas é um cara, tipo... sem ideologia nenhuma. Ele costuma dizer: "Neguinho que começou ontem, não pinta do meu lado". Para pintar com outro grafiteiro, ele pede a última foto do "trampo" realizado para ver se o cara é adequado para ficar do lado dele. Que estrelismo é esse? Ele perdeu de vista a essência do que é o Movimento, então prefiro não grafitar ao lado dele.

Eu acho que o Movimento *Hip Hop*, em Campinas, perdeu o encanto. Na época do Chico Amaral, nós tínhamos um espaço maior e talvez, pelo fato de estar começando, eu encarava o *Hip Hop* com outros olhos. Por exemplo, todo sábado tinha reunião de grafiteiro, encontros com *bboys*, *bgirls*, meninas e meninos treinando, dançando, conversando sobre eventos, expondo idéias. Havia vários espaços dentro da Prefeitura.

Quando o Toninho assumiu o cargo, ele dava muito, mas, muito apoio ao Movimento em Campinas, mas quando ele faleceu, a Izalene não continuou o projeto e fez coisas que não deveriam ser feitas, gerando muita raiva contra ela. Com o Dr. Hélio, o *Hip Hop* foi perdendo mais força, então, muita gente desanimou, porque não tinha mais incentivo, principalmente quando não se é reconhecido, quando se é discriminado na rua.

Nós não queríamos divulgar a "nossa marca" e sim o grafite. Antes, tinha rap na Concha Acústica do Centro de Convivência, vários eventos de *Hip Hop*, batalha de *bboys* na cidade e hoje não tem mais nada disso, então, muita gente que lutava desanimou, foi uma época difícil. Muitos que estão no *Hip Hop* hoje, não sabem o que é o movimento. Tem muita gente que pinta só para buscar reconhecimento, para a "mina" ficar com ele. São

idéias pequenas. Perdeu o sentido, a ideologia, o encanto. Começamos a nos dividir e cada um foi para o seu lado.

A Casa do *Hip Hop* tem potencial para ser muito mais do que é. Quem se destacou tomou o lugar e passou a divulgar o seu trabalho, mas não a filosofia do *Hip Hop*. Revistas, reportagens que a mídia divulga, muitas vezes, não têm nada a ver com a ideologia do Movimento. Nós, do grafite, queremos preservar a ideologia, porque uma coisa não pode existir sem a outra.

Não sei se eu teria capacidade de fazer parte da Casa e de ajudar a organizá-la como era antes. Poderíamos tentar algo novo, ou recriar a UGC: União de Grafiteiros de Campinas, porém vários já tentaram e não conseguiram, porque os próprios grafiteiros não comparecem, não estão mais “nem aí”

Penso que precisamos ter a consciência de que agora nós somos grafiteiros. Não adianta nada você jogar o cara na escola e falar: “Agora, estuda”. Ele não sabe fazer isso. Ela sai na rua, briga com o amigo e dá tiro. É preciso realizar um trabalho para que ele saiba o que está fazendo ali. Do mesmo modo, não adianta falar: “Vamos nos reunir”. As pessoas sentam, olham uma para a cara da outra: “E aí, o que a gente vai conversar”? Nada. Sem a consciência dos próprios grafiteiros não irá acontecer absolutamente nada.

Atualmente, o grafite já está sendo visto de outra forma. As campanhas feitas principalmente em São Paulo, as propagandas que são exibidas na televisão, demonstram que nós começamos a ganhar espaço e que, apesar de ainda haver preconceitos, as pessoas passaram a diferenciar o grafite da pichação.

O que me inspira a ter garra, prazer, energia são as pessoas com as quais eu me relaciono. Graças a Deus, tive a oportunidade de estar ao lado tanto de pessoas mais velhas, mais experientes, como mais novas e com as quais eu aprendi muita coisa. Procuro aprender um pouco de tudo com todo mundo, desde o menininho amigo do meu irmão, mais novo que eu, até o meu patrão

Antes de entrar para o Movimento, vivia no meu mundinho, minha casa, minha escola, meu estudo, minha mãe e meu pai, depois, comecei a analisar a minha vida, a sair para o mundo, a ver as desigualdades existentes e muita coisa me revoltava.

Quando conheci o *Hip Hop*, enxerguei ali tipo...uma oportunidade de expressar, de gritar aquele grito contido de ver tudo aquilo que me revoltava, foi quando entendi a ideologia do movimento: “Pô! É a igualdade!”. É todo mundo olhar tudo com o mesmo olho, é fazer o bem sem olhar a quem, como diz a minha mãe, é unir todo mundo numa mão só.

Todo o meu amor surgiu daí. Você poder ensinar, dar força para as crianças que estão numa escola, passar aquela ideologia através do desenho, é muito bom, é maravilhoso. É isso, na verdade, que me inspira, é poder ensinar um traço, um desenho, uma pintura e ver a satisfação no rosto da pessoa, a alegria das crianças quando fazem um grafite e mostram para nós, esperando um reconhecimento. Fico feliz em proporcionar isso.

Dentro do Movimento *Hip Hop*, além de conhecer muita gente, muitos grafiteiros, muitos lugares dentro e fora de Campinas, fiz amigos eternos, verdadeiros, sinceros.

Evoluímos uns com os outros, gerando uma troca incrível de energia positiva e tudo isso me incentiva, me gratifica. Independente do “trampo” estar escorrido, feio, o que importa é estar com os amigos e ser respeitada pelas idéias, pelo esforço realizado.

Quando eu tive depressão, a pergunta que eu mais me fazia era: "Por que eu existo? Por que, todo dia eu levanto seis horas da manhã, tomo banho, me troco, passo o maior frio, sento no ônibus para ir trabalhar, recebo 'a maior xinga' do meu patrão, depois volto para casa, janto, durmo e vou trabalhar, de novo, no dia seguinte? Eu não via sentido algum em estar nesse mundo.

Felizmente, eu acredito em Deus e creio que Ele tem um plano para todo mundo, então, foi Ele mesmo que “calou a minha boca”. Eu estava triste, saía pelas ruas à noite, chorando feito uma louca, sem me importar com a reação dos outros, até que um dia, olhei para o céu e pedi a Deus que me enviasse um sinal, podia ser uma pedra, um vaso que caísse na minha cabeça, um raio que passasse por mim, qualquer coisa. No dia seguinte, chegando na empresa onde trabalho, abri minha caixa postal e encontrei um *e-mail* do meu chefe, dirigido a mim com a seguinte mensagem "A cada momento triste, acredite em Deus, a cada momento feliz, louve a Deus". Eu não tinha comentado com ninguém, a respeito daquela conversa que tive com Deus na noite anterior, e acreditei que, nesse dia, Ele se manifestou para mim. Na minha vida, sempre acontecem fatos “engraçados”, desse tipo.

Foi um momento, da minha vida, muito difícil, em que eu comecei a prestar atenção nas meninas da minha idade que trabalhavam comigo e freqüentavam a Igreja Evangélica. Na minha família, minha avó é católica, minha mãe, minha tia e minhas irmãs são espíritas. Tecnicamente, sou de Deus, rezo muito, creio no meu anjo da guarda, mas, eu não freqüento nenhuma igreja, porque eu acho que toda casa que fala de Deus é válida. Então, se eu estou me sentindo mal, eu paro numa igreja, seja ela católica, evangélica, espírita, faço uma oração e já era. Nunca encontrei um lugar que me identificasse e considero hipocrisia freqüentá-lo se você não acredita na ideologia que ali se propaga. Sigo o caminho que acho que Deus oferece para mim. Ele me ajuda, então estou feliz assim. Mas, aquelas garotas evangélicas chamavam a minha atenção. Elas não saem de casa para se divertir, vestem-se com aquelas saias longas, usam cabelos compridos e penteados sempre do mesmo jeito, casam-se muito cedo com homens da igreja e que nem sei se elas gostam mesmo deles, e essas garotas mostram-se sempre felizes, então, parei para pensar: “Putá! Meu”? Por que eu também não sou feliz? Será que falta Deus na minha vida?”. Mas, aí eu entendi: elas são felizes porque elas acreditam em tudo que fazem, acreditam que todos os seus atos resultarão em coisas boas. A partir dessa observação, eu passei a procurar o meu caminho. Percebi que é a felicidade de quem está ao meu lado que me deixa feliz. Posso estar triste, mas se começo a trocar idéias com alguém que está bem, eu fico "o maior animada". Foi nesse momento que eu me “curei” da depressão. Embora eu ainda não saiba o sentido da minha vida, eu comecei a acreditar em mim.

Quando o Cazuza canta: “Ideologia, fórmula prá viver”, eu acredito que realmente essa é a fórmula, ter uma ideologia. Se você tem uma ideologia, tem algo em que acreditar, sabe o que quer, então, você tem porque lutar.

Quando olho para os jovens da minha geração, acho que falta ideologia neles. As pessoas estão muito presas a modismos. Quantas garotas arrebentam os pés só porque todo mundo está usando sapato alto de bico fino. Claro que se você vive em sociedade, precisa respeitar certos padrões, mas tem que ter ideologia, a ideologia de aproveitar quem você é, as pessoas que estão ao seu lado para trocar idéias antes de agir. Muitos jovens entram em depressão porque não são respeitados em sua forma de ser.

Com 17 anos, fiquei com anorexia. Emagreci dezesseis quilos em quatro meses e quase morri. Precisei tomar remédios e da ajuda de psicólogos. O grafite me ajudou bastante nessa fase de minha vida, porque me alimentava. Não posso deixar de mencionar também o carinho dos meus amigos que ficaram sempre por perto e me deram muito apoio. Apesar de ser um momento muito difícil, aprendi, evolui muito, tanto pessoal quanto profissionalmente. A “Fer” grafiteira nasceu.

A minha família passou a me aceitar de outra forma, principalmente, a partir do momento em que tive reconhecimento do meu trabalho, tipo, as entrevistas que passei a dar para revistas, pesquisadores das universidades, secretarias da Prefeitura, as remunerações que recebi relativas a alguns trabalhos meus, tudo isso fez com que meus pais compreendessem o valor do grafite para mim. Hoje eles têm orgulho da filha e consideram normal que eu saia às 10 da noite para grafitar. Conquistei tudo isso junto a eles, mas na verdade, eles também evoluíram, porque tem muita coisa que não sabiam, ou que rejeitavam por puro preconceito e hoje posso dizer que aprendemos muito uns com os outros.

Em relação à política, no Brasil, há muita falta de informação. As pessoas fazem as coisas erradas e a gente não tem a menor idéia do que se passa. Aliás, nós nem procuramos saber o que acontece e isso atrapalha tanto a nossa vida pessoal, quanto a coletiva. Não sou uma pessoa muito boa para falar sobre política, mas eu penso que cada um tem que respeitar as leis dos homens, as leis de Deus e também quem a gente é. Quando o povo brasileiro começar a ter ideologia, eu acredito que as coisas irão melhorar não só na política, mas em tudo. Agora, quanto à “política do poder”, isto é, dos poderosos eu acredito que um dia eles irão pagar muito caro por tudo que roubaram dos pobres, porque roubar de pobre é a pior coisa que você faz nesse mundo. Se não pagarem aqui na terra, irão pagar lá em cima.

Quando se fala de partido, de poder, isso, para mim não é política. Acho que a política é nossa ideologia, aquilo que a gente faz, acreditando. Quando o povo começar a ter ideologia, acreditar realmente numa coisa e lutar por ela, eu acho que tudo irá melhorar, mudar. Acontecerá como naquele filme “As formiguinhas” que mostra a importância, a força que tem a união de todos. Mas o povo não se une. Nas favelas, nós vemos os meninos colocarem a culpa na polícia, no governo, mas eles mesmos, muitas vezes, matam um amigo só porque num determinado dia “não vão com a cara dele”. Não se ajudam porque falta solidariedade, ideologia. A situação só vai melhorar, quando o povo perceber que um depende do outro. A juventude não tem idéia disso, não. A grafiteagem, por exemplo, é sim um trabalho político porque pode ajudar o povo, mas algumas pessoas, principalmente, aqui em Campinas, por desconhecerem a ideologia do Movimento *Hip Hop*, fazem um trabalho que eu não considero político, porque são muito individualistas.

Procuro ver o lado bom de tudo, da sociedade que temos hoje e o lado ruim a gente tenta mudar, porque os obstáculos estão aí para serem ultrapassados. Tem muita gente que eu conheço, que é mais velha do que eu, que pensa totalmente diferente, mas eu não insisto porque acho que cada um vai aprender da sua forma. A própria vida nos ensina muitas coisas.

Sou uma pessoa bem eclética. Em termos de literatura, não gosto muito de ler, mas aprecio o Sidney Sheldon, sou viciada nos livros de Paulo Coelho, e um que me marcou foi “As Valquírias”. Um livro perfeito, que li no momento certo e que me ensinou muita coisa boa.

Quanto à música, nas horas vagas, eu ouço um pouco de tudo, freqüento baladas, pagode. O que importa para mim é estar reunida com os amigos. Particularmente, eu só não gosto de dois estilos de som, o funk e o axé porque os caras falam patifarias, “nada a ver”.

Gosto bastante de MPB, de reggae, de *rap*. Só que as letras do rap, hoje em dia, já não são tão boas quanto eram antes. Prefiro os *raps* positivistas da SNJ (Somos Nós a Justiça), porque são uns caras que “mandam muito bem”.

Os Racionais são bons, mas, acho que já virou “carne-de-vaca”. Qualquer playboyzinho que nunca entrou numa favela e que não entende a metade do que os caras cantam, diz que ouve Os Racionais. Eu gosto da ideologia deles, mas, já não são os caras que eu ouço direto. MVBill tem letras legais porque fala da realidade de uma forma bem diferente. Também gosto do Facção Central, apesar de eles serem meio violentos. As meninas do Visão de Rua, “mandavam muito bem”, e agora que a Dina Dee está sozinha, também considero que ela tem uma ideologia muito legal. A Dee aprendeu muita coisa com o *Hip Hop*, e eu, sem conhecê-la pessoalmente, aprendi muita coisa com o seu trabalho.

Prefiro músicas que me deixem feliz, que falem de amor. Teve uma época na minha vida em que eu não acreditava no amor, mas agora acredito. Deus colocou pessoas na minha vida que me fizeram acreditar não no amor carnal apenas, mas no amor maior, dos pais, dos irmãos, dos amigos. Tenho amigos que em dez anos de caminhada comigo nunca deram relaxo e, independentemente dos defeitos deles, ou de alguns terem “dado brecha” comigo, eu sei que num momento de dor eles estarão ao meu lado. Tanto a juventude, como as pessoas de modo geral precisam cuidar do espírito, preencher o vazio, a falta de motivação que existe nelas.

Adoro filmes de terror e suspense, porque eu sempre sei quem é o assassino. Aposto com os meus amigos e nunca me enganei. Quando assisto um filme, me envolvo com ele, é pura adrenalina. Só não gosto de filme que me faz chorar porque choro dias seguidos, no trabalho, na escola, na rua, esteja onde estiver. O último, nesse estilo, que eu vi chamava-se “Amor para recordar”. Aprecio também o cinema nacional.

Não gosto de televisão e só assisto quando estou com insônia, pois sou daquelas que dormem em frente à telinha. Quanto às novelas, só vejo as engraçadas.

Tenho uma tatuagem no corpo, é uma rosa amarela. Agora, quero fazer uma Fênix em toda as minhas costas, porque essa é a imagem que faço de mim. Quando a Fênix está

para morrer, ela pega fogo e renasce das cinzas. Foi isso que aconteceu comigo. Passei por situações muito difíceis, quase morri, mas consegui renascer. A Fênix representa a vida para mim. Hoje, me considero uma pessoa feliz, mas acho que estamos no mundo para lutar eternamente até a gente conseguir o que quer, enquanto tivermos saúde e pernas para andar.

Uma pessoa que tentou construir uma sociedade melhor e que posso considerar como sendo meu ídolo, meu herói, é o Che Guevara. Apesar de sua imagem ter sido bastante desgastada pelos meios de comunicação, nós sabemos que o seu trabalho contribuiu muito, tanto para a área da medicina como da política. Li os relatos de suas viagens e sobre a militância. Não é um grande referencial teórico, porque ele não escreveu muita coisa, mas é alguém que eu admiro, alguém que me inspira. Entre as pessoas vivas é super difícil, não consigo pensar em um nome significativo.

(Fernando Henrique de Albuquerque Maia⁴², 2008)

Meu nome é Fernando Henrique de Albuquerque Maia, tenho vinte e um anos. Minha mãe é de Marília, meu pai de Bauru e eu nasci em Belo Horizonte, onde fiquei até dez meses de vida. Depois, fui morar em Propriá, no interior de Sergipe, permanecendo aí até os quatro anos e meio. Em seguida, fui morar em Salvador, dos quatro até os dezessete anos. Todas essas mudanças aconteceram em função do novo emprego que meu pai conseguiu numa empresa que oferecia salário e condições de trabalho melhores.

Aos dezessete anos, quando passei no vestibular, vim para Campinas. Prestei vestibular e passei na UNICAMP, USP, Marília e Salvador, mas, escolhi UNICAMP.

Morei doze anos na Bahia. Foi uma vivência boa, gosto de lá, mas a minha identificação, enquanto cidade, sempre foi mais com São Paulo. Pelo fato de ter parentes morando em Curitiba, Florianópolis, interior paulista, eu sempre passava as minhas férias nesses lugares. Meus pais continuam morando em Salvador, então, hoje, nas férias eu vou visitá-los, mas para morar prefiro essa região do sul e sudeste.

⁴² Narrador/Colaborador: Fernando Henrique de Albuquerque Maia
21 anos

Identidade – Grupo de Ação pela Cidadania de Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Bissexuais.

www.identidade.org.br

E.mail: fhmaia@gmail.com

Data da Entrevista: 15/05/07

Duração da Entrevista: 30 min.

Transcrição: 12/09/08.

Minha mãe conta que desde os oito anos eu dizia que queria ser médico. Primeiro quis ser sorveteiro e depois médico. Várias outras coisas me passavam pela cabeça, mas medicina era sempre uma constante. Minha mãe tentou me convencer a fazer engenharia, mas eu prestei vestibular para medicina.

Tudo começou com uma vontade de ajudar o outro e a partir daí foi se ampliando a minha visão de medicina. Inicialmente, eu queria fazer algo para ajudar a esclarecer o problema de saúde da minha tia. Quando entrei no curso, quis ser especialista naquela área, depois que eu conheci mais a medicina, passei a me interessar mais pela saúde pública.

É participando dos movimentos populares que a gente aprende a conhecer muitas das mentiras que a mídia vende. Sempre que noticia algo sobre o SUS, mostra aqueles hospitais do Rio, com filas gigantescas, apontando demoras absurdas no atendimento do Pronto Socorro. Porém, pelo menos aqui em Campinas, temos uma experiência muito positiva, uma versão muito melhor do sistema e que não é divulgada. Claro que existem dificuldades, mas temos uma construção de rede básica de saúde, de atendimento à população, que é muito mais acessível.

Entendo que a saúde pública é uma área muito promissora. Gosto do atendimento individual, mas acho que acabo resolvendo apenas um problema pontual, não atingindo as pessoas que estão além do meu alcance. Acredito que é preciso conseguir, cada vez mais, mudanças nas condições de saúde, de vida da população, por isso a minha vontade de atuar mais na macroestrutura.

A ligação de todo meu compromisso com a medicina, a preocupação com o social e com o grupo Identidade começou na faculdade. Eu me envolvi muito com o movimento estudantil, participando de três gestões do DCE, trabalhando com as questões da universidade pública, da educação em geral. Tive vivências com o MST, contatos com outros movimentos sociais aqui de Campinas. O envolvimento com o Identidade começou no início do ano passado, quando consideramos que a prioridade do ano para o Congresso dos estudantes, seria o combate às opressões.

Fiquei responsável por acompanhar a construção do Mês da Diversidade Sexual, representando o DCE nessas reuniões. Construímos aqui na UNICAMP a primeira Parada da Diversidade e criamos o Núcleo da Diversidade. Depois disso eu me identifiquei muito com a concepção do Identidade e me integrei ao grupo.

O Núcleo Diversidade, atualmente composto por cerca de dez pessoas, principalmente estudantes da UNICAMP, está organizando a Parada deste ano, discutindo e militando sobre questões da diversidade sexual aqui dentro da universidade. Somos apoiados pelo DCE e nos reunimos semanalmente.

Acho que eu já me sabia socialista antes, mas foi quando eu comecei a militar no Identidade que passei a entender que não adianta mudar o sistema econômico sem mudar as outras questões que afligem a sociedade, entre elas, a da diversidade sexual.

O objetivo do Identidade é realmente congrega as mais diferentes pessoas. Entendemos que temos que juntar todos, *gays*, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais, se queremos a nossa libertação. Temos uma coordenadoria de mulheres que,

nessa gestão, é ocupada por uma mulher transexual. Temos que unificar a nossa luta, não adianta, por exemplo, os *gays* se emanciparem se as lésbicas também não conseguirem sua libertação.

Tradicionalmente, o movimento GLTTB nacional, em vários locais do Brasil, centra muito o foco nos grupos *gays*. Com o surgimento dos grupos lésbicos, ficou mais evidente a dicotomia entre eles; as outras “letrinhas” foram sendo jogadas no canto. Felizmente, existem no país vários grupos como o Identidade e que de fato são mistos. A nossa vantagem é que temos um número significativo de lésbicas, travestis, transsexuais, bissexuais, atuando dentro do grupo e nas mais diversas funções. Quando dividimos as nove coordenadorias no Identidade, cada uma com um titular e um associado, a gente não faz a proposta de quantos *gays*, lésbicas, transsexuais irão ocupar os dezoito cargos, mas a nossa preocupação é envolver todo mundo que está ali naquele momento.

A nossa grande dificuldade está localizada no trabalho que realizamos junto a alguns grupos, porque neles prevalece uma lógica compartimentalizada. Quando a discussão identitária é valorizada ao extremo, cada um vai pensar na sua bandeira e se esquece de olhar para o todo. Não dá para se pensar numa política pública específica para cada uma das “letrinhas”, ela deve servir para todos, mas o jogo político no Brasil de hoje caminha no caminho das divisões entre as pessoas.

No Identidade, acho legal a forma como a gente trabalha a opressão em relação à sexualidade, porque nós pensamos que é um tipo de opressão ligada às outras opressões. Acho que isso nos diferencia bastante em relação a outros grupos. Aqui em Campinas, tentamos trabalhar com todos os movimentos que representam os setores excluídos da sociedade, seja nas Paradas, nos movimentos de mulheres, de negros, de sindicalistas.

A nossa relação com as lideranças dos movimentos sociais tem sido muito boa, mas a nossa grande dificuldade está nas bases. No ano passado, por exemplo, tivemos grande aceitação nas reuniões em que discutimos a organização da Parada, junto às lideranças sindicais, porém, eles não asseguraram a participação no evento. Chegaram a nos dizer: “A gente apóia, mas é muito difícil conseguir levar um sindicalista na Parada”. Para as bases, estar na Parada significa ser *gay*. A rejeição é de cunho moral, mas continuaremos tentando levar até às bases um debate que suscite as causas desse preconceito.

Não sei muito bem o que me inspira a estar na medicina, nas lutas. Quando eu entrei na faculdade, a minha idéia era ajudar as pessoas. Conhecendo o movimento estudantil, estudando as teorias revolucionárias, eu me identifiquei muito com o socialismo, o marxismo, o leninismo, entendendo que o socialismo não é aquele bicho mau que mata e come as criancinhas, que impede as pessoas de comprar coisas e as obriga a usar sempre as mesmas roupas. Não é esse o cerne do socialismo, como muitas vezes a mídia nos mostra, mas entender que o fundamental é a igualdade entre as pessoas.

Desde o curso de medicina, quando começamos a conhecer o território, fazer as reuniões de saúde pública, percebemos como a desigualdade econômica está enraizada em nosso mundo capitalista. O que me move é o desejo de mudança social porque eu não acredito que seja possível viver numa sociedade onde exista desigualdade.

Uma pessoa que tentou construir uma sociedade melhor e que posso considerar como sendo meu ídolo, meu herói, é o Che Guevara. Apesar de sua imagem ter sido bastante desgastada pelos meios de comunicação, nós sabemos que o seu trabalho contribuiu muito, tanto para a área da medicina como da política. Li os relatos de suas viagens e sobre a militância. Não é um grande referencial teórico, porque ele não escreveu muita coisa, mas é alguém que eu admiro, alguém que me inspira. Entre as pessoas vivas é super difícil, não consigo pensar em um nome significativo.

Eu gosto muito de ler, mas, ultimamente, minha leitura se restringe à bibliografia da medicina. Gosto de Saramago. Um livro que li aos treze anos e que me marcou durante muito tempo foi “O Mundo de Sofia”; me ajudou a pensar mais nas coisas, a tentar entender melhor o que estava à minha volta.

Eu adoro cinema. Gosto muito de Almodóvar. É uma pena que, aqui em Campinas, os filmes bons fiquem restritos ao Jaraguá e ao Paradiso. Um filme recente que eu gostei muito foi Transamérica, de Duncan Tucker. Conta a história de uma transexual, que às vésperas da sua cirurgia de mudança de sexo, descobre que tem um filho.

O contato com os jovens da minha geração foi maior na medicina. Acho que é uma geração muito individualista e fútil. De modo geral, a opção por esse curso é feita para se ter mais status pessoal, ou por se ter o pai médico e a ascensão na carreira passar a ser vista como mais fácil. Mesmo as pessoas que têm boa intenção e querem ajudar os outros fazem análises muito simplistas da realidade. Não entendem ou não querem entender que a sociedade toda está interrelacionada, que não adianta ser bonzinho, dar uma moeda para o pobre no semáforo, ou até mesmo xingá-lo, e não pensar no porque que o pobre está ali.

As causas disso podem ser encontradas no processo histórico. Desde os anos oitenta, as próprias mudanças econômicas valorizaram muito a idéia de que o esforço individual conduz à riqueza. Você observa isso no contato com a Moradia Estudantil, porque lá congrega todos de baixa renda da UNICAMP. Muita gente está ali para se valorizar, para valorizar sua mão de obra, para conseguir um salário melhor e sem se importar com o que está a sua volta. O neoliberalismo dos últimos anos conseguiu construir esse tipo de geração, muito voltada para o empreendedorismo, a produção, o marketing.

Na graduação da medicina, existem exceções, mas, da minha classe, não passam de dez os alunos que dizem querer trabalhar com saúde pública por gostar. O grande propósito da sala é trabalhar no SUS porque é o grande mercado para ocupar depois de formado, até conseguir montar seu consultório ou arrumar um outro emprego mais rendoso.

Minha família é católica, mas meus pais nunca foram de ir à igreja, ou de me obrigar a ir. Fui batizado com dez anos para fazer a Primeira Comunhão. Hoje em dia, não sou adepto de nenhuma seita ou religião, apenas quando minha avó insiste, eu vou com ela para Aparecida do Norte e acendo uma vela. Acredito em algo transcendente, em Deus, mas não consigo explicar muito bem sobre isso. A grande resistência que eu criei em relação à Igreja Católica, aos seus dogmas, à forma como ela trata toda diversidade, me causou um bloqueio tão grande que, nos últimos anos, eu não consigo pensar muito em

religião, em Deus ou coisas assim. Talvez, daqui a um tempo, eu consiga pensar melhor sobre o sentido da religião na minha vida, porém, independentemente de qualquer crença, o mais importante para mim, no meu trabalho, no âmbito pessoal, é entender o outro e não criticá-lo, entender o que o outro está vivendo e tentar lidar com isso.

Quando eu morava em Salvador, eu cantava no coral da escola e do curso de inglês. Eu gosto de cantar e, quando posso, continuo cantando, mas nunca toquei nenhum instrumento. Eu acho que é muito importante valorizar a arte como uma forma alternativa de se chegar até as pessoas, de sensibilizá-las, para mostrar para a elas o que está acontecendo. Muitas vezes a arte na nossa sociedade é usada como forma de distração, de entretenimento, por isso é fundamental nos apropriarmos dela.

No movimento estudantil, no Identidade, sempre nos preocupamos com as formas artísticas de trabalharmos as questões que nos mobilizam. Às vezes, é muito melhor fazer uma esquete de teatro, durante dez minutos, do que ficar três horas falando sobre a opressão que existe na sociedade. Agora, por exemplo, faremos uma discussão sobre a violência sexual contra a mulher que atinge o campus da UNICAMP, principalmente após o caso de alguns estupros ocorridos na Moradia. As meninas da Unicamp inteira estão mobilizadas. Haverá uma mesa redonda e as garotas do Núcleo da Diversidade estão organizando a apresentação de um monólogo que discute a opressão da mulher.

Já sofri muito preconceito por trabalhar com as questões sociais dentro da faculdade. Nesse ambiente, o que mais se desqualifica é qualquer discussão feita no âmbito da política. Colegas e professores associam a pessoa que pensa a política como aquela que “não faz medicina e sim política”. Um dia eu precisei faltar para ir a uma reunião e um professor falou para o meu grupo que eu não estava querendo fazer medicina, mas só política. Com relação específica à militância no Identidade, nunca sofri preconceito. No meu círculo, dentro da medicina, eu não costumo conversar sobre sexualidade, nem debater o assunto. Os outros amigos estão todos envolvidos com o movimento. Eu valorizei muito o movimento estudantil, invisto na militância, mas nunca deixei meu curso de lado, nunca fiquei de exame, nunca estourei o limite de faltas e sempre passei em todas as matérias. Só faltava quando necessário, mas isso era tido como um desrespeito para com o curso.

Não saberia falar a respeito da imagem que faço de mim mesmo. Acho que estou em construção e, também, faz pouco tempo que trabalho com a questão da diversidade sexual. Já saí do movimento estudantil porque eu não tenho mais tempo para participar dele. Estou num momento de transição na minha vida, por isso eu não consigo me definir muito bem, nem pensar numa imagem que me simbolize. Como sou pouco criativo em relação a esses assuntos só posso dizer que me imagino como um “lego” sendo montado.

(...) quando comecei a militar, não falaria em heróis, mas em pessoas lutadoras, tipo Trotsky, Lênin, Che Guevara e em militantes que, no dia a dia, me inspiram, porque eles estão sempre junto comigo e me dão a maior força para continuar. As principais qualidades dessas pessoas seriam o olhar crítico, a coragem de lutar por tudo aquilo em que acreditam. Não se acomodam nunca.

(Giulliane Almeida Brandão⁴³, 2008)

Quando eu nasci, minha mãe escolheu o nome Giulliane. Inspirada em Giulia, nome favorito de uma amiga que morava na França, ela misturou com Giulianna, que é italiano, acrescentando ao final o “ane”, muito utilizado no nordeste.

Minha mãe é de Portugal e meu pai de Arco-Verde, em Pernambucano. Nasci em Arco-Verde e vim para São Paulo com três meses de idade. Até os dez anos morei em Santana de Parnaíba, perto de Osasco em São Paulo, depois fui para Pernambuco e após dois anos, me fixei em Campinas.

Quando minha mãe se separou do meu pai, ela voltou para Pernambuco, onde tinha uma padaria. Depois, ela vendeu o estabelecimento e veio para Campinas e eu fiquei morando aqui. Meu pai, continua residindo em São Paulo.

⁴³ Narradora/Colaboradora: Giulliane Almeida Brandão
17 anos
Movimento Estudantil Secundarista
E.mail: giu.psol@gmail.com
Data da Entrevista: 08/05/07
Duração da Entrevista: 45 min.
Transcrição: 01/09/08.

Na minha infância, eu morava num bairro pequeno, conhecia todo mundo, brincava na rua e tinha muitos amigos.

Em São Paulo estudei em escola pública. Quando estive em Pernambuco, cursei metade da quinta e a sexta série em escola particular, pois lá as escolas públicas são muito ruins. De volta a Campinas, fiz a sétima série no Don João Néri, a oitava no Vicente Rao.

O Ensino Médio, fiz no ETECAP (Escola Técnica Estadual Conselheiro Antônio Prado), onde conheci o Orestes e por causa dele me interessei por história, ele é um grande professor. Literatura, química e geografia eu aprendi porque os professores eram bons, o resto das disciplinas eu não gostava mesmo. Até a oitava série eu adorava matemática e até pensava em fazer alguma coisa relacionada com essa área, depois, eu mudei completamente. Agora, eu quero fazer Ciências Sociais.

O meu pai e meu tio participaram do movimento estudantil em Pernambuco, quando eram mais novos. Eles pertenciam ao PCdoB, sendo o meu tio presidente do partido na Paraíba, até morrer vítima de câncer. Minha mãe foi do PT. Não cheguei a conhecer a militância dos meus pais, porque eu era muito pequena, mas escutava muitos comentários sobre o Lula. Foi por influência deles que virei "lulista". Adorava o PT.

Quando mudei para Pernambuco, o PT já não era tão forte, e os meus pais não militavam mais, apesar de continuarem petistas. Quando o Lula foi eleito presidente, em 2002, fiquei muito feliz. Nessa época, meus pais já haviam se separado.

O Orestes teve grande influência para que eu comesse a militar. Lembro-me dele falando na sua primeira aula: "Olha, eu venho aqui... às vezes eu penso em desistir, não dar mais aula, só que eu sei que tem um ou dois alunos que... fazem eu ter força prá vir até aqui". No segundo ano, participei de uma chapa, entrei no grêmio, e comecei a me envolver no movimento pelo passe livre. Participei das passeatas, das reuniões de mobilização e acabei conhecendo a Alternativa Socialista.

No meu segundo ano, teve CME – Conselho Municipal de Entidades – que preparou o Congresso da UCES, que é a União Campineira dos Estudantes Secundaristas. Passava o dia todo fora de casa, visitando escolas, os grêmios estudantis, conversando com as pessoas. No terceiro ano, o movimento foi esfriando, não havia mais um fato para "correr" atrás. Tentávamos interessar os estudantes para alguns debates, mas não conseguíamos.

Mesmo depois de ter me decepcionado com o PT, ainda continuei um tempo apoiando o partido. Desde pequena, ouvindo meus pais, eu sonhava que o Lula, apesar de nunca se dizer socialista, iria melhorar o país em tudo. Quando eu percebi que ele não correspondia mais aos meus ideais, me filiei ao PSol. Naquela época, em 2006, eu achava que era um boa opção, afinal era um partido novo, cheio de garra, com vontade de construir alguma coisa, mesmo que fosse transitória.

No começo do ano passado, estudava de manhã, fazia cursinho à tarde, mas faltava muito para poder participar das reuniões e atividades relativas à minha militância. Conclusão: acabei não dando conta e fui reprovada no vestibular. Acho que era muito puxado para mim e quando chegava em casa não tinha condições para estudar.

Hoje, eu participo do Projeto Educacional Machado de Assis, na UNICAMP. Não é um cursinho tradicional, mas uma forma alternativa de estudo baseada na filosofia de

Paulo Freire e que tem por objetivo formar estudantes críticos em relação à sociedade em que vivem e não apenas prepará-los para o vestibular. É um projeto que também se articula com outros movimentos sociais, principalmente, na área de educação popular. Quero fazer Ciências Sociais na Unicamp. Continuo estudando e militando.

Quando eu era menor, admirava o Lula. Depois, quando comecei a militar, não falaria em heróis, mas em pessoas lutadoras, tipo Trotsky, Lênin, Che Guevara e em militantes que, no dia a dia, me inspiram, porque eles estão sempre junto comigo e me dão a maior força para continuar. As principais qualidades dessas pessoas seriam o olhar crítico e a coragem de lutar por tudo aquilo em que acreditam. Não se acomodam nunca.

A minha irmã acha que a política é horrível. Ela tem quinze anos, a idade em que comecei a militar, mas sonha ser como os jovens que aparecem nas novelas da televisão. Acredito que os jovens da minha geração são alienados, não por culpa deles. Durante a ditadura militar nós tínhamos um inimigo visível, agora não, porque esse inimigo está bem escondido e não fica claro para os jovens o que está acontecendo. Muitos deles acham que os militantes são "malucos". As letras das músicas que a minha irmã e os amigos dela escutam são machistas, conservadoras, mas eles gostam.

Acho que de tanto ouvirem: "Vocês têm todas as oportunidades", eles acreditam: "Ó, se eu estudar mesmo, eu vou passar no vestibular. Quem não passa, é porque não estudou". Aí, mesmo que você fale para eles: "Mas, não tem vaga prá todo mundo", eles respondem "Mas só quem merece é que vai para a faculdade". São muito competitivos, individualistas. Desde criancinha somos pessoas educadas para casar, ter filhos, trabalhar, e, se possível, "enricar" um dia. Muitos acreditam que, com muito esforço, isso pode acontecer.

Minha irmã e eu tivemos a mesma educação, vivemos dentro da mesma família, só que eu tive mais contato com a política. Por outro lado, ela também nunca mostrou interesse por assuntos que a envolvessem com algum tipo de luta social. A opção por escolas também foi diferente. O ETECAP foi muito importante para mim. Ela preferiu estudar no Aníbal de Freitas, também uma escola estadual, porém, nela os alunos assistem poucas aulas e não têm formação política alguma. É uma bagunça, mas ela prefere assim. Recebemos influências diferentes. Ela até critica as coisas, mas acha que não adianta fazer nada porque as coisas nunca irão melhorar. Tento conversar, porém, não muito, porque ela fica brava, não gosta. Às vezes eu a convido para sair comigo e a resposta é sempre essa: "Eu não! Seus amigos são chatos"; "Eu não vou em nenhuma reunião!". Ela quer ser veterinária.

Certa vez, ela me acompanhou e participou de uma atividade no Sindicato dos Químicos. Aceitou o convite e também levou alguns amigos. Acredito que estivesse mais interessada na piscina e no papo com os amigos do que nas discussões. Mas, foi legal porque um dos seus amigos gostou muito do que viu e falou: "Eu quero montar o grêmio da minha escola...". Quando perguntei a ela se gostaria de participar de algumas das ações que organizamos, ela respondeu: "Não sei. Tenho outra coisa prá fazer...". Sinceramente, não sei o que ela tem para fazer, talvez assistir tv.

Agora, no cursinho, é bem mais complicado participar do movimento estudantil secundarista, pois antes podia atuar diretamente através do grêmio, estar sempre com os

estudantes. Atualmente, milito na Alternativa Socialista, organizando passeatas, indo até as escolas, reunindo-me com os estudantes, dialogando com eles. Apesar de não ser mais estudante em uma escola, há sempre um elo de ligação. De modo geral, fico mais na parte organizativa.

Com prazo até 31 de março ou de abril, não me lembro bem, as escolas que tivessem grêmio receberiam uma verba do governo estadual. Então, alguns diretores correram atrás para montar o grêmio em suas escolas. Mas, são grêmios que, uma vez recebida a verba, irão desaparecer no meio do ano.

A história do grêmio é muito antiga, mas muitos estudantes que participam dele, principalmente os novos que entram, desconhecem, não sabem do que se trata. Em algumas escolas seu único objetivo é arrecadar fundos para realização de festas, então, quando aparece alguém dizendo que grêmio é política, os alunos rejeitam porque política para eles é “chato”, é corrupção, aí fica difícil. Desde quando comecei a militar, só vou a festas na casa de amigos, na Unicamp, em saraus.

Assisto qualquer filme que esteja passando na televisão, mas se eu for buscar um vídeo na locadora, escolherei temas relacionados à política, documentários e alguns filmes de terror.

Um filme que eu assisti há pouco tempo foi o “V de Vingança”. É a história de um homem que quer destruir o parlamento inglês. O filme é bem idealista, é uma simbologia, só que eu achei muito legal porque ele incentiva as pessoas a lutarem.

Acho que não tem um livro que marcou a minha vida. Em relação aos livros indicados para o vestibular, eu gostei muito da Rosa do Povo, do Carlos Drummond de Andrade. Fora isso, eu li livros mais teóricos sobre feminismo, sobre mulheres.

Não tenho religião. Era católica, cheguei a fazer a Primeira Eucaristia. Quando mudei para cá, antes mesmo de militar, não ia mais à igreja, mas ainda me dizia católica. Depois comecei a ter um olhar mais crítico. Como podia dizer que era católica se não fazia nada que um católico praticante faz? Acabei deixando e não faço parte de nenhuma religião. Uma coisa que eu penso bastante, só que às vezes acredito, às vezes não, é sobre a existência de um Deus. Mas, um Deus que controla tudo, ou que criou tudo do nada, não acredito. Ao longo de minha vida, tenho pensado sobre os fundamentos disso tudo.

Quando era pequena fazia jazz, tocava flauta, pintava, mas parei com todas essas atividades artísticas. De vez em quando vou ao Museu de Arte Moderna de Campinas, porque gosto muito de ver os quadros dos grandes mestres da pintura.

A arte reflete muito o momento histórico vivido. Por exemplo, durante a Inconfidência Mineira alguns poetas conseguiram com os seus poemas retratar a importância política do fato. Na Segunda Guerra, Carlos Drummond de Andrade escreveu 55 poemas entre os anos de 1943 e 45, expondo sua indignação com a violência da guerra, uma experiência de horror para a humanidade. As obras dos artistas podem fazer com que as pessoas pensem e intervenham sobre os acontecimentos que envolvem toda a sociedade.

Sobre a minha atuação na Alternativa Socialista, penso que seu programa está muito focado na temática da juventude. Discutindo com o grupo, algumas meninas, alguns

meninos e eu sugerimos debater também sobre o feminismo e sobre a importância do cinema, mas é pouco tempo de reunião, por isso temos que aproveitar ao máximo.

A presença da mulher é maior junto aos grêmios, mas fora isso a participação é bem menor, porque as famílias prendem muito suas filhas. Ficar fora de casa o dia todo, viajar para Congresso com um grupo grande de meninos, gera muita preocupação entre os pais.

Nos espaços de militância também existem formas de opressão da mulher. Na organização de uma festa, por exemplo, algumas vezes, os garotos sugerem que as meninas não paguem os ingressos. Quero entender porque e penso que talvez seja uma estratégia para levarem mais mulheres à festa, não sei. Batemos de frente, mas eles se policiam bastante porque sabem que são machistas. Outras vezes, não percebem que oprimem as mulheres. Numa reunião, uma menina sentou de perna aberta e interpretaram a atitude dela como vulgar, pois “uma mulher não senta daquela forma” e, se o faz, seu único objetivo é provocar os homens. Não foi fácil convencê-los de que mesmo sendo militantes, estão presos a uma educação machista, autoritária em relação às mulheres.

Se estamos em passeata e corremos o risco de ter enfrentamento com a polícia, eles dizem: “Tira... tira ela daqui, ela não pode..., ela vai apanhar, ela vai se machucar... Tira ela daqui”. Não tenho medo da polícia, e sim de me machucar, mas, se estamos todos juntos nessa luta, não tem jeito, vamos nos machucar. Daí o meu interesse pelos fundamentos teóricos e práticos do feminismo; temos um longo caminho à nossa frente até que se acabem todos esses preconceitos.

Em muitos atos, principalmente no momento que estamos vivendo agora, não é necessário enfrentamento com a polícia, mas tem aqueles que vão à frente provocar para apanhar, isso é besteira. Temos que evitar ao máximo o confronto com a polícia, mas de repente você vê uma pedra voando, aí a polícia vem para cima. A nossa recomendação é que não tomemos nenhuma atitude isoladamente, agindo conjuntamente.

Uma imagem que faço de mim mesma é a de uma mão segurando uma rosa. A rosa representaria o socialismo e a mão, o feminismo, a luta das mulheres.

Em relação aos jovens de minha idade, eu penso que eles procuram uma referência que, geralmente, está na moda, portanto essa referência acaba sendo passageira. Há um tempo atrás quem tinha tênis de marca era prestigiado, depois foi o boné e agora é o celular. A moda vai passando e o jovem vai se envolvendo com o mercado consumidor em busca de referências. O modelo a seguir é sempre as vestes, a tatuagem, o piercing usados por aquele cantor, ou aquele jogador de futebol. Seguir a moda é uma forma de “não sobrar”, de não ser tachado de cafona, de não ser uma pessoa frustrada aos olhos do mundo.

(Helder Mengardo⁴⁴, 2007)

Nasci em Campinas, tenho 24 anos e trabalho numa metalúrgica como líder de setor. Sou tímido, reservado, paciente, mas ao mesmo tempo espontâneo e capaz de ter iniciativa. Completei o segundo grau e freqüentei alguns cursos profissionalizantes, mas não cheguei a fazer curso superior.

Meus pais separaram-se quando eu tinha sete anos de idade. Foi uma separação dolorosa. Minha mãe veio da roça, lá do Paraná, não tinha estudo e nunca havia conseguido um emprego, então nós passamos um pouco de necessidade, principalmente na minha infância. Na época, meus amigos usavam roupas, boné, tênis de marca e eu também queria ter essas coisas, mas só pude consegui-las aos treze anos, quando comecei a trabalhar.

Meu primeiro emprego, que só durou uma semana, foi no comércio de cereais, descascando alho. Entrava oito horas da manhã e saía às dez horas da noite. Logo depois, trabalhei, durante um mês e meio, numa fábrica de porcelana. Em seguida, fui para uma fábrica de chaves, permanecendo lá por cinco meses até que, aos quatorze anos, consegui

⁴⁴ Narrador/Colaborador: Helder Mengardo

24 anos

Coordenador do Ministério Jovem da Renovação Carismática Católica da Arquidiocese de Campinas

E.mail: hmengardo_23@yahoo.com.br

Data da Entrevista: 02/04/07

Duração da Entrevista: 50 minutos

Transcrição: 21/07/07.

trabalho numa metalúrgica, onde estou faz dez anos.

Enquanto meus amigos brincavam e estudavam, eu já trabalhava. Sei que perdi muitas coisas, mas em compensação eu tinha uma vida mais independente em relação a deles.

Toda a minha família é católica e minha mãe sempre me incentivou a receber os sacramentos da igreja, mas, como a maioria dos jovens, eu nunca me interessei, pois achava que isto era coisa para beato, rato de sacristia. Na juventude, eu saía bastante, havia muitos atrativos, como por exemplo, o *Hip Hop* com o qual eu me identificava bastante. Eu também freqüentava shows com cinquenta mil pessoas, no Anhembi, em São Paulo. Nessas saídas, às vezes, eu bebia demais.

Aos dezessete anos de idade, eu conheci a Fabiane que hoje é minha namorada. Ela e a mãe freqüentavam a igreja e me incentivaram a fazer um retiro espiritual. Foi nessa caminhada com Deus que se acendeu um chama dentro de mim; eu conheci o menino Jesus. Aquele retiro fez com que eu revisse toda a minha vida e me mostrou que nos momentos mais difíceis eu não estava sozinho, Ele estava comigo.

Nessa época, eu trabalhava durante o dia, estudava à noite e participava da missa aos finais de semana. Com o tempo, passei a fazer amizades dentro da igreja e a me aprofundar mais nos estudos sobre a religião. Se você compra um celular, um som, um rádio e não lê o manual de instrução, não vai saber como esses aparelhos funcionam. No retiro, havia um palestrante que falou muito sobre o quanto a religião católica era maravilhosa e quem procurasse estudar tudo o que ela representa iria ter um conhecimento libertador. A frase bíblica “conhececi a verdade e a verdade vos libertará” é um exemplo desse conhecimento. Como “o caminho se faz caminhando”, nesse meu caminhar eu fui conhecendo a verdade, a pessoa de Jesus Cristo. Fui me libertando, adquirindo conhecimento e iniciando uma história dentro da comunidade.

A coordenadora do Grupo de Oração queria formar um grupo de jovens, então ela me deu a oportunidade de estar à frente da coordenação. A partir desse momento, passei a fazer um trabalho com o grupo de jovens na comunidade da Sagrada Família, localizada na Vila 31 de Março.

Agora, em 2007, eu assumi a coordenação do Ministério Jovem por parte da RCC Renovação Carismática Católica da Arquidiocese de Campinas. Como esse cargo abrange todas as foranias, eu deixei um pouco de lado as atividades que exercia anteriormente porque não dava para fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Nós estamos começando a organizar o Ministério e nosso primeiro evento será no dia quatorze de abril. Trata-se de um show católico de evangelização, chamado de “evangelizashow”, que tem por objetivo reunir jovens da região que simpatizem com o movimento da RCC.

No Ministério Jovem existem duas pessoas que coordenam, eu e mais uma moça chamada Taís. Nosso trabalho, inicialmente, consiste em formar lideranças dentro das comunidades, promover eventos onde os jovens possam ir. Existem cantores católicos, músicas católicas, cristãs com as quais eles se identificam muito. É envolvendo os jovens com os grupos de oração, com a música, o canto e a dança que o Ministério Jovem procura evangelizar e formar outros jovens evangelizadores.

Uma pessoa que sempre me inspirou, principalmente no começo de minha caminhada, é um cantor e compositor católico da comunidade Canção Nova conhecido por Dunga. A jovialidade dele, o jeito de se expressar encantam o jovem. De tanto ouvir as palestras do Dunga eu, sem perceber, comecei a pegar o jeito dele transmitir seu conhecimento, sua afeição aos jovens. Eu me inspiro no Dunga assim como ele também se inspirou no fundador da comunidade Canção Nova, o padre Jonas, então, essas duas pessoas, de quem eu gosto muito, são referências para mim.

Além de trabalhar, de ir à igreja, eu gosto bastante de futebol. De vez em quando eu jogo, mas agora eu não tenho mais tempo. Gosto de cinema, de andar em shopping. Eu não gosto mais de discoteca, porém, dentro da igreja, eu aprecio muito o que nós chamamos de Cristoteca. Fora da igreja, eu não simpatizo muito porque o clima é de “azaração”, estimulando uma sexualidade desregrada, o uso de bebida, de cigarro, às vezes até de drogas e eu incentivo os jovens a caminharem numa outra direção, a se divertirem de outra forma. Aliás, um dos objetivos do Ministério é trabalhar temas como afetividade, sexualidade e outros para que o jovem possa deixar-se conduzir pelo Espírito Santo e desfrutar a vida atual sem exageros.

Quanto a cinema, eu gosto de comédias e de romances. As últimas comédias que assisti foram “As Branquelas” e “Todo mundo em Pânico”. Fora esse gênero de filmes, eu também gostei de ver “A Paixão de Cristo”, de Mel Gibson e “Os Dois Filhos de Francisco”, de Zezé de Camargo.

Quanto à leitura, quase não tenho tempo de ler, mas quando posso leio livros religiosos. O último que li chamava-se “O Caminho se faz Caminhando”.

Em relação aos jovens de minha idade, eu penso que eles procuram uma referência que, geralmente, está na moda, portanto essa referência acaba sendo passageira. Há um tempo atrás quem tinha tênis de marca era prestigiado, depois foi o boné e agora é o celular. A moda vai passando e o jovem vai se envolvendo com o mercado consumidor em busca de referências. O modelo a seguir é sempre as vestes, a tatuagem, o piercing usados por aquele cantor, ou aquele jogador de futebol. Seguir a moda é uma forma de “não sobrar”, de não ser tachado de cafona, de não ser uma pessoa frustrada aos olhos do mundo.

Todo ser humano busca sempre alguém para se espelhar, mas se a pessoa em quem nos espelhamos tiver má índole, acabaremos sendo influenciados por ela. Antes de freqüentar a igreja, eu achava que deveria conquistar várias mulheres para “aumentar o meu currículo”, porque “ter” mulheres, para a maioria dos meus amigos, era sinal de sucesso, então eu procurava imitá-los.

Muitas pessoas acreditam que os ensinamentos da RCC não ajudam a enfrentar os problemas do mundo atual, mas é exatamente o contrário, porque eles amadurecem o homem fazendo com que ele viva de uma forma digna nesse mundo. Um dos trabalhos dos coordenadores, por exemplo, é cativar os jovens, orientá-los para que eles vivam a sua juventude sem se perderem. Procuramos os líderes de cada comunidade e falamos da importância de se manter uma vivência com os jovens pois, como toda pessoa, eles gostam de conversar, de se expressar. Primeiro, é preciso fazer com que eles se sintam interessados em participar para que depois possamos ajudá-los a entender a fé como uma

prioridade, uma razão na vida deles.

Sobre o trabalho da RCC, alguns papas já se manifestaram positivamente. João Paulo II, por exemplo, dizia que a Renovação era a primavera dentro da igreja. Ele sempre dirigia a sua atenção para a juventude. Certa vez afirmou: “O verdadeiro jovem não é aquele de aparência e sim aquele de atitude”. O que me marcou bastante, foi o comentário que ele fez aos jovens que foram visitá-lo no hospital quando já estava bem doente: “Eu fui ao encontro de vocês, agora vocês vêm ao meu encontro”. O Bento, pelo que eu estou acompanhando, acredito que está dando seqüência ao trabalho do João Paulo II, pois visita os pobres e também tem um carinho muito especial pela juventude. A missão do papa não é fácil porque fora Deus, Jesus Cristo, ele é a celebridade mais importante do mundo, nem o Busch é mais conhecido do que o papa, então, tudo que ele faz, um discurso, uma celebração, uma missa, precisa ser muito bem pensado.

Ultimamente, dentro da igreja, nós não misturamos o nosso trabalho com política. Pude observar, nessas últimas eleições, que muitos jovens acompanham a política e, como qualquer pessoa, eles vêem a política de um jeito generalizado, ou seja, eles já sabem que “tudo acaba em pizza”, por isso é difícil se interessar.

A RCC está dividida em ministérios e um deles se chama Mathias, isto é, o Ministério de Fé e Política. Mathias foi o 13º apóstolo, escolhido para ocupar o lugar de Judas, o traidor. Era um grande pregador e talvez por isso tenha sido escolhido para dar nome a um Ministério que prepara o leigo católico, vocacionado para o exercício da vida pública, a vivenciar a fé na política segundo os caminhos de Jesus. Um dos ensinamentos desse Ministério é que precisamos nos conscientizar da importância do nosso voto e do conhecimento que devemos ter do perfil do candidato que merece nossa confiança. Às vezes, muitos políticos, na época de eleição, assistem tudo quanto é tipo de celebração, só para mostrar que são religiosos, então, eles erguem as mãos, batem palmas, mas depois, desaparecem. O objetivo, portanto, não é formar partidos políticos, apoiar ou mesmo realizar campanhas eleitorais, mas alertar o candidato para o compromisso com o Reino de Deus.

Sobre violência, a RCC conversa muito a respeito. Estamos planejando realizar uma tarde de esportes radicais, estando mais perto dos jovens que são excluídos pela sociedade e incentivando-os a deixar de lado, pelo menos por um instante, aqueles atos de violência. Como nós fazemos encontros em muitas comunidades, levaremos um convite para os jovens da periferia para eles participarem conosco também.

Considero que o nosso mandato à frente do Ministério Jovem está em fase de amadurecimento e a cada dia ele floresce mais. Os jovens necessitam de atrativos bons, para se espelharem. Os pais, por sua vez, precisam incentivar os filhos, porque são uma referência para eles. Se o exemplo dado dentro das casas dos jovens não for bom, eles saem para as ruas expressando toda a sua revolta, sua rebeldia e se refugiam em modismos passageiros, às vezes até mesmo perigosos, colocando suas vidas em risco.

A imagem que eu traria para resumir o que sou hoje está expressa numa camiseta da banda católica Anjos de Resgate. Nela encontramos a frase “Meu Deus, Meu Tudo, Santo é o Teu sangue” e gotas vermelhas que se espalham pelo tecido, representando a consumação do próprio Deus, entregando o seu sangue para nos salvar. Ao beber o Teu

sangue, a Luz Verdadeira me ilumina.

Ninguém me inspira, não tenho heróis... Sei que, aconteça o que acontecer, tenho de batalhar muito para continuar dançando.

(Henrique Ramos da Silva⁴⁵, 2007)

Meu nome é Henrique, tenho 17 anos. Minha mãe é de Leme e meu pai de Araras. Assim que se casaram, vieram para Campinas e tiveram três filhos. A minha irmã mais velha está com dezenove anos e a outra, com sete. Até os meus oito anos, eu e minha irmã mais velha crescemos juntos, éramos muito unidos.

Sempre fui muito quieto, caseiro, gostava de desenhar, de escrever, de ler. Quando era pequeno, minha mãe lia para mim contos de fadas e muitas histórias.

Comecei a freqüentar a escola com seis anos. Sempre gostei de estudar, mas, nunca tive muitos amigos, apesar de falar bastante.

Na quinta ou sexta série, não me lembro bem, tinha um grande amigo, e a mãe dele queria que o filho conhecesse o projeto “Formação de Meninos Bailarinos Atores”, hoje conhecido como ABAMBA: Associação dos Benfeitores e Amigos de Meninos Bailarinos Atores. Fui junto com ele, porém somente eu entrei e continuei. Tinha doze anos.

Lembro-me que eu só gostava das aulas de artes, porque havia desenho com máscaras e eu adorava. Aí, de repente, comecei também a gostar muito das aulas de história da dança. O Beto passava vídeos de balé russo, com aquele cenário lindo, aquelas mulheres maravilhosas dançando, eu sonhava com aquilo e acabei gostando do balé.

⁴⁵ Narrador/Colaborador: Henrique Ramos da Silva

17 anos

ABAMBA: Associação dos Benfeitores e Amigos de Meninos Bailarinos Atores

Rua Rodrigo Ribeiro 80 – Real Parque – Campinas

www.abamba.org.br

e.mail: rique_ramossilva@yahoo.com.br ou riquelegiao@hotmail.com

Data da Entrevista: 23/05/07

Duração da Entrevista: 50 min.

Transcrição: 27/12/07

Dançar para mim é quase tudo, praticamente, é o sentindo da minha vida, é um modo que encontro para dizer o que sinto com o meu corpo e é no palco que ele se expressa. A primeira vez que entrei num palco, numa apresentação bem pequena, ouvi a minha irmãzinha e um primo gritando meu nome. Naquele dia, estava muito nervoso, mas, quando percebi, já estava dançando, totalmente envolvido e aí não quis parar mais.

Quanto aos exercícios, à disciplina, tem dia que você não está “com saco” para fazer a aula, mas na maioria das vezes eu gosto. Treino aproximadamente quatro horas por dia. Como aqui é voltado para bailarinos profissionais, tem que ter muita disciplina, para manter o corpo, exercitando-o diariamente. Você não pode parar e depois voltar, porque o corpo é o nosso instrumento de trabalho. A gente tem que cuidar muito bem dele, alimentando-se adequadamente, dormindo cedo.

Eu era gordo e este também foi um dos motivos pelos quais entrei na ABAMBA. Assistia televisão o dia inteiro e acabei engordando. À medida que fui me exercitando, que fui crescendo, cheguei num determinado peso e consegui mantê-lo até hoje.

Quanto à maneira da minha família lidar com esse meu lado dedicado à dança, posso dizer que eles gostam muito, porém, desde criança, eles tentaram me convencer a fazer um curso no SENAI porque se o balé não der futuro, terei uma outra profissão. Meu pai é mecânico de usinagem e o SENAI, de certa forma, dá sim uma profissão, e é bem reconhecido. Então, fui fazer mecânica. Nada a ver, e apesar de ter feito uma prova horrível acabei passando em primeiro lugar. Que raiva que me deu! Agora estou lá, fazer o quê? De manhã, faço o SENAI, à tarde vou para ABAMBA e à noite estudo. É um pouco cansativo, mas não interfere tanto com a dança e aí meus pais me deixam em paz por um tempo.

O bom no SENAI é que tem matemática, português e ciências, matérias super puxadas. Tem uma biblioteca enorme que adoro, pois ler é uma das minhas paixões.

Acabei de ler a “Crônica da Morte Anunciada” do Gabriel Garcia Marques. Gosto muito dele. O assunto do livro é a respeito da morte de um homem que sabia que iria morrer. Outro livro que, numa época, comecei a ler foi o do Sidney Sheldon.

O livro que mais me marcou foi o da Marina Colassanti, “Uma idéia toda azul”, que é uma série de contos, e o que mais gostei se chama “Entre a Espada e a Rosa”. É a história de uma princesa que, obrigada pelo pai a se casar com um senhor bem velho, vai para o quarto e diz para o seu corpo: “Arranja um jeito de eu me transformar”. Quando acorda, está com uma barba vermelha e todo mundo pensa que é um homem, então, seu pai a expulsa do reino. Com a barba e um corpo de mulher, não podia arrumar trabalho, então, veste uma armadura e se transforma em cavaleiro. Viaja de reino em reino, fazendo o maior sucesso. Num desses reinos, ela se apaixona pelo príncipe e sabe que não pode ocultar a verdade por muito tempo, mas, sem coragem de revelar o que lhe aconteceu, pensa em desaparecer, até que um dia, ao acordar, ela encontra pétalas de rosas em seu rosto que, ao final de três dias, caem e ela volta a ser o que era, uma linda princesa.

Esse conto me marcou, porque na época em que entrei para o balé, os colegas da escola começaram a me “zoar” simplesmente pelo fato de saberem que eu dançava. Não tinha nenhum amigo, ficava o tempo todo sozinho, então comecei a ler. Fugia dos meus problemas nos livros. Agora, a minha paixão pela leitura aumentou, só que tenho mais

amigos. Aprendi que se quero ser bailarino, não tenho porque ficar com vergonha, ficar me escondendo.

Eu vivia muito na sombra da minha irmã. Estudávamos na mesma escola e ela sempre foi a líder, a melhor em tudo. Nunca tentei competir com ela, porque nunca ganharia. Até uma certa idade, era mais retraído, mais quieto. Quando entrei na ABAMBA, só de chamarem o meu nome já abaixava a cabeça de vergonha.

Quando minha irmã saiu da escola, o negócio piorou, porque começou a perseguição. Antes ela me protegia, mas depois não tive mais sossego. Muitas vezes, meus pais tiveram que me buscar para que eu não apanhasse. Naquela escola, a única coisa que tinha de bom era os professores. Hoje estudo na escola Carlos Gomes e é diferente. Acredito que por ser uma escola enorme, não faz sentido perseguir uma pessoa só porque ela dança balé.

De vez em quando, penso na vida daqueles meninos da oitava série que me perseguiam na escola. Não tinham nada, não saíam nunca do bairro onde moravam, então, qual poderia ser o futuro deles? A maioria, provavelmente, já deve ter tido filhos e trabalha num emprego horroroso. Fico imaginando, só por brincadeira, que sou o dono de uma grande empresa e que esses meninos vêm pedir emprego para mim. Olho para os seus currículos e digo: "Quem sabe eu te ligo".

Até hoje, não entendo porque me xingavam e me batiam se nunca fiz nada para eles. Se a vida deles não era boa, eu não tinha culpa, mesmo porque a minha vida também não era um "mar de rosas". Eles me maltratavam demais. Durante muitos recreios, fiquei trancado no banheiro, chorando, porque não tinha nenhum amigo e aquilo começou a doer dentro de mim. Cheguei a pensar que havia algo de errado comigo e me perguntava: "Por que eu sou diferente? Será que Deus me fez desse jeito diferente? Será que eu fiz alguma coisa errada, e por isso estou sofrendo tanto?". Mas, chegou uma hora em que dei um basta e parei de mendigar amizade, me apeguei aos livros. Sempre que me viam lendo, se aproximavam e perguntavam sobre o livro. Não respondia nada e continuava lendo. Depois disso, as pessoas foram se aproximando, a ponto de pedirem a minha atenção. Agora, só leio em casa ou dentro do ônibus, antes, eu lia as vinte e quatro horas do dia, sem parar. De certa forma, toquei a minha vida para frente, não deixei que eles interferissem em nada, mas algumas coisas ficarão em mim para sempre. Sofri bastante e tenho mágoas profundas. Eles foram uns idiotas.

Sempre tive facilidade para conversar com as pessoas, mas não viam essa qualidade em mim. Minha mãe participava do Conselho da Escola e os colegas me consideravam um "protegido", além disso era um bom aluno e ainda dançava balé. Nunca fui de brigar e minha mãe sempre me aconselhou a não me envolver em conflitos. Só houve uma vez em que um menino me atormentou tanto que acabei esmurrando a cara dele, quebrando seus óculos. A classe inteirinha ficou contra mim e me xingou. A culpa era sempre minha.

Já sofri demais pensando nos outros. Hoje, se não me aceitam como bailarino, não me importo mais, podem falar o que for, mas chegou a hora de pensar em mim.

O que mais me incomoda é a mentalidade brasileira de que futebol é o único esporte que existe aqui. Odeio futebol, porque ele quase acabou com a minha vida quando

fazia o Ensino Fundamental. Nunca fui bom em futebol e sempre era zoadado. Parece que o Brasil é movido a futebol. Se os jogadores fossem tão bons, ganhariam medalhas na Olimpíada. Temos ginástica olímpica, ginástica rítmica, coisas tão bonitas, mas só valorizamos o futebol. Uma professora de história falou que na época da Copa o pessoal, praticamente, só vê futebol e esquece os assuntos políticos. Os problemas vão para debaixo do tapete.

Olho para os jovens da minha geração, meus amigos do SENAI, e penso: “Esses daí nasceram para ser peões”. Nunca foram a um teatro, nunca escutaram Mozart, Beethoven, nunca leram um livro bom. Quando me viu com o livro *A Hora da Estrela*, da Clarice Lispector, um amigo me disse: “Ah! Livro de boiola”. Respondi: “Seu idiota, essa obra cai no vestibular, você tem que ler esse tipo de livro”. Eles são assim, se tiver futebol e cerveja, já estão felizes. Agora, os professores do Senai são pessoas muito “prá frente”. A professora de matemática sempre fala que não podemos nos acomodar, porque não é só o SENAI que vai nos dar trabalho.

Ninguém me inspira, não tenho heróis... Sei que, aconteça o que acontecer, tenho de batalhar muito para continuar dançando. Um vez, meu pai me falou: “Pode ser mecânico, bailarino, mas, seja o melhor. Mostre que você está aí para arrasar”. Meus pais são muito rígidos nessa parte, isto é, querem boas notas em tudo, por isso, eu e as minhas irmãs sempre fomos os melhores alunos.

Têm muitos filmes que eu gosto, principalmente romance. Um filme que me marcou foi a “A Princesinha”. É a história de uma mocinha super rica, que perdeu o pai e tudo que tinha, durante a guerra. Me via lá porque também era muito sozinho e não tinha ninguém.

Gosto de ouvir MPB e rock nacional. Para dançar, pode ser qualquer música, desde que seja decente. Faço dança contemporânea e não aprecio dança de rua, principalmente, devido aos tipos de músicas.

Hoje, não tenho mais tempo de assistir TV, mas quando posso, prefiro a TV Cultura.

Sobre política não tem o que pensar, o que falar, porque o Brasil está um horror. Aqui em Campinas mesmo, estava para acontecer uma mostra de dança na Praça Carlos Gomes, mas o Dr. Hélio, nosso prefeito, gastou toda a verba com o Carnaval. Eles não investem em educação. A escola Carlos Gomes podia ser super bonita, mas está um desastre, isso porque é patrimônio público de Campinas. Acho que se um patrimônio está naquele estado, imagine só a situação da cidade. Não é arrumando pracinha, ou distribuindo kit escolar aos estudantes que se conquista eleitores. Não podemos esquecer que existe um surto de dengue na cidade. Que raiva que dá!

Claro que o meu trabalho tem envolvimento com a política, porque de uma certa forma, a dança pode ser crítica, pode mostrar o que está acontecendo na sociedade. Sou um artista e uma professora aqui da ABAMBA costuma dizer que o artista tem que estar com a “antena em pé”, captando tudo, porque a arte e a política, praticamente, andam juntas.

Sempre vai ter quem diga: “Dançar balé, pra quê? Vai jogar futebol”. É muito difícil, parece que tem sempre alguma coisa tentando puxar você para o outro lado e você tem

que ter muita força de vontade para ser bailarino no Brasil, pois o governo não ajuda em nada. A prefeitura de Campinas arrecada muitos impostos e não oferece o bastante nem para a educação, nem para as artes. A ABAMBA tem poucos patrocinadores pois ninguém quer investir na formação do bailarino profissional, só pensam na bailarina. Mas, ela não dança sozinha. As academias freqüentemente procuram bailarinos para as apresentações de suas alunas, porque é difícil ter homem na dança. Na maioria das vezes, os homens das academias adquirem gestuais afeminados. Se colocarmos esses bailarinos “na ponta”, eles saem dançando feito menina. Na ABAMBA fazemos aulas só com os homens. O bailarino tem que ser viril, forte, bonito e a delicadeza fica por conta da bailarina. Mas, no Brasil, o balé não tem o reconhecimento que merece. Muitos só conheceram a Ana Botafogo porque ela apareceu na novela das oito, do contrário, não saberiam nada a seu respeito. Agora, qualquer jogador de futebol, em pouco tempo e sem muito esforço, fica famoso. A única semelhança entre ele e o bailarino é que ambos têm vida profissional muito curta.

A imagem que faço de mim é a de um espelho. Tudo que passa por mim, eu reflito.

Gostaria de terminar declamando um poema de Luís de Camões, chamado “Amor é fogo que arde sem se ver”:

Amor é fogo que arde sem se ver/ É ferida que dói e não se sente/ É um contentamento descontente/ É dor que desatina sem doer/ É um não querer mais que bem querer/ É solitário andar por entre a gente/ É nunca contentar-se de contente/ É cuidar que se ganha em se perder/ É querer estar preso por vontade/ É servir a quem vence, o vencedor/ É ter com quem nos mata lealdade/ Mas como causar pode seu favor/ Nos corações humanos amizade/ Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Outro poema de Camões que eu gosto é “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, mas, como é enorme, falarei apenas um trecho: *Mudam-se os tempos/ mudam-se as vontades/ muda-se o ser/ muda-se a confiança/ todo o Mundo é composto de mudança/ tomando sempre novas qualidades*”. Esse poema me impressiona porque ele nos ajuda a pensar em mudanças. A gente tem que mudar, rever conceitos, não achar que o mundo deve ser do jeito que é. Esse mundo não irá mudar se não dermos o primeiro passo.

Na verdade, não sonho em mudar o mundo, porque pelo jeito é muito difícil, mas quero fazer alguma coisa aqui no Brasil. Tem muita gente que fala “Vou para o exterior”. Eu não. Prefiro ficar, fazendo algo de bom pelo Brasil. Tentaria apresentar minha arte para mais pessoas, pois tem muita gente que nunca foi a um teatro, nunca viu um balé. Se cada um fizer um pouquinho, acho que também já ajuda. Penso em dançar bastante e, quando ficar velho, quero ser professor.

Não tenho muito isso de herói, não, mas uma figura muito forte para mim, que eu procuro sempre assimilar aos meus pensamentos é a do Che. Ele foi um grande líder revolucionário. Bom, eu sou suspeito para falar, porque eu sou militante de esquerda. Por mais que muita gente critique, por mais que se diga que foi um ditador, eu sou um simpatizante do Fidel também.

(Igor Raphael de Carvalho Chiarappa⁴⁶, 2008)

Meu nome é Igor Raphael de Carvalho Chiarappa e tenho vinte e quatro anos. Sou muito curioso, me interesse por tudo.

Nasci numa cidade do interior paulista chamada Andradina, na divisa com o Mato Grosso do Sul, onde morei até os treze anos de idade.

Vivia na cidade de Andradina, mas, sempre que podia e principalmente nas férias, viajava, com uma tia, para a fazenda de alguns parentes. Adorava e posso dizer que fui criado nesse ambiente das fazendas do Mato Grosso do Sul. A partir dos sete anos viajava bem menos por causa da escola. Com dez anos eu já trabalhava, para não ficar na rua. A pedido de minha mãe fui ajudar meu tio, irmão do meu pai, no açougue de sua propriedade. Não tinha remuneração fixa, mas aprendi muita coisa.

⁴⁶ Narrador/Colaborador: Igor Raphael de Carvalho Chiarappa
24 anos

Movimento Estudantil Universitário (Centro Acadêmico do Curso de Relações Internacionais – UNIP: Universidade Paulista) - Campinas

E.mail: chiarappaigor@hotmail.com

Data da Entrevista: 26/05/07

Duração da Entrevista: 90 min.

Transcrição: 01/09/08.

Quando estava com onze anos, minha mãe e um irmão dela vieram para Campinas tentar se estabilizar, porque Andradina é uma cidade pequena e quase não tem oferta de emprego. Assim que as coisas se acertaram, eu e meu irmão, hoje com vinte anos, viemos morar com a minha mãe. Chegamos aqui em janeiro de noventa e seis, faz onze anos.

Minha família viveu momentos muito difíceis. Meu tio morreu faz dez anos, assassinado. Essa tragédia, que atingiu toda a minha família, fez com que eu almejasse me formar, ser um bom profissional, uma pessoa bem sucedida, só para dar um pouco de alegria para minha avó, minha mãe, minhas tias, pessoas que já sofreram muito na vida. Terminei o colegial numa escola próxima ao estádio do Guarani. Em noventa e nove, fiz o cursinho pré-vestibular e em dois mil e um entrei para a Academia da Força Aérea, em Pirassununga. Como todo garoto eu sonhava em ser piloto, então, corri atrás. Meu padasto me ajudou muito, também. Fiquei lá por quatro anos, até dois mil e cinco. Foi a época em que eu mais cresci e evolui.

Eu queria prestar concurso militar para cadete, para sargento, então, fiz três anos de cursinho no Objetivo em Pirassununga. O que eu estudei nesse tempo foi bem mais do que os onze anos em que estive na escola, porque além de ser um moleque e não levar os estudos a sério, o ensino das escolas públicas que freqüentei era muito fraco.

Foi até engraçado, porque quando eu comecei a fazer cursinho não entendia porque era necessário estudar História, saber o que aconteceu na Grécia Antiga, em Roma, quem eram os guerreiros espartanos. Mas, o tempo foi passando, fui estudando e tomando gosto, e hoje é uma área de conhecimento pela qual sou fascinado. Não posso deixar de mencionar a influência que recebi de um professor de História, do cursinho. Um cara muito bom, estudou na UEL (Universidade Estadual de Londrina) e fez História na USP (Universidade de São Paulo). Comunista, “abriu” minha cabeça para compreender o sentido da História na vida dos homens e para militar na esquerda. Comecei a ler muito, a me aprofundar nesses conceitos de esquerda e direita no âmbito da política.

Foi no cursinho também que conheci a diplomacia, uma área que me interessa muito. Após pesquisar no programa SIV: Sistema Integrado de Informações para o Vestibular, e também em outras fontes, descobri o que é ser um diplomata, onde e como se forma um diplomata, como funciona um Ministério das Relações Exteriores, o que é o Itamaraty, o Instituto Rio Branco.

Antes, o meu foco era o meio militar, mas no quartel percebi o quanto esse campo era limitado para mim. Dentre outras coisas, abomino hipocrisia, não suporto esse princípio no qual se prega uma coisa, mas se faz outra. O meio militar prega muito a hierarquia e a disciplina. Tem hierarquia e disciplina, mas também tem muita coisa errada. Por exemplo, no quartel, não pode ter bebida alcoólica e lá tinha muito, inclusive festa regada a cerveja, vinho, uísque, comprados com o dinheiro da União. Isso não pode, é errado.

Durante o tempo em que permaneci no quartel, eu tinha uma carga horária de trabalho que se iniciava às oito horas da manhã e terminava às quatro e meia da tarde. Após esse período, eu estaria livre para fazer o que desejasse, então resolvi fazer o cursinho à noite.

Permaneci na Academia da Força Aérea em Pirassununga durante quatro anos. Poderia ter ficado mais tempo se prestasse concurso, mas não me interessou. No meu Orkut, aparece a minha foto de vôo, dentro de uma aeronave e, até hoje, todos os meus familiares e amigos acham que sou louco por ter jogado fora a oportunidade de fazer carreira na Academia. Mas, só quem está lá dentro é que sabe como as coisas funcionam realmente. Quem está fora não tem noção.

É muita rigidez. Em relação ao plano de carreira, por exemplo, as pessoas acham que tudo é muito simples, pelo contrário, é difícil de ser promovido e também não se ganha tão bem quanto se pensa. Internamente, é um processo bem complexo.

A verdade é que eu também me encantei com a diplomacia e acabei fazendo o vestibular em Relações Internacionais. Prestei duas vezes na UNESP e uma vez na UNIP. Também optei por História na USP e na UNICAMP. Entrei na UNIP.

A minha intenção é terminar a graduação em Relações Internacionais na UNIP e, se tudo correr bem, vou prestar, em conjunto com a minha graduação, Ciências Sociais na UNICAMP. Quero fazer as duas graduações.

Gostaria de estudar muito mais, de aproveitar melhor a faculdade, mas além de não ter tido um bom Ensino Fundamental e Médio, de qualidade, tenho um sério problema de concentração, porém eu sou teimoso e não desisto. Já estou velho, inclusive na minha sala tem gente de dezessete, dezoito anos. Mas, é muito relativo, porque um garoto de dezoito anos não tem a mínima maturidade, não dá valor ao curso como eu dou. Vai à faculdade, mata aula, vai para o bar, não está nem aí. O professor está falando, ele está conversando. Gostaria de ter a cabeça que eu tenho hoje, mas com dezoito anos.

No primeiro ano, percebi que, em comparação com meus colegas, era o mais tranquilo pois sabia o que estava fazendo lá e o que queria. Os jovens entram na universidade indecisos em relação à carreira, mas isso não foi problema para mim. Com vinte e quatro anos, tinha experiência suficiente para saber que áreas de exatas, biológicas e saúde não tinham nada a ver comigo. Desconfio muito de coisas exatas, de verdades absolutas, acho que por isso detesto relógios digitais, seus números não oferecem margens de liberdade.

Gosto das Ciências Humanas e da liberdade que elas nos dão para trabalharmos com as pessoas e suas diferentes realidades. Daí meu interesse pela Diplomacia que conheci através das Relações Internacionais.

Quando, no começo do curso, o coordenador falou que nós tínhamos que “namorar” as Relações Internacionais, eu falei “Professor, eu já estou casado faz tempo com as Relações Internacionais. Faz parte da minha vida”.

O meu grande sonho mesmo é fazer RI (Relações Internacionais) na UNB (Universidade de Brasília), ter aulas com diplomatas, ou, quem sabe, fazer o mestrado, entrar no Instituto Rio Branco, ser um diplomata, conhecer outras partes do mundo, representar meu país em outra nação. Tenho um grande interesse pelo Oriente Médio, acho o lugar, o povo muçulmano, a crença deles, a fé do Islã fascinantes.

Ao entrar na UNIP, no ano passado, mal sabia o que era um Centro Acadêmico, um Diretório Acadêmico. Quando uma garota da UNE conversou conosco sobre a importância de se criar um Centro Acadêmico para representar os alunos, me interessei muito.

Foi engraçado, porque na minha classe a gente nem se conhecia direito e em pouco tempo nos enturmamos por conta da formação do Centro Acadêmico. Havia aproximadamente quarenta alunos na sala, e perguntamos quem tinha interesse em ser presidente do CA, para colocarmos os nomes dos candidatos no quadro e fazermos a eleição. Três alunos levantaram a mão, inclusive eu. Ganhei quase que por unanimidade. A partir daí, percebi que alguma coisa havia mudado. As pessoas tinham percebido como eu sou, como penso, como ajo, o que eu quero, e depositaram confiança em mim.

Sou presidente do Centro Acadêmico da minha sala de Relações Internacionais; cada turma tem um. O conjunto dos centros formam o Diretório Central dos Estudantes, atualmente presidido pela Marina Ruiz Cruz. Na UNIP não têm muitos CA pelo fato de ser uma faculdade particular, onde a maioria trabalha de dia e estuda à noite, de modo que o pessoal é muito disperso, chega cansado, não quer saber de militância, nem de lutar pelos seus direitos. Há alguns anos atrás, já houve DCE na UNIP, mas as barreiras foram tão grandes que ele se enfraqueceu e acabou morrendo.

Um outro acontecimento que nos mobilizou foi a crítica que fazíamos à grade curricular do nosso curso. Fomos falar com o coordenador porque não concordávamos com a ênfase que estava sendo dada ao Comércio Exterior.

A UNIP impõe muitas barreiras ao estudante, porque ela gosta muito de limitar. Costumamos dizer que a UNIP não quer aluno pensante, ela quer aluno pagante. É uma organização totalmente capitalista, só quer saber de dinheiro.

Fizemos contato com a UNE, a União Nacional dos Estudantes, e realizamos várias reuniões, algumas delas com a presença do Gustavo Peta, presidente da UNE.

A UNE, a UJS: União da Juventude Socialista, a UEE: União Estadual dos Estudantes, todas essas organizações sempre tiveram interesse em ter um DCE forte na UNIP, então, a essa vontade juntou-se a nossa reivindicação, a nossa revolta em relação à grade curricular, resultando na idéia de montarmos um DCE. Nesse momento, entrou todo esse pessoal da militância, inclusive a Marina.

Em novembro do ano passado, fundamos o DCE. Só houve uma chapa, pois apesar de existir outra força política dentro da UNIP ela é bem limitada. Fizemos eleição e a Marina foi eleita presidente e eu secretário geral. Foi quando estreitei mais o meu laço com a Marina.

Hoje estou desempregado, mas na época trabalhava da meia-noite às oito da manhã. Nesse esquema, ficava vários dias sem dormir. Trabalhava a noite inteira, numa empresa chinesa, chegava em casa, tomava um banho, ia para a faculdade e passava o dia todo lá. Então, pelo fato de trabalhar nesse período, o meu dia ficava “livre”. Como todo o pessoal do DCE trabalha e seu tempo fica muito limitado, eu tinha mais disponibilidade e comecei a ajudar a Marina. Ela comentou que, assim como eu, também queria fazer Ciências Sociais na UNICAMP. Fomos vendo que nós tínhamos mais coisas em comum.

Um tempo depois que minha mãe chegou a Campinas, casou-se de novo. Os únicos filhos que ela tem são eu e meu irmão, mas a casa dela está sempre cheia. O apartamento é minúsculo, e para quem quer estudar, não tem jeito. Um dia eu estava com a Marina, e dei uma carona para ela. Comentando sobre a minha necessidade de alugar um apartamento nas proximidades da UNIP, ela me convidou para morar na casa onde vive com mais três pessoas. Uma delas havia saído e ocupei o seu lugar.

Hoje, eu fico nessa república, mas as minhas coisas estão na casa da minha mãe que é bem perto daqui. Às vezes, ela me liga perguntando se estou indo para a faculdade. Não percebe que aqui estudo mais do que se estivesse em casa com a família.

Sobre a militância política, minha mãe não é tão preocupada. Ela é universitária, está no terceiro ano de Publicidade e Propaganda, mas não tem vivência política, por isso não apóia, nem se opõe às minhas atividades, é neutra. Se eu disser para ela que sou de esquerda, ela responde que é capitalista. Não sabe o que está falando, então eu relevo.

A semana passada eu passei vários dias em claro, fazendo um artigo que eu queria submeter à banca do ENANGRAD, que é o Encontro Nacional de Graduação, que iria acontecer em Curitiba. Uma professora da UNICAMP está me orientando, mas perdemos o prazo por uma falha de comunicação minha e dela, mas já estou sabendo que haverá um outro evento em São Paulo, e estou correndo atrás para submeter o meu artigo.

Atualmente, estou fazendo a Oficina de Redação na Unicamp. Para quem vai prestar o vestibular é muito importante compreender a filosofia da prova. Estou estudando em cima das provas dos anos anteriores e em breve iniciarei a leitura das obras literárias indicadas.

A área na qual quero atuar, dentro das Relações Internacionais, é a da Ciência Política. No ano passado, fiz um curso de RI, de um semestre, na Unicamp, como aluno especial, com o prof. Shiguenolli. Doutor em Ciência Política, ele é muito “fera”. Então, Ciências Sociais, Ciências Políticas, Relações Internacionais são os meios, o meu fim é a Diplomacia. Quero chegar aos sessenta anos como um diplomata de carreira, quem sabe até como um embaixador. Isso será consequência do meu esforço.

Hoje, a convivência entre os Estados, eu diria entre os países, está muito ligada pelo comércio exterior. Um país não alavanca o crescimento, não aumenta sua renda per capita, se ele não tiver um comércio exterior, se ele não se relacionar bem com outros países. O mundo gira em torno desses blocos econômicos como a União Européia, Mercosul, Nafta. O ano passado, assisti uma palestra com um embaixador, o Jadiel, e ele falou que lá no Itamaraty gostaria de ter muito mais diplomatas que entendessem de comércio exterior do que diplomatas voltados só para a área política. Na opinião do embaixador, esse *feeling* para comércio exterior é muito importante para o crescimento do país.

Assim que terminar as minhas duas graduações, RI na UNIP e Ciências Sociais na Unicamp, tenho a intenção de fazer intercâmbio. Participo da CORI: Coordenadoria de Relações Institucionais e Internacionais, e sei que as minhas chances aumentam se eu estiver vinculado a uma universidade pública.

O fato de eu estar desempregado, de ter mais tempo sobrando, faz com que eu me cobre muito, então, estou aproveitando o máximo. Acredito que vivencio mais o ambiente da Unicamp do que os alunos que estudam lá. Não perco os eventos que acontecem no IFCH, acompanho os cursos, palestras do NIPE: Núcleo Interdisciplinar de Planejamento Energético, área da qual participa a minha coordenadora. A minha meta é dez, nove e meio não dá. Tenho que ser o melhor, oferecer o melhor. Sou daquele princípio: se vai fazer, faça o melhor, faça bem feito, ou então não faça.

Não tenho muito isso de herói, não, mas uma figura muito forte para mim, que eu procuro sempre assimilar aos meus pensamentos é o Che, seu espírito revolucionário, o querer bem para o próximo. Hoje em dia as coisas estão muito materializadas. As pessoas só olham para o próprio umbigo, não querem saber de nada. Ele foi um grande líder revolucionário. Bom, eu sou suspeito para falar, porque eu sou militante de esquerda. Por mais que muita gente critique, por mais que se diga que foi um ditador, eu sou um simpatizante do Fidel também.

Essa mídia de direita mostra muitas atrocidades cometidas por Fidel. Até que ponto podemos confiar nela? Ninguém nega que aquele país tem as melhores faculdades de Medicina do mundo; que alavancou muito no esporte, então, para mim, tem mais prós do que contras. O que mais eu admiro no Fidel é o seu nacionalismo, o fato de ele querer o bem do seu povo. Dentro de Cuba tem gente que é contra o Fidel, mas também tem muita gente a favor. Basta ele sair às ruas para ouvirmos: "El Comandante! El Comandante!". Esse nacionalismo, esse bem que ele quer para o povo, isso é o principal.

Não gosto de nada que me limita, porque eu prezo muito a minha liberdade. Não falo que sou comunista, socialista, porque eu acho que rótulo me limita.

Na UNIP, fazendo a eleição do DCE, a gente, praticamente, teve que pegar no braço das pessoas para elas reclamarem seus direitos. Estávamos fazendo um referendo, perguntando para os alunos o que eles achavam de errado na UNIP, o que teria de melhorar. Parávamos as pessoas na entrada e a maioria respondia que não havia nada de errado, que não precisava mudar nada e iam embora.

São essas atitudes que deixam a gente um pouco chateado, mas, tinha gente que chegava: "Ó! Parabéns pela atitude de vocês. Parabéns! É isso mesmo! Ninguém nunca fez isso na UNIP. É uma boa atitude". É difícil você levantar uma bandeira, brigar por uma causa.

Quando olho para jovens da minha geração, principalmente agora que estou mais próximo dos militantes e que meu círculo de amigos mudou, percebo que eles estão estagnados. Então, se eu chegar para alguns e falar que sou militante de esquerda, eles não vão saber do que estou falando. Os caras não sabem o que é capitalismo, o que é socialismo. Agora, eu não consigo estar num lugar e não saber o que estou fazendo ali.

Na empresa onde eu trabalhei, fui contratado para ser assistente de faturamento e para trabalhar na folga das pessoas em turnos diferentes. O meu relógio biológico ficou doido. Fiquei um tempo, mas reclamei para o meu chefe e consegui fixar o meu horário. Dessa forma, obtive um tempo maior para estudar, porque a faculdade é só um caminho, se você não se dedicar, não vai a lugar algum. Enquanto não consegui o que queria, não parei. Tem gente que estava lá antes de mim, há um ano e que não fazia a metade do que

eu fazia. Em oito meses de empresa eu passei por todos os setores. Corri e corro atrás das coisas até hoje.

Saí dessa empresa há quase dois meses, mandado embora num momento de baixa temporada. Aliás, o segmento de tecnologia tem altos e baixos e não está preocupado com seus funcionários, contrata e despede facilmente. Eu queria sair, porque meu foco agora é o estudo. Sei que não posso parar de trabalhar, mas enquanto estiver recebendo o Seguro Desemprego, posso enviar currículos para outros lugares e aproveitar para estudar mais.

Essa juventude está muito perdida, estagnada, isso é o que mais me preocupa, porque se é como dizem que “Esses jovens são o futuro do país”, então, “meu” se esse for o futuro... nós estamos enrolados. Sobre os motivos, acho que a educação no Brasil é de má qualidade, é muito ruim, então, acaba que o estudante não tem interesse. Não culpo ninguém, não culpo o estudante. Acho que isso é culpa do governo pelo fato de não prover a juventude de bons estudos, de boas escolas. É complicado para o estudante. Ele vai para a escola, encontra um professor desmotivado, mal remunerado, sem mestrado, sem doutorado, enfim, sem uma boa formação, então, o ensino desse estudante vai ser de baixa qualidade, vai ser proporcional à formação do professor. Faltam políticas públicas mais sérias voltadas para a educação.

Tem muito jovem no caminho bom, correndo atrás, mas também tem muita gente perdida, que não está “nem aí”. Alguns amigos não têm o Primeiro Grau completo porque não querem mesmo. Preferem vagabundear o dia inteiro. Eles não têm vergonha na cara.

Também acho que esse interesse pelos estudos pode vir do berço. Meu pai é formado em Economia, o irmão dele, meu tio, é formado em Matemática, a minha outra tia é formada em Geografia, a esposa do meu pai é formada em História pela Federal de Mato Grosso do Sul, a minha mãe está fazendo Publicidade e Propaganda. Talvez esse meu interesse seja um reflexo do que acontece em minha família. Se meus pais fossem analfabetos, talvez, eu não teria essa mentalidade que tenho hoje. Talvez não, sei lá..., tudo isso é muito relativo, mas eu acho que a educação é fundamental, é a base de tudo.

Por isso eu digo que todo jovem, homem ou mulher, deve passar pelo menos um ano no quartel. É muito bom, o que você aprende de disciplina, de hierarquia. O quartel dá uma outra visão de mundo e você passa a dar mais valor às coisas e às pessoas.

Alguns garotos de dezoito anos, nunca trabalharam, recebem tudo dos pais, carro, dinheiro para festas, viagens, roupas, então, eles não têm noção da dificuldade que é por um prato de arroz na mesa e não valorizam. No quartel isso muda, porque você conhece outras pessoas, amadurece, aprende a ter espírito de companheirismo, dá mais valor à vida.

Hoje, por exemplo, eu não faço coisas que antes eu fazia, colocando em risco a minha segurança. Depois do quartel, eu percebi o quanto os seres humanos são frágeis, daí a importância de respeitarmos a nós mesmos e também ao próximo. Nesse tempo todo, eu pensei também muito em minha família, o quanto dependemos uns dos outros.

Como sempre tive essa posição de esquerda, sou muito desligado de bens materiais, não me preocupo muito com dinheiro. Mas, infelizmente, nesse sistema capitalista, sem dinheiro, você não consegue fazer nada. O que eu prezo é a minha

formação intelectual, porque eu acredito que a partir dela virá um bom emprego, uma boa remuneração.

O meu pai, hoje, tem uma condição financeira mais estável, mas não mantemos contato. Ele apenas paga a minha faculdade e não tenho vergonha de afirmar isso, porque acho justo. Não me considero “filhinho de papai”, porque dou muito valor à minha faculdade. Na minha sala, poderá existir alguém que valorize tanto quanto eu, porém, mais que eu, não tem, vai ser difícil de encontrar.

Para mim, religião é o tipo de coisa que eu procuro não discutir muito porque é meio complicado. Esses dias, quase briguei com a minha namorada. Eu a conheci na UNIP, faz arquitetura. Ela e toda a família são adventistas do Sétimo Dia. Difícil! Nós estávamos conversando sobre o aquecimento global, por conta de um artigo que eu estava escrevendo para apresentar num congresso em Mato Grosso, e a uma certa altura ela rebateu meus argumentos em defesa do criacionismo. Aí, deu conflito, porque eu também acredito em Deus, mas sou evolucionista. Acredito que a seleção natural extinguiu e ainda vai extinguir muitas raças, tipos, características de animais. Por que Deus não pode ser evolucionista? Será que Darwin, um cientista, estava tão errado assim? Quem é de esquerda, eu já percebi isso, não pende muito pelo lado da religião e procura deixar essa discussão de lado.

Esse assunto, o aquecimento global, atualmente me interessa muito, por isso estou estudando a teoria de Gaia, ecossistema, o caos no clima, o documentário do Al Gore. No mês que vem, irei para o Rio de Janeiro, participar do projeto global Live Earth, um evento que acontecerá simultaneamente em sete países do mundo e que tem por objetivo expandir a luta contra o aquecimento global.

Eu gosto muito de arte. Há um tempo atrás, eu e minha namorada fomos ao Museu da Língua Portuguesa e à Pinacoteca. Não sou muito ligado à literatura, deveria ser mais.

Aprecio muito música clássica e, sempre que posso, vou ver a apresentação da Sinfônica de Campinas. Há dois anos atrás, veio um maestro de Israel, fazer uma apresentação na praça Arautos da Paz. Fui ver, estava muito bacana. Tenho um CD da Monsserrat Caballet e Freddie Mercury, chamado Barcelona e gravado em noventa e dois. Monsserrat é uma soprano habituada a convidar tenores e outros artistas para cantar com ela.

Em relação à dança, já fui ver a Débora Coker, no Castro Mendes. Faz um tempinho, fui no Teatro Tim assistir uma peça do Nelson Rodrigues, Beijo no Asfalto.

Não existe um livro que marcou minha vida, talvez algumas biografias do Che Guevara. Apesar de ser militante de esquerda, não posso deixar de valorizar alguns autores de direita, como Maquiavel e o seu livro intitulado “O Príncipe”. Acredito que muitas lições do Príncipe podem nos dar alguns parâmetros para você sobreviver, até mesmo para combater a ideologia capitalista. Essas lições podem ser armas que você usa de acordo com o seu interesse para se defender no seu dia a dia e não para prejudicar as pessoas.

Gosto de tatuagens, apesar de não ter nenhuma em meu corpo. Certa vez, lendo uma revista sobre tatuagens, vi uma no ombro de uma pessoa. Era a imagem de um

palhaço, de cabelo verde. O rosto dele expressava medo, desespero e nervosismo ao mesmo tempo. No pulso usava um relógio. Durante muito tempo eu me identifiquei com essa imagem porque tinha a ver com a minha luta, com o meu desejo desesperado de ajudar os outros, mas de sempre me ver impedido de realizar esse objetivo. Como eu disse antes, não ligo muito para dinheiro, mas para ajudar as pessoas é preciso ter dinheiro. Ano passado cheguei a trabalhar como voluntário na Casa da Criança Parálítica. Gostaria de ajudar uma tia que mora em Andradina, o meu irmão que, aos vinte anos, se tornou pai de repente, a minha mãe que trabalha a semana inteira e aos sábados e domingos participa do Projeto Escola da Família, as pessoas carentes ao meu redor.

Procuro fazer a minha parte, contribuir com tudo que eu posso. Acredito que algo de bom surgirá dessa pesquisa sobre as comunidades juvenis em Campinas e os seus heróis, então, considero que o meu depoimento é uma forma de ajudar as pessoas, por outro lado, também tenho muito interesse em conhecer o que os outros depoentes pensam sobre esse trabalho.

Quando penso nos jovens de minha geração, percebo que estão se perdendo no mundo e talvez a causa tenha a ver com a criação, com a realidade vivida por eles, mas acredito que estão numa busca constante para completar o vazio que sentem.

(Irmã Paula⁴⁷, 2007)

Nasci em Campos, Rio de Janeiro, há 21 anos atrás.

Tive uma infância e uma adolescência normal, isto é, sempre ajudei em casa nas tarefas domésticas, estudava, namorava, saía com os meus amigos. Minha família é católica e freqüenta a Igreja.

Eu queria fazer Assistência Social, mas acabei optando por Direito. Tudo o que eu fazia procurava fazer bem, com dedicação, mas sentia a falta de “algo”. Havia um vazio que eu não sabia explicar. Cursei até o segundo ano e gostei muito porque sempre me interessei pela área de Humanas, pelos problemas sociais, por política, porém o que me entristece profundamente é o fato de algumas pessoas que se envolvem com a política se preocuparem muito mais com elas mesmas do que com os pobres, com os irmãos moradores de rua que são tratados como lixo pela sociedade.

⁴⁷ A narradora/colaboradora Irmã Paula não autorizou gravar a entrevista, mas permitiu sua identificação através de seu nome de batismo, Paula Rodrigues Mothé.

21 anos

Toca de Assis – Casa Fraterna Bom Samaritano

Rua Delfino Cintra 554 – Centro – Campinas

www.tocadeassis.org.br

Data da Entrevista: 10/04/07

Duração da Entrevista: 60 min.

Transcrição: 13/04/07.

Em 2003, comecei a freqüentar a Toca de Assis em Campos, mas nunca me imaginei tendo uma vida totalmente dedicada aos pobres. Achava que iria casar, ter filhos e que continuaria ajudando as pessoas. Para dizer a verdade, eu tinha muito medo só de pensar numa vida longe da minha família, dos meus amigos, da minha cidade e nem cogitava em me afastar deles. Até que fui convidada para participar de um Retiro Vocacional Regional. Foi neste retiro que tomei a decisão de seguir firmemente Jesus, senti que estava sendo chamada para um trabalho muito maior em relação àquele que eu estava realizando.

Conversei com os meus pais, contando a eles o que estava acontecendo comigo e eles ficaram muito preocupados, pois sabiam que uma opção minha para a vida religiosa derrubaria todos os sonhos que tinham em relação a mim, sem contar com a decepção que tiveram com o meu irmão quando decidiu ser padre. Enfim, eles se revoltaram. Para evitar maiores problemas, comecei a freqüentar a Toca e os retiros sem que os meus pais soubessem.

No final do ano de 2005, participei do Retiro Nacional em Limeira e todas as minhas dúvidas, medos cessaram. É inexplicável esse desejo que Deus nos dá de servi-lo. Eu nunca pensei que tivesse a coragem de contrariar os meus pais, de abandonar a Faculdade, de sair da minha cidade. Fiz a minha mala com o básico para uma vida missionária e vim fazer parte da Toca de Assis na Casa Fraterna em Limeira.

A renúncia maior foi afastar-me da minha família, pois eu os amo muito. Meu pai, que sonhava com a filha juíza, ficou um ano sem falar comigo. Recentemente, conversando com minha mãe ao telefone é que ele trocou algumas poucas palavras comigo, com a esperança de que eu retornasse para casa.

A visita do meu irmão à Toca de Limeira trouxe um pouco de tranqüilidade à família, pois ele pode constatar que nossa vida é regrada e fundamentada em profundos princípios religiosos. Para quem não conhece os pilares da Toca de Assis, fica difícil compreender a nossa vida dentro das Casas Fraternas e nas ruas também. O princípio básico é dar a nossa vida a Jesus, cuidando dos pobres, sendo fraternos e adorando o Santíssimo Sacramento. Muitas vezes, somos agredidas nas ruas, com palavras de baixo calão, principalmente por jovens que nos ridicularizam por causa de nossas vestes, por sermos pessoas dedicadas a cuidar dos necessitados. Dificilmente ocorre agressão dentro das casas, mas quando acontece a maioria dos irmãos de rua nos protege. A realidade das ruas é muito cruel, então, alguns irmãos ficam totalmente desestruturados e não suportam nenhum limite às suas ações, por isso para uma vida comunitária é preciso uma certa disciplina. Nesta casa, os moradores de rua não pernoitam, apenas se alimentam, tomam banho, cortam os cabelos, as unhas, ouvem a palavra de Deus e depois voltam para as ruas. Alguns deles sentem que ainda são capazes e conseguem se reerguer, fazendo bicos pela cidade e até alugando um lugar para morar, sem deixar de freqüentar a Toca e de retribuir a ajuda recebida, fazendo questão até de realizar pequenos reparos em nossa casa. Reconhecem a nossa ajuda, nos defendem e nos amam por isso. Mulheres moradoras de rua também costumam freqüentar esta casa, porém, há uma quantidade maior de homens do que mulheres morando nas ruas.

Além de consagrar a nossa vida a Jesus e cuidar dos nossos irmãos moradores de rua, também vivemos a nossa espiritualidade orando, meditando, realizando estudos bíblicos, lendo as obras que relatam a vida de nossos patronos como São Francisco de Assis, Santo Padre Pio e Santa Catarina de Sena, porém, nossa primeira formação é a sublime adoração ao Santíssimo Sacramento. Podemos assistir, pela televisão, noticiários, reportagens, telejornais, com o objetivo de nos inteirarmos dos acontecimentos deste mundo. Muitas pessoas estranham o fato de não continuarmos os nossos estudos após entrarmos na Toca. Devemos ter o Ensino Médio completo, porém, se formos cursar uma faculdade não teremos tempo de nos dedicar integralmente aos nossos irmãos necessitados.

Quando penso nos jovens de minha geração, percebo que estão se perdendo no mundo e talvez a causa tenha a ver com a criação, com a realidade vivida por eles, mas acredito que estão numa busca constante para completar o vazio que sentem.

Iniciamos nossa vida religiosa na Toca como vocacionados, depois aspirantes, em seguida, postulantes de primeiro ano, postulantes de segundo ano, fazemos o noviciado e finalmente ocorre a consagração (votos simples). Professamos os votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência quatro anos após a consagração dos votos simples, os quais são renovados de ano em ano até chegar nos votos perpétuos.

Atualmente, acredito que a imagem mais significativa para mim, seja a de Jesus Sacramentado ao meu lado, me apoiando, me fortalecendo.



(Irmão Jerônimo Maria⁴⁸, 2007)

Nasci em Fortaleza, Ceará, no ano de 1983. Terminei o Ensino Médio aos 16 anos. Primeiro trabalhei numa metalúrgica, pois gostava de mexer nas máquinas. Vivia com as mãos machucadas de tanto fuçar nos equipamentos da fábrica, depois trabalhei como auxiliar de contabilidade na Fiat. Fiz alguns cursinhos para sondar um curso universitário que me agradasse, mas nenhuma área me atraiu. Sempre gostei de desenhar.

Minha família é católica praticante, mas até os meus 16 anos eu nunca me interessei pela Igreja. Minha irmã e minha mãe sempre se dedicaram, principalmente, minha mãe que foi e continua sendo uma referencia importante na minha vida. Meu pai era uma boa pessoa, mas bebia muito. Certo dia vi minha mãe chorando por causa disso,

⁴⁸ O narrador/colaborador não autorizou gravar a entrevista e solicitou que fosse identificado como Irmão Jerônimo Maria, nome recebido em sua consagração junto ao Noviciado da Comunidade Toca de Assis, atualmente denominada Instituto Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento.

24 anos

Toca de Assis - Casa Fraterna São Pio

Rua Jacob Berek Steimberg 466 – Jd. Chapadão – Campinas

www.tocadeassis.org.br

Data da Entrevista: 28/03/07

Duração da Entrevista: 1 hora e 15 min.

Transcrição: 29/05/07.

então eu, com oito anos, e meu irmão, com seis, prometemos que aquele desgosto nós nunca daríamos a ela. Na época, me revoltei contra o meu pai, mas depois que tive uma experiência com o Amor de Deus, voltei a amá-lo profundamente.

Dos 12 aos 16 anos, pertenci a um grupo de roqueiros. Fazíamos muitas besteiras na cidade, mas eu nunca me droguei. Inúmeras vezes fui barrado na rua por policiais que desconfiavam da minha aparência. Tinha cabelos muito longos e me vestia como um roqueiro. Não me batiam, mas machucavam os meus pés na “geral”. Quando nos reuníamos, sempre havia alguma droga para experimentar, eu passava adiante, não me interessava, pois o exemplo do meu pai já serviu para me mostrar as consequências desse tipo de experiência.

Um dia, minha irmã, que freqüentava o grupo de oração na igreja, me convidou para participar de um retiro de oração da Renovação Carismática Católica que aconteceria num ginásio da cidade, durante o período do carnaval. Eu não aceitei, porque já havia assumido um compromisso com os meus amigos roqueiros. Porém, aconteceu algo estranho. No dia desse encontro, eu acordei sentindo-me muito estranho e com muita vontade de aceitar o convite de minha irmã.

Normalmente, os roqueiros pensam muito, são racionais, “verdadeiros filósofos” meditando sobre tudo e, naquele dia, eu não parava de pensar nos motivos que estariam me levando a querer participar daquele encontro. O que estaria acontecendo?

A vergonha me impediu que eu contasse à minha irmã sobre a possibilidade de estar no retiro. Não falei nada, apenas perguntei o endereço a ela e convenci um grande amigo meu a me acompanhar.

O primeiro dia naquele ginásio foi muito importante. O que aconteceu lá a razão não explica. Voltei para o retiro nos dias seguintes e nunca mais me afastei da Igreja. O meu amigo não retornou.

Após o retiro, estava decidido a mudar de vida. Senti que recebi um chamado de Deus.

Minha família, apesar de me apoiar, achou estranha essa mudança repentina. Como um roqueiro, de repente, resolve largar tudo e se dedicar somente à vida religiosa? A pedido dos meus pais, alguns padres da cidade vieram conversar comigo e, na avaliação deles, tratava-se mesmo de uma vocação. Isso os tranquilizou.

De 1999 a 2002, fui coordenador do grupo de oração e pregador na comunidade.

Como se costuma dizer, foi uma mudança da água para o vinho. Durante esse tempo, me dediquei ao estudo da Sagrada Escritura e ao kérigma, isto é, ao aprofundamento da minha fé e da vivência cristã, através da Palavra que revela a vontade de Deus para todos nós na pessoa, nas obras de Jesus Cristo.

Os meus amigos roqueiros não entenderam muito bem o que aconteceu comigo, porém, viam em mim uma referência de Deus. Somente um deles me olhava com desprezo e quando ele me via passar na rua, “atirava pedras”. Esse fato sempre me faz lembrar da conversão de Saulo (Ato. 9, 22).

Estava feliz, e mesmo tudo que eu estava fazendo não me preenchia o suficiente, eu sempre buscava mais. Em junho de 2002, enquanto coordenador do grupo de pregadores da Renovação Carismática, participei de um retiro, e, durante os encontros, partilhei com um amigo sobre o meu desejo de servir a Deus, ajudando os mais pobres. Contei a ele que era comum eu sair com um carrinho de mão pela cidade, colhendo alimentos para dar aos mais necessitados. Quando terminei de falar, ele me disse: “isso que você me contou se assemelha em tudo à Toca de Assis”. No dia 13 de junho de 2002, fui conhecer a Toca em Fortaleza. A realidade de lá me chocou. Nunca cheguei tão perto do sofrimento humano. Fiquei o dia todo por lá. Estava certo de minha vocação.

Após essa visita à Toca de Fortaleza, a primeira pessoa que procurei foi minha namorada. Ela também dedicava-se à Igreja e juntos decidimos que se acontecesse de recebermos o chamado de Deus para a vida religiosa, por mais que isso nos fizesse sofrer, aceitaríamos a decisão que cada um tomasse. Nesse dia, choramos muito, pois nos amávamos de verdade.

No dia 03 de novembro de 2002, num domingo à noite, a minha namorada e todos os meus amigos celebraram comigo a “partilha”. Partilhamos nossos sentimentos e eu me despedi. Jamais me esquecerei desse encontro.

Antes de ir para a Toca, um fato marcou a minha vida. Num fim de semana, durante a Santa Missa, um mendigo entrou na Igreja, no momento da oração Eucarística. Percebi que todos ficaram com muito medo. Ele estava sujo, mal vestido e carregava uma flanela nas mãos. Ninguém prestou mais atenção na missa até que aquele homem saiu chorando. Após a Santa Missa, tentei alcançá-lo, mas não consegui. Perguntei por ele, mas ninguém o conhecia, e nunca o viram por lá. Nesse dia, percebi que todo mundo está caminhando na contra mão, então, decidi que não queria andar na contra-mão.

Dez dias depois, fui para a Toca de Assis em Fortaleza, onde morei até 07 de maio de 2004. Daí fui para Teresina, no Piauí, abrir a primeira casa de missão na cidade.

Em Teresina, fiquei um ano e meio como guardião da casa. O local estava totalmente destruído e infestado de ratos, porém, trabalhamos muito e conseguimos deixar a casa em ordem. Vivemos momentos difíceis, pois Teresina é conhecida como um lugar de seitas satânicas. Muitas vezes, éramos rodeados por pessoas que nos diziam: “bem vindo ao reino satânico”.

De Teresina, vim para São Paulo, fazer o noviciado em Valinhos, onde me tornei professo, ou seja, fiz a profissão dos votos de pobreza, castidade e obediência. Durante um ano, estudei, me aprofundei no Carisma. Fui consagrado pelo Superior do Noviciado com o nome de Irmão Jerônimo pela minha semelhança à São Jerônimo, padroeiro dos estudos bíblicos, uma vez que tenho certo conhecimento e um profundo amor pelas Sagradas Escrituras. Agora sou o guardião desta casa chamada “Casa Fraterna São Pio” que se dedica aos moradores de rua doentes, em estado terminal.

Muitas pessoas não entendem o nosso trabalho, porque a razão não explica a graça de Deus. Ninguém consegue ficar numa casa, seja vocacionado⁴⁹, aspirantado⁵⁰

⁴⁹ Designação que se recebe no período de experiência vivenciado antes da decisão de permanecer na Toca. Duração: não existe tempo determinado para esta fase.

postulantado⁵¹, noviço⁵², consagrado⁵³, por opção. Só permanecemos por um chamado de Deus.

Muitos modelos de amor e de fé também me inspiram. Além de minha mãe, eu dirijo o meu olhar em direção aos homens que, antes pecadores, se encontraram com a Graça, à todos os que buscam a santidade, à vida dos santos, como São Francisco de Assis, São Paulo Apóstolo, São João da Cruz, à Nossa Senhora e à Jesus Sacramentado, autor da minha vocação.

Não temos estudos acadêmicos, a não ser os da Sagrada Escritura, do Catecismo e dos documentos da Igreja. Também lemos jornais para sabermos o que acontece no mundo a nossa volta. Então, quem são os nossos mestres? São os pobres que atendemos, eles sim são um livro aberto, são os nossos senhores, os nossos mestres. Eles nos ensinam coisas que universidade nenhuma ensina; eles são a nossa universidade. Eles nos ensinam a ser dependentes de Deus e nos salvam de nossa independência. Os pobres nos fazem ver que estamos sob a proteção de Jesus Cristo e por sermos dependentes Dele, precisamos d'Ele.

Quanto aos jovens, eu diria que eles se encantam com a Toca. A juventude de hoje não quer saber só de palavras, ela gosta de atitudes, de ações, ela busca o que é radical e eles vêem muita radicalidade na Toca de Assis, a partir do nosso testemunho. Se a juventude está desorientada, não é por sua culpa. Existe um “anti-herói” que maltrata a juventude e posso dizer, por experiência própria, que esse “anti-herói” é o rock. Quando estamos distribuindo sopa aos pobres, na praça do Carmo, durante à noite e madrugada adentro, muitos jovens drogados, homossexuais, ficam do outro lado da rua nos observando e acredito que comparam a radicalidade deles com a nossa e ficam confusos. Reconhecem a nossa radicalidade, mas não percebem a diferença. A nossa radicalidade se manifesta dentro do nosso carisma através três pilares: - adoração ao Santíssimo Sacramento; - cuidado com os sofredores de rua; - vida fraterna e missionária.

Finalizo esse meu depoimento, trazendo a imagem de São Francisco, perto de Assis em Rivotorto, Itália. Em uma toca/cabana abandonada ele partilha, com seus irmãos, seus seguidores, orações e o pão mendigado pela cidade. Nesse lugar, pobres e leprosos também são acolhidos para serem cuidados. De joelhos, braços abertos, mãos estendidas, olhos voltados para Deus, esses meus irmãos me mostram o segredo da vida cristã, ser dependente de Deus, estando sob os cuidados de Nosso Senhor Jesus Cristo.

⁵⁰ Nome utilizado durante o período que compreende o momento em que se recebe a primeira veste - e a partir de então se aspira à vida consagrada - até o dia em que é feita a primeira profissão. Duração: um ano.

⁵¹ Denominação que é utilizada no período imediatamente posterior ao Aspirantado, quando se recebe outra veste e confirma-se o desejo de se consagrar a Deus no Carisma da Toca. Duração: dois anos.

⁵² Após o Postulantado, recebe-se o hábito e se permanece na preparação para professar os votos. Neste período passa-se a ser chamado de Noviço. Duração: um ano.

⁵³. Passa-se a chamar-se de Consagrado a partir do momento em que se professam os votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência por amor ao Reino dos Céus, neste Carisma belíssimo que Deus nos deu.

Quando você cresce, formando uma identidade, como foi o meu caso, as orientações mudam. Hoje, além dos meus pais, as minhas principais referências são negras e africanas, entre elas posso citar, os intelectuais negros, como Kabenguele, Sueli Carneiro, uma filósofa que estuda as relações de gênero; o Brown dos Racionais, o rapper Hood; entre as mulheres, a Dandara, Acotirene, Aquatune, e o Zumbi dos Palmares. Elisa Larkin Nascimento é branca, mas não deixa de ser outra importante referência em minha vida. A principal qualidade deles é a resistência negra, a luta contra o preconceito e a opressão.

Ah! Heróis vivos que me inspiram, eu tenho muitos. São todos do Hip Hop e foram eles que despertaram a negritude em mim.

(Jaqueline Lima Santos⁵⁴, 2008)

Meu nome é Jaqueline Lima Santos, tenho 20 anos e faço o quarto ano de Ciências Sociais na PUCC. Nasci em São Paulo, mas minha família veio da Bahia. Tenho uma irmã e um irmão, eu sou a mais nova.

⁵⁴ Narradora/Colaboradora: Jaqueline Lima Santos

20 anos

Movimento Juventude Negra

E.mail: jack_sorocaba@yahoo.com.br; santos.jaquelinelima@gmail.com

Data da Entrevista: 09/05/07

Duração da Entrevista: 60 min.

Transcrição: 02/09/08.

Quando era criança, curti a lambada, forró, axé, samba-rock, samba, pagode. Meu irmão gostava muito de rap, então, por influência dele fui formando identidade e me tornei grafiteira, embora não tenha mais tempo para desenhar.

Morava no Grajaú, periferia de São Paulo. Meus pais sempre trabalharam muito para oferecer tudo que eu e meus irmãos precisávamos. Tínhamos uma casa própria e nunca nos faltou nada. Não sofremos como eles, mas convivíamos com muita gente que tinha problemas. Não sei se meus pais tiveram sorte, porque tem gente que batalha a vida toda e, mesmo assim, “está no buraco”.

Quando eu tinha cinco anos, via minha mãe acordando de madrugada para ir atrás de meu irmão na rua. Hoje, ele tem vinte e oito anos e, desde os treze, é dependente químico. Já estive preso. Há três semanas, foi para a Bahia, morar com meu avô.

Minha mãe é adotada e tem um irmão, por parte da sua mãe biológica, que é como se fosse seu filho. O mesmo problema que minha mãe tinha com meu irmão por causa da cocaína, ela teve com o meu tio por causa do álcool. Pagava as contas dele, buscava no bar. Ela sempre sofreu muito e acho que presenciar esse sofrimento fez com que eu tivesse um outro olhar sobre a vida.

A minha irmã sempre foi tranqüila, tem vinte e três anos e vai entrar na faculdade esse ano. Faz enxoval, quer namorar, sonha em casar, em ter filhos, mas agora, um pouco por influência minha, ela está mudando suas concepções.

Aos doze anos, época em que você começa a formar, a expressar mais sua identidade, comecei a me identificar muito com o rap, com *Hip Hop*, com o samba, com a questão racial.

Meu pai estava desempregado, mas conseguiu um emprego em Sorocaba, então toda a família mudou-se para lá, onde comecei a participar de várias atividades de rap, juntamente com alguns primos. Adorava, era a minha diversão. Na escola, conheci alguns meninos do grafite que faziam oficinas dentro do projeto desenvolvido por militantes do PT e do *HIP HOP*. Tinha oficina de arte, de grafite, de dança, de *break*, de *rap*, de *DJ*, muita coisa legal. Como eu gostava de escrever, participei da oficina de rap.

Na cidade de Sorocaba, conheci o militante Márcio Brown e ele me convidou para participar de movimentos, nos bairros, pela paz, contra a fome. Organizamos uma ONG, fundada no ano passado e foi nesse processo que comecei a militar e a cantar rap. Fiz muitas músicas, falando da realidade da mulher negra.

No início a minha militância se deu no *Hip Hop Gospel*, porém, quando propusemos uma discussão mais política, ficou difícil. Muita gente do *Hip Hop* vai para a igreja, porque sendo um movimento de periferia, a maioria frequenta a igreja evangélica. São pessoas que encontram na religião uma resposta ao sofrimento, às aflições que passam na vida.

Para mim, essa resposta nos limita. Por exemplo, eu participava do movimento dentro da igreja e também fora, na ONG e por causa disso entrei em conflito. Como podemos falar que somos todos iguais, somos todos filhos de Deus e não respeitar o próximo? As igrejas demonizam a cultura negra, a identidade negra. Por que a capoeira quando está na rua, com os negros é do demônio e quando é apropriada por uma religião ocidental, dominada pelos brancos, é de Deus? Passei a fazer questionamentos.

Religiosos vão para África fazer campanha, doar cestas básicas, mas isso em vez de ajudar elimina a identidade do povo africano. Se eles estão lá com problemas, temos que enxergar todo o processo histórico, porque foram os brancos, os europeus que transformaram a África no que é hoje. A África era um continente que estabelecia relações de mercado com vários países, que desenvolveu a metalurgia, a medicina, vários tipos de conhecimentos. O processo de colonização destruiu a identidade do povo africano que está tentando resgatá-la através da religião, da música, da sua cultura. As igrejas aproveitam do sofrimento do povo, para espalhar a idéia de que estão no inferno, rodeados de demônios e que a única salvação deles está em incorporar a identidade branca, cristã e européia. Se eles realmente quisessem ajudar, dariam estrutura para o povo se reorganizar. Saí da igreja.

Existia o espaço para o debate, porque nós tínhamos o Núcleo *Hip Hop* Renascer, da Igreja Renascer, uma igreja mais aberta, mas com suas limitações. Devido aos conflitos, grande parte dos meus amigos saiu do Núcleo e hoje, está na ONG. Os que permanecem na igreja não se conformam quando digo que estou bem, porque para eles se você não está na igreja, você não pode estar bem. Consideram que a libertação consiste em aceitar Jesus, porém, eu penso que estou mais livre, mais emancipada do que eles. Respeito a homossexualidade, não acho que a mulher tem que ser submissa ao marido, nem que tudo que se relacione com a cultura negra seja do demônio. Eles pararam de beber, de fumar, de fazer várias coisas, porque estão na igreja, mas com o *Hip Hop* eu também parei de fazer tudo isso e aprendi a me desfazer de preconceitos, coisa que eles não aprenderam. Fazem a “Marcha Para Jesus” com milhões de pessoas, mas são contra a “Parada Gay”. Aceitam a “A Marcha Negra” porque existe o Núcleo de Negros Evangélicos, mas quando participam, demonizam as manifestações das religiões de matrizes africanas

Todos esses fatores fizeram com que eu ficasse só na ONG, cujo nome era CVH2Cia - Cultura Verdadeira *Hip Hop* e Companhia -, mas que agora se chama “Ação Periférica”.

Começamos a montar uma rede de *Hip Hop* do interior, que se chamava “Interior Faz a Sua”. O pessoal da Casa do *Hip Hop*, em Campinas, que agora não está mais lá, teve muito peso. Fazíamos encontros de três em três meses. O primeiro foi em Bauru, o segundo em Araraquara, o terceiro em Sorocaba, o quarto em Campinas e o quinto em Itapeva. Viajamos para diversas cidades do interior, organizando Fóruns em escolas, durante finais de semana. Participamos de vários fóruns de *Hip Hop*, em nível estadual, nacional e também que aconteceram no Fórum Social Mundial, em 2002, 2003 e 2005.

A nossas discussões a respeito dos problemas raciais, de gênero, de mercado, das ongs, das alternativas para o *Hip Hop*, fizeram com que percebêssemos a importância de estarmos dentro da instituição, e para isso deveríamos, nas várias cidades, lançar candidatos a vereador que fossem do *Hip Hop*, do movimento negro.

Tivemos a experiência do Raissuli Hudson, em Salto, do Márcio Brown em Sorocaba. Aqui em Campinas, apoiamos o Otávio, do movimento estudantil, e também o Tiãozinho que era do movimento negro. Em São Paulo teve o Primo Preto. Em muitos lugares do Estado teve candidaturas de membros do *Hip Hop*. Fizemos campanha sem dinheiro para nada, andando nas ruas e quase todos eles se elegeram. Alguns grupos nos ajudam muito. Contamos, por exemplo, com o Jair, do Sindicato dos Metalúrgicos, o Adão,

do Sindicato dos Trabalhadores de Energia, o presidente do Sindicato dos Vigilantes, o Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp, todos do Movimento Negro. Um outro grupo que nos dá muita força é a Juventude da Pastoral Afro, na Vila União.

Pensamos que dentro da instituição, iríamos elaborar nossos projetos. Em parte, isso aconteceu, porque, por exemplo, conseguimos que a semana do *Hip Hop* e que os Conselhos Municipais de *Hip Hop* fossem instituídos na maioria das cidades. Através do intercâmbio entre o Fórum do Interior e o Fórum Nacional, socializamos vários projetos. Em várias cidades do interior, a Semana do *Hip Hop*, geralmente, é em novembro porque o pessoal de Nova York implementou uma semana *Hip Hop* na mesma época e tem tudo a ver com o Brasil porque novembro é o mês da Consciência Negra. Tendo a nossa representação, nossa voz dentro das instituições, podemos implementar nossos projetos, desenvolver atividades com *Hip Hop* na periferia, porém, muitas vezes, a prefeitura boicota.

Minha monografia é sobre a construção da identidade negra, através do movimento *Hip Hop* e uma das minhas fontes é o ENJUNE: Encontro de Juventude Negra do qual participo. O ENJUNE é um projeto que nasceu em março do ano passado e tem por objetivo mobilizar a juventude negra, colocando-a como protagonista do seu próprio processo e inserindo-a nos espaços políticos de modo a possibilitar uma rede de comunicação institucional em que seja possível socializar propostas, ações conjuntas, articuladas em nível estadual e nacional.

Depois do ENJUNE, no interior, eu fui, neste fim de semana, para o ENJUNE, no ABC Paulista. Saímos para a rua, com o objetivo de denunciar a violência policial contra a juventude negra, a instituição da maioridade penal e o genocídio da juventude negra. O que aconteceu? Os amarelinhos que já estavam sabendo, fecharam a rua e, como acontece em toda passeata, a polícia nos atacou. Alguns amigos do *Hip Hop* e do movimento negro foram presos e outros machucados, inclusive eu. A polícia reprimiu a manifestação, porque a gente carregava cartazes contra a violência e o racismo policial. Apresentamos dados do próprio governo, confirmando que a juventude negra é a juventude que mais morre, é mais excluída e violentada.

Depois disso, fui para o show do Racionais em São Paulo. Enquanto os bichos-grilo da USP, os universitários alternativos estavam curtindo um show do Nação Zumbi, usando droga, quebrando tudo, pulando em cima dos banheiros orgânicos, a polícia não fez nada. Quando acabou o show do Nação Zumbi, essa juventude desceu em direção à praça, para o show do Ed Motta e a juventude negra começou a ocupar o espaço, onde teria o show dos Racionais. Que aconteceu? A polícia só estava esperando os Racionais entrarem no palco para acabar com tudo. Nós consideramos isso como uma perseguição política. A polícia quer mostrar que o nosso lugar não é no centro, mas na periferia. Ela fica extremamente irritada com os militantes do *Hip Hop*, porque denunciemos a violência policial, fazemos cartilhas e entregamos para juventude negra, orientando como deve agir quando é abordada por autoridades policiais. Antes, a polícia ameaçava o jovem e dizia para ele virar as costas e sair correndo, ou dava tapa na cara e o jovem abaixava a cabeça. Hoje, é diferente, porque a juventude está se organizando, se informando.

Quando a polícia veio para cima, a molecada do *Hip Hop* começou a atirar tudo que via na frente para se defender. Parecia um campo de guerra. Quem estava lá ficou desesperado, porque bombas e pessoas se espalhavam para tudo quanto é canto. A praça ficou destruída. Tínhamos que passar por cima de tudo, correr para os quatro lados. Quando a galera foi se abrigar no metrô, na estação subterrânea da Sé, a polícia entrou e atacou as pessoas. A molecada começou a quebrar tudo... Alguns ladrõezinhos aproveitaram para saquear as lojas, mas quem provocou tudo isso foi a polícia militar. A gente vem denunciando tudo isso e é dentro das instituições que podemos debater essas questões.

Dentro da universidade, por exemplo, eu trago um debate que vai contra ao que o professor discute na sala de aula, porque eu sou costumeiramente tratada como objeto de estudo e não como sujeito. Não tenho problema nenhum em ser estudada, mas eu acho que a voz tratada como “subalterna” - entre aspas que nós somos subalternos - também pode falar. Passei a trazer intelectuais negros e feministas para participarem de debates na universidade, pois eles são muito marginalizados.

Sempre que o negro, a mulher, o sindicalista, o pessoal de movimento social entram na universidade, são questionados por fazer um discurso militante, daí surge aquela discussão, que já é ultrapassada, mas ainda existe, do distanciamento, da neutralidade, mas o único que ainda tem poder de falar sobre tudo é o homem branco.

Acredito que dentro das instituições podemos mudar muita coisa, mas, por exemplo, quando me mudei para Campinas, participei da Casa do *Hip Hop*, num espaço cedido pela Prefeitura, o problema é que, se muda a gestão, ocorrem interferências. O *Hip Hop* tinha que ter uma Casa do *Hip Hop* independente do espaço da prefeitura. Ao assumir o governo municipal, o Dr. Hélio colocou na Casa uma pessoa que se diz do *Hip Hop*, mas ele não faz nada pelo movimento. Sei que é *dj* e que toca em festas nos salões. Ainda restou um pessoal que tenta fazer alguma coisa nos bairros, mas a maioria dos meus amigos, inclusive eu, saiu.

No primeiro ano de faculdade, comecei a me envolver com o movimento estudantil, mas eu não gostei muito, porque é diferente do *Hip Hop*, tem muitas correntes e divergências. O pessoal da PUC, por exemplo, discutia muito e disputava espaço político entre as diferentes correntes. Claro que no *Hip Hop* também tem conflitos, mas somos mais práticos e discutimos menos. Entrei no DCE (Diretório Central dos Estudantes) para trazer uma discussão para dentro da universidade, sobre a constituição de uma Diretoria de Combate ao Racismo e não conseguíamos falar dos nossos projetos na reunião, porque o pessoal ficava disputando representações nas várias instâncias da universidade. Acho que o movimento estudantil proporciona uma formação política boa, mas a atuação, pelo menos no momento, é muito ruim. Desisti do movimento estudantil. Continuo filiada ao PT, mas não faço militância partidária. A minha militância se dá dentro do Movimento Negro, junto à juventude. O partido sem o Movimento é cego, e o Movimento sem o partido é aleijado, porque se quisermos conseguir concretizar as nossas propostas de luta, temos que batalhar dentro das instituições, com o apoio dos legisladores.

Mesmo fora do movimento estudantil, trouxe muita gente para dentro da universidade, entrosando a galera. Aproveitei todos os espaços para fazer alguma coisa

em relação à questão racial, que é um debate invisível na universidade. Aliás, até hoje, eu aproveito tudo. Entrei para o Conselho de Faculdade, na Semana de Ciências Sociais e na Semana de Monografia das Ciências Sociais desenvolvi atividades ligadas ao *Hip Hop*.

No segundo ano, conheci o projeto da ANENN: Associação Nacional dos Estudantes Negros e Negras, que surgiu em contraposição à UNE (União Nacional dos Estudantes), porque os estudantes negros e as estudantes negras não se sentiam contemplados pelas organizações estudantis já instituídas, que apesar das tentativas, não fazem o enfrentamento que fazemos.

Em maio, a universidade tem uma mania ridícula de escolher o dia treze como a "libertação dos bichos". Eles fazem uma associação com o Treze de Maio que, para o movimento negro, é dia de denúncia contra o racismo, não é dia de libertação. Como considero uma brincadeira muito sem graça, passei a desenvolver uma atividade diferente. Trouxe o Samba de Bumbo, que é o Samba de Dona Aurora, um grupo de velhinhos que toca samba e conta a história da senzala.

Também, nesse segundo ano, fizemos a Primeira Semana da Consciência Negra e o debate "Palavra Livre", um projeto da PUCC (Pontifícia Universidade Católica de Campinas). Como representante dos alunos das Sociais e da História, fiz um plebiscito para que eles escolhessem alguns temas que seriam incluídos no projeto. Foram apresentados: Conjuntura Política; Cultura Popular e Juventude; Opressões Sociais: Raça, Gênero e Diversidade Sexual; e, Bioética.

No debate sobre Cultura Popular e Juventude veio um pessoal do *Hip Hop* de Sorocaba, no de Conjuntura Política se apresentou um grupo do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Cantaram, falaram sobre violência, juventude, colocaram as *pick'ups*, isto é, os toca discos dos *DJ's* na Praça de Alimentação; "causaram". Foi "a periferia entrando na universidade".

Quando o grupo, responsável pelo tema Opressões Sociais: Gênero, Raça e Diversidade Sexual, se apresentou, tínhamos a idéia de montar um núcleo de estudantes negros, aqui na PUCC, então, trouxemos um núcleo da universidade de Brasília, o EnegreSer, que lutou pela implementação de cotas na UNB. No dia da palestra deles, teve Roda de Jongo. Trouxemos atividades culturais durante o resto da semana e exibimos documentários. Também acabei levando a galera para a Marcha Zumbi Mais Dez, em Brasília.

Em 2006, paralelamente ao processo da ANENN, comecei a participar do CENSP, que é o Coletivo Estadual dos Estudantes Negros e Negras de São Paulo. Formamos um coletivo em Campinas. Apesar de nos comunicarmos, ainda não encontramos um espaço para nos encontrar, por isso, infelizmente, o ANENN e o CENSP estão pouco ativos.

Também, nesse ano, aproveitamos a Semana de Estudos, para colocar uma mesa sobre o tema das "opressões". Veio gente do Coletivo do MST, do *Hip Hop*, do CENSP e do movimento de mulheres, a Marcha Mundial de Mulheres. Fizemos uma discussão e o pessoal ficou um pouco assustado com a nossa intenção de criar um coletivo de estudantes negros na universidade: "Mas, por que um coletivo de estudantes negros?". Porque se a UNE não contempla, não responde às nossas demandas, a gente precisa se organizar.

Na última reunião anual do Conselho Nacional de Juventude, no Rio, estivemos presentes para mostrar que acreditamos na necessidade de políticas públicas voltadas para a juventude negra. Políticas sociais são importantes, porque atendem a todo mundo, só que essas políticas sociais não vêm mudando a realidade da população negra. Os dados indicam que está ficando cada dia pior. Assim como devem existir políticas específicas voltadas para a mulher, tem que haver políticas específicas voltadas para a juventude negra.

Discutindo *Hip Hop* no meio político, a juventude negra, chegou à conclusão que nós estamos cansados de ser eixo temático dos debates. Não queremos mais ser pautados, discutidos, queremos discutir e falar o que queremos. É a juventude negra discutindo a juventude negra, sob todos os seus aspectos. Para os ENJUNES apresentamos dezesseis eixos temáticos, que vão desde cultura, educação, até saúde, religiosidade, mídia. Discutimos sobre “Jovem e Mulher Negra”, “Terra, População Negra e Espaço Urbano-Rural”, “Deficiência Física”, enfim, temas sobre o feminismo, GLTTB (*Gays, Lésbicas, Travestis, Transexuais e Bissexuais*), todo tipo de opressão com foco na juventude negra.

Entrei no ENJUNE esse ano. Começamos a articulá-lo a partir do meu contato com toda a rede da juventude negra do interior. Fizemos um ENJUNE em Salto, no dia 24 de março, e um outro, em Campinas, no dia 28 de abril deste ano. Haverá um ENJUNE estadual, nos dias 1, 2 e 3 de junho, e um nacional, na cidade de Lauro de Freitas, na Bahia, nos dias 28 e 29 de julho.

Como a minha militância se dá dentro e fora da universidade, um dos desafios que colocamos para os professores é propor uma mudança de paradigma, trazendo uma discussão que está fora para dentro da academia. O *Hip Hop* é um movimento que surge da juventude negra, foi e está sendo protagonizado por ela. Existe uma discussão muito grande hoje no *Hip Hop*, até mesmo dentro da universidade, que estuda o movimento como sendo um processo da diáspora africana. Antes de ser sistematizado e oficializado nos guetos de Nova York, no *Bronx*, o *Hip Hop* já existia na forma de protesto, do canto falado, das batidas, oriundas da fusão das culturas africanas. São os chamados griôs. Analisamos a importância do canto falado entre os escravos como um meio de comunicação, que propagou uma ligação entre todos eles, evitando que o “senhor” pudesse separá-los.

O meu trabalho de iniciação científica, foi sobre o Jongo. É interessante perceber os pontos comuns entre os movimentos de cultura negra: o Jongo tem desafio, os “pontos” são os cantos. Quando você entra na roda, ao som dos tambores, um joga o “ponto” para o desafio, o outro tem que “desamarrar” respondendo com outro “ponto” (no improviso); no rap, existe a *free style* (“estilo livre”), que é a mesma coisa, é o desafio. Eles improvisam em cima da batida da base do disco. Um desafia o outro. A dança é sempre um em volta do outro, em roda.

Na Revista *National Geographic* do mês de abril, saiu uma reportagem: “*Hip Hop: música e atitude*”. Os pesquisadores da Universidade de Colúmbia apresentam um mapa cronológico do movimento *Hip Hop* desde mil e seiscentos, até dois mil, e mostram como uma música foi influenciando outras: dos griôs à batucada, ao *funk*, ao *jazz*, ao *blues*, ao *Hip Hop*. Quando o *Hip Hop* chegou aos Estados Unidos, constatou-se a ocorrência de uma

imigração muito grande de pessoas que chegavam dos vários países da América Central e Caribe.

O grupo que eu estudo vê o *Hip Hop* não como um movimento norte-americano, mas, como um movimento da Diáspora Africana, ou, como diz a galera, um movimento OADQ, iniciais da expressão: Origem Africana de Descendência Quilombola. Os negros reivindicavam uma identidade nacional, a afro-brasileira, mas mesmo assim continuavam sendo vítimas do racismo, não sendo reconhecidos seus direitos dentro da nação que privilegiava a população branca, isso fez com que buscassem somente as referências externas, a identidade mais africana, a negritude, como já vinha ocorrendo em outros lugares do mundo. Essa identidade africana ressignifica a generalização que os povos europeus fizeram com os africanos, que era um continente diverso, composto por povos diferentes e que foram generalizados a um só termo, negro, como se fossem uma coisa só. Essa ressignificação busca a solidariedade internacional dos negros onde quer que estejam, pois são vítimas da mesma opressão, o racismo, então todos são negros da diáspora e não negros das nações em que foram colonizados. Os negros do movimento da negritude buscam suas referências culturais africanas, lutam contra o racismo, negam os valores ocidentais e eurocêntricos que os oprimem, e buscam a irmandade de todos os negros da diáspora. Hoje, a maioria da juventude negra se considera pan-africanista, uma vez que o *Hip Hop* surge no Brasil, num momento em que o movimento negro se afirma como movimento negro e não mais como movimento afro-brasileiro.

Temos uma idéia de nação, mas a juventude negra não vê o Brasil como uma nação porque aqui as pessoas são tratadas com diferenças, existem privilégio para poucos. Existe nação quando não existe preconceito, intolerância, e aqui não existe tolerância, nem respeito pelas diferenças. Na entrada de minha cidade, por exemplo, colocaram uma placa em que está escrito: "Sorocaba é de Jesus Cristo". O governo tem que atender todo mundo, porque todo mundo paga imposto. Nossa! Na nota de um real vem escrito: "Deus é Fiel". O movimento negro foi enxergando isso ao longo da história e, desde a década de setenta, vem surgindo uma identidade diferente. Se antes, incorporamos uma identidade afro-brasileira, fornecida pelo europeu, hoje buscamos referências africanas

Ah! Heróis vivos que me inspiram, eu tenho muitos. São todos do *Hip Hop* e foram eles que despertaram a negritude em mim. O adulto pode ter preconceito, mas não fala: "Ah! Seu negro...", porque sabe que se falar, vai ser reprimido, mas em suas ações ele exclui. Quem está selecionando no mercado de trabalho, mandando no país, quem está controlando, que é a elite branca, exclui o negro do processo. Mas, a criança fala. Trabalho numa escola municipal, onde desenvolvo um projeto que se chama "A Cor da Cultura" e vivo me deparando com crianças que chegam na diretoria e dizem: "Ah! Ele me chamou de negrinho". Aí, eu explico: "Mas, você é negro".

Quando eu era criança, me sentia excluída. A criança mais bonita da classe sempre é branquinha. Todo mundo fica falando, inclusive o professor, que quem tem piolho é sempre a criança negra, que o cabelo crespo deve ser alisado. Não sabem que o cabelo crespo também tem a sua beleza. Não sabem lidar com a criança negra.

Lembro-me de uma época em que eu ficava muito exposta ao sol para o meu cabelo queimar e ficar claro. Chegava em casa toda feliz e falava para minha mãe: "Ah!

estou ficando loira, estou ficando loira!". As minhas bonecas eram todas brancas, nunca tive uma boneca preta. Não culpo meus pais por isso, porque entendo que estão inseridos num processo, de cuja construção eles não participaram.

Quando você cresce, formando uma identidade, como foi o meu caso, as orientações mudam. Hoje, além dos meus pais, as minhas principais referências são negras e africanas, entre elas posso citar, os intelectuais negros, como Kabenguele, Sueli Carneiro, uma filósofa que estuda as relações de gênero; o Brown dos Racionais, o rapper Hood; entre as mulheres, a Dandara, Acotirene, Aquatune, e o Zumbi dos Palmares. Elisa Larkin Nascimento é branca, mas não deixa de ser outra importante referência em minha vida. A principal qualidade deles é a resistência negra, a luta contra o preconceito e a opressão.

As minhas horas vagas são para a militância, eu me divirto e tento mudar alguma coisa. Escrevo artigos, músicas e rimas. Penso que na arte expressamos os nossos sentimentos, a nossa visão de mundo.

Não tenho tempo para ler romances, mas leio muitos livros teóricos, sobretudo a respeito de racismo. Alguns livros marcaram a minha vida, como por exemplo, o "Negritude: usos e sentidos", de Kabenguele Munanga que é africano e antropólogo da USP. O filho dele faz Sociais na UNICAMP.

Os filmes que mais gostei foram *Black Panthers* e um documentário brasileiro chamado "Vista a Minha Pele", que mexe muito com as pessoas brancas. Trata-se de uma sociedade, em que os brancos foram trazidos pelos africanos e escravizados. Existe uma menina branca que mora na periferia, possui bolsa numa escola particular e trança os cabelos para ir à escola, porque ela está fora do padrão ideal, que é o cabelo crespo. Na escola, ela não pode ser a rainha de nada, não pode ser a noiva da festa junina, porque a menina considerada a mais bonita é negra; na escola a chamam de "branquinha". A direção é de Joel Zito Araújo, do CEERT, Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade de São Paulo.

Gosto muito da produção dos *Afroreggae*. Deles, eu vi "Nenhum Motivo Explica a Guerra" e um outro, a respeito de um projeto, no qual mostram a realidade da juventude negra na periferia.

Eu não sou de nenhuma religião. Acredito em Deus. Para mim, o mesmo Deus do Candomblé, é o Deus que está presente em outras religiões. Acho que as pessoas criam barreiras através da religião para fazer exclusões.

Tenho uma imagem que eu adoro, da Angela Davis, que foi do *Black Panthers*. Ela usa *black power* e está com a mão para cima, o punho fechado, lutando contra a opressão. É referência porque representa a juventude negra organizada.

(...) existe uma pessoa que me inspira muito e que eu desejo imitar profissionalmente, é o Bill Gates, porque ele é muito show, culto, um 'crânio' em informática, inventa cada coisa que você fica perplexo.

(Johnny Moreira da Silva⁵⁵, 2007)

Antes de conhecer o COMEC eu era bem rebelde. Tinha cabelo grande, enrolado, usava roupas largas, soltas. Nunca gostei de baladas, mas eu bagunçava bastante lá no bairro onde morava. Quando você tem quatorze, quinze anos, está explodindo, você quer zoar, sair com os amigos, jogar vídeo game. Perdi muita aula para ficar com os amigos e jogar vídeo game.

Na escola, eu sentava no “fundão” e aprontava, mas dentro da sala respeitava os professores, porque sempre valorizei o estudo. Hoje, no Ensino Médio, posso dizer que ainda sou baderneiro, mas na hora da explicação, presto atenção. Às vezes me distraio, um colega do lado me chama e começo a conversar. Hoje em dia, o jovem valoriza muito o diálogo com os amigos, por isso não consigo ficar calado.

Onde eu estudo sempre divulgam alguns cursos, então, dava meu nome, porém nunca acreditei que pudesse dar certo. Um dia, a supervisora falou do COMEC e eu fiquei

⁵⁵ Narrador/Colaborador: Johnny Moreira da Silva

17 anos

COMEC: Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas

Rua Abolição 92 – Ponte Preta – Campinas

www.comec.org.br

E.mail: johnnym.sil@hotmail.com

Data da Entrevista: 19/04/07

Duração da Entrevista: 50 min.

Transcrição: 03/10/07.

curioso. Quando perguntaram se havia alguém interessado em ir para lá, levantei a mão, sem imaginar que seria chamado. Passei por um processo seletivo e fui aprovado.

Aos quinze anos, quando entrei no COMEC, comecei a participar do Programa de Educação para e pelo Trabalho. Todos os dias, era o primeiro a chegar. Só não participava de tudo porque os horários não eram compatíveis. Fazia as aulas de informática, laboratório de artes, oficinas. Fui me desenvolvendo, aprendendo a ter espírito de liderança.

Iniciei no “Grupo de Representantes” formado por jovens que representavam outros grupos. Pensei que essas reuniões seriam muito chatas, mas não, elas eram super dinâmicas. Fui me inteirando e passei a ser o líder desse grupo, com a missão de comunicar os resultados de nossas discussões a todos os jovens do COMEC. Como acho que o COMEC não é feito só de supervisores, coordenadores, mas também, principalmente pelos jovens, sempre pedia informações, sugestões para que as atividades do programa fossem voltadas diretamente para os adolescentes com o objetivo deles se desenvolverem, se capacitarem cada vez mais. Essa idéia fez com que o pessoal começasse a ter uma visão diferente.

Devido à minha atuação nesse grupo, os supervisores perceberam que eu fazia acontecer aquilo que cada adolescente queria. Cheguei a participar inclusive do Conselho da Criança e do Adolescente (CMDCA), juntamente com a Prefeitura de Campinas.

Agora, como estou trabalhando, o meu contato com o COMEC é indireto, ou seja, as reuniões mensais de supervisão são realizadas no meu local de trabalho.

No convênio entre o COMEC e várias empresas, os adolescentes indicados para trabalhar são os que se saem melhor na capacitação e demonstram ter mais capacidade para crescer pessoal e profissionalmente. Ficam até completarem dezoito anos, quando ocorre o desligamento automático, tanto do COMEC como da empresa. Isso não significa que os outros adolescentes sejam excluídos.

Esse trabalho de capacitação do COMEC oferece a possibilidade de termos o primeiro emprego. A Rodhia é o meu primeiro emprego, então, eu fico meio inseguro. Tem hora que não tem como explicar essa sensação boa de que você está trabalhando.

Sou auxiliar administrativo, mas atuo na área de eventos no setor chamado Mansão. Esse nome foi dado porque os imóveis de lá lembram aquelas casas antigas dos barões. Nosso trabalho consiste em organizarmos reuniões, festas, buffet, coquetéis.

Meu supervisor, o Wesley, também era um COMEC e a Rhodia foi o primeiro emprego dele. Quando ele fez dezoito anos, o seu contrato acabou e eu entrei em seu lugar. O sonho de todo adolescente do COMEC é poder ser efetivado na empresa onde você se iniciou profissionalmente e foi o que o Wesley conseguiu. Depois de um tempo, ele foi chamado e contratado pela Rodhia para o mesmo setor onde estava antes. É a primeira vez que acontece isso na história do COMEC.

O Wesley e eu temos uma convivência muito legal, porque nós somos jovens, nos entendemos. Ele fica mais com a área administrativa e eu na organização dos eventos. Às vezes, até o nosso chefe elogia bastante a gente, porque lá existe um fluxo muito grande de

peessoas e trabalhar com o ser humano é difícil. Você tem que ter paciência, calma porque se o cliente disser “água” e for vinho, você não vai discordar.

Desde que comecei minhas atividades no COMEC sempre recebi incentivo, ajuda para crescer pessoalmente e me capacitar para o trabalho. Constantemente, o COMEC está amparando o adolescente, conversando, informando, criando dinâmicas de grupo, puxando nossas orelhas quando precisamos de uma bronca, pensando no nosso futuro. O jovem é praticamente um filho para o COMEC.

Hoje, posso dizer que o COMEC e a Rodhia representam para minha vida uma grande mudança, porque me expresso melhor, dialogo com muita gente e passei a conhecer pessoas que moram no meu bairro por serem funcionários da Rodhia.

Também estudo à noite e, às vezes, é complicado por estar preocupado para que nada dê errado em eventos do dia seguinte. Apesar do treinamento que recebemos, ficamos tensos, porém, de modo geral, até que consigo separar um pouco a escola e o trabalho na Rodhia. Diante da ansiedade para que o tempo passe logo, procuro me acalmar e quando sobra algum tempo, estudo, organizo as tarefas, principalmente agora no terceiro colegial.

Quanto a esportes, faz um bom tempo que não pratico. Não sou muito fã de futebol, mas gostava muito de jogar ping pong e tênis de mesa aqui no COMEC. Hoje não dá mais tempo, porque tenho família e um filho muito fofo que vai completar dois meses.

Faz um ano e dois meses que eu e minha mulher estamos juntos. No começo, foi um pouco difícil. Minha mulher tem dezenove anos e quando ela me disse que estava grávida eu não acreditei nela, isto é, eu acreditei, mas fiquei com medo. Eu me perguntava: “o que é ser pai, se eu não sei direito nem ser filho?”. Você pensa que ser pai é só mandar, mas não é só isso, existem muitas obrigações. Felizmente, com o tempo eu fui me acostumando e me tranquilizando. Depois, veio o mais complicado: a minha família. Minha mãe é da Igreja Batista, meu pai está desviado da religião e é separado da minha mãe, porque a bebida e o cigarro atrapalharam muito a vida deles. Agora, graças à Deus, ele está se recuperando.

Eu tenho religião, mas no momento, não estou praticando muito, porque preciso acertar a minha vida. Sou crente da Igreja Batista e a família da minha esposa é católica.

A minha sogra e eu nos damos muito bem, parecemos mãe e filho, por isso ela aceitou a gravidez da filha, mas me aconselhou a conversar com a minha família o quanto antes, mostrando o quanto era importante para mim o apoio deles.

Temia que minha mãe, ao saber da gravidez, pudesse ter um “negócio”, ou querer me matar. Criei coragem e iniciei a conversa assim: “Mãe, você acha normal um adolescente ser pai?”. Ela me respondeu: “Sim”. Eu continuei: “Ah! Mãe, eu vou ser pai, a minha esposa está grávida faz dois meses e você vai ser avó”. Ela me olhou e começou a rir: “Aí, meu Deus, não acredito. Eu vou ser avó? Tenho trinta e cinco anos e sou muito nova para ser avó”. Entre nós, o mais difícil foi sair de casa para morar com minha esposa e sogra, mas eu expliquei que tive de assumir essa responsabilidade e aí ela aceitou o fato.

Ao saber que era um menino, fiquei muito feliz porque todo pai quer sempre um filho homem e até o nome eu já tinha escolhido. É Natan, aquele que, segundo o texto

bíblico, profetizou a ascendência de Jesus, como sendo originário da casa de Davi. Chorei muito ao presenciar o nascimento, principalmente por eu estar junto da pessoa de quem gosto de verdade e que se emocionou comigo ao ver o nosso filho nascendo. Filho é uma palavra muito forte, é uma expressão de carinho.

Quando tudo aconteceu, eu já estava no COMEC, mas até então ninguém sabia de nada, somente nossas famílias. Na Rodhia, alguns não acreditaram que eu já era pai, mas a maioria me parabenizou pelo fato de eu ter assumido essa responsabilidade apesar de ser muito novo. No COMEC, o pessoal apoiou bastante, mas todos ficaram bem assustados, porque eu era aquela pessoa que não se preocupava muito com namoro. Eu gostava de participar das atividades, era bem ativo, mas não falava em ser pai e também nunca tive um tipo físico que me favorecesse junto às garotas, por isso me desligava dessas coisas.

Todo homem visa em seu pai o seu maior herói, mas eu tive uma decepção muito grande com esse meu herói que, além dos vícios da bebida e do cigarro, largou minha mãe por outra mulher. Mas, existe uma pessoa que me inspira muito e que eu desejo imitar profissionalmente, é o Bill Gates, porque ele é muito show, culto, um “crânio” em informática, inventa cada coisa que você fica perplexo. A tecnologia está crescendo muito e através disso você também consegue ter a visão máxima. No futuro quero ser um analista de sistemas, quero inventar programas, aparelhos.

Quando eu ouço a palavra política, a primeira coisa que me vem à cabeça é a corrupção. Particularmente, é um tema que eu não gosto muito de tratar: é Mensalão, é CPI disso, CPI daquilo, presidente que pega dinheiro do povo para comprar um avião. Porém, quando falam de política eu tento prestar atenção para poder pelo menos me informar.

Os jovens de hoje em dia têm uma capacidade muito grande de crescer profissionalmente, mas eles largam isso de lado para curtir, fazer farra, festa, namorar, transar, “ficar” e às vezes isso acaba em tragédia, em morte. Ele não está nem aí com a vida, porque qualquer coisinha que ele precise, o pai está ali para ajudar. Não digo que são todos, mas alguns já têm aquela mente meio que formada. Quando eu conheci minha esposa ela me falou: “Nossa! Você é muito diferente. Você tem uma mente meio fechada, você não é muito solto, é muito criativo, ativo e não tem aquela criancice, não quer saber muito de zoar, é sério, tem compromisso, é bastante responsável”. Não queria puxar muito o meu saco, mas sou mesmo muito responsável. Vou até o fim com o que tenho para fazer.

O jovem aqui do COMEC é uma geração diferente. Aqui, você entra zoando e sai com uma outra visão, porque começa a se colocar no lugar do jovem que está no auge e não do jovem baladeiro, do jovem zoeira. Você tem que sair daqui maduro, com a cabeça no lugar. Eu, por exemplo, sinto que estou completo, responsável, e às vezes me vejo como um adulto, ainda mais agora que tenho um filho para criar.

Quanto a cinema, eu gosto bastante de filmes de ação, de terror, comédia. Um filme que me marcou muito foi o Rei Leão, o primeiro desenho que vi em minha vida numa época muito boa, quando eu era pequenininho. Na cena em que morrem o leão e o filho, eu chorei, porque me fez lembrar da infância que, infelizmente, não volta mais, mas eu sou privilegiado por estar junto do meu filho.

Um outro assunto que eu também gosto muito de falar é a respeito de estudos, porque sempre fui um aluno dedicado. Aprecio a área de exatas: matemática, física, química. Tenho apostilas de informática, de cálculos para criar programas no computador. Não muito frequentemente, eu pego livros da escola sobre literatura. Um livro que eu li e gostei foi *O Resgate do Limpador de Chaminé*, de Dave & Neta Jackson. É a história de dois irmãos que eram muito unidos, mas que foram separados quando o mais novo, com cinco anos de idade, foi “vendido” para ser um limpador de chaminés na Inglaterra do séc. XVIII. Foi o livro que mais me cativou, que eu peguei e consegui ler até o fim.

Através dessa história, eu comecei a ter uma relação mais amigável, mais afetiva com as minhas irmãs, porque antes eu brigava bastante com elas. Uma tem quatorze e a outra onze anos, então, quando vai chegando essa idade eu vou ficando cada vez mais preocupado porque eu já passei por esse período e sei o que acontece quando os hormônios estouram, você quer saber quando vai começar a conhecer o outro lado: “Como deve ser o pensamento de menino?”. Eu pensava a mesma coisa: “Como deve ser o pensamento de uma menina?”

Se eu tivesse que trazer uma imagem que mostrasse quem é o Johnny hoje, eu traria a imagem de uma árvore toda florida, bem verde, viva, de um ninho de passarinho, de um filhote com a boquinha aberta e eu trazendo a comida para ele. Penso numa pessoa que cuida não só do filho, mas também do meio ambiente. Estou preocupado porque não sabemos o que vai acontecer com as novas gerações. Você fica ali olhando seu filho, não sabe se amanhã ele vai poder conhecer o que você conhece hoje.

Acho que, para essa juventude, o herói é a liberdade e o anti-herói é o limite, porque são pessoas que têm liberdade demais e limite de menos.

(Larissa Dolenc de Moraes⁵⁶, 2008)

Meu nome é Larissa Dolenc de Moraes e tenho 22 anos.

Sou cristã e acredito que Deus é quem guia a minha vida, até hoje, baseada em princípios bíblicos. Atuo como missionária, coordenando um grupo de evangelismo junto a jovens e adolescentes na Igreja Presbiteriana Independente do Jd. Carlos Lourenço, em Campinas.

Na minha infância fui muito “levada”, agitada. Filha única, sempre estive cercada de muitos amigos, primos e primas.

Fiz curso de dança em várias academias e, hoje, sou bailarina de dança contemporânea. Desde criança me interessei por dança e teatro, então, formei um grupo que atua na Igreja, com amigos que se formaram junto comigo.

Meus pais são muito religiosos. Quando eles se casaram a minha mãe era católica e o meu pai presbiteriano, mas a cerimônia aconteceu numa Igreja Presbiteriana. Na época, nenhum dos dois freqüentava a Igreja. Depois que eu nasci eles decidiram que eu deveria

⁵⁶ Narradora/Colaboradora: Larissa Dolenc de Moraes

22 anos

Missionária e líder do Grupo de Adolescentes da Igreja Presbiteriana Independente do Jardim Carlos Lourenço

E-mail: lalartv@yahoo.com.br

Data da Entrevista: 20/04/07

Duração da Entrevista: 45 min.

Transcrição: 02/09/08.

ter uma religião. Com cinco anos de idade, passaram a me levar para a igreja presbiteriana. Quando chegou a minha adolescência, eu levei meus pais de volta à Igreja e Deus converteu a família toda. Hoje, nós três somos muito unidos e temos a mesma fé.

No Ensino Médio, fiz técnico de publicidade e propaganda numa escola particular chamada Bento Quirino.

Uma história bem engraçada aconteceu quando terminei o colegial. Eu não queria continuar estudando, mas ser missionária, ir para uma missão em Belo Horizonte e ficar por lá, trabalhando. Os meus pais não deixaram, porque eu era muito nova e deveria estudar. Nesse momento, eu me coloquei diante de Deus, e falei: "Olha, Deus, eu quero ir embora, não quero estudar, mas se for para seguir esse caminho, então, eu quero passar no vestibular". Sei que isso foi uma meninice, mas eu provei a Deus. Como fiz o colegial técnico, a minha formação para o vestibular era muito pequena. Eu não sabia quase nada, pois tive só um ano de biologia, de química. Prestei em três universidades e numa delas, na UNIMEP, fiquei em vigésimo lugar. No dia do vestibular, fui para um casamento em outra cidade. Cheguei em casa às cinco horas da manhã e, às sete horas, eu já estava em Piracicaba, dentro da universidade, para fazer a prova. Não era para eu ter passado de jeito nenhum. Quando saiu o resultado das três universidades onde prestei os exames, eu passei em duas. Para mim, foi uma resposta de que realmente eu precisava continuar os estudos.

Fui pesquisar sobre os cursos e decidi fazer Rádio e Televisão na UNIMEP. Comecei a trabalhar na TV Unimep, como estagiária. Meu último emprego, de onde eu saí faz um mês, foi no Instituto Haggay, que ministra cursos para líderes cristãos do mundo inteiro. Fiquei responsável pela parte de comunicação. Fazia vídeos com histórias de alunos, propagandas para vídeo e internet; escrevia para o site deles.

Durante o curso na faculdade, eu não era questionada a respeito da minha religião e se fosse, não teria problema porque eu nunca tive dúvidas do que eu acredito. Mas, já passei bastante nervoso quando alunos e professores falavam mal das religiões, pensando que dessa forma conseguiriam mudar opiniões. Não sou desse princípio, porque eu acho que existem realidades e realidades. Você como educador, pode expor todas as suas idéias, mas não se posicionar agredindo as outras.

Poucas vezes eu argumentei, porque na minha classe havia oitenta pessoas e só eu era evangélica. É a mesma coisa que brigar por nada. Muitas vezes eu fiquei quieta, mas eu passava muita raiva interior.

Agora estou deixando a Igreja Presbiteriana Independente do Jardim Carlos Lourenço, porque irei me casar e me dedicar à Igreja Presbiteriana de Pinheiros, em São Paulo, onde meu futuro marido é pastor de jovens e adolescentes. Nesses últimos meses tenho ido a cada quinze dias, dando apoio a um casal que ficará em meu lugar, mas podemos dizer que, agora, são eles que estão à frente das atividades. Antes de mim, o meu noivo trabalhou cinco anos com os jovens, enquanto estudou no Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas. Um ano antes dele ir para São Paulo, eu atuei no mesmo lugar, como missionária e fiz o Treinamento Missionário para Missões Urbanas no Campo do Centro de Treinamento Missionário Sudeste, nos anos de 2005 e 2006, além de fazer faculdade no período da manhã. Nesses dois anos trabalhei no projeto "Atitude" cujo alvo principal

foi os adolescentes do bairro, desenvolvendo junto a eles o evangelismo em massa, o interesse pelos estudos bíblicos e o discipulado de novos membros. Para manter e atrair outros adolescentes, criei um grupo de dança e de teatro. Trinta jovens, entre quinze e dezoito anos começaram a frequentar a Igreja. Tenho ensinado a esses jovens a importância deles mostrarem às outras pessoas a necessidade de ter Deus na vida delas.

Não é uma população carente, mas quando chegaram à Igreja mostraram-se muito violentos. Um ou outro caso de rebeldia eu enfrentei. Em dois casos, os jovens em questão achavam que os nossos ensinamentos não valiam para nada, então começaram a bater de frente comigo. À medida que fomos trabalhando aquela realidade fomos percebendo que a causa daquela rebeldia toda se devia às péssimas relações familiares. Pais que batiam e não dialogavam com os filhos, mães que não ligavam e que, às vezes, nem moravam em casa. A situação melhorou muito e, hoje, eles buscam trazer os pais para a Igreja, entendendo que o comportamento deles pode ser um referencial dentro de seus lares.

Saiu uma reportagem que fizeram sobre a minha vida, no Jornal “O Estandarte”, órgão oficial da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Gostei muito porque divulga o projeto do crescimento de uma igreja, em que aparece todo um trabalho realizado não só por mim, mas por todo um grupo de pessoas preocupadas com a formação evangélica de adolescentes e jovens em busca de esperança, de um novo modo de viver inspirado nos ensinamentos de Jesus.

Além da Igreja, eu gosto muito de dançar. Dançar para mim não é um trabalho é uma diversão.

Vou muito ao cinema, gosto de desenho animado, de terror, de todos os tipos de filmes, até porque, na minha área, eu preciso ver muitos filmes. Aprecio muito os documentários, porque mostram o cotidiano das pessoas como realmente é. O “Edifício Máster”, do Eduardo Coutinho, me impressionou bastante. Meu trabalho de conclusão de curso na faculdade, cujo título foi “Celebidades Instantâneas”, procurou mostrar as formas como pessoas normais reagem ao que elas vêem na televisão.

Leio livros mais relacionados à religião, nesse sentido, gosto muito de Augusto Curi. Ele é psicólogo, produz livros de orientação religiosa e está sempre entre os primeiros lugares em venda. O último livro dele que li chama-se “Não desista de seus sonhos”.

O que me faz não desistir dos meus sonhos é o amor por aquilo que eu quero fazer. Quem me inspira é Jesus, é Deus. O meu pai é o meu herói e as qualidades que mais admiro nele são a persistência, a determinação e o realismo.

Em relação a Jesus, o que mais me impressiona são os seus ensinamentos. Jesus foi uma pessoa que conseguiu ensinar a muitos, em pouquíssimo tempo. Foram somente três anos de ministério. Além de ser um grande líder, Ele soube criar lideranças para que dessem continuidade ao seu trabalho. A lição mais preciosa que ele nos deixou foi a prática da humildade e do amor pelas pessoas, qualidades muito raras hoje em dia. As pessoas são muito individualistas, não amam o suficiente, nem a família, nem o namorado, nem a esposa, muito menos aqueles que não têm nada a ver com a vida delas.

Eu vejo uma juventude que é o resultado de erros e acertos de uma juventude passada, de toda uma história. Uma juventude que já conheceu de tudo ou quase tudo e que tem tudo muito fácil em suas mãos. Não acho que sejam rebeldes ou piores que as gerações passadas, a diferença é que são mais individualistas. Buscam o prazer próprio, tanto no sexo quanto nas drogas, ou até mesmo na tentativa de alcançar uma posição social de destaque, a qualquer custo.

Acho que, para essa juventude, o herói é a liberdade e o anti-herói é o limite, porque são pessoas que têm liberdade demais e limite de menos.

Quando ouço a palavra política penso no Lula. Nunca fui petista, mas acredito que é muito importante existir uma posição contrária à do governo. Nunca concordei com nenhum governo porque eles não fizeram e não fazem nada por ninguém. Todos eles pensaram numa só coisa, neles próprios, e para o país não fizeram nada que fosse muito relevante. O presidente que entrou, que seria da esquerda, que mudaria as coisas no Brasil, faz a mesma coisa que outros fizeram.

Se eu fosse convidada para exercer um cargo político, até aceitaria para poder fazer alguma coisa, senão pelo povo, ao menos para alguns mais necessitados, mas eu não sei se teria força suficiente para isso, porque são muitos contra um. Dentro da igreja, discutimos política, mas não somos ingênuos a ponto de achar que uma pessoa vai mudar toda uma realidade, porque o próprio Lula é manipulado e aconteceu o mesmo com todos os outros.

Já tivemos muitos políticos presbiterianos, mas a Igreja Presbiteriana não indica nenhum candidato para que seus membros votem nele. O que fazemos é debater o que significa votar, como funciona a manipulação na mídia, os acontecimentos políticos, questões que preocupam o grupo de jovens coordenado por mim.

Como trabalho com propaganda e mídia, procuro levar aos adolescentes, filmes que questionam os processos de convencimento e de persuasão dos meios de comunicação. Já discuti com eles o "Show de Truman" e o "Fé Demais Não Cheira Bem". Esse último é a respeito de um pregador charlatão que usa de todos os meios, inclusive tecnológicos, para enganar os moradores de uma cidade.

Como mulher, dentro da Igreja Presbiteriana, não enfrentei muita dificuldade, mas uma amiga, que é pastora, tem sofrido preconceitos. Ela fez o seminário junto com a Faculdade de Letras na Unicamp e aos vinte e três anos se tornou pastora, sendo responsável por uma congregação. Quando fui pregadora, notava o receio de alguns homens, principalmente os mais velhos, que demonstravam duvidar da minha capacidade de ler e de interpretar as mensagens bíblicas. Muitos não acreditam na capacidade dos mais jovens e outros na capacidade das mulheres, sejam elas mais novas ou não.

Como missionária nunca tive problemas, mas acredito que irei enfrentá-los daqui para frente, porque eu sou da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e meu noivo é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, uma outra denominação, que não aceita mulheres pastoras, presbíteras, nem diaconisas, só homens podem exercer essas funções. Existe um ministério que se chama SAF, Sociedade Auxiliadora Feminina, ali as mulheres se reúnem e têm por tarefa fazer café da manhã, cuidar dos pastores. Vou ter que tomar certos cuidados para não prejudicar o meu noivo como pastor.

O meu noivo também não aceita essas formas de discriminação e compreende que isso faz parte do tradicionalismo de algumas igrejas, mas não são todas as Igrejas Presbiterianas do Brasil que agem dessa maneira.

O meu envolvimento com a arte é através da dança e do teatro. Trabalho com pantomima e com *clown*. Há algum tempo, apresentei clown em hospitais, como os Hospitalhaços, os Doutores da Alegria.

Fiz cursos de teatro, em vários lugares. Foram doze anos de teatro, mas a produção ficou mais voltada para a Igreja e os assuntos bíblicos. Como *hobby*, canto, toco bateria e violão.

Trabalhei um pouco de artes cênicas na televisão, como atriz de tv, por causa da faculdade, mas eu gosto mesmo é de ficar atrás das câmeras. Cinema eu gosto bastante, mas ainda prefiro televisão. Acho que na televisão a resposta, a influência, o produto final, tudo é mais rápido de ver, mais fácil de criar, de mudar. O cinema não, você cria um filme e fica trabalhando nele por vários anos.

Tenho propostas, em São Paulo, na TV Bandeirantes e na Record. Indo para lá, não tenho nem idéia por onde começaria. Só falaram que se interessaram pela minha formação. Uma vez que os cursos no Mackenzie, para os pastores, são gratuitos, sei que irei fazer o mestrado lá, na área de Comunicação.

Uma imagem que define a minha pessoa é a de um desenho com vários elementos: um sol, um coração e um sorriso, mais do que uma televisão, uma rádio, uma bíblia.

*Existem muitas pessoas com as quais eu me identifico. São lutadores que sempre nos dão uma energia maior, como também teóricos que conseguem sistematizar muitos dos nossos pensamentos. **O nosso maior desafio é ligar as nossas lutas sociais e particulares à luta de transformação sistêmica.** Costumo falar para a galera que o processo de transformação da realidade deve caminhar juntamente com o nosso processo de transformação pessoal.*

(Luiz Muller Souza Faria – Biula⁵⁷, 2008)

Nasci em um bairro de periferia, Jardim das Bandeiras, na cidade de Campinas, e sempre tive uma adolescência bastante conflituosa, turbulenta por causa da família e do meio onde vivo até hoje.

Tive muita influência de um avô, militante comunista, que participou da Guerrilha do Araguaia. Por causa dele, sempre tive muito interesse por questões sociais, por tentar entender o que acontece ao meu redor. Ele faleceu antes da eleição do Lula, em 2002, morrendo da forma mais impensada; foi atropelado por um ônibus na avenida Francisco Glicério. Se ele estivesse vivo, acredito que o nosso único desentendimento se daria pelo

⁵⁷ Narrador/ Colaborador: Luiz Muller Souza Faria (Biula). Os trechos da entrevista que aparecem em negrito foram mantidos a pedido de Biula.

19 anos

Movimento Estudantil Secundarista

e.mail: biula.psol@yahoo.com.br

Data da Entrevista: 26/04/07

Duração da Entrevista: 1 hora e 20 min.

Transcrição: 01/09/08.

fato dele ser petista. Trabalhou para a campanha do Lula porque o seu sonho era elegê-lo presidente da república. Ainda bem que ele não passou por mais esse desgosto.

Meu pai, quando eu estava com nove anos de idade, teve problemas com bebida, algo quase que natural nesse meio. Na periferia, a saída dos trabalhadores, quase sempre é pelo alcoolismo e que resulta, na maioria das vezes, em agressão às mulheres. Felizmente, mesmo separados, os meus pais sempre mantiveram uma relação muito tranqüila.

Estudei onze anos na Fundação Bradesco, até o primeiro ano do Ensino Médio. Como a minha mãe e minha avó trabalhavam lá, por direito, eu pude estudar na instituição.

Havia um choque de cultura muito grande, porque os alunos da Fundação Bradesco sofrem um processo de educação bastante rígido, com uma disciplina que molda as pessoas para o mercado de trabalho. Desse choque de cultura, vivido por mim dentro e fora da escola, tive um impulso maior para me transformar num militante, num ativista.

A minha avó, que faleceu recentemente, era a matriarca da família. Bastante unidos, morávamos todos juntos, no mesmo terreno. Ela se casou aos quinze anos e veio do Paraná com meu avô, tiveram cinco filhos. Ele era caminhoneiro, viajava muito e, por causa da militância dele, às vezes acabava ficando meses fora de casa, obrigando minha avó a desenvolver uma independência um pouco maior em relação ao marido. Desde cedo, teve que lidar com a criação e o sustento dos filhos. Como consequência meus tios, e eu também, criamos um vínculo muito forte com ela.

Outras coisas que foram acontecendo também ajudaram na minha construção social. O aparecimento do meu padrasto, por exemplo, foi importante porque, ao ficar com a minha mãe, ele me fez sentir um pouco mais livre para fazer outras coisas.

Mas... todos sempre implicavam comigo. Implicavam com o meu avô antes e, depois, por consequência, comigo também. Não mudou. Tive muitos conflitos na família por causa da minha militância.

A minha primeira atividade política foi num acampamento do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), onde fiquei uma semana, sem meus pais saberem. Foi no acampamento "*Terra Sem Males*", localizado na região de **Cajamar**, Estado de São Paulo. A nossa atividade consistia em levar as pessoas para ocuparem uma fazenda **na região de Campinas**, porém, vazou informação, a polícia ficou sabendo e não fizemos a ocupação naquele momento, **levamos as famílias então para o "Terra sem males", enquanto a direção do movimento rediscutia uma nova estratégia para a ocupação.**

Eu tinha quatorze anos e foi uma experiência difícil, mas muito importante para mim. No acampamento, por exemplo, para beber água tínhamos que andar quase dois quilômetros, para comer era muito difícil, porque ainda não tinham desenvolvido a plantação deles, e nem estava na época de colheita, então, era preciso esperar a chegada das doações, mas a prioridade eram as pessoas que estavam lá, há mais tempo. Montávamos lonas e mais lonas para as pessoas poderem se abrigar. **Apesar das dificuldades, os laços de solidariedade eram muito fortes entre as pessoas que ali estavam.**

Conheci a história de vida de muitas pessoas no acampamento e nunca imaginei que a única esperança de sobrevivência para alguém pudesse ser conseguir um pedaço de terra.

A partir desse acampamento, eu tive contato com várias militâncias políticas e aos 14 anos, entrei para o Partido dos Trabalhadores. Lembro-me que na época, por ainda não ter título de eleitor, só pude me filiar internamente.

Tudo para mim era uma nova descoberta. Dentro do PT eu comecei a militar num movimento cultural, chamado *Hip Hop*. A militância foi me ajudando a enxergar os problemas do meu ambiente, do bairro onde eu vivia, dentro de uma luta política.

Quando você está num processo de transformação cultural, da consciência, os conflitos, tanto individuais, como familiares, sociais, **tendem a se intensificar**. Um outro elemento gerador de crise é a propaganda maciça que nos submete ao consumo. Você sempre está em constante queda de braço com essa pressão para consumir, mas, eu conheci algumas pessoas que desenvolveram subterfúgios, formas de superar essas crises e as questões mais estruturais de como sobreviver.

Na época em que militava no movimento *Hip Hop*, havia muita disputa interna dentro do PT, principalmente aqui em Campinas e a minha atuação dentro do partido acabou sendo pouco aproveitada, foi quando saí do *Hip Hop* e entrei no movimento estudantil. Os conflitos que eu vivia na Fundação Bradesco pesaram muito nessa decisão.

Em dois mil e quatro, quando eu cursava o primeiro ano do Ensino Médio, acabei sendo expulso da Fundação Bradesco. A gota d'água foi a história do grêmio estudantil e o tipo de cabelo que eu usava. A direção achava que isso influenciava outras pessoas, por outro lado, eu também já estava de “saco cheio” e não agüentava mais aquela escola.

As minhas crises com a Fundação começaram a partir da oitava série, momento em que o processo de doutrinação é mais forte. A expulsão, para mim, não representava nenhuma grande perda, mas para os meus pais eu estava “estragando” a minha vida. Resolvi que iria para uma escola estadual fazer luta política juntamente com pessoas do mesmo ambiente meu. Acabou que as coisas não aconteceram da forma que eu esperava.

Na rede estadual foi mais bizarro ainda porque as pessoas tinham pouca consciência, pouco acesso a qualquer tipo de informação. Os professores são mal qualificados e a escola não oferece nenhum tipo de formação política, **mas é claro que a própria escola é uma formação política**.

Na minha primeira aula de Filosofia, o professor iria falar sobre “preconceito”. Fiquei ansioso pela exposição do assunto e pelo debate. Por um instante, a sala, que não prestava atenção em nada, parou para ouvir as perguntas que o professor fazia em relação ao tema. A partir de um celular que pertencia a uma das alunas, ele argumentou que precisaríamos arrumar um trabalho que nos desse condições de comprar produtos bons de consumo para não sofrermos com o preconceito. Fiquei bastante decepcionado com a escola, com a educação e resolvi organizar o grêmio estudantil.

Em dois mil e cinco, estudando na Escola Estadual Carlos Gomes, reuni a galera para discutirmos o currículo da escola, o acesso ao mercado de trabalho, à universidade e formas de participação no movimento estudantil. O primeiro ato da diretora foi proibir a

formação do grêmio. Mesmo assim, fizemos o nosso primeiro protesto, com mais ou menos quinhentos estudantes em frente à escola.

Levamos uma pauta de reivindicação para a direção e alguns dias depois ela começou a nos perseguir. Alguns se afastaram, outros foram expulsos da escola.

A perseguição era feita de várias formas, por exemplo, se você chegasse um minuto atrasado na sala, não podia entrar. Caso algum de nós fosse mal numa prova, o professor explicitava para a classe toda que a causa do nosso baixo rendimento se devia “às coisas” que estávamos fazendo. Essa atitude do professor acabava gerando a compreensão de que aquela pessoa não estava cuidando da vida e fazia com que os alunos se afastassem da luta.

Nessa mesma época, ajudei a organizar aqui na cidade um movimento pelo passe livre e a direção da escola não permitia que a gente divulgasse o ato, que fizesse um processo de conscientização da galera nas salas de aula e nem que distribuíssemos panfleto. Ela passava de sala em sala para falar que quem fosse nas passeatas iria perder nota, ficar com falta, e que os pais seriam comunicados.

No meu histórico escolar, grampearam fotos das passeatas que eu participei. Eu só descobri isso quando eu fui pedir transferência de lá para uma outra escola. Num primeiro momento, não queriam me dar a documentação para tirar uma cópia, mas como ameacei entrar com um advogado, eles me cederam a papelada.

Acabei não me prendendo muito ao Carlos Gomes, pois me envolvi com as atividades mais amplas do movimento estudantil, tentando criar outras formas de intervir na escola. Resolvi, então, pedir transferência para uma escola estadual modular. Na verdade, é uma instituição mais flexível, um dos “frankeinsteins” do governo. Nesse modelo, não é preciso freqüentar aula, você estuda sozinho e depois faz as provas para eliminar matérias. A correção dos testes é feita na presença do aluno, para que o professor diga a ele qual a resposta certa e qual a errada. Como também não tenho muita paciência para freqüentar uma sala de aula comum, optei por esse tipo de formação, para terminar logo o Ensino Médio e poder ingressar na universidade, mesmo sabendo que, também lá, a situação não é boa, pois nem todo mundo que estuda ou trabalha na universidade tem uma **consciência crítica em relação à sociedade**.

Além de estudar, faço parte de uma entidade nacional, a União Brasileira de Estudantes Secundaristas. Ajudo a organizar uma frente de atuação em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Nesses Estados, a juventude milita nos grêmios, nas entidades municipais e lutando em relação à educação, debatendo também questões mais amplas sobre passe livre, juventude, **diversidade sexual**, alistamento obrigatório, maioridade penal, acesso à escola, à universidade. O jovem, dentro da escola, vive acontecimentos que influenciam também na sua formação, no seu processo de conscientização. Se ele sofre algum tipo de opressão, como ser chamado de “bichinha”, ele precisa debater esse tipo de preconceito dentro de um quadro mais amplo de discussões.

A partir dessa atuação, fui me aproximando da arte, das discussões sobre a mídia e participei de uma oficina de cinema no Museu da Imagem e do Som, ministrada pelo prof. Afonso, da escola estadual Culto à Ciência, quando reencontrei o prof. Orestes que eu já conhecia antes, devido ao meu envolvimento com os grêmios estudantis, entre eles, o do

ETECAP (Escola Técnica Estadual Conselheiro Antonio Prado), que, aliás, tem o nome dele. Começamos a trabalhar juntos e, a partir de uma proposta do Afonso, os estudantes do grêmio do Culto à Ciência, do Bento Quirino, do ETECAP e de outros que foram se formando, criamos um grupo de cinema revolucionário, o Kinopraxis –*Kino* significa cinema e *praxis*, entendida por nós enquanto atividade teórica e prática que transforma a sociedade – nome esse que nós usamos para confrontar com o Kinoplex, localizado no shopping D. Pedro, um cinema com finalidades mercadológicas.

Todo sábado nos reunimos no MIS e discutimos fundamentados num tripé de princípios. Defendemos uma produção de filme militante, filmando as passeatas, as intervenções políticas, para registrar os fatos historicamente. Noutra parte do tripé, está a exibição tanto de filmes que produzimos, quanto de outros autores. Procuramos incentivar o expectador mais crítico e não a pessoa passiva que aceita aquela realidade. Após a exibição de cada filme fazemos um debate analisando os elementos estéticos e de conteúdo, já que, no caso do cinema, todo conteúdo está implícito numa linguagem técnica e artística; também discutimos a nossa concordância ou não com as idéias que o diretor quis passar. Noutra parte do tripé, para mim o mais importante, é o estudo de autores específicos do cinema, como o **cubano Tomás Gutiérrez Alea, o pai do cinema novo Glauber Rocha, e o cineasta russo Sergei Eisenstein** e outros; discutimos também os marxistas, como Trotsky, Marx e Lukács que **produziram obras sobre arte revolucionária**. Estamos terminando de estudar **o livro: Sobre literatura e arte, do Marx e do Engels**, constituído por cartas e textos que os dois escreveram.

Também faço parte de uma corrente chamada Alternativa Socialista, formada por jovens que atuavam nas escolas e que diante dos empecilhos que as instituições escolares impunham à formação dos grêmios, pensaram em saídas coletivas. É um grupo bastante plural, mas a sua atuação está voltada, principalmente aqui em Campinas, para o movimento estudantil secundarista. Nos reunimos pelo menos duas vezes por semana, para discutirmos os problemas da sociedade, da juventude, o desmonte da **educação pública**, a homofobia e formas de incidir sobre essa realidade. Isso se deve a termos percebido nossa dificuldade em contextualizar esses problemas dentro de um debate mais amplo, envolvendo a sociedade e a existência da exploração.

No começo, o grupo não tinha uma identidade socialista ou marxista. Éramos estudantes que desejavam militar no movimento estudantil e que faziam uma crítica bastante dura a alguns modelos de organização estudantil, totalmente partidário, para quem o partido definia todas as linhas de atuação. Fizemos um manifesto com alguns pontos que nos unificavam e iniciamos um processo de aproximação com outros grupos.

Há um ano e meio, por influência de pessoas próximas ao PSol (Partido Socialismo e Liberdade), resolvemos dar ao grupo uma identidade vinculada ao marxismo e à defesa de um projeto socialista. O Alternativa não é um grupo partidário, uma entidade instituída juridicamente, é uma corrente de pensamento, que teoriza questões para apresentá-las às entidades estudantis. A partir dos problemas que debatemos, propomos questões, e aí intervimos nos espaços, com outros estudantes, outras idéias, outras linhas de pensamento.

As pessoas têm contato com o movimento estudantil no primeiro ano, mas acabam se envolvendo mesmo no segundo e aí no terceiro já têm que cuidar da vida, arrumar trabalho, pensar em entrar na universidade. Tudo é muito rápido. Eu e mais um militante, o Cabeça, estamos no movimento estudantil desde 2004. De lá para cá, muitas pessoas passaram pelo movimento e isso acaba gerando uma renovação, uma oxigenação muito grande, e também um clima bastante agitado, explosivo. Porém, dependendo da existência de alguma luta muito evidente na sociedade, se vivemos um processo de efervescência política ou de maior ebulição, organizamos passeatas, mobilizações e isso aproxima muita gente. Mas, quando há um refluxo, aumenta a dificuldade para reunir os jovens.

No começo desse ano, fizemos uma passeata com mil estudantes, contra o aumento da passagem; depois, fizemos uma plenária de estudantes, para discutir a organização do grêmio com mais ou menos quarenta estudantes. Atualmente, acredito que **a luta contra a redução** da maioria penal possa ser uma bandeira de luta que mobilize bastante a juventude, pois entendemos que a violência, a criminalidade não são problemas patológicos, ou psicológicos, mas problemas com raízes nos fundamentos econômicos e sociais, que precisam ser corrigidos através de políticas sociais de distribuição de renda, de superação das desigualdades.

Só que, pelo contrário, o Estado irá policiar cada vez mais. No documentário “Notícias de Uma Guerra Particular”, de João Moreira Salles e Kátia Lund, um policial explica como funciona a violência nas favelas. Ele afirma que o Estado somente está presente na periferia, ou dialoga com a população mais carente através da polícia, nenhuma outra instituição faz isso, e que em nosso país a polícia é treinada para reprimir, para espalhar o terror entre os pobres. Essa violência, que se espalha pela periferia e que é alimentada pela injeção de drogas, de armas, de álcool, tem sua origem dentro do próprio sistema. O tráfico de drogas, por exemplo, tem uma organização capaz de gerar muito dinheiro e é impossível que não esteja rendendo na Bolsa de Valores ou em alguma conta bancária particular.

Existem muitas pessoas com as quais eu me identifico. São lutadores que sempre nos dão uma energia maior, como também teóricos que conseguem sistematizar muitos dos nossos pensamentos. O nosso maior desafio é ligar **as nossas lutas sociais e particulares à luta de transformação sistêmica**. Costumo falar para a galera que o processo de transformação da realidade deve caminhar juntamente com o nosso processo de transformação pessoal.

Gosto muito da imagem do Zumbi dos Palmares, do Che Guevara, que, apesar de todo *merchandising* sobre sua figura, ainda inspira rebeldia, energia de luta contra a desigualdade. A história da Revolução Russa, do Lênin, do Trotsky é fascinante pois esses homens conseguem ser atuais, em termos de lições, de práticas. Também gosto muito do Florestan Fernandes, do Paulo Freire, do Apolônio de Carvalho e, claro, do meu avô.

Minha mãe também me inspira muito a continuar a luta política, não por ela ser militante, mas por ser trabalhadora, por ser explorada. Meu pai, por representar o trabalhador que busca no álcool um refúgio para a sua alienação. O meu irmão mais novo, com dezesseis anos, me faz lembrar um pouco de uma parte da minha juventude, que deixei de lado para me dedicar à luta política. Eu me refiro ao jovem que quer ter acesso

às coisas, comprar um tênis, uma bermuda diferente, mas que não consegue emprego e não conseguiu ainda terminar os estudos. Um jovem que está ralando, com pouca perspectiva de vida e que o grande sonho da vida dele é comprar um carro e colocar um som. Todas essas pessoas me influenciam de uma determinada forma e eu também tento influenciá-las, porém, infelizmente, como todo ativista, tenho pouco tempo para viver com a família.

Era muito religioso antes, porque procurava na religião uma resposta para toda aquela injustiça que eu vivia. Com o tempo, fui desacreditando de que existe um Deus. Vejo na imagem de Deus um ser autoritário, que gerencia todo mundo, que dá o livre arbítrio, mas não as condições de exercermos a nossa liberdade. Também percebia muito conflito dentro da Igreja relacionado à competição entre as pessoas, a fiéis que falavam mal do padre porque ele participava de passeatas dos sem-terra. Costumo dizer que não acredito, nem descredo em algo transcendental, só acho que, hoje, não temos condições de saber se existem ou não existem essas coisas. Mas, tem uma coisa que me deixa bastante "puto" nessa história da religião, é o poder ideológico que essa "parada" tem. A minha mãe, por exemplo, é uma das seguidoras de carteirinha do Marcelo Rossi. Todos os dias, nove horas da manhã... dez horas, ela liga o radinho para ouvi-lo. É pura anestesia. Quando um patrão dela que pagava mal, explorava sua força de trabalho e fazia cobranças absurdas, ela dizia: "Deus quer...vai dar uma coisa melhor". Isso me deixava irracional.

Recebo uma ajuda de custo de um sindicato para militar. Teve uma época em que eu já estava militando, mas como surgiram alguns problemas econômicos, participei de duas entrevistas para conseguir um trabalho. Foi muito agonizante a idéia de obedecer a um regime disciplinar e fazer atividades cujo único significado era receber dinheiro e trocar por uma mercadoria. Eram cursos profissionalizantes que orientavam como os participantes deveriam se comportar nas empresas onde trabalhariam. Mas, eu já estava traumatizado por causa da Fundação Bradesco e coisas do tipo cortar o cabelo, não ter barba, não usar brinco, tatuagem, toda essa estética que "poda" as liberdades individuais nunca tiveram o menor significado para mim. Então, não deu certo. Uma das primeiras críticas que eu fazia à escola se relacionava com essa rigidez, pois até o mercado já absorveu certos costumes e a Fundação ainda implicava com o uso de brincos por parte do aluno que iria apertar parafuso, ou atender um cliente. Mas eu descobri que a Fundação segue os padrões de uma disciplina praticamente militar porque atende um mercado de trabalho específico, ou seja, as empresas mais conservadoras como a Bosch, DPaschoal e o próprio Banco Bradesco.

Na minha sala de aula, entre quarenta estudantes, havia seis negros e os outros eram todos brancos, boa parte deles, filhos de funcionários graduados. Quem não pertencia à "comunidade" era avaliado como tendo um desempenho acadêmico inferior ao resto da turma e tratado, pelos professores, como se tivesse problemas psicológicos. Aos melhores colocados eram reservadas as vagas de gerente no Banco Bradesco, aos outros, os setores de segurança, faxina ou técnicos de "alguma coisa". Eu sempre falava "Vou me esforçar muito... vou fazer o que vocês quiserem, vou me adaptar". Mas, depois eu pensei: "Prá que?". Essa imagem que eles vendem de que você pode ficar rico, pode crescer, é uma fraude! Até o próprio idealizador da Fundação Bradesco, o Amador Aguiar,

não ficou rico assim do nada, ele já era proprietário. Ninguém fica rico só por vontade, mas na Fundação Bradesco eles vendiam essa ilusão a todo momento.

O meu sonho, ou o meu objetivo sempre foi me tornar professor e pesquisador na área de História. Posso dizer que aprendi biologia, química, matemática por causa da história dos processos de surgimento dessas disciplinas. Considero que a História tem um peso muito grande nas mudanças que ocorrem na sociedade por ser um elo de ligação entre todos os problemas e os conhecimentos humanos.

Nas horas vagas eu jogava muita bola, fazia capoeira, mas parei com tudo isso. Hoje, leio muito poema, livros mais teóricos e gosto muito do Neruda. O primeiro livro que eu li por inteiro foi Capitães de Areia. Depois desse, não parei mais de ler, virou um *hobby*.

Quando minha avó faleceu, passei a ocupar o espaço onde ela vivia e convidei amigos para morar comigo; fizemos uma comuna, repartindo quase tudo, além de, nas horas vagas, ouvirmos música, assistirmos filmes, debatermos assuntos da nossa militância.

Em matéria de música, tenho algumas predileções. Tocava berimbau, por causa da capoeira, e agora, toco violão por revistinha, só para fazer dinâmica com a galera, ou quando tem alguma festa.

Por esses dias, no Centro de Convivência, a gente estava conversando sobre quais seriam os heróis e anti-heróis da juventude. Observamos que todas músicas que a gente tocava, ouvia e curtia eram de outros tempos: Cazuza, Legião Urbana, Chico Buarque. É uma angústia bastante forte para nós não ter uma grande figura ou pessoas que consigam sistematizar as ações, as idéias de uma juventude não necessariamente revolucionária, mas no mínimo crítica, rebelde, contestadora, anti-sistêmica.

Acho que o super anti-herói da juventude é a grande mídia, é o consumismo exacerbado que "poda" a liberdade de criação, a potencialidade artística. A arte é muito revolucionária, mas se existe um processo de desmobilização ou de desmotivação ela fica muito prejudicada. O interesse principal dos grupos musicais que se formam hoje é ganhar dinheiro e não a paixão pela música. Quando alguma coisa nova aparece, ela é rapidamente absorvida pelo sistema. Os rappers, por exemplo, criticavam a Rede Globo e os programas de televisão; divulgavam a cultura nordestina do "repente", mas rapidamente foram absorvidos e expropriados culturalmente.

Acreditamos que tudo isso não dura muito tempo, porque além de muita contradição, a idéia de não criar, de não produzir é contrária às condições do ser humano. A tendência é que num futuro próximo haverá um processo de efervescência, de produção cultural, de aparecimento de novas figuras e novas lideranças musicais e políticas.

O que nós estamos fazendo já faz parte desse processo, só que não está tão evidente. Acho que é por isso que a gente ainda existe, que nos sentimos motivados a levantar todos os dias. Alguém tem que cumprir esse papel histórico, de manter acesa essa chama que é pequena, mas, tem que existir. O Kinopraxis assim como a Alternativa Socialista são os nossos principais desafios. Precisamos mantê-los sempre vivos e esperar o momento de crise, porque ele sempre aparece. Os explorados nem sempre irão ficar curvados, em algum momento irão se rebelar e já há sinais disso em vários lugares. No

Chile, ano passado, teve a Revolta dos Pingüins, quando estudantes secundaristas fizeram uma mobilização pelo país inteiro em defesa do passe livre, contra o desmonte da educação, a privatização e o sucateamento dos serviços públicos. **Na França, os jovens que residem nos guetos organizaram mobilizações contra a criminalização do imigrante. Depois trabalhadores e jovens de todo o país lutaram ombro a ombro contra a precarização do trabalho, pretendida pelo governo do Nikolay Sarkozy, através do CPE – projeto de primeiro emprego francês.**

Existem coisas novas e eu acho que a gente tem que aprender muito com elas, por exemplo, **essas revoltas dos jovens imigrantes na França e dos secundaristas no Chile foram organizadas com a ajuda da internet, que é uma ferramenta que pode servir à dominação ou ao seu contrário. Não havia, nesses processos, lideranças centrais e isso para a esquerda é muito novo.** Acredito muito na ação dos homens e, dependendo da realidade objetiva, os efeitos dessas ações poderão dar resultados bastante promissores para a nossa luta. Por isso, mesmo num processo de desmobilização, de desmotivação, tentamos romper com isso, com a idéia de que a juventude tem que ficar conformada, porque sabemos que essa apregoadada “apatia” da juventude tem a intenção de manter as coisas como estão.

Tem uma coisa que me perguntam: se essa empolgação um dia não vai passar, se vou me adaptar, e eu sempre respondo que nenhuma das pessoas que se adaptaram ao sistema, ou que acabaram se tornando conservadoras, sabiam que um dia isso iria acontecer. O futuro a gente constrói todos os dias e hoje eu posso dizer que não sou um conservador. Adoro imaginar que nós podemos construir as nossas próprias vidas, mesmo sabendo que existem dificuldades objetivas, condições desfavoráveis nos cenários pessoais e coletivos, mas existe sempre uma esperança.

Eu sofro muito preconceito. Quando estava com o cabelo curto, a polícia me parava com freqüência, principalmente no bairro onde moro ou no centro da cidade. Depois que deixei o cabelo crescer e passei a vestir roupas diferentes, eles não me param mais. Acho que isso é reflexo de um tipo de preconceito contra os negros, porque se eles parecem ser de classe média ou média alta, não são barrados na rua. Eu, por exemplo, já formei um estilo, o do jovem universitário sempre acompanhado de livros.

Dentro da esquerda existe um processo de desproletarização das pessoas, escuta-se boas músicas, vai-se a teatro, vê-se cinema. Você sai daquela realidade de muita carência e acaba adquirindo outros hábitos, como ir mais ao cinema, comprar livros. Isso não significa que não haja preconceito dentro das organizações, dos partidos, das militâncias, principalmente quando você tem que lidar com velhos comunistas para quem os jovens têm muita energia e poucas propostas. Além desse preconceito de geração, há também um preconceito de origem, quando percebem que você não tem o capital cultural.

Lido com todas essas diferenças e com esses preconceitos, sempre com muita tranquilidade, muita serenidade. Quando percebo, não deixo essas questões passarem despercebidas e as levo para debate nos espaços onde milito.

Dentro da esquerda que se diz revolucionária, muitas vezes se age de modo bastante tradicional. As plenárias, nas quais um cara fala e todo mundo escuta são um exemplo disso, então, sempre que posso, procuro trazer um pouco das experiências que

vivi fora da militância política partidária. Na capoeira, como em toda cultura negra, quando existe algum tipo de ritual, de atividade, a gente sempre se reúne em roda, no intuito de igualar as pessoas, de todo mundo poder olhar no olho do outro. Se você pegar as principais lideranças e os principais teóricos do PSol ou da própria esquerda, todos são homens e brancos, portanto, é preciso refletir sobre essas questões, isso para que haja um processo de transformação que atinja também a própria esquerda. Há uma engrenagem em que tudo é dialético e o determinante também é determinado.

Quanto à imagem que faço de mim mesmo, existem várias. Hoje, acho que é a do Maio Francês, ou seja, aquela cujos jovens aparecem com uma bandeira vermelha na mão e com uma tarja, tapando a boca e o nariz, por causa das bombas de gás. É uma foto em preto e branco em que só aparece a cor vermelha da bandeira. Eu daria a essa imagem o nome de esperança, contestação, ousadia, tempo de rebeldia, todas essas palavras que resgatam um pouco dessa juventude mais aguerrida, mais combativa.

Busco me inspirar mais nas pessoas com as quais eu convivo. Podemos dizer: "Ah! Me inspiro no Che Guevara", lógico, todo mundo se inspira no Che Guevara, mas, se você não convive com a pessoa, por mais que leia assuntos sobre ela, você não sabe o que aquela pessoa realmente pensa, como ela vive. No meu dia a dia, encontrei pessoas muito significativas para mim.

(Marina Ruiz Cruz⁵⁸, 2008)

Meu nome é Marina Ruiz Cruz, nasci em São Paulo, capital, onde fiquei pouco tempo. Durante quatorze anos passei por São José do Rio Preto, depois Olímpia para finalmente morar em Americana.

Meu pai era inspetor do Bradesco e quando mudava de agência, a família ia junto. Quando foi demitido, nos alojamos em Americana, onde abriu um mercadinho. Por isso trabalho desde pivete e acostumei a não ter final de semana, nem muito tempo livre. Faz seis meses que moro em Campinas, mais para dar asas à minha vida. O que aconteceu? Primeiro vou contar a minha história que é a história de como eu entrei no movimento.

⁵⁸ Narradora/Colaboradora: Marina Ruiz Cruz

20 anos

Movimento Estudantil Universitário (Presidente do DCE: Diretório Central dos Estudantes da UNIP: Universidade Paulista) - Campinas

E.mail: marina_ujs@hotmail.com

Data da Entrevista: 07/05/07

Duração da Entrevista: 50 min.

Transcrição: 01/09/08.

Entrei no movimento muito por conta da minha mãe. Militante da Associação do Bairro, ela fundou, com um outro rapaz, a ONG Paulo Freire, em Americana, de assistência a crianças e adolescentes em condições de risco. Próximo ao bairro onde morávamos, havia uma favela onde minha mãe desenvolveu, com a ajuda de vereadores e do prefeito, um projeto de pré-vestibular na escola, além de conseguir alimentação para todos que lá trabalhavam e estudavam. Pessoas da cidade toda se dirigiam lá para fazer o pré-vestibular. Os professores eram voluntários, inclusive eu, que estava começando a faculdade e passei a ministrar aulas de literatura. Por conta desse trabalho conheci muita gente.

A minha entrada na universidade também se deve à minha mãe. Eu queria entrar nas públicas, mas entrei na UNIP, então, ela descobriu o projeto Escola da Família que dá bolsa de estudos para universitários de alguns cursos. Entrei para esse projeto, ganhei uma bolsa e optei por cursar Letras na UNIP de Campinas.

No meu primeiro ano, estagiei no gabinete do vereador do PCdoB, Davi Ramos, de Americana, pois ele tinha proximidade com as atividades de minha mãe. Eu já conhecia muita gente por trabalhar no mercado do meu pai e conheci mais ainda, pessoas de todos os cantos da cidade, de todas as classes sociais, de todas as idades. Aprendi muito e tomei gosto pelo negócio. Nesse ano, me envolvi com atividades do partido e me filiei ao PCdoB. Trabalhava de dia em Americana e estudava à noite em Campinas. Uma vida muito corrida.

No começo do segundo ano da faculdade, aconteceu o Congresso da UNE: União Nacional dos Estudantes e da UEE: União Estadual dos Estudantes. Como eu estava começando a despontar em Americana, como militante jovem do partido, me engajei no movimento estudantil, com a ajuda de um outro filiado, o Wellington, de Manaus.

Sempre fui meio tímida, mas aprendi a falar nas universidades, a ler as teses, a desenvolver os pensamentos, a organizar congressos. Neste fim de semana, encontrei-me com vários companheiros para ajudar na construção do Congresso da UNE e da UEE, em Americana. Trata-se de eleger os representantes das universidades para participar desses Congressos. Também, levamos uma grande bancada de Americana, dois ônibus para Caconde, no Congresso da UEE de São Paulo. Tivemos uma participação muito intensa. No primeiro congresso a gente fica meio perdido, mas foi uma experiência riquíssima. Depois, levamos um ônibus para Goiânia, para o quadragésimo nono Congresso da UNE.

Fizemos um Congresso da União da Juventude Socialista, em Americana, que é a entidade juvenil mais ligada ao PCdoB e eu fui eleita a presidente municipal, com uma direção. A maioria dos secundaristas estava envolvida. Para fazer esse Congresso tivemos de fazer muitas reuniões, envolver muito jovem, o que, ultimamente, não é tão fácil.

Cada vez mais, acabei me tornando referência da juventude, desenvolvendo muitos projetos que se desenrolaram em outros. No ano passado, eu saí do gabinete do vereador e passei a trabalhar num projeto do partido, na Prefeitura Municipal de Americana.

Comecei a trabalhar na Secretaria de Habitação, com um arquiteto de Ribeirão Preto que também me deu muito gás, para fazer tudo isso. Trabalhamos juntos por um tempo, mas ele saiu da cidade e eu fui para a Secretaria de Obras de Americana, onde estou trabalhando como funcionária pública até hoje. Lá, eu sou encarregada do setor de

uma administração regional, que administra vinte e oito bairros, trinta e três mil habitantes. É a região do bairro Antônio Zanaga, uma das maiores da cidade. Agora, estou um pouco afastada, por conta do movimento aqui em Campinas.

Utilizei metade das minhas férias para poder viajar e ajudar na organização do Congresso da UEE de São Paulo e da UNE. O Congresso da UEE aconteceu em Caconde, há dois anos, e agora, será em Serra Negra, no período de um a três de junho. Estamos correndo desesperadamente, porque é um processo burocrático e trabalhoso cadastrar todos os estudantes que irão participar. Tem muita gente ajudando, inclusive a Dani, diretora da UNE, em Salvador e que está hospedada aqui em casa.

No final de 2006, começo de 2007, descobrimos que minha mãe estava com câncer de pulmão. Ela, que nunca fumou na vida, precisou fazer quimioterapia. Fui para o Congresso Estadual do PCdoB, antes do Nacional em Brasília. Quando retornei, minha mãe já estava com a cabeça raspada, então, particularmente, passei a dar prioridade a ela.

A doença se espalhou. Ela parou a quimioterapia, começou a radioterapia e, depois, voltou à “químio”, mas o câncer não cedeu. Mesmo debilitada, ia trabalhar. Era enfermeira no mesmo bairro onde comecei a trabalhar, no Zanaga. Depois de quase dez meses lutando, só foi parar de trabalhar quando não conseguia mais andar. Numa sexta feira ela pegou pneumonia e, no prazo de uma semana, ela faleceu. Dia quatro de julho, do ano passado.

Depois que ela faleceu, decidi deixar Americana. Sempre quis sair de casa para viver. Adoro meu pai, tenho uma boa relação com todos, mas eu queria alçar outros vãos. Depois de muita briga com meu pai, eu me mudei.

Meu pai não milita e, entre brincando e falando sério, diz que sou “estragada”. Sempre foi contra a militância de minha mãe. Nortista, de Sergipe, é machista, daquela cultura de que mulher pode trabalhar, mas também tem que ficar em casa, cuidando dos filhos. Apesar desse temperamento, é muito carinhoso. Ele achava que eu não deveria sair de casa, porque já tinha perdido a esposa e não queria perder a filha. Tenho uma irmã de vinte e cinco anos que é adotada, um irmão com vinte e dois e uma irmã mais nova, de dezessete, portanto, não sou a mais velha, mas fui a filha que acompanhou minha mãe durante a sua doença, que mediava as brigas entre meus irmãos, por isso meu pai achava que eu era o pilar de sustentação da casa, mas eu senti que já estava na minha hora de sair.

Tinha que descobrir outras coisas, me “ferrar” mais. Na casa de pai não se tem noção do que se pode ou não fazer. Qualquer problema, ele está lá para socorrer. Hoje, com muitas contas, sei quanto tenho de dinheiro para arcar com minhas responsabilidades. Você amadurece mais, aprende a conviver com pessoas que não são sua família.

Dessa forma, desenvolvi muito a militância. Fiquei mais liberada, porque para viajar eu tinha que pedir autorização em casa, ver se eu tinha dinheiro. Agora, não. Para o Congresso da UEE de São Paulo, por eu ser diretora eleita naquele Congresso de Caconde, tenho liberação financeira para poder viajar, fazer telefonemas, para muitas coisas que me ajudam a tomar decisões sozinha.

Interessante é que minha irmã mais nova, Glaucia, também é militante e, assim, nos aproximamos. Militava comigo, em Americana e agora milita em Curitiba. Fui eleita presidente da UJS -União da Juventude Socialista- e ela vice-presidente, aos dezesseis anos, militando no movimento secundarista. Hoje, com dezessete, passou na UEL (Universidade Estadual de Londrina) em Ciências Sociais e é presidente da UJS de Londrina, Paraná, trabalhando no mesmo processo que estou trabalhando aqui, ajudando em várias cidades. O presidente da UPE, União Paranaense de Estudantes, a tem como "braço direito", e ela está "dando o sangue" também.

É muita gente que você aproxima e orienta ao mesmo tempo. Conheço uma menina de quatorze anos, a Dandara, muito próxima a mim e que já é do movimento em Americana. Estou no movimento por causa da imagem de minha mãe, minha irmã vem pela minha imagem e por aí vai...

Busco me inspirar mais nas pessoas com as quais convivo. Podemos dizer: "Ah! Me inspiro no Che Guevara". Lógico, todo mundo se inspira no Che Guevara, mas se você não convive com a pessoa, por mais que leia assuntos sobre ela, você não sabe o que ela realmente pensa, como vive. No meu dia a dia, encontrei pessoas muito significativas. Por exemplo, o chefe de gabinete do vereador, em Americana, o Ademar, sociólogo, formado na UNICAMP e que trabalhou comigo na Secretaria de Habitação, me ensinou muita coisa. O ex-presidente da UEE de São Paulo, o Eder, arquiteto, também me inspirou muito. As pessoas do movimento, o Augusto, atual presidente da UEE, é muito meu amigo, como a Renata Petta, presidente estadual da UJS, irmã do Gustavo Petta, presidente da UNE.

Quando você conversa, por exemplo, com uma platéia de cinquenta pessoas, e que três ou quatro delas, num futuro próximo, podem se tornar grandes lideranças a partir daquilo que você falou, é muito bom, é muito prazeroso. É como você parir um filho do movimento. Se existe alguém que se inspira em mim para fazer o seu trabalho tenho que fazer o melhor que posso. Perceber que você fez, ou faz diferença na vida de outras pessoas é melhor do que você ter o Che Guevara ou não sei quem como ídolos.

Existe muita gente boa e você aprende muito com elas. Mas, existe muita coisa que desanima, até pelo fato de você não ter uma vida normal como as outras pessoas e, às vezes, elas não entendem isso. Por exemplo, a maioria dos militantes trabalha até altas horas da noite e acorda tarde, dedica finais de semana inteiros para o movimento e, apesar dessa ocupação intensa, muitas vezes não tem dinheiro para fazer as coisas que precisam ser feitas e não é todo mundo que entende. Há muita cobrança, até mesmo dentro do movimento e você acaba ficando muito estressada.

Por exemplo, durante a eleição do DCE da UNIP, em vinte e dois de março, sofremos muita pressão de um grupo dentro da universidade, vinculado à juventude do PDT (Partido Democrático Trabalhista). Diziam que a nossa eleição era uma fraude, distribuíram folhetos nos difamando, mas, felizmente, conseguimos mostrar aos estudantes que a construção do DCE não foi um processo de última hora e que fizemos tudo pautados por procedimentos legítimos.

Existe muita dificuldade também pelo fato de ser mulher. Particularmente, percebo a diferença, principalmente, em relação ao meu namorado que é militante e responsável por todas as UNESPs (Universidades Estaduais Paulistas), FATECs

(Faculdades de Tecnologia) e pelo Congresso da UNE. Sendo homem, parece que as pessoas colocam nele mais credibilidade.

Apesar dos movimentos progressistas lutarem contra a discriminação dos negros, dos homossexuais, das mulheres, ainda existe muito preconceito. Por exemplo, a presidente do DCE da UNICAMP, cujo nome é Marina também, é muito discriminada. Aqui na universidade, para conseguir falar com chefia do Campus, se eu me apresento enquanto presidente do DCE, o pessoal me olha “atravessado”: “O que essa menina está pensando?; o que ela quer fazer?”. Analisando historicamente, a política é tipicamente masculina, principalmente, dentro do movimento estudantil, do movimento sindical. Existem mulheres, porém, não encontramos grandes líderes, figuras femininas de destaque. Apesar dos preconceitos, nunca fui impedida de realizar meu trabalho.

Sobre os jovens da minha geração serem apáticos, não se interessarem por política, sobre não existirem mais heróis para essa juventude, a não ser o heróis que a televisão, que a mídia fabrica, penso que nem tudo é verdade e nem tudo é mentira. Os jovens com os quais eu convivo querem se organizar. Na universidade, sempre encontramos pessoas que fazem críticas, desejam mudanças, mas a maioria se deixa levar pelo dia a dia, trabalha o dia inteiro e quando chega à universidade para estudar está esgotada. Nos finais de semana, querem descansar, ocupar-se da família, do namorado, fazer trabalhos da faculdade.

Os oito universitários que trabalham comigo na Escola da Família, por exemplo, querem mudar as coisas, mas sentem-se intimidados ante a maneira como as sociedades e as instituições estão estruturadas. Mas, acredito que essa imagem do jovem desinteressado é um estereótipo ultrapassado, até pelo momento histórico em que vivemos hoje.

Para mim, e para muita gente também, o grande ícone de mudança no país era o PT. Porém, após todo esse processo que o PT sofreu, as pessoas buscam fazer as coisas, mas ainda estão no “limbo”, tentando descobrir como fazê-las. Já ouvi muitos jovens dizerem: “Se é tudo a mesma coisa, se tanto faz Lula ou Maluf, eu tenho de fazer diferente, porque eu não sou igual”. Muitos caminhos estão sendo trilhados pelas associações de moradores, pelos grêmios estudantis, pelos DCEs, por alguns partidos. Outros têm idéias, mas não sabem como concretizá-las.

Visitando as universidades, de Piracicaba e Bragança Paulista, percebemos que a maioria não está muito aí, mas sempre tem uns dois ou três que reclamam da situação, só que eles não encontram formas de se organizar. Nos Congressos de anos passados, dizíamos que haveria som, balada para chamar as pessoas, porque eram muito mais alienadas. Hoje, os jovens querem saber o que é UEE, UNE. Nos perguntam como lutar contra o aumento da mensalidade, como funciona o movimento estudantil.

A primeira ação do nosso DCE foi um referendo, para saber pelo quê os alunos queriam que o DCE lutasse com mais garra. Apareceram várias sugestões, desde controlar o aumento da mensalidade, até resolver os problemas do estacionamento, da biblioteca. Muita gente nos apoiou, principalmente os alunos do noturno que, geralmente, trabalham o dia todo. No diurno, muita gente nos tratava como se fossemos vendedores de balas no farol: “Ah! Hoje não!”. A maioria dos alunos da manhã, é de uma classe social com maior

condição financeira, então, não trabalha, faz o curso integral, tem todo o apoio da família. Nem todos são alienados, mas alguns não estão nem aí se a universidade irá acabar amanhã, se cinquenta professores serão demitidos injustamente. Mas, a maioria, que está mais envolvida, está se interessando porque está cansada de sofrer tanto, busca alternativas. Muita reclamação que nós ouvimos vem de gente que quer se organizar. Agora, mesmo, de manhã, recebi um e-mail de uma menina de uma universidade de Americana, onde estive há quinze dias, falando que eu tinha caído como uma luva na vida dela, porque além de estar fazendo um TCC -Trabalho de Conclusão de Curso- sobre a UNE, ela adora, é apaixonada pelo movimento estudantil, e que por isso também quer participar dele. Percebo que há um movimento, não só dos jovens, mas das pessoas em geral para se organizar, por isso buscam uma maneira de fazer isso, mas ainda está meio acanhado, devagar.

Como é a minha vida? É bem complicado. De segunda a sexta, milito no movimento estudantil, tento fazer faculdade, pois atualmente a maioria dos nossos contatos é feito no noturno, em outras universidades, por isso faz um tempo que eu não vou para a aula. De manhã, até umas sete horas da noite, fico nas universidades participando de reunião de partido, reunião com DCE (Diretório Central dos Estudantes), DA (Diretório Acadêmico). Depois, na UNIP, me envolvo com trabalhos, projetos. Aos sábados e domingos, participo do Programa Escola da Família, no Real Parque, onde trabalho das nove da manhã às cinco da tarde. Chego em casa cansadíssima.

Estou lendo um romance muito divertido, para espairecer, que se chama "Marley e Eu: A Vida e o Amor ao Lado do Pior Cão do Mundo", de John Grogan.

Por namorar um rapaz do movimento, é uma complicação danada, porque a gente só se encontra em feriados prolongados, em reunião de trabalho, mas é bom porque ele participa dos mesmos interesses que os meus. Quer queira, quer não, acabamos falando só de política; do DCE que deu "pau"; do fulano que é pelego; do não sei quem que você descobriu que não sei o quê. Tem hora que eu até brinco com ele e digo: "Vamos combinar de não falar disso hoje, mas de outras coisas, vamos?...". Mas, é difícil!

Aqui em casa, as pessoas já se acostumaram e estão até mais engajadas. Na semana passada, ajudei uma das meninas a fazer compras no supermercado. Colocamos tudo dentro do carro e, na metade do caminho, estacionamos no pátio de uma faculdade, a FAC (Faculdade Comunitária de Campinas), onde eu precisava me reunir com os alunos. Ela, que não tinha nada a ver com o "lance", foi comigo, participou da conversa, convenceu as pessoas, porque se sentiu envolvida também. Engraçado, porque você acaba comprometendo as pessoas de uma maneira prazerosa.

Quanto à religião, mesmo sendo batizada na Igreja Católica, procuro seguir, juntamente com a minha família, o espiritismo. Embora eu não tenha tempo de ir ao Centro Espírita, faço as orações, leio livros sobre o assunto, principalmente o Chico Xavier.

Em relação à arte, estou um pouco defasada. Nesse final de semana, por exemplo, teve a Virada Cultural em São Paulo. Eu estava lá militando, mas não pude assistir absolutamente nada porque não deu tempo. Posso dizer que, durante esse ano, eu vi a Bienal da UNE, assisti uma ou duas peças de teatro, mas sei que isso é muito pouco.

É muito importante organizar as pessoas por meio do prazer. Quando você convida as pessoas para filiarem-se ao partido, é difícil as pessoas toparem, mas quando convidamos para formar, por exemplo, um grupo de teatro na universidade, é bem mais tranquilo envolvê-las. Para mim, relação entre cultura e política é intrínseca. Os artistas que são ícones, de um modo geral, têm opinião. Chico Buarque, Caetano Veloso, outros artistas que foram presos, exilados, têm uma posição política muito firme. Tenho percebido que as pessoas mais envolvidas com a cultura nacional, local, regional não se apartam da política.

No Encontro Estadual do PCdoB, em São Paulo, o Netinho, do Negritude Júnior, estava lá, mostrando que estava identificado com as manifestações dos movimentos populares. Os movimentos culturais têm a mesma base dos movimentos sociais, nascem da necessidade das pessoas terem mais acesso à cultura. O cara começa a organizar a divulgação de um filme no final de semana e acaba percebendo que as pessoas não vão apenas assistir o filme, outras variáveis entram em jogo. O filme pode abrir a mente para muitas outras coisas, até mesmo para a política partidária.

Devido à minha vinda para Campinas, o partido elegeu outra pessoa para ficar em Americana, mas eu ainda sou da Direção Estadual da UJS e da UEE; presidente do DCE da UNIP e Secretária da Juventude do PCdoB, em Americana. Não existiu momento melhor na minha vida do que esse que vivo agora, salvo quando eu estava com a minha mãe.

Tenho aprendido muito e vivido experiências que irão me marcar para o resto da vida. Tudo é muito novo, e você tem que assimilar rápido senão você perde o que está acontecendo. Já fui de me cobrar muito pelas minhas ações, mas faz duas semanas que não compareço às aulas e se antes eu ficava desesperada, hoje, fico “desencanada”, porque eu sei que tudo vai ter o seu tempo certo para resolver, só preciso me organizar, porque viver só na loucura, ou dedicar-se a uma única atividade, não dá certo, pelo menos para mim. Tenho que viver um pouco com a família, um pouco aqui em casa, um pouco com o namorado, um pouco com o movimento, para conseguir viver. Uma coisa alimenta a outra, porque, apesar de muito disperso, tudo faz parte de um todo.

Às vezes, olho para a vida das outras pessoas e me pergunto: “Pôxa! Por que eu não sou igual a todo mundo?”. Trabalhar das oito às cinco; descansar no final de semana; trabalhar de pedreiro, ter só um trabalho manual, para não ter que pensar em nada. Nossa! Que preconceito o meu! Como se pedreiro não pensasse. Mas, quero dizer que às vezes sonho com uma vida sem preocupações, porém, tenho certeza de que se eu não fosse assim, não seria eu. Se eu parar de fazer tudo isso, eu morro. São escolhas e você tem que fazê-las para ver como pode direcionar sua vida.

A imagem que eu faço de mim mesma é a de um ovo se quebrando. Na realidade, eu estou numa transição para a vida adulta. Era militante em Americana e agora quero ficar em Campinas. Sinto que é uma fase de renascimento, de renovação. Tem muita coisa que eu já aprendi como “me virar”, mas para outras, preciso me aprofundar muito mais, por exemplo, na teoria do movimento, sobre comunismo, marxismo. Como o meu tempo é o que tenho de mais precioso, preciso aprender a ter organização, além de necessitar de mais tolerância e paciência para com as pessoas ao meu redor.

*Em relação aos heróis dos jovens que são meus contemporâneos,
eu sinceramente acredito que eles estão um pouco perdidos.
Parece que existem mais anti-heróis do que heróis.*

(Martinho⁵⁹, 2007)

Estou com 19 anos, curso Administração de Empresas e sou integrante da Segunda Igreja Presbiteriana Independente de Campinas.

Meus pais costumam dizer que nunca precisaram me corrigir nem me castigar porque sempre conversavam comigo e eu entendia. Na escola, também nunca briguei com ninguém. Quando eu estava certo, eu me colocava no papel de errado e o outro no papel de certo para não causar problemas. Nunca gostei de discussão. Para falar a verdade, sempre tive muitos colegas e poucos amigos. Amigo para mim é aquela pessoa com quem você pode contar, assim eu tive poucos amigos.

Quando fiz 12 anos minha mãe me colocou no cursinho de inglês, apesar de minha resistência, pois gostava mesmo é da escolinha de futebol. A partir do inglês, comecei a me interessar pela área de línguas. Graças à minha mãe e a uma prima de segundo grau, eu procurei os Patrulheiros, lugar que abriu a minha visão. Além de aprender bastante, eles me colocaram numa empresa grande, a Medley. Hoje eu não sou mais patrulheiro, mas continuo na Medley, desde os meus 16 anos, portanto, há 3 anos.

⁵⁹ O narrador/colaborador não autorizou divulgar sua identificação, e passou a ser designado pelo nome fictício Martinho.

19 anos

Segunda Igreja Presbiteriana Independente de Campinas

Data da Entrevista: 18/03/07

Tempo de Gravação: 56 min.

Transcrição: 08/07/07.

Estudo Administração com ênfase em Comércio Exterior, porque combina muito comigo. A Medley está crescendo nessa área, por isso anseio um dia poder colaborar nesse campo da empresa. Hoje, trabalho em planejamento e controle de produção.

Também tenho uma ligação muito forte com a minha religião. Meu pai desde criança freqüentava a Igreja Presbiteriana em Machado - MG e há mais de trinta anos é Diácono. Ao nascer num lar cristão, fui instruído nesse caminho e pude fazer essa escolha, a de ser cristão e servir a Deus.

Eu me lembro que aos onze anos de idade, num acampamento de crianças e adolescentes eu “aceitei em Jesus” e esse acontecimento foi um marco em minha vida. A partir daí eu sempre levei a sério a vida cristã, porque eu comecei a trabalhar na igreja, e sempre com a ajuda e misericórdia de Deus, ocupando cargos de liderança junto aos adolescentes. Hoje, eu congrego na Segunda Igreja Presbiteriana Independente, localizada no Jardim São Pedro.

O trabalho no Jardim São Pedro é realizado na Chácara Esperança. Esse nome simboliza o sentido que damos às nossas atividades. Trata-se de um bairro com um alto índice de violência. Entre muitas famílias, existem filhos de ladrões e, muitas vezes, nós os encontramos na rua, conversamos com eles e percebemos que nossas realidades são diferentes, mas queremos entender a realidade dessas pessoas para poder ajudá-las. No olhar delas, vemos a insegurança que essa vida proporciona, então, é aí que, pessoalmente, quero muito trabalhar. Não só eu, meu pai também, pois ele deseja ser missionário.

O bairro São Pedro precisa muito de Deus e nós queremos ser os intermediários de Deus. Através de nós, eles poderão ver o que Deus tem para oferecer a eles.

Penso que o homem está aqui no mundo não porque ele vai acumular bens. Quando nós morrermos, vamos passar por um juízo final. Jesus Cristo vai nos colocar frente a frente e pedir contas do que fizemos a Ele.

Costuma-se dizer que filho de crente quer ter a visão do mundo, mas até hoje eu não tive esse problema, e penso que se eu nascesse sem nenhuma fé e num lar que não fosse cristão eu iria procurar a Deus. Hoje, vejo que Ele tem me dado bênçãos grandiosas e quando percebo, tudo aconteceu direitinho, conforme deveria acontecer, por isso quero trabalhar para que outras pessoas possam sentir o que eu sinto hoje, a presença de Deus em minha vida.

A Bíblia é uma forma de ligação muito grande que eu tenho com Deus. Eu sempre procuro ler a Bíblia, orar, falar com Deus e Ele tem me abençoado. Infelizmente, o meu tempo no trabalho, na escola tem sido tão corrido que não tenho me dedicado o quanto deveria, mas estou sempre tentando me corrigir, pois eu quero realmente ser um servo fiel a Deus.

Além da Bíblia, regra única de fé e prática para nós, existe um modelo de vida que me inspira muito, eu falo da figura de Martinho Lutero. Ele foi um reformador, uma pessoa, eleita por Deus para separar o Joio do Trigo e começar o que é a igreja evangélica hoje, a igreja de pessoas realmente cristãs. Hoje, esse termo “igreja evangélica” sempre provoca polêmica. Para alguns, ser evangélico é querer cada vez mais dinheiro, é explorar os fiéis, mas lá no início, a igreja não era isso. A igreja se opunha aos falsos profetas.

Lutero teve a coragem que muitas outras pessoas não tiveram, em um tempo em que o dinheiro também dominava a visão dos homens. Ele protestou com veemência a

venda das chamadas indulgências. Em troca do perdão, a salvação e a vida eterna eram vendidas no papel

Eu também tenho uma admiração muito grande pelo fato de Martinho Lutero ter sido um poliglota. Ele iniciou o curso de Direito e parou. Depois, acredito que pela graça de Deus, foi fazer Teologia e acabou se tornando padre. Foi nessa época que ele traduziu a Bíblia do latim para o alemão e para outras línguas também. Ao valorizar uma linguagem que o povo pudesse entender, Lutero expôs a verdade omitida pelos clérigos que liam o que não estava escrito na Bíblia. Então, posso dizer que Martinho Lutero é o meu herói.

Em relação aos heróis dos jovens que são meus contemporâneos, eu sinceramente acredito que eles estão um pouco perdidos. Parece que existem mais anti-heróis do que heróis.

Eu tenho um pouco de decepção quando penso nos jovens. Se eu for pensar nos amigos que tive e tenho, foram e são poucos. Até amigos meus me causam decepção porque acreditam encontrar a felicidade em outros lugares, como por exemplo, no mundo das drogas.

Mas, ao mesmo tempo, posso dizer que eu tenho uma esperança muito grande na juventude brasileira, na juventude em geral, porque eu acho que todo jovem é capaz. Pena que toda essa capacidade do jovem está sendo destruída por uma força maligna presente no processo de globalização e na crescente corrupção dos políticos.

Quando me perguntam se as atividades que desenvolvo em minha Igreja podem ser consideradas políticas, eu respondo que não. Muitas pessoas deturpam o que acontece nas Igrejas, pelo fato de algumas delas se beneficiarem da “política” para obter lucros. Não é o nosso caso, pois nós não queremos levar nenhum lucro para dentro da nossa casa.

Eu acho a política muito complicada, mas procuro acompanhar, meio de longe, procurando saber o que está acontecendo. Acreditamos que irá haver uma mudança e até pode existir boa intenção, mas não se consegue fazer nada porque há muita corrupção. Acho que a política hoje tem salvação, mas tem que começar agora para daqui cem anos, quem sabe, com a renovação dos políticos, estar um pouco diferente, um pouco melhor. Sempre que os jovens, dentro da nossa igreja, têm perguntas a fazer sobre política, procuramos as pessoas mais velhas, com mais experiência, para nos ajudar a entender nossas dúvidas.

Quando eu olho para o mundo eu vejo o bem e o mal. Eu percebo que o mal está se sobrepondo ao bem, não como um lobo, mas como um carneirinho que vem bem devagar e, quando a gente se dá conta ele já mostrou as garras de lobo.

Se o jovem encontrasse a força que vem de Deus, a força que vem através da palavra, a força numa comunidade realmente cristã, não numa comunidade que está ali só para fazer um *point* de amigos, mas para estudar a Bíblia, que está ali para se dedicar ao bem, o mundo seria muito diferente do que é hoje, cheio de guerras, de violência. Então, eu vejo uma capacidade muito grande nos jovens, mas o caminho não é esse que o mundo está mostrando a eles.

Se ouvirmos as músicas antigas, vamos notar que elas diziam alguma coisa importante para os jovens, falavam de esperança, falavam o que realmente era uma

conduta humana boa. Hoje, você liga o rádio e só escuta aquelas músicas sobre morte, prisão, violência; tudo isso é um incentivo para o jovem sair pelas ruas cantando, pregando os valores dessas músicas. Eu chamo isso de força maligna, de anticristo, ou de anti-herói da juventude.

Eu posso falar baseado na Bíblia que o diabo existe mesmo. Deus está ao nosso redor junto com seus anjos e o diabo também, porém ele usa de outras estratégias para tentar nos atingir. Quem aceita Jesus tem a proteção, tem o escudo de Deus, mas o diabo vai usar a internet, a televisão, os meios de comunicação, a tecnologia, ele vai usar tudo o que o mundo tem de mais avançado, de mais moderno para nos seduzir. Nós chamamos de concupiscência dos olhos, você olhar e desejar ter não só bens materiais, mas também a vida carnal que, hoje em dia, está sendo muito explorada pela mídia. Então, eu acho que o inimigo existe e usa as pessoas que estão dispostas a trabalhar para ele. Podemos observar que muitas religiões trabalham nesse sentido. Não vou citar nomes, mas existem algumas religiões que fazem oferendas humanas, sacrificando até crianças. Existe sim uma força maligna que luta para acabar com o bem, mas o bem um dia vai prevalecer e dar a palavra final.

A mídia está sendo muito usada para divulgar o mal. Eu não deixo o meu sobrinho assistir hoje o que eu podia assistir quando eu tinha cinco anos, eu me refiro àqueles desenhos inocentes, como o Pica-Pau, Popeye que estão sendo substituídos por desenhos de espíritos malignos, guerreiros do mal e outros tantos desenhos de MAL gosto.

A internet tem o seu lado bom, uma vez que eu posso muito bem filtrar as coisas que eu quero. Eu não namoro pela internet, mas tenho um grupo de amigos com os quais eu bato papo. Do jeito que está corrido hoje em dia, não sobra tempo para sair num fim de semana, para conversar pessoalmente, então, eu uso a internet. Também procuro me atualizar, me informando sobre o que está acontecendo do outro lado do mundo.

Gosto muito de cinema. Eu ia muito ao cinema com os colegas da escola, mas ultimamente eu fico em casa, assistindo filmes no DVD. Prefiro filmes de ação, romances e comédias. A película que mais me impressionou até hoje foi “Lutero”, pelos motivos que mencionei mais acima.

Como considero admirável a capacidade de invenção que o homem tem, eu gosto bastante de tudo que se relaciona a automóveis, pode ser filmes, artigos, revistas.

Quanto à leitura, vou citar Lutero novamente, porque é o meu livro preferido. Além dele, naturalmente, está a Bíblia por ser um texto no qual eu busco me inspirar. Recentemente eu também li um livro que foi legal para mim, embora eu não tivesse concordado muito com ele. A temática era de auto-ajuda, mas não me lembro do título e nem do autor. O assunto abordava as possibilidades de nos darmos bem com o mundo, por isso me ajudou a abrir um pouco mais os olhos, fazendo-me perceber como o mundo quer que eu seja. Por exemplo, ele ajuda a pessoa que já está no mercado de trabalho e não sabe se relacionar com os outros, a buscar assunto certo na hora certa, ajuda a agradar as outras pessoas numa conversa. Foi legal, porque agora, em certas situações, eu saberei como agir, que estratégias utilizar diante de visões que não são conhecidas por mim, fazendo de um jeito diferente aquilo que o mundo quer que eu faça.

Entretanto, todos dias, de um jeito ou de outro, sou criticado por ser um cristão atuante. Na empresa, por exemplo, tenho colegas com os quais eu converso sempre, mas que não perdem a oportunidade de me fazer convites para balada, sabendo que eu não gosto, que eu não tenho prazer nenhum em frequentar esses lugares. Nós sabemos que são nesses espaços que os jovens acabam encontrando o mundo das drogas, do vício, de tudo aquilo que quer acabar com a vida deles.

Eu me sinto bem nos encontros festivos da Igreja. Quando ocorrem os cultos de louvor a Deus estamos em família, pois quem se reúne ali tem o mesmo propósito que o seu, então ficamos mais à vontade e acabamos fazendo o que vem do nosso coração. O nosso prazer está em Deus, em ajudar um ao outro, em sermos irmãos; nada de “balada”. É difícil, para uma pessoa que não seja cristã, ouvir e compreender isso.

Quero deixar algumas imagens que acompanham a minha vida enquanto cristão. Eu me refiro à brancura da pomba que na Bíblia inspira a pureza do Espírito Santo e da Palavra de Deus, à chama da sarça ardente que para nós representa o chamado à missão da Igreja, como também nos faz lembrar do sofrimento de Cristo e de seu sangue derramado aqui na terra.

Finalizo meu depoimento com uma frase do evangelho de São João. Ele me faz acreditar que ser um eterno adorador não é sonho, é realidade: “Porque Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu seu Filho Unigênito, para que todo o que crê nele não pereça, mas tenha a vida eterna” (cap.3, vers.16).

Acho que as pessoas têm que começar a parar para pensar que não existem heróis. Nós somos os heróis, os deuses. Eu sou deus e eu faço realmente do meu destino o que eu quiser. Precisamos destruir essa coisa de que existe alguém que vai falar qual é o nosso caminho, porque é você mesmo que vai descobrir o seu caminho, é você quem decide.

(Maurílio Átila Carvalho de Santana⁶⁰, 2007)

É até engraçado... meus pais estavam acabando de chegar em Campinas, vindos de Marília, quando eu nasci e recebi esse nome, Maurílio. Se tivesse nascido uma menina ela se chamaria Marília.

Sempre morei na mesma casa. É uma casa ao lado do senhor Zé, que fugiu do meio rural para morar na área urbana. O seu Zé era uma pessoa diferente, porque tinha uma boa condição financeira, mas morava numa casa bem simples. Ao lado da sua moradia, tinha uma casa pequena que ele alugou para minha mãe. Passado um bom tempo, chegou um dia em que não podíamos mais pagar o aluguel e também não tínhamos para onde ir, então, o senhor Zé resolveu dar a casa para nós, apesar da família dele não concordar com isso. Depois que a esposa dele faleceu, continuamos morando no mesmo lugar, porque ele gostava da gente e queria companhia, pessoas amigas com quem pudesse conversar.

Somos três irmãos homens, o Marcos Paulo, que é o mais velho, o Márcio e eu, que sou mais novo.

A minha infância foi bem legal. A pior fase foi quando eu tinha sete anos e não pude mais contar com a presença do meu pai, porque ele teve câncer no pulmão e na garganta e veio a falecer. Bebia muito, fumava uns três maços de cigarro por dia. Era bem severo, daquele tipo de pai que dizia: “Ó, se você fez cagada vai ajudar em casa o dia todo, se ficar

⁶⁰ Narrador/Colaborador: Maurílio Átila Carvalho de Santana
21 anos
Casa de Cultura Tainá
Rua Inhambu 645 – Vila Padre Manoel da Nóbrega – Campinas
www.taina.org.br
E.mail: tainart@yahoo.com.br; cabelotaina@gmail.com
Data da Entrevista: 14/03/07
Duração da Entrevista: 50 min.
Transcrição: 12/06/07.

de castigo vai ajoelhar numa tampinha de garrafa, num grão de milho, no grão de feijão para aprender”.

Meu pai era descendente direto de português, pois meu avô era de Arco Verde. A família era nobre, tinha até hotéis em Londrina, mas perderam tudo porque uma irmã do meu avô bebeu tudo em pinga. Minha mãe casou com o meu pai a contragosto da família dele que dizia: “Ah!, essa menina aí é negra, não vai casar com uma negra não”. Havia um preconceito muito grande, principalmente por parte da minha avó, por isso o jeito foi fugir para poderem se casar.

A vida da minha mãe não foi fácil, porque ao ficar viúva ela teve de ser, ao mesmo tempo, pai e mãe de três moleques.

Vou ser sincero, eu não lembro muita coisa do meu pai, mas mesmo sem conhecê-lo bem, eu o amo muito. O meu irmão não tem a aparência do meu pai, mas tem os hábitos, então, acho que eu me inspiro na vida de meu pai pelos hábitos do meu irmão.

Meu pai lia bastante, era uma pessoa muito inteligente. Ele trabalhou com terraplanagem durante vários anos. Coordenava os empregados sob sua responsabilidade com facilidade, falava bem, mas, ao mesmo tempo, era um cara meio largado, camiseta aberta, calça de gola, daquelas de boca-de-sino, fumava e bebia com os amigos, brincava muito. Ele nunca foi um cara assim tão reto quanto a sociedade gostaria. Já vi fotos dele com surfistas na praia. Para o seu tempo, eu acho que ele chegou a inspirar muita gente. Hoje, eu sou esse cara meio barbudo, cabelo grande, porque eu sempre fiquei imaginando que meu pai não iria odiar isso em mim, acredito até que iria aceitar.

Hoje, eu leio bastante gibis, porque meu pai comprava e lia para o meu irmão. Acredito que gibi é uma forma de aguçar minha vontade de ler. Depois de gibi, por que não um livro de cidadania, de política, um livro de um Milton Santos, de um Machado de Assis, de um Saramago da vida? Você começa a querer ler coisas que estão além do que as pessoas normalmente lêem. Mas, um gibi é como um biscoitinho para você se deliciar, porque todo escritor de histórias para gibi também leu o livro de um grande autor, como Shakespeare, de um diretor, de alguns filósofos, como Maquiavel, ele não leu porcarias. Há pouco tempo, eu li uma série do Batman que falava de um messias. Contava a história de um messias totalmente diverso, ele era um ninja que pegava as pessoas e fazia lavagem cerebral nelas. Essas pessoas começavam a ficar absurdamente envolvidas na religião que ele pregava, até que dominaram Gotham City, a cidade de Gotham, e aquela história começou a fazer com que eu repensasse a história de Jesus Cristo: “Será que Jesus era mesmo um messias, será que ele era tão bom?”. É... se as crianças lessem gibis, americanos ou brasileiros, não importa, talvez pudessem encontrar lá muitas histórias boas. O Ziraldo, por exemplo, escreveu O Manual de Instruções do Brasil, um livro infantil a respeito da Constituição no qual ele dizia que a Constituição era semelhante a uma caixa de ferramentas. Bom, aí eu entendi o que era a Constituição.

A leitura proporcionou uma aproximação com o que o meu pai era. Hoje, eu imagino que meu pai gostaria de me ver lendo, de me ver dentro de uma instituição educacional, ensinando outras pessoas a respeito do que eu sei, sem cobrar nenhum tostão por isso. Eu acho que ele ficaria muito feliz de me ver hoje, então, eu comecei a seguir esse caminho.

Aos oito anos minha mãe sentou-se com os filhos numa roda e falou: “olha, eu não vou sustentar vocês”. Começou ali uma discussão de qual seria o caminho que deveríamos seguir. Minha mãe era uma senhora muito séria nesse ponto, e muito brava também. Daí para frente nós escolhemos: “Vamos vender salgado, produzir, ser autônomos”. Para quem não tinha nenhum tostão, a gente começou a ter conta bancária, pôde comprar uma televisão de quatorze polegadas da CCE preto-e-branco. Nossa! Naquele tempo todo mundo queria comprar uma televisão e a gente comprou.

Apesar de termos “caixa” passamos a ter dificuldades também, pois comprávamos quase tudo que a televisão anunciava. A nossa casa, hoje, é um caco, porque nós nunca nos preocupamos em restaurá-la, investimos muito em ter objetos.

Na escola eu brigava todo dia, batia e apanhava. Consegui estudar até o terceiro ano do Ensino Médio e por pouco não me formo, pois no último dia de aula, eu dei uma porrada num cara e, por sinal, ele rasgou minha cabeça com um trinco de porta. Eu dava muito problema para a minha família. Minha mãe não ficava sabendo de nada porque meus irmãos não deixavam ela saber. Nunca fui muito sem vergonha, só que, logicamente, eu tinha meus erros e meus irmãos tentavam me proteger porque minha mãe batia na gente com borracha, bambu, pedaço de pau, vassoura, fivelada, dava nas costelas e não estava nem aí. Minha mãe era sozinha, só filhos homens, foi difícil. Ela é mulher e tinha que se comportar como alguém que não mudava de idéia: “Você fez errado, vai apanhar”. Meu pai também era assim: “Você bateu na escola, você vai apanhar também”; “Você apanhou na escola, você vai apanhar em casa também”.

Além de ler, eu também gosto de música, pode ser popular, sertaneja, rap, qualquer tipo. Tem gente que fala que isto é ser eclético, eu não sei. Depois de um tempo comecei a querer tocar violão e cheguei a tocar um pouco. Eu tentei muita coisa, mas não deu muito certo não. Pensei até em fazer música na universidade, mas eu acho que não era bem isso mesmo, eu teria que estudar muitos livros, talvez fazer um conservatório e na hora eu comecei a notar que não tinha me preparado tanto para isso. Talvez eu devesse ter começado mais cedo, mas foi uma escolha que eu fiz e acabou gerando o que sou hoje.

Também não tenho muita dificuldade para lidar com religião. Fiz a Primeira Eucaristia e até pensei na maluquice de querer ir para a Igreja de Nazareno. De vez em quando, faço estudos bíblicos. Eu falo que sou cristão, mas as pessoas que me conhecem não acreditam em mim porque não frequento nenhuma igreja, não rezo, mas eu penso que isso não tem nada a ver, porque apesar de não ter atitudes ditas religiosas, me apego muito com Deus e, no meu dia-a-dia, acabo até falando com Ele, só que Ele nunca me respondeu.

É uma coisa bem legal falar com Jesus, com Deus. A sua mãe falando pode até ser Jesus, pode ser Deus avisando você de alguma coisa que está errada. Então, eu fico pensando que ser religioso não é a pior coisa do mundo, porque se Ele está aí, ou se não está, não tem problema nenhum, eu posso continuar acreditando e não vou me sentir enganado por isso.

Falando agora da Casa Tainã, ela tem 18 anos de existência. Entrei aqui em 2003, mas já vinha acompanhando a Casa desde quando ela ficava lá em cima, na Cobal. A Casa

nem nasceu aqui, mas foi jogada nesse lugar onde antes existia uma piscina e um banheiro público. Ninguém queria vir para cá.

Eu sempre descia o morro, cortando caminho para chegar em casa, e acabava passando no terreno da Tainã. Mas, para ser sincero, minha mãe não gostava disso e sempre nos avisava: “Lá é um antro de maconheiros e não é para vocês descerem lá de jeito nenhum”. Cheguei até a conversar com o TC, presidente da Casa, a respeito da forma como minha mãe olhava para a Casa.

Um dia eu arrumei uma discussão na escola e dois caras muito mais velhos que eu queriam me bater. Eu desci correndo e um senhor que trabalhava aqui me deu proteção. Eu acabei conhecendo o TC e passei a frequentar a Casa, pois estava curioso para saber o que acontecia aqui dentro. Sempre que via o TC, ele me convidava para assistir o maracatu.

Certo dia, eu peguei um livro que estava por aqui e fiquei sentado num canto, lendo, lendo, lendo, até que uma hora o TC se aproximou de mim e me pediu para organizar a biblioteca da Casa. Eu disse a ele que não era bibliotecário e não sabia nada a respeito de biblioteca. Um amigo sugeriu que eu lesse um livro de biblioteconomia e que eu também pesquisasse na internet. Aceitei o desafio.

Eu nem sabia mexer em um computador, mas procurei conhecer, me aproximando de quem sabia. Em pouco tempo eu passei a dominar o sistema operacional do Linux e da Microsoft. Estudando para organizar a biblioteca, aprendi tanta coisa que fui ensinando as pessoas. Costumo dizer que a minha formação acontece no trabalho. Trabalhando e aprendendo. Eu pego um computador, monto, desmonto e ensino as pessoas a conhecerem peça por peça, a descobrirem o funcionamento da máquina. Quando eu não sei alguma coisa, vou buscar na internet, nos livros e consigo explicar. É fantástico, porque cada dia você aprende uma coisa nova, vai se reciclando e às vezes só de acessar uma conversa com um amigo você já aprende um monte de coisas. Então, foi tudo isso que aprendi na Tainã, foi bem legal. Começou a rolar muita troca entre as pessoas que eu passei a conhecer. Um dia, por exemplo, conheci um amigo que, ao final de uma longa conversa, me disse a seguinte frase “ouvir sem medo, falar sem medo”. Foi muito bacana ouvir isso porque eu comecei a dar mais atenção para o que as pessoas me falavam. Antes eu só falava, falava, falava e depois eu comecei a escutar mais também. Hoje, se um nazista viesse falar comigo, eu iria primeiro escutar, entender a visão dele, para depois mostrar a minha visão.

Fui um tipo de pessoa que não se inseria em qualquer lugar; só andava com gente diferente e muito mais velha que eu. A Tainã foi um espaço que acabou me atraindo e atraiu também muitos “loucos da pá virada”, como nos rotulavam as pessoas que não nos compreendiam. Todos esses “malucos” eram muito coesos e tinham afinidade comigo.

Sobre a juventude de hoje, eu acho que os caras estão muito na deles, porque a situação está muito difícil, principalmente para arrumar um emprego. Todo mundo que está na mesma barca furada que eu estou, precisa voltar a sua força, todo o seu axé, toda a sua vontade para ajudar dentro de casa, para ouvir os mais velhos, porque querendo ou não, eles têm muita informação para passar, estão em construção há muito tempo, logo temos que dar atenção para o que eles colocam. Você tem que enfrentar o mundo e

enfrentar o mundo capitalista é arrumar um bom emprego, é formar uma família, é encontrar uma parceira fixa, é se questionar sobre o que pode e o que não pode fazer. Eu podia ter me transformado num vendedor de drogas ali da boca, porque apesar de salgado dar dinheiro, se eu vendesse drogas eu conseguiria novecentos reais por noite, dinheiro que eu jamais consegui vendendo salgado. Por dia, eu e meus irmãos ganhávamos 105 reais de lucro puro, o resto era para comprar mercadoria.

Os meus irmãos passaram por uma fase na qual eles tinham que pegar dinheiro, sem a minha mãe saber, para eles poderem ir a um shopping, a uma balada numa danceteria, para o pagode, o samba, para o bar do Carlão beber uma cerveja, comprar um espetinho para a namorada. Eu sei muito bem o que é isso. Hoje eu namoro com uma nega de 29 anos e não tenho nem um tostão para pagar um cachorro-quente quando a gente sai. Ela é formada, ganha mais de dois mil reais e tem que ficar bancando qualquer volta que a gente vai dar. Então, todo jovem passa por esse perrengue de falar: “Pô, tenho que ajudar minha mãe, minha namorada, tenho que fazer alguma diferença nesse mundo”.

Por outro lado, o desejo de ter bens materiais está muito em voga hoje. Eu preciso ter um carro, uma moto, eu preciso ter o que o meu amigo, a televisão, o rádio, a internet estão falando para eu ter. Tudo está me dizendo que eu devo ter coisas. Eu estou dando um role e vejo um amigo meu na rua dando voltinha de moto, pô, ele é muito mais novo que eu, eu nunca tive uma moto e o cara já tem uma moto? Aí você pára para pensar: “O que eu estou fazendo nessa vida que eu não tenho uma moto? Pô, eu quero ter uma moto, mas para que serve uma moto?”. Minha namorada me deu um celular, aí eu parei para pensar: “para que me serve um celular?” Eu comecei a me questionar. O que eu preciso justamente? Eu preciso de um carro que me leve para um lugar um pouco mais rápido, mas não precisa ser um carro do ano, pode ser um carro modelo 79, um fusquinha, um carro de guerra. Eu comecei a notar que se pensasse a respeito do que eu realmente preciso, eu não tenho porque me fixar nesses desejos malucos que tentam incutir na minha cabeça, todos os dias, a toda hora. Eu passei a querer ter coisas que realmente me levem a produzir o que eu quero produzir, a me desenvolver como eu quero me desenvolver e a ajudar os meus amigos, que são a humanidade no fim das contas. Ajudar as pessoas, trocar com elas, sei lá, fazer algo por elas.

Eu fui percebendo isso, mas você muitas vezes não repara porque a coisa ela é meio que na surdina, alguma coisa encaminha você para aquilo.

Meu nome não está no Serasa, eu sou uma pessoa que hoje tem inclusive passaporte, então, posso dizer que eu e minha família fomos conquistando as coisas rapidamente. Mas, eu posso dizer que se meus amigos conquistaram coisas que muitas vezes eu quis conquistar, hoje eu não quero mais, porque antes de comprar um objeto eu quero saber para que ele irá me servir.

Eu converso muito comigo mesmo e há momentos em que algumas pessoas ao me verem caminhando na rua, falando sozinho, rindo, podem me comparar com aqueles tipos que existiram na Idade Média, que não eram malucos, mas acolhidos e respeitados pela sociedade. A todo momento eu estou matutando, tentando crescer mais um pouco. Eu tenho planos mirabulosos, fascinantes e tem muita gente que entra neles, outras não topam. A maioria, graças a Deus, eu penso que está entrando e compreendendo os meus

planos. Eu coloco fé, confiança neles e dá certo. Na Casa Tainã eu ganhava 450 reais para trabalhar e cheguei a propor que continuasse ganhando isso, porque senão a minha mãe ou ela me expulsa de casa, com essa coisa de ficar aqui na Tainã, ou eu vou ter que arrumar um emprego. Cheguei a pegar currículo e a levar no centro. Não arrumei nada, mas eu sabia que iria funcionar como uma pressão interna. Um menino de dezoito anos, aprender a fazer pressão? Pô, isso é fantástico. Eu consigo manipular as pessoas de uma forma muito simples. Elas confiam, elas acreditam que eu realmente posso fazer as coisas, e eu faço, e aí as pessoas não querem me perder de vista. Eu não acho isso fenomenal, mas eu comecei a ver realmente que existem formas que eu consigo lidar com as pessoas e as pessoas conseguem lidar comigo. Quanto eu estou pensando que estou manipulando você, ao mesmo tempo você está me usando para algo, é assim que a gente acaba se movimentando. Parece um jogo de xadrez. Todo mundo está no mesmo time e todo mundo está em guerra ao mesmo tempo, uma guerra contínua.

Hoje em dia, a gente fala de subversão. Como é que se faz subversão? Como é que você recombina? O DNA recombina uma peça com a outra, se vai dar um cara com Síndrome de Down, não importa, importa que deu. Talvez um cara com Síndrome de Down tenha muito mais capacidade do que alguém que não tenha nada. Então, a gente tem que recombina para ver o que vai dar, misturar, trocar, está na hora de a gente fazer isso. Nós vamos dar aulas em lugares onde estão querendo formar uma penca de pessoas para a IBM, mas falamos para eles: “Vocês que escolhem, vocês têm livre-arbítrio para trabalhar dentro da IBM ou para trabalhar por conta, autonomamente”. Eu aproveito e falo da minha trajetória na Tainã, falo do que eu entendo por cidadania, tento mostrar a visão de outras pessoas, de pessoas que me ajudaram a ser o que sou hoje.

A gente está conseguindo trabalhar com o que chamo de caos. Quando conversamos, por exemplo, não falamos de uma coisa só. A conversa é aleatória e a mente humana funciona da mesma forma, aleatoriamente. Os games, a televisão, o computador, toda essa gama imensa dos meios de comunicação tem nos ensinado a trabalhar com o caos, a compreender o mundo e a nos desenvolver de uma forma que a gente ainda nem parou para pensar.

O anti-herói da juventude é tudo aquilo que vai na contra mão do que eu estou falando. Acho que as pessoas têm que começar a parar para pensar que não existem heróis. Nós somos os heróis, os deuses. Eu sou deus e eu faço realmente do meu destino o que eu quiser. Precisamos destruir essa coisa de que existe alguém que vai falar qual é o nosso caminho, porque é você mesmo que vai descobrir o seu caminho, é você quem decide.

Para terminar, trago a imagem de Zumbi, mas não aquela do morto-vivo que, segundo a crença popular, vaga pela noite, e sim a do líder do Quilombo de Palmares. Corajoso e astucioso, protegeu os quilombolas dos ataques dos exércitos e milícias que ameaçavam organizações sociais africanas. Acredito que os projetos nos quais estou envolvido dão continuidade ao trabalho de Zumbi, pois levamos aos quilombos e às comunidades negras rurais, informações que podem ajudar a garantir o acesso ao conhecimento dos seus direitos humanos e sociais e a formação de indivíduos atuantes na sociedade.

Eu me inspiro no Chico Xavier, porque ele foi um grande homem, ajudou os pobres. Me inspiro nele para ter paciência, amor, compaixão. Compaixão para mim é amar ao próximo e amar ao próximo como a ti mesmo não é fácil.

(Michael Silvestre⁶¹, 2008)

Meu nome é Michael Silvestre, eu nasci em Campinas

Quando tinha quatro ou cinco anos, minha mãe perdeu a minha guarda e eu fiquei interno, durante dez anos, no Lar da Criança Feliz. Com treze, quatorze anos saí de lá e passei a morar com a minha mãe.

Minha infância foi um pouco tensa, porque no abrigo a gente não podia sair, nem brincar, só estudar, estudar, estudar... Lá, eu fiz até a oitava série e agora eu estou no “Maju”, na Escola Estadual Maria Julieta de Godoy Cartesani, terminando o Ensino Médio.

Eu fiquei sabendo da AMIC porque a minha mãe frequenta esse “rancho” há muito tempo, quando funcionava aqui mesmo no Jardim Monte Cristo, mas em outro espaço.

⁶¹ Narrador/Colaborador: Michael Silvestre

17 anos

AMIC: Associação dos Amigos da Criança

Jd. Monte Cristo – Campinas

www.amic.org.br

E-mails: silvemichael@hotmail.com ; silvemichael@yahoo.com.br

Data da Entrevista: 04/05/07

Duração da Entrevista: 30 min.

Transcrição: 30/09/08

Primeiro, a Irmã Eliana me chamou para conhecer a sede da AMIC no bairro Village, também conhecida como “Casinha”, nas proximidades do Alphaville. Gostei tanto que até hoje faço os cursos que o grupo de lá oferece sobre a doutrina espírita. Agora, posso dizer que entendo o espiritismo.

A Irmã Eliana é pedagoga, administradora e já fundou três casas, a do Jd. Monte Cristo, a do Village e agora está montando uma outra no Jd. Itaguaçu, próximo ao Campo Belo. É um bairro enorme que foi invadido. Ela passa mais tempo aqui, onde está localizado o berçário, do que nas outras creches.

A AMIC assiste quase cinco mil famílias, criando em cada lugar “ranchos fraternos” onde se distribuem sopas, alimentos às populações carentes. Fazemos a “Feira Belém”, doando cestas de verduras, legumes e frutas que são compradas no Ceasa com as contribuições dos voluntários. As Casas Francisco de Assis oferecem possibilidade de abrigo às pessoas que precisam de proteção temporária. Existe também o Projeto Manjedoura que cede um lote de terra com um cômodo para famílias que vivem nas ruas. A mão de obra é da própria família, dos amigos e a construção é feita com materiais usados. O Jd. Monte Cristo mantém em funcionamento um berçário, com vinte e cinco bebês, e o Educandário onde desenvolvemos um trabalho de orientação pedagógica a cento e cinquenta crianças. Nos outros lugares, também existem núcleos que atendem crianças e adolescentes até quatorze anos.

Não precisa ser espírita para frequentar as casas. Aqui vem de tudo um pouco: muçulmano, católico, evangélico. Nós convivemos com essa diferença. Levamos o amor ao próximo sem ver religião. Aos domingos isso aqui fica cheio de gente.

As pessoas do bairro gostam daqui, elas respeitam e reconhecem o trabalho que é feito para ajudá-las. Estou morando no Monte Cristo há quatro anos e nunca tive problemas. Ficou a fama de ser um lugar perigoso, mas agora não é mais. Porém, as más línguas continuam “pondo fogo”, inventando coisas, é como dizem “quem conta um conto aumenta um ponto”.

Tenho uma forte ligação com a religião, por isso frequento a Casinha todos os sábados para orar. Ainda não dou “passe”, mas estou estudando para poder ministrar a religião. Pretendo seguir na religião ajudando ao próximo. Acho que é destino, parece que vem de outras vidas atrás.

Aqui, no Monte Cristo, eu estou há quatro anos. Durante um tempo, eu tomava conta das crianças de zero a quatorze anos para que elas não ficassem jogadas na rua e há dois meses eu fui convidado pela Irmã Eliana para monitorar as crianças, realizando atividades pedagógicas: brincadeiras, jogos lúdicos, artes em geral. Aprendo muito sobre teatro com o professor Edílson e depois eu aplico. Aprendi a gostar daqui.

O espiritismo me ajuda muito mesmo. Além dele revelar e explicar a minha vida passada, passei a ter mais paciência com as pessoas. Eu ficava nervoso com qualquer coisa, mas depois que eu fui “tocado”, me tornei uma pessoa mais calma, não falo gíria, compreendo mais as crianças com quem eu trabalho. Na escola, eu fico na minha, quieto, e ninguém mexe comigo, nem me ridiculariza por ser religioso.

Minha mãe já foi crente, católica e agora é espírita, mas não pratica a religião, ela só faz as leituras e ajuda aqui no Monte Cristo. Eu também fui crente e frequentei a Igreja Universal porque minha mãe me pedia para ir. Não deu certo porque as pessoas de lá são muito fuxiqueiras, falam mal da vida dos outros. Nunca vi! Não sabem amar ao próximo, não dão nada, são fechados. Eu saí, e, logo depois, a minha mãe também não foi mais.

Meu sonho é ter a minha casa, os meus filhos, o meu carro, um emprego bom, me formar em Pedagogia e dar aulas para crianças de seis a dez anos. Quando acabar o Ensino Médio, quero fazer cursinho.

Nas horas vagas, eu fico em casa lendo, estudando e no computador, onde busco músicas e textos religiosos. Não namoro pela internet, porque não tem graça. Saio muito pouco, não vou a “baladas”. Costumo andar no shopping.

Eu leio romance espírita. Um livro que me marcou foi "Espinheiros do Tempo", da Zíbia Gasparetto. O que mais ficou gravado em minha memória foi o amor e o ódio que uma das personagens tinha em outra vida. Ela fez de tudo para ficar com o marido de outra mulher, até conseguir matá-la. Ao saber da morte da esposa, o marido também se mata e a amante enlouquece. A lembrança desta vida passada fez com que essa mulher compreendesse que, para viver o bem, é preciso acabar com os “espinheiros do tempo”. Eu não tenho ódio em mim, somente uma raivinha ali, outra acolá. Todos os livros que leio eu pego na biblioteca do Centro Terra Nova ou do Village.

Um filme que eu gostei foi o "Código Da Vinci". Eu li o livro e vi o filme. Foi legal. Apesar de ninguém saber se existe ou não uma história verdadeira, eu contesto a versão de que Jesus tenha se casado.

Também gosto de desenhar, pintar, usar a tinta. Tenho vários desenhos pintados por mim. Adoro escrever.

Eu me inspiro no Chico Xavier, porque ele foi um grande homem, ajudou os pobres. Me inspiro nele para ter paciência, amor, compaixão. Compaixão para mim é amar ao próximo e amar ao próximo como a ti mesmo não é fácil.

Um herói da juventude do meu tempo é o Homem-Aranha. Acho que escolhem esse tipo de herói porque ele salva as pessoas. Mas, não é o meu herói, eu não tenho herói desse tipo, talvez porque não me “ligue” em desenho animado.

Quanto aos jovens da minha geração, eu vejo que eles estão perdidos, isso sim, nas drogas, na violência.

Para mim, política é dinheiro, porque sem o dinheiro não tem a política. O trabalho que eu faço não é política, porque política é para os gananciosos. Se um dia me convidarem para ocupar um cargo político, eu acho que eu não vou aceitar, porque eu não gosto.

Se fosse para trazer uma imagem de mim mesmo, eu traria a do “matuto”. O “Matuto”, personagem de um livro também escrito por Zíbia Gasparetto, é um homem muito pobre, que, abandonado pela mãe, não sabe quem são seus pais. Um dia, ele descobre que é herdeiro de uma fortuna e passa a ser alvo da ganância de um tio e de um

advogado que tentam roubá-lo. O desenrolar dos fatos surpreende esses ladrões e mostra que a humildade é a maior riqueza que um homem pode ter.

Posso dizer que sou feliz. E felicidade, para mim, é estar bem de vida, de saúde.

Não acredito que faltem heróis para essa juventude, mas falta a juventude se ligar a eles. Com certeza, os heróis são todas as pessoas que, renitentemente, tomam tapa na cara do capitalismo, insistem numa proposta de construção e não questionam além da realidade. Acho que essa incidência em cima da realidade, questionando o Big Brother, as novelas, é de certa forma uma característica dos heróis, das pessoas que conseguem mudar o mundo de uma forma racional.

(M.I.F.⁶², 2007)

Tenho 22 anos, sou formado em Ciência da Computação pela Unicamp e estou no primeiro ano de Ciências Sociais.

No sentido institucional do termo, eu não trabalho, mas me engajo muito na participação política dentro do PSol, do DCE da UNICAMP, na perspectiva da revolução, ou seja, agindo sobre a realidade, transformando o mundo. No meu dia a dia, tento reservar mais tempo para o estudo, mas também faço sites, panfletos, organizo a diagramação, a distribuição, a comunicação do DCE.

Minha família pertence à pequena burguesia proprietária, minha mãe é dona de uma farmácia e meu pai, de uma clínica. Aos treze anos ganhei meu primeiro computador. Nessa época, rolava nos Estados Unidos o caso Mitnick, um *haker* famoso que invadiu vários computadores, entre eles os do Centro de Espionagem dos EUA. Acabou preso por

⁶² O narrador/colaborador não autorizou divulgar sua identificação, e passou a ser designado pelas iniciais M.I.F.

22 anos

Movimento Estudantil Universitário (Diretório Central dos Estudantes – Unicamp)

Data da Entrevista: 20/04/07

Duração da Entrevista: 50 min.

Transcrição: 19/09/07.

Shimomura, um especialista em segurança. Essa história me fez ficar encantado por computadores. Queria fazer medicina, mas, tendo a computação como *hobby* preferido, fiz o vestibular para essa área e optei pela Unicamp.

Tive vários problemas com o curso. Na verdade, quando você entra na graduação, encontra algumas questões que, na maioria das vezes, não são resolvidas e acabam contribuindo para formar pessoas que compõem a chamada sociedade normal.

O seu colega mais *nerd*, o mais bobão, se dá melhor na vida e aí você percebe que a avaliação na universidade não corresponde aos seus valores. Na hora de trabalhar, tudo ficou mais claro para mim. Trabalhei oito meses num laboratório na UNICAMP e vi que, no mundo do trabalho, as lideranças não têm legitimidade, porque seu tempo é comprado, então, eu criei esse estranhamento em relação ao trabalho. Atrasei um ano a minha formatura para me dedicar a pensar essas questões. Aproximei-me das Ciências Sociais, estudando a Constituição Brasileira e as Ciências Humanas mais como uma arte. Passei a entender o trabalho institucionalizado não como uma atividade que “dignifica o homem”, mas como o meio de garantir a sobrevivência, então, continuei estudando e prestei vestibular para Ciências Sociais na Unicamp.

Também não estou gostando deste curso. Para dizer a verdade, o trabalho, a universidade, talvez até a família são burocracias que nós temos que administrar e eu já entendo isso porque já estou meio velho, escolado. Para ser aquele esplendor da academia de Platão, precisaríamos estar num mundo bem mais racional do que esse.

O que me mobiliza a ter esse tipo de vida, a fazer essas opções é a noção de sujeito responsável pelo seu destino. Se eu for trabalhar, me casar, terei de justificar essas escolhas, sabendo que dentro desse sistema de produção a perspectiva é a extinção da raça humana. Por isso, as nossas opções precisam ser trabalhadas e não tem como ignorarmos ou acreditarmos que não existam soluções para os problemas que estão colocados e nos fecharmos numa vida particular. Então, eu me sinto como o único responsável pelo meu futuro, pela minha felicidade e, apesar de existirem várias pessoas que me dão condições para isso, no fundo quem responde por mim sou eu.

No projeto de transformação social que temos, buscamos fundar um outro referencial de esquerda, entender o trabalho, o dinheiro, a institucionalidade como uma construção humana, logo, passível de questionamento e reconstrução. Minhas perspectivas são otimistas. Acredito que coisas boas acontecem.

Na escola, apesar de ser *nerd*, de ter recebido bolsa e de, por isso, meu pai respeitar minha autonomia, também era amigo da galera do fundão. Sempre fui muito estudioso e tive referências que me ajudaram e ajudam a pensar na construção do socialismo.

Tive bons professores, muitos deles porque sentiam-se incomodados com as mesmas questões que vieram a me afligir depois que eu entrei na Faculdade.

Por causa da política e das discussões das ciências humanas, tenho muitos livros para ler, então, deixei a literatura um pouco de lado, mas lembro de algumas obras que me influenciaram muito, como *Lolita*, de Nabokov. Para mim, é o tema da bondade que permeia a narrativa desse livro e não o julgamento moral da relação amorosa entre um

homem de meia idade e uma adolescente. Outra obra foi a *Insustentável Leveza do Ser*, de Kundera, que ao narrar os amores e desamores entre quatro pessoas, em meio a um clima de tensão política, trata das expectativas que projetamos nos outros. Sobre Oscar Wilde, li sua biografia epistolar e compreendi as limitações daquela sociedade inglesa, que para nós é exemplo. No texto, percebe-se a perversidade das instituições. Wilde permaneceu dois anos na prisão por manter um relacionamento homossexual com o Lord Alfred Douglas. Sua produção foi rechaçada, perdeu amigos, a mulher, os filhos e morreu na miséria.

Em relação à arte, não acho que seja um fim em si mesma. Como instituição social ela deveria ter mais respaldo, o que, infelizmente não acontece. Faz-se teatro para aparecer na televisão e não com objetivo social. A música também tem um papel bem preciso na sociedade capitalista. Os shows de rock têm um encantamento não merecido, por isso tenho um discurso bem cuidadoso quando debato cultura e arte. Na universidade, nós lidamos com a contradição entre, de um lado, termos medo de, por exemplo, ao promover um show de Ivete Sangalo, divulgar valores combatidos por nós e, de outro, nos propormos a isso para não parecermos chatões que fogem daquilo que a juventude chama de diversão, de arte. É complicado, porque a arte está muito ligada aos valores estéticos e tais valores não são muito discutidos em termos racionais.

A ligação com a cultura e com a arte foi de importância fundamental na minha vida. Sempre fui muito ao cinema, principalmente depois que tive idade para ir ao shopping sozinho. Na minha família o pessoal trabalha o dia todo, chega em casa, vê tv e dorme. Aos quinze anos, fazendo pólo aquático, conheci um amigo com quem trocava idéias sobre técnicas de hipnotismo e de livros que líamos. Lembro que começamos com o romancista americano Sidney Sheldon e a partir dele acabei me aproximando da literatura e do cinema.

Sendo conhecido do dono de um cinema próximo à minha casa, pude assistir a filmes para maiores de dezoito anos. Entre as muitas influências, uma notável foi *Instinto*, com o Anthony Hopkins, sobre um antropólogo que vivia com os gorilas das montanhas de Ruanda. De *o Clube da Luta* lembro da atitude daquele jovem que assistiu ao filme e depois metralhou a platéia. Os jornais da época relacionavam o fato a um jogo de computador ao qual eu também fui muito ligado, o *Duck Nuken*, em que você tem uma arma e deve matar monstros. Esse jogo inovou mais que o cinema, ao mesclar jogo e realidade. Foi legal também, *Beleza Americana*. O problema dos cinemas é sua condição capitalista norte-americana.

Quanto à religião, sempre tive uma postura bem crítica. Nunca fui religioso e nunca serei, mas não dá para pensar naquela Festa do Divino em Goiás, naquelas velhinhas que fazem a procissão como um mal. Minha mãe mesmo, reza o terço, reza antes de dormir e na medida em que isso não é um problema deve existir um lugar para essas manifestações. Acho que a religião é um fenômeno que tem espaço, inclusive, por causa da lógica da exploração. Desde as organizações sociais mais primitivas até os dias de hoje a religião, enquanto uma construção histórica foi ganhando terreno, mas acredito que as questões do mundo hoje estão muito mais distantes de Deus e mais próximas dos homens.

Para mim, o que mais caracteriza a juventude de hoje é o idealismo. Por exemplo, os jovens, de modo geral, não têm condições de dizer se este pote que está aqui do meu lado realmente existe ou não, embora eles tenham todos os motivos para acreditar que sim, pois eles vêem, sentem o cheiro, tocam, mas apreender a essência dessa existência aqui eles não são capazes. Dentro dessa perspectiva, o que acontece? Tudo pode ser questionado. Os valores estéticos ganham agora um valor muito maior, porque tudo é mera idéia.

Falar de juventude é muito complexo. Aqui na UNICAMP, quase noventa por cento dos jovens que são alunos do Instituto de Computação, a cada ano, ao menos numa fase inicial, pensam seriamente em largar o curso, devido a muitos conflitos. A própria noção do trabalho preocupa bastante o jovem. Você tem que competir, tem que ser o melhor, e aí você não está tão disposto a isso. Os valores individuais crescem, as relações pessoais, familiares são afetadas. O crescimento do capitalismo no Brasil tem afetado muito a noção de família. A nossa geração é a primeira que vem de filhos de pais separados. Mãe solteira era uma condição impensável há cinquenta anos atrás. Então, eu acho que a juventude sofre, mas, por outro lado, ela consegue questionar o comportamento dos pais. Nesta confusão, é ela que se preocupa em dar respostas para o futuro, porém, sem espaços para tal discussão nas instituições. A universidade não trabalha isso de uma forma incisiva, até porque seria construir uma coisa contra a organização social fundamentada em noções capitalistas.

Não sei se uma universidade como a Unicamp poderia fazer muita coisa. Talvez, simplesmente trabalhar a nossa capacidade de questionar, o que a UNICAMP, de certa forma, se propõe a fazer, porque ela fala que em seu vestibular tem que passar os alunos críticos, mas, quando você entra aqui, vê que não é bem assim. Essa universidade se confunde muito com duas coisas que ela não dá conta de fazer ao mesmo tempo: uma, ser o templo do saber que é o que muitas pessoas, inclusive eu, acham que é o legal da universidade. Um lugar onde você vai para pautar, discutir, decidir e é respeitado. A universidade tem essa fachada de templo do saber, mas ela também esconde, ou melhor, exacerba o papel de produção de engrenagens para o mercado, forma trabalhadores a serem explorados segundo a lógica do capitalismo. A universidade tem um papel dentro do Estado capitalista, então, ela não possui sequer condições de atender as principais reivindicações da juventude. Por exemplo, a gente sabe que o reitor, ao ser nomeado pelo governador, perde boa parte de sua autonomia, que a atual Reforma Universitária fere a autonomia da investigação e do ensino superior público, que a ênfase maior do ensino está em desenvolver patentes que registrem o maior número de produtos a serem consumidos pelas empresas atreladas à universidade, então, você vê que não há muito espaço para a transformação, mas, de forma geral, ainda é a melhor instituição que a juventude pode encontrar na sociedade capitalista. Aqui temos choque de idéias intensas que favorece a responsabilidade dos apontamentos para o futuro. Por outro lado, quando se é jovem sentimos que temos a vida toda pela frente e a vida tem tantas possibilidades que é divertido passar pelos momentos mais difíceis. Porém, a gente sabe que, infelizmente, para a tristeza da maioria, o mundo hoje não dá condições para que todos os jovens vivam dessa forma. Tem gente que precisa trabalhar desde os cinco anos de idade e dar conta da família, então, aí, a pessoa já não tem a vida toda pela frente, ela tem o trabalho todo pela frente.

Quanto aos suicídios de jovens aqui na Unicamp, acredito que não se divulgue e nem se discuta essa questão porque, dentro dos valores individuais, a idéia de suicídio vende bem no capitalismo. Cada um com seus problemas, então, eu me suicido, um gesto que, dentro da lógica do lucro, do capital, não é ruim e quanto mais se abafa essa idéia mais ela cresce, por isso acho importante debater esse problema aqui na universidade.

Não acredito que faltem heróis para essa juventude, mas falta a juventude se ligar a eles. Com certeza, os heróis são todas as pessoas que, renitentemente, tomam tapa na cara do capitalismo, insistem numa proposta de construção e não questionam além da realidade. Acho que essa incidência em cima da realidade, questionando o Big Brother, as novelas, é de certa forma uma característica dos heróis, das pessoas que conseguem mudar o mundo de uma forma racional. Nesse sentido, lembro de Rosa Luxemburgo, Che Guevara, Karl Marx, Lenin, Trotsky. São muitos os heróis, o problema é saber qual deles se dedica a transformar o mundo, se um cantor de rock ou um cara do qual nunca ouvimos falar dele. É óbvio que os jovens escolhem o cantor de rock.

Também gostaria de colocar que não são somente os jovens os responsáveis por trabalhar pela transformação e construção de uma nova sociedade. Sinto falta da ajuda dos professores da Unicamp. Não se trata de um projeto que estou querendo implementar, mas de um espaço para debater a lógica de quem constrói e de quem não constrói possibilidades de transformação social. É importante que a gente se preocupe em viver essas coisas, até porque é extremamente divertido, mas às vezes somos taxados gratuitamente e isso afeta a gente, atrapalha a discussão que gostaríamos de fazer com todas as pessoas.

Não é pelo rótulo que eu quero puxar a discussão, é pelos problemas. Está colocada aí uma perspectiva de aumento da temperatura do planeta nos próximos trinta anos, então, é por causa do Lula que a gente vai parar com tudo, se dedicar à família, à construção de uma casa no sítio? Não são poucos os filhos de militantes que deixaram de trabalhar com a política por causa do fenômeno PT, mas isso tem que ser compreendido para que possamos construir algo novo. Independente do rótulo, poderíamos nos reunir, discutir, mas os valores individuais dificultam o debate. A construção desse espaço, é a construção de uma ruptura socialista, é por isso que eu digo, o problema é extremamente grande e ninguém mais do que nós sofremos por entender que ele está nas mãos de todos nós.

Hoje estou mais velho, já me sinto mais responsável pelas coisas que não faço, então, para expressar o M.I.F. do passado, escolheria uma frase de Rubião, personagem criado por Machado de Assis em seu livro Quincas Borba e que em seu leito de morte teria dito “Ao vencedor as batatas”. Ou seja, eu era mais pessimista em relação à história dos vencidos e compactuava com a ironia da lógica machadiana que denunciava o desfrute da riqueza e da posição social dos vencedores. O M.I.F. do presente, prefere a imagem de bebês, pelo fato deles terem vivacidade e serem muito curiosos, qualidades que me ajudam a descobrir o mundo como ele é, em sua materialidade.

Além da minha mãe, todos os trabalhadores de Evangelização e da Mocidade da Casa de Jesus são meus heróis, porque apesar de terem os seus problemas pessoais, eles se dedicam aos outros. Uma outra pessoa que eu admiro muito é o meu professor de História. (...) Mas, eu ainda não sei qual é a razão da minha existência. Estou tentando descobrir.

(M.M.L.⁶³, 2008)

Tenho quinze anos.

Meus pais são separados desde os meus três anos, então, não tenho nenhuma lembrança deles juntos, como um casal. Há dez anos, meu pai casou de novo e mora no exterior há cinco anos. Eu o visito em julho porque lá é verão, e ele vem para o Brasil no final do ano. Moro com a minha mãe e com a minha tia.

Eu e minha família sempre fomos espíritas. Meu pai, depois de um tempo, tornou-se ateu. Minha mãe nunca saiu do Centro Espírita, nem deixou de dar aulas de Evangelização, seja para crianças pequenas ou para o Grupo Mocidade. Eu, praticamente, cresci dentro do Centro Espírita. Na Casa de Jesus, entrei com uns sete anos e, apesar de gostar, eu freqüentava por causa da minha mãe. Ela não me obrigava, mas combinamos que enquanto eu fosse menor, eu seguiria o espiritismo e assim que me tornasse

⁶³ A narradora/colaboradora não autorizou divulgar sua identificação, e passou a ser designada pelas iniciais M.M.L.

15 anos

Casa de Jesus

Rua João Alves dos Santos 770 – Jd. Paineiras - Campinas

www.seareiros.org.br

Data da Entrevista: 10/05/07

Duração da Entrevista: 60 min.

Transcrição: 28/09/08.

responsável pelos meus atos, eu poderia escolher a minha própria religião, ou até mesmo não seguir nenhuma.

Até doze anos, os ensinamentos religiosos sempre fizeram total sentido para mim, mas, a partir dessa idade, me tornei uma adolescente muito rebelde, desobediente e gostava de contrariar os adultos, mas minha mãe foi firme e não me deixou abandonar a religião porque ela sabe que os seus ensinamentos dão uma base para a vida. Hoje, eu percebo que dá mesmo e penso que se minha mãe não tivesse forçado a barra eu teria “pirado na batatinha”. Após essa fase, entrei no grupo Mocidade por livre escolha. Posso dizer que encontro algumas respostas que ajudam a me entender um pouco mais e encontrar um certo equilíbrio para meus pensamentos e minhas emoções.

Segundo o espiritismo, nós já tivemos várias existências. Quando morremos, não vamos para o paraíso, nem para o inferno, nós continuamos a ser o que éramos, acumulando o que aprendemos durante a vida. Portanto, sempre me pergunto sobre o que tenho que aprender diante das situações. Nada é por acaso. Se eu brigo com o meu namorado, não é porque eu tenho que pagar um karma, mas porque tenho de aprender algo com isso.

Falamos muito a respeito do livre arbítrio. Mesmo sabendo que um vício não é bom para mim, eu tenho escolhas, pois, se eu quiser, posso ou não beber, nada me impede, mas sei que isso irá me trazer conseqüências. Lei de ação e reação. Então, você tem que pensar no que vai fazer. Quando vou a uma festa, não experimento nada que eu não queira. Se me oferecerem droga, eu não vou experimentar, porque eu sei que não vai me trazer nada de positivo.

Na escola, eu sou assumidamente espírita. De vez em quando os meus colegas me convidam para fazer alguma coisa com eles no sábado à tarde, e eu digo que tenho compromisso na Casa de Jesus, com o grupo Mocidade. Alguns consideram brega essa minha atitude, mas daí eu explico que se trata da minha religião e que assim como os católicos têm seus compromissos na Igreja, eu tenho os meus, no Centro Espírita.

Nunca em minha vida sofri preconceito. Às vezes, percebo que para determinadas pessoas, se eu falar sobre minha crença, irei causar uma certa turbulência na conversa, mas não me intimido; não vou deixar de ser quem sou apenas porque alguém não irá gostar. Falo que sou espírita desde pequena e que tenho orgulho disso.

Eu respeito completamente as outras religiões, mas não tolero quando uma pessoa tenta me converter, porque acho isso uma falta de respeito, uma invasão. A pessoa pode até me convidar para ir na igreja dela, irei sem problema algum, mas quero que me respeite.

Quando o grupo Mocidade começou, nós simplesmente estudávamos os conceitos, a teoria espírita, mas aos poucos fomos mudando a linha das nossas reuniões, que acontecem aos sábados, durante duas horas. Agora, elas estão voltadas para uma reflexão sobre os nossos sentimentos, as nossas atitudes. Fizemos essa modificação para que a juventude possa enxergar, acordar para a vida, prestar atenção no que está fazendo. Nesses encontros podemos nos expor com segurança, pois temos a garantia de que ninguém sairá de lá divulgando o que se conversa internamente. Também podemos escrever nossas confidências num papel, sem explicitá-las verbalmente, porque

consideramos que isso ajuda a refletir sobre as nossas ações. Então, dentro desse grupo nós compartilhamos nossos problemas, nossas aflições, refletimos, raciocinamos juntos.

A Casa de Jesus também tem um grupo chamado Evangelização. Dentro dele funcionam as Oficinas do Espírito, com os cursos de teatro, música e dança. Eu faço parte do grupo de dança. Nosso propósito não difere do grupo Mocidade, que é parar para refletir, buscar uma modificação interna. Se estou tendo um problema de relacionamento no colégio, levo o problema e nós discutimos a respeito. Não se trata de fazer terapia em grupo, mas de poder conversar com alguém sobre os nossos problemas e, o principal, poder transformar os nossos sentimentos num meio de expressão através, por exemplo, da dança. Não temos professora de dança, mas nós mesmos criamos a coreografia, sem nenhuma técnica e depois apresentamos dentro da Casa de Jesus.

Somente eu e mais duas garotas já fizemos dança e um garoto faz kung fu, mas isso não é importante porque aquilo que sabemos, nós fazemos, o que o corpo sente, nós expressamos. Muitas vezes são histórias que, em contextos diferentes, acontecem com todas as pessoas. Raiva, alegria, ciúmes, todos nós, de uma maneira ou de outra, vivemos esses sentimentos, então, procuramos mostrar isso em nossos trabalhos com a ajuda da dança e da música.

Além da minha mãe, todos os trabalhadores de Evangelização e da Mocidade da Casa de Jesus são meus heróis, porque apesar de terem os seus problemas pessoais, eles se dedicam aos outros. Uma outra pessoa que eu admiro muito é o meu professor de História. Eu o conheci num momento em que andava meio depressiva, questionando o meu pai e ele, além de me motivar para o trabalho voluntário, foi e é um exemplo de pessoa para mim. Mas, eu ainda não sei qual é a razão da minha existência. Estou tentando descobrir.

Penso que as pessoas da minha geração são muito superficiais, porque se deixam levar pelas tendências, pelos impulsos e não por aquilo que pensam e sentem. Um exemplo disso é a moda “Emo”. Conheço várias pessoas que se dizem Emo, porém, não sabem me dizer porque fizeram essa escolha. Falta conteúdo nas justificativas, nas razões. Já me interessei pelos anarco-punks e fui saber deles no orkut. Fiquei surpresa porque suas manifestações são muito superficiais. Como é que você pode dizer que odeia preconceito e ao mesmo tempo afirmar que odeia o shopping porque lá só vai um determinado tipo de gente?

Percebo que existe muita falta de diálogo com os pais, principalmente, entre as pessoas com as quais convivo, os colegas do colégio. Já ouvi vários comentários sobre pais que deixam os filhos largados, ou filhos que, para driblar a vigilância dos pais, fazem coisas às escondidas. Estranho isso, porque, mesmo sendo filha de pais separados, meus pais sempre dialogaram comigo. A base de tudo é a família porque é constituída de pessoas com as quais realmente podemos contar. Algumas pessoas podem até me julgar, questionando o fato do meu pai morar longe, mas posso afirmar que essa distância não prejudica em nada, porque me sinto apoiada por ele em todos os sentidos.

Estou fazendo o primeiro ano do Ensino Médio, numa escola particular. Foi na oitava série que conheci o Vitor, professor de História. Ele escreveu um projeto de atendimento a comunidades carentes, fez um convite para os alunos participarem e eu me

engajei voluntariamente. Uma vez por semana, damos reforço escolar para crianças de terceira e quarta séries, numa escola situada no Jardim Miriam, ao lado do Alphaville, além de realizarmos outras atividades. Sou responsável pelas aulas de inglês e educação ambiental, mas ajudo também em outras ações. Na primeira reunião, tinha umas vinte pessoas, mas terminamos o ano com oito. Acho importante esse tipo de ação porque aprendo muito. É uma troca intensa.

Enquanto lanchamos, a criança fala sobre a novela do SBT, "Rebeldes", que a molecada adora, ou do "*High School Musical*". Você aprende com elas e elas com você. Legal é o retorno que temos quando várias crianças comentam que a professora da escola se surpreendeu com o rendimento deles em matemática, em português. Daí eu penso que, realmente, servi para alguma coisa.

Quando se fala em política eu penso em prefeitura, governo, presidente, movimentos globais, nas minhas aulas de Geografia, mas eu me considero meio alienada e não saberia definir muito bem o que é a política.

Acho que o trabalho voluntário que desenvolvo pode estar relacionado com questões políticas, porque quando eu falo em política, eu também lembro de classes sociais, desigualdade social e se tem desigualdade, eu também sou responsável. Se eu faço parte de uma classe economicamente mais ativa, uma classe média, alguma responsabilidade eu tenho nisso tudo. Nesse projeto voluntário, eu tento esclarecer as crianças, dizendo que elas têm um potencial e por isso devem batalhar, ir atrás de seus sonhos, não importando a classe à qual pertençam.

Uma vez por semestre, o grupo Mocidade também faz uma visita a asilos. Um deles fica em Santa Genebra e o outro é um abrigo para senhoras idosas, localizado perto do Castro Mendes. Nós não vamos lá com um propósito religioso, mas para conviver, levar bem estar a essas pessoas. Normalmente, enquanto as meninas fazem as unhas das velhinhas, ouvem suas histórias; os meninos jogam dama e dominó com os velhinhos. É muito legal, porque sempre que vamos embora, eles nos perguntam quando iremos voltar. Tem tanta história!

Outra atividade legal que acontece uma vez por semestre, na Casa de Jesus, é a lasanha beneficente. Compramos massa, molho, queijo e os voluntários se distribuem em tarefas tipo uma linha de produção. A Mocidade também ajuda, cabendo a ela colocar o queijo sobre a massa. Faço isso com muito gosto e lamento muito quando tenho que faltar.

Desde pequena eu queria voar, eu pensava mesmo em abrir os braços e sair flutuando no ar, mas eu compreendi que, aqui nessa terra, isso não é possível. Apesar desse desejo, sempre tive muito medo de altura e nunca me atrevi a subir em árvores. Depois de grande, comecei a fazer o curso de tecido acrobático. É um número circense no qual você faz várias acrobacias equilibrando-se em torno de tecidos fixados no teto. Durante os exercícios, normalmente, ficamos há sete metros do chão. Hoje, subo em qualquer lugar porque enfrento os desafios, tentando vencer o medo, aliás, venci muita coisa na vida, fazendo essa atividade.

Em maio do ano passado, eu estava subindo no tecido de olho vendado. Há dois metros de altura, fiz uma trava com o pé, segurei na mão, e com a outra deixei o tecido correr, sem perceber que estava próxima ao chão, eu caí e torci o pé. Isso aconteceu há

menos de uma semana da gincana que o meu colégio estava organizando. Eu era *cheerleader* e teria uma apresentação de tango. Precisei tomar uma decisão, pois ou eu ficava imobilizada para ter uma recuperação rápida ou terminava de estourar o meu tornozelo, tendo uma recuperação demorada. Resolvi assumir o compromisso com todos lá da escola. Juntamente com uma colega, montei a coreografia do meu número e dancei de salto alto. Até três meses após o evento eu ainda sentia dor no pé, mas foi uma escolha consciente.

Tenho muitos sonhos e batalho para isso. Então, estou transformando essa vontade que tenho de voar em planos para a minha vida, como por exemplo, fazer faculdade aqui na UNICAMP. Penso em fazer Química ou Biologia e sei que terei de batalhar muito para realizar esse objetivo.

Quando fizer dezesseis anos, quero ter Carteira de Trabalho assinada, nem que seja para ocupar o cargo de balconista no período que antecede as festas de final de ano. Sempre pensei que deve ser uma delícia morar sozinha, ter sua própria casa. Claro que é muito bom ganhar, receber na mão, qualquer um gosta, mas eu gosto mesmo de conquistar, de merecer, porque a minha experiência, o meu conhecimento ninguém tira, podem me abduzir, mas não arrancá-los de mim. Nesse aspecto, sou um pouco parecida com os meus pais. Meu pai começou a trabalhar com doze anos, era engraxate. Agora, ele está nos Estados Unidos, trabalhando como engenheiro elétrico. No Brasil, ele trabalhava no Laboratório Nacional de Luz Sincrotron. A luz sincrotron é emitida por elétrons e ao utilizá-la os cientistas desse laboratório buscam descobrir propriedades físicas, químicas e biológicas existentes em átomos e moléculas, sendo possível então estudar as propriedades dos diversos componentes da natureza. Meu pai desenvolve um trabalho específico relativo ao cálculo de frequência de elétrons muito utilizado para pesquisas tecnológicas. Nos E.U.A. é muito difícil encontrar profissionais capacitados como ele, então quando cientistas americanos conheceram meu pai durante um congresso, propuseram um contrato de trabalho em Palo Alto, no Estado americano da Califórnia. Ele aceitou e até já entrou com o pedido de cidadania, por isso acho que não voltará mais ao Brasil. Atualmente ele mora perto de São Francisco, numa cidade chamada Los Altos Hills.

Eu gosto muito de toda aquela região porque as pessoas são muito alegres, contrastando, por exemplo, com a sisudez de Chicago ou Washington.

Como eu morei lá um ano, absorvi muito o inglês. Eu fui um mês antes de fazer onze anos em agosto, mês do meu aniversário, e voltei em julho, um mês antes de fazer doze anos, em agosto. Apreendi a falar na chicotada. Fiz um ano de inglês numa escola em Barão Geraldo e cheguei nos E.U.A com o básico, mas eu me virei e sinto orgulho disso em mim. Quando voltei ao Brasil, continuei estudando e, agora, após um intervalo de dois anos, estou tentando retornar para um curso destinado a professores de inglês. Quero trabalhar dando aulas de inglês.

Na minha vida, qualquer tipo de arte é fundamental. Também faço dança de salão, porque é um momento da semana no qual relaxo.

Normalmente, quando tenho um tempinho, só estudo matérias do colégio, porque o primeiro ano é muito pesado. Gosto de todos os estilos de livros e filmes, só não aprecio ficção científica. No ano passado, um professor pediu para ler “O Crime do Padre Amaro”,

de Eça de Queirós. Trata-se de um padre que engravida uma moça e entrega o próprio filho a uma desconhecida. A jovem morre durante o parto e a criança também não sobrevive. Não sei porque, mas essa história me marcou muito, talvez pela hipocrisia que permeia toda a narrativa. Neste final de semana, assisti “Zuzu Angel”. Gostei muito do filme, mas é uma história muito triste porque toca em fatos que realmente aconteceram durante a ditadura militar no Brasil.

Desde pequena até hoje, se alguém me manda fazer uma pintura, eu vou buscar as cores quentes, principalmente, o laranja que é uma cor que eu gosto muito. Se me pedirem um desenho, eu procuro fazer uma coisa totalmente abstrata, talvez porque esteja constantemente buscando quem sou eu.

Acho muito interessante as obras de um pintor e escultor chamado Romero Britto, que conheci pela TV, e através de um trabalho que desenvolvi na aula de artes. Ele é brasileiro, mas fez a sua carreira no exterior. Começou como grafiteiro e, hoje, é considerado um artista pop. Suas pinturas são coloridas, alegres e imaginativas.

Encaro a arte como um meio de expressão. Às vezes, em meio à tristeza, pinto um quadro, faço um desenho, ou, até mesmo, um exercício acrobático e quando percebo já nem me lembro mais porque estava tão melancólica, tão devagar. Adoro mexer com tinta, argila, massinha biscuit, crochê, tricô. Nas férias, eu e minha avó fazemos muitas atividades manuais. Eu adoro.

Já para escrever, eu tenho muita preguiça. Gosto de redações dissertativas, ou mesmo narrativas. Acho que eu me expresso bem, mas não é o que eu mais gosto de fazer. Não sou aquela pessoa que escreve uma poesia a partir do nada.

Eu gosto muito de músicas instrumentais, mas também de pop-rock, new-age, e eletrônica, mas só se for para dançar.

Antes dos quatorze anos, morria de vontade de freqüentar domingueira, mas depois não fiquei mais afim. Não curto balada, mas festa de aniversário eu adoro, principalmente se for dançante. A música para mim é fundamental. Quando estou estudando, só consigo me concentrar se estiver ouvindo um som, ou cantando, porque do contrário, durmo. Mas, eu tenho um tique estranho, isto é, não consigo estudar inglês se colocar uma música inglesa ao fundo.

Eu namorei durante um ano e quatro meses. O meu ex namorado estuda no mesmo colégio que o meu, ele também é espírita e freqüenta o Mocidade. Estou passando por uma fase difícil, meio estranha, mas, brigando ou não, estando de mal com a vida ou não, eu me sinto muito melhor ficando “na minha”, pois quero ficar um tempo longe. Procuro me relacionar muito com as pessoas, embora nem sempre consiga sair até mesmo com os amigos mais próximos.

Eu não roubo, não mentiria com coisa séria. No dia a dia, pode acontecer de contar uma mentirinha boba. Posso dizer que me acho parecida com um novelo de lã, entrelaçada por vários fios de cores quentes, em meio a linhas curvas e retas, entre o concreto e o abstrato.

Acredito que possa haver modelos que nos inspirem, mas de pessoas com uma produção teórica e prática que ajude a juventude a ter embasamento para os seus atos, mas não acho que o jovem só irá se organizar se tiver um modelo, é importante mas não é crucial.

(M.T.R.⁶⁴, 2007)

Tenho 19 anos e curso o segundo ano de Pedagogia na Faculdade de Educação da Unicamp.

No início eu queria pedagogia porque era mais fácil de passar no vestibular e depois eu pensava em me remanejar para as Ciências Sociais, agora esse motivo inicial já não conta mais porque, após um ano, a minha visão da pedagogia é outra.

Quero estudar, pesquisar mais sobre a temática da educação. As aulas na Pedagogia me fizeram ver que o senso comum tem uma visão muito limitada da Pedagogia que é aquela da “tia boazinha” que cuida das crianças e a perspectiva do curso não se resume a isso. Um outro fato que me ajudou a ter mais clareza a respeito da educação, foi a minha relação com o Centro Acadêmico da Pedagogia (CAP).

Hoje, eu sou do Diretório Central dos Estudantes da Unicamp (DCE) e uma das coordenadoras do CAP. Antes de entrar na Unicamp, eu estudava no Bento Quirino e já militava no movimento estudantil, admirando, talvez pela sua mística, o movimento estudantil da década de sessenta.

⁶⁴ A narradora/colaboradora não autorizou divulgar sua identificação, e passou a ser designada pelas iniciais M.T.R.

19 anos

Movimento Estudantil Universitário (Centro Acadêmico da Pedagogia – Faculdade de Educação – Unicamp)

Data da Entrevista: 06/03/07

Duração da Entrevista: 40 min.

Transcrição: 29/06/07.

No Bento, eu tive contato com uma galera que atuava em um movimento social. Fui conhecer, entrei para o grupo e comecei a participar das suas atividades políticas dentro e fora da escola. Havia um comitê funcionando no Bento, o do Passe Livre, que era o mais forte de Campinas e no qual eu militei também. Mesmo estando no terceiro ano eu ajudei a participar na construção da chapa do grêmio.

Quando eu tinha dezessete anos, a figura do Che Guevara tinha total influência sobre mim, porque ele sempre foi um lutador em quem a gente se espelha, que defendeu uma ideologia que é muito próxima do que eu acredito. Claro que existe muito aquela personificação da figura do Che enquanto “aquela pessoa” e da mesma forma que ele pode aparecer na estampa do biquíni da modelo Gisele Bündchen, para mim, ele representa algo maior que é uma transformação social, uma revolução social, a filosofia de um lutador.

Nessa época em que eu estudava no Bento, conheci uma galera da Unicamp, que estava no DCE, por causa da proximidade desse grupo com o movimento do qual eu participava. Quando entrei na universidade, parei de militar nesse movimento, porque o foco dele é o movimento estudantil secundarista.

Inicialmente, eu não queria participar do CAP, mas juntamente com as minhas colegas percebemos que era importante construir algo na Pedagogia. Teve eleição e hoje somos oito meninas na coordenação.

A minha participação se dá porque eu sou movida por um ideal. O CAP, o DCE são instrumentos de organização dos estudantes que se voltam para os problemas da universidade que, por sua vez, refletem os problemas da sociedade. Acho que o CAP e o DCE são entidades que têm a responsabilidade de organizar a intervenção dos estudantes na universidade, na sociedade, então para mim esse é o critério, organizar os estudantes. Agora, por exemplo, estamos discutindo os temas referentes à Reforma Universitária e a outros assuntos que devem estar na pauta do movimento estudantil nacional, então acho que é bem ruim a galera da pedagogia ficar sem esse debate, porque é a partir dele que acontece a organização, a luta concreta, a possibilidade de trazer mais pessoas para serem convencidas a lutar por um ideário maior.

O ânimo de lutar se dá pela esperança de que as coisas realmente possam dar um fruto, de que apesar das dificuldades serem imensas, a gente acredita que vai rolar, que vai mudar, acho que é isso que nos move.

Esse processo de convencer o outro da importância da sua participação tem várias formas, e uma delas é o que a gente tenta fazer agora com a recepção dos calouros. Esse é um momento no qual está chegando muita gente com vontade de participar de tudo, então o CAP parabeniza os estudantes e ao mesmo tempo questiona o fato dos que fizeram o vestibular e não entraram na universidade, lançando uma pergunta para eles : “afinal, por que essa galera não passou?”. A partir desse debate, apresentamos outras temáticas importantes, como as discussões realizadas nos espaços sobre a Reforma Universitária. Acreditamos que questionando o micro, podemos questionar coisas maiores, mas não tem uma receita, depende muito do lugar.

Nós estamos trazendo outras pessoas para participar do espaço do CAP, realizando vários debates de convencimento e a interação tem sido muito boa, só que nós não

estamos descartando o momento de apatia no qual vivemos, não é uma coisa fácil e nós sabemos que de noventa calouros que entraram, se participar cinco, dez já é uma participação relativamente boa, mas é esse o intuito, ter uma calourada com objetivo.

No momento, nós nos defrontamos tanto com essa apatia, com essa falta de interesse quanto com um tipo de participação sem propósito algum. Eu me refiro à tentativa de se lotar o CAP para se jogar conversa fora, e é claro que temos um espaço agradável para isso, porém, não é esse o nosso objetivo. Nós precisamos de gente para estudar, de gente pautando debates importantes, não basta só ter o CAP montado, sem objetivos.

Assumi a gestão do CAP em novembro do ano passado, então faz pouco tempo. Acompanhava o CAP, muito de vez em quando, na outra gestão. Acho que a relação do CAP com os professores é uma relação muito pontual, depende muito do professor, da matéria. Acredito que é preciso haver uma maior articulação entre as três categorias: estudantes, funcionários e docentes.

Além de estudar e da militância, sou bolsista do SAE. Gosto de música, de MPB, mas ultimamente estou ouvindo mais os clássicos, depende muito da época. Leio bastante, desde uma reportagem até um livro. O último livro que li foi A Mãe, de Máximo Gorki. Um romance, baseado em fatos reais, a respeito dos acontecimentos que envolveram um militante revolucionário russo, chamado Pavel e sua mãe. Juntamente com outros trabalhadores, Pavel foi preso e julgado por participar das manifestações do “Primeiro de Maio” de 1902. Com referência à religião, eu não tenho nenhuma, não acredito em nada transcendental. Já acreditei quando tinha treze anos. Era católica e seguia a tradição da minha família.

Quanto à política, eu milito no PSOL e faço críticas ao governo Lula, porque as reformas realizadas reproduzem a mesma lógica neoliberal do FHC e desfavorecem a sociedade brasileira. Inclusive, a minha crítica não é só ao governo Lula, mas também à própria estratégia que foi colocada pela esquerda nos últimos 20 anos. Este momento particularmente é o momento de reorganização da esquerda. O PT, com todos os erros, foi o organizador da esquerda por mais de vinte anos. O maior desafio que se coloca para a esquerda hoje é lutar contra as reformas neoliberais, fazendo oposição ao governo federal e ao governo do Estado de São Paulo.

Sobre os modelos que inspiram a juventude, eu acho que os modelos são os mesmos, porque a época é a mesma, o capitalismo e as contradições não acabaram. Acho que a juventude se inspira mais no que é dado para ela, por exemplo, nos programas de televisão. A mídia e a igreja são veículos que têm muito a ver com a juventude, até mesmo dentro da universidade.

Acredito que possa haver modelos que nos inspirem, mas de pessoas com uma produção teórica e prática que ajude a juventude a ter embasamento para os seus atos, mas não acho que o jovem só irá se organizar se tiver um modelo, é importante mas não é crucial.

O anti-herói da juventude que pode sintetizar todas as políticas ruins que estão colocadas, para mim, é o Busch.

Em relação à participação política eu considero que é bem pequena e nós percebemos a apatia das pessoas quando, por exemplo, vamos entregar um panfleto e elas não pegam, não param, nos xingam, ou seja, não estão abertas para a discussão.

Teve um momento, na década de sessenta, em que a juventude brasileira se destacou por uma maior participação política, mas eu penso que existe muita mistificação em torno desse assunto e precisamos discuti-lo mais profundamente. Nem todo mundo que estava ali era de esquerda ou contra a ditadura, mas parece que havia um maior número de pessoas lutando por algum ideal e dentro de movimentos sociais que na época estavam em ascensão. Hoje, com o desmonte que neoliberalismo provoca junto às organizações sociais, a participação política é bem menor.

Acho que numa universidade pública, a maioria das pessoas que estuda é da classe média para alta, mas também tem a galera que é da classe mais baixa. Acho que é bem misturado, mas o fato do conjunto dos estudantes não ser uma classe, tem dificultado bastante a nossa luta.

Aqui na Unicamp, a gente se identifica mais pelo curso, por exemplo, a medicina tem uma característica de ter pessoas de classe mais alta e a participação política limitada. Embora eu não esteja fundamentada em nenhuma pesquisa, acredito que a classe mais baixa esteja freqüentando o curso de Pedagogia. Nas Ciências Sociais, acredito que tenha mais alunos de classe média e a participação política é boa, mas não é aquela que todos pensam, pois nem todo mundo que faz Ciências Sociais tem consciência política.

O movimento estudantil tem vários grupos. Existe na Unicamp um campo do movimento estudantil chamado Domínio Público que inclusive não está só dentro da UNICAMP, está também nas universidades pagas.

O Domínio Público é um campo de movimentação dos estudantes e para atuar nele não é preciso estar vinculado a nenhum DCE, nem Centro Acadêmico. Uma galera da Pedagogia, do IFCH e eu compomos esse campo. Tem gente que não é do Domínio Público, mas é simpatizante. O CACH: Centro Acadêmico Ciências Sociais e História, do IFCH, por exemplo, faz oposição a atual gestão do DCE e ao Domínio Público.

Existem muitas pessoas que participam do movimento estudantil e que compõem organizações partidárias, ou ligas, como PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados), LER-QI (Liga Estratégia Revolucionária – Quarta Internacional), Consulta Popular. Há muitas divergências políticas entre esses grupos, mas também convergências, por exemplo, tanto o CACH como o PSTU são contra a reforma universitária da forma como está colocada, então, nessa questão, especificamente, nós lutamos juntos.

Também encontramos na Unicamp, grupos de direita e de esquerda. A UJS (União da Juventude Socialista) e a juventude do PCdoB se colocam a favor do governo Lula. A direção majoritária da UNE é composta pela UJS que hoje defende incondicionalmente a Reforma Universitária. A forma como eles fazem política é a mesma dos grupos de direita. Quando dizem que são de um partido sem posição, que não estão discutindo política, na verdade estão querendo ganhar a base de senso comum. O interessante para eles é ter uma base ampla.

No Congresso da UNE isso fica bem claro, porque uma das coisas que a gente está tentando fazer é levar a galera que fica junto com a UJS para o Congresso da UNE, porque lá é inevitável eles terem que defender uma posição. Hoje eles estão na gestão do Centro Acadêmico de Lingüística, Letras, Estudo Literário e, senão me engano, existe um núcleo na computação, estão crescendo na UNICAMP.

A história do movimento estudantil da Unicamp pode ser encontrada na dissertação de mestrado defendida aqui na FE, de autoria do Matheus Pereira e intitulada: “Tecendo o amanhã: história do Diretório Central dos Estudantes da Unicamp (1972 – 1982)”. Inclusive ele ajudou muito uma comissão do DCE a organizar uma exposição de fotos, no Pavilhão Básico, sobre o histórico do movimento estudantil até os dias de hoje.

Para finalizar, gostaria de deixar inscrito nesse meu depoimento um poema de Antonio Gramsci intitulado “Os indiferentes”:

*Odeio os indiferentes.
Acredito que viver
significa tomar partido.
Indiferença é apatia,
parasitismo, covardia.
Não é vida.
Por isso, abomino os indiferentes.*

*Desprezo os indiferentes,
também, porque me provocam
tédio as suas lamúrias
de eternos inocentes.
Vivo, sou militante.
Por isso, detesto
quem não toma partido.
Odeio os indiferentes.*

Eu considero que o nosso trabalho é político porque objetivamos transformar esta situação de injustiça e desigualdade existente em nosso país.

(Nayara Mahim dos Santos Silva⁶⁵, 2007)

Tenho 19 anos e o meu nome é Nayara Mahim dos Santos Silva. Nayara significa “princesa dos igarapés” e Mahim “ligada com a lua”.

Não sou muito “baladeira”. Gosto de cuidar das coisas. Na Tainã ou em minha casa, estou sempre arrumando, dando um trato no que está precisando de reparos. Não tenho nenhuma religião. Fui batizada na Igreja Católica e creio em Deus.

Sou tímida, mas também calma, tranqüila, às vezes brava. Também gosto muito de dançar e o meu dia a dia está voltado para a dança, a música, o contato constante com os tambores de aço. Acredito que essa identidade com a música, essa paixão pela dança se deve à minha mãe e ao meu pai, o TC, coordenador da Casa Tainã.

Meu pai tocou e toca instrumentos desde muito novo e minha mãe já teve contato com grupos populares de dança como o da Raquel Trindade e grupos negros, atuando como atriz. Meu pai teve três parceiras e dez filhos, sendo seis homens e quatro mulheres que estão ligados direta e indiretamente com a Casa, cuja existência é de dezenove anos.

Passei a minha infância em São Paulo, onde morava com a minha mãe, minha tia e meus cinco irmãos: Cauã, Shani, Igo, Kayo e Liu. Depois de um tempo, ela veio a Campinas para tentar aproximar os filhos da Casa Tainã e do nosso pai que já estava morando aqui.

⁶⁵ Narradora/Colaboradora: Nayara Mahim dos Santos Silva
19 anos
Casa de Cultura Tainã
Rua Inhmbu 645 – Vila Padre Manoel da Nóbrega - Campinas
www.dijanbedon.org.
E.mail: caianay@yahoo.com.br
Data da Entrevista: 19/03/07
Duração da Entrevista: 50 min.
Transcrição: 11/06/07.

Quando eu vim para Campinas, tinha 16 anos, foi exatamente nesta época, início de 2003, que comecei a freqüentar a Casa.

O que me ligou à Casa Tainã, primeiramente, foi meu pai de quem eu me orgulho muito. O nosso pai é guerreiro, tem uma história de vida e de luta muito forte, então, isso acabou influenciando. A Casa também oferece muitas coisas que eu sempre quis para mim, como a música e a arte em geral.

Na época, o forte aqui era o maracatu e foi através dele que comecei a ter envolvimento sério com a Casa, como educadora, atuando na área de planejamento, avaliação e articulação com outros projetos ligados ao nosso trabalho. A partir de uma reunião, na qual seria decidido a equipe permanente da Casa (educadores, gestores, equipe pedagógica) e observando o meu desenvolvimento e a minha lida com as pessoas, me convidaram para trabalhar com arte-educação. Estar aqui para mim é muita satisfação, porque as pessoas são simples. Nós temos uma identidade muito grande e acreditamos no potencial das pessoas.

Quem me inspira são as pessoas, meu pai, todo mundo acaba contribuindo para o meu envolvimento aqui na Casa.

No que se refere ao bairro onde está a Casa Tainã, à comunidade, à juventude em geral eu concordo que exista uma certa apatia e a nossa luta é para reverter esse quadro. Não deixa de ser cansativo, porque nós vamos na contra mão de tudo o que a imprensa, a mídia colocam, porém, ao mesmo tempo é válido, principalmente quando vemos esses jovens se transformando aqui dentro. Existem muitas meninas, por exemplo, que chegam aqui já construídas segundo modelos padronizados e quando elas conhecem o projeto da Casa, começam a se identificar com aquilo que elas realmente são.

Uma coisa muito bacana é que a maioria dos jovens que freqüentam aqui são negros e nós sempre falamos da luta, da história do negro e quando esses jovens se apoderam disso, começam a ter uma consciência maior, uma consciência crítica, mesmo porque, até então, o interessante era somente aquilo que viam na televisão, ouviam no rádio, e nós temos uma outra proposta.

Eu considero que o nosso trabalho é político porque objetivamos transformar esta situação de injustiça e desigualdade existente em nosso país.

É difícil fazer com que o jovem goste de política. Não só goste mas que compreenda, entenda que através da música, através da dança, você está fazendo política, despertando a consciência política. O TC, nosso grande fio condutor, é o que está mais ligado a toda essa questão política da Casa Tainã. Conversamos muito com essa juventude, mas notamos que existe uma dificuldade de compreensão, porque ou a pessoa não se envolve ou ela vem só para dançar, por isso temos de mostrar o tempo inteiro que o nosso trabalho não se resume a isso.

Foi legal um dia em que nós assistimos um filme dos “Panteras Negras” aqui na Casa. Fizemos uma roda e pedimos a cada um que colocasse o seu ponto de vista, críticas, comparações. Todos ficaram indignados com os problemas que o filme trazia e ao mesmo tempo fizeram relações com as dificuldades encontradas por eles no dia a dia e também na comunidade. A partir dessa conversa iniciávamos uma reflexão a respeito do nosso

papel, do que poderíamos fazer para reverter aquele quadro. O filme, por exemplo, trata de drogadição e o nosso bairro, infelizmente, tem muitos problemas desse tipo, então, perguntamos quais seriam as formas de nos organizarmos para mudar essa situação, para ajudar as pessoas envolvidas com drogas. Tudo isso para mim é política e se constitui como formas da galera ter uma consciência maior.

Algumas escolas são grandes parceiras nossas. Os pais, os irmãos respeitam e compreendem o nosso trabalho. Quando os pais são ligados a alguma religião "limitadora", nós temos que conversar, e até fazer um convite para eles verem que o filho está inserido num projeto educativo. Aqui existe muita liberdade, no sentido expressivo, mas não deixamos de chamar a atenção dos meninos e das meninas quando é necessário. Por exemplo, existe um costume entre os meninos de usarem boné e de cobrirem o rosto com ele, então, nós explicamos que o boné no rosto impede de olhar nos olhos deles. À medida que eles compreendem o sentido que estamos dando ao olhar, vão modificando esse hábito.

Eu acredito que os heróis e, ao mesmo tempo, os anti-heróis dessa juventude são os pais. Todo pai, toda mãe são muito fortes na vida da gente. Para essa juventude, por mais que um pai não dê assistência, ou deixe o filho meio de lado, esse pai seja um herói e ao mesmo tempo um anti-herói. Aqui no bairro, tem alguns casos de famílias que saem de manhã e voltam à noite. Eu falo por mim. A minha mãe, meu pai, meus avós também, de uma certa forma, acabam sendo meus heróis.

Existem muitas crianças e jovens que acabam chegando na Casa Tainã por uma certa carência, muitas vezes não estão interessados em nada que nós temos para oferecer, mas nós os acolhemos e algumas vezes temos de ser até "psicólogos". Em muitos casos, o pai sumiu, a mãe vive no bar, ou está trabalhando e as crianças chegam até nós. Acredito que tem a ver, um pouco, com a vida pessoal, familiar.

Também desenvolvemos oficinas de percussão, dança, informática e meio ambiente, lá no bairro São Bernardo, em Campinas, numa parceria com a Escola Estadual Sebastião Ramos Nogueira. Iniciamos com o "maracatu de baque virado" que inclui dança, percussão e vários elementos, entre eles, as personagens como o Porta Estandarte trajado à Luis XV e as Damas do Paço; a corte real constituída pelo Duque, pela Duquesa, pelo Príncipe, pela Princesa e um Embaixador. O maracatu também expressa a ideologia de uma nação, ou seja, de um agrupamento sobrevivente de organizações africanas.

Lá no São Bernardo é mais complicado porque são crianças que têm vários tipos de problemas, problemas que você não consegue imaginar. O trabalho é aberto para todas as crianças da comunidade. Em relação à escola a gente está começando a entrelaçar relações agora, porque antes nós desenvolvíamos atividades na rua, onde dava para trabalhar, mas a molecada corria, dispersava e ficava meio complicado. Quem cedeu o espaço da escola foi a diretora Lurdinha. Ela foi super amiga nossa, compreendeu toda a nossa situação. Até então, nós íamos através da Escola da Família, porém, como as escolas fecharam aos finais de semana, conversamos com toda a equipe da escola e eles acabaram concordando que utilizássemos o espaço, desde que o mesmo fosse organizado por nós. Somos cinco educadores divididos da seguinte forma, de segunda e quarta, Maurílio dá a oficina de informática, software livre, edição de música de vídeo; na terça-feira, o Pedro

trabalha com a temática do meio ambiente e, de sábado, eu, o Fabiano, a Renata ensinamos maracatu, percussão e dança.

Aqui em Campinas, as pessoas respeitam muito o nosso trabalho, principalmente quando descobrem que somos da Casa Tainã. Às vezes, até o tipo de tratamento muda. O fato de ser negra e de fazer um trabalho político não me causa nenhum constrangimento. Em relação a São Paulo, acredito que em Campinas o preconceito seja bem menor. Se eu vivesse em São Paulo, com certeza, eu estaria sofrendo vários tipos de preconceito.

Meu irmão que mora com minha mãe em São Paulo é louco para vir morar em Campinas. Ele adora usar trança, colares de sementes e na escola onde ele estuda não aceitam esse tipo de adornos. As crianças têm outros tipos de comportamento e se meu irmão aparecesse com o cabelo trançado, poderia até ser agredido por elas. Morar em Campinas para ele significa poder andar de cabeça erguida.

Talvez, em Campinas, o preconceito seja meio camuflado, porque quando nós fomos para a escola do Bairro São Bernardo falar da nossa proposta de trabalho conjunto, todo mundo ficou nos olhando e eu acho que tinha a ver um pouco com preconceito. O fato de andarmos à vontade, no estilo “bicho grilo”, provocou olhares “atravessados” nas professoras que nos receberam. Uma mexeu no cabelo, outra olhava para o teto, então eu perguntei como estava sendo para elas a nossa vinda na escola. A coordenadora admitiu que a primeira coisa com a qual ela não simpatizou conosco foi a aparência, mas que depois ficou contente de nos ver como parceiros na realização de atividades conjuntas. Uma outra manifestou preocupação quanto à continuidade dos trabalhos que estávamos oferecendo. Também houve uma professora que comentou a respeito da vontade de alguns professores realizarem trabalhos semelhantes ao nosso, mas que a rebeldia dos alunos impedia que o projeto fosse para frente. Nesse momento, a diretora interveio a nosso favor, dizendo que alguns professores pareciam ofendidos só porque outros poderiam conseguir fazer o que eles pensaram realizar, mas, na prática, não realizaram.

Muitos professores alegaram também a existência de alunos que até a quinta série não sabiam ler, nem escrever e que em nossos encontros havia muita leitura. Realmente, nós lemos muito e fazemos com que o grupo todo leia bastante. Além da leitura, trabalhamos com pintura, dança, informática, pois são formas que acreditamos potencializar os alunos dentro da sala de aula.

Eu leio pouco, mas existe um material que eu acho muito legal e me fascina, é o trabalho de um amigo nosso, o paulistano Luís Kinugawa. Em 2000, Luis foi para Guiné, na África, estudar música e a relação entre som e movimento do djembê, um tambor milenar originário da Etnia Malinkê. Casou-se com a africana Fanta Konatê e, retornando ao Brasil, ele e a esposa criaram um espaço em São Paulo, trazendo a vivência africana da cultura guineana e do djembê.

Outros grandes amigos nossos, a Haí e o Dario desenvolviam um trabalho com percussão e dança no México, onde nasceram. Tinham um grupo e foram para a Guiné, após seis meses voltaram para o México e de lá vieram para o Brasil no intuito de conhecer as várias manifestações do nordeste. Através de um amigo argentino que mora aqui em Campinas, Haí e Dario chegaram até a Casa Tainã nos trazendo um pedaço da África que até então eu desconhecia, por isso sou muito grata a todo o trabalho e vivência

que tivemos juntos, sem me esquecer do pequeno Yaxha. Permaneceram no Brasil durante um ano e depois voltaram para o México.

A Hai nos mostrou um outro estilo de dança, totalmente diferente do que eu imaginava. Quando me deparei com ela dançando, observei que existe em seus gestos uma versatilidade de movimentos nos quais se mesclam delicadeza e agressividade, força e sensualidade. Há muitos passos que você olha e não consegue entender a sequência porque são rápidos demais. A Hai dança desde os quatorze anos, e o bacana é que você tem liberdade de poder criar também, por isso ela mistura passos tradicionais a outros mais contemporâneos. Inclusive, existem momentos em que se faz uma roda e cada um entra e dança do seu jeito.

Tenho muita vontade de ir para a África em busca da minha ancestralidade e de estudos que aprofundem meus conhecimentos a respeito da dança e da cultura africana.

Gostaria de terminar, trazendo uma imagem que divulga o trabalho do grupo Kamberimbá nascido em São Paulo, no ano de 1998 e que se fundamenta na música africana da região do Mande, formada pelos países da Guiné. Sob o olhar da Máscara Konden, um dos símbolos do grupo, duas bailarinas expressam com os seus corpos a musicalidade percussiva do djembê, oferecendo, para quem olha a imagem, a sensação de alegria e vigor que a sonoridade desse instrumento milenar provoca em nós.

Quando penso nos jovens de minha geração, eu considero a política como a principal responsável pelo fato dos jovens não medirem as conseqüências dos seus atos. O político promete emprego para uma pessoa, ela fica na expectativa, faz até boca de urna e o cara esquece, ou dá uns trinta míseros reais e desaparece. Esse tipo de político é uma péssima influência para os jovens, pois eles aprendem a não se responsabilizar pelo que fazem.

(Osmir Aparecido da Silva Pinheiro⁶⁶, 2007)

Tenho 24 anos, nasci em Campinas e sou *graffiteiro*⁶⁷.

A minha infância foi ótima. Brinquei bastante, joguei muita bola. Fiz parte de um núcleo da prefeitura onde as crianças, depois de terem ido à escola, permaneciam meio período participando de atividades. Quando fiz quatorze anos, esse núcleo me indicou para realizar um estágio de um ano na CPFL: Companhia Paulista de Força e Luz, na área contábil. Como estava na época de privatização da companhia, eu não pude ser efetivado, então, me encaminharam para um outro lugar, também na área contábil, onde trabalhei durante sete anos. Saí de lá e hoje continuo no mesmo ramo. Fiz vários cursos nesse núcleo e se não fosse por ele eu não estaria empregado. Atualmente, quero fazer cursinho para Economia ou Ciências Contábeis.

⁶⁶ Narrador/Colaborador: Osmir Aparecido da Silva Pinheiro

24 anos

Graffiti - Movimento Hip Hop - Campinas

E-mail: osmir.mirs@hotmail.com

Data da Entrevista: 04/04/07

Duração da Entrevista: 50 min.

Transcrição: 05/08/07.

⁶⁷ Segundo GITAHY (1999, p. 13), *Graffiti* é uma palavra de origem italiana que significa a inscrição de traços ou desenhos de épocas antigas riscados em paredes ou em rochas. O plural de *graffito* é *graffiti* e refere-se aos desenhos pintados em muros. No singular, *graffito* significa a técnica utilizada na pintura das imagens em claro e escuro. Alguns grafiteiros, como é o caso de Osmir, fazem uso da grafia *graffiti*, tanto no singular quanto no plural, variando somente o artigo que antecede a palavra (o/os). Para Tania Maria Ximenes FERREIRA (2005, p. 6), manter a grafia original significa preservar “a intensidade” com a qual as palavras se textualizam dentro de um contexto, valendo o mesmo para as palavras de uso corrente no *Hip Hop*, tais como: *rap*, *break*, *tag scratch*, etc.

Estudei em escola pública. Eu poderia ter sido um aluno mais dedicado, entretanto, eu não me arrependo de ter pulado o muro da escola para jogar bola, ir nadar na lagoa, pois foram momentos que marcaram a minha vida

Vivíamos em um bairro pobre, de periferia, sempre vendo desde coisas boas até um matar o outro por causa de droga. Vi amigos meus morrendo nas mãos de bandidos, da polícia, se tornando bandidos ou sendo presos. Nunca faltou oportunidade para que eu e meu irmão entrássemos no mundo do crime, pois estávamos sempre ali vendo dinheiro que entrava fácil, mas que ia embora fácil também. Graças a Deus, soubemos distinguir o certo e o errado, caso contrário estaríamos presos ou não estaríamos vivos.

O meu pai foi uma grande influência na minha vida e o que sou hoje, tudo que aprendi, eu sou grato a ele. Atualmente está aposentado, mas continua trabalhando como jardineiro. Além de ter qualidades morais, ele sempre me instruiu bem. Acredito que eu e meu irmão temos essa cabeça por causa dele e agradeço muito por eu ser desse jeito, sou feliz assim, trabalhando e sendo honesto.

A minha infância sempre esteve ligada à cultura popular, às brincadeiras de moleque e ao Hip-Hop. Esse contato com a cultura popular eu devo principalmente à minha família. O meu avó era o “embaixador” da Festa dos Santos Reis, também conhecida como Folia de Reis, no bairro onde moramos e de lá ele saía para outros lugares, sempre acompanhado pelo filho, pelos netos e pelos amigos. O meu pai era “bastião”, o palhaço da Folia de Reis que fazia os versos e animava as pessoas. O meu irmão era o “bandeireiro” que levava a bandeira, representando os Três Reis Magos, e eu tocava cavaquinho. Ficávamos na rua até de madrugada, cantando e visitando as casas por onde passávamos. No final do ano, íamos cantar em Aparecida do Norte. Infelizmente, nada disso foi preservado. O pessoal foi ficando velho e os novos que chegaram não quiseram seguir a tradição, deixando-a de lado.

Toda minha família é católica praticante. Minha mãe benze os adultos e as crianças do bairro, além de puxar o terço de São João e o terço de corpo presente durante os velórios, ocasião em que ela canta a música de marcha fúnebre.

No passado, nos meses de junho, julho, os meus avós faziam uma grande fogueira e erguiam o mastro de São João, Santo Antônio e São Pedro.

Quanto ao *Hip Hop*, ele começou muito cedo em minha vida. Por morarmos na periferia, sempre tivemos contato com o movimento. O bairro não era asfaltado ainda, então, nós colocávamos o *box* na rua e os vizinhos acompanhavam com palmas, enquanto outros garotos faziam o *beatbox*, ou “caixa de batida”, que seria a percussão vocal do rap, reproduzindo sons com a boca e a cavidade nasal. Um e outro faziam o *freestyle*, ou seja, o repente em cima de uma batida de *rap*. Nós todos ficávamos ali, “zoando”, desenhando, ouvindo falar de *graffiti* através de filmes do tipo “*Colors: as cores da violência*”, dirigido por Dennis Hopper. A música tema era cantada pelo *rapper* ICET e os cenários apresentavam imagens de *graffiti* feitas por *graffiteiros* e *tags* das gangues que atuavam em Los Angeles.

Em 1997, aconteceu o primeiro “Rap in Trânsito”, no CAIC da Vila União, e nós começamos a participar em 1998, quando os *graffiteiros* foram convidados a se apresentar. Esse evento acontece todos os anos, mas em 2000 nós mudamos o nome para

“*Hip Hop in Trânsito*”. Desde pequenos, eu e meu irmão sempre escutamos os grupos de rap, mas nunca tínhamos contato direto com eles. Foi graças ao “*Hip Hop in Trânsito*” que, pela primeira vez, vimos um cara *graffitar*. Ficamos entusiasmados com toda aquela adrenalina e pensamos: “É isso que nós queremos para as nossas vidas”.

Faço *graffiti* há dez anos e para mim é como um *hobby* e estilo de vida. Enquanto outros jovens vão para o estádio assistir jogo, para o *shopping*, ou vão fazer qualquer outro tipo de atividade, eu pego as minhas tintas e vou pintar, deixando ali no muro o meu stress, a minha alegria, o sentimento que estou tendo naquele momento.

Atualmente, eu estou voltado mais para o lado social da arte do que para o *Hip Hop* em si, mas estaria traindo as minhas raízes se dissesse que não sou ligado ao *Hip Hop*. Quando eu me refiro ao ramo social da arte estou querendo dizer que para *graffitar* eu não preciso ir ao show de fulano de tal, mas posso escutar música eletrônica, maracatu, ou qualquer outro tipo de música, na minha casa. Não tenho de ver só *graffiti*, posso ver Salvador Dali, outros artistas, vários tipos de arte, então, por causa disso eu não sou do *Hip Hop*? A gente vê de tudo, Klint, Bosch, Picasso, estuda arte, não para reproduzir quadros de gente famosa, mas para nos inspirar sem deixar que nos influenciem, porque o grafiteiro, para ser respeitado, tem que ter um estilo próprio.

Muita gente diz que o *Hip Hop* vai “salvar o mundo”, mas eu não acredito nisso. Para um cara ser matemático, descobrir o vírus da Aids, fazer uma revolução, não precisa dançar *break*, saber de *Hip Hop*. Quem pode salvar o mundo são as crianças, daí a importância de se oferecer a elas educação, saúde, alimentação, pois somente assim chegaríamos a um mundo sem classes sociais, sem preconceitos, menos arrogante.

Eu pichei só uma vez, como forma de protesto, na véspera da comemoração dos 500 Anos do Brasil. O *graffiteiro* que disser nunca ter feito um “*bomb*”, isto é, um *graffiti* ilegal, está mentindo. O *graffiti* nasceu nas ruas para protestar. Somente alguns artistas tinham o direito de expor em grandes galerias e os outros, porque eram pobres, não tinham acesso a museu, a nada, por isso resolveram *graffitar* nos vagões de trem, produzindo no imaginário das pessoas a idéia de um muro em movimento.

Quanto à pichação, acredito que seja uma arte ilegal, mas é uma arte urbana. Embora o *graffiti* tenha mais técnica, a arte que existe no *graffiti* também tem na pichação, porque a partir do momento em que estamos nos expressando, o sentimento é o mesmo. Essa lei municipal que pune o pichador é idiota, porque a pichação não tem controle. Hoje, os pichadores têm uma rede formada, são muito mais organizados do que a gente pensa, levam muito a sério o que fazem, são fiéis às suas marcas, às alianças que existem entre eles, além disso, muitos curtem *rap*, vão a *shows*, mantém um vínculo com o *Hip Hop* e outros movimentos.

Respeito muito a pichação, pois do mesmo jeito que os pichadores saem às ruas para pichar, quando eu saio para fazer *graffiti* ilegal, também chamado “*bomba*” ou “*bombardeio*”, eu estou sujeito a tomar banho de tinta como muitos já tomaram, a correr da polícia, a ser preso, a levar tiro. Só que eu tenho consciência de que posso fazer um protesto sem prejudicar ninguém, sem pichar a casa que o cara acabou de pintar. Se eu for fazer um “*bomba*” eu vou tentar escolher um lugar que seja neutro, que vá prejudicar o mínimo possível, pode ser um terreno baldio, onde existe focos da dengue e ninguém

toma providência alguma, ou barracões abandonados, onde poderia ser uma grande empresa que desse emprego para muita gente.

Não pertenço a nenhum partido político, mas já trabalhei para partidos que em troca de benefícios para nós ou para o bairro, pediam para *graffitar* nos muros: “Vote em (fulano de tal) que ele é o cara”, mas eu evito entrar nesse meio. Hoje em dia, é muito fácil você ganhar dinheiro com a política. Acho que o brasileiro já nasce com esse dom de ter uma esperteza fora do normal e os políticos não são diferentes, eles falam, falam, falam até convencer você. É muito parecido com a atitude de algumas mulheres durante o namoro. Às vezes, a mulher está errada, você está certo, mas ela convence você de que você está errado e ela certa, mudando o seu modo de pensar. Os políticos irão convencer você que farão o melhor, mas, no final, acabam ganhando voto com pagodinho, doando latas de leite.

Quando penso nos jovens de minha geração, eu considero a política como a principal responsável pelo fato dos jovens não medirem as consequências dos seus atos. O político promete emprego para uma pessoa, ela fica na expectativa, faz até boca de urna e o cara esquece, ou dá uns trinta míseros reais e desaparece. Esse tipo de político é uma péssima influência para os jovens, pois eles aprendem a não se responsabilizar pelo que fazem.

Em relação à religião, eu me converti ao evangelismo. Foi muito estranha essa minha conversão, porque eu e minha família sempre fomos católicos, mas eu me afastei da igreja. Um dia eu estava com a minha filha em casa e um amigo me convidou para participar de um culto religioso na Igreja Renascer em Cristo, e estou lá até hoje. Contei para os meus pais e eles aceitaram minha opção religiosa. Não posso criticar a Igreja Católica em momento algum porque nela aprendi muitas coisas, só que na Renascer eu nunca havia sentido algo semelhante em toda a minha vida. Isso aconteceu quando eu estava passando por um período bem difícil e resultou que alguns dos meus problemas foram solucionados muito facilmente.

Essa igreja faz festas com músicas eletrônicas, gospel, luar gospel, ela é bem *underground* e interessa não só aos evangélicos como também aos *graffiteiros*, *hip hoppers*, *skatistas*, surfistas.

Tenho trabalhado bastante e estou sem tempo para ler. O último livro que li foi o *Drácula* de Bram Stoker.

Eu gosto bastante de filmes do gênero serial killer, suspense, ação, comédia, também adoro desenho animado, desde Cavaleiros do Zodíaco, Bob Esponja, até Caverna do Dragão, um desenho que fez parte da minha infância inteira. Agora, com a minha filhinha de dois anos, eu vejo até os Teletubies com ela.

Atualmente, em relação ao *graffiti*, estou criando um trabalho mais psicodélico, influenciado pelo som da música eletrônica. Já fiz estilo personagem, meio *cartoon*, e as maiores influências, nesse sentido, vieram do meu contato com os desenhos, as revistinhas, a Turma da Mônica, gibis, HQ que leio desde criança. Eu coloco nos personagens os sentimentos que têm a ver com o meu momento interior, seja de tristeza, depressão, alegria.

É muito louco falar da nossa vida porque a gente fica naquela nostalgia e o tempo passa muito rápido. Depois que eu tive minha filha eu sabia que minha vida ia mudar e realmente mudou muito. Fui obrigado a ser mais responsável em relação a tudo. Não faço tanto os *graffiti* ilegais como eu fazia antes. Já não me arrisco tanto, mas nem por isso eu deixo de fazer. Se tivesse mais oportunidade para os artistas *underground*, artistas de rua, acho que não haveria tanto protesto. O estilo dos *graffiteiros* no exterior é bem colorido, quase não tem protesto. No Brasil, a realidade já é outra, pois até o *graffiti* que é legal, de evento, tem protesto. O *graffiti* nacional tem estilo próprio. Os *graffiteiros* daqui estão sempre protestando porque tem que protestar e os do primeiro mundo, apesar dos problemas deles, protestam por causas mais gerais e não pelo que acontece nos países deles.

Quanto à participação das meninas, eu penso que estão se organizando e ocupando o espaço delas. Não acredito que o *rap*, ou o *break* estejam fechados para as mulheres, às vezes somos nós que nos fechamos. Ninguém vai bater na porta da sua casa e convidá-la para dançar. Temos que ir atrás de nossos ideais. Eu conheço muita menina que pinta bem, desenha bem, só que tem vergonha de *graffitar* junto com os homens, tem medo do que o outro vai falar, mas quando se trata de arte, não podemos pensar desse jeito, temos de passar o que estamos sentindo ali, não importando se o traço do *spray* vai escorrer, se não sabemos nada do *spray*, porque ninguém nasceu sabendo.

Hoje, o Osmir é uma pessoa que amadureceu muito de dois anos e meio pra cá. Sou apaixonado pela minha filha e não me vejo sem ela, sem o *graffiti* e sem os meus amigos verdadeiros. São coisas das quais não abro mão de jeito nenhum.

Quanto a falar sobre a imagem que faço de mim mesmo, eu penso que é difícil fazer um auto-retrato, pois nunca nos conhecemos por completo e às vezes nos surpreendemos com certas atitudes. O ser humano é muito inconstante e eu me vejo assim, inconstante como os meus traços.

O Osmir “psicodélico” é o Osmir dos sonhos, das viagens. Sonho de um mundo melhor, cheio de cores.

O anti-herói dessa juventude é o desemprego, as reportagens que a mídia divulga mostrando a não punição pelos crimes cometidos, então, os jovens se envolvem em situações perigosas achando que com eles não irá acontecer nada.

(Patrik Alberto Lucindo⁶⁸, 2007)

Nasci há 19 anos atrás, em Avaré, interior do Estado de São Paulo.

Tive uma infância de certo modo trágica, pois meu pai era alcoólatra e também estava envolvido com drogas. A situação ficou tão difícil que minha mãe resolveu separar-se do meu pai. Ela e meus quatro irmãos viemos com a roupa do corpo para Campinas, porém, não conhecíamos ninguém nesta cidade. Sabíamos que uma tia morava em Holambra, mas não tínhamos o endereço. Por acaso, perambulando pelas ruas e sempre perguntando por minha tia, conseguimos localizá-la e fomos para Holambra. Felizmente, ela nos acolheu. Moramos um tempo com ela, até minha mãe conhecer o meu padrasto, quando nos mudamos para Arthur Nogueira.

Nessa época, eu tinha 17 anos, bebia e usava drogas. Consegui comprar uma moto e viajava até para São Paulo, mesmo sem licença para dirigir.

⁶⁸ O narrador/colaborador não autorizou a gravação da entrevista.

Patrik Alberto Lucindo

19 anos

Pastor Auxiliar da Igreja Internacional da Graça de Deus

Rua José Paulino 781 – Centro – Campinas

www.apontador.com.br

Data da Entrevista: 04/04/07

Duração da Entrevista: 30 min.

Transcrição: 21/05/07.

Certo dia, a polícia invadiu a casa onde eu e meus amigos nos encontrávamos para guardar, experimentar e até vender drogas. Pude me livrar de tudo que estava em meus bolsos e ainda deu tempo de fugir com a minha moto, mas um tiro quase me atingiu. Fiquei com muito medo e com vontade de ter uma vida diferente.

Na turma, existia um amigo que resolveu se afastar daquelas confusões. Ele começou a freqüentar a Igreja da Graça na cidade de Arthur Nogueira. Percebi que esse meu amigo passou a expressar uma alegria diferente, isto é, não era aquela alegria inconstante do mundo. Fui convidado para participar de reuniões na Igreja. Compareci algumas vezes, porém, meus amigos foram me buscar dentro da Igreja e me convenceram a deixá-la. Voltei a “bagunçar”.

Com o meu desaparecimento, o pastor, que me acompanhou durante o tempo que fiquei na Igreja, foi me buscar. Retornei, mas não foi desta vez que permaneci no caminho de Deus. O mundo das drogas, do álcool sempre me atraía. Até que o Pastor R. me convidou para morar na casa dele em Hortolândia, onde ele dirigia uma Igreja Internacional da Graça. Depois, ele me trouxe para Campinas, para morar no alojamento e ter uma vida ativa dentro da Igreja, desde então, conheci aquela felicidade duradoura que somente Deus pode oferecer.

Atualmente, sou Pastor Auxiliar e toda minha vida é dedicada à palavra de Deus. Juntamente com outros irmãos, levantamos cedo, vamos para a Igreja, preparamos os cultos, participamos deles, atendemos as pessoas que vêm aqui em busca da palavra divina. Terminei o Segundo Grau e agora me dedico inteiramente à religião, ajudando as pessoas a encontrarem uma alegria que só Deus pode oferecer.

Não assisto filmes, apenas o Programa Missionário “Show da Fé”, que vai ao ar todos os dias, às 6:00 horas, na TV Bandeirantes. Faço leituras bíblicas.

Quanto aos jovens de minha geração, eu penso que eles estão em busca da felicidade, da paz no lar, de uma vida bem sucedida, só que eles procuram essa felicidade nas drogas, no álcool, em fim no vício. O anti-herói dessa juventude é o desemprego, as reportagens que a mídia divulga mostrando a não punição pelos crimes cometidos, então, os jovens se envolvem em situações perigosas achando que com eles não irá acontecer nada. A escola poderia ajudar, porém, é o lugar onde as pessoas se envolvem com as coisas do mundo. É principalmente nas escolas públicas que ficamos conhecendo as drogas, o vício. Deveria existir mais segurança nas escolas. Quando estudava, muitas vezes me recusei a obedecer o professor e ele não se importava com isso. Acho que os professores deveriam ensinar os alunos, oferecendo a eles um bom aprendizado, possibilidades de conseguir um bom emprego.

Desde que comecei a estudar os textos bíblicos, a minha grande inspiração é o apóstolo Paulo. O ministério dele era grande e arriscava sua vida para falar de Deus às pessoas. Toda vez que sou criticado, ou mesmo maltratado por seguir no caminho da fé, penso no trabalho de Pedro e de sua coragem para falar de Deus.

Certa vez, um jovem veio me procurar aqui na Igreja. Ele estava desesperado e portava uma arma. Devia 15 reais para um grupo de pessoas e não tinha como pagar. Ameaçado de morte, estava planejando um assalto. Conversamos por um bom tempo, até que ele se acalmou e encontrou um outro jeito para pagar a sua dívida. Foi uma situação

difícil, pois percebi o desespero do rapaz, mas consegui levar até ele a palavra de Deus. É isso que desejo fazer daqui para frente, levar a palavra de Deus adiante.

A imagem que mais me define é a da água transformada em vinho. Antes e depois de conhecer Deus, muita coisa mudou em minha vida.

A minha grande referência, que me inspira, me chama, me faz lutar é Jesus Cristo. Mas, (...) quando comecei no grêmio estudantil, (...) eu também tinha outras figuras de referência, como Dom Oscar Romero, Santo Dias, Che, enfim, mártires que dedicaram suas vidas em nome dos pobres e oprimidos. Hoje eu ainda os tenho como referência, porém, com outras perspectivas, com muito mais clareza do processo histórico em que viveu cada uma dessas pessoas. Com o tempo fui conhecendo um pouco mais as suas vidas e, mais ainda, os processos históricos em que elas viveram. Com isso, essas figuras foram ganhando outros significados. O olhar para elas foi se apurando mais. Passei a vê-las não mais como ídolos e sim como personagens da história, pessoas nas quais me espelho para ser sujeito do processo histórico.

(Paulo Roberto dos Santos⁶⁹, 2008)

Meus pais são baianos, mas eu nasci em Campinas e resido na periferia da cidade.

Meus pais são católicos e eu fiz a catequese, porque eles praticamente me obrigaram. Com quatorze anos, fiz a primeira comunhão. Depois, até os meus dezoito, parei de freqüentar a igreja, fui viver outras coisas, trabalhava muito e estudava. O meu círculo de amizades era o pessoal da rua e do trabalho.

Comecei a trabalhar aos doze, no bairro onde morava. Vendi sorvete na rua, catei papel na rua, trabalhei em um supermercado perto de casa, vendi produtos nas casas, me tornei guardinha, trabalhei numa agência de turismo, num escritório de advocacia e contabilidade, voltei a trabalhar no comércio, fui operador de caixa no Pão de Açúcar, depois entrei no mandato do vereador Signorelli, onde estou até hoje.

Aos dezoito anos, voltei a participar da Igreja, por influência da minha irmã. Na época, ela participava do grupo de jovens da Comunidade Santa Maria dos Oprimidos, no

⁶⁹ Narrador/Colaborador: Paulo Roberto dos Santos.

24 anos

Gabinete do Vereador Carlos Signorelli

Data da Entrevista: 25/04/07

Duração da Entrevista: 40 min.

Transcrição: 07/10/08.

meu bairro, o Jardim Florence, na Região do Campo Grande. Sempre que voltava das missas, das reuniões, contava com empolgação tudo o que acontecia por lá. Passeios, retiros, dinâmicas e muitas outras atividades chamaram a minha atenção. Então, resolvi entrar no grupo também, por livre vontade, e aos poucos fui me envolvendo na comunidade.

Diferente da catequese, eu comecei a fazer a crisma porque quis. Durante um ano e meio fiz a formação e, pelo ritual da crisma, confirmei o meu batismo.

Pela própria formação que eu estava recebendo na Igreja, fui ocupando espaço dentro da comunidade. Comecei a fazer parte de um jornalzinho e a ajudar na organização da celebração mensal do grupo de jovens. Nossa comunidade sempre se identificou com as Comunidades Eclesiais de Base, veia da Teologia da Libertação na Igreja. Ela sempre esteve envolvida com as lutas do bairro, com a associação de moradores. Hoje, tudo o que nós temos lá: asfalto, água, luz, esgoto, foram conquistas obtidas através de lutas, muitas delas feitas pela própria comunidade católica. Depois, eu me engajei no grêmio estudantil da Escola Estadual Elvira de Pardo Meo Muraro, no bairro Florence I, onde eu estudava.

Nesse mesmo período, eu também fiz parte da diretoria da associação de moradores e, depois, me filiei ao PT. Hoje, ainda sou católico, tenho fé, mas não tenho a mesma proximidade que tinha antes em relação à Igreja, porque estou muito mais engajado no partido, muito mais voltado para o mundo. Posso dizer que meu engajamento político se deu a partir da Igreja. Aliás, muitas pessoas que estão nas CEBs mantêm vínculos com o PT. A comunidade me despertou para essa militância, para essa busca de alternativas, levando-me a acreditar na possibilidade de construirmos um mundo melhor.

A partir de um grupo da Igreja, fui indicado para participar da assessoria do Mandato do Vereador Carlos Signorelli. Ele foi apoiado em sua campanha, por muitos militantes da Pastoral Juventude. Quando eleito, ele disponibilizou uma vaga em seu gabinete para que se pudesse desenvolver um trabalho com a juventude, foi quando me indicaram e depois ele me convidou a compor a equipe do mandato, onde estou militando até hoje.

De lá para cá muitas coisas foram desenvolvidas a partir dessa relação do mandato com a Juventude. Entre dois mil e dois e dois mil e três, o Signorelli foi presidente da Câmara de Vereadores. Na presidência nós coordenamos um projeto chamado Parlamento Jovem. Além desse, ajudamos em outros projetos, como por exemplo, na elaboração do projeto de lei que cria o Conselho, a Conferência e o Fórum Municipal de Juventude. Também ajudamos na organização de muitos cursos de formação política, palestras, debates, audiências públicas, etc. Durante este período, até dois mil e cinco, fiquei muito mais envolvido nessas atividades.

Depois, em função dos resultados eleitorais, acabei assumindo outras tarefas no gabinete. Mas a minha atuação no partido sempre foi, de certa forma, marcada por esse envolvimento com a Juventude, tanto em termos de trabalho com cuidados burocráticos, quanto no sentido de garantir a articulação política. As elaborações dos projetos se davam a partir de pesquisa em outras cidades de experiências bem sucedidas, fazendo levantamento das necessidades de algumas regiões da cidade, sem perder de vista a realidade dos jovens.

Atuamos junto a um coletivo de aproximadamente quarenta pessoas. São jovens de vários bairros de Campinas que se identificam com um PT militante e socialista, com os ideais da Teologia da Libertação na Igreja e estão sempre conosco nas ações que desenvolvemos.

Nós já tivemos atividades regulares para os jovens. No ano passado, por exemplo, todos os meses, tínhamos uma sessão de vídeo seguida de bate papo sobre o filme exibido. Fazíamos também saraus com poesia, música, artes em geral. O convite sempre foi aberto, nunca restrito aos jovens filiados ao PT, mas a frequência maior era dessa juventude militante, que estava no Partido, na Igreja, que tinha uma relação conosco por conta da nossa campanha, da nossa história. Nesse ano, estamos nos reestruturando, mas continuamos mantendo contato com o pessoal dos grêmios, dos centros acadêmicos e dos movimentos sociais.

Quando comecei no grêmio estudantil, eu era um jovem "carimbado" como o menino do PT, sendo até motivo para chacotas.

A minha grande referência, que me inspira, me chama, me faz lutar é Jesus Cristo. Mas, eu também tinha outras figuras de referência, como Dom Oscar Romero, Santo Dias, Che, enfim, mártires que dedicaram suas vidas em nome dos pobres e oprimidos. Hoje eu ainda os tenho como referência, porém, com outras perspectivas, com muito mais clareza do processo histórico em que viveu cada uma dessas pessoas. Com o tempo fui conhecendo um pouco mais as suas vidas e, mais ainda, os processos históricos em que elas viveram. Com isso, essas figuras foram ganhando outros significados. O olhar para elas foi se apurando mais. Passei a vê-las não mais como ídolos e sim como personagens da história, pessoas nas quais me espelho para ser sujeito do processo histórico.

A forma como eu olhei o PT, quando entrei, e a forma como eu olho para ele, hoje, é diferente. Passei a entender que o PT não é tudo aquilo que eu imaginava. No entanto, ainda vejo dentro dele instrumentos de luta, ainda vejo possibilidades de construir algo que seja condizente com tudo aquilo que eu acredito para o mundo, com o PT.

Mas, o que me inspira para continuar lutando? Eu acredito que o Reino de Deus é possível de ser construído aqui na terra, eu não acredito na idéia de céu e inferno. A partir da minha formação, da minha fé, aprendi que o Reino de Deus é o mundo onde o "lobo e o cordeiro irão pastar juntos", "onde todos colocarão seus bens em comum", onde haverá uma sociedade diferente, sem explorados e exploradores, sem injustiças, uma sociedade socialista.

Em se tratando da juventude, em geral, nós vivemos num vazio; o herói é o "alemão do big brother". Mas, se eu for me referir à juventude que tem uma militância, o Che é uma figura que sempre foi marcante dentro dos partidos de esquerda e da Igreja. Outras personalidades também dizem muito para essa juventude, como por exemplo, Dom Hélder Câmara, Dom Pedro Casaldáliga, Frei Beto, Leonardo Boff.

Dentro do PT, sinto um pouco de vazio também e muita decepção quanto ao Lula. Nossos líderes no PT, que tinham expressão nacional, como o José Dirceu, o Pallocci, o Berzoini, não representam mais nada para nós, são verdadeiros crápulas.

Aonde eu me localizo dentro do PT? Dado tudo aquilo que se sabe hoje, o que eu acho importante dizer? Eu falei aqui de socialismo, mas o socialismo não está mais na ordem do dia dentro do PT, por conta até mesmo das políticas neoliberais do Lula. O PT se organiza em correntes, então, você tem desde um Pallocci, que privatiza a água, que faz o que faz, até o mais radical que vai ao Congresso e arrebenta com tudo, quebra tudo. Dentro do PT, eu estou um pouco perto desse que “arrebenta com tudo”.

No ano passado, houve uma manifestação do MLST: Movimento de Libertação dos Sem Terra, formado em 1997 por antigos militantes de esquerda e também por dissidentes do MST: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Não sou desse grupo, mas estou muito próximo dele. Falo dele só para mostrar que há várias tendências dentro do PT, que enquanto uns deixam de acreditar no socialismo, nas bandeiras históricas de nossas lutas, outros resistem, como esse. Infelizmente algumas pessoas dentro do PT seguiram uma outra linha, entraram no esquema. Existem alguns grupos remanescentes no PT, grupos pequenos, que resistem dentro do partido, que mantêm muito da origem do PT, que é um PT socialista, de massas, democrático. Eu me identifico com essa minoria, a minha formação se deu a partir de lideranças dessa minoria. Hoje, aqui em Campinas, os padres da Teologia da Libertação, que são poucos, as lideranças, os quadros do partido com os quais eu me identifico, a Izalene, o Carlos Signorelli, o Renato Simões, o padre Ferraro, entre outros, estão dentro desse grupo. Todos eles também têm história na Igreja, nos movimentos sociais e no próprio partido.

A Izalene e o Signorelli, são para mim, em termos de militância, pessoas que dedicaram a vida aos seus ideais de sociedade. Por isso eu entendo que a política não é profissão. O Signorelli não precisava ser vereador. Aposentou-se, é professor, tem uma capacidade intelectual incrível. Ele está nisso porque acredita no que está fazendo e a mesma coisa é a Izalene, que foi prefeita de Campinas, por uma eventualidade. Foi uma guerreira, ninguém imagina, quando se é eleito vice, que vai se tornar prefeito, e ainda mais da forma como aconteceu. E ela agüentou até o fim do mandato, sofreu, governou Campinas com todas as dificuldades que a situação lhe impunha, fez coisas que nunca tínhamos visto antes na cidade. Então, eu admiro todas essas pessoas por suas histórias de vida. A Izalene é guerreira, uma mulher que foi cortadora de cana, que passou por muitas dificuldades, tanto quanto eu, que batalhou, que hoje é professora, e que não sujou as mãos ao ocupar o maior cargo de poder na cidade.

Por tudo isso, eu me mantenho dentro do PT, por saber que, em outros partidos, não terei o mesmo espaço que tenho no PT. Há poucas alternativas e com as que existem eu não me identifico, com o PSol, por exemplo, ou com o PCdoB, onde a situação é pior. Apesar de saber que o PT já não corresponde com aquilo que eu acredito, que é o socialismo, eu encontro nesse partido as pessoas com as quais eu me identifico. Hoje, sair do PT, seria fácil. A assessoria inteira, o vereador, a Izalene, eu, poderíamos decidir mudar para o PSol. Mas, e se as pessoas que estão conosco, que são filiadas, que estão nas comunidades, nos bairros, nos movimentos sociais de base não se identificarem com isso? Você vai e a sua base fica? Foi o que aconteceu em grande parte com a Heloisa Helena.

Fiz um ano de Jornalismo na PUCC (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), mas fiquei devendo horrores lá, então, tranquei a matrícula e em seguida consegui uma

bolsa do PROUNI (Programa Universidade para Todos). Estou fazendo Pedagogia na UNIP (Universidade Paulista).

Não me identifiquei muito com o Jornalismo. Achei o curso superficial demais, muita técnica, pouca reflexão. Quando me inscrevi para concorrer a uma bolsa do PROUNI, coloquei como primeira opção Pedagogia na UNIP, como segunda Pedagogia na FAC (Faculdade Comunitária de Campinas) e como terceira Direito na UNIP. A quarta e quinta opção eu não me lembro bem. Essas foram as opções que escolhi dentre as possíveis, segundo a minha nota no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). A minha nota não foi suficiente para me inscrever em Jornalismo. Escolhi fazer Pedagogia porque sempre fui ligado ao campo da Educação. Durante a minha militância, seja na Pastoral Juventude, no grêmio, na assessoria política, sempre me identifiquei com a Educação. Eu já não estava muito satisfeito, então tranquei o curso de Jornalismo na PUCC e fui para a Pedagogia na UNIP.

Hoje, eu sinto que fiz a escolha certa. A experiência foi boa, aprendi muita coisa, mas não pretendo mais voltar a fazer Jornalismo. Hoje, acho que Pedagogia é o que eu queria mesmo, estou no caminho certo.

No entanto, a UNIP é um espaço para o ensino e não para a pesquisa. Lá é um mercado, eu vou para consumir um produto que o governo federal está me pagando. Os professores são bons, creio que todos passaram pelo mestrado e a maioria faz (ou fez) doutorado. Mas a universidade não dá suporte para a pesquisa.

Se eu quiser fazer uma Iniciação Científica, tenho de fazer por conta própria, porque sendo bolsista do PROUNI, não posso receber outro auxílio. O professor que for me orientar não receberá nada por esse trabalho e se o fizer será por pura boa vontade, então, é difícil. Se eu tiver que visitar as escolas da região, fazer um levantamento de dados, os gastos sairão do meu bolso. Se eu for recorrer aos órgãos financiadores de pesquisa, eles não irão me oferecer bolsa porque eu já sou bolsista do PROUNI. Pensar em mestrado não dá, porque apesar de eu ter idéias para projetos, é uma universidade onde não existem grupos de pesquisa, pelo menos até onde eu sei.

Eu quero seguir carreira acadêmica, mas antes, como pedagogo, quero passar pelo desafio de enfrentar uma sala de aula. Durante muitos anos da minha vida, trabalhei com educação não formal em grupos de jovens, no entanto, eu nunca tive experiência em educação formal. De repente, talvez eu faça uma experiência de quatro, cinco anos, e depois vá pensar no mestrado, ou talvez, faça as duas coisas simultaneamente, mas agora não penso muito nisso.

No primeiro semestre, fui representante de sala na universidade, mas em seguida eu desisti porque não é isso que eu quero. Vou fazer a graduação, continuar com a minha militância aqui no Partido, e na medida do possível, na Igreja. Não irei me envolver mais com o movimento estudantil, com o centro acadêmico, porque eu acho que se eu for fazer isso, será de forma superficial, além disso, não quero prejudicar os meus estudos.

Hoje, assisto filmes, documentários e, de vez em quando, até mesmo, Tela Quente; faz parte... Gosto de todos os tipos de filmes, mas dois deles me marcaram bastante: um se chama "Prô Dia Nascer Feliz", do João Jardim, e o outro "Chove sobre Santiago", de Hélios Soto. O primeiro é um documentário sobre adolescentes que frequentam escolas da

periferia e colégios particulares em alguns lugares do Brasil. O segundo é um filme sobre o golpe no Chile e o assassinato de Allende. Fiquei muito comovido pela forma como o diretor enfatizou a participação da juventude na Revolução.

Como não sobra muito tempo para a gente ler o que gosta, nas férias, eu leio livros sobre teologia e filosofia. Gosto muito do Carlos Drummond de Andrade e do Érico Veríssimo. Mas, ultimamente, a minha paixão tem sido o cinema.

Eu adoraria aprender a tocar violão, mas ainda não consegui realizar esse desejo. Gosto muito de MPB, de rock nacional e internacional.

Se tivesse tempo de fazer um esporte, escolheria andar de bicicleta. Não gosto de futebol, me machuco muito.

Encontrei uma pessoa com quem estou namorando e estou muito bem com ela. Entre tantas outras coisas, ela me ensinou a gostar de cinema. Antes eu não tinha esse hábito. Estou pensando em fazer meu TCC a partir de um filme.

Tem gente que pergunta se eu tenho um grande projeto de vida, ser vereador, deputado, “entrar pra política”. Eu quero ter uma família. Acredito que a política não é uma profissão, o agir político é um serviço em prol do bem comum. Ser vereador, deputado, ou mesmo ocupar um cargo no governo, ser secretário disso, ser ministro daquilo é estar a serviço do bem comum. Eu fiz uma escolha, que é seguir a profissão de pedagogo, ser professor. Se, daqui a algum tempo, me for colocado o desafio de prestar esse serviço, acho que não aceitaria, porque esse não é o meu projeto de vida, mas isso depende também da situação. O que está claro para mim, hoje, é que eu quero ter família, poder me dedicar a essa família, educar meus filhos, etc. Não digo que não beberei desta água, mas esta possibilidade não está colocada pra mim como objetivo pessoal.

Estou falando isso, porque muitas pessoas que eu conheci, que militam no Partido, na Igreja, cuidaram das crianças de fora e se esqueceram de cuidar das crianças de dentro de suas casas, tanto é que a maioria dos filhos de militantes, não são militantes. Muitas vezes, odeiam a política, porque o pai e a mãe são ausentes. Se você escolhe ter família, ter filho, que seja prá valer, prá cuidar, prá se dedicar a isso, sem descartar a presença na política, no seu sentido mais geral. Eu acho que não conseguiria viver sendo omissa em relação às coisas que estão acontecendo no mundo. Pensando em um projeto de vida, eu quero ter família, mas não abandonar a militância política, porque eu acredito nisso, tenho algo para contribuir nesse sentido. Quero dar exemplo para meus filhos, ser participante do processo político, ser agente da história, sem deixar de lado as responsabilidades domésticas.

A imagem que eu faria de mim mesmo, seria a de um jardineiro. Eu acho que as amizades, os amores, os sonhos, os projetos de vida, a família, devem ser cultivados diariamente.

Não digo que eu tenho um herói, mas tem uma pessoa na qual eu me inspiro muito que é o Ademir, tem também o Paulo Freire. O Ademir é o educador daqui e a qualidade que mais admiro nele é que ele movimenta o espaço, não deixa o espaço triste, sem vida. Ele faz acontecer algo para a gente esquecer um tanto dos problemas. Então, eu acho interessante, porque eu também faço isso.

(P.J.S.⁷⁰, 2007)

Nasci em Campinas e estou com 17 anos. O pai que me fez caiu fora, o que me criou morreu. Tenho minha mãe, minhas tias, meu tio, mas não moro com eles. No momento estou na C. F., um lugar para os meninos de rua ficarem ali. Não é abrigo é só um pernoite, dorme e vai embora de manhã, mas isso aí não vai ser por muito tempo não. Minha vida está andando muito bem, então creio que daqui uns dois meses ou antes disso, estarei em algum outro lugar.

Eu ia para escola como um menino educado e estudava direitinho até eu conhecer o mundão. Conheci, comecei a fumar cigarro, usei drogas, só maconha, mas eu parei porque não era para mim. Daí me chamaram para roubar, no começo eu não queria, mas eu comecei e depois eu parei também. Fui para o tráfico, comecei a traficar e por ventura não deu certo, eu saí fora, saí até do meu bairro. Aí, me falaram da TABA e eu vim para cá.

⁷⁰ O narrador/colaborador não autorizou gravar a entrevista e nem divulgar sua identificação, solicitando o emprego das iniciais P.J.S.

17 anos

TABA: Espaço de Vivência e Convivência do Adolescente

Rua José Paulino 1389 – Centro – Campinas

www.espacotaba.org.br

Data da Entrevista: 17/05/07

Duração da Entrevista: 30 min.

Transcrição: 25/05/07.

Na TABA comecei a me envolver em todas as atividades que aconteciam. Quando diziam que iria começar algo eu já falava que gostaria de estar participando e estou até hoje. Nesses momentos, eu sempre lembrava dos abrigos que eu fiquei e veio no meu coração a vontade de ser educador. Agora sou voluntário e estão pensando no meu contrato. Eu pego as coisas muito fácil, aprendo tudo rapidão. Tinha uma professora de *Hip Hop* aqui na TABA e, quando ela não vinha, eu dava aula no lugar dela.

Estou na sexta série porque eu aprontava muito na escola. O que tem de bom na escola é a aprendizagem. Não tem nada de ruim na escola, ela só tem coisas boas, mas ela tem que ser mais dinâmica, tem que orientar os jovens adolescentes, porque na maioria das vezes os jovens não sabem o que é o uso do preservativo, não sabem o que é pílula, não sabem essas coisas, então acabam pegando uma DST Aids e isso é muito complicado, porque vai ser mais um para a lista de tratamentos, ou às vezes mais um para a lista de mortos.

Eu já vi casos em que o professor chamava de burro, não sabia de nada, te xingava, colocava atrás da porta, colocava de castigo. Isso é constrangedor para o aluno, é muito constrangedor. Imagine eu atrás da porta, com o rosto na parede, depois sendo zoadado pela minha turma. Isso daí é constrangedor.

Se eu fosse professor, eu esperava até o fim da aula, depois chamava o aluno para uma conversa, não precisava colocar ele de cara na parede. Isso não é bom, não vai trazer coisa boa. Pode ser que o aluno seja vingativo e faça algum mal para o professor, pode se vingar no carro ou no professor mesmo.

No futuro estou pensando em ser educador. O educador dentro da TABA ensina, participa, ajuda, colabora. Para mim, ser educador é eu poder ajudar, correr atrás de algo para o adolescente necessitado como por exemplo, escolas, cursos.

O que me fez sair do mundão foi a minha força de vontade, isso me fez sair. Quem me ajudou fui eu mesmo e Deus, porque nada acontece por acaso. Se Ele não queria que eu ficasse naquela vida, não queria que eu morresse, ele me tirou; não foi só eu, cem por cento eu, teve a mão Dele também nisso.

Não digo que eu tenho um herói, mas tem uma pessoa na qual eu me inspiro muito que é o Ademir, tem também o Paulo Freire. O Ademir é o educador daqui e a qualidade que mais admiro nele é que ele movimenta o espaço, não deixa o espaço triste, sem vida. Ele faz acontecer algo para a gente esquecer um tanto dos problemas. Então, eu acho interessante, porque eu também faço isso.

Eu não me lembro muito bem, mas o Paulo Freire falou uma coisa que eu nunca tinha pensado, era tão fácil de pensar mas que eu não tinha pensado: “ninguém constrói o futuro sem presente”. Pode ser que ele quisesse dizer que a vida do crime não compensa, porque você não vai fazer o presente na vida do crime.

Quando olho para os jovens de minha geração eu penso que muitos estão indo no embalo. Cigarro é moda, droga é moda, roubar é moda e não é bem por aí. Eu não sei qual a causa disso. Muitos falam que querem ser patrões, chefes de tráfico e isso daí não é bom, porque não é um dinheiro suado seu. É um dinheiro que você investiu na droga, aí vem um cara e trabalha para você. Você vai ficar sossegado, vicia um, vicia outro, vicia outro e

voltando lá, foi por sua causa, porque você forneceu a droga para esse vender, que esse vendeu para outro e que viciou ele; se você não tivesse fornecido a droga para um vender, ele não iria viciar outro. Então, a culpa foi mais sua do que do vendedor.

Não é certo, porque às vezes um pai de família deixa de comprar comida para dentro de casa para usar droga e aí a mulher tem que se humilhar na porta de alguém ou o filho ir para o sinal, ou às vezes vira até um rebelde e parte também para roubar. O pai está usando droga, porque o patrão forneceu a droga para o traficante e, se for estudar bem, aí vira uma bola de neve.

Eu penso e eu tento montar algum projeto, fora esses vários que já tem; agora eu vou rezar, orar para dar certo o meu projeto e atingir o meu objetivo que é o seguinte: quanto menos meninos na rua, melhor.

Quanto às casas que acolhem os jovens, eu acredito que elas atendem às necessidades dos jovens, mas os jovens vivem dentro da casa como se fossem robôs, obedecendo ordens e isso não é bom para eles, obedecer ordens. Acordar 6:30 da manhã, é uma ordem, às vezes passa desse horário, mas é apertado. A hora de dormir é 22:30, sem choro. Se não tiver com sono, tem que ficar deitado. Às vezes passa um filme, às vezes tem uma brincadeira, mas eu não faço nenhum trabalho na casa porque entrando lá eu sou igual a eles. Sugerí algumas dinâmicas que deram certo, mas parou ali porque eu desanimei. Não significa que estou desanimado, mas que eu quero ficar motivado, mais motivado.

Os meus sonhos são ou jogar futebol, ou construir meu abrigo. O abrigo do meu sonho é tentar fazer com que os meninos sonhassem também, não chegassem, dormissem, acordassem e aí saíssem. Eu queria dinâmicas, eu queria os motivar para algo, queria ajudá-los.

Não estou me envolvendo mais com religião, mas já fui na Igreja Evangélica. Acho bom, mas eu peço demais. Aí não adianta eu ir na igreja. Eu preciso parar um tanto de pecar para entrar na igreja, mas não cem por cento, que ninguém consegue. Os meus pecados não são tão sérios, mas me incomodam.

Eu gosto de filmes de comédia para pegar idéias e trabalhar com os jovens. Não gosto de ler, e acho que o educador não precisa tanto ler e sim ter idéias, fazer algo que não está andando, andar. Eu vi uma fita do Paulo Freire. Falam que ele foi um ótimo educador, então, como ele foi, por que eu não posso ser também um ótimo educador? Essa é a idéia que bate na minha cabeça, ser um ótimo educador.

Um dia eu assisti um filme que eu achei muito legal. Aonde o cara chegava, ele era bem recebido. É assim que eu quero ser, chegar e ser bem recebido.

Aqui na TABA, eles me ajudam bastante, me mandam para lugares distantes para fazer capacitações. Pode ser que eu não fique aqui como educador, mas fique em outro lugar, porém, nesse momento, quem está me ajudando são eles.

Eu não saberia dizer se o que faço aqui na TABA é política, eu não entendo disso aí. Para mim, política tem a ver com deputados, prefeitos, presidente. Estou mais perto da arte do que da política e, arte, para mim, é dançar, pintar, brincar, criar.

Atualmente, a imagem que eu tenho de mim é a de um palhaço com um lado alegre e outro triste. Palhaço porque às vezes eu acho que eu levo alegria a algumas pessoas em volta de mim. Hoje, estou triste porque moro num lugar que eu não queria estar. É o que mais me incomoda, porque eu queria viver a minha vida do meu jeito e não sob comandos, domínios. Eu quero ter a minha vida.

Muitos ídolos da televisão e o dinheiro são heróis dessa juventude. O modo de vida excessivamente consumista do norte americano também inspira muito as classes sociais. O consumismo é um anti-herói. Às vezes me sinto atraída para consumir, mas tento me policiar ao máximo. Só compro uma coisa da moda se faz o meu estilo.

(Silvana da Silva Antonio⁷¹, 2007)

Sou filha de pais que vieram da classe baixa, da periferia de Campinas. Assim que se casaram, procuraram um bairro onde pudessem construir uma casa própria e dar uma vida digna para os filhos. Acho que se conheceram nas comunidades eclesiais de base.

Desde muito nova, eu já participava das comunidades, assumindo compromissos. Minha mãe trabalhava fora, fazendo faxina, vendendo pão e chinelo. Eu cuidava de minha irmã mais nova, hoje com dezesseis anos. Meu pai é eletricitista. Num período em que ficou desempregado foi muito difícil para nós, até se estabilizar ao prestar um concurso na CPFL. Daí em diante, meus pais conseguiram construir uma casa e me ajudar a pagar a faculdade.

Eu estudava em uma escola estadual, mas devido à participação ativa dentro da igreja e da comunidade sentia necessidade de crescer mais. Meu pai conseguiu pagar um curso de datilografia, mas eu queria fazer muitos outros cursos. Uma pessoa da Instituição Teresiana conseguiu uma professora de espanhol para dar aulas no bairro e eu organizei um grupo. Posso dizer que muitas das oportunidades que tive, devo a esse curso que durou dois anos.

⁷¹ Narradora/ Colaboradora: Silvana da Silva Antonio

21 anos

Instituição Teresiana: Centro Cultural Poveda

Rua Dr. Quirino 1733/A – Centro - Campinas

www.teresiano.g12.br

e.mail: silmitcamp@yahoo.com.br

Data da Entrevista: 21/04/07

Duração da Entrevista: 60 min.

Transcrição: 03/12/07.

Na comunidade, auxiliei na catequese desde os doze anos. Aos quinze, assumi a coordenação. Hoje, minha irmã de dezesseis anos está começando na Pastoral Juventude, coisa que eu comecei aos treze anos; fui um pouco precoce. Essa comunidade é como uma igreja, com várias atividades religiosas, mas também festas e palestras. Em noventa e cinco, organizamos, na comunidade, uma brinquedoteca, com brinquedos doados. Iniciamos numa sala pequena e hoje contamos com três salas. Como faço o curso de Ciência da Informação, ajudo como monitora na biblioteca desse lugar. É um retorno que dou para todo esse crescimento que tive.

Fiz vários cursos, entre eles um de extensão universitária para educação de adolescentes e jovens, em nível nacional, por um ano, dado por indicação das irmãs de Vedruna. Nas comunidades, participava de tudo, principalmente em cursos gratuitos, para aprender mais. Em dois mil, o pessoal da brinquedoteca me inscreveu, sem que eu soubesse, no Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, concorrendo à bolsa de estudos na Fundação Bradesco. Por essa via, selecionam alunos, avaliando notas, participação nas comunidades, engajamento em projetos. Consegui a bolsa.

Na escola estadual, localizada no Dic VI, fui bastante ativa no Grêmio, principalmente para manter a escola limpa e os professores mais interessados. Na Fundação, cursando o Ensino Médio, sempre era selecionada para os cursos que ofereciam. Fiz os curso de Técnico em Eletrônica e participei de um projeto da Massachussets Instituto Tecnológico. Quando conclui o Ensino Médio, fiz Técnico em Informática. Foi um curso difícil, pois eu não tinha facilidade no inglês, mas o pessoal do Instituto Teresiana conseguiu para mim uma professora particular de inglês e de matemática. Nesse período, também trabalhei no SOS Adolescente, mas saí porque não dava para me dedicar aos estudos e manter minhas notas. Fiz o Técnico de Informática juntamente com o cursinho pré-vestibular, além de trabalhar meio período como secretária, no Centro Cultural Poveda. Das sete às oito, tinha reforço de matemática e inglês; das oito ao meio dia, trabalhava como secretária; das treze até às dezoito e dez, fazia o cursinho e das dezenove às vinte e três horas, cursava o técnico. Acho que valeu a pena. Eu não teria conquistado outras coisas se não tivesse tido essas oportunidades. Nesse meio tempo, eu estava tentando conciliar o trabalho na brinquedoteca com o grupo de jovens do Centro Cultural Poveda vinculado à Instituição Teresiana.

Em dois mil e cinco, entrei para a universidade. Desde criança eu sempre brincava de biblioteca e não de casinha. Quando estava no Técnico montei um programa sobre biblioteca. Sempre sonhei em fazer psicologia, mas uma conversa com a Brenda Carranza, formada em Ciências Sociais e que também é da Instituição Teresiana, me incentivou a conhecer o curso de Ciência da Informação. Gostei muito da proposta do curso e resolvi me inscrever para o vestibular.

Eu precisava pagar a faculdade e o dinheiro que ganhava aqui não dava, então, consegui uma bolsa na Pastoral Universitária. Trabalhava lá e aqui no Centro Cultural Poveda, mesmo assim meus pais precisaram me ajudar com passagem e alimentação.

Em dois mil e cinco houve uma seleção dos alunos da universidade para participarem de um Parlamento Universitário que aconteceria na Argentina. Como a universidade é católica, os alunos que pertenciam à Pastoral Universitária, à Pastoral

Juventude tiveram prioridade. Fiquei sabendo, de última hora, que eu e mais uma colega iríamos para a Argentina. São os meus caminhos... só Deus mesmo para explicá-los. Com o embasamento que tenho em espanhol, montei um projeto para esse Parlamento na Argentina o qual foi selecionado. O tema era sobre os meios de comunicação, como eles influenciam a sociedade, as comunidades, as pessoas. Fiquei uma semana em Buenos Aires. A universidade pagou tudo.

Como havia deixado meu currículo em alguns lugares, no ano passado me chamaram para trabalhar na PUC Campinas. Nunca havia trabalhado com carteira registrada. Saí da secretaria do Centro Cultural Poveda, da Pastoral Universitária e fui ser funcionária da PUC, onde estou até hoje. Agora, trabalho somente aos sábados no Centro Cultural Poveda, organizando a biblioteca e participando das atividades de espiritualidade promovidas pelo Centro Cultural.

Jesus é a primeira pessoa que me mobiliza a ter essa energia, pela dedicação, pelo amor ao outro. Depois que conheci a Instituição Teresiana, descobri na filosofia e na espiritualidade de Pedro Poveda a importância de estudar, de se dedicar. Mas não é um dedicar sem parâmetro, sem um conhecimento.

O padre Pedro Poveda foi canonizado em dois mil e três. Era espanhol e trabalhava com ciganos, que na época eram tratados como moradores de rua que aqui conhecemos. Ele mostrava às educadoras que através de Jesus poderíamos descobrir como educar as pessoas, contribuir para uma melhor qualidade de vida através do conhecimento adquirido com os estudos. Viajou pela Espanha toda para orientar as pessoas. Considerado um mártir, foi morto na guerra civil espanhola por representar uma ameaça política ao país. Poveda nos mostra que é importante trabalharmos a espiritualidade individual, não só a coletiva, e refletirmos sobre nosso propósito nesse mundo. Nada acontece por acaso, tudo tem uma finalidade, por isso é importante trabalhar a nossa espiritualidade no mundo. Considero que a Renovação Carismática separa a espiritualidade do nosso lado humano. É como se a palavra sagrada de Deus não pudesse se misturar com o mundo. Não, pelo contrário, eu acredito que Deus está no mundo e que devemos trabalhar, juntamente com Ele, em meio às dificuldades que as diferentes culturas apresentam, mostrar que Deus existe nesses lugares.

Sobre a juventude do meu tempo, me preocupo muito, inclusive porque não consigo mais ajudar até os próprios colegas à minha volta. Acho que a juventude de hoje perdeu o sentido da vida. Tudo gira em torno de um prazer momentâneo, desde a forma como a internet é utilizada. É tudo muito rápido, não se trabalha esse crescimento, esse desenvolvimento. É necessário analisar nossas atitudes, refletindo e trabalhando nossa espiritualidade individual. Acho que os jovens perderam um pouco a capacidade de se conhecer melhor. Muitos acham que a Filosofia é coisa banal, enquanto que, para mim, o filosofar pode ser a essência de uma vida saudável.

Estamos imersos no capitalismo, na concorrência, dando mais valor ao financeiro, ao capital. Ter é muito mais importante do que ser. Quando percebemos que não damos mais conta, que não somos tão poderosos quanto pensávamos, geralmente, recorremos à religião, a algo transcendente, que esteja acima do nosso poder. Acredito que seria

diferente não se tivéssemos mais fé ou religião, mas se trabalhássemos mais a espiritualidade.

Muitos ídolos da televisão e o dinheiro são heróis dessa juventude. O modo de vida excessivamente consumista do norte americano também inspira muito as classes sociais. O consumismo é um anti-herói. Às vezes me sinto atraída para consumir, mas tento me policiar ao máximo. Só compro uma coisa da moda se faz o meu estilo.

Sobre os meios de comunicação de massa, acho que também são vilões. Internet, televisão e o próprio jornal da cidade formam opinião. Não se criou um princípio particular, simplesmente se adere ao que o meio de comunicação está lançando, divulgando. Os meios de comunicação de massa são um dos responsáveis por fazer com que as pessoas não busquem a leitura. Em qualquer leitura, até mesmo nos livros de auto-ajuda, os jovens perceberiam que o mundo é muito maior do que seu bairro ou seu grupo de amigos. Claro que todos nós precisamos nos identificar com determinado grupo, pertencer a ele, porém o mundo é muito maior do que a internet, o orkut, o MSN, por exemplo. O jovem pensa que usando esses meios tecnológicos abre seu leque de amizades, porém, penso que ele mais perde sua identidade nesse mundaréu de coisas virtuais do que cria identificação com um grupo que o faça crescer e descobrir que o mundo não se reduz àquilo ali. Por outro lado, resumir-se ao trabalho, jornal das oito, novela e cama, também não mostra que o mundo é muito mais...

Para mim, que estou envolvida com as atividades de uma biblioteca, reconheço a importância do auto conhecimento, o impacto da leitura em concorrência com a fala. Acredito que se o jovem fosse estimulado a escrever e a ler a sua própria história, essa leitura poderia interferir em seu modo de agir no mundo, na sociedade, mas ele não tem esse costume. Primeiro, porque não gosta de ler e, segundo, não só o jovem, mas todos nós temos certas restrições para escrever a nossa própria história. Se escrevêssemos a nossa história... alteraríamos muita coisa nesse mundo.

Me considero hiperativa. Fiquei sem namorar um tempo pois me dedicava inteiramente ao estudo, ao grupo de jovens, mesmo assim já prezava a qualidade de vida. Amo de paixão massagem terapêutica, inclusive fiz curso e gosto das oportunidades de ensinar, fazer em alguém, mostrar a importância de se conhecer o próprio corpo, de evitar problemas de saúde causados pelo estresse. Se quero sair, descansar a cabeça, gosto de ir para um lugar onde vá me encontrar com o meio ambiente, com a natureza.

Gosto de cantar, sou soprano e já participei de coral na universidade. Apresentei-me em Goiás e em vários outros locais também. Hoje, não me dedico tanto quanto desejo, mas quando estiver mais tranqüila, quando me estabilizar financeiramente vou poder me dedicar mais às coisas de que gosto. Não quero parar de estudar. A coisa que mais lamento, por mim e pela sociedade, é que vivemos para o trabalho. São oito horas diárias, sem tempo para estudar, para conhecer mais. Penso que se houvesse uma lei proibindo as pessoas de trabalharem mais que seis horas, teríamos uma grande oportunidade de conviver mais uns com os outros, de discutirmos nossas relações, de conversarmos, de lermos. Atualmente, nos cansamos tanto com o trabalho que ao chegarmos em casa, vamos direto para a televisão e depois dormimos. A convivência familiar, que prezo tanto, para grande parte da sociedade acabou.

Nos momentos em que não estou trabalhando, namoro, danço forró. Não aprecio balada. Participo do Grupo de Jovens do MIT (Movimento da Instituição Teresiana), constituído por pessoas daqui de Campinas, de Minas e do Rio. Organizamos encontros nessas cidades para estarmos juntos, discutirmos sobre nossas vidas e ações que podem nos tornar diferentes, além de temas de nosso interesse, como por exemplo, a espiritualidade. Meu compromisso junto a essa Instituição é trabalhar com a juventude a importância do estudo, de formar os jovens para atuar na sociedade.

A Instituição Teresiana é uma instituição internacional de cristãos que procura divulgar os valores evangélicos na sociedade por meio da educação e da cultura em suas diferentes formas e lugares. Em Campinas, começou quando o primeiro Reitor da PUC, Monsenhor Salim, teve a idéia de criar uma residência universitária. Foi fundada a residência juntamente com o Centro Cultural Poveda, que, dentre seus objetivos, visa contribuir para a formação de profissionais críticos e conscientes do seu compromisso com a realidade, bem como possibilitar a promoção humana e o ecumenismo. É uma instituição que existe em Campinas, Santos, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pará e também em vinte sete ou vinte nove países. A sua atuação é muito forte na Espanha, nos países europeus, em alguns países hispano-americanos onde a filosofia da educação de Pedro Poveda é tão importante quanto a filosofia de Paulo Freire, no Brasil. A Instituição veio para cá em 1954. Havia cinquenta meninas morando aqui nessa residência, hoje, porém, somente oito residem na casa. Para quem procura a casa, explicamos que não alugamos quartos simplesmente, mas oferecemos toda uma filosofia de vida, baseada nos ensinamentos de Poveda. O ambiente da casa, onde o verde é predominante, favorece todo um trabalho voltado para o meio ambiente, para a importância de termos um local tranquilo que possibilite dedicação aos estudos e o desenvolvimento de nossa espiritualidade.

Aqui existem profissionais de diversas áreas que devem atuar na sociedade, por meio da vivência da fé e do seu trabalho profissional, dedicando-se principalmente ao campo educacional.

Pedro Poveda tinha muita fé em Santa Teresa D'Ávila. Creio que recebeu dela a inspiração para valorizar o papel da mulher em sua filosofia. Inicialmente, ele tentou desenvolver seu projeto educativo junto aos homens, mas não deu certo. Foram as mulheres que realmente o auxiliaram e hoje, além de fazerem parte da Instituição, só elas podem ser consagradas. Homens, casados ou solteiros, participam como membros colaboradores.

Em meu trabalho existe sim preconceito. Sou mulher e sou negra, então, existe um preconceito duplo. É muito sutil. Aqui no Centro Cultural nós convivemos com muitas mulheres e às vezes ouvimos comentários: "Ah! é só mulheres... e quantas mulheres trabalham com você? Nossa! Mas, por que mulheres todas juntas? Imagina o que não vira!". Não posso reclamar, porque é uma cultura embutida que a pessoa manifesta. Até no momento de se atribuir certas tarefas, existe preconceito, percebe-se a diferença. Não levo muito em conta e acho que acontece somente em alguns momentos, mas já mudou muito.

Como me preocupo muito com a formação das pessoas, não vejo a política como sendo partidária, apesar de ter o meu segmento partidário. Sou petista, discordo de

algumas coisas, concordo com outras, mas nada de forma engessada. Falava-se muito do mensalão, mas as pessoas não questionavam suas próprias atitudes dentro das empresas, quando tentavam levar vantagem. Para mim, tanto os nossos representantes governamentais, quanto os empresários, ou os operários têm a mesma responsabilidade política. É lógico que o impacto de quem rouba a população é maior, porém, o peso, enquanto pessoa, enquanto cidadão, é o mesmo. Ou rouba ou trabalha de forma ética e transparente, comprometida. Quem pega uma caixinha de clipes de onde trabalha, futuramente, pode pegar o dinheiro que está vendo no caixa.

Em relação às políticas criadas para a juventude, um dos erros é que elas são montadas para a juventude e não com a juventude. A juventude não pode simplesmente ser o objeto, ela tem que ser o sujeito.

Sobre arte, penso que todo mundo tem um dom, que poderia ser descoberto através do auto conhecimento. Se fôsse desenvolvido um trabalho de arte na escola, acredito que viveríamos imersos numa sociedade com menos violência. Percebo que se um jovem fala que quer ser cantor, ou pintor, os pais desestimulam os filhos porque essas opções não são lucrativas. Hoje não se faz o que se gosta, mas o que dá dinheiro. Se cada pessoa se auto-conhecesse mais, ela transformaria em arte, qualquer dom, qualquer ofício, porém não é isso que acontece. Eu não gosto de falar que tudo está perdido, porque é como se apagássemos nossos sonhos, nossos ideais e morrêssemos. Acho que devemos sempre reavivar os sonhos, acreditar neles; através do auto-conhecimento vamos descobrir nossa arte e como podemos atuar na sociedade.

Para falar da Silvana hoje, usando uma imagem, eu usaria as folhas e as flores simbolizando a vida. A flor traz vida nova, assim como precisa de água e sol para se adaptar ao solo e crescer, nós precisamos da filosofia para nos desenvolver. Se a flor, mesmo aquela que colocamos num vaso em nossa casa, muda o ambiente e o transforma, a filosofia, a espiritualidade fazem o mesmo conosco. São imagens que se complementam, pois sabemos que é impossível trabalharmos a nossa espiritualidade em meio ao turbilhão do trânsito, da poluição sonora e visual. Somente um espaço tranquilo, cheio de flores e folhas, pode nos aquietar.

O grande anti-herói é o Bush e a sociedade. O Bush porque ele tenta de toda e qualquer forma destruir a humanidade. Pensa que o mundo gira em torno dele, é muito egocêntrico. A sociedade porque não se reage mais a nada, não se luta mais por nada, não se tem mais um ideal. Estamos estagnados no lugar, vendo o mundo se acabar, apenas observando e esperando chegar a nossa hora de não habitar mais nessa terra. Os grandes anti-heróis da minha geração são os bandidos que estão nas ruas e que, de uma forma ou de outra, acabam puxando os jovens para esse mundo cheio de violência.

(Tayrine de Souza Duarte dos Santos (Nho)⁷², 2008)

Meu nome é Tayrine de Souza Duarte dos Santos e tenho quinze anos. Curso o primeiro ano do Ensino Médio no Anglo.

Eu nasci na maternidade de Campinas. Minha mãe também é campineira e meu pai é de Uberaba. Sempre morei em Hortolândia.

Tenho uma irmã de vinte anos e um irmão de dois anos, só por parte de pai. Meus pais são separados e eu moro com minha mãe, minha avó, que me criou, e minha tia. Mas, com o meu pai eu tenho uma boa relação.

40 Narradora/Colaboradora: Tayrine de Souza Duarte dos Santos
15 anos
Terreiro de Ningua Dia Nkisi Dango (Candomblé: Nação Angola)
Rua Sérgio Sidnei de Souza 56 – Vila Inema - Hortolândia
E.mail: tayrine_souza@hotmail.com
Data da Entrevista: 10/05/07
Duração da Entrevista: 40 min.
Transcrição: 05/10/08.

Eu adoro Harry Potter, li todos os livros, vi todos os filmes. Gosto também de comédia romântica, de ir ao cinema e de alugar uma fita para assistir em casa. Quando tenho um tempinho, saio com as minhas amigas. Nós não gostamos de “baladas”, porque preferimos programas mais lights, nos visitamos, fazemos festinhas em nossas casas, vamos ao shopping.

Minha religião e de toda a minha família é o Candomblé. A minha avó, a Mãe Dango, entrou primeiro na religião. Devido a problemas de saúde, ela conheceu o Candomblé e acabou levando minha mãe e meus tios que, desde pequenos, estão na religião. Posso dizer que nasci dentro do Candomblé e é muito legal porque é uma religião bem ampla, que me faz bem, em que eu acredito e que dá resultados em minha vida prática.

Segundo minha avó, sem religião não fazemos nada na vida. O Candomblé me ensina todo dia que eu tenho sempre que olhar para a frente, que eu não posso me desligar das pequenas coisas, que vai dar tudo certo.

Sempre estudei em escola particular. Da primeira à oitava série, frequentei a escola Inovação, em Hortolândia. Minha avó e minha mãe conversaram com eles, por serem adventistas, mas não tive problema algum. São mais religiosos do que no Anglo, por isso o Candomblé não era visto com bons olhos ainda, mesmo assim, eu sempre tive uma relação muito boa com o pessoal. Os amigos continuaram os mesmos.

Não senti muito preconceito na vida, só da parte de uma professora, no Inovação, quando eu estava na quarta série, mas minha mãe foi lá e resolveu tudo. Hoje tem preconceito, mas bem menos do que antigamente. Os meus avós e os meus pais sofreram mais do que eu.

Nós somos da Nação Angola e dentro da nossa religião eu sou Kota ou Ekéde (na nação Ketu), que no Candomblé, é a pessoa que cuida dos iniciados. Eu não "viro no santo", eu não incorporo, não entro em transe, sou a Cambona (assim chamada na umbanda), uma espécie de auxiliar sagrado dos rituais. Eu auxilio as pessoas que "viram no santo", que incorporam e estou sempre ao lado da Mãe de Santo, ajudando-a. Minha função é cuidar, zelar pelas pessoas durante os rituais e durante as festas.

Quando você se inicia no Candomblé, a Mãe de Santo joga os búzios para saber qual é a sua função dentro da religião, qual é o seu orixá, o seu santo, se você "vira no santo" ou não "vira no santo". Depois, você passa pelos processos de iniciação.

O meu nkisi (orixá) é Kaiaia, mais conhecida como Yemanjá, a deusa das águas salgadas e Tawamim (Oxossi), orixá caçador que representa a fartura. Tawamim seria o meu pai, a pessoa que me criou, antes de me entregar para Kaya.

Os nkisis não falam qual é a nossa missão aqui na terra. Independentemente de religião, todo ser humano deve ser bom, ajudar as pessoas, contribuir para um mundo melhor. Dentro da nossa orientação espiritual, a nossa missão é a mesma de todo ser humano aqui na terra, ajudar os outros.

Segundo a minha avó, eu vou me dar bem se seguir a área das ciências biológicas, no caso, a medicina, a fisioterapia, por eu ser de Kaya e Tawamim. Tawamim vive nas matas, tem o poder da cura. Psicologia não daria certo, porque sendo Kaya a "dona da

cabeça", corro o risco de "pirar". Desde os três anos de idade, sempre quis fazer medicina, e a minha avó fala que é a profissão que vai dar certo porque é o meu Arquétipo.

O nome *Nbo* a gente recebe quando é iniciado no Candomblé, é o nome do nosso santo, do nosso orixá, pelo qual somos chamados, dentro e fora do Candomblé. *Nbo* é a abreviação de *Nbomazaletambo*. O nome *Nbo* se pronuncia Embô, o "n" mudo tem som de "i" ou de "e", no Banto. Quando a Mãe de Santo joga búzios, ela descobre o *Djina*, ou seja, o nome do seu santo.

Minha tia está terminando a faculdade de direito e o pessoal da faculdade a chama de Kauzele, que é o seu *Djina*. Toda vez que é falado esse nome, nossa energia é reforçada.

Segundo a nossa religião, vestimos roupa branca na sexta feira, para louvar Lembá, ou Oxalá que, para nós, representa Jesus Cristo, e Zambi, que é Deus. Acreditamos que Lembá foi criado por Zambi, que está conectado à criação do mundo. Também usamos o branco nos dias de nossos santos. No meu caso, que sou de Kaya, uso roupa branca aos sábados. Tanto nas sextas feiras, como nos dias de santo não comemos carne vermelha.

Como pertencemos à Nação Angola, usamos duas línguas o Quimbundo e o Banto. Algumas palavras mudam do Banto para o Quimbundo, mas é pouca diferença. Uma filha da Casa fez um curso na Unicamp de Banto e ela nos ensina. Acho legal, mas é muito difícil, principalmente a pronúncia.

Tem muitas crianças e muitos jovens, entre quatorze e vinte e dois anos, freqüentando a nossa Casa. Eles não são forçados a participar só por acompanharem seus pais. O clima é de muita liberdade. Tem criança iniciada que já "fez o santo", mas não é obrigada a fazer nada. Lá, essas crianças brincam, se divertem e rezam conosco.

Os jovens também vão por conta própria. Eu acho que eles procuram o Candomblé, porque é uma religião que tem muita diversidade, ninguém é igual a ninguém. Em meio a essa diversidade, acabamos encontrando um pedacinho da gente.

Quando as pessoas se iniciam no Candomblé, ficam de quatorze a vinte e um dias recolhidas. Nessas ocasiões, muita gente tem que ajudar nos serviços destinados aos iniciados. No ano passado tivemos muitas "obrigações", mas de modo geral tudo é muito livre e você pode freqüentar a Casa para "rezar no seu santo", "tomar um banho", sem sentir-se obrigado.

Como nas outras religiões, cantamos, rezamos, dançamos, tocamos, fazemos festas para os nossos santos. No Candomblé, cada santo tem a sua dança e é somente à medida que se freqüenta a Casa que vamos aprendendo os diferentes jeitos de se dançar.

Temos várias festas que já estão agendadas, como a de Nkosi (Ogum) e Tawamim. Acontece em junho/julho, quando fazemos a feijoada de Nkosi e montamos a árvore de fruta para Tawamim. É uma festa bem bonita. Quem aparece lá para assistir fica sentado na bancada, pode dançar e bater palmas. Em agosto, tem a festa de Kafunge/Kafundeji (Obaluaiê), orixá das epidemias e que tem poder de cura. Em novembro, a festa das Muatos (Yabás), divindades femininas; a festa de Danda (Oxum), deusa das águas doces e frias; de Matamba (Yansã), deusa das tempestades, ventanias, raios e da morte; de Kaya (Yemanjá), deusa dos mares e dos oceanos e de Zumba (Nana), a deusa mais velha do Candomblé, respeitada como mãe por todos os outros orixás. Nessas festas, nos vestimos

de nossos santos. Há também as festas dos filhos que “deitam” para fazer a iniciação, para se recolherem.

Ser dessa religião é sentir-se livre porque não há obrigatoriedade. Você só vai quando quiser ir. Não conheço outras religiões, mas eu já participei de um culto da igreja evangélica e não me senti bem porque não havia liberdade.

O Candomblé é uma religião de auto-conhecimento. Tem muita gente que chegou na Casa, não falava com ninguém, tinha vergonha de tudo e de todos e hoje parece outra pessoa, você nem a reconhece mais, porque conversa com todo mundo, se diverte. Eu acho que a gente se descobre a partir do momento que a gente se conhece. Depois disso, tudo muda em volta, a gente sabe como lidar com o mundo. Não são os orixás que determinam a sua vida, mas é você que aprende a lidar com os seus arquétipos. Penso que é como diz a minha avó, a gente sabe que ouvir aquela voz do inconsciente e conversar com ela é o mesmo que conversar com os nossos orixás e aprender com eles.

Eu me inspiro bastante na minha mãe e na minha avó. Fora da minha família, eu não tenho muito em quem me espelhar. Na política não tenho ninguém, mesmo porque eu não sou muito ligada à política, não gosto, talvez pelo fato de minha mãe e de minha avó serem muito envolvidas com atividades culturais e políticas na cidade. Minha mãe é assessora do movimento das mulheres na prefeitura, minha avó luta para introduzir a religião na política. Ela tornou lei a "lavagem da escadaria" – juntamente com o ex-deputado estadual Tiãozinho - e ela batalha muito em Hortolândia, coordenando duas cooperativas de reciclagem. Todo esse trabalho toma muito tempo. É uma coisa que eu admiro, porque é bonito o que elas fazem. Através da política, ajudam muita gente, mas se fosse para ir fazer o que elas fazem eu não faria, nada a ver.

A minha avó é conselheira de tudo que se possa imaginar. Então, lá no nosso espaço, em Hortolândia, já houve seminários sobre Preconceito Racial, Vinte de Novembro DST/AIDS, Dia das Mulheres, eventos que sempre envolveram o Candomblé. Agora, elas estão querendo fazer uma conferência das religiões de matrizes africanas. Então, a religião e a política, no nosso Candomblé, estão sempre juntas.

Na semana passada, uma Mãe de Santo, amiga nossa, organizou um evento chamado Grito Cultural. Tivemos o primeiro Desfile da Beleza Negra, em Hortolândia, chamando a atenção para a questão do negro e o seu engajamento na sociedade.

Pelo que eu posso observar no Anglo, os jovens de hoje estão muito desapegados da religião. É pouquíssima gente que vai à igreja católica, evangélica, ao Candomblé, que tenha alguma crença. Eles crêem em Deus e está tudo certo, é só isso mesmo. Não é que eu não me abra para os meus colegas, é que lá não se fala sobre religião. Ninguém pergunta, ninguém está nem aí aonde você vai, aonde você deixa de ir. Só falo alguma coisa quando me perguntam. Tenho uma amiga evangélica e nos relacionamos "na boa", porque não confundimos nossa amizade com as nossas religiões.

Acho que os jovens da minha geração só estão “curtindo” a vida. Eles pensam no hoje e não se preocupam com o amanhã, também não ligam para o que os seus pais pensam. A causa disso, eu não sei; talvez seja a criação, porque se os pais não ensinam um caminho, não tem como ser diferente.

O grande anti-herói é o Bush e a sociedade. O Bush porque ele tenta de toda e qualquer forma destruir a humanidade. Pensa que o mundo gira em torno dele, é muito egocêntrico. A sociedade porque não se reage mais a nada, não se luta mais por nada, não se tem mais um ideal. Estamos estagnados no lugar, vendo o mundo se acabar, apenas observando e esperando chegar a nossa hora de não habitar mais nessa terra. Os grandes anti-heróis da minha geração são os bandidos que estão nas ruas e que, de uma forma ou de outra, acabam puxando os jovens para esse mundo cheio de violência.

A imagem que eu faço de mim mesma é a do fundo do mar. Pois o mar é a criação divina mais fantástica que existe no mundo, o mar é misterioso, profundo, lindo, perigoso, ele guarda nele todos os mistérios possíveis. Sinto-me bem no mar, gosto de estar no mar. É como se o mar fosse minha casa e todas as vezes que vou ao mar é sempre um retorno à casa da mãe. É como se o meu mundo fosse o mar.

*O que me motiva a me envolver cada vez mais com o movimento gay
é o desafio de tentar mudar, é a esperança da mudança.*

(T.R.F.⁷³, 2008)

Sou de Campinas e tenho 25 anos. Meus pais são separados, desde meus nove meses. Cada um deles tem dois filhos de outros casamentos, portanto, tenho quatro irmãos e sou a mais velha de todos.

Até os meus quatorze anos, estudei em uma escola estadual. Nessa época, comecei a ter contato com o movimento popular, através de algumas pessoas que militavam na Escola Estadual Adalberto Nascimento e que nos chamavam para fazer passeatas nas ruas, reivindicar o passe livre. Mas, não cheguei a me engajar.

Quando terminei o Ensino Fundamental, queria fazer o colegial técnico, porque achava que era importante ter uma profissão. Estudei muito e passei em um Colégio que ficava em outra cidade. Em noventa e seis, com quatorze anos, morei em república estudantil nesta outra cidade e me envolvi com o movimento estudantil.

Minha mãe achava legal, meu pai odiava a idéia. Para mim, era fundamental ter essa experiência, mas, na minha avaliação, eu e meu irmão sempre fomos muito precoces em tudo. Bebíamos, fumávamos, namorávamos em plena adolescência. Claro que os adolescentes de hoje fazem tudo isso, mas, para a minha época, não era tão normal.

Durante os primeiro e segundo anos atuei no movimento estudantil, mas só tinha como referência o Zeca ⁷⁴, que conheci no primeiro dia de aula e comecei a namorar. Ele era recém eleito presidente do grêmio estudantil. Namorei ele uns dois, três meses,

⁷³ A narradora/colaboradora não autorizou divulgar sua identificação, e passou a ser designada pelas iniciais T.R.F.

25 anos

Mo.Le.Ca – Movimento Lésbico de Campinas

Rua Costa Aguiar 197 – sobre loja – Centro - Campinas

www.moleca.org.br

Data da Entrevista: 09/05/07

Duração da Entrevista: 1 hora e 38min.

Transcrição: 02/09/08

⁷⁴ Nome fictício.

namoro rápido, mas para adolescente era uma eternidade. Naquela época, queriam separar o ensino técnico do ensino médio, e foi o que o Paulo Renato (Secretário Estadual de Educação) acabou fazendo. A gente criticava tudo, fazia abaixo-assinados, protestos.

No terceiro ano, integrei uma chapa do grêmio e me candidatei, mas nós perdemos. Mesmo assim foi interessante, porque houve toda uma construção anterior. Nós nos reunimos, pensamos nas nossas propostas, na campanha. Apreendi muito. O resto do tempo, passei fazendo festa, vivendo como adolescente.

Quando terminei o colegial, voltei para Campinas. No ano seguinte, entrei no curso de Direito em uma faculdade local e, logo no primeiro ano, comecei a me envolver com o Centro Acadêmico, onde conheci pessoas que militavam nos centros acadêmicos do país.

Naquele ano, foi bem legal. Fizemos uma Semana do Direito, realizando palestras, discutindo principalmente como deveria ser o ensino jurídico, a nossa atuação enquanto profissionais. Pensávamos em formar assessorias jurídicas gratuitas para pessoas que não pudessem pagar, em realizar cursos de cidadania nas escolas.

Em dois mil, montamos uma chapa para o DCE e vencemos. Assumi como coordenadora geral, mas me afastei após seis meses.

Fiz amizade com outros estudantes filiados ao PT, que militavam na corrente Democracia Socialista. Mesmo não sendo filiada, eu participava de algumas atividades porque éramos amigos e tínhamos muitas afinidades. Acompanhava algumas eleições dos Centros Acadêmicos, do Orçamento Participativo, as reuniões da Conferência de Juventude em Campinas. Viajei com eles para o Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes) e da UEE (União Estadual dos Estudantes), representando os estudantes da minha faculdade.

Nesses encontros, conheci uma corrente denominada Quizomba e com a qual comecei a me identificar, porque tinha uma visão muito aberta para alguns assuntos. Falavam de *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros, de negritude, de mulheres, de outras populações discriminadas. Era um grupo que não olhava só para o próprio umbigo, o movimento estudantil, mas que se preocupava com as pessoas menos favorecidas da sociedade, pensava em como atuar na sociedade. Nesta época, namorei o Nando⁷⁵, estudante de jornalismo da PUCC (Pontifícia Universidade Estadual de Campinas).

O movimento estudantil é meio desorganizado, porque é cíclico, começa e recomeça sempre. As pessoas se formam e você passa a contar com gente que, em sua maioria, está no primeiro ano da faculdade, recomeçando as discussões políticas. Com o tempo, fui me desligando, porque já não fazia mais sentido para mim atuar nessa área. Aos poucos fui me aproximando do movimento *gay*, no qual milito até os dias de hoje.

Essa história começou assim. Aos dezoito anos, conheci a Júlia ⁷⁶ e ela se tornou a minha principal referência, dentro do movimento *gay*. Era uma grande amiga e foi uma paixão também. Júlia sempre me dizia que eu não era bissexual, mas lésbica e essa opinião gerava em mim um conflito muito grande, pois não conseguia me identificar. Até os meus

⁷⁵ Nome fictício

⁷⁶ Nome fictício

vinte e dois anos, ela continuou com esse discurso. Naquela época, o próprio movimento *gay* considerava o bissexual como um *gay* enrustido, indefinido. Isso já mudou bastante, mas ainda não é um assunto resolvido entre os militantes.

No final da faculdade, em dois mil e três, a Júlia - que também fazia direito comigo e participava do MO.LE.CA - Movimento Lésbico de Campinas - veio me pedir ajuda para colocar um cartaz da Parada *Gay* dentro do Centro Acadêmico. Nós colocamos o cartaz num mural e espalhamos "folders" no Centro Acadêmico. No dia seguinte, quando voltamos lá, não encontramos o cartaz e nem os "folders". Repetimos a operação e tudo sumiu novamente. No terceiro dia, fomos falar com o presidente do Centro Acadêmico e ele simplesmente nos respondeu que aquele cartaz poderia dar a impressão de que o Centro Acadêmico era *gay*. Iniciamos uma discussão, questionando inclusive a gestão daquele grupo. O pessoal da "velha guarda", que havia perdido aquele ano para essa chapa super "reaça" nos ajudou, porque tratava-se de um caso explícito de preconceito, e o Centro Acadêmico é uma entidade que deve abrigar todos os estudantes.

Um dia, fizemos um protesto, no meio do pátio, contra aquela gestão do Centro Acadêmico. O pessoal ficava me "cutucando" para pegar o microfone e falar a respeito da Parada *Gay*. Naquela época, eu não me assumia enquanto bissexual para todo mundo, e nem militava em nenhum movimento *gay*. Assumi o desafio. Peguei o microfone, contei o que tinha acontecido com o cartaz da Parada, defendi os homossexuais, para surpresa até da própria Júlia. A reação dos estudantes foi heterogênea, alguns riram, outros ouviram e rolou muita fofoca a meu respeito.

Aquele era um momento político importante, porque outros casos de preconceitos enrustidos começaram a aparecer. Naquele tempo, havia uma transexual na faculdade, a Roberta⁷⁷ que, até o terceiro ano, apresentava-se como Roberto⁷⁸. Ela colocou silicone no corpo, começou a "malhar", fazer musculação para ficar com a silhueta feminina e apareceu na Faculdade de Direito, querendo ser chamada, pelos professores, de Roberta e reivindicando o uso do banheiro feminino. As mesmas pessoas que estavam lá assistindo e apoiando a minha fala, discriminavam a Roberta. Então, é muito complicado, delicado, trabalhar com o movimento *gay*, tanto é que a Roberta saiu da faculdade, não agüentou a pressão. Tinha professor que fazia questão de chamá-la de Roberto, apesar dela pedir, encarecidamente que a chamassem de Roberta.

Fiz monografia e terminei a faculdade em dois mil e três. Em 2004, a Júlia me chamou para assistir o primeiro Curso de Cidadania Lésbica, no Mo.Le.Ca. Foi um curso que trabalhava teoria e também com auto-estima das pessoas, com o conhecimento dos direitos que elas devem ter. Eu me encantei demais, me "empoderei" com aquilo, porque me deu consciência dos meus direitos. Apesar de ter feito Direito, esse tipo de conhecimento nós não aprendemos na faculdade. O curso me deu uma força muito grande para me assumir como bissexual.

Em 2004, pela primeira vez, tive contato com outras bissexuais, de São Paulo e Brasília. Trocamos muitas informações, textos e começamos a perceber muitos pontos que a gente tinha que levantar, como essa questão do preconceito dos próprios *gays*

⁷⁷ Nome fictício.

⁷⁸ Nome fictício.

contra os bissexuais, das confusões que as pessoas fazem entre transexual, travesti, bissexual.

Dentro do movimento não fazemos muitas divisões, como por exemplo, entre bissexual feminino e bissexual masculino. Na verdade, teríamos que pensar muito mais sobre essas questões. Acho que, para nós, as diferenciações servem apenas para determinar alguns espaços em que podemos participar ou não. Em uma de nossas discussões, concluímos que uma bissexual mulher, feminina, pode participar da Liga Brasileira de Lésbicas, mas um bissexual homem, masculino, não, porque tem as questões que nós, mulheres, enfrentamos, por sermos mulheres.

Tudo isso é muito novo para nós. Somente agora é que passamos a pensar coletivamente, mas ainda não pudemos fazer um encontro, um congresso de bissexuais. Toda vez que a gente se reúne, aparece um monte de bissexuais com muitas dúvidas existenciais ainda por superar. Passamos duas horas discutindo problemas pessoais do tipo: "Ah! Eu sou bissexual e...eu sou casado"; "eu... fui casado e... mantinha uma relação dupla..."; "Ah! Eu continuo morando com a minha ex-mulher, mas a gente vive separado". Confessamos os próprios problemas e tentamos resolver algumas situações. Estamos tentando superar essa fase para chegarmos a conclusões mais coletivas, ou seja, saber o que nos diferencia, o que é realmente importante para nós em termos de políticas públicas.

Ao falar de políticas públicas, estou pensando, por exemplo, nas cartilhas que o governo faz direcionadas à educação, aos professores: como a bissexualidade deve ser tratada nessas cartilhas; como o professor vai lidar com alunos bissexuais? Nas cartilhas do Ministério da Saúde para orientação sobre saúde de mulheres lésbicas, de que modo ele irá tratar a saúde das mulheres bissexuais? Ou, até que ponto é importante diferenciar ou não?

Faço terapia até hoje, porque ajuda a me descobrir. Ainda vivo uma situação complicada, porque apesar de ter afirmado a minha bissexualidade, de estar me sentindo "empoderada", forte, eu passei casada esses últimos quatro anos, numa relação heterossexual. Somente agora estou vivendo a minha própria bissexualidade. Não sei se acabei deixando o tempo passar e perdi a oportunidade de ter sido um pouco mais adolescente, namorando mais meninas, mesmo que isso ocorresse aos vinte e um, vinte e dois anos. Digo isso, porque já fiquei com mulheres, já transei, mas, até hoje, eu nunca namorei uma mulher, então, tenho medo, dificuldade de me relacionar. Quando começo a me envolver, já parto para outros relacionamentos, e se tiver um homem ali, às vezes acaba sendo uma solução até mais fácil para o não envolvimento. Não sei como vai ser daqui para frente, mas eu acho que queria poder viver mais a minha bissexualidade.

Em dois mil e quatro, aproveitando o surgimento de um espaço de discussão sobre bissexualidade que ocorria em São Paulo chamado Espaço B, organizado pela Regina Facchini, doutora em antropologia e membro da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, comecei a realizar reuniões aqui em Campinas, no Mo.Le.Ca, porém, sendo uma entidade fechada, só para mulheres, as reuniões ficaram um pouco esvaziadas. Sentia falta dos homens bissexuais, então, não promovi mais esses encontros. Em dois mil e cinco, me envolvi com a organização da Parada Gay e com as discussões sobre

bissexualidade, de modo a tirar algumas conclusões coletivas, a partir da minha própria experiência e dos relatos de outras pessoas. Tentamos desenvolver algumas abordagens, mas nada de modo científico. A Regina Facchini é a única do grupo que consideramos cientista. Ela até escreveu um livro, chamado "Sopa de Letrinhas", fruto de uma dissertação de mestrado em Antropologia Social, defendida na Unicamp, em 2002. Ao reconstituir a trajetória do movimento homossexual no Brasil ela analisa a produção de identidades coletivas que se formam a partir de orientações sexuais diversas, daí a expressão "sopa de letrinhas". As pesquisas de Regina, feitas durante as Paradas *Gays* de São Paulo, têm contribuído para uma maior compreensão do universo *gay*. Um dado interessante que apareceu foi a revelação de que os bissexuais sentem mais discriminação na escola do que outros homossexuais.

Os bissexuais começaram a participar do Fórum Paulista GLBT, um espaço que reúne entidades de todo o Estado, mas a nossa atuação se dava de forma mais ampliada, porque nosso objetivo era agir como militantes do movimento *gay*, envolvendo toda a coletividade.

Nesse mesmo ano, fui para o Encontro Brasileiro GLBT, onde realizamos uma reunião de bissexuais que foi muito produtiva, porque nós fundamos o Coletivo Brasileiro de Bissexuais. Atualmente, nosso contato ocorre pela internet.

No começo de dois mil e seis, reiniciamos um trabalho de base aqui em Campinas, voltado para problemas mais amplos, ao invés de nos focar nas lamentações íntimas dos bissexuais e tentativas de convencê-los a respeito da sua normalidade. Aí, criamos o Colméia Bi, um espaço de discussão sobre bissexualidade, mas que acolhia outros segmentos do movimento *gay*. Nossas reuniões aconteciam no Mo.Le.Ca, e o primeiro tema que abordamos fazia as seguintes indagações: quem é bissexual, quais as suas características, a bissexualidade é desejo, prática ou identidade?

Identidade, para nós, é a forma como a pessoa se identifica, é como ela se entende. A segunda reunião também foi muito legal, foi um sarau chamado: "Quem é bissexual?". As pessoas trouxeram material de artistas, de pessoas conhecidas que elas consideravam bissexuais, ouvimos música, discutimos sobre travestilidade, transexualidade, bissexualidade. Participaram um transexual e uma travesti, que são bissexuais. Hoje, conseguimos reconhecer que existem pessoas que nasceram em corpo de homem, querem ter um corpo de mulher e ao mesmo tempo têm desejo por homens e mulheres.

Um outro tema debatido, foi sobre religiosidade, sexualidade e homossexualidade. Algumas pessoas que freqüentavam o espaço estavam se sentindo muito mal com elas mesmas, porque elas tinham uma vontade muito grande de se envolver com o religioso, mas não sabiam até que ponto poderiam fazer isso, por conta da sua orientação sexual.

Também fizemos uma reunião sobre preconceitos contra vários tipos de relacionamentos abertos. Um filme que nos ajudou a pensar essa questão foi o "Uma cama para três". É bem legal, porque retrata a relação entre um casal hétero e uma mulher, gerando várias situações. O filme é uma comédia e mostra uma outra realidade possível de existir, de um relacionamento aberto, que tenha mais do que duas pessoas. Existem bissexuais que têm relacionamentos com mais de uma pessoa, mas também há casais heterossexuais ou homossexuais que mantêm relacionamentos abertos. As reuniões sobre

bissexualidade são sempre para desconstruir mitos, porque sempre tem aquela visão de que o bissexual é promíscuo, que ele vai estar com mais de um, porém demonstramos que existe heterossexual que também vai estar com mais de um, que trai, que mente ou que tem aquele que tem a relação aberta com o parceiro. A última reunião do Colméia que realizamos foi em outubro de dois mil e seis, depois, não conseguimos realizar outras.

Continuo no Mo.Le.Ca, como voluntária. Em alguns momentos eu dei uma força, enviando algumas representações para o Ministério Público, contra atos discriminatórios, prestando serviços como auxiliar administrativa, ajudando a organizar algumas reuniões e a Mostra de Arte Lésbica. Também representei o Mo.Le.Ca. no Fórum Paulista GLBT e no Encontro Paulista.

Desde o ano passado, o Mo.Le.Ca. está meio parado, devido a problemas com a estrutura do prédio, mas, no segundo semestre deste ano, após a reforma do espaço, realizaremos o terceiro Curso de Cidadania Lésbica.

Já discutimos, dentro do movimento *gay*, sobre a necessidade de termos uma capacitação dirigida aos professores, porque, em alguns momentos a discriminação parte do próprio professor, ou ele permite que ela ocorra. É aquela história do *bullying*. Às vezes o menino não é *gay*, mas se ele demonstrar uma maior sensibilidade ou ser mais “feminino”, passa a ser visto como homossexual pela nossa sociedade, tornando-se alvo de todo tipo de discriminação. Essas atitudes marcam seriamente a formação dos homossexuais, principalmente quando partem de pessoas consideradas referências na vida de crianças e jovens.

Estamos aguardando o financiamento de um projeto do Ministério da Cultura, com o qual estamos envolvidos. Entre os dezenove Pontos de Cultura em Campinas, o Mo.Le.Ca. foi escolhido. Uma das exigências da Prefeitura era a oferta de uma contrapartida social, então, pensamos na formação de professores. Assim que a verba chegar, teremos condições de preparar todo o material necessário para trabalharmos nas escolas. Algumas meninas estão na coordenação desse projeto, mas não participo ativamente dele.

O Conselho da Criança e do Adolescente de Campinas produziu um kit contendo uma cartilha, objetos de prevenção e apostilas que foi distribuído para os professores que participaram de um curso de capacitação. Porém, como o curso não foi obrigatório, poucos professores compareceram. O mesmo aconteceu com a capacitação que foi feita com a Guarda Municipal. Aparecem os professores que são super amigos dos *gays*. Por isso, consideramos que essas questões, envolvendo o respeito às diferenças, devem fazer parte da grade curricular das escolas, da formação dos professores, pois o que tem sido feito até o momento não é satisfatório. Fala-se muito nos temas transversais, mas quando se fala em “Orientação Sexual” tudo fica tão transversal, tão sutil, que ninguém entende nada.

Faço questão de afirmar que não adianta nada fazer um dia de palestra dizendo que os *gays* não podem ser discriminados, porque os professores ouvem, mas fingem que estão concordando com tudo que dizemos. Se eles não receberem formação a longo prazo, a maioria continuará fazendo piadas, permitindo que os alunos xinguem outros de “bichinhas” ou coisa do gênero. Enquanto o professor não perceber que essas atitudes

constituem crime, violação dos direitos do homem, e não uma simples “brincadeirinha”, essa situação irá persistir, ferindo e atrapalhando em muito a vida das pessoas.

O que me motiva a me envolver cada vez mais com o movimento *gay* é o desafio de tentar mudar, é a esperança da mudança. Além disso, estou me descobrindo cada vez mais, estou me vendo nas outras pessoas e aprendo muito com as experiências dos outros. Acompanho principalmente os aspectos jurídicos de algumas decisões, como por exemplo, a possibilidade de um casal *gay* adotar uma criança em nome dos dois. Isso é maravilhoso. Sei que esse desejo de ter filhos é uma imposição cultural, mas sinto que gostaria de tê-los. Porém, como conseguir isso se estiver casada com uma outra mulher? Como desafiar a sociedade? Participando de todos os movimentos que lutam em defesa tanto das pessoas que têm uma orientação sexual diferente da heterossexual, como daquelas que, independentemente de serem *gays*, também sofrem preconceitos, discriminações. O envolvimento com esses grupos, me ajuda a ter coragem para andar de mãos dadas com uma namorada, me defender, saber a quem recorrer quando não sou respeitada, adotar uma criança com outra mulher. Tudo me desafia. Acredito que o movimento *gay* traduz uma idéia de liberdade, que pode ser usada em várias situações da vida da gente, de pessoas excluídas da sociedade.

Existem algumas pessoas muito corajosas na área do Direito, que admiro muito. O Dr. Sérgio Suyama é uma delas. Procurador da República de São Paulo, que em nome do Ministério Público, entrou com uma ação pública contra a Rede TV, por causa de um programa do João Cléber, que fazia piada sobre deficientes e homossexuais, na linha das “pegadinhas”. Por exemplo, um ator, vestido de mulher, dava em cima de um homem que reagia violentamente contra a falsa travesti. João Cléber foi mandado embora da emissora e no lugar daquele programa, foi ao ar um outro, produzido por algumas ONSs. Com o nome “Direito de Resposta”, o programa abordava vários tipos de discriminação.

Algumas coisas nós só estamos conseguindo mudar em nossa sociedade com a força de uma ordem judicial. Não estamos mais naquele tempo do “olho por olho, dente por dente”. A força parte do Estado e do juiz. Temos tido grandes avanços, em virtude das decisões jurídicas. O INSS somente passou a aceitar como dependentes os companheiros de homossexuais, em virtude de uma ação civil pública do grupo Nuances, em conjunto com o Ministério Público Federal, no Rio Grande do Sul e mudou a situação do Brasil inteiro. Não adiantou conversar, enviar ofício, milhares de ações individuais contra o INSS. Antes, quando o *gay* morria, o companheiro tinha que entrar com uma ação individual, contratar um advogado, para conseguir receber a pensão por morte. Hoje em dia, não é mais necessário, porque ele vai lá no INSS, apresenta os seus documentos e começa a receber a pensão. Também foi em virtude de decisão judicial que muitos casais homossexuais conseguiram adotar filhos. Então, tenho acreditado nessa possibilidade de estudar, me aprofundar, me especializar, conseguir produzir material e mudar alguma coisa por essa via.

Essa consciência, que tenho hoje sobre o Direito, foi conquistada bem depois, mas sempre tive esse anseio por justiça. Pensei em fazer História, depois, Jornalismo pois gosto muito de ler e de escrever. Quando surgiu a idéia do Direito, eu achei que sendo advogada, poderia mudar as coisas, muito mais do que lecionando, por isso nunca pensei em ser professora. Foi uma escolha difícil, fiz até orientação vocacional.

No quinto ano, eu queria desistir do curso de Direito, porque além de muita burocracia, acabei chegando à conclusão de que não existia uma única verdade. Por mais que eu estudasse, comecei a perceber que a verdade depende de quem vai interpretar a lei, ou seja, da decisão de um juiz. Então, a verdade e a justiça se tornam muito vagas. Durante o curso inteiro, nós ouvimos que o juiz tem que se distanciar da realidade, mas, no fundo, ele é uma pessoa que vai traduzir na decisão dele, as suas convicções, a sua verdade. O que é verdade, afinal? A verdade depende do lado em que você está. Mas, eu não sei se gostaria de estar na pele do juiz, porque é muito difícil decidir sobre a vida de uma outra pessoa.

Na Introdução ao Estudo do Direito, os valores de verdade e justiça são discutidos, mas no decorrer do curso, essas concepções vão sendo abandonadas. Isso me levou a procurar a área de Direitos Humanos. Se tomarmos a Declaração Universal dos Direitos do Homem, veremos que existe nela uma moral universal capaz de traduzir o que seria o bem comum, a justiça, a verdade, o objetivo de todos os povos. Partindo desses princípios universais podemos tomar decisões, convencer os juízes em suas decisões.

É difícil falar sobre *hobbys*, filmes, livros, porque eu milito até nas horas vagas. Mas, gostei muito de "Cem Anos de Solidão", porque ao mostrar a trajetória de cem anos de uma família, Gabriel Garcia Marquez explicita os podres da sociedade, a intimidade das pessoas e as loucuras de cada um. Acho interessante mostrar a vida como ela é.

Quando eu fazia o colegial, ia muito ao cinema, mas ultimamente não tenho ido. Gostei de "Diários de Motocicleta", que é sobre a vida do Che e sua militância. Achei legal o filme "Olga".

Não tenho religião. Acredito em alguma coisa superior, mas sou cética porque as religiões trazem uma carga moral que, muitas vezes, nos condena, nos agride. Alguns padres, pastores aceitam homossexuais em suas igrejas e parece que isso conforta algumas pessoas, mas não tenho essa necessidade, portanto nunca me envolvi com religião alguma.

Em relação à arte, costumo dizer que a minha ligação é mais com a política, através do Direito, mas confesso que aprendi muito quando ajudei, no ano passado, a montar a Mostra de Arte Lésbica no Mo.Le.Ca.

Construímos uma instalação em forma de labirinto, onde as pessoas que entravam se deparavam com manequins de mulheres, com alguns materiais que simbolizavam a vagina, tipo vasos, conchas misturadas na areia e também mulheres lésbicas. Molduramos uma parede inteira com fotos de cem mulheres lésbicas da história. Fizemos uma cortina com duzentos nomes de mulheres. Organizamos uma exposição de quadros, esculturas, retratando a homossexualidade feminina. Exibimos um curta metragem, produzido pelo Mo.Le.Ca e pelo Genésio, um cineasta aqui de Campinas, chamado "Motivos do Coração". É sobre uma menina que se descobre lésbica e resolve sair de casa, para morar com a namorada.

São formas de comunicação diferentes e que nos ajudam a perceber a existência de pessoas como a gente, que sofreram discriminações, que lutaram, mas a história oficial as ignorou e elas ficaram esquecidas. Observamos também que algumas pessoas apesar de

não terem nenhuma afinidade com a temática da Mostra, ao chegarem lá, sentiram-se tocadas, emocionadas pelas obras.

Essa experiência me fez aprender que uma coisa é atuar quando existe uma discriminação, um preconceito e resolver aquele problema pontual. Outra coisa é mudar a consciência das pessoas. Então, aí acredito que entramos no campo da educação e da arte como formas possíveis de se atingir as pessoas.

Não sei que imagem eu faço de mim mesma. Eu me sinto muito jovem, inexperiente. Preciso aprender muito ainda. Acho que eu sou uma menina. Uma menina curiosa, aprendendo a viver, querendo ouvir e conhecer as pessoas.

As informações, os filmes são uma forma de você lutar contra o preconceito, de se inspirar, para também querer participar do movimento. Não sei se existem pessoas específicas que me inspiram, acho que se tiver é meio inconsciente.

(V.A.L.⁷⁹, 2008)

Minha mãe morava em São Paulo e mudou para Campinas há mais de vinte anos. Meu pai separou-se de minha mãe quando eu tinha uns dois ou três anos. Aos dez anos, meu pai faleceu de cirrose. Nos encontrávamos todo mês, quando ele vinha me visitar, e apesar do pouco contato eu sempre gostei do meu pai.

Depois da escolinha, fiz o Jardim II no Pastorzinho, na mesma rua onde moro. Aos seis anos, fui para o Rio Branco e estou lá até hoje, praticamente, a minha vida toda. Se fôssemos juntar tudo o que pagamos com os meus estudos, daria para financiar uma casa.

Eu nunca entendi direito porque, mas entre a segunda e a terceira série, quando eu estava com oito para nove anos, era excluído pelos colegas. Tinha uma relação muito boa com as professoras, agradava, dava beijos, mas tinha sempre uma rodinha de alunos que se juntava para me bater depois da aula. Ou eu saía antes ou tinha de correr. Eles polemizavam comigo e a única explicação que eu encontro é que talvez os meninos tivessem ciúmes de mim com as professoras. Às vezes conseguiam me pegar, daí eu reclamava com a diretora e os meninos inventavam uma outra história. Eu não tinha como

⁷⁹ O narrador/colaborador não autorizou divulgar sua identificação, e passou a ser designado pelas iniciais V.A.L.

17 anos

Grupo E-Jovem de Adolescentes Gays, Lésbicas e Aliados

www.e-jovem.com

Data da Entrevista: 11/05/07

Duração da Entrevista: 37 min.

Transcrição: 07/09/08.

comprovar se era verdade ou não, até que um dia, uma amiga minha levou a diretora onde ela sabia que os meninos iriam me bater, foi quando pegou no flagrante. Eu resolvi mudar da turma da tarde para a da manhã, e foi bem mais sossegado, porque lá ninguém me conhecia. A maioria, principalmente os alunos da quinta série, continuou no colégio e são meus amigos até hoje.

Pela sétima, oitava série, eu descobri que era *gay*. Na verdade, eu descobri que não gostava de mulher. Acho que eu sempre soube disso. E, ao contrário do que todo mundo diz, para mim, não foi difícil. Não passei por nenhuma fase de aceitação. Tudo aconteceu naturalmente. Quando surgiu o orkut, fiz vários amigos pela internet e contatei um cara de Londrina, que conhecia uma ONG chamada E-Jovem.

Eu já tinha entrado no site do E-Jovem, sabia que a sede ficava em Campinas, mas não sabia como chegar lá e não queria pedir prá minha mãe me levar. Eu estava meio dentro do armário. Quando conheci esse amigo, ele me apresentou um outro cara que era do E-jovem. Começamos a conversar e ele, além de me explicar como a ONG funcionava, me levou até lá.

Fomos para o E-jovem exatamente no dia em que eu daria uma entrevista para uma jornalista da Rede Globo, chamada Neide Duarte e que escreveu “Frutos do Brasil: histórias de mobilização juvenil”, um livro que você só encontra na internet. Ela fez poucos exemplares e também ajudou a produzir um vídeo-documentário sobre o livro, do qual eu participei, e que talvez vá ser exibido no Fantástico. Então, no primeiro dia que cheguei lá fiquei meio perdido, assustado. Depois, como a iluminação não estava legal no espaço do E-jovem, que utilizava o espaço da TABA, uma outra ONG que também promove formas de convivência entre adolescentes e jovens, fizemos as filmagens na ESAMC: Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação. Ficou super legal.

Estou no E-jovem desde março de 2005. Quando comecei a participar, ainda não sabia muito bem o que era. Para minha mãe, eu ia para o *shopping*. Aprendi que ônibus pegava, onde parava. Comecei a gostar do grupo, dos assuntos, aprendi várias coisas. Eu me senti tão protegido que na terceira semana eu já contei para minha mãe. Na época eu namorava um menino que também passou a participar do E-jovem.

Para contar para minha família, cheguei no quarto, onde estava minha mãe e uma amiga dela e tentei falar, mas não consegui. Enrolei o dia todo. Chamei minha mãe umas três vezes e acabei falando de outra coisa. Eu precisava de um gancho. Nesse mesmo dia, recebi uma mensagem de uma amiga, então amiga da minha mãe, que disse: “Ah! O seu olho é de quem está apaixonado”. Nem era o meu namorado, era a minha amiga falando besteira, então eu aproveitei e falei: “É..., tô namorando um menino”. Minha mãe aceitou muito de boa. Ela agiu como se eu tivesse falando de uma namorada. Perguntou quem era, a idade, essas coisas normais. Disse que iria conversar comigo mais tarde, mas era só a respeito de proteção, uso da camisinha. No dia seguinte, eu apresentei o menino. Apesar do namoro não ter durado muito, a parte mais difícil já tinha acontecido.

Antes de eu contar para minha mãe, eu contei para os meus amigos. Usei muito o MSN porque eu me sentia mais seguro. Em duas semanas, a escola inteira já sabia. Na época, uma menina, que hoje é uma das minhas melhores amigas, ficou duvidando que eu era homossexual, achou que eu estava zoando. Tive que levar foto.

No começo, sofri um pouco de discriminação, mas não diretamente, porque nunca falaram: "Ah! Seu gayzinho!". Era mais pelas costas que falavam, então, eu deixava para lá. A maioria das pessoas está acostumada, é só o primeiro impacto. Também existem pessoas na escola que não são assumidas. Um menino diz que é "bi", mas tenho certeza que ele é *gay*. Um outro não fala nada, nem que é, nem que não é, mas está estampado na testa. Algumas meninas que conversam comigo dizem que são "bi", sei lá o que elas são. Eu tenho muito mais contato com as meninas e a maioria de nossos amigos são meninas.

No E-Jovem, durante o ano passado, eu fui coordenador social. Coordenava todas as reuniões, trazendo os assuntos e discutindo sobre eles. Um dia, falando sobre a AIDS, eu peguei um pênis de borracha e ensinei a usar a camisinha. Pedi para cada um colocar, e sempre tinha alguém que esquecia de apertar a ponta. Depois, pesquisei sobre muitas coisas, em vários lugares, inclusive nos sites do governo.

Esse ano estou meio atarefado com o vestibular e não poderei ir todas as semanas, aos sábados, como era obrigado. Não que não gostasse, eu gostava. Hoje, sou coordenador de projetos. A minha função é pesquisar os projetos da internet, alguns sites nacionais e estrangeiros, analisar as propostas e as possibilidades de ganharmos alguma verba. Também ajudo a escrever os projetos. Como a maioria dos sites que oferecem verba são internacionais, tenho de dominar a língua, principalmente, o inglês, então, isso vai ser bom para o vestibular.

Vou fazer o vestibular para Engenharia Química, porque foi uma maneira que eu achei de misturar as matérias que eu mais gosto, física, química e biologia. Pretendo me especializar em engenharia genética.

Quando entrar na faculdade, planejo continuar na militância, porque eu gosto e não porque eu ocupo um cargo no E-jovem. Tenho trabalhado no projeto Escola Jovem, que é uma maneira de acabar com a homofobia pela raiz. O projeto dura três anos e através dele já atuamos em algumas escolas, entre elas, a EEPG Thomaz Alves, em Souza, onde um professor foi assassinado por ex-alunos, quando voltava para casa. Acho que esse é um projeto chave para o E-Jovem, porque através das discussões, das idéias que nós passamos, nós temos conseguido informar os jovens e os adolescentes. Existe um ditado que diz: "o preconceito é ignorância", e tem muita gente que por desconhecer quase tudo sobre sexualidade, diz que isso é coisa do demônio. Acho que se o demônio existisse, ele teria mais coisa para fazer do que se preocupar com isso.

Até um certo tempo atrás, diferente da maioria dos religiosos, eu não acreditava num Deus malvado, para quem tudo é proibido. Para mim, desde que você não estivesse fazendo mal a ninguém, estaria pronto para, por exemplo, entrar no paraíso. Hoje, estou revendo tudo isso, porque eu comecei a participar da Igreja Anglicana. Não é evangélica, e apesar de ser considerada protestante, é um pouco parecida com a igreja católica, só que não cultua santos. É uma igreja muito liberal porque respeita você na sua individualidade, pede que a sua fé seja coerente com a inteligência e a razão. Comecei a frequentar porque meu namorado é membro dessa igreja e acabei gostando.

No E-jovem, nós vimos vários clipes mostrando uma forma de denunciar o preconceito. Pelo site, observamos que os jovens *gays* se suicidam por serem *gays* e sofrerem preconceito, principalmente, dentro da própria casa. Inclusive, um amigo de um

amigo meu se suicidou, porque, pelo que a gente ficou sabendo, o pai sempre dizia que se tivesse um filho *gay*, mandava matar. O filho não agüentou e se matou. Acredito que foi até uma forma de enfrentar o pai, ou até mesmo de vingança. Todos esses fatos me inspiram a estudar, a participar do movimento, a estar na militância.

Por ano, são mil e vinte e quatro jovens, mais ou menos, que se suicidam; no Brasil, em média, 3 por dia. Se você pensar bem, enquanto está comemorando o Natal, três jovens se suicidam! O pior não é o preconceito que as pessoas sofrem na rua, mas o que sofrem dentro de casa. Se um cara passar de carro, buzinar e gritar: "Veadinho!", tudo bem, mas se o próprio pai disser isso, pronto... As informações, os filmes são uma forma de você lutar contra o preconceito, de se inspirar, para também querer participar do movimento. Não sei se existem pessoas específicas que me inspiram, acho que se tiver é meio inconsciente.

Nas horas vagas, eu toco violão, ou jogo algum joguinho para me distrair, porque gosto muito de ficar no computador. Quando é época de recuperação, os professores não passam tanta lição, então, aproveito para tocar e jogar um pouquinho mais.

Cinema, eu vou pouco, porque está muito caro. Não existe um filme que me marcou, mas gostei muito de "O segredo de Brokeback Mountain", porque ele mostra que o preconceito mata. Trata-se de dois homens que trabalham juntos em uma montanha isolada. Tornam-se amigos e iniciam um relacionamento amoroso, vivido durante vinte anos. Quando terminam as suas tarefas, cada um segue a sua vida, mas o período em que permaneceram juntos irá trazer para ambos marcas inesquecíveis. Encontros esporádicos acontecem até que um deles é assassinado. O filme não identifica quem mata porque acredito que a intenção do diretor seja mostrar que o autor desse crime é a sociedade.

Dois livros, sobre esse assunto, me marcaram. O "Terceiro Travesseiro", de Nelson Luiz de Carvalho e que também foi apresentado em forma de peça teatral, com a direção de M.A.Q.Cavalcante. Quando passou, eu já estava no E-jovem, sabia quem eu era, mas ainda estava descobrindo o mundo. O outro que eu achei muito bom, é um romance espírita, chamado "O Preço de Ser Diferente", de Mônica de Castro.

Acho que os jovens da minha geração estão muito largados. Na minha sala de aula, por exemplo, metade ficou de recuperação em química, física e português; um terço, em matemática. Para um terceiro colegial, o pessoal ainda não se tocou que tem que estudar, pensar no vestibular, passar numa faculdade boa, porque quem está no Rio Branco, tem capacidade de passar na UNICAMP. Não querendo desmerecer a UNIP (Universidade Paulista), a FACAMP (Faculdade de Campinas), mas são cursos mais fáceis de entrar, não tem tanta competição. Não estou nem avaliando se o curso é bom ou não. Se a pessoa não for competitiva, faz qualquer faculdade. Inclusive, em muitas delas, se inscreveu já entrou. Acho que para fazer faculdade assim, é melhor não fazer. Não sei se o problema está na família, mas eles querem "zoar", acham que o mundo é jogar joguinho de tiro, é não fazer nada, é dormir na aula. Mesmo as meninas, algumas são largadas também. Se "tocam" que não sabem a matéria, um dia antes da prova final.

Quando se fala em política, penso em sujeira, nos deputados envolvidos com negócio de caixa dois, três, quatro. E o presidente ainda vai falar da França, que caixa dois é "normal". Não é só isso, na política nós escolhemos as pessoas, pensando que elas irão

nos representar e nem sempre isso acontece. O trabalho do governo, deveria ser o de ajudar quem precisa. Se fizesse o trabalho dele, não existiriam as ONGs. A ONG é uma atividade política também, porque você tem que conseguir dinheiro para fazer um projeto, pensar como elaborar um projeto, como ajudar as pessoas.

Quanto aos casamentos *gays*, o Brasil ainda está bastante com o pé atrás, em relação aos outros países. A Inglaterra, Holanda, Canadá, algumas cidades nos Estados Unidos, onde os estados são muito independentes, já aprovaram o casamento *gay*, que é aceito como se os casais fossem hetero. Não entendo, porque, no Brasil, isso ainda é proibido. Se está escrito na lei que: "Todo ser humano é igual perante a lei", então todo homossexual tem o direito de casar com um homem, assim como todo heterossexual tem direito de casar com alguém do sexo oposto. Proibir o casamento *gay* é contraditório.

O fato de você viver junto, estando casado oficialmente, seja homem, seja mulher é importante, principalmente se um deles falece. Para se conseguir os direitos é muita briga, e se a família foi contra o casamento, então, é mais complicado ainda. O E-jovem tem um advogado, mas, que eu saiba, nunca precisou cuidar de algum caso nesse sentido.

Quando ocorre agressão, nós tentamos primeiro conversar com as pessoas. Em casos muito sérios, acalmamos a pessoa e indicamos o Centro de Referência GLTTB (*Gays, Lésbicas, Travestis, Transexuais e Bissexuais*), da Prefeitura. Lá tem assistente social, advogado, toda uma estrutura que, apesar de não funcionar como deveria, é uma forma de ajuda. Alguns casos encaminhamos para a Vara da Infância.

A imagem que faço de mim mesmo é dos dois Stick Man, aqueles bonequinhos palitos. Eu os imagino de mãos dadas, dentro de uma paisagem bem legal, com um coraçãozinho, um arco-íris, uma arvorezinha e um riozinho passando.



HISTORIAS DE UNA VIDA

CAPÍTULO 2

A VIDA DE AIRA

Se eu pensar na imagem que faço de mim mesma, eu diria que estou mais parecida com a água em constante transformação, mudando muito, buscando novos caminhos.

Águas correntes, profundas, doces, violentas. Apesar de todas as recomendações indicando a importância de se deixar fluir as entrevistas, o vício acadêmico não abre mão de enquadramento. Aira “obedece” e segue a linearidade que explicito no decorrer de nossa “con-versa”. Na transcrição, regulo o estilo da linguagem, tentando controlar a correnteza perceptível no olhar, nos gestos, nos silêncios, no sorriso às vezes franco, outras, matreiro. Apesar de sugerir um *script*, o relato de Aira é pleno de linhas de fuga. Suas formas de dizer ressoam inúmeras possibilidades de interpretação. Para Rosa Maria Hessel Silveira (2002, p. 139-140), a situação de entrevista é “um jogo interlocutivo em que um/a entrevistador/a ‘quer saber algo’, propondo ao/à entrevistado/a uma espécie de exercício de lacunas a serem preenchidas... Para esse preenchimento, os/as entrevistados/as saberão ou tentarão se reinventar como personagens, mas não personagens sem autor, e sim, personagens cujo autor coletivo sejam as experiências culturais, cotidianas, os discursos que os atravessaram e ressoam em suas vozes. Para completar essa ‘arena de significados’, ainda se abre espaço para mais um personagem: o pesquisador, o analista, que – fazendo falar de novo tais discursos – os relerá e os reconstruirá, a eles trazendo outros sentidos”.

Se as narrativas não têm uma única autoria, ou melhor, “se o autor deixa de ser o sujeito de sua escrita” (BRUNO, 2006, p. 01), é a escritura do texto, é a linguagem “que age e performa não o ‘eu’”. Tento adequar o que Aira diz ao que eu penso que ela diz ser. As palavras de Aira parecem se adequar àquilo que ela pensa ser.

Ao solicitar-lhe que contasse um pouco de sua vida, de sua infância, Aira trouxe à cena a família. Pai e mãe inaugurando o início da sua história, o ponto de partida da formação da identidade. Começa a dizer quem é. Mas, rapidamente, ela percebe a armadilha e passa a não corresponder aos papéis sociais que todas as famílias destinam a seus filhos. Que família é essa? Alteram-se estrutura familiar, relações de gênero, formas de ser homem, formas de ser mulher. O “eu” coerente e centrado das palavras de Aira entra em “con-fusão”. A garota não mais se identifica com ela mesma ou, melhor dizendo, com o que se esperava que ela fosse. À família junta-se, mais tarde, a escola, e a “con-fusão” aumenta. Rompe-se cada vez mais a adequação entre o que Aira diz/faz e o que desejam que ela seja, diga ou faça. Suas brincadeiras, seus gostos, suas vestes não correspondem a um modo de ser menina. Mas Aira não pára de se transformar e a fissura entre o “eu que pensa” e o “eu enquanto objeto pensado” se alarga. Nesse espaço, nesse caminho pela fissura, Aira visualiza novos sentidos para a sua vida.

Paradoxalmente, atribui aos pais a “importância de parar para se pensar”. Esse pensar em Aira faz lembrar Deleuze⁸⁰ (1992). Ela se arrisca a trilhar novos caminhos, a entrar em outros fluxos, a descobrir novas possibilidades de vida.

Ao questionar Aira sobre a forma como construiu sua militância a partir de um herói, de um referente que a mobilizasse surpreendi-me com a resposta: a mãe. Aquela que a expulsou de casa, que preferiu ver a filha grávida casada com um traficante, uma filha que se transformasse em “puta”. Leio e releio a narrativa de Aira e tento compreender. A partir do momento em que Aira obtém uma certa autonomia para se pensar além do dispositivo repressor do papel social a ser cumprido, as “relações do fora” se dobram, se curvam e um interior se constitui, desenvolvendo o que Foucault denomina de “Enkrateia” (1984, p. 60-61). A “enkratéia” que se caracteriza como “uma forma ativa de domínio sobre si” torna possível experimentar outros modos de existência na forma de um cuidado de si, de um trabalho do indivíduo sobre si. Para Foucault, trata-se de uma forma de resistência ao poder subjetivante. As relações com o fora se dobram (não se

⁸⁰ “[...] no momento em que alguém dá um passo fora do que já foi pensado, quando se aventura para fora do reconhecível e do tranquilizador, quando precisa inventar novos conceitos para terras desconhecidas, caem os métodos e as morais, e pensar torna-se, como diz Foucault, um “ato arriscado”, uma violência que se exerce primeiro sobre si mesmo”. Cf. DELEUZE, 1992, p. 128.

reproduzem), se curvam para produzir uma duplicação, permitindo a formação de uma relação consigo mesmo e a constituição de um “dentro”. Temos a subjetivação e não a subjetividade como dobra. Ao dobrar a linha de fora, Aira a enfrenta, cavalga-a, e consegue encontrar na mãe e também no pai um campo fértil para inventar novas possibilidades de vida. Aira os vê como guerreiros e não moraliza seus atos moralistas em relação a ela, filha; consegue descobrir modos de subjetivação fora das malhas do poder que a querem conformar, padronizar. Aira resiste, combate sem se deixar curvar aos princípios que negam a arte da sua existência e, nisso, se identifica com os pais. Mostra à mãe que a homossexualidade não é “putaria”, ou campo de desejos desenfreados. Não se trata de uma constituição de si como sujeito moral, e sim da consideração progressiva de si, numa tentativa de se desprender de si e permitir a formação de um “dentro” surgido da dobra do “fora”.

A VIDA DE CÍNTIA

(...) se fosse para falar de um desenho que eu faria de mim, eu desenharia uma menina melhor, educada, respeitosa, bem inteligente. Essa menina estaria vestida de azul.

Ao me dirigir à TABA para entrevistar Cíntia, concentrava-me em alguns dados fornecidos pela instituição e que diziam respeito principalmente à sua “resiliência”. Os maus-tratos sofridos desde a infância e a sua capacidade de recuperação transformavam essa jovem em um exemplo de luta, relatado e discutido entre os educadores que lá atuavam.

Não tinha certeza se havia aceitado me receber por vontade própria ou se quis atender à solicitação de uma das coordenadoras para colaborar em minha pesquisa. Quando cheguei à hora combinada, Cíntia ainda não havia retornado de uma visita feita à sua madrinha. Eu estava ansiosa por conhecê-la.

Após meia hora, ela chegou acompanhada de uma das coordenadoras, que apresentou-me à jovem como sendo “aquela pesquisadora da Unicamp, amiga da Maria Angélica”.

Com a sua autorização, liguei o gravador, expliquei-lhe os objetivos do projeto e iniciamos a nossa conversa. Surpreendi-me com a forma séria e pensada com a qual contou parte de sua história, a partir das perguntas que ia lhe fazendo. Passados quinze minutos, era visível o seu cansaço; então, resolvi finalizar a entrevista. Retornei alguns dias depois, com a textualização provisória desse nosso primeiro encontro.

No intervalo entre as duas entrevistas, fiquei inquieta, um turbilhão de idéias e sentimentos tomou conta de mim. O que fazia de Cíntia uma jovem militante? Corresponderia ela a um modelo de militante? Estaria eu sob o domínio de um modelo

“ortopédico” de militância, ou seja, do “iluminado”, daquele que impõe ao outro “o que acredita ser a única verdade possível” (RAGO, 2009, p. 261)?

Finalizada a textualização, retornei à TABA. Cíntia estava dormindo em um sofá próximo à sala onde mais tarde conversaríamos. Passados alguns minutos, um educador a despertou, pois a garota precisava tomar seus remédios. Sonolenta, ingeriu 10 cápsulas, olhou para mim e reclamou da náusea e das dores de estômago provocadas pelo excesso de medicamentos.

Fiquei em silêncio por alguns minutos e relutei em mostrar-lhe a textualização que redigi; mas a opção de deixar isso para um outro dia não me dava garantias de encontrá-la novamente. Pedi a ela que lesse o texto e fizesse as alterações que desejasse por escrito ou oralmente. Inquieta, Cíntia fez a leitura com muita dificuldade e se absteve de qualquer comentário. Estava triste e preocupada, pois recusava-se a voltar para o hospital no final do dia - rotina que passou a fazer parte de sua vida, uma vez que, já tendo 20 anos, não poderia mais habitar em um abrigo. Sua vontade era morar com uma das pessoas que trabalhava na TABA.

Em relação à pesquisa, manifestou o desejo de que seu nome pudesse ser identificado; porém, ouvindo as ponderações dos educadores sobre como a história do seu passado poderia ameaçar a sua segurança, subitamente exclamou: “Cíntia”, nome que considerava muito bonito e que recebera algumas vezes ao passar por processos de adoção na infância.

Passados mais de dois anos após essa entrevista, ainda sinto a minha impotência diante de uma história que, apesar de revelar muito sofrimento, apresenta-se de forma linear, racional e objetiva. Nem os medicamentos fortes conseguiram “derrubar” Cíntia. O texto “transcrito” é quase uma transcrição da conversa anotada por mim, com pouquíssimas alterações.

Como nos ensina Foucault (2004, p. 9), a linguagem sempre esteve sob coerção e saber manejá-la segundo normas específicas é saber que não se pode dizer tudo, falar de tudo, de qualquer coisa em qualquer circunstância. Cíntia se expressava bem, articulava idéias,

sabia o que devia e não devia falar. Resistia ao sofrimento, aos choques que a vida lhe impôs. Sonhava em ser professora, em ter um emprego, uma “profissão legal”. Estaria aí sua “resiliência”?

Houaiss (2001) nos oferece duas etimologias para a palavra resiliente. A inglesa (*resilient*), na qual o resiliente é aquele que tem a capacidade de se recobrar de um golpe trágico facilmente, de se adaptar à má sorte ou às mudanças; e a etimologia latina (*resilire*), com o sentido de saltar para trás, voltar, ser impelido, relançado, retirar-se, encolher-se, diminuir-se, rebentar, romper, dobrar-se.

As histórias que acompanhei após meu encontro com Cíntia vão de encontro à primeira acepção citada de resiliente: a essa capacidade que o resiliente tem de se adaptar. Por várias vezes, Cíntia disse “não” ao hospital, estava farta dos remédios baratos que deformavam seu corpo e seu belo rosto; fugia - eu diria “saltava fora”.

As palavras ditas confirmam um mundo que nos soa familiar: abandono, envolvimento com as drogas, tentativa de suicídio, internação, a recuperação, os sonhos. Recuperada, poderá realizar-se como pessoa livre das drogas, transformando-se numa “menina melhor, respeitosa, bem inteligente”. Uma “jovem exemplar”. Porém, a intensidade de sua vida turbilhona o texto da entrevista em sua aparente neutralidade. Precisei de muito tempo para perceber isso.

Há, no texto, um grito que se escancara. Como não pude ouvi-lo antes? Um grito que desvia a tentativa de encontrarmos um centro, uma origem, uma explicação.

Pélbart (2005, p. 290), referindo-se a Bataille, coloca que a “experiência-limite” desapossa o sujeito de si, do mundo, do ser, da presença, da consciência, da verdade, da unidade, da totalidade. Uma tal experiência pode ser transformada em uma “interioridade confortável”, desde que o resiliente se adapte, se “trate”; em loucura, quando essa experiência leva o sujeito ao seu próprio aniquilamento; ou em desrazão, quando forças resistem a um estado de coisas. Que forças seriam essas? Seriam as forças do Fora, que

obrigam o pensamento a pensar diferentemente, “que arrombam o pensamento para aquilo que ele não pensa ainda”⁸¹.

Na encruzilhada, Cíntia percorre o caminho institucional e ao mesmo tempo “salta para trás”, nega-se a cooperar totalmente, deseja uma vida mais livre. A pintura, os mosaicos “tiram” de dentro dela “todo o sentimento ruim”, o que passou na vida, e ainda trazem sentimentos bons - e ela fica alegre.

Sentimentos bons, sentimentos ruins, tristeza, alegria, uma heterogeneidade de forças externas causam intensidades, “afectos”⁸² que podem desencadear uma “mutação subjetiva”⁸³ e, com ela, resistências que dobram o Fora abrindo o jogo entre Razão e Desrazão.

Expostos ao Fora, aos encontros, às perturbações, às violências do exterior, todos nós nos conectamos com diferentes modos de ser, com uma multidão de estímulos que nos afetam e que tanto podem nos levar a explorar novos modos de nos relacionarmos com o mundo quanto nos aniquilar. As nossas dores - a dor de Cíntia - nos colocam na condição de corpos afetados pelas forças do mundo, “mas nem por isso doente(s)” (PÉLBART, 2004, p. 145). Adoecemos quando não conseguimos mais “dobrar as forças do Fora”, quando somos devastados por todas as forças; então, entramos em colapso, uma vez que sentido e sujeito se perdem. Não se trata de perder a consciência ou a identidade, mas de não podermos mais reconstituir um território autônomo onde possamos viver experiências que, ainda que sejam desarrazoadas, não nos levem à loucura.

Se o modo de relação com o Fora é determinado historicamente (PÉLBART, 2009, p. 159), se hoje, mais do que nunca, a nossa subjetividade acha-se sob o domínio do capital, a ponto de Guattari referir-se a uma “subjetividade capitalística” (GUATTARI e ROLNIK,

⁸¹ PÉLBART, *op.cit.*, p. 294 – 295.

⁸² O “afecto” é diferente do afeto, ou das “afecções”, como diriam DELEUZE e GUATTARI (1992, p. 213), ou seja, diferente do sentimento que nos liga a alguém, por amor ou ódio. Não é imitar, não é ter simpatia, nem é identificar-se com um determinado modelo de comportamento; é desgrudar das nossas percepções correntes e vividas, dos moldes que nos impedem de experimentar de forma problematizada tudo que nos inquieta.

⁸³ PÉLBART, *op. cit.*, p. 297.

2000, p. 33-45), o que resta do nosso poder sobre a vida? Como é possível a relação com o Fora, sem enlouquecermos? Responde Pérlbart (2003, p. 149):

“Coube a Deleuze explicitar que ao poder sobre a vida, deveria responder o poder da vida, na sua potência política de resistir e criar, de produzir e fazer variar as formas de vida. (...). Nessa perspectiva, se é claro que o capital se apropria da subjetividade e das formas de vida numa escala nunca vista, a subjetividade é ela mesma um capital biopolítico de que cada vez mais cada um dispõe, virtualmente, loucos, detentos, índios, mas também todos e qualquer um e cada qual com a forma de vida singular que lhe pertence ou que lhe é dado inventar – com consequências políticas a determinar”.

A VIDA DE JAQUELINE

Tenho uma imagem que eu adoro, da Ângela Davis, que foi do Black Panthers. Ela usa black power e está com a mão para cima, o punho fechado, lutando contra a opressão. É referência porque representa a juventude negra organizada.

Direta, raciocínio rápido, sem rodeios, preparada para uma “guerra” como tantas outras enfrentadas durante a sua vida. Conhecia o “vício” de alguns pesquisadores que olham o diferente como “folclórico”, “exótico”, ou como portador de uma “deficiência”, o diverso a ser tolerado, respeitado, integrado na cultura que o hospeda de modo benevolente.

A postura corporal guerreira de Jaqueline expressava a distância que nos separava. Reconheci, nos primeiros momentos da nossa conversa, a alteridade daquela jovem. Uma alteridade que me atingia também e que abria uma fissura, um vazio, por onde um acontecimento novo, inusitado, poderia acontecer.

“(…) pode-se dizer que a relação de alteridade implica uma estranha relação: a assimetria na qual não posso reconhecer o outro como outro, mais do que na diferença”
(TÉLLEZ, 2001, p. 61).

Jaqueline defende veementemente a sua negritude afirmando uma identidade que foi (está sendo) construída desde a infância a partir de sua identificação com o movimento *Hip Hop*. O irmão e os primos militantes ajudaram Jaqueline a ressignificar os sentidos dos valores que interiorizou quando pequena, como, por exemplo, expor-se cada vez mais ao sol para conseguir ter cabelos claros. Sofria, sofre na pele a exclusão, o não-pertencimento a um grupo dominante e, através da desigualdade sentida, tentou adquirir as marcas do branqueamento e de tudo o que elas significam em termos de acesso privilegiado aos bens materiais e simbólicos.

Se “afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora” (SILVA, 2000, p. 82), acredito que, nesse primeiro momento, Jaqueline buscava um Fora, tentando moldar-se às exigências impostas. Não dobrou o Fora, “clausurou-se” nele (PÉRBART, 2009, p. 143) e ficou submetida a uma “oposição binária” na qual o branco recebe um valor positivo em relação ao negro. Não se trata simplesmente de adquirir uma “identidade branca” pois, como afirma Silva⁸⁴, ser branco não é ter “uma identidade”, mas “a identidade”, tida como normal, única, desejável por todos; há nesse processo uma normalização que elege arbitrariamente as qualidades da “identidade normal” – branca - e os defeitos das “outras identidades”.

Mas essa normalização não tem terreno fixo, e Jaqueline escapou, tentando subverter o que lhe foi imposto, desta vez “dobrando as forças do Fora”. Na igreja, denuncia a “demonização” da cultura e da identidade negra; na universidade, a forma dissimulada como as negras e os negros são excluídos, ao não serem contemplados pelas organizações estudantis instituídas, ou mesmo quando a universidade escolhe o dia 13 de maio como o dia da “libertação dos bichos”; e também quando a academia revela o seu despreparo para discutir em sala de aula as questões raciais.

No relato de Jaqueline, os negros brasileiros reivindicam uma identidade afro-brasileira mas, por não serem reconhecidos em seus direitos, buscam referências externas ligadas às raízes culturais africanas, solidarizando-se com os negros de outros lugares que, igualmente vítimas da opressão do branco, consideram-se negros da diáspora e não negros das nações em que foram colonizados. Esse processo tem levado a maioria da juventude negra, principalmente os jovens vinculados ao *Hip Hop*, a se reconhecer como pan-africanista, uma vez que o movimento negro no Brasil vem se afirmando como sendo negro e não mais afro-brasileiro.

Para alguns militantes e estudiosos, o movimento pan-africanista é um movimento que busca encontrar soluções para as crises de diversas regiões do continente africano, provocadas pelos colonizadores europeus e instituições internacionais que, desconsiderando as especificidades históricas, religiosas e linguísticas dos povos

⁸⁴ SILVA, *op.cit.*, p. 83.

africanos, traçaram as fronteiras do continente, criando a partir da Conferência de Berlim (realizada nos anos de 1884 e 1885) uma base legal para justificar o “processo de partilha” desse continente (HERNANDEZ, 2008, p. 45 -67).

Reterritorializada⁸⁵ a África passou a existir sob o controle político, econômico e cultural estabelecido pelas nações colonizadoras juntamente com as elites africanas que aderiram à política expansionista territorial européia. Mas, como não existe reterritorialização sem desterritorialização⁸⁶, novas tensões são criadas e vários reinos africanos⁸⁷ desafiam as estruturas de poder, opondo-se às políticas de assimilação dos brancos. No espaço estriado, ou seja, controlado e vigiado, as resistências engendram linhas de fuga e, com elas, movimentos que possam ressignificar o instituído. As formas de combate travadas se voltam ao solo africano e hoje congregam os africanos e seus descendentes, vivam ou não na África, para promover o resgate das práticas religiosas, dos rituais dedicados aos ancestrais, o incentivo às línguas nativas, a integração entre os diferentes países africanos, propiciando um remanejamento étnico, separando os grupos rivais e unindo grupos que foram separados pelos colonialistas. Uma pátria livre, de africanos para africanos, ou seja, uma reterritorialização, mas, desta vez, sob o controle dos povos africanos.

Essa reterritorialização também pode ser promovida a partir de imagens míticas. Quando Jaqueline lembra que os *griôs*, através do canto falado, propagavam uma ligação entre todos os escravos para que “o senhor” não pudesse separá-los, penso neles como os

⁸⁵ “Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente ‘em casa’. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos”. A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante. O capitalismo é um bom exemplo de sistema permanente de reterritorialização: as classes capitalistas estão constantemente tentando ‘recapturar’ os processos de desterritorialização na ordem da produção e das relações sociais. Ele tenta, assim, controlar todas as pulsões processuais (ou phylum maquínico) que trabalham a sociedade”. Cf. GUATTARI e ROLNIK, 2000, p. 323.

⁸⁶ “O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios ‘originais’ se desfazem ininterruptamente com divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais”. *Ibid.*, p. 323.

⁸⁷ HERNANDEZ, *op.cit.*, p. 109-130.

contadores de histórias responsáveis, na tradição oral da África, por divulgar as epopéias dos heróis “símbolos da gênese dos seus povos e de suas trajetórias” (HERNANDEZ, 2008, p. 30). A unidade do povo negro derivar-se-ia do seu destino comum, marcado por injustiças, violências, pela rememoração da vida dos seus heróis, e não por partilharem do mesmo território.

Sem rumo, desterritorializados, espalhados pelo mundo, buscam criar um novo espaço. Reterritorializam-se em lugares dos quais se reapropriam, lugares onde seja possível falar e se posicionar, dando sentido à experiência de exclusão e de opressão vivida pelos africanos dentro e fora do continente.

Ao citar o *Hip Hop* como um movimento da diáspora africana ou de “Origem Africana de Descendência Quilombola”, Jaqueline me faz mergulhar tanto na idéia de um “mito fundador” que busca unir todos os africanos e seus descendentes numa comunidade única capaz de lhes garantir um *ethos* comum e fortalecê-los na luta contra a opressão do homem branco, quanto na idéia de deslocamento, de nomadismo, de “identidade móvel”⁸⁸, de modo a restaurar a unidade de uma “comunidade imaginada” sempre por vir ⁸⁹. Uma comunidade “que religa sem a medida do comum e da unificação”, sem nexos com a mesmice e a identidade.

A militância de Jaqueline me faz pensar que, para além de uma luta política por uma identidade, ela busca afirmar uma vida em que a história pessoal vai dando lugar não ao “eu” individual, ou a uma “identidade original”, mas a uma interioridade sempre fora de si mesma. Arrancada de sua interioridade, Jaqueline não pensa os espaços de convivência entre negros e brancos, pobres e ricos, fundamentados no “amor ao próximo”, ou segundo o princípio da tolerância em relação à diversidade cultural. Os “affectos” que atravessam sua fala, seu corpo, sua narrativa são “armas de guerra”⁹⁰ capazes de potencializar essa comunidade por vir, sempre em movimento.

⁸⁸ SILVA, *op. cit.*, p. 86.

⁸⁹ TÉLLEZ, *op.cit.*, p. 65.

⁹⁰ Guerra entendida aqui enquanto “máquina de guerra”, oriunda de agenciamentos originais advindos de uma coletividade e de sua inventividade. Somente quando essa máquina é apropriada pelo Estado é que toma

Se, como nos adverte Mia Couto (*in* HERNANDEZ, 2008, p. 12), o “rosto do continente só existe em movimento no conflito entre o retrato e a moldura”, a imagem de Ângela Davis, do grupo “Black Panthers”, trazida por Jaqueline, nos convida a pensar que uma vez rompido o Uno e o Mesmo, é possível surgir novos modos de subjetivação política, abrindo fendas por onde se constroem mundos singulares de comunidades, “mundos de desacordo e dissentimento, mundos nos quais aparece o plural das vozes daqueles que foram privados de voz”⁹¹.

a guerra, no seu sentido usual, por objeto. De agenciamento de guerrilha passa para operação militar . Cf. ZOURABICHVILI, 2004, p. 33-34.

⁹¹ TÉLLEZ, *op.cit.*, p. 76.

A VIDA DE NAYARA

Gostaria de terminar, trazendo uma imagem que divulga o trabalho do grupo Kamberimbá nascido em São Paulo, no ano de 1998, e que se fundamenta na música africana da região do Mande, formada pelos países da Guiné, Mali, Senegal, Costa do Marfim e Burkina Faso. Sob o olhar da Máscara Konden, um dos símbolos do grupo, duas bailarinas expressam com os seus corpos a musicalidade percussiva do djembê, oferecendo, para quem olha a imagem, a sensação de alegria e vigor que a sonoridade desse instrumento milenar provoca em nós.

Localizada na Vila Padre Manoel da Nóbrega, região noroeste do município de Campinas, a Casa de Cultura Tainã surpreende as pessoas que lá chegam. Simplicidade e delicadeza acolhem os visitantes; jovens e crianças ao sentirem-se atraídos por aquele espaço percorrem as poucas salas existentes com olhares curiosos. Máscaras, livros, quadros, computadores, tambores de aço e outros instrumentos reativam nossa memória imaginativa⁹², aquela que reabre nosso passado não para lembrarmo-nos da cronologia dos fatos contados pela história oficial, mas para encontrarmos nesse passado os vestígios que o tempo sufocou, mas aos quais o presente tenta juntar e atribuir sentidos, ainda que provisórios e efêmeros.

Todos aqueles objetos, o espaço físico, os encontros, as conversas provocaram em mim um sentimento “afetual” (MAFFESOLI, 1987, p. 106), que não consiste em “fusão emotiva”, mas num conjunto de forças que mobilizam “afectos” e “perceptos” (DELEUZE e

⁹² Eu me refiro a uma memória criativa, “labiríntica”, que reabre o nosso passado a múltiplas possibilidades. Rememora-se o passado como um caminho a ser percorrido em seus becos, em suas sombras, em suas luzes escondidas. MATOS (1989, p. 80–93) refere-se a uma “Cidade Labiríntica”, ou seja, “lugares fugidios por onde passam o flâneur e a criança”. A memória infantil não se deixa dominar pela percepção programada dos adultos, ela busca aliados, fazendo “um pacto com objetos e lugares, sacadas, passagens, becos-sem-saída”.

GUATTARI, 1992, p. 213). Forças que advêm de situações concretas e que nos fazem conectar com diferentes modos de ser, de falar, de dizer, de agir.

Nayara nasceu num ambiente de sonoridades percussionistas, de danças populares e africanistas. Uma rede de amizades configurou sons vindos de vários países: Guiné, Argentina, México. O tradicional e o contemporâneo das diferentes culturas constituíram um mosaico de fragmentos que delineiam um “espaço liso”⁹³ a ser percorrido por esses viajantes musicais. Conforme escreve Pais (2004, p. 34), essa “peregrinação arqueológica” em busca de fragmentos culturais, de “raízes” culturais dispersas, constitui uma configuração “caleidoscópica” porque negros e brancos, ao se verem como se o presente fosse espelho do passado, são atravessados por figuras estranhas que invadem o familiar, o instante. Diante dessa visão, unidades heterogêneas são justapostas, identidades são imaginadas, reinventadas, e formam-se constelações culturais híbridas.

Estar naquele espaço era permanecer junto a um amontoado de “ruínas”⁹⁴, cuja unidade foi perdida; porém seus cacos permaneciam ali, “suspensos na espera”. Não se espera retornar ao “originário”, à África ancestral, mas ao momento propício em que uma outra memória, ao deter-se sobre as ruínas, tenta recriar sentidos que devolvem aspectos desconhecidos de nós e que ampliam nosso entendimento sobre o mundo.

Conhecer Nayara e seus heróis significou situar-me num fluxo que leva a várias direções e que mostra o esfacelamento do mundo em que vivemos. Ouvi-la propiciou-me encontrar os sentidos de alguns estilhaços perdidos que nós continuamente tentamos reunir. Foi preciso deixar-me levar por aproximações inesperadas e assim descobrir uma pluralidade de movimentos, de vozes, de sons, até então inexplorados.

⁹³ O espaço nômade é liso, um campo particular de multiplicidades rizomáticas que ocupam o espaço sem medi-lo. Esse espaço é marcado apenas por “traços” que se apagam e se deslocam com o trajeto. Cf. DELEUZE e GUATTARI, 1997b, p. 38, 52.

⁹⁴ Recorro aqui a Walter Benjamin (1987, p. 226) e a sua noção de História. Para Benjamin, o mundo está em pedaços, e a História assemelha-se a um *amontoado de ruínas*, sendo impossível para o homem reconquistar a unidade perdida. O que resta a ele? Segundo Benjamin, a salvação está em recolher os cacos, não para reencontrar o passado como ele foi, mas para buscarmos o que foi esquecido e abafado pela violência dos grupos no poder.

⁹⁵ Conforme a bela expressão de Olgária MATOS (1989, p. 68).

Quando Nayara apresentou-se como a “princesa dos igarapés”, lembrei-me da tradução tupi para igarapé, “caminho da água” e também do ensaio de Bachelard (1989) sobre a água e os sonhos. A matéria água, enquanto “força imaginante”, compõe com o fogo, o ar e a terra; ao se jogar com as imagens de suas combinações inventam-se, criam-se novas imagens, ultrapassando as formas já dadas, percebidas, aprendidas. Águas claras, primaveris, correntes, amorosas, escuras, lodosas, violentas. Água, elemento fundamental das misturas, provocadora de vertigens.

Diz Bachelard⁹⁶ que é preciso ter ouvidos de poeta ou imaginação criadora para ouvir o canto do rio – “palavra sem pontuação”. Uma vez que a água é “a senhora da linguagem fluida”, que “abranda o ritmo” e, ao mesmo tempo, acolhe ritmos diferentes, Nayara, ao se autodenominar como “princesa das águas/igarapés”, traz em seu corpo, em seus gestos, em sua voz, em sua forma de pensar o mundo, as marcas de uma musicalidade criadora. Ao tocar, ao dançar, a jovem dá expressão aos acontecimentos que não puderam ser nomeados, às testemunhas que não existem mais (Vilela, 2001, p. 248) – utilizando uma memória labiríntica, em farrapos para compor mundos, o que significa transmitir sensações de algo que se passou e que, “de alguma maneira, nos afeta porque coexiste com o nosso modo de vida”⁹⁷. São os sofrimentos, os protestos, as lutas sempre renovadas que nos atravessam aqui e agora.

A musicalidade que perpassa Nayara “excede os estados perceptivos e as passagens afetivas do vivido” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 222). Nayara não lembra os acontecimentos do passado através de suas atividades artísticas; ela “se torna” ritmo, palavra, som, água, fluidez. Serve-se dos afectos desencadeando, nela e em nós, composições e ritmos de embates, de alegria, de tristeza, de revolta, de luta.

Os sons advindos dos tambores de aço, do maracatu, do djembê fazem tensionar “espaços de referência” tais como a “africanidade”, a “negritude” e a “brasilidade” (CONTADOR,

⁹⁶ *Op. cit.*, p. 193.

⁹⁷ Conforme transcrição, da primeira aula, em 23/03/2001, do curso de Luiz FUGANTI: *Curso Básico de Filosofia: A Formação do Pensamento Ocidental*, p. 01, disponível no site: <http://escolanomade.org/textos/fuganti-luiz/a-formacao-do-pensamento-ocidental-aula1>. Acesso em: data 06/01/2009.

2004, p.159-164). A África surge incorporada aos ritmos dessas músicas como de várias outras sonoridades; o negro aparece como o “exótico”, mas também como o sobrevivente, lutador, rebelde; a mestiçagem que marca o jovem negro brasileiro o insere num processo constante de hibridização cultural.

Quando Nayara afirma que o trabalho da Casa Tainã caminha na contramão da mídia, despertando a consciência política dos jovens, e que também enfrenta resistências, citando o caso de muitas meninas que chegam “construídas segundo modelos padronizados”, ela nos dá indícios de que existe um consenso cultural, musical e artístico negador das distinções, dos conflitos existentes naqueles espaços de referência, mas que é atravessado por “signos ruidosos”⁹⁸, nos quais os espaços de africanidade e de negritude, antes fora da matriz identitária coletiva, turbilhonam as tentativas de incorporar a brasilidade no âmbito da negociação das diferenças, segundo a lógica cultural conciliadora, voltada para os “padrões ocidentais”.

O relato de Nayara nos faz pensar que a Casa de Cultura Tainã é atravessada por relações de força que, ao tensionarem aqueles espaços de referência (africanidade, negritude, brasilidade) partilhados por jovens que frequentam a instituição, provocam tanto a adesão às atividades quanto a rejeição, pois esses jovens, uma vez confrontados com sentimentos e valores culturais que não foram vividos por eles nem por seus grupos de convivência, tendem ou a buscar a memória que lhes foi negada ou aquilo que estão acostumados a ver e ouvir pelos meios de comunicação.

O sentimento de abandono que permeia a história de muitos jovens descritos por Nayara faz com que muitos deles recorram a vínculos integrativos dentro da Casa Tainã. Os ritmos dos tambores de aço, criados pelos afro-descendentes jamaicanos da ilha de Trinidad, as danças com suas coreografias inspiradas nos balés africanos, o djembê, tambor milenar da etnia Malinkê (Guiné/Mali), o maracatu e seus cortejos, memorando as antigas cortes africanas, talvez todas essas musicalidades tenham a potência de recriar o passado, através dos seus arranjos, sonoridades, ritmos e de revigorar o presente

⁹⁸ CONTADOR, *op.cit.*, p. 165-169.

daqueles que vivem uma existência precária, desenraizados da escola, da família, da sociedade.

Fundamentando-se numa obra de Fausto Colombo (1991), denominada *Os Arquivos Imperfeitos*, José Machado Pais (PAIS, 2004, p.25), considera que “identidades destroçadas (...) podem reavivar-se reunindo os cacos ou fragmentos destroçados, dando lugar às presenças que são reveladas pelas ausências - de origens perdidas, esquecidas, relembradas ou inventadas”.

Como “princesa dos igarapés”, Nayara é a guerreira ⁹⁹ (DELEUZE e GUATTARI, 1997b, p. 12) que flui, sem perder o chão, o que é próprio e imanente à vida.

Quando se refere aos pais como sendo seus heróis, traz pais que não correspondem a um modelo a ser seguido como uma instância fora da sua vida, mas enquanto “acontecimentos”¹⁰⁰ que geram encontros com a diferença, potências de vida, possibilidades de criar, de inventar, de pensar.

As sonoridades que atravessam Nayara ecoam não só ritmos musicais festivos, mas também “batidas de resistência”, embates daqueles que, desenraizados, não temem percorrer o itinerário nômade num espaço aberto ¹⁰¹. O movimento não é de partida para um passado mítico idealizado, mas de responder ao desafio daquele que sabe esperar o momento propício para agir. Ao invés de movimento, velocidade intensiva sem sair do lugar. Imóvel em sua timidez, calma e tranquila, faz emergir subitamente um gesto rápido e imperceptível. Como todos os desterritorializados, Nayara habita os lugares reterritorializando-os, fazendo-os crescer, criando diferentes sonoridades, imagens rizomáticas que se irradiam em múltiplas direções.

⁹⁹ Segundo DELEUZE e GUATTARI (1997b, p. 12-13), o guerreiro é “multiplicidade pura”, é a “potência da metamorfose”. Os “afectos” que atravessam seu corpo são as suas armas de guerra que, enquanto “projéteis”, invocam caminhos para se alcançar a potência dos seus gestos, dos seus movimentos (Ibid.: 79-80).

¹⁰⁰ Os acontecimentos “não se explicam pelos estados de coisa que os suscitam, ou nos quais eles tornam a cair. Eles se elevam por um instante, e é este momento que é importante, é a oportunidade que é preciso agarrar” (Cf. DELEUZE, 1992, p. 218).

¹⁰¹ O caminho sedentário “consiste em distribuir aos homens um espaço fechado, atribuindo a cada um sua parte, e regulando a comunicação entre as partes. O trajeto nômade faz o contrário, distribui os homens (ou os animais) num espaço aberto, indefinido, não comunicante”. Cf. DELEUZE e GUATTARI, 1997b, p. 51.

Na Casa de Cultura Tainã, Nayara e, provavelmente, muitos outros jovens que por ali passam se tornam o acontecimento deles mesmos e, “quando nos tornamos o acontecimento de nós mesmos”, diz Fuganti¹⁰², entramos em “devir”¹⁰³ e “geramos consistência em nós”, isto é, aumentamos a nossa capacidade de experimentar o novo, ao invés de imitarmos ou nos conformarmos a um modelo que dite as normas do conhecer e do agir.

¹⁰² *Op. cit.*, p. 6-7.

¹⁰³ “Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta ‘o que você devém?’ é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio”. Cf. ZOURABICHVILI, 2004, p. 24.

A VIDA DE MARTINHO

Em relação aos heróis dos jovens que são meus contemporâneos, eu sinceramente acredito que eles estão um pouco perdidos. Parece que existem mais anti-heróis do que heróis.

Meu entrevistado é um jovem de 19 anos, meigo, educado, atento. Ele não autorizou a divulgação do seu nome e, por um lapso, distração ou esquecimento, não lhe perguntei a respeito da forma como gostaria de ser identificado. Pensei em contatá-lo novamente para resolver essa dificuldade, porém, após reler a sua história de vida, optei por chamá-lo de Martinho, em homenagem ao seu herói preferido, Martinho Lutero, autor da Reforma Protestante.

Ao tentar perceber “o que se passa”¹⁰⁴ na história do meu entrevistado, fui levada “naturalmente” a procurar no passado de Lutero os modos como os acontecimentos que marcaram a sua vida afetam a de Martinho.

Durante algumas semanas, as leituras que fiz a respeito do movimento reformista e de seu líder fizeram com que as referências a Martinho ficassem apagadas. Se a “ficção”¹⁰⁵ é inseparável de uma “veneração”, posso dizer que deixei-me seduzir por um “modelo de verdade” elaborado por teólogos, filósofos e alguns religiosos, segundo o qual Lutero teria sido um homem à frente do seu tempo. Desviando-se da ordem vigente, questionou as autoridades eclesiásticas e a leitura que faziam do dogma cristão. Transformou a *Bíblia*

¹⁰⁴ Não se trata de explicar, de buscar o significado do que acontece numa história ou o que se percebe nela, mas de nos remetermos ao “como percebemos” o que se passa. Não é o que a história em si transmite, mas como o que está ali funciona para nós. Cf. DELEUZE, 1992, p. 16-17.

¹⁰⁵ No seu livro: *Cinema 2. A imagem-tempo*, DELEUZE (2007, p. 182-183) retoma a noção bergsoniana de fabulação. “O que se opõe à ficção não é o real, não é a verdade que sempre é a dos dominantes ou dos colonizadores, é a função fabuladora dos pobres, na medida em que dá ao falso a potência que faz deste uma memória, uma lenda, um monstro (...). A ficção é inseparável de uma ‘veneração’ que a apresenta como verdadeira, na religião, na sociedade, no cinema, nos sistemas de imagens”.

em um texto ao alcance de todos os alemães, produzindo panfletos, livros, realizando debates em praça pública. Sua “revolução midiática” ultrapassou os muros das igrejas e das universidades (BRITTO, 2009, p. 57). De acordo com a sua teologia, a motivação que alimentava a vida espiritual não poderia separar-se das ações concretas do cotidiano, por isso voltou sua atenção para os centros urbanos em formação, implantando em algumas cidades programas coletivos para a superação da pobreza e do analfabetismo. Um homem surpreendente!

Porém, Martinho não é Lutero. Tentei percorrer um outro caminho.

Nem regredir ao passado, verificando a “autenticidade” dos fatos e esperar que haja um prolongamento do que foi no que é (BERGSON, 2006, p. 280), nem imitar ou venerar o herói. Que elementos encontro no relato de Martinho? Como ele vê, sente a própria vida? Se há rupturas na vida de Lutero, como Martinho as recebe? É um discípulo que toma seu herói como modelo de verdade ou como exemplo de ruptura no seu modo de criar a vida?

Há um acontecimento marcante na vida de Martinho, o advento da certeza da sua fé. Num acampamento de crianças e adolescentes, ele é “aceito em Jesus”. A imagem que o acompanha em sua vida de cristão, a da “sarça ardente”, nos faz compreender que ele é chamado para uma missão junto à sua igreja e que o sacrifício de Jesus o faz lembrar que seu aceite, o de Martinho, implica também sacrificar-se, colocando-se na posição de servo, obediente e fiel a Deus. Algo se transforma na vida de Martinho e ele passa a se dedicar às atividades da sua congregação, tornando-se líder junto ao grupo de jovens. Na Chácara Esperança, coordena o trabalho envolvendo jovens carentes e o seu desejo é mostrar o que Deus tem para oferecer a eles. Ao ver no olhar dessas pessoas a insegurança que a vida lhes proporciona, Martinho é afetado pela vontade de ajudá-las. Ajudar em que sentido? O que seria – para Martinho, ou para essas pessoas - uma vida melhor?

Martinho acredita na força que vem através da Palavra, por isso o estudo da *Bíblia*, “regra única de fé e prática” para os cristãos, por si só já possibilitaria a ligação das pessoas com Deus. Lutero o inspira porque, ao expor a verdade “omitida pelos clérigos que liam o que não estava escrito na *Bíblia*”, fez com que todos tivessem acesso ao que é autêntico nas

Escrituras. Mas, pergunto-me: estaria Lutero preocupado em descobrir a “verdade” contida nos textos sagrados ou em criar outra forma de relacionamento com Deus que não fosse aquelas já tuteladas pelas autoridades eclesiásticas? As palavras bíblicas teriam inspirado Lutero nessa direção? Como as palavras podem modificar a vida das pessoas?

Martinho quer que as outras pessoas sintam o que ele sente hoje, a presença de Deus em sua vida. Sendo um cristão atuante, um servo fiel a Deus, procura mostrar aos jovens que “a visão do mundo” só os aproxima do “mal”. O que é esse “mal”? O que é esse “mundo”, ou essa “visão do mundo”? O mal aparece “não como lobo, mas como carneirinho que vem bem devagar e, quando a gente se dá conta, já mostrou as garras do lobo”. Músicas atuais, desenhos infantis, internet, televisão, tudo o que existe de mais avançado pode se constituir em um “inimigo”, ou no que ele chama de “força maligna”, de “anticristo”, que usa as pessoas dispostas a trabalhar para ele. Também são “guerreiros do mal” o processo de globalização e a corrupção dos políticos.

Como “atuar no mundo”, ou no interior do próprio mal, julgando-se isento desse mal? Como eliminar o mal da vida das pessoas?

Há um inimigo e o combate a ele se faz mostrando “a força que vem de Deus” através das palavras da *Bíblia* e da participação em uma comunidade cristã. Somente quem “é aceito em Jesus” tem a proteção, o “escudo de Deus”. Mas por que os jovens que não pertencem à comunidade cristã haveriam de acreditar nessa força divina? Se Lutero provocou uma ruptura na experiência existencial dos cristãos através de uma “experiência de conversão tornada viva” (BRITTO, 2009, p. 58), “arrebataada”, que rupturas a missão de Martinho poderá provocar?

Ao afirmar que “não estamos no mundo para acumular bens”, Martinho contraria o espírito de competição moderno que, cada vez mais, distancia o ser humano de si mesmo. A crescente corrupção dos políticos faz Martinho desacreditar da política, por esse motivo, não considera seu trabalho dentro da sua igreja como sendo político, porque a igreja da qual ele faz parte, diz ele, não se beneficia da “política” para obter lucros. Lutero também repudiou veementemente o impulso para o lucro material, a competição, a

acumulação de capitais, uma vez que a vocação para o trabalho secular deveria se tornar a mais alta “expressão de amor ao próximo” (WEBER, 1967, p. 54).

Como amar ao próximo tão distante de mim?

Diante de um mundo que considera dominado pelo “mal”, Martinho afasta-se dele, e suas ações objetivam fazer com que os “não-cristãos” sigam o seu exemplo de disciplina e de servidão a Deus. O único lugar no qual se sente à vontade é nos encontros festivos da igreja, nos quais pode fazer “o que vem do coração”. Separado desse mundo mau, o seu maior prazer é viver dentro da sua comunidade religiosa, onde está em família e encontra-se com pessoas que têm os mesmos propósitos: louvarem a Deus, ajudarem-se uns aos outros, serem irmãos. O próximo é amado por si mesmo, ou por amor que se tem a Deus? Podemos pensar nesse amor como sendo livre da submissão ao outro? Se Martinho aceitou, em seu sacrifício, a postura da servidão e submissão a Deus, estaria livre para amar? O que pode colocar em risco o sistema estabelecido: relações caridosas que estejam a serviço do amor a Deus, fundamentadas numa atitude espiritual para com o próximo, ou relações solidárias, com um mínimo de dominação, capazes de criar um relacionamento intenso e de considerar tanto as necessidades individuais quanto coletivas (ORTEGA, 1999, p. 163-172)? Lutero teria tido essa percepção ao considerar as comunidades que se formavam ao redor dos nascentes centros urbanos como sendo a Igreja pertencente democraticamente a todos os cristãos – como o era a Igreja primitiva e dos primeiros séculos - e não apenas como redutos dos eclesiásticos?

Martinho iniciou seu relato expressando certa resignação diante da vida. Nunca gostou de discussão, sempre teve muitos colegas e poucos amigos. Na escola, colocava-se “no papel de errado e o outro no papel de certo” para evitar problemas e brigas com os demais. Mas, aos poucos, os acontecimentos que atingiram sua vida obrigaram-no a se posicionar. Estuda o que gosta, batalhou para conseguir o emprego atual, quer ajudar as pessoas, teme, mas olha para o mundo que o cerca e propõe ações. Ao final de sua entrevista surpreendi-me com o livro de autoajuda lido por ele, mas do qual não se lembra nem o título, nem o autor. Apesar de Martinho discordar do conteúdo em si, o livro, ao abordar as possibilidades de “nos darmos bem com o mundo”, propiciou-lhe “abrir um pouco mais

os olhos”, saber como agir diante de visões que lhe são desconhecidas. Pergunto-me se, por um momento, Martinho aceitou despersonalizar-se, deixando-se atravessar pelas multiplicidades do Fora para encontrar a sua potência vital, de modo a poder desligar-se dos modelos dominantes que regem a sua vida e experimentar a sua própria diferença – como um novo e vital conjunto de singularidades – na relação com o mundo. Ao afirmar que a leitura de um livro o ajudou a fazer de um jeito diferente aquilo que o mundo quer que ele faça, teria ele agarrado a chance de ter acesso à experiência dos outros e às suas formas de expressão sem se confundir com elas?

Algo se passa entre nós, entre Lutero e Martinho, e nos provoca, nos faz pensar. São histórias que ora se entrelaçam, ora se afastam, mas têm em comum um questionamento sobre a possibilidade, ou não, de nos vermos como construtores da nossa existência. Os acontecimentos que atingem nossas vidas nos lançam em ações nas quais pensar é enfrentar o fio da navalha entre a vida e a morte, é enfrentar-se a si mesmo num perpétuo combate entre o que somos e o que desejam que nós sejamos. Em alguns momentos, surgem forças, intensidades capazes de modificar a condição de percepção e de visibilidade que temos do mundo; em outros, nos submetemos a valores que impedem a vida de ultrapassar-se a si mesma¹⁰⁶.

Se não é o real e nem a verdade que se opõem à ficção, mas a “função fabuladora” (DELEUZE, 2007, p. 183), como encontrar na fabulação um meio de destruir o modelo tido como verdadeiro para torná-lo criador, “produtor de verdade”? Que tipo de acontecimento pode levar a este querer? Como libertar a ficção do modelo de verdade que a penetra e encontrar na fabulação a possibilidade de traçar linhas de fuga, fazendo fugir¹⁰⁷ caminhos que impõem modos de vida?

¹⁰⁶ Conforme anotações da segunda aula, em 05/04/2001, do curso de Luiz FUGANTI *A Formação do Pensamento Ocidental*, p. 15, disponível no site <http://escolanomade.org/textos/fuganti-luiz/a-formacao-do-pensamento-ocidental-aula2>. Acesso em 06/01/2009.

¹⁰⁷ “A linha de fuga é uma *desterritorialização*. Os franceses não sabem bem o que é isso. É claro que eles fogem como todo mundo, mas eles pensam que fugir é sair do mundo, místico ou arte, ou então alguma coisa covarde, porque se escapa dos engajamentos e das responsabilidades. Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano. (...). Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia”. Cf. DELEUZE e PARNET, 1998, p. 49.

A VIDA DE BIULA

Quanto à imagem que faço de mim mesmo, existem várias. Hoje, acho que é a do Maio Francês, ou seja, aquela cujos jovens aparecem com uma bandeira vermelha na mão e com uma tarja, tapando a boca e o nariz, por causa das bombas de gás. É uma foto em preto e branco em que só aparece a cor vermelha da bandeira. Eu daria a essa imagem o nome de esperança, contestação, ousadia, tempo de rebeldia, todas essas palavras que resgatam um pouco dessa juventude mais aguerrida, mais combativa.

Magro, uma vasta cabeleira *black power*, óculos de armação vermelha, sandálias havaianas, vestes despojadas e uma serenidade surpreendente, foi dessa forma que “Biula” se apresentou a mim.

Assim que iniciou o relato sobre a sua vida, percebi o quanto a recusa em “ter de obedecer” foi importante para a conquista da sua autonomia. Conflitos com a família, com a escola, com o meio onde vive até hoje, vivências no campo da cultura, da política, da arte ofereceram a ele possibilidades de romper tanto com o modelo padrão do jovem “empreendedor”, que mudou para “melhor”, quanto com aquele perfil de militante subserviente ao partido, ou aos seus superiores.

Biula adora imaginar que “podemos construir nossas próprias vidas, mesmo sabendo que existem dificuldades objetivas, condições desfavoráveis nos cenários pessoais e coletivos”. Como líder estudantil, procura alertar a “galera” para que o “processo de transformação da realidade” caminhe juntamente com o “processo de transformação pessoal”. Alguns acontecimentos explicitam essa disposição de Biula para “colocar-se em perspectiva” (HOPENHAYN, 2001, p. 261), deixando-se atravessar por experiências que inundam a sua

história, o tornam singular e ao mesmo tempo aberto a outras histórias. Transcendendo o particularismo, Biula recria-se através do outro, vibra no mundo e com o mundo.

Aos 14 anos, sem que os pais soubessem, permaneceu alguns dias num acampamento do MST, em Cajamar. Lá, ouviu e conheceu histórias de vida, comoveu-se, aprendeu o que é solidariedade e o significado da palavra “esperança” para aqueles que lutam por um pedaço de terra.

O vínculo com os seus heróis lhe trazem “energia”. Seu avô era caminhoneiro, militante comunista e participou da Guerrilha do Araguaia. Por causa dele, as questões sociais passaram a lhe interessar. Com o pai, alcoólatra, entendeu que alguns trabalhadores encontram no álcool “um refúgio para sua alienação”. A mãe o inspirou para a luta política porque ele pôde perceber o quanto ela participa de uma classe sempre explorada pelo patrão e também pela embriaguez de sua religião, que anestesia sua possibilidade de reivindicar, de mudar. O irmão mais novo, cujo grande sonho é comprar um carro e instalar nele um som, fez com que Biula se lembrasse de uma fase da sua própria juventude deixada de lado para se dedicar à “luta política”. Outros personagens como Zumbi dos Palmares, Che Guevara, Lênin, Trotsky, Florestan Fernandes, Paulo Freire, Apolônio de Carvalho, o fascinaram porque lhe dão “lições”, “práticas” para empenhar-se na luta contra a desigualdade.

Assim que ocupou o lugar deixado por sua avó na casa em que reside, resolveu fazer uma “comuna”, convidando os amigos para morarem com ele. Lá repartem seus bens, ouvem música, assistem a filmes, debatem assuntos políticos. Ao criar um espaço entre as necessidades individuais e os objetivos coletivos, esses jovens tentam romper com as formas tradicionais da vida em comum em nossa sociedade, fundamentadas na família e no casamento, e buscam encontrar outras formas de existência capazes de produzir possibilidades criativas de vida ou novos “processos de subjetivação” - Biula inventando-se e contagiando-se com a invenção de outros a ele vinculados.

Expulso da Fundação Bradesco, após 11 anos de estudos nessa instituição, ao faltarem apenas dois anos para o término do Ensino Médio, Biula acrescentou em sua bagagem

elementos importantes para se transformar num militante estudantil. Vivenciou na pele uma educação que molda as pessoas para trabalharem no mercado, reservando aos “melhores” as vagas de gerenciamento e, aos “inferiores”, os cargos denominados “técnicos de” segurança, de faxina. Os seis negros, entre eles Biula, numa sala de 40 alunos, eram tratados “como se tivessem problemas psicológicos”, porque não acompanhavam o desempenho acadêmico da turma. Qual o problema de Biula além, é claro, de sua “teimosia” em manter o cabelo *black power* e em querer organizar o grêmio estudantil? Não acreditar que alguém possa ficar rico “só por vontade”, uma ilusão que, segundo Biula, era divulgada a todo o momento pela escola e questionada por ele. Não se assujeitou. Optou por uma escola estadual, onde pensou encontrar pessoas do mesmo ambiente que o seu.

“Foi mais bizarro ainda”, disse ele. Suas tentativas em formar o grêmio e promover debates na escola foram vetadas pela direção. Um protesto com a participação de quinhentos estudantes e a elaboração de uma pauta de reivindicações entregue à diretora deram início, segundo Biula, a uma prática de perseguição e vigilância aos alunos envolvidos. Alguns foram expulsos e outros se afastaram do movimento, temendo represálias. Biula desistiu dessa escola e passou a frequentar uma outra, também estadual, mas cujo ensino era modular. Apesar de tecer críticas a esse modelo encontrou nele a possibilidade de finalizar o Ensino Médio para poder entrar em uma universidade, e ainda dedicar-se à política estudantil, criando outras formas de atuação junto à escola.

Continuando e ampliando seus embates, Biula entrou para a União Brasileira de Estudantes Secundaristas. Em diversos estados, organiza, junto às lideranças juvenis dos grêmios e de entidades municipais, discussões, debates que envolvem várias temáticas e propiciam a formação política dos jovens. Nessa mesma linha de atuação, ele participa do que denomina como uma corrente de pensamento, a “Alternativa Socialista”. Dessa corrente fazem parte os jovens que, diante dos obstáculos impostos pelas escolas na constituição dos grêmios, resolveram criar “saídas coletivas”. Inicialmente, um grupo plural, sem identidade definida (socialista ou marxista), crítico em relação a algumas organizações estudantis que atuam não segundo suas próprias metas, mas de acordo com

orientações definidas por partidos políticos. O que os unifica é o desejo de “militar no movimento estudantil”.

Biula também passou a se interessar por cinema e, então, juntamente com estudantes de vários grêmios e de alguns professores vinculados ao Museu da Imagem e do Som de Campinas, criaram o “*Kinopraxis*”, numa alusão crítica ao Kinoplex, situado num shopping e com objetivos mercadológicos.

É interessante perceber o movimento de Biula e dos jovens que participam dessas atividades. Enquanto uma “minoridade” (DELEUZE, 1992, p. 214) que se coloca em “devir”, que busca expressões próprias, arriscando percorrer caminhos desconhecidos, esses jovens também são movidos pelo desejo de se tornarem “maioria”, ou seja, de criarem para si modelos que ditam as normas do conhecer e do agir. A liberdade que encontravam, inicialmente, na Alternativa Socialista, foi substituída pela necessidade de dar ao grupo uma identidade definida e conforme as influências de um partido, o PSol. Segundo Deleuze¹⁰⁸, esse desejo de uma minoridade de tornar-se majoritária é inevitável quando é preciso sobreviver, ser reconhecido, impor seus direitos. Mas, como alerta o autor, a potência dessa minoridade “provém do que ela soube criar, e [que] passará mais ou menos para o modelo, sem dele depender”. Conseguirão esses jovens estar abertos às entradas cujas saídas sejam múltiplas? (ROLNIK, 1989, p. 66)¹⁰⁹.

Quando Biula cria, com os seus amigos, o *Kinopraxis* e estabelece os princípios do seu funcionamento a partir da produção de um filme militante “para registrar os fatos historicamente”, visando o espectador mais crítico, debatendo e estudando o “cinema revolucionário”, eu me pergunto se o caráter polifônico dessa arte não acaba sendo capturado por um objetivo único, acabado. Podem os filmes “fazer como”, “imitar” um modelo revolucionário de engajamento político? A “temática social” deve necessariamente ser abordada no cinema revolucionário ou, melhor dizendo, posso,

¹⁰⁸ *Op. cit.*, p. 214-215.

¹⁰⁹ ROLNIK refere-se aqui à prática de um “cartógrafo” aquele que, ao mergulhar nas intensidades do seu tempo, nas linguagens que encontra, compõe cartografias, desmanchando mundos e compondo outros que se criam para dar passagem aos movimentos do desejo no campo social, por isso “todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas”, ou seja, todas as fontes são boas se possibilitarem formas de expressão, de sentidos ao desejo entendido como “criação do mundo”, como “produtor de sociedade”.

enquanto cineasta, fazer um cinema revolucionário que abale os modelos já dados e invente o que ainda falta por seus próprios meios? As situações concretas das “passeatas”, das “intervenções políticas”, quando filmadas e exibidas, nos conectam pedagogicamente a um modelo ideal de luta, de revolução ou nos impulsionam a explorar novos modos de nos relacionar com os poderes, com os conflitos, com a violência, com outras maneiras de ser? Ou, como polemiza Rancière (2007, p. 140), não seria na tensão, “na ligação íntima e paradoxal entre uma idéia da arte e uma idéia da política”, que encontraríamos as possibilidades de resistência?

Biula questiona a tão falada “apatia da juventude”. Acredita que as atividades que desenvolve juntamente com as outras lideranças juvenis já fazem parte de um processo crítico, contestador, “antissistêmico”, embora não tão evidente ainda. Considera as mobilizações dos jovens imigrantes na França e dos secundaristas no Chile como acontecimentos inéditos pois, com a ajuda da internet, esses estudantes não dependeram de lideranças centralizadas para organizar suas manifestações.

Nosso militante também não poupa críticas à esquerda em seu modo, muitas vezes tradicional, de agir, seja no que diz respeito à forma centralizadora de a esquerda se organizar, seja no preconceito que muitos manifestam tanto em relação aos mais jovens, os quais, segundo os mais velhos, teriam “muita energia e poucas propostas”, quanto em relação àqueles que não possuem o “capital cultural” das lideranças mais antigas.

Biula também encontrou uma forma de driblar o preconceito que sofre cotidianamente ao criar um estilo de se vestir, disfarçando-se de “jovem universitário sempre acompanhado de livros”. A “farsa” é útil tanto para evitar que a polícia o barre nas ruas da cidade, já que ele, nesse disfarce, se assemelha com um jovem da classe média, quanto para “facilitar seu acesso a um poder de expressividade” (PAIS, 2006, p. 17), potencializando a carência em “apetência”, a perda em conquista, a vulnerabilidade em “buscas de si através do outro”.

Biula me surpreende. Em alguns momentos, seus desejos de mudar o mundo, de conscientizar as pessoas, de se empenhar em lutas de “transformação sistêmica” parecem se espelhar em antigos paradigmas da “vanguarda” revolucionária. Sua compreensão a

respeito do “cinema revolucionário” e as “lições” e “práticas” que seus heróis lhe dão expressam, a meu ver, a repetição de clichês das palavras e das ações comuns à militância política de esquerda. Em outros momentos, Biula firma a sua independência dessas últimas e de outras quaisquer não apenas reforçando a importância de a transformação pessoal do militante caminhar juntamente com a transformação da realidade, mas também lutando por “um modo singular de se expor à transfiguração do entorno” (HOPENHAYN, 2001, p. 256). Permeável ao meio e reinventando a si mesmo, ele encontra energia para transfigurar esse meio.

No entanto, algo mais instigante ainda se passa com Biula. Capoeirista, ele sabe contornar as barreiras da vida. Quando se refere ao ritual da roda, em que as pessoas se igualam, se olham, traz para a militância uma experiência que não obedece à organização hierárquica e rígida das plenárias políticas das quais participa. Na roda “brotam e se espalham os movimentos giratórios dos corpos que traçam no ar círculos abertos e dinâmicos. Lançados como de improviso, os gestos parecem seguir as linhas de uma rigorosa geometria da qual hipérboles e arabescos invisíveis atravessam o espaço. Repetem e lançam ao infinito as linhas de fuga traçadas pelos antigos escravos. Na roda, o dançarino encontra-se no centro de linhas de forças que percorrem todos os lugares heterogêneos” (DUMOULIÉ, 2007, p. 5).

Às vezes, Biula expõe sua “ginga”, sua “malícia”, desviando, contornando golpes, esquivando-se do centro, invertendo “os códigos das técnicas brancas de combate: as pernas contra os braços, os pés contra as mãos, o baixo contra o alto”. Pensa-se com o pé e não com a cabeça¹¹⁰.

Capoeira, “abertura do possível” (ZOURABICHVILI, 2000, p. 335), uma maneira de afetar e ser afetado. Entre os gestos de uma lentidão extrema e os de uma velocidade vertiginosa, movimentos se dão no vazio, “não no nada, mas no liso do vazio onde não há mais objetivo: ataques, revides e quedas ‘de peito ao vento’” (DELEUZE e GUATTARI, 1997b, p. 80). Emergência não do que pode ou poderia ser, mas de algo intenso, inesperado, que eclode de repente e se dissipa rapidamente.

¹¹⁰ DUMOULIÉ, *op. cit.*, p. 13.

Diante do intolerável, do “esgotamento do possível” (ZOURABICHVILI, 2000, p. 354), conseguirão Biula e sua militância criar “novos possíveis” guiado não por um projeto, ou por uma prefiguração do futuro, mas pela emergência de uma nova sensibilidade capaz de perscrutar os movimentos sociais e de buscar, como um “cartógrafo” (ROLNIK, 1989, p. 66-76), os canais de passagem para as mais diversas formas de expressão que o atravessam no encontro com outros?



VIDAS ENTRELAÇADAS :
MÍSTICA, PODER E RESISTÊNCIAS

CAPÍTULO 3

OS JOVENS E SUA MÍSTICA¹¹¹

Patrik é pastor auxiliar da Igreja Internacional da Graça de Deus ¹¹². A sua grande inspiração é o apóstolo Paulo, aquele que arriscava a sua vida para falar de Deus. O discípulo Pedro também é uma referência, pois toda vez que ele, Patrik, é maltratado por seguir o caminho da fé, pensa na coragem desses homens em levar a palavra de Deus às pessoas. Sua função é atender todos aqueles que procuram a igreja em busca da palavra divina. A imagem que escolheu para melhor defini-lo foi a da água transformada em vinho. Patrik antes e depois de ter conhecido Deus.

P. J. S. não autorizou gravar a entrevista e nem divulgar sua identificação, solicitando o emprego dessas iniciais. Ele participa, como voluntário, da TABA: espaço de vivência e convivência do adolescente”, uma ONG criada em 1996, na cidade de Campinas, com o objetivo de construir novas formas de convivência e participação, principalmente a adolescentes em situação de risco pessoal e social. Questionado sobre as referências que o inspiram em sua militância, o jovem não cita nenhuma, mas a admiração por um dos educadores da instituição, o Ademir, e também por Paulo Freire. O primeiro, porque “não deixa o espaço triste, sem vida” e “faz acontecer algo para a gente esquecer um tanto dos problemas”; o segundo, por ter sido um “ótimo educador”. Na TABA, realiza vários cursos de capacitação porque deseja ser educador e, nessa condição, ajudar os “adolescentes necessitados” de *escola*, de um lugar onde não apenas vivam como se fossem “robôs”, mas que possam se abrigar e sonhar.

¹¹¹ Utilizo o termo “mística” no sentido que BERGSON (2005) lhe atribui. A mística, para esse autor, revela-se enquanto “energia criadora” da parte de homens excepcionais que nos inspiram amar a vida e a humanidade. Não se trata, diz Bergson, “de uma simpatia inata do homem pelo homem” (*Ibid.*, p. 198). A direção do “amor místico” é a mesma que a do “élan da vida” (na versão para o português, a expressão utilizada pelo tradutor foi “impulso da vida”, preferi “élan da vida”, conforme aparece na versão para o francês em BERGSON, 1948, p. 126) comunicado a pessoas privilegiadas que desejam imprimi-lo na humanidade inteira uma vez que seu alvo é transformá-la radicalmente, trazendo um pensamento “capaz de tomar um aspecto novo a cada geração nova” (*Ibid.*, p. 213).

¹¹² A Igreja Internacional da Graça de Deus é uma igreja evangélica neopentecostal criada em 1980 pelo missionário Romildo Ribeiro Soares, na cidade de Duque de Caxias (R.J.). É uma dissidência da Igreja Universal do Reino de Deus, dirigida pelo bispo Edir Macedo. Soares e Macedo eram parentes, mas, em 1978, desentendimentos que envolviam questões teológicas causaram o rompimento da relação entre eles.

Patrik e P.J.S. tiveram envolvimento com o tráfico de drogas, a bebida e o roubo. Ambos buscam saídas para se afastarem do mundo do crime, um via educação e outro através da religião, mas o que os diferencia ainda mais é o posicionamento de cada um deles em relação aos acontecimentos que abalaram e abalam suas vidas.

Patrik mostra-se “convertido” por meio de uma “moral estática”¹¹³ (BERGSON, 2005, p. 15), obrigando-se a seguir modelos que norteiam suas ações. Deseja dedicar toda a sua vida à religião, aos estudos bíblicos, principalmente depois que conheceu “aquela felicidade duradoura que somente Deus pode oferecer”. Se a mídia, como afirma Patrik, dissemina a ideia de impunidade por crimes cometidos e isso acaba influenciando os jovens a se envolverem em situações perigosas, Deus poderá salvá-los. Dessa forma, a religião que Bergson chama de “estática” cumprirá, na vida desses jovens, a função de disciplinar a relação deles com a sociedade.

P. J. S. não segue à risca seus modelos. “Fabulá”¹⁴ a respeito da importância da leitura para um educador, pois para ele o “educador não precisa tanto ler e sim ter ideias, fazer algo - que não está andando - andar”. Não se envolve diretamente com religião, pois se considera um “pecador”, embora também admita que é impossível alguém parar de pecar totalmente. A imagem que ele traz de si mesmo, a do palhaço com um lado triste e outro alegre, definiria o momento vivido por P. J. S. que, descontente com o abrigo onde

¹¹³ Inicialmente, as sociedades, enquanto organizações fechadas, fixaram-se nos costumes, nos hábitos, em regras que se apresentavam como obrigatórias tendo em vista a exigência de se estabilizar, consolidar e conservar a sociedade (BERGSON, 2005, p. 116-118). Para que esse equilíbrio fosse mantido, os homens fabricaram divindades, espíritos, deuses, normas, “fabulações” que garantiram o apego do homem à vida e do indivíduo à sociedade (*Ibid.*, p. 143). Essa experiência constitui, para Bergson, uma religião estática (*Ibid.*: 180), com a função de garantir, por meio das crenças, ou de uma “moral estática”, fechada, a vida em comum. Mas foi possível para o homem quebrar o “círculo indivíduo-sociedade” (*Ibid.*, p. 170), libertando-se de uma moral feita de hábitos impessoais ali onde o indivíduo “sentia-se (...) confundido com a coletividade” (*Ibid.*: 91). Ele se abriu a uma dimensão que o libertou da coerção à qual estava submetido, de “uma moral aprisionada e materializada em fórmula” a “um pensamento capaz de tomar um aspecto novo para cada geração nova”. O aparecimento de “grandes místicos”, homens e mulheres de ação (206) movidos por uma “moral dinâmica”, aberta (*Ibid.*, p. 225), e impulsionados por uma “exigência de criação” (213), tem liberado a humanidade da sua relação unicamente pragmática com o mundo. Expressa-se aqui a “religião dinâmica” que, através da “ação criadora” desses “homens extraordinários”, arrasta os homens no seu movimento não por coerção, mas por um “apelo” que inspira em nós a força do seu ardor, do seu amor pela humanidade, suscitando um “transbordar de vitalidade” (90). Bergson esclarece que a “moral corrente não é abolida; mas apresenta-se como um momento ao longo de um processo” (*Ibid.*, p. 62); portanto, a “religião dinâmica” reabsorve em si a “religião estática”, modificando-a, o que não significa que as religiões instituídas dos dias de hoje, em sua maioria, deixem-se impregnar por essa “potência de criação” na relação com o divino.

¹¹⁴ BERGSON, *op. cit.*, p. 160-161.

mora, deseja viver a vida do jeito dele, sem “comandos, domínios”. P. J. S. enfatiza: “Eu quero ter a minha vida”.

A todo instante, esses dois jovens tentam redefinir o rumo de suas vidas. Entre um mundo e outro, ou seja, entre o universo violento do crime (com suas regras e valores) e o da educação, ou o da religião, novas formas de existência podem se apresentar.

P. J. S. sabe que o tráfico “não dá certo”, pois por conta dele já não pode nem ao menos aproximar-se do bairro onde mora sua família. Ser educador é o seu sonho, mas apesar de aprender “tudo rapidão”, não gosta de ler. Tem pressa para fazer algo andar. Patrik, por sua vez, reside com outros jovens no alojamento da igreja, sob a orientação de um pastor. Afastou-se da “alegria inconstante do mundo”, disse ele, para dedicar-se totalmente a Deus. Não sentirá saudades dessa alegria? Haverá outras saídas?

Uma esperança paira no ar. Será uma questão de “salvação”? Qual é a nossa disponibilidade, enquanto educadores, com relação à hipótese de mudanças na vida desses jovens? Que eles “mudem para melhor” como forma de executar uma “política da esperança” e salvá-los da criminalidade? Ou reconhecer que essa mistura entre educação – religião – mundo do crime tenha o sentido de um arranjo, com sua gramática própria (SOARES, 2006, p. 126-134)? “Eu quero ter a minha vida”, clama P. J. S. Entre um mundo e outro, é possível criar, traçar caminhos diante do “esgotamento do possível”, que tornem plausível a “reinvenção de si”, quando se trata de jovens que “tomam a própria vulnerabilidade como parte de sua riqueza experiencial” (HOPENHAYN, 2001, p. 256)?

Henrique, Maurílio, Osmir e Fernanda têm em comum a paixão pela arte. Como nômades¹¹⁵ ocupam, habitam, mantêm seus espaços e transitam em seus caminhos

¹¹⁵ Para DELEUZE e GUATTARI (1997b, p. 50-53), o nômade não se define pelo movimento. O nômade não parte, ele ocupa e faz crescer o espaço. Ele cria o deserto e é criado por ele. Seu movimento é intensivo, uma vez que ocupa o espaço à maneira de um turbilhão, podendo surgir em qualquer ponto do deserto. Enquanto o sedentário se distribui num espaço fechado, “estriado”, demarcado por muros, medido, contabilizado de um ponto a outro, o nômade se distribui num espaço “liso” marcado por “‘traços’ que se apagam e se deslocam com o trajeto”, por isso seu vínculo é com o itinerário e não o espaço, “é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização”.

costumeiros porém, seguindo trajetos que se alternam, se deslocam, são indefinidos, fluidos (DELEUZE e GUATTARI, 1997b, p. 50-51).

Henrique participa do projeto Abamba: Associação dos Benfeitores e Amigos de Meninos Bailarinos; Maurílio dá aula de computação na Casa de Cultura Tainã e integra o Projeto Mocambos¹¹⁶; Fernanda e Osmir são *graffiteiros*.

Henrique não tem heróis que possam guiá-lo, não acredita neles nem sonha em mudar o mundo. Sabe que, para ser bailarino, principalmente no Brasil, terá de “batalhar muito”.

Maurílio não se lembra muito do pai, mas se inspira na vida dele, buscando-o através do que transparece dele nos hábitos de seu irmão. Homem inteligente, “lia bastante”, “falava bem” e “brincava muito”, sem deixar de ser severo com os filhos. Ao mesmo tempo, era “largado”, fumava e bebia com os amigos e, por isso, Maurílio imagina que o pai aceitaria a sua forma também “largada” de viver. Como Henrique, também não acredita em heróis. Para ele, “nós somos os heróis, os deuses” e fazemos o nosso destino.

A grande influência na vida de Osmir, assim como na de Maurílio, foi seu pai. Agradece a ele tudo que aprendeu.

A inspiração de Fernanda para grafitar vem das pessoas com as quais ela se relaciona, principalmente os *graffiteiros* que, além de amigos, foram os que lhe incentivaram a crescer dentro do *graffiti*.

As referências que inspiram esses jovens parecem não constituírem exemplos obrigatórios, como se fossem modelos estáticos. Suas ações e a forma como os referidos “heróis” conduziram suas vidas, longe de exercerem pressão sobre os seus seguidores ou admiradores, provocam neles um desejo de imitá-los ¹¹⁷ (BERGSON, 2005, p. 43), gerando

¹¹⁶ O objetivo desse projeto é promover a democratização e preservação da cultura popular através da inclusão digital.

¹¹⁷ Enquanto a “moral social” (BERGSON, *op.cit.*, p. 44-45) compreende deveres de caráter obrigatório que os indivíduos seguem por pressão da sociedade, existe outra moral denominada por Bergson de “moral humana”, que nos faz ceder a um “atrativo” e não mais a uma pressão (*Ibid.*, p. 54). Ao invés da imitação de um modelo, surge em seu lugar um sentimento de libertação que faz com que o “indivíduo não obedeça apenas por hábito da disciplina ou por medo do castigo (...) (*Ibid.*, p. 68)”, mas sinta-se atraído por um “conjunto de apelos” (*Ibid.*, p. 81) lançados à sua consciência por pessoas que inspiram um amor vital pela humanidade.

uma “emoção criadora” ¹¹⁸ capaz de criar novas atitudes para além dos hábitos que modelam suas vidas¹¹⁹, ampliando e alargando limites.

Para Henrique, que não alimenta culto a heróis, o que conta é a sua luta para sustentar a opção pelo balé. Dançar é o que dá sentido à sua vida, é o modo que encontra para dizer o que sente, com o corpo, tendo o palco como o lugar privilegiado para sua expressão. Quieto, retraído, tinha a irmã mais velha como a sua grande defensora na escola. Ela impedia que os garotos o xingassem ou lhe batessem e Henrique nunca compreendeu a causa dessa violência gratuita recebida, a raiva dos outros meninos simplesmente pelo fato de ele gostar de música, de ler romances e poesias e de balé, ao invés de futebol. Sofria tanto que chegou a se questionar sobre a possibilidade de Deus tê-lo feito diferente das outras pessoas devido a algum erro que ele cometera. Quando a irmã se formou, Henrique precisou se defender sozinho, mas a intensidade dos conflitos fez com que o garoto mudasse de escola. Hoje, os livros e o balé, assumidos de cabeça erguida, são os seus grandes aliados. Num outro trajeto está o Senai, onde atualmente faz o curso de mecânica. Foi o acordo tácito entre ele e os pais para que estes últimos cedessem e concordassem com sua atuação na dança. No Senai, encontrou o apoio de professores que considera muito competentes e que o estimulam a estudar, sempre. A biblioteca é o seu lugar preferido.

Segundo Maurílio, ninguém pode nos dizer o caminho que devemos seguir. Ao falar de subversão, traz a imagem do DNA que, ao recombinar moléculas, sofre ajustes, modificações, resultando em algo inesperado. Por isso, sugere nos cursos que ministra a necessidade de recombinar, misturar, trocar de lugares: “Vocês é que escolhem; vocês têm livre-arbítrio para trabalhar dentro da IBM ou para trabalhar por conta, autonomamente”.

¹¹⁸ BERGSON, *op. cit.*, p. 57.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 56.

Maurílio parece ter uma percepção “molecular” ¹²⁰ da tecnologia e dos seus impactos no mundo do trabalho.

Nos projetos em que está envolvido, Maurílio diz trabalhar com a idéia de caos, pois acredita que nós compreendemos o mundo aleatoriamente. Os *games*, o computador e os meios de comunicação em geral “têm nos ensinado a trabalhar com o caos, a compreender o mundo e a nos desenvolver de uma forma que a gente ainda nem parou para pensar”.

Maurílio não frequentava a Casa de Cultura Tainã, mas “passava” por lá para cortar caminho. Certa vez, devido a uma briga iniciada na escola, refugiou-se na Casa, sob a proteção de um funcionário. A partir desse fato, nunca mais saiu daquele espaço, apesar da proibição de sua mãe que considerava o lugar perigoso, um “antro de maconheiros”. Após uma conversa com TC, o coordenador da Casa, aceitou seu convite para organizar a biblioteca. Embora não soubesse nada a respeito do assunto, o desafio o obrigou a ler sobre biblioteconomia e a entender alguma coisa sobre computadores. Em pouco tempo passou a dominar esses conhecimentos e a ensinar outros jovens que participavam dos cursos ministrados na Tainã.

Maurílio achava que, para enfrentar o mundo capitalista, um sujeito deveria arrumar um bom emprego, formar uma família, encontrar uma parceira fixa; porém, com o tempo, passou a questionar esse posicionamento, perguntando-se: “O que eu preciso justamente? Eu comecei a notar que (...) eu não tenho porque me fixar nesses desejos malucos que tentam incutir na minha cabeça, todos os dias, a toda hora”. Concluiu que do que precisa verdadeiramente são coisas que o levem a produzir o que realmente deseja produzir, a se desenvolver como deseja se desenvolver e a ajudar os seus amigos que, para ele, são “a humanidade, no fim das contas”.

Maurílio considera que “todo mundo está no mesmo time e todo mundo está em guerra, ao mesmo tempo - uma guerra contínua”, por isso aprendeu a “manipular” as pessoas, ou seja, a desenvolver meios para conquistar a confiança delas em relação à sua competência e, dessa forma, tornar sua presença relevante. “Parece um jogo de xadrez”, afirma Maurílio. Entre as peças do xadrez - “um jogo de Estado” (GUATTARI e DELEUZE,

¹²⁰ A segmentaridade molecular é marcada por fluxos, intensidades “que se criam, se esgotam ou se modificam e que se somam, se subtraem ou se combinam”. Cf. DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 99.

1997b, p. 13), marcado por movimentos codificados e a manipulação ou “trapaça”¹²¹ através da qual Maurílio tenta conquistar um território, enfrentando uma guerra institucionalizada num espaço fechado, “estriado” - abre-se também a possibilidade de um outro jogo, anônimo, mais coletivo, “maquínico”, que margeia, cerca e arrebenta uma situação que se impõe, travando uma guerra num espaço “liso”, sem alvo, sem destino, “sem partida nem chegada (...), sem linha de combate, sem afrontamento e retaguarda, no limite, sem batalha: pura estratégia”¹²².

O encontro de Osmir com o *Hip Hop* ocorreu na infância, período em que o jovem esteve ligado às brincadeiras de moleque, à cultura popular, às festas de Folia de Reis organizadas por seus familiares e outros moradores do bairro em que residia. Tudo acontecia na rua, com a ajuda dos vizinhos, e a garotada ficava por ali ‘zoando’, desenhando, ouvindo falar de grafite através de filmes do tipo *Colors: as cores da violência*, dirigido por Dennis Hopper. A música-tema era cantada pelo rapper “Ice-T” e os cenários apresentavam imagens de *graffiti* feitas por *graffiteiros* e tags¹²³ das gangues que atuavam em Los Angeles”.

Foi no evento “Rap em Trânsito”, realizado em 1997, na cidade de Campinas, que ele e o irmão viram, pela primeira vez, um *graffiteiro* atuar, ao vivo. Ficaram entusiasmados com “toda aquela adrenalina” e resolveram adotar o *graffiti* como “estilo de vida”.

Hoje, Osmir considera que está mais voltado “para o lado social da arte do que para o *Hip Hop* em si”; embora ligado ao movimento do *graffiti* e do *Hip Hop*, procura

¹²¹ Cf. nota anterior nº 26, à página 30.

¹²² Deleuze compara a “máquina de guerra” ao “aparelho de Estado” utilizando-se da teoria dos jogos. O xadrez é um jogo de Estado. As “peças de xadrez” são codificadas, “entretêm relações biunívocas entre si e com as do adversário: suas funções são estruturais”. Os “peões do go (...) são grãos, pastilhas, simples unidades aritméticas, cuja única função é anônima, coletiva ou de terceira pessoa. (...). Sozinho, um peão do go pode aniquilar sincronicamente toda uma constelação, enquanto uma peça de xadrez não pode (ou só pode fazê-lo diacronicamente). O xadrez é efetivamente uma guerra, porém uma guerra institucionalizada, regrada, codificada (...). O próprio do go, ao contrário, é uma guerra sem linha de combate, sem afrontamento e retaguarda, no limite, sem batalha: pura estratégia, enquanto o xadrez é semiologia”. Surge aqui a figura do guerreiro que contraria a formação do Estado, respondendo a regras que animam sua indisciplina e o questionamento da hierarquia. Cf. DELEUZE e GUATTARI, 1997b, p. 13-14, 21.

¹²³ Tag é o nome ou o pseudônimo do artista que grafita.

outras referências para as suas obras como, por exemplo, a música eletrônica e o maracatu – na música –; os quadros de Klimt, Bosch e Picasso – nas artes visuais –; não para reproduzi-los, mas para se inspirar neles sem deixar que o influenciem, “porque o *graffiteiro*, para ser respeitado, tem que ter um estilo próprio”.

Embora o *graffiti* seja seu “estilo de vida”, Osmir, profissionalmente, atua na área contábil. Hoje evita os *graffitis* ilegais em que atuou, outrora. Depois que se tornou pai, já não se arrisca tanto, mas continua graffitando.

Fernanda conheceu na escola as pessoas que propiciaram a melhor fase do seu relacionamento com o *Hip Hop*; foi com tais pessoas que descobriu o verdadeiro significado do movimento para sua vida. O essencial para Fernanda “não é o traço no muro, mas o momento” em que está pintando, expressando suas reflexões e sentimentos, “é o sol na cabeça, o comer pão com mortadela sentada na sarjeta”, partilhando amizade, brincadeira. É o momento “de’zoar’, de ver que existem pessoas com quem você pode contar”.

Antes de entrar para o movimento, a jovem vivia no seu “mundinho”; entretanto, assim que começou a analisar a sua vida, a “sair para o mundo, a ver as desigualdades existentes”, encontrou no *Hip Hop* a possibilidade de “gritar aquele grito contido de ver tudo aquilo” que a revoltava. Nessa ocasião, entendeu a ideologia do movimento - para ela, ter ideologia significa acreditar no que faz, pregar a “igualdade e o respeito acima de tudo”; por isso não concorda com os militantes que fazem do grafite “um *hobby* ou um produto de *marketing* e não, uma paixão”. Fernanda também critica o “estrelismo” presente entre alguns *graffiteiros*; e cita vários que discriminam quem não se encaixa em determinados padrões, como se existisse “uma régua estabelecendo tamanho e forma para desenhar”.

Hoje, Fernanda se desencantou com o movimento em Campinas, pois os espaços públicos da cidade em que havia reuniões com vários segmentos do *Hip Hop*, com gente “treinando, dançando, conversando sobre eventos, expondo idéias” não existem mais. Os que estão no movimento desconhecem o sentido do *Hip Hop*. Quem ocupa os espaços oficiais, liberados pela prefeitura, em sua maioria, está em busca apenas de

“reconhecimento”, preocupado em “divulgar o seu trabalho, a sua ‘marca’, mas não a filosofia do *Hip Hop*”. Perdeu-se o “encanto”.

A imagem que Henrique faz de si mesmo é a de um espelho que reflete tudo o que passa por ele. Ao alojar-se no lugar do espelho, não se vê refletido e sim refletindo o que está fora de si, deformando-se, subvertendo-se. Não quer ir para o exterior se especializar, mas “fazer algo de bom para o Brasil”. Os colegas de escola que o fizeram sofrer deixaram “mágoas profundas” em sua vida e “refletem”, no seu entender, a ignorância de quem nunca foi a um teatro, a um concerto, ou teve a oportunidade de ler um bom livro, de sair do bairro onde moram. Talvez por isso Henrique almeja apresentar sua arte para pessoas que jamais viram um balé. “Penso em dançar bastante e, quando ficar velho, quero ser professor”.

Apesar de afirmar que não acredita em heróis, Maurílio traz a imagem de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, que com sua astúcia e coragem, o inspira a dar continuidade ao seu trabalho, levando aos quilombos e às comunidades negras rurais informações tecnológicas que possam garantir a tais pessoas o “acesso ao conhecimento dos seus direitos humanos e sociais e a formação de indivíduos atuantes na sociedade”.

Fernanda passou por momentos difíceis na vida e quase morreu, por isso quer fazer em seu corpo a tatuagem de uma Fênix, a ave que renasce das cinzas. Para Fernanda, os *graffiteiros* que ainda têm ideologia lutam para preservá-la; querem poder ensinar a arte do *graffiti* e sua ideologia nas escolas. Acredita que a situação política do país só irá melhorar quando também o povo tiver “ideologia”, quando perceber que “um depende do outro”. Uma obstinada volta da Fênix - e o seu eterno retorno - pode significar não o retorno do idêntico, mas do “idêntico que se diz do diferente, que gira em torno do diferente” (DELEUZE, 2006, p. 73), que produz o diferente e não a repetição da mesma diferença.

Quanto à Osmir, atualmente, está criando um trabalho “psicodélico” - influenciado pelo som da música eletrônica - e de “traços inconstantes”. É o Osmir dos “sonhos, das viagens. Sonho de um mundo melhor, cheio de cores”. Osmir não acredita que o *Hip Hop* irá “salvar o mundo”, pois essa tarefa caberá às crianças; por isso, em sua opinião, é

fundamental dar a elas “educação, saúde, alimentação” e, dessa forma, chegarmos “a um mundo sem classes sociais, sem preconceitos, menos arrogante”.

De um ponto a outro, esses jovens fazem “alternâncias num trajeto” (DELEUZE e GUATTARI, 1997b, p. 51), ampliando espaços para que o novo apareça em suas vidas. Eles modificam a “cartografia cultural” ¹²⁴ (ROLNIK, 1997, p. 29) que lhes serve de guia, provocando alterações em seus “processos de subjetivação” (DELEUZE, 1992, p. 217), engendrando possibilidades inusitadas de existência.

Em busca de um “estilo”, tentam arrancar os “perceptos” e os “afectos” das percepções e das afecções vividas, torcendo, invertendo a ordem que as opiniões e os clichês imprimem em seus sentimentos (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 213). Na dança, no *graffiti*, nas salas de aula de computação, o desejo não é o de “deixar a sua marca”, ou o de ser “estrela”, mas o desejo de liberar a vida da subjetividade a que estão submetidos¹²⁵.

Entre o “jogo de xadrez” e o “caos”, estão num constante fluxo de territorialização e desterritorialização, “traçando planos sobre o caos” para lidarem com ele, fazendo a passagem pelo abismo sem serem tragados por ele (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 260-261).

Esses jovens sonham com um mundo melhor em que não haja classes sociais, preconceito, arrogância - mas igualdade, respeito, acesso ao conhecimento dos direitos humanos e sociais. São utopias, “espaços essencialmente irreais”. Porém, todas as possibilidades da existência de um mundo melhor também podem conduzir esses jovens para as heterotopias, ou seja,

¹²⁴ Segundo ROLNIK (1997, p. 29), relações de força inéditas ganham corpo, sentido e valor, primeiramente, em microuniversos culturais e artísticos. A autora considera esses microuniversos como cartografias “musicais, visuais, cinematográficas, teatrais, arquitetônicas, literárias, filosóficas, etc.” do ambiente sensível que funcionam como guias e ficam à disposição do coletivo afetado por esse ambiente, ajudando-o a circular por “desconhecidas paisagens”.

¹²⁵ “[...] a subjetividade é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização” (GUATTARI e ROLNIK, 2000, p. 33). “[...] Trata-se dos movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, através da afirmação de outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outra percepção, etc. Guattari chama a atenção para a importância política de tais processos, entre os quais se situariam os movimentos sociais, as minorias – enfim, os desvios de toda espécie”. (GUATTARI e ROLNIK, *op.cit.*, p. 45, nota 5).

“lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais (...) estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis”

(FOUCAULT, 2006b, p. 415).

Subvertendo as funções dos espaços comuns, essas práticas de heterotopias poderão transformar a luta pelos direitos humanos ¹²⁶ e sociais - pautados por princípios de individualidade e universalidade - em possibilidades de inovação capazes de construir, à moda dos jovens, seus sonhos almejados.

Jesus Cristo é a maior inspiração para os jovens que militam no campo da religião. Mansidão, humildade, amor pelas pessoas, dedicação aos pobres e oprimidos são as características mais marcantes atribuídas a esse homem cujas ações realizadas no passado proporcionam aos que o seguem a “graça de ser tocado”. E “ser tocado” é ser movido pela vontade de viver dignamente, de fazer o bem, de dedicar amor ao próximo, de construir um mundo melhor, de entender a fé como uma razão de viver.

Para alguns, o Jesus histórico, “que se fez humano”, revela o Deus da Vida e é fonte de fé; o Reino de Deus pode ser construído aqui na terra, transformada em um lugar no

¹²⁶ Os direitos humanos estariam marcados, desde a sua origem, no contexto das lutas da burguesia contra a aristocracia, pelos princípios de individualidade e universalidade, dando sustentação ao surgimento da propriedade privada. Encontramos em Deleuze algumas passagens em que ele faz a crítica aos direitos humanos. Quando entrevistado por Claire Parnet (*Abecedário de Gilles Deleuze*, organizado por Bernardo RIEUX (2005, letra G), ele afirma que “agir pela liberdade e tornar-se revolucionário é operar na área da jurisprudência! Direitos Humanos não existem! (...). Trata-se de criar, não de se fazer aplicar os Direitos Humanos”. Em seu livro *Conversações* (DELEUZE, 1992, p. 213), afirma: “os direitos do homem não nos obrigarão a abençoar as ‘alegrias’ do capitalismo liberal do qual eles participam ativamente. Não há Estado democrático que não esteja totalmente comprometido nesta fabricação da miséria humana”.

qual não existem mais injustiças, nem explorados, nem exploradores. Esses jovens cristãos referem-se ao surgimento de uma sociedade socialista na qual “o lobo e o cordeiro irão pastar juntos”.

A missão e vocação leiga cristã é estar no mundo - da política, da economia, da educação. A participação dos jovens católicos envolvidos nas comunidades eclesiais de base e na Pastoral da Juventude fez com que “sentissem” a realidade sofrida dos pobres, reconhecendo nessas a presença de Jesus. Além de ver, julgar e agir, é o “sentir” que faz o jovem se comprometer com a realidade, sentir-se responsável por ela, ser “sujeito do processo histórico”.

Para outros jovens, pregar a palavra de Deus, praticar o evangelismo em massa é o motor de suas ações. A dança, o teatro, o coral, a música, os grupos de oração, os estudos bíblicos são todas formas de se obter o “conhecimento libertador”, ou seja, os ensinamentos de Jesus, a “luz verdadeira” que inspira e ilumina um novo modo de viver.

Há os jovens que consagram suas vidas a Jesus fazendo votos de pobreza, obediência e castidade. Além de orar, meditar e realizar estudos bíblicos, eles cuidam dos “irmãos moradores de rua”, não por opção, mas por um “inexplicável desejo que Deus dá de servi-Lo”. Seus verdadeiros mestres são os pobres, porque lhes ensinam a se salvarem da “independência” e a se tornarem “dependentes de Deus”. Esses jovens devotos consideram que a “radicalidade” de suas ações encantam outros jovens que deles se aproximam porque gostam de “atitudes”, de “ações” e não só de “palavras”.

Também existem aqueles que se inspiram em seus pais, em seus professores, em pessoas exemplares que, apesar dos seus problemas pessoais, têm compaixão, dedicam suas vidas ao próximo. Entre esses jovens, o Candomblé é uma religião de autoconhecimento que ensina a “olhar para frente”, sem se desligar das pequenas coisas. Como nas outras religiões, a missão deles é ser bom, ajudar as pessoas e contribuir para

um mundo melhor. Acreditam que pertencer a essa religião é sentir-se livre, é poder conviver com as diferenças sociais, religiosas, sexuais, de cor, de etnia, etc., uma vez que suas Casas recebem qualquer pessoa que os procurem em busca de ajuda. Os jovens praticantes do Candomblé exercem funções definidas pelos seus orixás; porém, afirmam eles, esse fato não implica nenhum determinismo em suas vidas, porque sabem que “ouvir aquela voz do inconsciente e conversar com ela é o mesmo que conversar com os nossos orixás e aprender com eles” - verdadeiros “anjos da guarda” que não castigam, não punem; apenas oferecem alguns parâmetros para a vida. Não seguir as orientações desses guias faria com que a ajuda nos momentos difíceis não fosse mais oferecida. Para uma das jovens é preciso aprender com os “Arquétipos” expressos nas figuras dos orixás, para se descobrir, se conhecer melhor e saber lidar com o mundo. Além de realizarem trabalhos sociais e filantrópicos, esses jovens também se envolvem com atividades culturais e políticas que acontecem na cidade.

Já os jovens espíritas dedicam-se à filantropia, ao teatro, à música, à dança, etc. como forma de evangelização. Buscam aprofundar seus conhecimentos da doutrina espírita e compartilhar sentimentos e práticas que os ajudem a refletir sobre suas próprias atitudes e a atingir uma modificação interna capaz de “acordar o jovem para a vida”.

Esses jovens acreditam que trazem das “vidas passadas” o aprendizado necessário à continuidade de suas existências. Nem paraíso, nem inferno, apenas “continuamos a ser o que éramos, acumulando o que aprendemos durante a vida”. O livre-arbítrio garante-lhes a liberdade de escolha e a responsabilidade que se deve ter diante das consequências que tais escolhas irão acarretar.

Uma vez entrelaçadas, essas vidas fazem um movimento que abre múltiplas possibilidades para a presença da religião na militância desses jovens. Algumas vezes, a religião é vivida como um “sistema arbóreo”, que hierarquiza saberes e promove a imitação de modelos segundo a lógica de uma “unidade principal”, de uma ordem a ser

seguida. Os jovens que vivenciam sua religião desse modo, por não suportarem ou não compreenderem a multiplicidade que a vida lhes oferece, operam segundo uma lógica binária, dicotômica, em que somente dois caminhos são possíveis: ou o do bem ou o do mal. Outras vezes, deslocam-se dentro de um outro sistema que chamaríamos de “rizomático”¹²⁷, ou seja, experimentam sua religião de tal maneira que essa lhes possibilita emaranhar-se/conectar-se com diferentes modos de se relacionar com o mundo, seja através da política, da arte ou da educação. Ao mesmo tempo em que a religião “territorializa”, organiza, submete, produz imitações, também possibilita a ocorrência de rupturas que desterritorializam os jovens, provocando não mais uma mera reprodução de comportamentos, mas o desejo de descobrir o novo, de ultrapassar os limites de uma vida programada - ainda que os jovens reencontrem nas instituições religiosas as mesmas “linhas segmentares” que os aprisionam em outros ambientes. Deixar a família, a cidade em que moram, os amigos, a faculdade é também poder se aventurar pelo mundo “em missão”, divulgando a palavra de Deus. Não encontramos apenas um contínuo na história de vida desses jovens: também ocorrem cisões, desvios, criação de espaços “intraduzíveis” - porque escapam das interpretações.

Michael viveu dez anos num abrigo e, aos 14 anos, voltou a morar com a mãe que havia perdido a sua guarda. O espiritismo conforta a sua dor e ele aprende teatro com o professor Edilson; um mundo mais amplo, inesperado, se abre.

As Casas Fraternas onde encontrei a Irmã Paula e o Irmão Jerônimo são “tocas” nas quais o sagrado e o profano se misturam. Além da “dedicação aos irmãos moradores de rua”, muita alegria, liberdade, discussões, brincadeiras entre os jovens, outras possibilidades para além do que chamaríamos de “fundamentalismo religioso”. Quando me disseram que poucos irmãos mantêm-se na Toca de Assis até os 60 anos de idade, pensei que, para além da obediência aos votos que professam, esses jovens experimentam na vida religiosa “correlações com o fora” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 18) capazes de germinar outras ramificações em suas vidas. Mesmo que não possam fazer curso

¹²⁷ No capítulo 1 “Introdução: Rizoma” do livro *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1, Deleuze e Guattari desenvolvem os conceitos de rizoma e arbóreo (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 11-37).

universitário, por exigência da ordem à qual pertencem, eles obtêm múltiplos referenciais a partir do contato com a “rua”. Se os pobres tornam esses jovens religiosos “dependentes de Deus”, também são eles os “seus mestres”, ainda que as regras dentro das Casas tentem colocar limites às ações dos moradores de rua e até mesmo convertê-los.

Nas religiões de tradição africana, o aprendizado dos jovens referente às suas origens acontece durante o processo de iniciação vivido na comunidade. Os “Arquétipos” ou orixás que guiam suas vidas fazem parte de uma história com múltiplos sentidos. André, da Nação Ketu, é filho de Xangô, orixá da Justiça e também deus dos raios e dos trovões. Tayrine é filha de Iemanjá, a deusa das águas salgadas, e de Oxossi, orixá caçador. Na sexta-feira, louvam Oxalá, que é sincretizado com Jesus Cristo, e Zambi, que representa Deus. Oxalá foi criado por Zambi, por isso é considerado o princípio de tudo. Como entende Gauthier (1999, p. 21-22), no Candomblé a singularidade comunitária “cria confluências rumo ao universal que nunca esquecem suas origens sensíveis no múltiplo, no pipocado do existir”.

Apesar de as histórias de vida desses jovens exercerem forte influência na forma como entendem e praticam a religião, podemos dizer que eles buscam transcender suas próprias individualidades, ora imitando um modelo que lhes sirva de exemplo e lhes propicie ir ao encontro de um Ser superior; ora sendo afetados por uma “emoção criadora” capaz de libertar a espiritualidade de uma moral aprisionada e materializada em fórmulas (BERGSON, 2005, p. 62). Bergson refere-se a uma “exigência de criação”, a um “impulso recebido”, sem garantias de sucesso, mas que uma vez alcançado remeteria a um pensamento novo, coincidente com a ação criadora no que ela tem de divino¹²⁸.

Esses jovens tanto podem ser capturados pelas normas, pela moral social, por um modelo disciplinar específico, vivendo uma “religião estática”¹²⁹ que os impede de experimentar de forma problematizadora tudo o que os inquieta, quanto podem ser atravessados por uma “religião dinâmica”¹³⁰, que os conecta a um conjunto de forças oriundas de situações concretas que os levam a explorar novos modos de se relacionar com o mundo.

¹²⁸ BERGSON, *op. cit.*, p. 213.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 95-177.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 179-222.

Quando os jovens afirmam lutar para construir o paraíso aqui na terra, tornam-se, como diria Eliade (1991), “contemporâneos de Cristo”, vivendo “tanto uma existência concreta, na História, como a contemporaneidade da pregação, da agonia e da ressurreição de Cristo”¹³¹. Para alguns, uma vez alcançado o reino de Deus, cria-se o *Kairós* - instante em que, segundo Eliade, “se ‘sai do tempo’, para reencontrar a Eternidade”. Para outros, “nem céu, nem inferno”. O que eles também buscam é o momento propício não para atingir a eternidade, ou o paraíso primevo, mas para aproveitar a intensidade dos acontecimentos por vir, ou a “Eternidade do devir” (DELEUZE, 1992, p. 146), e criar algo novo imanente à existência.

Na leitura que Silva (2010) faz a respeito de Deus no pensamento de Bergson, a criação deve ser entendida como processo e movimento, e o divino, como sendo o próprio processo e não como um movimento que remeta a uma entidade superior ou remeta o tempo à Eternidade. A finitude, portanto, não limitaria o divino, e sim seria sua expressão.

Coloco em forma de questão a afirmação de Brombert (2002, p. 15): podemos pensar uma ordem divina “sem imortalidade humana”? Ou: podemos lutar pela construção de um mundo em devir, compondo com outros, possibilidades inusitadas de existência, ou, ainda, lutar por um mundo generoso que não espere obediência, fidelidade, julgamento, confissão, recompensas e nem pacifique desassossegos em prol da acomodação na idéia de um universal justo e igualitário (PASSETTI, 2007, p. 67)?

No romance *O Estrangeiro*, Camus (1957, p. 120) constrói um diálogo no qual Meursault, antes de ser executado, é questionado pelo capelão do presídio que não acredita não ter ocorrido ao condenado o desejo de viver uma outra vida e, por isso, tenta saber dele como imaginaria uma “outra vida”. Então Meursault grita: “Uma vida na qual pudesse me lembrar desta vida”.

¹³¹ ELIADE, *op. cit.*, p. 172.

RELAÇÕES DE PODER E RESISTÊNCIAS

OS HERÓIS

Entre os estudantes entrevistados, a maioria tem como ídolo, como inspiração para a militância, a figura de Che Guevara, atribuindo a ele a qualidade de um grande líder revolucionário dedicado a transformar o mundo, a defender uma ideologia próxima de seus ideais. Também foram citados Trotsky, Lênin, Rosa Luxemburgo, Marx, Fidel Castro e todas as pessoas que “renitentemente, tomam tapa na cara do capitalismo”, que “não se acomodam nunca” e têm “a coragem de lutar por tudo aquilo em que acreditam”.

Para alguns, o líder é fonte de inspiração, mas ele não determina as ações dos jovens; pelo contrário, cria condições para que a militância esteja sempre sendo revista a cada situação. O objetivo das lutas desses jovens não fica preso a um programa encarnado por heróis, uma vez que prevalece em tal objetivo a “função de autonomia” (GUATTARI e ROLNIK, 2000, p. 177) como aquela que “permitirá captar todos os impulsos de desejo, todas as inteligências, não para fazê-las convergir num mesmo ponto central arborescente, mas para dispô-las num imenso rizoma, que atravessará todas as problemáticas sociais, tanto a nível local, regional, quanto a nível nacional e internacional”¹³². Tais jovens entendem que mudar o mundo também significa enfrentar os seus “pequenos fascismos”, modificar as relações de poder que têm com os outros e consigo mesmos (BRANCO, 2009, p. 149). Se em alguns momentos a militância se apresenta como algo estruturado, “arborescente”, em outros, percebemos relações que se constroem de maneira rizomática ainda que, por vezes, independentemente de suas vontades.

Para Marina, do Diretório Central dos Estudantes da UNIP, Che Guevara até pode ser uma inspiração para os jovens, mas o importante é conviver com a pessoa, saber como

¹³² GUATTARI e ROLNIK, *op. cit.*, p. 177.

ela pensa, como ela vive, por isso Marina dá mais valor a todas as pessoas com as quais tem aprendido muito e vivido experiências significativas.

Igor, do Centro Acadêmico da UNIP, não tem heróis, por isso preferiu referir-se ao Che e ao Fidel Castro como sendo “figuras fortes” para ele, pois elas têm “espírito revolucionário”, preocupam-se com o seu povo; ao mesmo tempo, disse prezar por sua liberdade, não se definindo como comunista ou socialista porque considera o “rótulo” limitante.

Para outros jovens, os modelos devem oferecer fundamentos racionais às suas ações, constituir uma lógica que assegure uma teoria capaz de expressar uma prática e possibilitar uma tomada de consciência.

M.T.R., do Centro Acadêmico de Pedagogia da UNICAMP, por exemplo, considera que, embora seja importante, o jovem não precisa necessariamente de um modelo para se organizar. Para ela, os modelos que inspiram a juventude continuam os mesmos e, uma vez que o capital e as contradições inerentes ao mesmo não acabaram, a mídia e a Igreja são os principais veículos na oferta desses modelos. Por isso as figuras que servem de inspiração aos militantes devem ter uma produção teórica e prática capazes de ajudar a juventude a ter o embasamento necessário para os seus atos.

Para M.I.F., do Diretório Acadêmico dos Estudantes da UNICAMP, não faltam heróis, mas é preciso que a juventude se ligue a eles, principalmente às figuras que insistem numa “proposta de construção e não questionam além da realidade”. Em sua opinião, os jovens caracterizam-se por uma postura idealista diante do mundo, sendo incapazes de apreender a essência da realidade, portanto, duvidando daquilo que vêem, cheiram e tocam e, então, “tudo pode ser questionado. (...) porque tudo é mera idéia”. A relação com o real garante encontrar a “essência”, a “realidade objetiva”, desde que os jovens abandonem o questionamento “além da realidade”, evitando com isso a criação de idéias enganosas sobre o real.

Fernando, estudante de medicina na Unicamp e membro do grupo Identidade, considera que a figura de Che Guevara, apesar de já ter sido bastante desgastada pela

mídia, pode ser considerada como sendo seu herói, principalmente por sua contribuição para a área da medicina e da política.

T.R.F., advogada e militante do Mo-Le-Ca (Movimento Lésbico de Campinas), admira algumas pessoas da área de Direito pela coragem que elas têm de levar adiante processos envolvendo preconceito, discriminações, homofobia.

Giulliane, do Movimento Estudantil Secundarista, não gosta de falar em heróis, mas em pessoas lutadoras - como Trotsky, Lênin, Che Guevara - e em militantes que, no dia-a-dia, inspiram-na, porque estão sempre juntos com ela e lhe dão “a maior força para continuar”. As principais qualidades dessas pessoas seriam o olhar crítico, a coragem de lutar por tudo aquilo em que acreditam e o fato de nunca se acomodarem.

Os jovens que participam do COMEC (Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas) referiram-se - ao serem questionados sobre seus heróis - a pessoas que os estimularam a estudar, a conseguir um emprego bom e estável.

Os pais são, para Dayanne, os grandes heróis de sua vida porque, apesar de terem de abandonar os estudos para cuidar da família, nunca deixaram de se atualizar e de impulsionar os filhos para “não perderem a esperança”.

Quanto a Johnny, quem mais o inspira e a quem mais deseja imitar profissionalmente é Bill Gates, porque ele é “show”, culto, um “crânio” em informática e inventa coisas que o deixam perplexo. Com o crescimento da tecnologia, o jovem acredita que é possível “ter a visão máxima”. No futuro, quer ser um analista de sistemas para, assim como Gates, “inventar” programas e aparelhos.

V.A.L., do E-Jovem de adolescentes *Gays*, Lésbicas e Aliados, foi o único dentre todos os entrevistados que afirmou não saber se existem pessoas específicas que o inspiram mas, caso haja alguma, acredita ele que seja “meio inconsciente”.

O “DIVERSO”¹³³ NA MILITÂNCIA

Segundo Guattari e Rolnik (2000, p. 173), o termo militante é muito “envenenado”, porque evoca tanto os significados de “devoção”, de “coragem”, de “envolvimento”, quanto os de “arregimentação” e de “militar”, fazendo emergir conotações mortíferas para a “economia do desejo”¹³⁴.

Quando alguns desses jovens militantes se referem às suas lutas pela transformação da sociedade, eles não abrem mão de sua liberdade, de sua autonomia, evocando um modo de existência com suas formas particulares de relação consigo mesmo e com os outros (FOUCAULT, 2006a, p. 270-271). Delineia-se aqui uma “estética da existência” como uma “produção inventiva de si” e um “gesto eminentemente político” (REVEL, 2005, p. 44).

Os jovens que atuam, por exemplo, no Centro Acadêmico e no Diretório Central dos Estudantes da UNIP tiveram experiências bem diversas antes de ingressarem na universidade. Igor permaneceu quatro anos na Academia da Força Aérea em Pirassununga. Nesse período, fez cursinho com o objetivo de prestar concurso para seguir a carreira militar. No cursinho, conheceu um professor de história comunista que “abriu” sua cabeça, uma vez que passou a compreender o sentido da História na vida dos homens; foi a partir daí que iniciou a sua “militância na esquerda”, ao mesmo tempo em que conheceu e se “encantou” pela diplomacia.

Desconfiado de “coisas exatas” e “verdades absolutas”, disse gostar das Ciências Humanas e da liberdade que elas propiciam para se trabalhar com as pessoas e suas diferentes realidades. Para Igor, todo jovem, homem ou mulher, deveria passar pelo

¹³³ Para Daniel Soares Lins (2006), a apologia da diferença constrói as “reservas” de índios, os guetos urbanos, os exércitos de desempregados, dos desclassificados, os pobres, os homossexuais, os nordestinos, os sem-terra, os loucos. O “direito à diferença” é usado para excluir, negar o “diverso”, entendido enquanto “espaço de identificação multipolarizada” que propicia o encontro com o outro, “num fluxo e refluxo de criatividade e de espanto, em que aquele que fala poderá se encontrar na resposta do outro”. É a transformação do “diverso potencial” em “diferença instituída” que condensa o ator na sua menoridade, fixando-o na sua diferença, “em detrimento do engendramento e da gestão do diverso”. Cf. LINS, “Como dizer o indizível?”. In: LINS (org.), 2006, p. 76-94.

¹³⁴ “[...] o desejo, aqui, não está associado, como na concepção freudiana, à representação. Independentemente das relações subjetivas e intersubjetivas, ele está diretamente em posição de produzir seus objetos e os modos de subjetivação que lhes correspondem”. Cf. GUATTARI e ROLNIK, 2000, p. 322.

menos um ano no quartel porque, além de se aprender muito sobre disciplina e hierarquia, passa-se a dar mais valor às coisas e às pessoas, fato válido, principalmente, para garotos que recebem tudo dos pais e que não têm noção da dificuldade que é “pôr um prato de arroz na mesa”. No quartel, disse ele, conhece-se outras pessoas, aprende-se a ter espírito de companheirismo, dá-se mais valor à vida. Depois do quartel, Igor afirmou ter descoberto o quanto os seres humanos são frágeis, daí a importância de se respeitar a nós mesmos e também ao outro.

Já no cursinho, o rapaz percebeu o quanto o meio militar era limitado. Ao lado da hierarquia e da disciplina, havia muita “coisa errada”, com que ele não concordava; por isso resolveu seguir outro caminho.

Uma vez aprovado no vestibular para o curso de Relações Internacionais na UNIP, aderiu, logo no primeiro ano, à militância estudantil, sendo eleito quase por unanimidade para presidir o Centro Acadêmico da sua turma.

Assim que conheceu sua colega Marina, passaram a trabalhar conjuntamente. Juntos, promoveram reuniões com a UNE, a UJS, a UEE e criaram, com a ajuda desses órgãos militantes, o DCE dentro da UNIP. Fizeram ainda um referendo junto aos alunos, avaliando os cursos, o preço das mensalidades e os problemas de ocupação dos espaços dentro da universidade.

A militância numa universidade paga, que impõe barreiras ao estudante, que “não quer aluno pensante, (...) quer aluno pagante”, não é fácil. De acordo com os entrevistados, os alunos da manhã, em sua maioria, não trabalham, pertencem a uma classe social com maior condição financeira, fazem o curso integral com o apoio da família e não se interessam pelos problemas da instituição. Os outros, principalmente aqueles que estão “cansados de sofrer”, procuram se organizar e apoiam as ações do DCE. Também há os estudantes que trabalham o dia todo e nos finais de semana ocupam-se dos assuntos familiares e dos trabalhos da faculdade, não sobrando tempo – ou mesmo desinteressando-se - seja para a militância, seja para a luta pelos seus direitos.

Igor quer fazer Ciências Sociais na Unicamp e participar de intercâmbio cultural. Sonha entrar no Instituto Rio Branco e ser um diplomata de carreira na área de Relações Internacionais pois, para ele, essa é uma forma de conhecer outros países, diferentes realidades e de representar o Brasil em outra nação.

Marina começou a trabalhar “desde pivete”, ajudando os pais em um mercado de propriedade da família. Depois que entrou na faculdade, começou a ministrar aulas como voluntária em uma escola onde sua mãe, com a ajuda de vereadores e do prefeito da cidade, desenvolveu um projeto de pré-vestibular destinado à população carente de um bairro da periferia de Americana.

Além de cursar Letras na UNIP, Marina participa do projeto Escola da Família aos fins de semana, em uma escola de Campinas.

No primeiro ano de faculdade, estagiou no gabinete do vereador do PCdoB Davi Ramos, envolveu-se com as atividades do partido e filiou-se ao mesmo. Quando estava no segundo ano, engajou-se no movimento estudantil universitário, participando dos Congressos da UNE e da UEE. Em seguida, no Congresso da União da Juventude Socialista, foi eleita presidente municipal, assumindo a direção. Nesse período, trabalhou na Secretaria de Habitação e depois na Secretaria de Obras de Americana. Ajudou também na organização dos Congressos da UEE, em Caconde (SP) e Serra Negra e da UNE em Goiânia e em Americana. No Congresso de Caconde, foi eleita diretora da UEE. Marina também organiza e participa das reuniões do PCdoB em universidades.

Ao sair da casa dos pais, Marina disse ter aprendido a conviver com pessoas que “não são sua família” e, dessa forma, entende que conseguiu desenvolver a militância de modo mais autônomo, liberando-se, inclusive financeiramente, para poder viajar. Entretanto, afirmou encontrar algumas dificuldades em seu trabalho pelo fato de existir ainda muito preconceito contra as mulheres, porque “a política é tipicamente masculina dentro do movimento estudantil e do movimento sindical”; as pessoas parecem dar mais credibilidade às lideranças exercidas pelos homens, por isso a própria chefia do *campus* de sua universidade “olha atravessado” quando ela se apresenta como sendo a presidente do DCE.

A jovem ressaltou também o fato de, em diversas ocasiões, ter sido muito prazeroso conversar com uma platéia e perceber que, num futuro próximo, algumas pessoas que ali estiveram poderão tornar-se grandes lideranças motivadas por sua fala. Sente-se como se fosse “parir um filho do movimento”. Marina acredita que é “muito

importante organizar as pessoas por meio do prazer”, por isso considera fundamentais os movimentos culturais intrinsecamente ligados à política. Entre os artistas que explicitam uma “posição política muito firme” citou Chico Buarque e Caetano Veloso.

Fernando, estudante de medicina na Unicamp e membro do grupo Identidade, interessou-se pela área da saúde pública como uma maneira de conseguir “mudanças nas condições de saúde, de vida da população” e de “atuar mais na macroestrutura”.

Na faculdade, conheceu o movimento estudantil, estudou as teorias revolucionárias e se identificou com o socialismo, o marxismo e o leninismo. Participou de três gestões do DCE, manteve contatos com o MST e com outros movimentos sociais aqui de Campinas. Há um ano, durante a organização do congresso dos estudantes, quando foi considerado como prioridade o “combate às opressões”, conheceu o grupo Identidade e acabou ficando responsável por acompanhar a construção do Mês da Diversidade Sexual, representando o DCE nas reuniões. Como resultado desses trabalhos, foi realizada a Primeira Parada da Diversidade na Unicamp e criado o Núcleo da Diversidade. Identificado com a concepção do Identidade, Fernando integrou-se ao grupo.

Apesar de se considerar socialista mesmo antes de entrar na militância, foi no Identidade que o jovem passou a “entender que não adianta mudar o sistema econômico sem mudar as outras questões que afligem a sociedade, entre elas, a diversidade sexual”. Ao congregar as mais diferentes pessoas, incluindo *gays*, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais, o grupo entende que é a unificação dos diferentes segmentos que trará possibilidades de emancipação. Quando a discussão identitária, argumenta Fernando, é “valorizada ao extremo, cada um vai pensar na sua bandeira e se esquece de olhar para o todo”. O predomínio de uma lógica compartimentalizada tem dificultado o trabalho junto a alguns grupos, reforçando o jogo político que hoje está no “caminho das divisões entre as pessoas”.

Fernando gosta da forma como o Identidade trabalha a opressão em relação à sexualidade, uma vez que seus militantes a entendem como ligada às outras formas de opressões, o que os leva a trabalhar com todos os movimentos que representam os setores excluídos da sociedade, “seja nas Paradas, nos movimentos de mulheres, de

negros, de sindicalistas” - muito embora haja nas bases de alguns desses grupos uma “rejeição de cunho moral”, como a de sindicalistas que se recusam a participar das Paradas por temerem ser identificados como *gays*.

Frequentando o curso de medicina é que Fernando percebe o quanto a desigualdade econômica está “enraizada em nosso mundo capitalista”; por isso é movido por um desejo de “mudança social” porque, diz ele, “não acredito que seja possível viver numa sociedade onde exista desigualdade”.

Para Fernando, a maioria dos seus colegas de graduação não entende que a sociedade como um todo está relacionada e que, apesar das boas intenções de alguns, suas análises da realidade são muito simplistas. Outros consideram o curso simplesmente como uma maneira de se obter *status* pessoal ou, se o pai for médico, acreditam que se abre um caminho mais rápido e fácil para a ascensão na carreira. Fernando atribui ao processo histórico e às mudanças econômicas neoliberais, ocorridas desde os anos oitenta, as causas dessas atitudes voltadas para o empreendedorismo, a produção, o *marketing*, e que apenas valorizam a idéia de que “o esforço individual conduz à riqueza”.

Investindo na militância, mas sem nunca deixar o curso de lado, Fernando já sofreu muito preconceito dentro de sua faculdade que desqualifica qualquer discussão feita no âmbito da política. A pessoa que pensa a política, nesse ambiente, é associada por colegas e professores como aquela que “não faz medicina e sim política”.

T.R.F., advogada e militante do grupo Mo-Le-Ca (Movimento Lésbico de Campinas), aproximou-se do movimento estudantil quando cursava o Ensino Fundamental, participando de passeatas e do movimento pelo Passe Livre. Aos 14 anos, optou pelo Colégio Técnico, indo estudar em uma escola técnica fora de Campinas, longe da família e morando em república. Foi durante esse período que se engajou na militância estudantil. Protestos, abaixo-assinados contra a separação entre o Ensino Técnico e o Ensino Médio, participação no grêmio estudantil, reuniões, debates, organização de campanhas, festas, namoros foram acontecimentos que lhe propiciaram uma forma de intenso aprendizado.

Quando acabou o Colégio Técnico, voltou para Campinas e, no ano seguinte, entrou no curso de Direito. Logo no primeiro ano, participou do Centro Acadêmico e ajudou a

organizar a Semana do Direito, promovendo palestras e discussões sobre o ensino jurídico, a atuação do advogado, a formação de assessorias jurídicas gratuitas e a realização de cursos de cidadania nas escolas.

Sua amizade com estudantes do PT que militavam na corrente Democracia Socialista fez com que, mesmo não sendo filiada, T.R.F. participasse de atividades relacionadas às eleições dos Centros Acadêmicos, do Orçamento Participativo, das reuniões da Conferência de Juventude em Campinas. A jovem chegou inclusive a representar os estudantes da sua faculdade em Congressos da UNE e da UEE.

Foi nesses encontros que conheceu a Quizomba, uma corrente do movimento estudantil que “não olhava só para o seu próprio umbigo” e se preocupava com as pessoas menos favorecidas da sociedade, envolvendo *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros, negros e mulheres, além de outros grupos. Aos poucos, T.R.F. foi se desligando do movimento estudantil e se aproximando do movimento *gay*, no qual milita até hoje.

No último ano da faculdade, um problema com o Centro Acadêmico que retirou dos murais todos os cartazes referentes à Parada *Gay* fez com que T.R.F. participasse de um protesto em meio aos estudantes e pedisse a palavra para denunciar o preconceito do Centro Acadêmico. Defendeu os homossexuais. Alguns riram, outros ouviram o que ela tinha a dizer; mas também foi alvo de muita fofoca, num período em que outros casos de preconceito começaram a ser explicitados, como a de uma transexual que, por não suportar a pressão dos colegas e dos professores, deixou a faculdade.

Terminando a faculdade, T.R.F. participou do primeiro Curso de Cidadania Lésbica, no Mo-Le-Ca no qual se encantou com tudo que presenciou em relação às teorias apresentadas, à autoestima das pessoas e ao conhecimento dos direitos que elas deveriam ter. Afirmou ter se “empoderado”, uma vez que se conscientizou dos seus direitos e recebeu do curso uma força muito grande para se assumir como bissexual.

T.R.F. participou de vários encontros até que em 2006, juntamente com as suas colegas do Mo-Le-Ca, criou em Campinas o Colméia B, um espaço de discussão sobre bissexualidade, mas que acolhia outros segmentos do movimento *gay*. Entre os temas debatidos, destacou-se o da religiosidade, uma vez que muitos *gays*, apesar de desejarem se envolver com a religião, não sabiam como proceder por conta de sua orientação sexual. Também fez parte da pauta o tema da “identidade”, isto é, “a forma como a pessoa se

identifica, (...) como ela se entende”. As reuniões tinham por objetivo “desconstruir mitos”, demonstrando, por exemplo, que não somente os bissexuais mas também os heterossexuais podem estar com mais de um parceiro, trair, mentir ou optar por uma relação aberta com o parceiro.

O que motiva T.R.F. a se envolver cada vez mais com o movimento *gay* é, assim como seus outros colegas entrevistados, o “desafio de mudar, é a esperança da mudança”, pois acredita que é possível desafiar a sociedade, “participando de todos os movimentos que lutam em defesa tanto das pessoas que têm uma orientação sexual diferente da heterossexual como daquelas que, independentemente de serem *gays*, também sofrem preconceitos e discriminações”. Neste sentido, afirma T.R.F., “o movimento *gay* traduz uma idéia de liberdade”.

O interesse de T.R.F. está voltado para a área de Direitos Humanos e para os princípios da Declaração Universal dos Direitos do Homem, uma vez que existe neles “uma moral universal capaz de traduzir o que seria o bem comum, a justiça, a verdade, o objetivo de todos os povos”. T.R.F. acredita que, a partir desses princípios universais, pode-se “tomar decisões e convencer os juízes em suas decisões”.

Para essa jovem militante, formas de comunicação diferentes que emergem atualmente na educação e na arte ajudam a perceber a existência de pessoas que sofreram discriminações e lutaram, mas que a história oficial ignorou. Agora que o Mo-Le-Ca foi escolhido para se tornar um dos Pontos de Cultura de Campinas, faz parte dos objetivos da instituição investir em um projeto de formação de professores que inclua o tema do respeito às diferenças e de todas as questões debatidas pelo movimento na grade curricular das escolas do Ensino Fundamental e Médio. Em sua opinião, os cursos de capacitação não obrigatórios, as palestras, as cartilhas, os “kits” não têm sido satisfatórios, pois atingem somente os “professores amigos dos *gays*”. A grande maioria, segundo T.R.F., finge concordar com a não-discriminação, porém, em sala de aula, cometem ou permitem que se cometam ações preconceituosas, muitas vezes sem perceber que essas atitudes constituem crime e “não uma simples ‘brincadeirinha’”.

Giulliane, do Movimento Estudantil Secundarista, quer fazer Ciências Sociais na Unicamp. No Ensino Médio, conheceu o professor Orestes, uma pessoa que despertou-lhe o interesse por história e pelos movimentos sociais. No segundo ano, entrou no grêmio da escola, envolveu-se no movimento pelo Passe Livre, participou de passeatas, de reuniões de mobilização e conheceu a Alternativa Socialista. Nesse mesmo período, por conta de sua proximidade com o CME (Conselho Municipal de Entidades) e da preparação do Congresso da UCES (União Campineira dos Estudantes Secundaristas), visitou escolas e grêmios estudantis. Hoje, Giulliane é aluna do Projeto Educacional Machado de Assis, um cursinho alternativo que se fundamenta na filosofia do educador Paulo Freire e mantém vínculos com outros movimentos sociais, principalmente, na área da educação popular. Além de freqüentar o cursinho na condição de aluna, milita na Alternativa Socialista, organizando passeatas, participando de reuniões com estudantes secundaristas.

Da mesma forma que Marina, ela observa que a opressão interfere ainda fortemente na militância das mulheres. As famílias, por exemplo, não autorizam que suas filhas fiquem fora de casa o dia todo, ou mesmo que viajem para um congresso com um grupo de meninos. Por isso, Giulliane, nos espaços de militância, “bate de frente” com o posicionamento machista e autoritário de muitos militantes em relação às mulheres, e decorre daí seu interesse em incluir, na pauta das discussões, temáticas que aprofundem os “fundamentos teóricos e práticos do feminismo”.

V.A.L. milita no E-Jovem de Adolescentes *Gays*, Lésbicas e Aliados - no qual é responsável pela Coordenação de Projetos. Sua função é pesquisar projetos que estejam na internet, em sites nacionais e estrangeiros, e analisar propostas e decorrentes possibilidades de obtenção de verbas. V.A.L. atua também no Projeto Escola Jovem, atendendo a escolas que solicitam palestras e debates sobre homofobia.

Entre a sétima e oitava séries, descobriu que “não gostava de mulher” e, ao contrário dos conflitos pelos quais passam outros jovens, V.A.L. encarou essa descoberta com naturalidade.

Através do *orkut*, soube da existência do E-Jovem e, junto com um amigo, resolveu conhecer o grupo que, além de atuar por meio de um site dedicado ao público

homossexual jovem, reúne seus membros em um local no centro da cidade de Campinas. Logo no primeiro dia de sua visita, acabou sendo entrevistado por uma jornalista da Rede Globo, Neide Duarte, autora do livro *Frutos do Brasil: histórias de mobilização juvenil*. Na terceira semana após sua “descoberta”, tendo já visitado o E-Jovem, sentia-se mais seguro e “protegido”, assim contou para sua mãe o que andava fazendo em suas saídas para o “shopping” e a respeito do garoto com quem estava namorando. Sua mãe “aceitou muito de boa”, mas não deixou de fazer perguntas e recomendações quanto ao uso de preservativos. Os amigos e a “escola inteira” já tinham conhecimento de que ele era *gay*, mas ele nunca se sentiu discriminado diretamente, apesar de saber que falavam dele “pelas costas”.

V.A.L. está se preparando para o vestibular e planeja continuar na militância, mesmo após entrar na faculdade. Alguns fatos, em especial os que envolvem o suicídio de jovens *gays* que não são aceitos pela família, fazem com que ele permaneça no movimento, divulgando informações, idéias, participando de debates, ajudando jovens e adolescentes a lutarem contra o preconceito.

A militância de muitos desses jovens, preocupados com a macroestrutura social, instaura-se no micropolítico e se exerce através de agenciamentos ¹³⁵ que abrangem uma gama de problemas, geralmente deixados de lado pela maioria dos movimentos militantes. Amizade, feminismo, prazer, educação, arte, identidades, respeito ao diverso, preconceito, direitos humanos são algumas das temáticas que mobilizam muitas de suas ações, permitindo que sua intervenção dentro da realidade se dê em duas dimensões antagônicas, a organização político-social em grande escala e a emancipação das minorias¹³⁶, dimensões que, segundo Guattari e Rolnik¹³⁷, funcionam juntas.

¹³⁵ “É isso agenciar: estar no meio, sobre a linha de encontro de um mundo interior e de um mundo exterior. (...). O que chamamos de agenciamento é precisamente uma multiplicidade. Ora, um agenciamento qualquer comporta, necessariamente, tanto linhas de segmentaridade dura e binária, quanto linhas moleculares, ou linhas de borda, de fuga ou de declive”. Cf. DELEUZE e PARNET, 1998, p. 66 e 153.

¹³⁶ “Uma minoria pode ser mais numerosa que uma maioria. O que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme (...). Ao passo que uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo. (...). Quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência ou salvação (...). Mas sua potência provém do que ela soube criar, e que passará mais ou menos para o modelo sem dele depender”. Cf. DELEUZE, 1992, p. 214.

Conhecer pessoas que “não são sua família”, questionar a disciplina e a hierarquia de instituições - como a do quartel - e aprender a ter “espírito de companheirismo”, respeitando a si mesmo e ao próximo, são atitudes que podem implicar um modo de participar dos movimentos sociais olhando para além “do próprio umbigo”, agregando outras referências, referências que os partidos políticos tendem a ignorar ou a considerar de pouca importância frente ao programa de uma luta global e unitária que subordina todas as outras lutas mais imediatas. Foucault se refere às “lutas imediatas” que “não esperam (...) um momento futuro, que seria a revolução, a libertação, (...) o desaparecimento das classes, a decadência do Estado, a solução dos problemas. (...) essas lutas são anárquicas; elas se inscrevem no interior de uma história imediata, que se aceita e se reconhece como perpetuamente aberta” (FOUCAULT, 2006a, p. 50).

Jovens que participam do movimento *gay*, por exemplo, tentam escapar de uma política identitária como forma de fixar condutas e procuram investir na invenção de si e de suas relações com o outro e com a sociedade (MISKOLCI, 2008, p. 230). Fernando percebeu que “não adianta mudar o sistema econômico sem mudar as outras questões que afligem a sociedade, entre elas, a diversidade sexual”, incluindo também a luta das mulheres, dos negros, dos sindicalistas. Quando T.R.F. conheceu o grupo Quizomba, pôde ampliar sua militância, envolvendo *gays*, lésbicas, bissexuais, transgêneros, negros, mulheres e outros grupos menos favorecidos da sociedade que, independentemente de serem *gays* ou não, também sofrem preconceitos e discriminações. Marina e Giuliane sentem na pele a opressão machista de muitos militantes e também das famílias, que interferem na militância das mulheres. Não poder viajar, dormir fora de casa, não ser respeitada perante as autoridades institucionais e outras dificuldades têm levado essas jovens a propor como pauta das discussões dentro do movimento estudantil temas relacionados aos “fundamentos teóricos e práticos do feminismo”.

Com relação às dimensões acima comentadas, Guattari afirma que operar nelas não significa tentar encontrar a conciliação, resolver “dialeticamente” o antagonismo, mas buscar linhas de fuga para sair das contradições. Cf. GUATTARI e ROLNIK, 2000, p. 292.

¹³⁷ Op. cit., p. 167.

Se a “maioria”, como afirmam Deleuze e Guattari (1997a, p. 52) “supõe um estado de poder e de dominação”, o que esses jovens buscam? Serem reconhecidos e inscritos nas formas dominantes, definindo-se em relação à maioria? Quando V.A.L. defende o casamento *gay*, argumentando que este já é aceito em outros países “como se os casais fossem heteros”, não estaria contribuindo para que o direito à parceria civil se torne a única maneira de legitimar as diversas/plurais relações homossexuais ¹³⁸? Quando T.R.F. compreende os Direitos Humanos como constituindo uma moral universal que traduziria o bem comum, a justiça e a verdade entre os povos, não estaria sendo capturada pela ideia de que o Estado democrático, ao formar uma opinião universal como “consenso”, é capaz de “moralizar as nações, os Estados e o mercado”? (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 139)

Talvez aqui nos ajude a distinção que Deleuze e Guattari (1997c, p. 88-89) fazem entre “minoria” como conjunto ou estado e “minoritário” enquanto devir ou processo. No primeiro caso, trata-se dos excluídos socialmente, dos indivíduos vítimas de segregação que são controlados, vigiados e que podem fazer suas escolhas desde que permaneçam nos limites da subjetividade dominante ou de um conjunto definível em relação à maioria. No segundo caso, trata-se de um devir potencial de um ato ou processo porque desvia do modelo que codifica indivíduos e grupos, e por isso firma sua minoridade. Portanto, não basta ser mulher, *gay*, negro, revolucionário, etc.; é preciso ser atravessado por um devir-mulher, devir-*gay*, devir-negro, devir-revolucionário, porque o devir implica uma desterritorialização em relação a um estado, seja este uma variável da maioria ou de uma minoria. Assim, as mulheres, por exemplo, “independentemente de seu número, são uma minoria, definível como estado ou subconjunto; mas só criam tornando possível um devir do qual não são proprietárias, no qual elas mesmas têm que entrar, um devir-mulher que concerne a todos os homens, incluindo-se aí homens e mulheres” (DELEUZE e GUATTARI, 1997a, p. 52-53).

¹³⁸ Richard Miskolci (2008) em seu artigo “Estética da existência e pânico moral” aborda esse tema, referindo-se à reação conservadora de grupos que, ao temer o potencial crítico do movimento *gay*, criaram um verdadeiro “pânico moral”. Isso gerou entre os *gays* a necessidade de buscar proteção através da legitimidade civil de suas relações. Para Miskolci, a luta por esse direito constitui um poder de mobilização, mas também uma forma de domesticar, de enquadrar as demandas de um movimento aberto à transformação do padrão das relações monogâmicas “com feições de heterossexualidade caricata e comungando dos valores hegemônicos da família, tradição e propriedade”. Cf. MISKOLCI, *op.cit.*, p. 234.

Trata-se de uma micropolítica ativa que contrariamente à macropolítica permanece indiferente às formas de se conquistar ou de se obter uma maioria. A questão que se coloca não é a de se buscar uma identidade cultural, ou de produzir uma nova subjetividade como modelo, ou de se ater à problemática que esses indivíduos ou grupos singularizam dentro de um domínio particular (individual); trata-se sim de produzir “processos de singularização”¹³⁹ que sejam “automodeladores”, isto é, capazes de captar os elementos da situação, dos modelos dominantes de subjetividade, e de construir suas próprias referências práticas e teóricas, de modo que os grupos possam conquistar um mínimo de autonomia em relação ao poder global, de liberdade para ler o que se passa em torno deles, criando novas possibilidades de vida. (GUATTARI e ROLNIK, 2000, p. 46).

Se as questões que esses jovens colocam dizem respeito a um coletivo, à construção de uma subjetividade que se conecta e se entrelaça transversalmente com problemáticas que se encontram em outros campos que aquele colocado pelo grupo ao qual pertencem, a militância¹⁴⁰ torna-se um processo aberto à transformação. Um novo agenciamento potencializa as ações desses jovens, permite a eles fazer alianças com diversos movimentos e produzir novos “modos de vida”, dando lugar a relações intensas, a uma cultura, a uma ética (FOUCAULT, 2010, p. 351). Foucault refere-se a uma posição de “esquelha”, capaz de traçar no tecido social linhas diagonais pelas quais se pode enfrentar o desafio de jogar e de inventar novos jogos¹⁴¹.

As atividades dos jovens militantes dentro e fora da universidade podem ser entendidas como “pontos de resistências móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irreduzíveis” (FOUCAULT, 1980, p. 92). Modos de agir alteram-se, fragmentam-se e se rearticulam, não numa síntese dialética, mas num

¹³⁹ “O que vai caracterizar um processo de singularização (...) é que ele seja automodelador. Isto é, que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, a nível econômico, a nível do saber, a nível técnico, a nível das segregações (...). A partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles. Essa capacidade é que vai lhes dar um mínimo de possibilidade de criação e permitir preservar exatamente esse caráter de autonomia tão importante”. Cf. GUATTARI e ROLNIK, 2000, p. 46.

¹⁴⁰ GUATTARI e ROLNIK, *op. cit.*, p. 74-75.

¹⁴¹ FOUCAULT, *op. cit.*, p. 351.

confronto em que entram em cena não apenas o “combate-contra”, visando destruir uma força, como também o “combate-entre”, processo que pode ser entendido como uma força que “se enriquece ao se apossar de outras forças somando-se a elas num novo conjunto, num devir (...)”. (DELEUZE, 1997, p. 150). Igor dá outro agenciamento às forças que a vida lhe proporcionou no período em que frequentou a Academia da Força Aérea em Pirassununga - o cursinho em que se preparava para seguir a carreira militar. É no curso de medicina, no qual Fernando é hostilizado por “fazer política e não medicina”, que este jovem percebeu o quanto a desigualdade econômica está “enraizada em nosso mundo capitalista”, encontrando aí o motivo que o leva a desejar e a lutar por mudanças sociais. É na escola, lugar onde se cometem ações preconceituosas, que T.R.F. desenvolveu, juntamente com o Mo-Le-Ca, um projeto de formação de professores que inclui no currículo o tema do respeito às diferenças, envolvendo não apenas os docentes “amigos dos gays” mas também aqueles que fingem não agir de forma preconceituosa.

Todas essas relações, vividas em lugares múltiplos, parecem ser entendidas como relações políticas fundamentais para que haja uma transformação da sociedade. Lá onde existe poder, na escola, na Academia da Força Aérea, na universidade, nas famílias, é que pode haver resistência. Resistências construídas através de “processos de singularização” que nada têm a ver com individualidade ¹⁴², pois visam modificar e escapar “aos sistemas modelizantes da subjetividade capitalística” responsáveis por enfraquecer as relações de forças dos movimentos sociais e por marginalizar grupos cada vez maiores da população. Esboça-se entre esses jovens uma ação militante que tenta agenciar os processos de singularização ali onde eles emergem e, dessa forma, desenvolver cada vez mais a capacidade de responder não só às problemáticas locais como também aos problemas fundamentais da sociedade. Não se trata de uma “superação dialética do singular, em direção ao geral” ¹⁴³, mas de “viver e morrer numa relação totalmente singular com esse cruzamento” entre a nossa própria existência e a língua, a economia, as coordenadas sócio-históricas que não coincidem com o sentido do processo de singularização, pois o

¹⁴² GUATTARI e ROLNIK, *op.cit.*, p. 130-141.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 157.

que interessa ao capitalismo é a “circunscrição destas singularidades a modos de identificação de uma subjetividade dominante”¹⁴⁴.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 69.

JUVENTUDE E REVOLUÇÃO

Os estudantes da Unicamp focaram suas ações de militância dentro do *campus*.

M.T.R. é uma das coordenadoras do Centro Acadêmico da Pedagogia e também participa do Diretório Central dos Estudantes da Unicamp. No Ensino Médio, começou a participar de atividades políticas, entre elas, o movimento pelo Passe Livre e a construção do Grêmio Estudantil na sua escola.

Inicialmente, M.T.R. tinha o objetivo de entrar no curso de Pedagogia pelo fato de este ser mais acessível em termos de aprovação no vestibular e, em seguida, solicitar remanejamento para o curso de Ciências Sociais. Contudo, as aulas e a relação com o CAP fizeram com que ela mudasse de idéia, pois percebeu o quanto é limitada a visão de senso comum que costuma reduzir a Pedagogia à figura da “tia boazinha” que cuida das crianças”. Sentiu-se motivada a estudar e a pesquisar mais sobre a temática da educação.

A jovem considera o CAP e o DCE as entidades responsáveis pela organização e intervenção dos estudantes na universidade e na sociedade. Os debates são feitos de modo a “trazer mais pessoas para serem convencidas a lutar por um ideário maior”. Os “debates de convencimento” têm, em sua opinião, pautado temas importantes envolvendo, principalmente, os calouros - apesar de sua falta de interesse, inferida a partir de um tipo de “participação sem propósito algum”. Para ela, não adianta nada lotar o “espaço agradável” do CAP “para se jogar conversa fora”. Levando-se em conta o momento de apatia em que vivemos, M.T.R. acredita que, ainda que haja poucos que se interessem em participar, terão uma “calourada com objetivo”. Para ela, questionando o micro é possível questionar coisas maiores, embora não exista, no seu ponto de vista, uma receita, pois o tipo de luta depende muito do lugar em que atuamos. M.T.R. encontra ânimo para lutar porque tem esperança de que as coisas possam dar um fruto e de que, apesar das dificuldades, as coisas irão mudar.

Assim como os seus colegas da UNIP, observa que os cursos frequentados por alunos de classe mais alta, de modo geral, caracterizam-se por uma participação política limitada. Embora a universidade pública receba alunos de diversas condições econômicas,

a jovem afirma que a grande dificuldade que se apresenta para os militantes constitui-se no fato de “o conjunto dos estudantes não ser uma classe”.

Atualmente milita no PSol e atua no Domínio Público, um campo do movimento estudantil. Critica o governo Lula por reproduzir a “mesma lógica neoliberal do FHC (Fernando Henrique Cardoso)” como também a estratégia da esquerda nesses últimos 20 anos, e por isso M.T.R. acredita que vive, militando junto ao PSOL, um momento particular de reorganização da esquerda, de luta contras as reformas neoliberais, “fazendo oposição ao governo federal e ao governo do Estado de São Paulo”.

M.I.F., do Diretório Central dos Estudantes da UNICAMP, disse que o seu duplo engajamento - dentro do PSol e do DCE - é feito “na perspectiva da revolução (...) agindo sobre a realidade, transformando o mundo”. Ao criticar a “postura idealista” dos jovens de sua geração, referiu-se aos “valores estéticos” que agora ganham um valor maior e fazem os jovens duvidar daquilo que “vêem, cheiram e tocam”, fazendo com que tudo possa ser questionado, “porque tudo é mera ideia”.

M.I.F. é de uma família que, segundo ele, pertence à “pequena burguesia proprietária”. Pelo fato de ser muito estudioso, acabou ganhando uma bolsa de estudos e o respeito do seu pai por sua autonomia. Teve bons professores e referências que o ajudam até hoje a “pensar na construção do socialismo” e também nos problemas que tem enfrentado dentro da universidade. Desde pequeno sempre teve como *hobby* preferido a computação, o que o levou a ganhar aos 13 anos seu primeiro computador. Entre o curso de medicina e o de computação, optou por este último, sendo aprovado no vestibular da Unicamp e da USP.

Não gostou do curso e, assim que se formou, resolveu fazer uma outra graduação. Hoje, faz o primeiro ano em Ciências Sociais, mas ainda não está contente. M.I.F. percebe que o “colega mais *nerd*” é o que “se dá melhor”. Os seus conflitos ficaram mais claros quando trabalhou oito meses em um laboratório da Unicamp. Ali, passou a compreender que o trabalho, a universidade, a família são burocracias formadoras de pessoas “que compõem a chamada sociedade normal”. No mundo do trabalho, considera M.I.F., o jovem “tem que competir, tem que ser o melhor”, mesmo que não esteja disposto a agir dessa

forma. A noção de família, segundo M.I.F., tem sido afetada pelo crescimento do capitalismo, mas os jovens não encontram espaços onde possam discutir as reflexões que fazem, questionando o comportamento dos pais. A universidade, por sua vez, é uma organização social que se exacerba na produção de engrenagens para o mercado segundo a lógica do capitalismo. Para M.I.F., a ênfase maior do ensino está no desenvolvimento de patentes capazes de registrar “o maior número de produtos a serem consumidos pelas empresas atreladas à universidade”. Apesar desse papel atribuído à universidade, ele ainda vê que é possível considerá-la o “templo do saber”, um lugar em que as pessoas pautam temas importantes, discutem, decidem, são respeitadas; um lugar em que ocorre “choque de ideias intensas, o que favorece a responsabilidade dos apontamentos para o futuro”.

O que mais mobiliza as opções de M.I.F. é a “noção de sujeito responsável pelo seu destino”. Ele entende que, se dentro do sistema de produção capitalista, a perspectiva da raça humana é a sua extinção, não tem como nos isolarmos numa vida particular e nem ignorarmos que existem soluções para os problemas que nos são colocados. Declarando-se otimista e acreditando que “coisas boas acontecem”, o jovem compreende que a construção de “algo novo”, a “construção de uma ruptura socialista” está “nas mãos de todos nós”.

Para M.T.R., ter uma “calourada com objetivo” implica envolver os estudantes nos “debates de convencimento”, momento em que podem ser convencidos a “lutar por um ideário maior”. M.T.R. refere-se a um ideal maior que poucos se interessam em discutir. Os que participam parecem ter algo em comum com os militantes organizadores do movimento estudantil e não precisam de convencimento, então, a quem cabe convencer e converter? Quem deve convencer-se e converter-se? A maioria dos estudantes não se convence nem se converte por que não se constitui como uma classe social?

A noção de “conversão” é discutida por Foucault em *A Hermenêutica do Sujeito* (2006c, p. 253-273), especialmente no que se refere à prática revolucionária. Após relatar os sentidos da conversão para Platão, para as culturas helenística e romana e para o Cristianismo, Foucault examina o modo pelo qual na Antiguidade a “tecnologia de si” que é um “converter-se a si”, isto é, fazer a volta em direção a si mesmo, atrelou-se à política, ligando-se em seguida à prática revolucionária. Inicialmente, o esquema de conversão

passa pelo significado relativo ao “pertencimento à revolução” e gradativamente esse pertencimento ocorre pela “adesão a um partido”¹⁴⁵.

A conversão encontrada na prática de si helenística e romana não faz oposição entre este mundo e o outro (o mundo das essências, da verdade e do Ser); a conversão nessa cultura libera-nos em relação a tudo o que não podemos dominar para conseguirmos alcançar o que podemos dominar. Mais do que o saber, do que o conhecimento, no processo de [se] *convertere ad se*, o elemento essencial da conversão será a prática, o treinamento de si; o eu que se converte não renuncia a si mesmo, não morre para si como forma de renascer em outro eu; a ruptura acontece em torno do eu em relação ao que cerca o eu, para que possa se liberar de qualquer forma de escravidão. Ao invés da metáfora do pião¹⁴⁶ que gira sobre si sob o impulso de um movimento exterior, Foucault traz a metáfora feita por Sêneca ¹⁴⁷, remetendo-nos à ideia do rodopio, do sujeito que gira em torno de si mesmo - não para conhecer-se a si mesmo (platônico), nem para examinar-se a si mesmo (espiritualidade monástica), mas para construir um vazio, uma distância em torno de si e, desse modo, como sujeito de ação, poder pensar e atingir suas metas. Metas em relação ao “si mesmo” e também que dizem respeito ao que nos cerca¹⁴⁸, ao conhecimento que temos sobre os homens, o mundo, um saber “etopoético” que poderá ter efeito em nossa maneira de agir, em nosso *êthos*. É preciso, diz Foucault, que esse conhecimento “afete o sujeito, e não que o sujeito se torne objeto de um discurso verdadeiro”.

Os calouros não aderem às discussões, mas desejam ocupar o “espaço agradável” do Centro Acadêmico. Algo naquele espaço, além do “jogar conversa fora”, atrai esses jovens que expressam vontades talvez bem diferentes das metas e planos traçados pelos militantes estudantis e que não são considerados.

Para que essas outras vozes sejam ouvidas, é preciso redefinir o que significa uma revolução nos dias de hoje. Não se trata, conforme Foucault (2006a, p. 51), do fim das revoluções, mas de um período histórico “dominado pelo monopólio da revolução”, no qual as dimensões econômica e social subordinam as lutas menores até o

¹⁴⁵ FOUCAULT, *op.cit.*, p. 257.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 255.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p. 261.

¹⁴⁸ *Ibid.*, p. 288.

desaparecimento das classes, do Estado e da solução das desigualdades. Uma revolução que designa “uma luta global e unitária de toda uma nação, de todo um povo, de toda uma classe (...), uma luta que promete subverter de alto a baixo o poder estabelecido, (...) uma luta que garante uma libertação total, e uma luta imperativa já que ela, em suma, exige que todas as outras lutas lhe sejam subordinadas e permaneçam dependentes dela”.

Redefinir a revolução talvez possa nos conduzir a recusá-la como representação, como modelo de comportamento e a assumi-la não apenas como um projeto político, mas como uma “estética da existência”, como uma forma de relação consigo mesmo e com os outros¹⁴⁹. A revolução deixa de ser programada e passa a ser vista enquanto processo. As revoluções, como diria Guattari¹⁵⁰, são imprevisíveis. A questão está em “como fazer com que se mantenham os processos singulares (...) articulando-os numa obra, num texto, num modo de vida consigo mesmo ou com alguns outros, ou na invenção de espaços de vida e de liberdade de criação”¹⁵¹. Trata-se de “revoluções moleculares”, de um “conjunto das possibilidades de práticas específicas de mudança de modo de vida, com seu potencial criador”, condição fundamental para haver uma transformação social. Nada “utópico”, nada “idealista”¹⁵²; no entanto, acreditar que “as coisas (...) possam dar um fruto (...)”, que “as coisas boas acontecem” pode ser uma forma de “fabular” (DELEUZE, 2007, p. 185), de afirmar a ficção como potência e não como modelo, tornando-a cada vez mais real do que ficcional.

Quando há um modelo a ser seguido, os processos revolucionários ficam bloqueados e as pessoas e grupos não aderem à luta, não se “convencem” e encontram meios de escapar dos debates, dos encontros, das doutrinações. O sucesso de uma revolução, afirmam Deleuze e Guattari (1992, p. 229), “reside nela mesma, (...) nas vibrações, nos enlaces, nas aberturas que deu aos homens no momento em que fazia, e que compõem em si um monumento sempre em devir, como esses túmulos aos quais cada novo viajante acrescenta uma pedra”.

Pode-se pensar em revolução codificando as lutas, os enfrentamentos dentro da lógica da contradição, assegurando, através da história, a constituição de um sujeito

¹⁴⁹ FOUCAULT, *op.cit.*, p. 270-271.

¹⁵⁰ GUATTARI e ROLNIK, *op. cit.*, p. 185.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 185-186.

¹⁵² *Ibid.*, p. 187.

universal, de um direito “em que todas as particularidades teriam enfim seu lugar ordenado” (FOUCAULT, 1999, p. 69); ou em “devires revolucionários” nos quais o que está em questão são as lutas parciais, imediatas, que atravessam o cotidiano das pessoas e que trazem em si o “potencial revolucionário”¹⁵³ (MALATESTA, 1975b e 1975a apud AVELINO, 2010, p.158). Devir esse que estabelece comunicações transversais entre indivíduos e grupos heterogêneos.

Quanto aos calouros que participam, eles seguem passivamente as metas a serem atingidas ou percebem que, à medida que exercem a militância, tornam-se capazes de se tornar conscientes da própria força, da liberdade em poder aprender com as lutas, transformando essa aprendizagem em “saberes de si”? A ação política pode ser reconhecida aqui não enquanto um processo de imitação ou filiação partidária, mas enquanto capacidade de invenção, escapando das regras, dos hábitos, dos programas que codificam o espaço de suas ações.

Os estudantes não são uma classe, diz M.T.R., e isso dificulta as ações dos militantes. Se os considerarmos enquanto massa, poderíamos observar, juntamente com Deleuze e Guattari (1996, p.101-102), a existência de dois movimentos simultâneos. De um lado, o aspecto molecular, as massas, com suas mutações, descodificação-desterritorialização, conexões dos fluxos que escapam aos códigos; de outro, o aspecto molar, as classes ou segmentos, com sua organização binária, sobrecodificação-territorialização, conjunções dos fluxos, obstruindo as linhas de fuga¹⁵⁴. Na massa os movimentos se precipitam, saltam de uma classe a outra, modificam as relações de classe, questionam a sua sobrecodificação e sua reterritorialização, fazem passar linhas de fuga. Operando por macrodecisões, o movimento estudantil mergulha em escolhas binárias, já sobrecodificadas, territorializadas, ou seja, de um lado quem participa, quem tem consciência de classe; de outro, quem não participa, não tem consciência, é alienado. No nível micropolítico, essa lógica se desfaz, e os militantes poderão encontrar atrações e

¹⁵³ Avelino (2010, p. 158) refere-se à Errico Malatesta (1975b e 1975c), para quem as insurreições concretas, menores ou ininterruptas podem aumentar a potência da liberdade dos indivíduos, fazendo com que tomem conhecimento de suas próprias forças.

¹⁵⁴ Para Deleuze e Guattari, a “conexão” é a maneira pela qual os fluxos descodificados e desterritorializados se movimentam e abrem passagens para as linhas de fuga. A “conjugação” desses mesmos fluxos indica parada, pontos de acumulação, barreiras para as linhas de fuga; ocorre uma reterritorialização geral e os fluxos que passam são sobrecodificados. Cf. DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 100.

desejos que deverão ser avaliados de outros modos, decodificando, desterritorializando os códigos já conhecidos. São movimentos que coexistem; porém, “boa ou má, a política e seus julgamentos são sempre molares, mas é o molecular, com suas apreciações, que a ‘faz’ ” ¹⁵⁵.

Acredito que as adesões ao movimento ocorrem não porque há uma “tomada de consciência”, mas elas acontecem quando os estudantes constroem, durante as lutas, valores que dizem respeito às relações de si para consigo e para com os outros. O militante torna-se então um “inventor”, um “experimentador”, aquele que propõe iniciativas “não segundo a lógica da realização de um plano ideal, de uma linha política que concebe o possível como uma imagem já dada, mas segundo a inteligência concreta da situação da multiplicidade, que o obriga a colocar em questão sua própria identidade, sua visão de mundo e seus métodos de ação” (LAZZARATO, 2006 *apud* AVELINO, 2010, p. 161).

M.I.F. contesta os “valores estéticos” dos jovens de sua geração, que os levam a assumir uma “postura idealista” diante do mundo e, por isso, são incapazes de agir sobre a realidade, duvidando de tudo aquilo que “vêm, cheiram e tocam”. Mas como transformar o mundo existente sem se criarem as condições para a expressão de outros mundos possíveis? Sempre percebo menos do que o real, pois aquilo que vejo, cheiro e toco está envolvido no tumulto da vida cotidiana, por isso é preciso romper com a percepção, com o sentimento, com o “modelo da reconhecimento” (DELEUZE, 2006, p. 194) - isto é um pote, uma pedra - e aprender a ver, abrindo-se a outros mundos possíveis. Ao invés do “estetismo”, talvez pudéssemos falar em arte como criação, não para realizar um possível, mas para tornar possível aquilo que não está dado de antemão e portanto não incluído em projeto, em manifesto algum. Resistir, nesse aspecto, seria “se projetar para além do presente, para além de nossas experiências já codificadas, para além de um domínio do possível decidido de antemão nas esferas da moral e da política” (ONETO, 2007, p. 210). A arte não espelha a realidade, ela carrega em si uma potência vital que a faz escapar aos modelos e mover-se num processo constante de transformação do real. Existe um campo de forças durante o ato de criação - seja da obra de arte, da escrita, da educação, da militância - que

¹⁵⁵ *Ibid.*, p. 102.

mobiliza “afectos” e “perceptos”, provocando rupturas nas cristalizações já existentes, uma vez que arrancam o “percepto” das percepções e o “afecto” das “afecções”, dos sentimentos. Durante esse ato, elimina-se tudo aquilo que “gruda em nossas percepções correntes e vividas” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 223), faz-se gaguejar, fender, torcer a linguagem, inverte-se a ordem que a opinião imprime em nossos sentimentos, ou “afecções”.

M.I.F. declara-se otimista e compreende que a construção de “algo novo”, “de uma ruptura socialista” está “nas mãos de todos nós”, pois somos “sujeitos responsáveis” por nosso destino. Sim, somos sujeitos do que fazemos, pensamos e dizemos, o que nos torna livres da contingência que nos fez ser o que somos, possibilitando “não mais ser, fazer ou pensar o que somos, fazemos ou pensamos” (FOUCAULT, 2008b, p. 348). A militância vivida dessa forma transforma-se então em obra não acabada, “um processo que pode ser sempre recomeçado e reinventado” (ALVES, 2009, p. 1). Um otimismo que passa pela utopia não como sonho ou algo a se realizar no futuro, mas enquanto movimento que se conecta com o real aqui e agora e inventa percursos. “Utopia já!” (PASSETTI, 2007, p. 74).

RESISTÊNCIA, CRIAÇÃO E TRABALHO¹⁵⁶

Johnny e Dayanne são estudantes do Ensino Médio e participam do Programa de Educação para e pelo Trabalho do COMEC.

Foi a condição financeira da família que motivou Dayanne a procurar pelo COMEC. Uma vez aprovada nos testes, ela passou a participar das oficinas ligadas à educação e dos cursos de capacitação, até conseguir uma vaga no Banco do Brasil e, depois, na Nossa Caixa, onde trabalhou na área de informática e atualmente, por solicitação do banco, no setor contábil.

O mundo, para Dayanne, “não deixa a gente parar”, por isso a jovem está sempre investindo o seu salário em cursos profissionalizantes realizados em um Colégio Técnico particular. Nesse sentido, o COMEC é o seu “braço direito”, porque a tem ajudado e acolhido na sua vontade de seguir adiante. As dinâmicas de grupo utilizadas e o trabalho dos educadores, dos terapeutas e dos psicólogos fizeram com que Dayanne conseguisse vencer a timidez, descobrir a sua capacidade de falar, de conversar, de ouvir as pessoas. Uma vez que é um espaço em que existe “respeito” e “diálogo”, Dayanne considera o COMEC como o lugar do seu “refúgio”.

Para ela, os políticos tornaram a política “um anti-herói para a juventude”, porque “só trabalham a favor deles”, deixando o povo e os jovens “para trás”. Mas ela não perde a esperança e, ao olhar para os políticos, afirma que irá “ser melhor”, “fazer melhor” e, se “eles acham que podem, (...) eu também posso, fazendo coisas boas, úteis, ajudando as pessoas que estão ao meu lado”.

¹⁵⁶ A inspiração para esse título originou-se do livro *MundoBraz: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo*, de Giuseppe COCCO (2009), que nomeou um subitem do primeiro capítulo com o título “Intermezzo 2: Resistência, Criação e Trabalho”. Fundamentado em Deleuze, Cocco afirma que toda luta, todo ato de resistência, é uma forma de arte. O plano da criação é o da criação de um mundo, do “belo”. O “belo nasce (...) do trabalho. É o conjunto do trabalho humano acumulado que determina valores, formas de vida, novos seres, acréscimos de ser!”. O trabalho artístico é aquele que liberta o trabalho da sua condição servil. Segundo Cocco, as condições de trabalho que enfrentamos hoje nos colocam diante de uma clivagem. Ficamos diante de dois pólos nem sempre perceptíveis: de um lado, no horizonte, abrem-se possibilidades de nos dedicarmos a atividades livres, criativas; de outro, somos prisioneiros de uma “nova condição servil”, quando a arte é capturada e reduzida a um trabalho fragmentado e precário, reduzida ao *marketing*. A especificidade do trabalho artístico é “ser o indicador dessa inexaurível capacidade do homem de produzir novo ser (...) um novo povo que ainda não existe: devir”. Cf. COCCO, *op.cit.*, p. 85-93.

Pontos de interrogação é a imagem trazida por Dayanne e que a descreveria como uma pessoa adulta, pela vida difícil que já viveu, com muitas dúvidas a respeito de si mesma e do mundo em que vive.

Johnny declarou-se um jovem “rebelde” até conhecer o COMEC. Cabelos longos, roupas largas, bagunceiro; cabulava as aulas para ficar com os amigos e jogar vídeogame. Certa vez, na escola, ouviu falar do COMEC e, por curiosidade, resolveu se inscrever para fazer as provas, imaginando que não seria chamado para nada. Para sua surpresa, foi aprovado no processo seletivo. De “jovem zoeira” transformou-se em um “jovem maduro, com a cabeça no lugar”.

Logo nos primeiros dias de COMEC, o rapaz inscreveu-se nas aulas de informática, no laboratório de artes e em todas as oficinas oferecidas aos jovens inscritos no Programa de Educação para e pelo Trabalho. No “Grupo de Representantes” ele deu início às suas atividades de liderança. As reuniões eram tão dinâmicas que o estimularam a sugerir mudanças no programa de atendimento aos adolescentes. Os supervisores e coordenadores perceberam que ele “fazia acontecer aquilo que cada adolescente queria”.

Assim que finalizou a sua capacitação foi indicado para trabalhar na Rhodia, na área de eventos. Seu sonho é poder ser efetivado nessa empresa, onde se iniciou profissionalmente. O COMEC e a Rhodia representam para sua vida uma “grande mudança”, porque aprendeu a se expressar melhor, a dialogar com muita gente, além de receber incentivo para “crescer pessoalmente” e se “capacitar para o trabalho”.

Johnny diz sentir-se “completo”, “responsável” e às vezes “como um adulto”, principalmente agora que tem um filho de dois meses para criar. Apesar de não saber como explicar a “sensação boa” de que se está trabalhando, aguarda com preocupação a chegada dos seus 18 anos, quando ocorrerá o “desligamento automático” de todos os seus vínculos junto à empresa Rhodia e ao COMEC.

A imagem de uma árvore florida, com um ninho de passarinhos e um filhote com a boquinha aberta, aguardando pela comida, reflete, nas palavras de Johnny, a sua preocupação não apenas com o filho, mas também com o meio ambiente e com as novas gerações, pois não sabe se outros poderão conhecer amanhã o que nós conhecemos hoje.

Jovens que lutam para sobreviver, que pressionados pelas exigências competitivas do mercado de trabalho acabam sendo submetidos aos princípios que regulam a subjetividade dos indivíduos segundo o modelo da sociedade empresarial. Na pauta: aumentar cada vez mais a capacidade de trabalho, as habilidades profissionais, tornar-se “empresário de si mesmo” (FOUCAULT, 2008, p. 311).

Johnny e Dayanne transformaram-se com o objetivo de alcançar um sonho quase impossível para a maioria dos jovens brasileiros: o primeiro emprego. Capturados, eles investem o que podem. Pélbart (2003, p. 23-24) ressalta que requisitos como inteligência, imaginação, criatividade e afetividade representam toda uma dimensão subjetiva voltada exclusivamente para o trabalho. Toda a vitalidade cognitiva e afetiva é investida na economia, “a principal fonte de valor”.

Bill Gates, considerado um dos homens mais ricos do mundo, é o exemplo máximo de autoempreendedorismo, de “força de invenção”. O que impressiona Johnny não é tanto a fortuna de Gates, mas sua capacidade de invenção. Porém, o treinamento ao qual esses jovens são submetidos, bem como a empresa em que fazem seus estágios, parecem não proporcionar a liberdade de criação da forma como a imaginariam. Pélbart¹⁵⁷, citando Toni Negri, afirma que “agora é a alma do trabalhador que é posta a trabalhar, não mais o corpo que apenas lhe serve de suporte. Por isso, quando trabalhamos nossa alma se cansa como um corpo, pois não há liberdade suficiente para a alma, assim como não há salário suficiente para o corpo”.

Quando entrevistei Johnny, ele estava prestes a completar seus 18 anos e sua angústia estava fortemente explícita, pois aproximava-se o momento de ele ser desligado do COMEC e da Rhodia, lugares onde aprendeu quase tudo que um jovem necessita para iniciar uma vida profissional. Tanto ele quanto Dayanne ressaltam a importância desse período em suas vidas: aprenderam a se expressar melhor, a dialogar com as pessoas e como crescer pessoal e profissionalmente. Habilidades certamente importantes, mas que parecem estar sendo investidas numa única direção, o mercado empresarial. Por que não

¹⁵⁷ *Op. cit.*, p. 24.

aproveitá-las em outros investimentos que não os de exploração de suas vitalidades? O problema é saber que outros modelos de investimento existem para esses jovens e para outros indivíduos ou trabalhadores “que se recusam a assumir-se como empreendedores de si mesmos” (DUARTE, 2009, p. 49).

Como colocar a produção de subjetividade existente no seio das infraestruturas produtivas a favor dos trabalhadores e não mais ao lado das forças mercadológicas que desvitalizam os indivíduos, sugando todas as possibilidades de transformação da sociedade? Se, como afirmam Deleuze e Guattari (1997b, p. 177), as máquinas da cibernética e da informática recompõem um regime de servidão generalizado¹⁵⁸, como fazer com que o aprendizado adquirido dentro desse regime crie “práticas alternativas” ou, como diriam esses autores, “conexões revolucionárias contra as conjugações da axiomática¹⁵⁹”? Como suscitar fluxos que escapem, atravessem ou convulsionem a axiomática capitalista?

Abater o capitalismo, redefinir o socialismo, constituir uma máquina de guerra que responda à máquina de guerra mundial com outros meios, sugere Deleuze ¹⁶⁰. Trabalhar sim, mas em atividades marginais ao trabalho produtivo alienante. Perceber as proposições, os “movimentos indecidíveis” da alta tecnologia do sistema mundial de servidão que “dão armas ao devir de todo mundo, devir-rádio, devir-eletrônico, devir-molecular ...”, rádios livres, redes comunitárias urbanas...¹⁶¹. “Indecidível”, gérmen e lugar das decisões revolucionárias. “Não há luta que não se faça através de todas essas proposições indecidíveis (...)”.

¹⁵⁸ É na automação que encontramos uma nova servidão, uma mais-valia que se torna maquínica e que se estende por toda a sociedade. Trabalhamos muito mais em menos tempo e estamos continuamente conectados ao trabalho. Sujeição e servidão passam por microagenciamentos que nos fazem acreditar em nossa liberdade de operarmos essas máquinas, conduzindo o trabalho para duas direções: a do sobretrabalho intensivo e a do trabalho extensivo tornado precário e flutuante. Cf. DELEUZE e GUATTARI, 1997b, p. 157-173.

¹⁵⁹ Deleuze e Guattari referem-se ao diagrama ou diagramatismo como estando em oposição ao axioma ou operação axiomática. O diagrama, sendo contra a axiomatização, tem possibilidades de traçar linhas de fuga criadoras, de conjugar traços de desterritorializações. A rede de alianças na sociedade, por exemplo, enquanto uma rede frouxa, transversal, instável, constitui um diagrama. A axiomática, por sua vez, barra todas as linhas, submete-as a um sistema pontual, não inventa, não cria, mas retém, fixa, instala-se em um nível de “abstração cristalizada”. A estrutura, por exemplo, diferentemente da rede de alianças, é um sistema estável, ordenador; portanto, uma axiomática. Cf. DELEUZE e GUATTARI, 1997a, p. 102.

¹⁶⁰ DELEUZE e GUATTARI, 1997b, p. 176-177.

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 177.

Finalizo este capítulo com a imagem de bebês trazida por M.I.F. Para ele, os bebês têm vivacidade, são muito curiosos e o ajudam a descobrir o mundo como ele é, em sua materialidade. Também para Deleuze (1997, p. 151), os bebês apresentam vitalidade, um “querer-viver obstinado”; porém, diferentemente de M.I.F., Deleuze considera que eles são “cabeçudos”, “indomáveis” e concentram “energia suficiente para arrebentar os paralelepípedos (...)”, para não se deixarem domar pela realidade que os cerca.

Um bebê é capaz de ser afetado pelos sons, gestos, toques, inventando possibilidades de contato com o mundo que pouco a pouco serão transformadas em formas cristalizadas de viver a vida, ou em “blindagens” contra a vida.

Preservar a capacidade de ser afetado significa criar uma outra relação com a vida, livrar-se das formas adquiridas de se compreender o mundo, desfazer os códigos estabelecidos, estabelecer comunicações transversais com pessoas, grupos diferenciados e singulares; como os bebês, nos permitir ser atravessados por uma vida que possibilite “esgotar-se”, desfazer-se de tudo aquilo que a aprisiona e experimentar “nascer de novo” (PÉLBART, 2008, p. 15) sempre..., trabalhando a si mesmo, a vida, o mundo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Provavelmente sobre as frondes viriam os pássaros a cantar
Levando-me até os caminhos indecisos da aurora.
Entretanto havia uma pergunta que me desafiava
E um desejo obscuro nas mãos de apanhar objetos
largados na tarde...*

*Fui andando...
Meus passos não eram para chegar porque não havia
chegada
Nem desejos de ficar parado no meio do caminho.
Fui andando...*

*As coisas eram simples.
Nem gaivotas no mar imperturbável,
Mas havia uma pergunta que me desafiava*

*E os mistérios se encontravam como dois números e se
completavam
Em meu rosto... Nada posso fazer, pensei.
E fui apanhando objetos largados na tarde
Com as ruínas do outono em que vicejo.*

(MANOEL DE BARROS, 2010, p. 50-51)

Releio o texto e sinto que há algo mais a pensar, a escrever, a criar. Por vezes, tenho encontros casuais com alguns dos jovens entrevistados e imagino a continuidade desta pesquisa.

Experiências singulares foram narradas, dizeres únicos disseminaram-se, fazendo emergir a figura daqueles narradores capazes de “intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1987, p. 198).

Ao buscar em Meihy, e mais especificamente em Caldas, uma “poética da interpretação”, encontrei um caminho aberto a leituras inesperadas em relação às singularidades das vidas dos jovens entrevistados e à forma como seus heróis os inspiraram na militância.

Leituras que se entrecruzaram e fizeram fluir os elementos narrativos não como dimensões explicativas da realidade, mas como vidas abertas a infinitas outras abordagens que por isso, exigem diálogo. Cada leitor, assim, é chamado a também recriar histórias, cedendo a uma ficcionalidade viva que compreende as vidas escolhidas pelos narradores para serem as suas vidas naquele exato momento em que foram contadas. Vale lembrar, como bem adverte Caldas (1999, p. 3), que se devem evitar, nesse processo, as dicotomias sujeito-objeto, eu-tu, oral-escrito, documento-pesquisador, entre outras.

Textos vivos. Pulsantes. Textos “traídos” pelas interferências e que se abrem às múltiplas interpretações e às forças que “fazem viver uma vivência de uma outra maneira” (CALDAS, 1999, p. 4); textos que não retratam um reflexo do vivido, mas textos abertos que dialogam com as múltiplas vivências do ser social.

Se por um lado as histórias narradas não refletem o “estritamente vivido”, por outro elas propiciam a “experiência de si” ou um “trabalho sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2006c, p. 212 e 220): os jovens se observam, se interpretam, se julgam e trazem à tona todo o potencial de sentido que os heróis têm em suas vidas de militantes.

Por vezes, esses jovens são capturados por estereótipos, por referências que os enredam nos preceitos morais e utilitaristas do mundo contemporâneo; por outras, a relação com seus heróis os levam a experimentar novos modos de *ser*, outras formas de subjetivação (FOUCAULT, 2006a, p. 215).

*Ver-se de outro modo, dizer-se de outra maneira,
julgar-se diferentemente, atuar sobre si mesmo de outra forma,
não é outra forma de dizer “viver” ou “viver-se” de outro modo,
“ser outro”? E não é uma luta indefinida e constante
para sermos diferentes do que somos
o que constitui o infinito trabalho
da finitude humana e, nela, da crítica e da liberdade?*

(LARROSA, 2008, p. 84)

Acontecimentos inéditos nutrem de uma potência vital as vozes desses jovens. Encontro nelas o sentido que Foucault (1984, p. 13) dá à expressão “separar-se de si mesmo”.

Palavras atravessadas por experiências-limite,
ora se transformam numa interioridade confortável,
ora em loucura,
ora em desrazão,
forças do Fora obrigam o pensamento a pensar diferente.

Ao poder sobre a vida responde o poder da vida.

(PÉLBART, 2003, p. 25)

POR UM LINDÉSIMO DE SEGUNDO

*tudo em mim
anda amil
tudo assim
tudo por um fio
tudo feito
tudo estivesse no cio
tudo pisando macio
tudo psiu
tudo em minha volta
anda às tontas
como se as coisas
fossem todas
afinal de contas*
(LEMINSKI, 2002, p. 107)

Encontro guerreiros, agenciamentos de guerrilha, armas de guerra que potencializam “comunidades por-vir”.

*en la lucha de clases
todas las armas son buenas
piedras
noches
poemas*
(LEMINSKI¹⁶³)

¹⁶³ *Op.cit.*, p. 60.

Memória labiríntica
Sonoridades ecoam ritmos musicais festivos,
mas também “batidas de resistência”, embates...
estilhaços perdidos
é preciso saber esperar o momento propício.

*Nuvens me cruzam de arribação.
Tenho uma dor de concha extraviada.
Uma dor de pedaços que não voltam.
Eu sou muitas pessoas destroçadas.*

(MANOEL DE BARROS¹⁶⁴)

O nosso entendimento sobre o mundo
se amplia.

Heróis
Por vezes, modelos de verdade.
Captura.
Por outras, exemplos de um modo novo de criar a vida,
de se relacionar com o mundo.
Ruptura.

*(...) trago a imagem de Zumbi,
mas não aquela do morto-vivo
que (...) vaga pela noite,
e sim a do líder do Quilombo de Palmares.
Corajoso e astucioso, protegeu os quilombolas
dos ataques dos exércitos
e milícias que ameaçavam
organizações sociais africanas.*

(MAURÍLIO ÁTILA CARVALHO DE SANTANA, 2007)

¹⁶⁴ *Op.cit.*, p. 313.

*Tenho uma imagem que eu adoro,
da Ângela Davis, que foi do Black Panthers.
Ela usa black power e está com a mão para cima,
o punho fechado, lutando contra a opressão.
É referência porque representa
a juventude negra organizada.*

(JAQUELINE LIMA SANTOS, 2007)

Heróis

geram encontros com a diferença,
possibilidades de inventar, de pensar
de experimentar tudo o que inquieta,
de forma problematizadora.

*Quanto à imagem que faço de mim mesmo, existem várias.
Hoje, acho que é a do Maio Francês, ou seja, aquela cujos jovens aparecem
com uma bandeira vermelha na mão e com uma tarja, tapando a boca e o nariz,
por causa das bombas de gás.
É uma foto em preto e branco em que só aparece a cor vermelha da bandeira.
Eu daria a essa imagem o nome de esperança, contestação, ousadia, tempo de rebeldia,
todas essas palavras que resgatam um pouco dessa juventude
mais aguerrida, mais combativa.*

(LUIZ MULLER SOUZA FARIA - "Biula" - , 2007)

"emoção criadora"

novas atitudes

para além dos hábitos que modelam as vidas.

Militância sendo sempre revista

Autonomia

Produção inventiva de si

Gesto eminentemente político.

"Estética da Existência".

Mudar o mundo,
enfrentar nossos “pequenos fascismos”,
modificar as relações de poder que temos com os outros.

Algo se passa... entre nós
nos provoca
nos faz pensar

histórias que ora se
entrelaçam, ora
se afastam,

em comum o questionamento:
a possibilidade ou não de nos vermos
como construtores da nossa existência.

MAIS OU MENOS EM PONTO

*Condenado a ser exato,
quem dera poder ser vago,
fogo-fátuo sobre um lago,
ludibriando igualmente
quem voa, quem nada, quem mente,
mosquito, sapo, serpente.*

*Condenado a ser exato
por um tempo escasso,
um tempo sem tempo
como se fosse o espaço,
exato me surpreendo,
losango, metro, compasso,
o que não quero, querendo.*

(LEMINSKI¹⁶⁵)

¹⁶⁵ *Op. cit.*, p. 170.

Enfrentar-se
num perpétuo combate entre o que somos
e o que desejam que nós sejamos.

Em alguns momentos,
surgem forças capazes de modificar a condição de percepção,
de visibilidade que se tem do mundo;
independência.

*(...) eu diria que estou mais parecida com a água em constante transformação, mudando
muito, buscando novos caminhos.*

(AIRA TEIXEIRA CORERATO, 2007)

Permeáveis ao meio,
reinventamo-nos,
encontramos energia para
transfigurar esse meio.

Heterotopias,
utopias efetivamente realizadas.
Espécie de lugares que estão fora de todos os lugares,
lugares efetivamente localizáveis.

Mas também nos submetemos a valores
que impedem a vida de ultrapassar a si mesma.

Desejos
de mudar o mundo,
de conscientizar as pessoas,
tendo como espelho antigos paradigmas

Clichês. Utopias.

Fazer a passagem pelo abismo
sem ser tragado por ele.

minhas 7 quedas

*minha primeira queda
não abriu o pára-quedas*

*daí passei feito uma pedra
pra minha segunda queda*

*da segunda à terceira queda
foi um pulo que é uma seda*

*nisso uma quinta queda
pega a quarta e arremeda*

*na sexta continuei caindo
agora com licença
mais um abismo vem vindo.*

(LEMINSKI¹⁶⁶)

Diante do “esgotamento do possível”
traçar “novos possíveis”

*Todos os caminhos – nenhum caminho
Muitos caminhos – nenhum caminho
Nenhum caminho – a maldição dos poetas.*

(MANOEL DE BARROS¹⁶⁷)

De um lado,
projetos, prefigurações do futuro;
de outro,
a emergência de novas sensibilidades
capazes de perscrutar os movimentos sociais,

¹⁶⁶ *Op. cit.*, p. 40.

¹⁶⁷ *Op. cit.*, p. 263.

de buscar os canais de passagem para expressões
que os atravessam no encontro com outros.

O contínuo na história de vida desses jovens
atravessado por cisões, desvios.

Espaços intraduzíveis,
escapam das interpretações.

Amizade, feminismo, prazer, educação, arte, identidades,
respeito ao diverso, preconceito, direitos humanos
mobilizam muitas das ações desses jovens;
referências que os partidos políticos tendem a ignorar
ou a considerar de pouca importância
frente ao programa de uma luta global, unitária,
que subordina todas as outras lutas mais imediatas.

*A imagem que eu faria de mim mesmo,
seria a de um jardineiro.
Eu acho que as amizades, os amores, os sonhos,
os projetos de vida, a família
devem ser cultivados diariamente.
(...) mas não abandonar
a militância política (...).*

(PAULO ROBERTO DOS SANTOS, 2007)

*Aprendo com abelhas do que com aeroplanos.
É um olhar para baixo que eu nasci tendo.
É um olhar para o ser menor, para o
insignificante que eu me criei tendo.
O ser que na sociedade é chutado como uma
barata – cresce de importância para o meu
olho.
Ainda não entendi por que herdei esse olhar
para baixo.
Sempre imagino que venha de ancestralidades
machucadas.
Fui criado no mato e aprendi a gostar das
coisinhas do chão -
Antes que das coisas celestiais.
Pessoas pertencidas de abandono me comovem:
tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.*

(MANOEL DE BARROS¹⁶⁸)

Duas dimensões antagônicas,
que não se separam,
caminham juntas:
a organização político-social em grande escala e
a emancipação das minorias.
Tensão.

*A imagem que faço de mim mesma é a de uma mão
segurando uma rosa.
A rosa representaria o socialismo
e a mão, o feminismo, a luta das mulheres.*

(GIULLIANE ALMEIDA BRANDÃO, 2007)

¹⁶⁸ *Op. cit.*, p. 361.

“Lutas imediatas”
lutas anárquicas,
uma história imediata,
perpetuamente aberta.

*a história faz sentido
isso li num livro antigo
que de tão ambíguo
faz tempo se foi na mão de algum amigo*

*logo chegamos à conclusão
tudo não passou de um somenos
e voltaremos
à costumeira confusão*

(LEMINSKI¹⁶⁹)

“Processos de singularização”
que sejam “automodeladores”,
que tornem os grupos capazes
de conquistar um mínimo de autonomia
em relação ao poder global,
de liberdade para ler o que se passa em torno deles,
criando novas possibilidades de vida.

*Uma imagem que eu faço de mim mesmo é a do rio
quando ele vai em busca do mar. Ainda sou um rio que corre,
que vai para frente e nunca volta para trás, mas está sempre em busca do mar.*
(ANDRÉ LUIS DE MORAES, 2007)

*Posso dizer que me acho parecida com um novelo de lã,
entrelaçado por vários fios de cores quentes,
em meio a linhas curvas e retas, entre o concreto e o abstrato.*
(L.M.M., 2007)

¹⁶⁹ *Op. cit.*, p. 41.

*(...) quero fazer uma Fênix em todas as minhas costas,
porque essa é a imagem que faço de mim.
Quando a Fênix está para morrer, ela pega fogo e renasce das cinzas.
Foi isso que aconteceu comigo. Passei por situações muito difíceis,
quase morri, mas conseguir renascer.
A Fênix representa a vida para mim.*
(FERNANDA MENDES PEREIRA, 2007)

Militância

processo aberto à transformação.

Posição de “esquelha”;

alianças com diversos movimentos.

Modos de agir

se alteram, se fragmentam e se rearticulam.

Ao invés de uma síntese dialética, um confronto,

o “combate-entre”

que não destrói forças;

uma força que se apossa de outras forças,

somando-se a elas num novo conjunto,

num devir.

Ação militante que tenta agenciar

os processos de singularização

ali onde eles emergem.

Cada vez mais desenvolver a capacidade de responder

às problemáticas locais,

aos problemas fundamentais da sociedade.

Viver e morrer nesse cruzamento,
numa relação singular
com a nossa própria existência,
a língua, a economia,
as coordenadas sócio-históricas.

Revolução.
Rodopio,
girar em torno de si mesmo,
construir um vazio,
uma distância em torno de si,
poder pensar e atingir suas metas.

Metas em relação ao “si mesmo”
e que também dizem respeito ao que nos cerca.

Saber “etopoético”,
conhecimento que nos afeta,
que não nos torna objeto
de um discurso verdadeiro.

Práticas de si
articuladas com o conhecimento
sobre o mundo.

Ao invés de uma luta global e unitária,
de todo um povo, de toda uma classe,
uma luta que garante uma libertação total.

Revolução

não apenas um projeto político,
mas também uma “estética da existência”,
uma forma de relação consigo mesmo
e com os outros.

Revoluções

são imprevisíveis.

Como manter os processos singulares
articulando-os numa obra, num texto,
num modo de vida consigo mesmo,
com outros, ou na invenção
de espaços de vida, de liberdade de criação?

“Revoluções moleculares”,
possibilidades de práticas específicas
de mudança de modo de vida,
com seu potencial criador,
condição fundamental para haver uma transformação social.

Nada “utópico”, nada “idealista”;
no entanto,
acreditar que “as coisas (...) possam dar um fruto (...)”,
que “as coisas boas acontecem”.

“Fabular”,
afirmar a ficção como potência.

Sucesso de uma revolução
reside nela mesma,
nas vibrações,
nos enlaces.
Monumento sempre em devir.

“Devires revolucionários”,
lutas parciais, imediatas
que atravessam o cotidiano das pessoas,
que trazem em si o “potencial revolucionário”,
insurreições concretas, menores ou ininterruptas,
colocando em jogo o potencial pleno da revolução.

MATÉRIA DE POESIA

(...)

*As coisas que não levam a nada
têm grande importância
Cada coisa ordinária é um elemento de estima
Cada coisa sem préstimo
tem seu lugar
na poesia ou na geral*

(...)

*As coisas que não pretendem, como
por exemplo: pedras que cheiram
água, homens
que atravessam períodos de árvore,
se prestam para poesia
Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma
e que você não pode vender no mercado
como, por exemplo, o coração verde
dos pássaros,
serve para poesia*

(...)

*Tudo aquilo que a nossa
civilização rejeita, pisa e mija em cima,
serve para poesia*

(...)

*Pessoas desimportantes
dão pra poesia
qualquer pessoa ou escada
(...)
As coisas jogadas fora
têm grande importância
- como um homem jogado fora
Aliás é também objeto de poesia
saber qual o período médio
que um homem jogado fora
pode permanecer na terra sem nascerem
em sua boca as raízes da escória
(...)*

(MANOEL DE BARROS¹⁷⁰)

Militante

Um “inventor”, um “experimentador”,
aquele que propõe iniciativas
segundo situações que o obrigam
a colocar em questão sua própria identidade,
sua visão de mundo
seus métodos de ação.

*O novo
não me choca mais
nada de novo
sob o sol
apenas o mesmo
ovo de sempre
choca o mesmo novo*

(LEMINSKI¹⁷¹)

Criação

Arte

Tornar possível aquilo que não está dado de antemão,
que não está incluído em projeto,
em manifesto algum.

¹⁷⁰ *Op. cit.*, p. 145-148.

¹⁷¹ *Op. cit.*, p. 39.

Resistir, projetar-se para além
de nossas experiências já codificadas
nas esferas da moral e da política.

Arte

não espelha a realidade,
carrega em si uma potência vital
que a faz escapar aos modelos,
mover-se num processo constante de transformação do real.

(...)
*Só a alma atormentada pode trazer para a voz um
Formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.*
(...)
(MANOEL DE BARROS¹⁷²)

Arte, Escrita, Educação, Militância,
campo de forças,
“afectos” e “perceptos” sendo mobilizados,
provocando rupturas.
Inverte-se a ordem
que a opinião imprime
em nossos sentimentos.
A linguagem gagueja, se fende, se torce.

¹⁷² *Op. cit.*, p. 350.

*No que o homem se torne coisal – corrompem-se nele
os veios comuns do entendimento.
Um subtexto se aloja.
Instala-se uma agramaticalidade quase insana, que
empoema o sentido das palavras.
Aflora uma linguagem de defloramentos, um
inauguramento de falas.
Coisa tão velha como andar a pé
Esses vareios do dizer.*

(MANOEL DE BARROS¹⁷³)

Militância -
obra não acabada,
processo sempre recomeçado e reinventado.
Utopia não como sonho
ou algo a se realizar no futuro.
Utopia enquanto movimento que se conecta com o real
aqui e agora,
que inventa percursos.

Que outros modelos de investimento existem
para pessoas que se recusam a assumir-se
como empreendedores de si mesmos?
Que se recusam submeter-se
às forças mercadológicas
que desvitalizam os indivíduos,
sugando todas as possibilidades
de transformação da sociedade?

¹⁷³ *Op. cit.*, p. 265

O FAZEDOR DE AMANHECER

*Sou leso em tratagens com máquina.
Tenho desapetite para inventar coisas
prestáveis.
Em toda a minha vida só engenhei
3 máquinas
Como sejam:
Uma pequena manivela para pegar no sono
Um fazedor de amanhecer
para usamentos de poetas
E um platinado de mandioca para o
fardeco de meu irmão.
Cheguei de ganhar um prêmio de indústrias
automobilísticas pelo Platinado de Mandioca.
Fui aclamado de idiota pela maioria
das autoridades na entrega do prêmio.
Pelo que fiquei um tanto soberbo.
E a glória entronizou-se para sempre
em minha existência.*

(MANOEL DE BARROS¹⁷⁴)

Abater o capitalismo,
redefinir o socialismo,
constituir uma máquina de guerra
que responda à máquina de guerra mundial
com outros meios.

Preservar a capacidade de ser afetado,
Criar uma outra relação com a vida,
Livrar-se das formas adquiridas de se compreender o mundo,
Desfazer os códigos estabelecidos,
Estabelecer comunicações transversais
com as pessoas, grupos diferenciados e singulares;

¹⁷⁴ *Op. cit.*, p. 473-474.

Como os bebês,
permitir-nos ser atravessados por uma vida
que possibilite “esgotar-se”,
desfazer-se de tudo aquilo que a aprisiona,
experimental “nascer o novo”, sempre...
trabalhando a si mesmo, a vida, o mundo.

Repetir repetir – até ficar diferente.
Repetir é um dom do estilo.
(MANOEL DE BARROS¹⁷⁵)

¹⁷⁵ *Op. cit.*, p. 300.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação: juventude e contemporaneidade**. São Paulo: ANPED, n. 5, p. 25-36, Mai/Jun/Jul/Ago, e nº 6 Set/Out/Nov/Dez 1997.

_____. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M.V. (org.). **Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ALVES, Cauê. Hélio Oiticica: cinema e filosofia. **Revista da Faculdade de Comunicação da FAAP**. São Paulo, n. 21, p. 01-14, 2009. Disponível em <www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_21/caue.pdf>. Acesso em 01 de junho de 2010. ISSN 1676-8221.

AVELINO, Nildo. Errico Malatesta e a revolução como estética da existência. **Revista Aulas: Dossiê Foucault e as Estéticas da Existência**. Campinas, SP, n. 7, 2010, p. 145-165. Disponível em <www.unicamp.br/aulas>. Acesso em 01 de junho de 2010. ISSN 1981-1225

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação e a matéria**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. Forms of time and of the chronotope in the novel: Notes toward a historical poetics. In: M. HOLQUIST (Ed.) **The dialogic imagination: Four essays by M. Bakhtin**. Austin: University of Texas Press, 1981, p. 84-258.

BARBOSA, José Joaci. História Oral e Hermenêutica. **Revista Primeira Versão**. Porto Velho. Ano I, n.105, 2002, p. 01-06. Disponível em <www.primeiraversao.unir.br/artigo105.html>. Acesso em 27 de novembro de 2009. ISSN 1517-5421.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, v.1. (Coleção Obras Escolhidas)

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 3 ed. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERGSON, Henri. **As duas fontes da moral e da religião**. Tradução Miguel Serras Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 2005.

BERGSON, Henri. **Les deux sources de la morale et de la religion**. Édition électronique a été réalisée par Gemma Paquet, originalement publié en 1932. Paris: Le Presses Universitaires de France, 1948.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRANCO, Guilherme Castelo. Anti-individualismo, vida artística: uma análise não-fascista de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 143-151.

BRITTO, Fabiano de Lemos. Lutero e a invenção da tradição erudita alemã. **Revista Índice**. Madrid. Vol. 01, n. 1/2, 2009. Disponível em <www.revistaindice.com>. Acesso em 09 de março de 2009. ISSN 2175-6244.

BROMBERT, Victor. **Em louvor de anti-heróis**: figuras e temas da moderna literatura européia – 1930 – 1980. Tradução de José Laurenio de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BRUNO, Mário. Que signos dar a si próprio? O Marrare. **Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, n. 7, 2006. Disponível em www.omarrere.uerj.br/numero7/mario.htm . Acesso em 08 de dezembro de 2001. ISSN 1981-870X.

CALDAS, Alberto Lins. Narradores Plenos em História Oral. **Zona de Impacto**. Rondônia. Vol. 11, ano XI, maio, 2008. Disponível em www.albertolinscaldas.unir.br/narradores.htm. Acesso em 09 de setembro de 2010. ISSN 1982-9108.

CALDAS . **A Hermenêutica do Presente**. In: *Caderno de Criação*. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia/Centro de Hermenêutica do Presente. Ano VII, setembro, n.21, p. 53-59, 2000.

_____. **Oralidade, texto e história**: para ler a história oral. São Paulo: Loyola, 1999.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2004.

CAMPOS, Haroldo de. **Deus e o Diabo no Fausto de Goethe**: margália fáustica. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. Tradução Valerie Rumjaneck. Rio de Janeiro: Record, 1957.

COCCO, Giuseppe. **MundoBraz: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

COLOMBO, Fausto. **Os Arquivos Imperfeitos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CONTADOR, António Concorde. Escravos, Canibais, Blacks e DJ's: sonoridades e identidades juvenis negras no Brasil. In: PAIS, José Machado e BLASS, Maria da Silva (orgs.). **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004, p. 151-179.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

CORTI, Ana Paula e SOUZA, Raquel. **Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores**. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber, SILVEIRA, Rosa Hessel e SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, n. 23, p. 36-61 2003.

DELEUZE, Gilles. **A imagem tempo: Cinema 2**. Tradução Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. "L'immanence: une vie....". In: LAPOUJADE, David. **Deux Régimes de Fous**. Textes et entretiens – 1975-1995. Paris: Éditions de Minuit, p.359-363, 2003.

_____. **Crítica e Clínica**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997a. Volume 2.

_____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997b. Volume 5.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Suely Ronik. São Paulo: Editora 34, 1997c. Volume 4.

_____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Aurélio Guerra Neto et alii. São Paulo: Editora 34, 1996. Volume 3.

_____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995. Volume 1.

_____. **O que é a Filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DUARTE, André. Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo. In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 35-50.

DUARTE, Paulo Sérgio. **Anos 60: transformações da arte no Brasil**. Rio de Janeiro: Campos Gerais, 1998.

DUMOULIÉ, Camille. A capoeira, arte de resistência e estética da potência. In: LINS, Daniel (org.). **Nietzsche/Deleuze: arte, resistência**. Simpósio Internacional de Filosofia, 2004. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007, p. 01-16.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERREIRA, Tania Maria Ximenes. **Hip Hop e educação: mesma linguagem, múltiplas falas**. 2005. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

FOUCAULT, Michel. 1981 – Da amizade como modo de vida. In: **Ditos & Escritos VI: repensar a política**. Tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 348-353.

_____. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. 1984 – O que são as Luzes? In: **Ditos & Escritos II**: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. 2 ed. Tradução Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b, p. 335 – 351.

_____. 1984 – A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos & Escritos V**: Ética, sexualidade, política. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a, p. 264-287.

FOUCAULT, Michel. 1978 – A filosofia analítica da política. In: **Ditos & Escritos V**: Ética, sexualidade, política. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a, p. 37 – 55.

_____. 1984 - Outros espaços. In: **Ditos & Escritos III**: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b, p.411-422.

_____. **Hermenêutica do sujeito**. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006c.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

_____. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FUGANTI, Luiz. **Curso básico de Filosofia: a formação do pensamento ocidental**. 2001. Disponível em <http://escolanomade.org/textos/fuganti-luiz/a-formacao-do-pensamento-ocidental>. Acesso em 06 de janeiro de 2009.

GATTAZ, André Castanheira. **Braços da Resistência**: uma história oral da imigração espanhola. São Paulo: Xamã, 1996.

GAUTHIER, Jacques. O que é pesquisar: entre Deleuze-Guattari e o candomblé, pensando mito, ciência, arte e culturas de resistência. **Revista Educação & Sociedade**. Ano XX, n. 69, p. 13-33, dez. 1999.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos).

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 6. ed. , Petrópolis: Vozes, 2000.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro. 2008. Disponível em <<http://books.google.com.br>> . Acesso em 10 de novembro de 2009.

HOPENHAYN, Martín. Estilhaços de utopia. Vontade de poder, vibração transcultural e eterno retorno. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos (orgs). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Tradução Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 255-268.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JUSTINO, Maria José. **Seja marginal, seja herói: modernidade e pós-modernidade em Hélio Oiticica**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1998.

KOTHE, Flávio R. **O Herói**. São Paulo: Ática, 1987.

LAGES, Suzana Kampff. A tarefa-renúncia do tradutor. In: BRANCO, Lúcia Castello (org.) **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português**. Belo Horizonte, MG: Fale/UFGM, 2008, p. 66-81.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.35-86.

_____. **La Experiência de La Lectura: estudios sobre Literatura y Formación**. Barcelona: Editorial Laertes, 1996.

LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo**. Tradução Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEITE, Tarcísio de Arantes. O dilema da interferência na História Oral: novos problemas e novas respostas. In: **Oralidades: Revista de História Oral**. São Paulo: Núcleo de Estudos

em História Oral do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP - NEHO, Ano 2, n 3, p. 65-82, jan./jun. 2008.

MALATESTA, E. Discorrendo di rivoluzione. n. 195, Roma: Umanità Nova, 25/11/1922. In: _____. Scritti, **Umanità Nova e scritti vari 1919/1923**, vol 2, Carrara: Movimento Anarchico Italiano, 1975a, p. 200-204.

_____. Anarchismo e riforme. Pensiero e Volontà. Roma, ano I, n. 5, 01/03/1924. In: _____. **Scritti, Pensiero e Volontà e ultimi scritti** 1924/1932, vol. 3, Carrara: Movimento Anarchico Italiano, 1975b, p. 42-44.

LEMINSKI, Paulo. **Melhores poemas de Paulo Leminski**. São Paulo: Global, 2002.

LINS, Daniel Soares. Como dizer o indizível?. In: LINS, Daniel Soares (org.) **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 2006, p. 69-115.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MATOS, Olgária. **Os Arcanos do Inteiramente Outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. (org.) **(Re) introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo História Oral e Memória. In: **Cadernos Ceru**. São Paulo, n. 5, série 2, p. 52-60, 1994.

_____. **Canto de Morte Kaiowá: história oral de vida**. São Paulo: Loyola, 1991.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MISKOLCI, Richard. Estética da existência e pânico moral. In: RAGO, Margareth e VEIGANETO, Alfredo (orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 227-238.

MÜLLER, Lutz. **O Herói: todos nascemos para ser heróis**. Tradução Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1997.

MÜXEL, Anne. Jovens dos anos noventa: à procura de uma política sem "rótulos". In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPEd, n 5 p.151-166, mai./jun./jul./ago., e nº 6, set./out./nov./dez., 1997.

NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo. **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

ONETO, Paulo Domenech. O que e como resistimos: Deleuze e as artes. In: LINS, Daniel (org.). **Nietzsche/Deleuze: arte, resistência**. Simpósio Internacional de Filosofia, 2004. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007, p. 198-211.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.

PAIS, José Machado. Jovens, bandas musicais e revivalismos tribais. In: PAIS, José Machado e BLASS, Maria da Silva (orgs.). **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004, p. 23-42.

_____. Prefácio – Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel de e EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006, p. 01-21.

PASSETTI, Edson. Arte e resistências: ensaios entre amigos. In: LINS, Daniel (org.) **Nietzsche/Deleuze: arte, resistência**. Simpósio Internacional de Filosofia, 2004. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007, p. 63-78.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura**: loucura e desrazão. São Paulo: Iluminuras, 2009.

_____. **Vida capital**. Ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. Vida e morte em contexto de dominação biopolítica. **Boletim do Instituto de Estudos Avançados da USP, nº 121**: O fundamentalismo contemporâneo em questão. São Paulo, p. 01-20, 1ª quinzena de setembro, 2008. Disponível em www.iea.usp.br/textos . Acesso em 04 de julho de 2010.

_____. Literatura e loucura. In: RAGO, Margareth, ORLANDI, Luiz B. Lacerda e VEIGA-NEITO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 287-298.

_____. O corpo, a vida, a morte. In: PASSETTI, Edson (org.). **Kafka, Foucault**: sem medos. Cotia: Ateliê Editorial, 2004, p. 139-155.

RAGO, Margareth. Dizer sim à existência. In: RAGO e VEIGA-NETO (orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009, p. 253-267.

RANCIÈRE, Jacques. Será que a arte resiste a alguma coisa?. In: LINS, Daniel (org.). **Nietzsche/Deleuze: arte, resistência**. Simpósio Internacional de Filosofia, 2004. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007 p. 126-140.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

RIEUX, Bernardo. Abecedário de Gilles Deleuze. **Oestrangeiro.net**. 2005. Disponível em <<http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>> Acesso em 30 de maio de 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

_____. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel (org.) **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas, SP: Papyrus, 1997, p.25-34.

SILVA, Franklin Leopoldo e. Deus no pensamento de Bergson: a religião entre a intuição e a instituição. **Revista Cult**. Home – Edições 131, 2010. Disponível em <<http://revistacult.uol.com.br>>. Acesso em 11 de maio de 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73-102.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 119-141.

SOARES, Luiz Eduardo. O futuro como passado e o passado como futuro: armadilhas do pensamento crítico e política da esperança. In: ALMEIDA, Maria Isabel de e EUGENIO, Fernanda. (orgs.) **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.121-135.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPEd, n 13, p. 73-94, jan./fev./mar./abr 2000.

SPOSITO, Marília Pontes. Educação e Juventude. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte, MG: FAE/UFMG, n 29, 1999.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, p. 37-52, n 5, mai./jun./jul./ago. n 6, set./out./nov./dez. 1997.

TÉLLEZ, Magaldy. A paradoxal comunidade por-vir. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Tradução Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 45-78.

VIANA, Nildo. Heróis e Super-Heróis no mundo dos quadrinhos. Rio de Janeiro: Achiamé. 2005.

VILELA, Eugênia. Corpos inabitáveis. Errância, Filosofia e Memória. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Tradução Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 233-253.

WATT, Ian. **Mitos do Individualismo Moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoé**. Tradução Mário Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J.M.K. Szmrecsányi. São Paulo: Livraria Pioneira, 1967.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução: André Telles. Versão Eletrônica. Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação. IFCH – Unicamp, 2004.

_____. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política). In: ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Tradução Maria Cristina Franco Ferraz. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 333-355.

DOCUMENTO ICONOGRÁFICO EM FORMATO ELETRÔNICO

ZUFFO, Marcelo. *Banca de Jornal. Graffiti*. Disponível em: <<http://mzuffo.files.wordpress.com/2010/07/banca-blog1.jpg>> Acesso em 22 de novembro de 2010.



BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Luseni. Introdução: A juventude como foco das políticas públicas. In: CASTRO, Jorge Abrahão, AQUINO, Luseni Maria C. de e ANDRADE, Carla Coelho de. (orgs.) **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009, p. 23-39. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em 25 de janeiro de 2010.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1998.

CALDAS, Alberto Lins. As hermenêuticas e a hermenêutica do presente. In: **Caderno de Criação**. Universidade Federal de Rondônia/Centro de Hermenêutica do Presente. Porto Velho, RO: UFRO, Ano VII, n 23, set. 2000. Disponível em <<http://albertolinscaldas.unir.br/hermeneuticaseahermeneuticadopresente.htm>> Acesso em 07 de setembro de 2010.

_____. A noção de cápsula narrativa: a entrevista, o texto e o outro na hermenêutica do presente. In: **Caderno de Criação**. Universidade Federal de Rondônia/Centro de Hermenêutica do Presente. Porto Velho, RO: UFRO, Ano VI, n 20, p. 01-04, out. 1999. Disponível em <www.albertolinscaldas.unir.br/capsula.html>. Acesso em 27 de novembro de 1999.

_____. Transcrição em História Oral. In: **Caderno de Criação**. Universidade Federal de Rondônia/Centro de Hermenêutica do Presente. Porto Velho, RO: UFRO, Ano VI, n 19, ago 1999. Disponível em <www.albertolinscaldas.unir.br/transcriacao.html> Acesso em 27 de novembro de 1999.

CASTRO, Mary Garcia e ABRAMOVAY, Miriam. **Quebrando Mitos: juventude, participação e políticas**. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília, DF: RITLA, 2009.

COSTA, Haroldo (org.). **Fala, crioulo: o que é ser negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & Abusos da História Oral**. Tradução Luiz Alberto Monjardim et al. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FOUCAULT, Michel. 1984 – Uma estética da existência. In: **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política**. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 288-293.

_____. 1983 – O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política**. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 192-217.

_____. Les techniques de soi. In: **Dits et Écrits**. Paris: Gallimard, vol. IV, 1994, p. 783-813.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **A experiência do labirinto: Metodologia, História Oral e Educação Matemática**. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.

GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Figuras de Foucault**. BELO HORIZONTE, MG: Autêntica, 2008, p. 127-138.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Imigração: subjetividade e memória coletiva. In: **Oralidades: Revista de História Oral**. SÃO PAULO: NEHO - Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Ano 1, n. 1, p. 65-82, jan./jun. 2007.

PAZ, Octavio e CAMPOS, Haroldo de. **Transblanco** (em torno a Blanco de Octavio Paz). Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1986.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: PERELMUTTER e ANTONACCI (orgs.). **Ética e História Oral**. Projeto História, São Paulo: Educ, n.15, p. 13-33, abril 1997.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs.) **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p.19 – 33.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Visões e Perspectivas: documento em História Oral. In: **Oralidades: Revista de História Oral**. São Paulo: NEOH - Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Ano 1, n. 2, p. 35-44, jul./dez. 2007.

SANTOS, Gildenir Carolino. **Percurso científico: guia prático para elaboração da normalização científica e orientação metodológica**. Campinas, SP: Arte Escrita, 2012.

SOUZA, Antônio Carlos Carrera de. (Entre) Mentres, Nômade! In: GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. **Mosaico, Mapa, Memória:** ensaios na interface História Oral - Educação Matemática. Bauru, SP: Unesp, 2006, p. 12-137. CDROM (Coleção *e-GHOEM*. História Oral e Educação Matemática),

SOUZA, Carla Delgado de. Narrativas da Modernidade. In: **Revista Pesquisa Qualitativa**, Bauru, SP: SE&PQ, ano 2, vol. 1, p. 37-48, jan./jun. 2006.

VIANNA, Carlos Roberto. **Vidas e Circunstâncias na Educação Matemática**. 2000. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/tese_carlos_vianna.pdf. Acesso em 13 de dezembro de 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.



ANEXOS

ANEXO I

RELAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES E DOS GRUPOS DE JOVENS MILITANTES DE CAMPINAS QUE PARTICIPARAM DA PESQUISA¹⁷⁶.

01) **ABAMBA: ASSOCIAÇÃO DOS BENFEITORES E AMIGOS DE MENINOS BAILARINOS ATORES**

A Associação dos Benfeitores e Amigos de Meninos Bailarinos Atores (ABAMBA) surgiu em 1997 da necessidade de prover uma alternativa sócio-educacional para meninos oriundos de famílias de baixa renda, em situação de risco, com interesse e aptidão para a carreira artística, em especial a dança, porém sem condições de realizar seu objetivo, dado a inexistência de instituições de ensino voltadas para o atendimento desse público.

Sob a coordenação do ator e bailarino Beto Regina, a Associação Abamba integra o projeto “Formação de Meninos Bailarinos atores”, com adolescentes da periferia do Distrito de Barão Geraldo, Campinas, SP, na Academia Viva Vida; primeiro para cobrir a falta de homens no mercado profissional e, segundo, para sociabilizar jovens carentes com condições físicas e motoras para a arte, com o objetivo de colocá-los no mercado de trabalho no prazo de 3 a 5 anos, dando suporte técnico e experiência profissional.

www.abamba.org.br – Acessado em 12/11/2010.

Rua Rodrigo Ribeiro de Melo, 108 – Real Parque – Barão Geraldo
Campinas – SP.

02) **AMIC: ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA CRIANÇA**

A AMIC é uma associação beneficente, de cunho assistencial, com sede em Campinas – SP, e mantida por doações de voluntários. Atua no combate à fome e na inclusão social, desenvolve trabalhos na área de prevenção do menor abandonado ou menor de rua, através de distribuição de cestas básicas para as famílias dessas crianças. Mantém dois Educandários, um no bairro Village e outro no Jardim Monte Cristo (ao lado do Parque Oziel). O combate à fome está integrado ao trabalho de cuidar das crianças e jovens com acompanhamento escolar, realização de oficinas de teatro clown, circo, coral, argila, música e bordados. No desenvolvimento de suas atividades, a AMIC não faz distinção alguma quanto à raça, cor, condição social, credo político ou religioso.

www.amic.org.br - Acessado em 12/11/2010.

¹⁷⁶ As informações contidas neste anexo foram obtidas junto aos entrevistados, como também através de folders, sites e blogs das instituições, abrangendo dados referentes ao período compreendido entre 2007 a 2010.

**03) ASSOCIAÇÃO YLÊ OMONIBU AXÉ BEJE-ERRO
(Candomblé – Nação Angola)**

Além dos rituais religiosos, desenvolve oficinas educativas e recreativas junto às crianças e jovens do bairro da Vila União, oferece cursos e palestras dirigidos a adultos e idosos. Também realiza campanhas de Natal e de outras festas comemorativas arrecadando fundos e produtos para serem distribuídos às pessoas carentes. O nome em Yourubá, dado à instituição, foi criado em 2006, e refere-se aos filhos de Oxum, no axé de Beje-Ero.

Rua Irmã Dulce, 292 – Vila União

A instituição funciona também no bairro Chácara Cruzeiro do Sul, região do Campo Grande em Campinas.

Colaboração de André Luis de Moraes.

04) CASA DE CULTURA TAINÃ

A Casa de Cultura Tainã é uma entidade cultural e social sem fins lucrativos fundada por moradores da Vila Castelo Branco e região, em 1989, com o nome de Associação de Moradores da Vila Castelo Branco; mais tarde, através de um concurso, foi escolhido o nome de Casa de Cultura Tainã que hoje fica na Vila Padre Manoel da Nóbrega, região noroeste do município de Campinas, SP. Desde 2005, a entidade tornou-se um Ponto de Cultura. Sua missão é possibilitar o acesso à informação, fortalecendo a prática da cidadania e a formação da identidade cultural. A Casa de Cultura Tainã é reconhecida como a única referência cultural numa região onde se registram todos os tipos de carências, resultantes da falta de políticas sociais que assegurem a sobrevivência e a qualidade de vida de crianças e jovens. Ela atende hoje em média 450 crianças e adolescentes por mês e 1350 pessoas indiretamente através de atividades, oficinas e shows realizados fora da entidade. A casa é coordenada por voluntários, entre eles, o músico e compositor Antonio Carlos Santos Silva, o TC, atual presidente da entidade. Projetos desenvolvidos: - Projeto Mocambos (Laboratório de Informática e Pesquisas Digitais), Nação Tainã (Maracatu de Baque Virado e Cultura Popular); Fábrica de Música (Estudo de Música, Gravação, Produção Musical); Lidas e Letras (Bibliotecas, Literatura), Projeto Tambor Menino (Música, Dança, Produção de Artesanato), Projeto Orquestra Tambores de Aço (Formação de Orquestra de Steel Drums).

http://wiki.nosdigitais.teia.org.br/casa_de_cultura_tain%C3%A3-campinas

Acessado em 09/09/2010.

www.taina.org.br – Acessado em 12/11/2010.

Rua Inhambu, 645 – Vila Padre Manoel da Nóbrega.

05) CASA DE JESUS

A Casa de Jesus foi criada em 1975 e instalou-se na rua Barão de Jaguará nº 358 (centro da cidade de Campinas), com a missão de divulgar a doutrina espírita. Um pequeno grupo autodenominado Os Seareiros, inspirado na passagem

bíblica sobre os trabalhadores na seara do Senhor, passou a dedicar-se à assistência material, espiritual e à educação de pessoas necessitadas, como também à investigações anímico-espirituais. Com a ampliação dos trabalhos, o grupo construiu sua sede própria num terreno doado pela prefeitura de Campinas, localizado no Jd. das Paineiras. Em 10 de outubro de 1988, foi inaugurado o Instituto Parthenon, uma escola sem fins lucrativos que prioriza o raciocínio crítico e reflexivo com autonomia, criatividade, socialização e liberdade de consciência. Nessa escola, funciona o Ensino Fundamental, de 1ª à 4ª série. A Casa de Jesus mantém vários projetos, entre eles: “Projeto Menino Jesus” que atende as crianças e as famílias da favela da Vila Brandina; “Núcleo Mãe Maria” que oferece atendimento médico, odontológico, psicológico, fisioterapêutico, social à comunidade, através de profissionais voluntários, atuando também no campo educacional com atividades de reforço escolar e complementar às crianças da região. A Casa de Jesus também oferece cursos de aprofundamento a mais de 700 alunos por ano, em 8 módulos diferentes, com o objetivo de ampliar a divulgação e acesso à doutrina espírita. A Casa de Jesus também atua junto à Mocidade, estimulando a participação dos jovens (na faixa etária entre 13 e 21 anos) dentro das atividades da instituição, a partir do potencial intelectual, afetivo, artístico e mediúnico que apresentam.

www.seareiros.org.br. Acessado em 12/11/2010.

Rua João Alves dos Santos 770 - Jd das Paineiras.

06) COMEC: Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas

O COMEC foi fundado em 1980, pelo juiz de direito Dr. Rubens de Andrade Noronha e pelo promotor de Justiça, Dr. Hermano Roberto Santamaría, na época, respectivamente, Juiz e curador de Menores, os quais coordenaram um grupo de pessoas preocupadas com a questão do adolescente autor de ato infracional na cidade de Campinas. O primeiro nome dessa Instituição foi COMI (Centro de Orientação ao Menor Infrator) que, em 1983 foi mudado para COMEC (Centro de Orientação ao Menor de Campinas) pela conotação estigmatizante que tal nome carregava. Quando o Estatuto da Criança e do Adolescente criou legalmente a medida sócio-educativa de liberdade assistida, o Comec atualizou sua parceria com a antiga FEBEM, que já existia desde 1983. Muitos objetivos da fundação do COMEC se misturaram com os princípios da LA (Liberdade Assistida), confirmados com a legitimação do ECA, tornando-se uma referência para outros municípios. O Estatuto levou à atualização do nome para Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas, mantendo a sigla COMEC como nome fantasia. Em 1992, o COMEC iniciou um novo programa: Educação para e pelo Trabalho, que em 2008 mudou de nome para Aprendizagem Profissional, para adequar-se à lei do Aprendiz. Ao ingressar no programa de Aprendizagem Profissional, o adolescente participa durante um semestre de uma capacitação para o mundo do trabalho e de atividades de inclusão digital chamadas de Protagonismo Juvenil. Os jovens com boa frequência e desempenho no Protagonismo Juvenil são encaminhados para as

empresas parceiras do COMEC para atuarem como aprendizes e participam de aulas teóricas e acompanhamento semanal na sede do COMEC. Quando o adolescente se torna aprendiz de uma das empresas parceira do COMEC, ele cumprirá a carga horária de 32 horas semanais, distribuídas em 24 horas práticas na empresa (6 horas, quatro vezes por semana) e 8 horas teóricas no COMEC (uma vez por semana). Os cursos são realizados de maneira vivencial e o Psicodrama é a base conceitual de todo o trabalho. Os jovens em aprendizagem profissional concluem seu contrato após vinte e quatro meses de permanência na empresa ou no banco e vão sendo substituídos pelos adolescentes que finalizaram o projeto de Protagonismo Juvenil. Em 2007, o COMEC iniciou mais um programa de medida sócio-educativa, Prestação de Serviços à Comunidade, contando também com o Programa de Liberdade Assistida e o Programa de Famílias.

www.comec.org.br

Acessado em 03/11/2010.

Rua Abolição 92 – Ponte Preta.

07) **E-JOVEM DE ADOLESCENTES GAYS, LÉSBICAS E ALIADOS**

Uma rede nacional de adolescentes e jovens *gays* que funciona em todo o país com a ajuda de jovens voluntários. Em Campinas, sob a coordenação de Deco Ribero, também ocorrem reuniões presenciais na rua Uruguaiana 93, aos sábados, das 18 às 20 horas. E-jovem nasceu em Campinas, cidade onde é realizado o Encontro Nacional do E-jovem. Atividades desenvolvidas: **Coordenadoria Social:** coordenar e preparar reuniões temáticas; estabelecer contatos com outras ONGs e instituições, organizar encontros e eventos; **Coordenadoria de Projetos:** pesquisar sites na internet e analisar propostas de projetos; **Coordenadoria Política:** divulgar os direitos dos homossexuais, os direitos da criança e do adolescente, encaminhar alguns casos para receberem assistência jurídica, ministrar palestras sobre orientação sexual, DST/AIDS, sobre a comunicação entre pais e filhos, **Projeto Escola Jovem:** visitas e palestras realizadas nas escolas da região de Campinas, propiciando debates sobre a homofobia.

www.e-jovem.org.br

Acessado em 04/11/2010.

Rua Uruguaiana 93 – Proença.

08) **GABINETE DO VEREADOR CARLOS SIGNORELLI**

Signorelli iniciou sua militância, antes dos 18 anos, durante o Concílio Vaticano II, num grupo de jovens da Catedral Metropolitana de Campinas. Cristão e marxista, afirmou em seu blog ter juntado aos textos teológicos, os sociológicos, com ênfase em Marx. Foi eleito vereador, pelo Partido dos Trabalhadores, ocupando três mandatos, nos períodos de: 1988 – 1992; 2002 – 2005 e 2005- 2008. O apoio da Pastoral da Juventude em sua campanha levou Signorelli, quando eleito, a disponibilizar uma vaga em seu gabinete a um

jovem que, eleito por sua comunidade, ocupou o cargo de assessor para os assuntos da juventude. Em 2003, Signorelli foi eleito presidente da Câmara Municipal o que propiciou ao jovem assessor a possibilidade de auxiliar na implementação de alguns projetos, como o Parlamento Jovem, o Conselho Municipal de Juventude, as Conferências de Juventude, além de ministrar cursos de formação política, palestras, debates, audiências públicas, com o objetivo de garantir a concretização dos projetos, de buscar experiências em outras câmaras municipais, de pesquisar as prioridades de algumas regiões da cidade e conhecer a realidade dos jovens dentro do contexto vivido por eles, propondo políticas públicas que fossem ao encontro das necessidades dos jovens.

<http://signorelli.zip.net>

<http://www.camaracampinas.sp.gov.br>

Acessados em 30/07/2008 e 25/11/2010.

09) IDENTIDADE: GRUPO DE AÇÃO PELA CIDADANIA DE LÉSBICAS, GAYS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E BISSEXUAIS

O Identidade surgiu a partir de um outro grupo campineiro, chamado Expressão, em 1998. De lá pra cá, foi se adaptando e se moldando a atualidade, de acordo com as características e ideais dos membros mais atuantes, em cada época. É formado por pessoas que procuram o grupo voluntariamente. Cada pessoa decide como quer participar e, se houver interesse, pode se tornar membro, sem qualquer taxa. Os(As) membros que atuam em nome do Identidade, dedicam seu tempo voluntariamente, não recebendo remuneração para isso. O Identidade constitui-se legalmente como ONG e é organizado em Coordenadorias: - **COORDENADORIA DE FORMAÇÃO - COORDENADORIA DE NEGRITUDE E DIVERSIDADE SEXUAL - COORDENADORIA FEMINISTA - COORDENADORIA DE SAÚDE - COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO - COORDENADORIA DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS - COORDENADORIA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS**. Cada membro atua da forma que escolhe, participando da efetivação de ações propostas por todos/as os(as) demais. As coordenadorias são preenchidas por membros registrados no grupo, eleitos em assembleia ordinária e têm vigência de 2 anos, sendo que a última eleição foi realizada em 14/12/2008. As propostas de ação ou de participação em manifestos, eventos, encontros, etc, são discutidas coletivamente pelos presentes nas reuniões ordinárias. Essas reuniões são marcadas geralmente aos domingos, quando os membros se reúnem. Durante a semana, os membros se dividem para participar de reuniões, elaborar ofícios, fazer contatos e visitas, recolher assinaturas e apoios, bater panela, fazer cartazes, editar vídeos, entre outras atividades. Atualmente, o Identidade alterou o seu nome para “Grupo de Luta pela Diversidade Sexual”.

www.identidade.org.br

Acessado em 11/11/2010

Rua Costa Aguiar 197, 1º and.

10) IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS

Igreja evangélica neopentecostal criada em 1980 pelo missionário Romildo Ribeiro Soares, na cidade de Duque de Caxias (R.J.). É uma dissidência da Igreja Universal do Reino de Deus, dirigida pelo bispo Edir Macedo. Soares e Macedo eram parentes, mas, em 1978, desentendimentos que envolviam questões teológicas causaram o rompimento da relação entre eles. Atualmente, a Igreja Internacional da Graça de Deus tem mais de dois mil templos abertos em todo o mundo. Desse número, mais de cem igrejas se encontram no Rio de Janeiro, onde tudo começou. A Igreja possui uma rede de emissoras de televisão denominada RIT (Rede Internacional de Televisão) acessível nas principais cidades do Brasil, além de exibir um programa diário em horário nobre na Rede Bandeirantes, e também nas madrugadas da Band, na RedeTV, intitulado Show da Fé. O pregador dos programas se chama Romildo Ribeiro Soares, mais conhecido como R.R. Soares. Ele prega a Palavra de Deus (Bíblia) e, segundo os adeptos, através dela muitas vidas são mudadas: curas, libertação de vícios, restauração de famílias. O programa Show da Fé mostra músicas e quadros como: "*Novela da Vida Real*", "*O Missionário Responde*", "*Abrindo o Coração*" e, ao final, é realizada a oração da fé, na qual o missionário, com bases bíblicas, faz oração em nome de Jesus. Ela também conta com o Jornal Show da Fé, de tiragem mensal de 1,2 milhões de exemplares e com a Revista Graça Show da Fé, com tiragem mensal de 180 mil exemplares com CD de brinde. Existe também uma revista infantil de histórias em quadrinhos, a Turminha da Graça, de circulação mensal e com CD de brinde. Conta com a gravadora Graça Music, que tem lançado cantores gospel; dentre eles Ana Betriz Brandão, Sandrinha, Jeanne Mascarenhas, Dayane Damasceno e Carlinhos Félix. Por intermédio da Graça Editorial tem publicado inúmeros títulos de livros evangélicos: "*Como tomar posse da bênção*", "*O Nome de Jesus*", "*Curai os enfermos e expulsai os demônios*", "*Quando o Pecado Secreto Dele Despedaça o Seu Coração*", e o best-seller "*Os profetas das Grandes Religiões*", com publicações em vários países, dentre eles, Estados Unidos e México. A Igreja também oferece aos seus membros os seguintes cursos: - Teologia, - Bíblico - Pós Graduação (Lato Sensu) em História do Cristianismo e outros, na AGRADÉ: Academia Teológica da Graça de Deus, faculdade localizada na rua Silveira Martins, 20, Pça da Sé, em São Paulo. Em Campinas, a Igreja mantém um alojamento para rapazes que desejam ser pastores. Durante o tempo que ali permanecem recebem formação religiosa e atuam como pastores auxiliares. Há também atividades culturais como o coral e o teatro, envolvendo crianças, jovens e adultos.

http://pt.wikipedia.org/wiki/igreja_internacional_da_gra%C3%A7a_de_deus
www.ongrace.com

Acessado em 08/11/2010

Rua José Paulino 781 – Centro.

11) IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO JD. CARLOS LOURENÇO

Segundo a Constituição de 2005 da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, a IPIB é um ramo do Cristianismo que se governa, sustenta e propaga por si mesmo. A Igreja tem como regra única e infalível de fé e prática as Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos, adota a forma presbiteriana de governo e o sistema doutrinário da Confissão de Fé de Westminster, regendo-se por esta Constituição. Tem por fim cultuar e glorificar a Deus, proclamar o Evangelho de Cristo, promover o seu Reino, o ensino e a prática das Sagradas Escrituras, o aperfeiçoamento da vida cristã e da condição humana. Reconhece como ramos legítimos do Cristianismo todas as comunhões eclesiais que mantêm a vida dos sacramentos, a virtude da fé cristã e a integridade do ensino das Sagradas Escrituras, do Antigo e Novo Testamentos, tendo-as como única regra de fé e prática. A IPI do Jd. Carlos Lourenço, em Campinas, foi organizada em igreja no ano de 1999. É uma igreja freqüentada, em sua maioria, por jovens que participam de vários projetos coordenados também por jovens missionários, entre eles, o Projeto Atitude que foi dividido em três fases: a primeira, evangelismo em massa, culminando com a criação do Ministério Atitude de Arte e Adoração; a segunda, estudos bíblicos, envolvendo toda a igreja e a terceira, discipulado dos novos membros, atingindo os lares e as classes de catecúmenos, ministradas pelo pastor da igreja. A missionária responsável pelo projeto, criou um grupo de dança e de teatro, atraindo novos adolescentes para atuar na igreja. Em 2006, o Grupo Atitude apresentou seu trabalho nas ruas da cidade, e participou do “Mackenzie Voluntário”, em São Paulo. Em Campinas, esteve presente em festivais de dança e em conferências missionárias. Para alcançar jovens e adolescentes do bairro também foi realizada uma programação evangelística denominada “Interteens”, dirigida por um presbítero e que aglutinou uma banda de rock, entrevista com um casal de ex-detentos, brincadeiras e vídeos. Também são realizados estudos bíblicos e reuniões de oração com a participação maciça de adolescentes.

Fonte: “O Estandarte” – órgão oficial da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. São Paulo, Ano 115, nº 02, fev.2007, p.26-27.

www.ipib.org. – Acessado em 22/11/2010.

Rua Rogério Carnielli, 31 – Jd. Carlos Lourenço.

12) INSTITUIÇÃO TERESIANA: CENTRO CULTURAL POVEDA

A Instituição Teresiana é uma associação internacional de cristãos que, por meio da vivência da fé e do trabalho profissional tem por objetivo propagar os valores evangélicos na sociedade, tendo como mediação a educação e a cultura, nas suas diferentes formas e lugares. Promove centros educativos e culturais, projetos sociais, atividades com universitários, ONGs e meios de comunicação. Seus membros estão presentes, como profissionais, nos campos da saúde, da empresa, das escolas públicas e privadas, das universidades, dos meios de comunicação social, das estruturas do Estado e dos movimentos da sociedade

civil. Está presente em 30 países. Na América Latina: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Guatemala, México, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. No Brasil, iniciou suas atividades em 1951. Atualmente está presente no estados de: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Pará. O Centro Cultural Poveda é um programa promovido pela Instituição Teresiana, cujo eixo fundamental é favorecer a interação fé-culturas-justiça. Seus objetivos: - aprofundar o conhecimento crítico da realidade, visando o compromisso e a opção por uma sociedade justa e solidária; - favorecer o diálogo e a troca de experiências; - contribuir à formação de profissionais conscientes do seu compromisso com a realidade; - promover a colaboração com projetos sociais orientados à promoção humana; - possibilitar a celebração da fé, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso. Além de promover debates, mesas redondas, palestras, encontros, cursos (alfabetização de jovens, adultos e idosos; educação corporal, de espanhol comunicativo, de Fé e Política), o Centro Cultural Poveda mantém grupos de estudo, reflexão e formação, entre eles, o grupo de jovens que promove encontros para partilhar vivências e dialogar sobre os desafios e o papel do jovem cristão no mundo atual. A Instituição Teresiana foi fundada na Espanha, pelo sacerdote Pedro Poveda (1874 – 1936) e iniciou suas atividades em 1911. Poveda dedicou-se à educação, à problemática social do seu tempo, à ciência. Desde cedo orientou-se por um compromisso a favor da formação humana, principalmente dos mais pobres. Atuou entre os ciganos e os habitantes das grutas de Guadix, onde foi sacerdote. Morre como mártir no começo da guerra civil espanhola na madrugada de 28 de julho de 1936. Em 04/05/2003 é canonizado em Madrid, por João Paulo II.

www.povedacampinas.org.br

www.institucionteresiana.org

<http://www.teresiana.g.12.br>

Acessados em 02/11/2010

Rua Dr. Quirino, 1733/A – Centro.

13) INSTITUTO VIVARTE

O Instituto Vivarte-ONG/OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) "Viver a arte como forma de vida" nasceu da experiência de um projeto envolvendo cerca de 5500 crianças atendidas nas escolas do município de Campinas. Os munícipes que não estavam matriculados na Rede Municipal de Ensino não podiam participar das aulas de dança, assim como dos festivais e apresentações que eram desenvolvidos nas escolas, nas sedes e em espaços comunitários dos bairros; então surgiu a ONG/OSCIP (criada desde 25/06/2005), com o objetivo de buscar recursos para o atendimento a essas crianças, jovens, adultos, terceira idade e crianças com necessidades especiais com técnicas cada vez mais avançadas de trabalho aos ex-alunos, hoje professores voluntários para o enfrentamento da pobreza e exclusão. O Instituto, sob a coordenação de Cláudia Chinellato Massoco, iniciou suas

atividades em pequenas proporções em uma academia cedida para os ensaios do grupo Hip Hop Vivarte, que recebeu a premiação do segundo lugar no Festival "Campinas em Dança" em outubro de 2006. Ampliou-se na sede concedida pela prefeitura e hoje para atender um número ainda maior de pessoas, está situada na unidade 1- sede do instituto à Rua Coronel Antônio Álvaro, 221- Vila Industrial, além dos bairros Vida Nova/ Vila Vitória na Associação dos Moradores do Núcleo Residencial Vila Vitória, à Rua Vinte 24; Jardim Paraíso de Viracopos- Casa da Sopa/ Associação Beneficente do Núcleo Residencial, à Rua: Iraí, 91 e na Vila 31 de março- Igreja da Sagrada Família, com aulas de ballet, jazz, sapateado, dança de rua, artes circenses, dança de salão, contemporâneo entre outras atividades. O projeto tem parcerias de outros grupos, projetos da cidade que trabalham e acreditam nesta organização com os mesmos objetivos: INCLUSÃO SOCIAL, FORMAÇÃO DE ALUNOS MONITORES, entre outros, que através da certificação e qualificação, conquistam um espaço no mercado de trabalho. No ano de 2006, foi realizado o I Festival do Instituto no Teatro "Castro Mendes" (dança, teatro e música) contando com a participação de professores e pais. Em 2007 o II Festival do Instituto Vivarte "O Labirinto" no Teatro "Centro de Convivência". Em 2008 o Festival "Um mundo como o seu" também no Teatro do "Centro de Convivência". Em Julho de 2009 o Festival da Primavera no teatro Dom Barreto e em seguida Novembro o Festival "A Caixa" no Teatro do "Centro de Convivência". No início do Projeto o atendimento era feito aproximadamente a 150 alunos, nos anos seguintes um total de 550 alunos, atualmente são atendidos 130 alunos. Todo o trabalho é realizado por voluntários. Os alunos que se destacam ao longo de todo o processo de ensino são encaminhados às academias que dão suporte técnico e de mais qualidade para a continuidade do trabalho iniciado pelos professores do Vivarte, por não haver condições de oferecer a eles um curso mais técnico e profissionalizante.

www.institutovivarte.com.br

Acessado em 12/11/2010

Rua Coronel Antônio Álvaro 221 – Vila Industrial.

14) MINISTÉRIO JOVEM DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA DA ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS

Segundo o artigo 1º do Regimento da Renovação Carismática Católica do Estado de São Paulo, a RCC é um Movimento Eclesial, em comunhão com a Sé Apostólica, mundial, mas não uniforme, nem unificado. Não tem um fundador particular, nem um grupo de fundadores e não possui lista oficial de participantes. É um movimento muito diversificado de indivíduos, grupos e atividades, com estilos freqüentemente diferentes uns dos outros, com diferentes graus de participação e modos de desenvolvimento; contudo perseguem os mesmos objetivos gerais, professam a mesma doutrina, em comunhão com o Magistério da Igreja, e possuem um patrimônio de espiritualidade que lhes é próprio. Este modelo de relações sumamente

flexíveis se encontra em nível diocesano, estadual, nacional, bem como internacionalmente. Tais relações se caracterizam muito frequentemente por sua liberdade de associação, diálogo e colaboração, mais que por sua integração ou por uma estrutura organizada. Mais do que como um governo, a liderança se caracteriza como um oferecimento de serviço para aqueles que o desejam. (Estatuto do ICCRS – International Catholic Charismatic Renewal Service - preâmbulo I e II). No Brasil a Renovação Carismática teve origem na cidade de Campinas, SP, através dos padres Haroldo Joseph Rahm e Eduardo Dougherty(2). Os rumos que a Renovação Carismática tomou a partir de Campinas foram diversos, expandindo-se rapidamente pela maioria dos Estados brasileiros. Dentre os vários Ministérios que estruturam a RCC, o Ministério Jovem é responsável por proporcionar e incentivar momentos de evangelização dos jovens, apoiando os grupos de oração nestas atividades, produzindo material e ajudando na formação de outros jovens evangelizadores. Como parte desta formação, também são realizados encontros em que se trabalha temas como afetividade, sexualidade e outros assuntos referentes à juventude.

Na Arquidiocese de Campinas, o Ministério Jovem da RCC tem formado lideranças dentro das comunidades onde atua, promovendo eventos que atraiam os jovens através principalmente da música, do canto, da dança, do esporte e dos grupos de oração. Um trabalho que consiste em evangelizar e formar outros jovens evangelizadores.

www.rcccampinas.org.br

www.rccsp.org.br

www.rccsantacruzdosul.com.br

(www.rccsp.org.br)

Acessados em 25/11/2010

Rua Irmã Serafina, 88 – Bosque.

15) MO-LE-CA: MOVIMENTO LÉSBICO DE CAMPINAS

O MO.LE.CA é uma associação civil de direito privado, exclusiva para mulheres, não governamental, sem fins econômicos e sem qualquer vinculação à partidos políticos e crenças religiosas. Tem como principais objetivos: lutar pela maior visibilidade das mulheres lésbicas e bissexuais; combater toda e qualquer forma de discriminação e preconceito; agir para que sejam respeitados os direitos e garantias das mulheres e dos homossexuais; ampliar a discussão sobre as diversas formas de exercício da sexualidade e fortalecer a auto-estima de mulheres lésbicas, bissexuais ou que tenham tido experiências homossexuais. Realiza uma série de atividades e entre elas estão as seguintes: - reuniões temáticas semanais - todos os sábados (exceto feriados), às 15h30, na sede do Mo.Le.Ca; - Curso de Cidadania Lésbica - a 1ª edição foi de março à maio de 2004 e a 2ª realizou-se de 10/09/05 a 19/11/05; - Mostra de Arte Lésbica - A 1ª edição foi em 2002 com o tema: "Lésbicas com todos os sentidos" e a 2ª em agosto de 2004 com o título: "Amazonas do infinito: A

identidade Lésbica". A 3ª Mostra acontecerá de 04 a 31/08/06, no Centro de Convivência Cultural de Campinas, e tem como título "Histórias MAU contadas"; - Café Literário com Bolachas - todo o último sábado do mês.

Flog na Internet - <http://movimentolesbicocps.gigafoto.com.br/>;

Site: <http://www.moleca.org.br>

Acessados em 11/11/2010

Rua Costa Aguiar, nº 197, sobreloja – Centro.

16) MOVIMENTO ESTUDANTIL SECUNDARISTA

O movimento estudantil secundarista organizado surgiu, em 1948, com a criação da UBES: União Brasileira de Estudantes Secundaristas, com atuação em vários estados brasileiros, entre eles, Pernambuco e Belo Horizonte, onde dirigiu mobilizações importantes. O golpe de 64 e a promulgação do Ato Institucional Nº 5, em 1968, extinguiu todas as entidades representativas dos movimentos sociais, o que não impediu os estudantes de se organizarem por fora das entidades estudantis e na resistência à ditadura. Na década de 80, com a retomada do movimento sindical, das lutas realizadas pelas comunidades, pelas associações de moradores de bairros e por outros movimentos sociais contra a carestia e pela consolidação da democracia, o país passou por um processo de redemocratização e as entidades nacionais, estaduais e municipais puderam retornar às suas atividades. Em 04 de novembro de 1985, foi promulgada a Lei do Grêmio Livre, reivindicada pela UBES, em substituição aos chamados "centros cívicos". Em Campinas, foi criada a União Campineira dos Estudantes Secundaristas que, no início dos anos 80, teve uma atuação significativa na reconstrução do movimento estudantil, principalmente junto às escolas públicas da cidade, com lutas em defesa da meia-entrada, contra o desmonte do ensino técnico através da sua desvinculação do ensino médio e, nos anos 90, a luta pelo passe-livre. Durante boa parte da década de 90, muitas das iniciativas dos estudantes aconteceram fora das instâncias institucionais e a geração de militantes formada nas lutas do Movimento pelo Passe-Livre é símbolo de uma juventude que representa essa luta majoritária por fora das estruturas das entidades. A partir de 2002, as entidades estudantis passam por um processo de burocratização crescente que distância sua direção majoritária de parte significativa do Movimento Estudantil o qual passa a ficar mais fragmentado. Em 2005, grêmios estudantis de algumas escolas fizeram passeatas no centro da cidade, a favor do passe livre, sendo os seus líderes duramente reprimidos pela polícia e pelos diretores das escolas onde estudavam, além da forte criminalização por parte da imprensa. Atualmente, a UBES atua em cinco estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, reunindo jovens que militam nos grêmios e nas entidades estudantis dos municípios, com o objetivo de discutir e encaminhar possíveis soluções aos problemas apresentados, tais como: acesso à educação, passe livre, sexualidade, homofobia, alistamento obrigatório, maioridade penal, exploração do trabalho. Estudantes do Ensino Médio que participam de

grêmios, criaram o grupo Kinopráxis que funciona no Museu da Imagem e do Som da cidade de Campinas, reunindo vários grêmios da região e tendo como tema gerador o “cinema revolucionário”. O “coletivo” Alternativa Socialista também reúne jovens que atuam em grêmios, discutindo os problemas da juventude, as possibilidades de incidir sobre a realidade e a defesa de um projeto socialista.

www.umes.org.br

<http://www.une.org.br>

<http://artigos.netsaber.com.br>

<http://upessp.wordpress.com>

Acessados em 26/11/2010.

Colaboração de Luiz Muller Souza Faria e Giuliane Almeida Brandão.

17) MOVIMENTO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIO:

Centro Acadêmico de Pedagogia (Unicamp):

O CAP é a entidade de representação do corpo discente do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp. De acordo com o seu estatuto, é uma entidade livre e independente, sem filiação partidária. São seus objetivos: lutar pelos interesses e direitos de seus membros sem distinção de qualquer espécie; lutar pela qualidade de ensino no Curso de Pedagogia; atuar sempre de acordo com as Diretrizes Políticas Básicas definidas pelos alunos do Curso de Pedagogia; possibilitar e garantir fóruns de discussão, avaliação e reformulação do Curso de Pedagogia, visando seu aperfeiçoamento; garantir a representação dos seus membros nos órgãos colegiados da Faculdade de Educação; lutar em defesa da Educação Pública, Gratuita e de Qualidade em todos os âmbitos; lutar pela democracia e pelo respeito aos direitos fundamentais do homem, em consonância com as suas Diretrizes Políticas Básicas; incentivar e preservar a cultura nacional e popular; promover atividades sociais, culturais e esportivas visando a integração dos alunos do Curso de Pedagogia; prestar solidariedade à luta dos estudantes e entidades estudantis do Brasil e do mundo, desde que condizentes com os interesses dos seus membros; manter contatos e promover atividades conjuntas com associações congêneres, sempre que necessário e conveniente aos interesses e aspirações dos alunos do Curso de Pedagogia. São Instâncias Deliberativas do CAP, na seguinte ordem hierárquica: a) Assembléias; b) Reuniões da Coordenadoria (Finanças e Patrimônio, Imprensa e Comunicação, Cultural e Eventos, Movimento Estudantil, Formação Profissional, Esportes, Ensino e Sistema de Arquivos do Centro Acadêmico de Pedagogia); c) Reuniões das Comissões (Ensino, Movimento Estudantil, Provisórias).

<http://cap-unicamp.webnode.com.br> - Acessado em 17/11/2010

Av. Bertrand Russel, 801 – Cidade Universitária Zeferino Vaz – Distrito de Barão Geraldo – município de Campinas.

Diretório Central dos Estudantes da Unicamp:

De acordo com o seu estatuto, o DCE, órgão sem filiação político-partidária, é a entidade representativa de todos estudantes de graduação da Unicamp. O DCE congrega vários Centros Acadêmicos (CA's) e diferentes espaços de discussão e decisão (deliberação), nos quais os estudantes se propõem a discutir e a participar das lutas coletivas. A coordenação do DCE da Unicamp (e do conjunto dos Centros Acadêmicos que representa) é escolhida a cada ano por meio de eleições diretas entre todos os estudantes de graduação da UNICAMP. As reuniões são semanais e acontecem na sede do DCE, que fica ao lado do Bandeirão, em frente ao Saguão do Pavilhão Básico. O Diretório Central dos Estudantes da Unicamp foi fundado em 1978, em meio a um intenso movimento pela redemocratização da sociedade brasileira em fins da ditadura militar. Denominado inicialmente DCE livre da Unicamp, acompanha o movimento de fundação e refundação das entidades estudantis locais, regionais e nacionais, como o DCE/livre da USP (1976), a União Estadual dos Estudantes de São Paulo (1977) e a União Nacional dos Estudantes (1979). Responsável pela organização estudantil na Unicamp, junto com os Centros Acadêmicos (CAs), lutou desde o seu início por melhores condições de ensino: fim do jubramento (1975-1980); construção da moradia estudantil (1978-1990), por mais restaurantes e por refeições subsidiadas (1976/1983/2003/2005); por mais verbas para a educação pública (1988, 2005); pelas liberdades democráticas (1977); por democracia na Universidade (1981, 1986, 1989, 2008); por um sistema de avaliação global (Contra o Provão – 2001/2003); pela soberania de nosso país (Plebiscito da ALCA – 2002) e diversas outras questões. Finalidades do DCE: lutar em defesa dos interesses e direitos dos estudantes da Unicamp, sem qualquer distinção de raça, cor, nacionalidade, sexo ou convicção política, religiosa ou social; prestar solidariedade à luta dos estudantes e entidades estudantis do Brasil e do Mundo; incentivar e preservar a Cultura Nacional e Popular; lutar pelo ensino público e gratuito em todos os níveis e voltado aos interesses da população brasileira; lutar contra todas as formas de exploração e opressão. São instâncias deliberativas do DCE, em ordem descendente de poder decisório: a) Assembléia Geral dos Estudantes da Unicamp; b) Congresso de Estudantes da Unicamp; c) CRU - Conselho de Representantes das Unidades; d) Coordenadoria do DCE que compreende: a) Coordenadoria Geral composta por três membros; b) Coordenador de Finanças e Patrimônio; c) Coordenador de Imprensa e Divulgação; d) Coordenador de Cultura; e) Coordenador de Esportes e Atividades Sociais; f) Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, composta por três membros; g) Coordenador de Movimento Externo h) Coordenador cursos noturnos; i) Coordenador Representação discente, j) Coordenadoria de Assistência Estudantil, composta por 3 membros; l) Coordenador do campus de Limeira; m) Coordenador do campus de Piracicaba; n) Coordenador contra opressões; o) Coordenador de saúde.

<http://www.dceunicamp.org.br> - Acessado em 17/11/2010

Rua Euclides da Cunha, 71, – Cidade Universitária Zeferino Vaz – Distrito de Barão Geraldo – município de Campinas.

Centro Acadêmico da Unip – Curso de Relações Internacionais

O CA deste curso, sediado campus II, em Campinas, foi criado em 2006. Cada curso dentro da Unip tem um representante eleito por sua turma para ocupar o Centro Acadêmico.

Diretório Central dos Estudantes da Unip

Cada campus da Unip tem um Diretório Central. No Campus II, em Campinas o DCE foi ativado em novembro de 2006

De acordo com o Regimento Geral da Universidade Paulista, os alunos regulares da universidade podem se organizar em Diretório e Associações. A organização estudantil tem por objetivo promover a cooperação da comunidade acadêmica no universo de atuação. No âmbito da instituição ficam proibidas as atividades de natureza político-partidária e a participação em entidades estranhas ao propósito da Universidade. A organização, estrutura e funcionamento dos Diretórios e Associações serão regidos por estatutos próprios elaborados nos termos da legislação vigente, respeitadas as disposições deste Regimento Geral e do Estatuto da Universidade. A eleição das Diretorias dos Diretórios e Associações ocorrerá em data estabelecida pelo Reitor, atendendo a requerimento dos interessados. As Diretorias eleitas pelos Diretórios deverão requerer credenciamento junto à Reitoria, demonstrando haverem sido eleitos na forma regimental e legal em vigor. Os Diretórios e Associações são mantidos por contribuições dos associados e por doação, devendo prestar contas publicamente sobre a origem e aplicação dos recursos financeiros. A desobediência aos preceitos legais e regimentais, bem como o uso indevido de bens e recursos da entidade estudantil, apurados em inquérito instituído pela Reitoria, importam em responsabilidade civil, pessoal e disciplinar dos membros da Diretoria.

<http://www2.unip.br> - Acessado em 17/11/2010

Av. Comendador Enzo Ferrari, 280 – Bairro: Swift – Campus II.

18) MOVIMENTO HIP HOP - GRAFFITEIROS

O movimento *Hip Hop* surgiu em Campinas no início dos anos 80, quando jovens negros e pobres passaram a se concentrar no Largo do Rosário e a apresentar a dança de rua. Mais tarde, passaram a divulgar a música e o *graffiti*, criando o *Hip Hop* campineiro. Foi por volta de 1983 que surgiram na cidade os dançarinos de *break*, hoje denominados *b.boys*. O filme “Beat Street”, de Harry Belafonte e David V. Pichker (direção de Stan Lathan – 1984) teve uma significativa repercussão entre os jovens brasileiros uma vez que eles se identificaram com o contexto das histórias contadas. A partir dessa película os grupos de jovens começaram a ser conhecidos nos bairros, treinando passos de

dança e performances do *break*. Desses bairros, surgiram *graffiteiros*, *rappers* que até hoje atuam nas escolas campineiras como oficinairos, em apresentações festivas ou de protesto, jovens que ocupam espaços cedidos por órgãos públicos ou as ruas da cidade para deixar a marca dos seus trabalhos e em muitos casos a crítica e os anseios de uma determinada camada da juventude popular brasileira. O primeiro *graffiteiro* de Campinas foi WPPL.

Em abril de 2001, foi criada a União dos *Graffiteiros* de Campinas, (atualmente extinta) com o objetivo de os jovens *graffiteiros* da cidade e região terem um espaço para discussão e estudo sobre os *graffiti*. Formada por 21 equipes, a União participava de eventos como oficinas, palestras e seminários sobre a função social dos *graffiti* e do movimento *hip hop*. A presença das mulheres no *Hip Hop* ainda é discreta, mas algumas delas rompem barreiras e são referências dentro do movimento. No *graffiti*, aqui em Campinas, ainda são poucas as mulheres que pintam.

Fonte: FERREIRA, Tânia Maria Ximenes. (2005) *Hip Hop e educação: mesma linguagem, múltiplas falas*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Unicamp.

<http://libdigi.unicamp.br>

<http://ibase.org.br>

Acessados em 24/11/2010.

19) MOVIMENTO JUVENTUDE NEGRA

O Movimento Juventude Negra congrega vários grupos de jovens negras e negros que lutam pela superação das desigualdades e do racismo. Entre eles, citamos: - Juventude do Movimento Negro Unificado: pauta-se pelos princípios do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR) que, nos anos 90, passou a ser conhecido como MNU. O Movimento Negro Unificado é uma organização negra pioneira na luta do negro no Brasil, sendo criado no dia 18 de junho de 1978, e lançado publicamente no dia 7 de julho do mesmo ano nas escadarias do Teatro Municipal, na Praça Ramos – Centro da Cidade de São Paulo. Foi a primeira organização a realizar um ato público vitorioso no centro da Cidade de São Paulo na época da Ditadura Militar e a estimular a criação de grupos de combate ao racismo nas categorias de trabalhadores em todo o país, nos partidos progressistas, nas universidades públicas e privadas, nos terreiros de candomblés e umbandas, nas escolas de samba, favelas e prisões; - ENJUNE: Encontro Nacional da Juventude Negra: apoiado pelo MNU, tem se consolidado como instrumento de organização e mobilização da juventude negra, fortalecendo as formas já existentes das lutas do movimento negro. Nesta perspectiva, juntam-se aos objetivos e às ações do ENJUNE a cultura *Hip Hop*, os grupos culturais, a capoeira, as manifestações regionais, os coletivos de estudantes, entre outros grupos organizados que atuam como um amplo movimento, mobilizando jovens negros e negras, denunciando o racismo, a discriminação, a violência e a falta de oportunidades impostas pela sociedade a esta juventude; o FOJUNE: Fórum Nacional de Juventude Negra

(nasceu como deliberação do ENJUNE), é uma organização composta por jovens negros e negras, estruturada de forma plural, suprapartidária, afrocentrada e sem vínculos religiosos. O Fórum consiste num espaço de diálogo e aglutinação de grupos, movimentos, organizações e articulações de juventude negra, e demais jovens negros interessados na organização e articulação nacional desta juventude, com perspectivas de ação e intervenção social. O Fórum visa atuar dentro das diferenças e especificidades, fomentando a inclusão de jovens das periferias e comunidades socialmente excluídas dos processos de participação social, além de consolidar este espaço como rede de informação e referência na identificação dos desafios dos grupos negros juvenis, na construção das diretrizes das políticas públicas e proposições para o plano de ação da juventude negra; ANENN: Associação Nacional de Estudantes Negras e Negros: grupo constituído em 2004, no Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros e Negras do Maranhão. Suas metas prioritárias: construir um diálogo entre todos os segmentos estudantis negros presentes no Brasil e empreender lutas conjuntas; CENNSP: Coletivo de Estudantes Negras e Negros do Estado de São Paulo: foi criado a partir dos grupos existentes nas universidades, pré-vestibulares, escolas, no intuito de formar uma articulação estudantil de negros e negras, pensando em políticas educacionais a partir da perspectiva do povo negro, em todo âmbito social. O Coletivo tem como meta construir um diálogo com estudantes negras e negros do estado de São Paulo e formar políticas de ação e conscientização através de uma ação conjunta; EnegreSer: Coletivo Negro do Distrito Federal e Entorno. Criado em 2001, o EnegreSer é um espaço apartidário, afrocentrado que desenvolve ações visando pautar a luta negra tanto fora quanto dentro do campus da Universidade de Brasília (UnB), intervindo nos processos que são do interesse da população negra.

<http://enjune.com.br>

<http://www.palmares.gov.br>

<http://mnu.blogspot.com>

<http://br.grupos.yahoo.com/group/censp/?tab=s>

<http://br.groups.yahoo.com/group/enegreser>

Acessados nos dias 19, 20, 21 e 22 de novembro de 2010.

Colaboração de Jaqueline Lima Santos.

20) PASTORAL DA JUVENTUDE DA ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS

A Pastoral da Juventude é uma ação organizada de jovens articulados aos Grupos de Jovens que atuam em Paróquias, Foranias e Dioceses da Igreja Católica do Brasil e da América Latina. As atividades desta Pastoral orientam-se pelas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil em sintonia com as prioridades apresentadas pelas respectivas Dioceses. A Pastoral da Juventude é herdeira da chamada Ação Católica que, em 1920, através da figura do Papa Pio XI, estimulou a participação dos leigos católicos no apostolado hierárquico da Igreja com o objetivo de difundir os princípios católicos na vida

pessoal, familiar e social. No Brasil foi marcada por dois momentos: - a chamada Ação Católica Geral (de 1932 a 1950), e - a Ação Católica Especializada (de 1950 a 1960), com a criação dos seguintes grupos: JAC (Juventude Agrária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JIC (Juventude Independente Católica), JOC (Juventude Operária Católica), e JUC (Juventude Universitária Católica). Dentre os aprendizados adquiridos deste período, a Pastoral da Juventude herdou: - o método Ver-Julgar-Agir; - uma prática transformadora a partir da realidade; - a descoberta da dimensão política da fé; - o protagonismo dos jovens e a presença do Deus Libertador nas lutas do povo. Na década de 70, por iniciativa da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), pelo surgimento de um novo modelo de Igreja Latino-americana que estava sendo construído, pelos encaminhamentos das Conferências dos Bispos do América-Latina ocorridas em Medellín (1968) e Puebla (1979), pelos Encontros Nacionais da PJ ocorridos em 1973, 1976 e 1978, que reuniram experiências da PJ esparsas por todo o País, iniciou-se um novo modelo de pastoral com os jovens. Os encontros, seminários e assembleias nacionais foram espaços de articulação, organização e elaboração dos projetos da PJ. Nos anos 90, diante de uma nova realidade social e eclesial, a PJ ingressa numa nova fase, a chamada Missão que destaca o agir concreto de jovens que participam da comunidade eclesial, em movimentos sociais, em movimentos populares e em outras organizações que lutam em defesa da vida e da dignidade humana. Estimular e contribuir para o engajamento dos jovens no trabalho pastoral. Na Paróquia Divino Salvador da Arquidiocese de Campinas, a Pastoral dos Jovens tem por objetivo estimular e contribuir para o engajamento dos jovens no trabalho pastoral. Com esse intuito, são realizadas atividades evangelizadoras que consistem em encontros nos quais são discutidos assuntos de interesse dos jovens; ações missionárias envolvendo os jovens, como visitas a comunidades, campanhas, intercâmbios com outras paróquias, etc. Os jovens também são incentivados a participar de Celebrações Eucarísticas, festas juninas, jantares, noites da pizza, Dia Nacional da Juventude, Café Comunidade. A pastoral também colabora no acolhimento dos fiéis que vêm para a missa do domingo, às 19.00 h, e na preparação da missa com a comunidade universitária, que acontece no último domingo de cada mês. Quinzenalmente, ocorrem encontros de jovens, aos domingos, no horário das 17:30 h.

<http://picampinas.org>

www.paroquiadivino.org.br

Acessados em 26/11/2010

Av. Júlio Mesquita, 126 – Cambuí

21) SEGUNDA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DE CAMPINAS – JD. SÃO PEDRO

A Segunda IPI é uma instituição religiosa cristã, sem fins lucrativos, de tradição reformada (ligada ao movimento da Reforma Protestante, ocorrido na Europa

no séc. XVI e que contou com a liderança de pessoas como Martinho Lutero, na Alemanha, João Knox, na Escócia e João Calvino, na Suíça), fundada nos princípios presbiterianos de doutrina e governo (baseado na forma representativa, em que os membros elegem um determinado número de pessoas, por um período de tempo determinado, para tomarem decisões e fazerem prestação de contas nas reuniões Ordinárias da Assembléia, que se reúne, pelo menos, uma vez por ano. Estilo esse desenvolvido por Calvino, em Genebra). A denominação “Independente” surgiu quando, em 1903, um grupo de sete pastores e quatorze presbíteros decidiram deixar a Igreja Presbiteriana do Brasil e formar a IPIB, convencidos de que a primeira Igreja genuinamente brasileira deveria se auto sustentar, auto governar e auto propagar. Atividades desenvolvidas: Escola Bíblica Dominical dirigida a crianças, adolescentes, jovens e adultos; Culto de Adoração e Louvor; Reunião nos Lares. Grupos de trabalho, ou “sociedades internas”: CLA - Coordenadoria Local de Adultos; UMPI - União da Mocidade Presbiteriana Independente; UNAPI - União de Adolescentes Presbiterianos Independentes; Ação Social e Diaconia; Patrimônio; Evangelização e Missões Ensino e Discipulado; Grupos de Oração. A Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Campinas foi fundada em 10/07/1870 e está localizada na Rua Luzitana, 824/846 – Centro.
<http://www.segundaipi.org.br> - Acessado em 22/11/2010
Rua Artur Matias, 151 – Jd. São Pedro

22) **TABA: ESPAÇO DE VIVÊNCIA E CONVIVÊNCIA DO ADOLESCENTE:**

A TABA (reunião de ocas) é uma Ong criada em 1966, na cidade de Campinas, com o objetivo de construir novas formas de convivência e participação, principalmente junto a adolescentes em situação de risco pessoal e social. Desenvolve projetos que incluem adolescentes, jovens e educadores da Rede Municipal de Educação de Campinas, a partir das seguintes ações: - prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/ AIDS, gravidez e uso de drogas. A instituição tem como foco de seu trabalho, as diferentes formas de ofensas sexuais, disponibilizando e garantindo atendimento psicossocial a adolescentes em situação de Exploração Sexual Comercial, assim como oficinas educativas para adolescentes Autores de Violência Sexual. A TABA se divide em 4 áreas, todas interligadas com o objetivo de favorecer a co-gestão das ações e inclusão da população atendida, como participante direta nos processos. - **ÁREA psicossocial** tem por objetivo acolher e cuidar de adolescentes e jovens – e suas famílias – os quais estão em situação de risco pessoal e social. Atendemos, de maio/2006 a jan/2007, 113 pessoas – adolescentes, jovens e suas famílias e 240 profissionais da rede social. As ações são articuladas e intersetoriais junto a secretária de saúde (SUS) e de proteção básica (SUAS). - **AREA DE FORMAÇÃO E CULTURA** ...tem como objetivo principal favorecer a inclusão social de adolescentes, jovens e suas famílias a partir da aquisição de novos conhecimentos e o exercício dessas informações. Para tanto irá desenvolver

ações educativas, culturais, capacitação para inserção no mercado de trabalho e geração de renda. As ações são articuladas junto as secretárias de cultura e educação. Nesse momento necessitamos de recursos para a ampliação deste núcleo. Já atendemos, 70 pessoas e até final de 2007 iremos envolver mais 130 pessoas, diretamente. - **ÁREA de Estudo e Pesquisa** tem por objetivo articular a teoria a pratica, contribuindo com sistematização de metodologia, monitoramento dos projetos, registro das ações, espaços de reflexão, seminários, formação técnica e consultorias. Este núcleo esta sendo implementado. Realizamos em nov/2006 o I Seminário de Políticas Públicas para enfrentamento a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Oficinas para Educadores sociais que trabalham com adolescentes em situação de Rua. - **ÁREA DE Políticas Públicas** tem por objetivo proporcionar o incentivo a capacitação e a participação social de adolescentes e jovens nos espaços coletivos de discussão das políticas públicas brasileiras para infância, adolescência e juventude (fóruns, conselhos, conferencias, e outros). Este núcleo vem desenvolvendo as seguintes ações: junto a Comissão de Enfrentamento a Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes / CMDCA é a participação na elaboração do Planejamento Estratégico e a participação no desfile de Carnaval de São Bernardo do Campo – Bloco EURECA (Eu Reconheço o Estatuto da Criança e Adolescente) com 25 adolescentes, jovens e educadores na ala de Afro-descendentes. Ações em andamento: **Projeto COM VIVER.** Proposta: O Projeto COM_VIVER, é resultado da parceria com a Prefeitura de Campinas, no Programa de ESCCA - Enfrentamento à Exploração Sexual Comercial, seu objetivo é diminuir as vulnerabilidades sociais de adolescentes e jovens e sua rede social significativa, em situação de exploração sexual comercial. Possibilitando a essas pessoas um novo papel social a partir do conhecimento e exercício de seus direitos humanos, sexuais e reprodutivos. **PROJETO REVIR@VOLTA.** Proposta: Contribuir para o atendimento de adolescentes em situação – autores – de ofensas sexuais. Desenvolvendo oficinas de sexualidade (direitos sexuais e reprodutivos, violência, gênero, vulnerabilidades, prevenção DST/AIDS), cidadania (participação, direitos e compromissos sociais). Com uma metodologia educativa, inclusiva e lúdica favorecendo o senso critico dessas pessoas e a construção de políticas públicas adequadas ao fenômeno. **PROJETO CIDADANIAS** – Protagonismo juvenil. Proposta: Possibilitar o desenvolvimento de um novo papel social na vida do e da adolescente onde possam fazer de sua realidade conteúdo pedagógico frente a necessidade de mudança da realidade de seus pares. Formar os e as adolescentes e jovens para sua participação social mais positiva e efetiva; Acompanhar estes adolescentes e jovens em suas ações junto a outros grupos ou pessoas de sua comunidade ou não, onde irão desenvolver ações protagônicas. Realizar ações educativas, de prevenção, para 2.000 adolescentes da rede pública de ensino que apresentem demanda. Avaliar estas ações a partir do ponto de vista do próprio adolescente coordenador. **PROJETO JOVEM.COM.** Proposta: Formar os e as jovens 130

adolescentes e jovens que desenvolverão a função de monitores(as) nas unidades do Programa Jovem.com, na cidade de Campinas. O Programa Jovem.com é coordenado pela Secretaria de Cidadania, Trabalho, Inclusão e Assistência Social da Prefeitura Municipal de Campinas. Tem por objetivo reduzir os riscos sociais e que estão expostos os adolescentes e jovens de Campinas, em especial aqueles provenientes de regiões e famílias de maior vulnerabilidade, proporcionando-lhes acesso à inclusão digital, ampliando sua perspectiva de inclusão no mundo do trabalho e seu repertório de cidadania. A partir de 2009, a TABA passou a denominar-se “Espaço de Convivência do Adolescente”.

www.espacotaba.org.br – Acessado em 03/11/2010.

Rua José Paulino 1389 – Centro

Endereço atual: Rua Barreto Leme, 820 – Centro.

23) TERREIRO DE NINGUA DIA NKISI DANGO

O Barracão de Nungua dia Nkisi Dango, também conhecido como o Terreiro da Mãe Dango adquiriu destaque regional e nacional pelo seu trabalho voltado à divulgação dos rituais do Candomblé. Mãe Dango, juntamente com Mãe Corajacy, trouxe a Campinas a Lavagem das Escadarias da Catedral que se realiza anualmente no Sábado de Aleluia, desde 1986, tornando pública a existência do culto à Tradição dos Nkisis nesta região. Este evento faz parte do calendário oficial cultural de Campinas, tendo sido aprovado em projeto lei em 1997. Mãe Dango é uma das criadoras do Projeto Candeias que busca resgatar a memória das religiões negras em Campinas e região, para a futura divulgação em escolas e outras entidades, com o objetivo de diminuir o medo e o preconceito em relação às crenças de origem africana e sua plena aceitação e respeito pela sociedade brasileira. É de sua autoria o projeto: Mulheres do Candomblé: visando a participação na reciclagem do lixo, na divisão dos lucros, na criação de novas parcerias e de cursos de capacitação. Mãe Dango também promove palestras, conferências, seminários sobre temas de interesse da comunidade (DST/AIDS, religiões de matriz africana, o dia das mulheres, o dia da consciência negra); realiza eventos, como o Grito Cultural, Desfile da Beleza Negra, entre outros.

http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A3e_Dango_de_Hongolo Acessado em 25/05/07.

<http://bloguedamaedango.blogspot.com> . Acessado em 20/11/2010.

Rua Sérgio Sidnei de Souza, 56 – Vila Inema – Hortolândia.

24) TOCA DE ASSIS

A Fraternidade de Aliança Toca de Assis, ou simplesmente Toca de Assis, é uma fraternidade católica fundada em maio de 1994 pelo então seminarista estigmatino Padre Roberto José Lettieri, na cidade paulista de Campinas, seguindo o exemplo de São Francisco de Assis. Desde sua fundação, a "Toca",

como os membros se referem à fraternidade, expandiu-se, tendo 130 Casas em vários Estados do Brasil e algumas também no exterior, como em Quito (Equador) e em Portugal. Esta fraternidade entende que é chamada ao acolhimento aos “irmãos de rua”, à adoração contínua a Jesus Sacramentado e à vida fraterna. Seus membros são consagrados(as), ou religiosos(as) a caminho da consagração que passam por algumas etapas de formação até a profissão solene dos votos. Os religiosos formam dois institutos de vida consagrada, os Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo sacramento. Os leigos também participam da Toca, acompanhando de perto os trabalhos da fraternidade. Vive de doações.

www.tocadeassis.org.br – Acessado em 13/11/2010.

Rua Regente Feijó 1359 – Centro.

(Centro Votivo)

ANEXO II

Transcrição literal das entrevistas:

http://www.fe.unicamp.br/servicos/centro_memoria/publicacoes.htm

ANEXO III

Textualização das entrevistas:

http://www.fe.unicamp.br/servicos/centro_memoria/publicacoes.htm

ANEXO IV

Questões que nortearam as entrevistas

— Você poderia contar um pouco sobre você, sobre sua vida? (sua infância, relação com a família, a escola, a universidade, a religião, o trabalho)

— Fale sobre a sua militância.

— Existe alguém, uma filosofia, uma ideologia que inspira a sua militância? Quem são seus heróis ou suas heroínas? Como esses heróis ou heroínas interferem em sua vida? O que mais admira neles(as)?

— O que você pensa sobre os jovens de sua geração? Quais seriam os heróis e os anti-heróis desses jovens?

— Que relação você faz entre a arte, a política, a religião e a sua militância?

— O que você faz nas horas vagas?

— Se eu solicitasse uma imagem que desse uma idéia de como você se sente hoje, que imagem você traria?

ANEXO V

Modelos da Carta de Aprovação da Entrevista Transcrita

CARTA DE APROVAÇÃO

Eu _____, R.G. nº _____, dígito ____,
órgão expedidor _____ declaro aprovar a transcrição do depoimento oral
que concedi a Áurea Maria Guimarães, R.G. nº _____, dígito __, órgão
expedidor: ____, professora da Faculdade de Educação da Unicamp, em
___/___/___ e cuja gravação foi de ___ minutos.

Aprovo que o texto anexo, por mim conferido e validado, possa ser utilizado
para fins de estudos acadêmicos e culturais no âmbito da educação.

Também declaro autorizar a identificação do meu nome, como um(a)
dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.

Campinas, ___/___/___

CARTA DE APROVAÇÃO

Eu _____, R.G. nº _____, dígito ____,
órgão expedidor _____ declaro aprovar a transcrição do depoimento oral
que concedi a Áurea Maria Guimarães, R.G. nº _____, dígito __, órgão
expedidor: _____, professora da Faculdade de Educação da Unicamp, em
___/___/___ e cuja gravação foi de ___ minutos.

Aprovo que o texto anexo, por mim conferido e validado, possa ser utilizado
para fins de estudos acadêmicos e culturais no âmbito da educação.

Também declaro que não autorizo a identificação do meu nome como um(a)
dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.

Campinas, ___/___/___

CARTA DE APROVAÇÃO

Eu _____, R.G. nº _____, dígito _____, órgão expedidor _____, declaro aprovar a transcrição do depoimento oral que meu (minha) filho(a) _____ concedeu a Áurea Maria Guimarães, R.G. nº _____, dígito __, órgão expedidor _____, professora da Faculdade de Educação da Unicamp, em _____ e cuja gravação foi de ____ minutos.

Autorizo que o texto anexo, por mim conferido e validado, possa ser utilizado para fins de estudos acadêmicos e culturais no âmbito da educação.

Também declaro autorizar a identificação do nome de meu (minha) filho(a) como um(a) dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.

Campinas, __/__/__

CARTA DE APROVAÇÃO

Eu _____, R.G. nº _____, dígito _____, órgão expedidor _____, declaro aprovar a transcrição do depoimento oral que meu (minha) filho(a) _____ concedeu a Áurea Maria Guimarães, R.G. nº _____, dígito __, órgão expedidor _____, professora da Faculdade de Educação da Unicamp, em _____ e cuja gravação foi de __ minutos.

Autorizo que o texto anexo, por mim conferido e validado, possa ser utilizado para fins de estudos acadêmicos e culturais no âmbito da educação.

Também declaro não autorizar a identificação do nome de meu (minha) filho(a) como um(a) dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.

Campinas, __/__/__.